

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE**  
**COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL**

**CHUVA E SOL, POEIRA E CARVÃO:**  
**MEMÓRIAS, EDUCAÇÃO E PSICOSSOCIOLOGIA AMBIENTAL**  
**COMUNITÁRIA NO VALE DO JEQUITINHONHA**

Daniel Renaud Camargo

Rio de Janeiro

2022

**DANIEL RENAUD CAMARGO**

**CHUVA E SOL, POEIRA E CARVÃO:  
MEMÓRIAS, EDUCAÇÃO E PSICOSSOCIOLOGIA AMBIENTAL  
COMUNITÁRIA NO VALE DO JEQUITINHONHA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Samira Lima da Costa

Co-orientador: Prof. Dr. Celso Sánchez Pereira

Rio de Janeiro

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

C184c Camargo, Daniel Renaud  
Chuva e Sol. Poeira e Carvão: Memórias, Educação e  
Psicossociologia Ambiental Comunitária no Vale do  
Jequitinhonha / Daniel Renaud Camargo. -- Rio de  
Janeiro, 2022.  
399 f.

Orientadora: Samira Lima da Costa.

Coorientador: Celso Sánchez Pereira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós  
Graduação em Psicossociologia de Comunidades e  
Ecologia Social, 2022.

1. Psicossociologia de Comunidades. 2. Memória  
Comunitária. 3. Educação Popular. 4. Estudos de  
Comunidades. 5. Vale do Jequitinhonha. I. Costa,  
Samira Lima da, orient. II. Pereira, Celso Sánchez,  
coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Instituto de Psicologia

Programa EICOS - Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

### Ata de Defesa de Doutorado

Às 08:00 hs do dia **19/05/2022**, o aluno **DANIEL RENAUD CAMARGO** (registro nº. 118122906), se submeteu à banca examinadora composta pelos Professores Doutores - membros efetivos: Samira Lima da Costa, CPF nº 017.646.317-81 (orientadora e presidente da banca), Celso Sánchez Pereira (coorientador), CPF nº 021.829.437-90, Beatriz Akemi Takeiti, CPF nº 259.447.918-70, Michèle Tomoko Sato, CPF nº. 034.563.248-63 e Marta de Araújo Pinheiro, CPF nº. 628.52.727-72; membros suplentes: Ricardo Lopes Correia, CPF nº 339.227.528-02 e Claudia Miranda, CPF nº 839.681.057-53. O trabalho do(a) aluno(a), intitulado **“Chuva e Sol, Poeira e Carvão: Memórias, Educação e Psicossociologia Ambiental Comunitária no Vale do Jequitinhonha”** foi: ( x ) aprovado, devendo entregar a versão final encadernada no prazo de 60 dias; ( ) aprovado condicionalmente, devendo apresentar os ajustes exigidos pela banca, no prazo máximo de 90 dias\*; ( ) reprovado. **APROVADO(A)**, o(a) aluno(a) faz jus ao título de **Doutor em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social**. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata que é abaixo assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Banca:

Orientadora:

Aluno(a):

Observações:

A banca considera o trabalho aprovado e recomenda atenção aos pontos destacados durante a arguição. Sugere fortemente a publicação do material produzido em forma de divulgação científica e artigos acadêmicos. Indica também a tese ao Prêmio Capes, pela excelência da pesquisa.

#### Atestado de cumprimento das

O(A) aluno(a) cumpriu as exigências e a partir desta data e tem \_\_\_\_\_ dias para entregar a versão final encadernada.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do Orientador

*Dedicado às memórias de Bruno, Tia Clímenia e Vó Tetê*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à população de Chapada do Norte e, em especial, aos moradores das comunidades que me receberam...

Agradeço aos narradores que participaram da pesquisa: Dona Neném; Mestre Chato; Natalina; Gentilin; Cezomar; Juarez; Preta; Dona Alzira; Pedrinho de Santos; Gilmar; Dona Rosarinha; Dona Nazareth; Lourdinha; Heliane; Dona Nida; Dona Conceição; Dona Ritinha; Magno; Dona Dô; e Marcelinho. Muito obrigado por partilharem comigo suas memórias, histórias e saberes...

Aos professores e diretores das escolas do município agradeço por todos os convites, parcerias, diálogos, sugestões e colaborações...

Agradeço à Fátima, Daise, Adalton, Caetano, Eduarda, Bernardo, Danca, Leila, Jovi, Pezão, Cida, Neide, Cauê, Emily, Seu Henrique, Dona Licota, Dona Geni, Dona Beatriz, Elvídeo e família, Lu, Dona Niquinha, Marcelão, Ronaldinho, Geísa, Jessi, Valmira, Joaquim Nicodemos, Elizete e família, Wesley, Dona Maria e tantos outros que estiveram envolvidos em momentos importantes de minha trajetória por Chapada...

Ao vereador Danilo Borges e familiares agradeço por me receberem em Araçuaí e me apresentarem esse outro cantinho do Vale do Jequitinhonha...

À Professora Dra. Samira Lima da Costa (Bia), por me acolher como orientadora no doutorado e me acompanhar nessa caminhada com muita sensibilidade e paciência diante dos meus surtos de ansiedade, bem como pela oportunidade de estagiar na primeira turma do projeto Encontro de Saberes da UFRJ...

Ao Professor Dr. Celso Sánchez, agradeço pela eterna parceria, pela torcida e por ter apostado em mim desde quando eu o procurei para orientar meu trabalho de conclusão de curso na graduação, depois novamente no mestrado e agora ainda presente nesta etapa do doutorado. Muito obrigado Mestre!...

À Professora Dra. Michele Sato agradeço pelas inspirações e pelas contribuições do seu olhar poético-científico...

Ao Professor Dr. Frederico Bernardo Loureiro agradeço por acompanhar a primeira fase deste projeto e por ter ajudado a plantar as sementes que me levaram a pensar uma Psicossociologia Ambiental Comunitária...

À Professora Dra. Beatriz Takeiti agradeço pelas conversas, ensinamentos, partilhas e pela confiança...

À Professora Dra. Marta Pinheiro, que quase me orientou, agradeço por ter participado deste processo desde de minha chegada no EICOS, e pelo estímulo a pensar a realidade dos desastres e dos eventos climáticos extremos a partir da Psicossociologia...

À Professora Dra. Claudia Miranda, também parceira de longa data, agradeço por todos os ensinamentos e trocas...

À equipe do Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: Rastros Sensíveis (LABMEMS-UFRJ) agradeço por estarem ao meu lado durante essa caminhada, sempre colaborando e ajudando a tornar a universidade um lugar mais leve e humano...

Ao Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur (GEASUR-UNIRIO) por fazer parte de praticamente toda a minha jornada acadêmica...

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS/UFRJ) agradeço pela oportunidade de estar em um espaço acadêmico dedicado as comunidades...

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) agradeço pelo apoio financeiro sem o qual esta pesquisa jamais seria possível...

Aos meus Amigos e família agradeço pela compreensão pelas ausências, e por servirem como um apoio nos momentos mais difíceis...

Gratidão!

## SERTÃO MODERNO

Se um dia sentir saudade  
E quiser voltar pro sertão  
Não pense que ele é o mesmo  
Sofreu modificação  
Com a tal da modernidade  
E os costumes da cidade  
Diferenciou a situação.

Não tem mais carro de boi  
Pra transporte dos peões  
Não se encontra com tropeiros  
Nas curvas dos chapadões  
Nos sítios e nas fazendas  
Não tem mais engenho de pau  
Não cantam mais suas moendas  
Hoje o barulho nas tendas  
É o motor industrial

No lugar das matas virgens  
E das belezas naturais  
Puseram coisas estranhas  
A mudança foi tamanha  
Que transformou a vida humana  
E também dos animais

A máquina entrou na terra  
Está no cultivo do chão  
A maromba que existia  
Hoje é só recordação  
Foice, machado e enxada  
Que enfrentavam a empreitada  
Estão entrando em extinção  
A roça foi invadida  
Pela mecanização.

A viola, o pandeiro  
A sanfona e o violão  
Perderam espaço nas festas  
Não tem letra nem canção

A nova moda agora  
É aquilo que vem de fora  
Com a sonorização.

Os velhos não contam histórias  
De noite à luz de candeia  
Pois lá o que clareia  
É a eletrificação  
Ninguém canta, ninguém fala  
Família em silêncio na sala  
O olho nem se abala  
Diante da televisão.

O mocinho e a mocinha  
Com um jeitão diferente  
O modo de comportar  
Já mudou completamente  
A vaidade está demais  
Criança ensinando os pais  
Espanto pra muita gente.

O caboclo e a cabocla  
Perderam fé nos sinais  
Lua cheia, sol ou chuva  
Tanto fez como tanto faz  
Invertem as estações do ano  
Seja inverno ou outono  
São todos tempos iguais.

E se eu fosse falar de tudo  
Que mudou lá no sertão  
O tempo seria pouco  
Pra tanta transformação  
Mesmo assim eu agradeço  
Pela sua atenção  
Não estou fazendo crítica  
Só estou dando as notícias  
Dessa tal de evolução

Poema de Gilmar Souza retirado do Livro *Entre a Arte e a Peleja* (2015).



## DE VOLTA PARA O SERTÃO

Um dia eu senti saudade  
E retornei ao sertão  
Vi tudo bem diferente  
Dos tempos que longe vão  
A tal da modernidade  
E os costumes da cidade  
Causaram a transformação.

Não vi os carros de boi  
Que transportavam os peões  
Não encontrei com tropeiros  
Nas curvas dos chapadões  
Nos sítios e nas fazendas  
Não vi o engenho de pau  
Calaram-se as moendas  
O que escutei nas tendas  
Foi barulho industrial.

Sumiram as matas virgens  
E as belezas naturais  
Chegou a destruição  
Lá se foram os animais  
Não vi os frutos do cerrado  
Que eu via a tempos atrás  
Os rios estão com cede  
Os ribeirões não correm mais.

Onde eu via o mutirão  
Trabalhando em cantoria  
Só ouvi motor urrando  
Desbravando a sertania  
A foice, o machado e a enxada  
Heróis das lutas diárias  
Foram todos encostados  
Pelas máquinas agrárias  
Onde tinha sitiante  
Hoje é só comerciante  
Ou grandes agropecuárias.

Eu fui matar a saudade  
Das festas de tradição  
Senti falta da viola  
Da sanfona e do violão  
Não pude brincar de rodas  
Dançar catira e vilão  
Nem ver o arrastapé

Que animava a fonção  
Só vi dança escandalosa  
Com música pecaminosa  
Cheia de má intenção.

Os velhos que contavam histórias  
Para os seus netos e filhos  
Muitos são ignorados  
Outros estão em asilos  
Onde tinha um girauzinho  
Casinha de pau a pique  
Hoje só tem mansão  
Com o que há de mais chique  
As boas rodas de conversas  
Nas varandas e quintais  
Foram substituídas  
Pelas redes sociais.

Como eu estranhei o jeito  
Da moçada do lugar!  
Um palavreado estranho  
No jeito de conversar  
Um papo cheio de gírias  
Mão presa no celular  
Não importa a vida real  
O que vale é uma foto legal  
Pro mundo admirar  
Leva a vida na balada  
Curtição desenfreada  
E arriscada pra danar.

Fui prosear com o caboclo  
E a cabocla do sertão  
Para ouvir uns bons exemplos  
E uma boa lição  
Não notei o entusiasmo  
Tão próprio da região  
Os sinais que vêm do céu  
Não trazem animação  
Já não são mais confiantes  
São previsões alarmantes  
Por isso são preocupantes  
Pra futura geração.

Depois de tudo o que vi  
Lhe digo sinceramente

Fiquei com muita saudade  
Das coisas de antigamente  
Mas entendo que o passado  
Não pode voltar ao presente  
Se o hoje é bom ou ruim  
Depende do seu consciente  
O mundo é mesmo assim:  
Nasce gente, morre gente.

O que hoje está de um jeito  
Amanhã tá diferente  
O importante é ter fé

E nunca ser um descrente  
Do fundo do coração  
Pela sua atenção  
Te agradeço imensamente.

Poema de Gilmar Souza retirado do livro *Uma Prosa Sobre Nós* (2018)



## RESUMO

Esta tese objetivou investigar as memórias de habitantes do município de Chapada do Norte (MG) a fim de compreender como se constituem as relações das comunidades do Vale do Jequitinhonha com o meio ambiente e, em especial, refletir sobre o papel do clima e de crises psicossocioambientais na conformação dos sentidos de comunidade neste contexto. Deste modo, o estudo investigou as relações que as comunidades pertencentes aos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista estabeleceram com a natureza da região através de gerações, buscando conhecer, por meio de narrativas dos moradores locais, suas memórias e vivências a respeito dos eventos climáticos extremos vivenciados localmente, bem como das transformações ambientais testemunhadas, e consequentemente procedendo um mapeamento da história ambiental deste território. Foram selecionados 20 participantes, com idades variando de 38 a 85 anos, distribuídos pelas comunidades dos três distritos em questão. Além disso, o estudo buscou identificar, nas memórias bioculturais destas comunidades, os elementos que conformam uma ciência popular do clima e do tempo que as permitiram conviver com o ambiente de extremos característico desta área do sertão mineiro. Para tanto, a pesquisa debruçou-se sobre aportes da memória social, da psicossociologia, dos estudos de comunidade e da educação para configurar a ideia de uma psicossociologia ambiental comunitária como um caminho para uma melhor compreensão das complexidades experimentadas por tais populações.

**Palavras-Chave:** Psicossociologia; Memória Comunitária; Educação Popular; Estudos de Comunidades; Vale do Jequitinhonha

## ABSTRACT

This thesis aimed to investigate the memories of inhabitants of the municipality of Chapada do Norte (MG) in order to understand how the relations of the communities of the Jequitinhonha Valley with the environment are constituted and, in particular, to reflect on the role of climate and psychosocio-environmental crises in the conformation of community senses in this context. In this way, the study investigated the relationships that communities belonging to the districts of Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí and São Sebastião da Boa Vista established with the nature of the region through generations, seeking to know, through narratives of local residents, their memories and experiences regarding the extreme climatic events experienced locally, as well as the witnessed environmental transformations, and consequently proceeding with a mapping of the environmental history of this territory. Twenty participants were selected, with ages ranging from 38 to 85 years old, distributed among the communities of the three districts in question. In addition, the study sought to identify, in the biocultural memories of these communities, the elements that make up a popular science of climate and time that allowed them to live with the extreme environment characteristic of this area of the hinterland of Minas Gerais. To this end, the research focused on contributions from social memory, psychosociology, community studies and education to configure the idea of a community environmental psychosociology as a path to a better understanding of the complexities experienced by such populations.

**Key words:** Psychosociology; Communitary Memory; Popular Education; Communities Studies; Jequitinhonha Valley

## RESUMEN

Esta tesis tuvo como objetivo investigar las memorias de los habitantes del municipio de Chapada do Norte (MG) con el fin de comprender cómo se constituyen las relaciones de las comunidades de Vale do Jequitinhonha con el medio ambiente y, en particular, reflexionar sobre el papel del clima y crisis Factores psicosocioambientales en la conformación de los sentidos de comunidad en este contexto. De esta manera, el estudio investigó las relaciones que las comunidades pertenecientes a los distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuai y São Sebastião da Boa Vista establecieron con la naturaleza de la región a través de generaciones, buscando conocer, a través de las narrativas de los habitantes locales, sus memorias y vivencias respecto a los eventos climáticos extremos vividos localmente, así como las transformaciones ambientales presenciadas, y en consecuencia proceder a un mapeo de la historia ambiental de este territorio. Se seleccionaron veinte participantes, con edades entre 38 y 85 años, distribuidos entre las comunidades de los tres distritos en cuestión. Además, el estudio buscó identificar, en las memorias bioculturales de estas comunidades, los elementos que componen una ciencia popular del clima y del tiempo que les permitió convivir con el ambiente extremo característico de esta zona del interior de Minas Gerais. Para ello, la investigación se centró en los aportes de la memoria social, la psicosociología, los estudios comunitarios y la educación para configurar la idea de una psicosociología ambiental comunitaria como un camino para una mejor comprensión de las complejidades que viven dichas poblaciones.

**Palabras clave:** Psicosociología; Memoria Comunitaria; Educación Popular; estudios comunitarios; Valle de Jequitinhonha

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Representação da localização do Município de Chapada do Norte em relação ao Estado de Minas Gerais .....	68
Figura 2 - Imagem histórica da cachoeira da comunidade de Cachoeira do Norte .....	166
Figura 3 - Linha do tempo das Memórias sobre a História Climática de Chapada do Norte.	167
Figura 4 - Imagens de uma mesma paisagem produzidas em diferentes momentos. A primeira representando uma fotografia do tempo da seca; a do meio uma fotografia do tempo chuvoso; e a terceira uma ilustração com destaque para o florescimento das aroeiras .....	169
Figura 5 - Fotografias das Pinturas Rupestres da comunidade dos Ferreiras, Distrito de São Sebastião da Boa Vista, Município de Chapada do Norte (MG).....	170
Figura 6 - Ilustração "Pandemundo" .....	174
Figura 7- Fotografia de máscaras secando retirada em um sítio na zona rural de José Gonçalves de Minas, na região conhecida como Vargem do Pombo .....	176
Figura 8 – Imagem de satélite obtida através do GoogleEarth sinalizando (em azul) os locais onde foram realizadas as entrevistas. ....	182
Figura 9- Placa com distância dos Distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista em relação a sede municipal de Chapada do Norte .....	214
Figura 10 - Fotografia da comunidade sede do Distrito de Santa Rita do Araçuaí .....	217
Figura 11 - Ilustração produzida pelo autor representando Teófilo da Veiga, o fundador da comunidade de Santa Rita do Araçuaí.....	218
Figura 12 - Fotografia de Dona Alzira apontando para trecho da estrutura da calçada de pedra dos escravos.....	224
Figura 13 - Fotografia da comunidade sede do Distrito de Santa Rita do Araçuaí .....	229
Figura 14 - Fotografia da cachoeira da comunidade de Cachoeira do Norte .....	230
Figura 15 - Ilustração produzida pelo autor da professora e liderança comunitária Olídia Lemos .....	233
Figura 16 - Fotografia da sede do Distrito de São Sebastião da Boa Vista.....	242
Figura 17 - Ilustração de José Rodrigues, um dos fundadores do Distrito de São Sebastião da Boa Vista .....	242

Figura 18 - Fotografia da raiz do mucunã sendo exibida por Pedrinho de Santos .....	283
Figura 19 - Fotografia de Mestre Chato indicando o local afetado pelo dilúvio de 1929. ....	300
Figura 20 - Fotografia da imagem de Santa Rita de Cássia da comunidade de Santa Rita do Araçuaí.....	305
Figura 21 - Fotografia da Ponte Nova de Santa Rita sendo atingida pelo “Dilúvio” de 2013. ....	315
Figura 22 - Fotografia mostrando a Ponte Nova que liga o Distrito de Santa Rita do Araçuaí e a Sede de Chapada do Norte, demonstrando, ao lado, a estrutura da base da antiga ponte. ..	325
Figura 23 - Fotografia da antiga canoa, atualmente localizada na frente da ponte de Santa Rita do Araçuaí.....	330
Figura 24 - Fotografia de nuvens conhecidas na região como “rabos de galos” (destaque em amarelo).....	344
Figura 25 - Fotografia de nuvens classificadas localmente como “pedregalhos”, “pedrejados”, “tigrados”, “pedrados” ou “rajados”.....	345
Figura 26 - Marcelinho aponta para televisão no momento da previsão do tempo e realiza ponderações a respeito.....	359
Tabela 1 - Trechos de narrativas que mencionam Etnoindicativos Meteorológicos.....	346
Tabela 2 - Trechos de narrativas que mencionam organismos indicadores bioculturais usados para a previsão do tempo e clima.....	350

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

**ACHANTI** – Associação Chapadense de Assistência às Necessidades do Trabalhador e da Infância

**AMAJE** – Associação de Moradores do Alto Jequitinhonha

**AMEJE** – Associação de Moradores do Médio Jequitinhonha

**AMBAJE** – Associação de Moradores do Baixo Jequitinhonha

**AMUC** – Associação de Moradores do Vale do Mucuri

**ANA** – Agencia Nacional de Águas e Saneamento Básico

**APP** – Área de Preservação Permanente

**ASA** – Articulação do Semiárido Brasileiro

**ASUC** – Associação Unidos Cachoeirenses

**CAV** – Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica

**CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**CEASA** – Centro Estadual de Abastecimento

**CEBS** – Comunidades Eclesiais de Base

**CEDEFES** - Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva

**CEMIG** – Companhia Energética de Minas Gerais

**COBRADE** - Classificação e Codificação Brasileira de Desastres

**CODEVALE** – Companhia de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha

**CONAB** – Companhia Nacional de Abastecimento

**COPANOR** – COPASA Serviços de Saneamento Integrado do Norte e Nordeste de Minas Gerais

**COPASA** – Companhia de Saneamento de Minas Gerais

**CPCD** – Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento



**CPRM** - Serviço Geológico do Brasil

**CRAS** – Centro de Referência da Assistência Social

**DER** – Departamento de Estradas de Rodagem

**EICOS** – Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social

**EMATER** – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

**EMBRAPA** – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**ENEM** – Exame Nacional do Ensino Médio

**FETAEMG** – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais

**FINOM** – Faculdade do Noroeste de Minas

**FSESP** – Fundação de Serviços de Saúde Pública

**FUNASA** – Fundação Nacional de Saúde

**GEASUR** – Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde El Sur

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IEPHA** – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

**INMET** – Instituto Nacional de Meteorologia

**IPCC** – Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**LABMEMS** – Grupo de Estudos Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: Rastros Sensíveis

**MTST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PANC** – Plantas Alimentícias Não Convencionais

**PROUNI** – Programa Universidade para Todos

**P1MC** – Programa Um Milhão de Cisternas

**P1+2** – Programa Uma Terra e Duas Águas

**PSF** – Programa Saúde na Família

**PT** – Partido dos Trabalhadores

**PUC** – Pontifícia Universidade Católica

**SEBRAE** – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

**SUCAM** – Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

**SUDENE** – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UFMG** – Universidade Federal de Minas Gerais

**UFVJM** – Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri

**UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro

**UNB** – Universidade de Brasília

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

**UNIRIO** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO: A HISTÓRIA DO NARRADOR-PESQUISADOR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A TESE.....</b>	<b>22</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>28</b>
<b>2. OBJETIVOS.....</b>	<b>46</b>
<b>3. CONTEXTO DA PESQUISA: O VALE DO JEQUITINHONHA .....</b>	<b>47</b>
3.1. O Município de Chapada do Norte.....	66
<b>4. REVISÃO TEÓRICA: REFLEXÕES PARA UMA PSICOSSOCIOLOGIA AMBIENTAL COMUNITÁRIA.....</b>	<b>74</b>
4.1. Memória .....	74
4.2. Estudos de Comunidades .....	90
4.3. Psicossociologia .....	94
4.4. Educação Popular.....	103
<b>5. PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA.....</b>	<b>110</b>
5.1. Pesquisa Participante.....	112
5.2. Identificação dos Participantes.....	121
5.3. Procedimentos Éticos da Pesquisa .....	123
5.4. Entrevistas Narrativas e Histórias de Vida.....	125
5.5. Retorno Educativo.....	132
5.6. Registros.....	132
5.7. Propostas de Análises.....	136
<b>6. O REENCONTRO COM O VALE .....</b>	<b>137</b>
6.1. Diário de Memórias.....	137
6.2. A Tese enquanto narradora de encontros entre pesquisadores e comunidades .....	139
6.3. Memórias Posteriores – refletindo sobre o reencontro.....	165
<b>7. IMPREVISTOS E MUDANÇAS DE RUMO .....</b>	<b>174</b>
7.1. Entre o Idealizado e o Possível: Revendo a proposta Teórico- Metodológica diante de um contexto de incertezas .....	176

<b>8. CONHECENDO OS NARRADORES .....</b>	<b>180</b>
Dona Neném.....	183
Mestre Chato .....	185
Natalina .....	187
Gentilin.....	189
Cezomar .....	190
Juarez .....	191
Preta .....	192
Dona Alzira .....	193
Pedrinho de Santos.....	194
Gilmar Sousa.....	195
Dona Rosarinha.....	196
Dona Nazareth.....	197
Lourdinha.....	198
Heliane .....	200
Dona Nida .....	201
Dona Conceição .....	202
Dona Ritinha .....	203
Magno .....	204
Dona Dô .....	206
Marcelinho .....	208
<b>9. TERRITÓRIO, OCUPAÇÃO E RASTROS SENSÍVEIS: NARRATIVAS SOBRE HISTÓRIAS COMUNITÁRIAS .....</b>	<b>209</b>
9.1. Município de Chapada do Norte .....	210
9.2. Distrito de Santa Rita do Araçuaí.....	215
9.3. Distrito de Cachoeira do Norte.....	228
9.4. Distrito de São Sebastião da Boa Vista.....	239

<b>10. RELAÇÕES CULTURAS-NATUREZAS EM COMUNIDADES DE CHAPADA DO NORTE: NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA AMBIENTAL E TRANSFORMAÇÕES DAS PAISAGENS.....</b>	<b>249</b>
<b>11. MEMÓRIAS SOBRE TEMPOS DIFÍCEIS: NARRATIVAS SOBRE DESASTRES E VIVÊNCIAS PESSOAIS .....</b>	<b>273</b>
11.1. A Salvação do Fubá e do Mucunã: Narrativas sobre as “Grandes Secas”, “Fomes” e “Anos de Lagartas” .....	273
11.2. O Dilúvio como categoria popular de desastre: relatos sobre os casos de 1929, 1979 e 2013 298	
11.3. O Acidente na ponte velha .....	320
<b>12. SABERES DO TEMPO E DO CLIMA: ETNOCIÊNCIAS, CIÊNCIA POPULAR E MEMÓRIA BIOCULTURAL .....</b>	<b>340</b>
12.1. A previsão do tempo segundo a Etnometeorologia Chapadense: “ <i>Os Sinais da Natureza</i> ” 342	
12.2. O homem do tempo de Chapada do Norte .....	356
12.3. “ <i>O Caboclo e a Cabocla perderam a fé nos sinais...</i> ”: Percepções sobre Mudanças no Clima Local 363	
<b>13. CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>368</b>
<b>14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>375</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>394</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>397</b>

## **APRESENTAÇÃO: A HISTÓRIA DO NARRADOR-PESQUISADOR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A TESE**

.... Uma tese não brota do nada. Ela tem uma história, que reflete - entre tantas coisas - a história de quem a escreve. Portanto, antes de mais nada me sinto no dever de enunciar alguns detalhes de minha própria trajetória, para que o leitor entenda os pontos de partida e as implicações deste narrador-pesquisador sobre a pesquisa-narrativa que será apresentada neste trabalho...

Nasci no Rio de Janeiro, no início da década de 1990, e passei praticamente toda minha infância entre a redoma de cristal da zona sul carioca e o campo - onde sempre passava minhas férias e feriados, num sítio que minha família possuía na zona rural de Paracambi (RJ), na comunidade de Palmeiras da Serra - no interior do estado. Assim, embora eu venha de uma família de classe média baixa, que nunca teve luxos e sempre enfrentou dificuldades, nunca passei fome e reconheço que tive inúmeros privilégios – incluindo aí o privilégio de ter tido a oportunidade de estar frequentemente em contato com a natureza.

Ainda o simples fato de ser branco, homem e cis, e pela sorte de ter nascido na região mais “nobre” de uma das cidades de maior destaque da América do Sul, acabei tendo acesso a uma gama de privilégios que me garantiram vantagens competitivas com relação a muitas pessoas. E reconhecer tais privilégios é um dos primeiros passos necessários para se pensar de forma justa.

Venho de uma família de artistas e sou filho de uma professora de ensino fundamental que atuou por muitos anos com classes de alfabetização, sempre inspirada nas abordagens freireanas. De modo que, a partir de minha criação, fui fortemente influenciado pela Educação - incluindo Paulo Freire e abordagens construtivistas -, mas também pela arte...

Eu poderia dizer que a primeira semente desta tese plantada foi no ano de 2012 quando tive meu primeiro contato com as comunidades do Vale do Jequitinhonha. Mas antes de falar sobre minha chegada no Vale é preciso comentar um episódio anterior, pois acredito que essa história se inicia, de fato, a partir de um dos momentos mais difíceis e marcantes de minha breve vida: a tragédia da perda do meu irmão mais novo, Bruno, vítima de um câncer.

Meu irmão vinha enfrentando essa doença há alguns anos, uma doença perversa que vai e volta como as marés, e que tem o poder de te arrastar para longe se te pegar desprevenido. E nós estávamos desprevenidos...

Essa situação carregou minha família com muita dor, e quando ele se foi perdemos também muitos de nossos sonhos, esperanças e futuros. Ver um irmão mais novo morrendo deste jeito não é nada fácil, é uma experiência que deixa a alma marcada e que pode levar a crises radicais...

Ele faleceu na minha primeira semana de trote da faculdade. E assim o que deveria ter sido um dos momentos mais felizes da minha vida acabou se transfigurando em um terrível pesadelo...

E essa situação dolorida e complicada, por sua vez, me levou a uma crise existencial profunda que, para ser superada, exigiu uma abertura, que com a saída da concha se converteu em aventura.... Mas isso demorou algum tempo, e assim meus primeiros momentos na faculdade foram simplesmente cinzentos, sem sentido, como a vida de quem está em meio às trevas...

E segui meio sem rumo nos primeiros períodos, depois tentei me encaixar em alguns cantos, procurei alguns estágios e monitorias, mas nada deu muito certo, pois nada fazia sentido...

Nessa época meus pais já integravam um projeto social voltado a desenvolver ações educativas e recreativas em regiões mais carentes do país. Era um projeto vinculado à escola em que minhas irmãs estudavam e minha mãe sempre achou que participar destas ações era uma forma de retribuir a generosidade da escola – que concedeu bolsas de estudos para as duas, comovidos com a história do meu irmão. Minha mãe ia para ministrar cursos para professores de Educação Infantil, enquanto meu pai desenvolvia oficinas de magia com as crianças e adolescentes. Eles sempre me convidavam para integrar o projeto, mas eu nunca conseguia conciliar com meus horários da faculdade.

Até que em 2012 coincidiu de minhas férias caírem no mesmo período da viagem do projeto e de estarem solicitando um voluntário para desenvolver uma oficina de Ciências com os professores de um município do Vale do Jequitinhonha. Fiquei muito animado com essa oportunidade e produzi tal oficina em parceria com outra voluntária - uma professora de Química já aposentada - com base no material didático de Ciências que era trabalhado pelos professores das comunidades.

A oficina foi pensada a partir de atividades em sala de aula e, no último dia decidi sugerir uma aula de campo, pedindo que os professores nos levassem para conhecer pessoas da região que trabalhassem com plantas medicinais, seja no cultivo ou preparo de remédios. Neste

período eu tinha acabado de sair de um estágio sobre bioprospecção de plantas medicinais e ainda estava com essa ideia fixa na cabeça – o que de certa forma foi ótimo para me introduzir a uma outra perspectiva sobre tais plantas.

Os professores muito animados nos conduziram até as casas de duas senhoras, as irmãs Dona Rosarinha e Dona Licota. Primeiro fomos ao sítiozinho de Dona Rosarinha para ver como ela cultivava as plantas e tivemos uma aula incrível com ela sobre a utilidade de cada planta de seu terreiro. Rosarinha nos mostrou as mudas, nos apresentou seus animais, e na medida em que caminhava ia apontando e comentando sobre as características de identificação e uso das mais diversas plantas que se espalhavam pelo quintal. Mas o que mais me chamou a atenção era que ela falava de forma muito natural, com simplicidade e clareza, sobre saberes que a ciência ocidental fez questão de separar em caixinhas, e que muitas vezes tem dificuldades em tirar de tais caixas e fomentar diálogos, e na fala dela tudo aparecia interconectado e, principalmente, tudo fazia muito sentido para aquela gente (assim como fazia para mim). E ali não estava nenhuma doutora formada a partir de anos de estudos trancada nos muros de uma faculdade, mas sim uma doutora formada pelas estradas da vida, pelos mestres do Vale e pela natureza do sertão. E assim Dona Rosarinha, essa senhora simples do interior do mineiro, foi me mostrando que os saberes populares tinham um enorme potencial pedagógico, um potencial de integração de saberes, assim como um potencial de contextualização de práticas educativas.

Depois de uma volta no terreno do sítio nos despedimos de Rosarinha, que nos entregou uma porção de ervas, e de lá seguimos para a casa de Dona Licota. A casa de Licota fica no alto da rua da igreja, mas fomos encontra-la na casa de sua filha Silvana, do outro lado da rua. A irmã mais velha de Rosarinha nos cumprimentou com um sorriso largo e logo passou a nos ensinar sobre o preparo dos remédios naturais, e utilizou as ervas cultivadas pela irmã para nos demonstrar o modo correto de se preparar algumas receitas. Licota nos contou, enquanto preparava o famoso xarope “chocolate” - que leva gema de ovo, manteiga, açúcar mascavo, e uma enorme quantidade de ervas em infusão –, histórias do passado, de quando também era parteira da comunidade e chegou a fazer muitos partos. E depois contou das transformações vivenciadas na região, inclusive quando os médicos chegaram e a sabedoria das parteiras, erveiras e benzedeiras foram perdendo completamente o espaço para os conhecimentos científicos.

Mesmo entendendo que a vida está em constante movimento e transformação, ainda assim Licota e Rosarinha se mostraram muito preocupadas com essas mudanças aceleradas,



com a possível perda de tais saberes e o desinteresse das novas gerações em relação a estes conhecimentos e práticas dos mais velhos. E essas duas senhoras, ao me apresentarem o universo de saberes de uma ciência popular do sertão mineiro acabaram me encantando com tamanha riqueza.

E foi assim que as preocupações de Dona Rosarinha e Licota, duas senhoras do Vale do Jequitinhonha, passaram a ser também as minhas preocupações, e isso se tornou ainda mais evidente quando, na ocasião do encerramento da oficina, uma das professoras participantes pediu a palavra e comentou justamente como tinha sido tocada pela aula recebida das sábias senhoras que sempre estiveram ali na comunidade, destacando que não imaginava que essas antigas moradoras da comunidade poderiam deter tanto conhecimento, e terminou dizendo que foi preciso vir alguém de fora pra mostrar para a comunidade toda esta riqueza – comentário que me deixou pensativo.

Aquele comentário da professora continuou reverberando em minha mente por algum tempo me fazendo pensar que eu tinha sido útil para aquelas pessoas, que eu tinha ajudado aquele grupo a enxergar tesouros que até então eles não percebiam o valor, e esse sentimento ingênuo de que eu estava fazendo algo por aquelas comunidades ao mesmo tempo em que me dava um propósito ia me afastando da depressão, e recuperando as cores da minha vida.

Por isso, diante do sentimento de gratidão que começou a brotar em meu peito, me firmei na intenção de aproveitar a oportunidade para transformar o meu TCC em um projeto dedicado àquelas comunidades. E essa foi minha preocupação central a partir do momento em que retornei do Vale e recomeçaram as aulas na faculdade. Assim que se iniciou o semestre fui procurar ajuda de professores em busca de um possível orientador que pudesse me acolher e me ajudar a desenvolver um projeto conforme meus planos.

Tive alguma dificuldade inicial para encontrar um professor interessado em abraçar essa ideia, isso porque enquanto aluno da primeira turma de Ciências Ambientais em geral éramos recomendados a nos integrar a algum projeto pré-existente de algum professor, que me tornaria meu orientador. Mas eu não queria entrar num projeto pronto, eu queria um orientador que pudesse me auxiliar na construção de uma proposta dedicada especificamente para aquelas comunidades do município de Chapada do Norte

...A partir deste momento, em que eu reencontrei um sentido para minha vida nessa tentativa de fazer algo para ajudar essas senhoras e essas comunidades a terem seus saberes reconhecidos e valorizados.

Suas preocupações me afetaram, e me fizeram assumir tais preocupações para mim, sobretudo a partir do momento em que passei a entender que estes saberes, ou melhor, esta sabedoria popular acumulada por essas senhoras do interior das Minas Gerais consiste em saberes de sobrevivência: ou seja, os saberes que as culturas locais preservaram a partir de suas experiências com o território e que os ajudaram a sobreviver neste contexto.

Mas talvez a primeira semente tenha vindo antes, durante a graduação, em Ciências Ambientais, que me trouxe um primeiro contato com a Educação Ambiental Crítica a partir de uma perspectiva influenciada pela Educação Popular e pelo contato com saberes locais destas comunidades. Deste modo, na graduação optei por refletir a partir da minha experiência no projeto social pensando o papel da "Educação Ambiental Popular como Ferramenta de Proteção dos Saberes Locais" em meu trabalho de conclusão de curso.

Já no mestrado, aprofundando o debate iniciado na educação e aprofundando o debate em torno da construção de uma perspectiva de Educação Ambiental de Base Comunitária a partir desta sabedoria popular e estabelecendo parcerias com os professores e mestres dos saberes locais.

E agora, no doutorado, pretendo trazer essa bagagem e essas portas abertas para pensar as relações estabelecidas entre as comunidades locais e o ambiente em termos psicossociológicos. Neste sentido, a busca agora envolve um olhar tanto mais abrangente quanto imersivo e detalhista, voltado a encarar as interações produzidas entre os grupos comunitários existentes em Chapada do Norte, levando em conta toda uma rede de relações psicossocioambientais estabelecidas entre os seres que integram tais comunidades.

A entrada neste campo sempre envolveu processos de imersão intensos e profundos, até porque, uma das minhas grandes vantagens foi justamente o fato de eu ficar hospedado diretamente na casa de pessoas das comunidades, que não apenas me receberam de braços abertos, mas também partilharam comigo suas rotinas, com suas alegrias, medos, tristezas e aprendizados...

Portanto, tive oportunidade de visitar a região em diferentes ocasiões e condições, desde minha participação como voluntário em um projeto social; durante minha experiência acadêmica, passando pela graduação e o mestrado; ou mesmo a passeio; de modo que pude ter contato com as diferentes estações do sertão mineiro, tendo presenciado pessoalmente a magia do cerrado, que diante de algumas gotas de chuva traz de volta à vida árvores que pareciam mortas. Na medida em que a água cai do céu a paisagem enverdeja, colorindo-se tão rápido

como um truque de mágica. É assim o cerrado, é uma natureza que tem memória, uma memória que é reavivada pelo clima...



## 1. INTRODUÇÃO

No contexto do semi-árido brasileiro, que inclui o território do Vale do Jequitinhonha – cenário desta pesquisa – o clima é caracterizado por eventos contrastantes, incluindo períodos de secas e de chuvas bem definidos, que se mantêm mais ou menos previsíveis ao longo do tempo – ou pelo menos costumavam se manter assim. Esta realidade climática de extremos, com chuvas intensas que causam inundações, quedas de barreiras e inúmeros prejuízos materiais as comunidades locais, e, por outro lado períodos prolongados de secas que, do mesmo modo, também geram dificuldades para as populações da região, temos um contexto em que os habitantes deste território resistem e re-existem em meio a diferentes crises. Assim, neste território a dimensão ambiental (e em especial a realidade climática e a crise hídrica) acaba por provocar impactos psicossociais nas realidades locais, gerando implicações nos universos vividos por tais sujeitos. Com isso, chamamos atenção para a fala de Silva (2017), quando este pontua que:

O Semiárido brasileiro é uma vasta região de 969.589,4 quilômetros quadrados, povoada por 44.863.468 habitantes, caracterizada pelo clima quente e seco, com índices de precipitação entre 400 e 800 mm anuais. Porém, este fator não é o principal responsável pelas condições climáticas críticas da região: acontece que as poucas chuvas que ocorrem se distribuem de forma irregular e em curtos períodos de tempo. Os prolongados períodos de secas provocam queda na produção de alimentos e consequentemente ciclos de insuficiência na quantidade e na qualidade da alimentação da população, além de problemas ambientais e comprometimento de renda, com consequências diretas sobre as condições de vida. (p.14)

Porém, apesar destas questões, temos que considerar o que nos dizem os cientistas acerca das Mudanças Climáticas, que interferem diretamente na previsibilidade destes sistemas socioclimáticos, e inclusive promovem uma série de problemas ambientais e dificultam as previsões e percepções dos “cientistas populares do tempo e do clima”. Sobre este fato em específico, em estudo anterior (CAMARGO, 2017) constatou-se que no caso das comunidades do município de Chapada do Norte (MG), os moradores e mestres dos saberes populares ressaltaram uma aparente alteração nos ciclos climáticos e hidrológicos locais, revelando que suas previsões muitas vezes estão sendo ineficazes diante de uma aparente “transformação da natureza”. Sobre este tipo de reflexão, relativa as relações entre mudanças climáticas e as percepções e saberes de comunidades populares, Maria Silvia Sánchez Cortés e Elena Lazos Chavero (2013), em texto que publicado nas memórias do “Segundo Congreso Nacional de Investigación em Cambio Climático” – realizado no México -, assumem que:

Las percepciones y conocimientos agrícolas de las personas se fundamentan en la observación efectuada por varios años, y está estrechamente vinculada a su experiencia productiva y de subsistencia. Estos aspectos aportan importantes elementos para una historia local del cambio en la variabilidad climática a nivel microregional, siendo necesario incorporar este tipo de estudios microsociales a estudios científicos más amplios del cambio del clima y su variabilidad (p. 929)

A água é um elemento essencial para a sobrevivência da maioria das formas de vida que conhecemos. Tal substância compõe boa parte das estruturas dos seres vivos, e no caso dos seres humanos corresponderia a cerca de 60% do peso corporal<sup>1</sup>. Além de elemento constituinte da vida, a água é necessária para a realização de grande parte dos processos biológicos, incluindo aqueles envolvidos na manutenção das funções metabólicas e da saúde dos organismos, mas também apresenta uma série usos imprescindíveis aos seres humanos.

Com isso as sociedades humanas, desde a antiguidade e períodos imemoriais, sempre estiveram associadas aos recursos hídricos. Da Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates, da civilização egípcia edificada em torno do Nilo, de povos indígenas amazônicos que se estabeleceram nas margens do Rio Amazonas, dos Incas ao redor do lago Titicaca, enfim, diferentes sociedades, ao longo do tempo, sempre tiveram nos corpos d'água seus meios de subsistência e fontes de sobrevivência. Assim, tal elemento vital passou a estar ligado a diferentes formas de uso, que vão desde o tradicional consumo; práticas de higiene e sanitarismo; irrigação, agricultura e pecuária; pesca e piscicultura; usos industriais e domésticos; entre tantas outras – e com tamanha importância e utilidade, por vezes acabaram por motivar conflitos entre diferentes grupos, culturas e sociedades humanas.

Sobre isto, Galizoni (2005) lembra que, enquanto recurso essencial, a água sempre foi motivo de preocupação e que por muitas vezes foi palco para disputas e conflitos, apontando como casos extremos os conflitos em torno da “Guerra das águas” ocorridas em Cochabamba, na Bolívia - que tratam de uma disputa estabelecida entre camponeses e uma empresa internacional, por volta dos anos 2000. Di Mauro (2014), do mesmo modo, nos apresenta exemplos de conflitos em torno da água, citando os casos: da Guerra entre Irã e Iraque em torno do controle do rio Chatt-El-Arab; os conflitos entre Turquia, Iraque e Síria pelo controle dos rios Tigre e Eufrates; ou mesmo disputas na África, América do Sul e América do Norte que também envolveram conflitos bélicos envolvendo o controle de recursos hídricos. E justamente

---

<sup>1</sup> De adultos, mas chegando a 70% no caso de bebês.

sobre essa situação de peijas entre diferentes grupos, o autor (DI MAURO, 2014) - após lembrar que em tempos contemporâneos o capitalismo se revela como um fator motivador de conflitos, que coloca a natureza na posição de “mercadoria” a ser controlada, dominada e explorada – coloca que:

É importante observar que 71% da superfície da Terra são constituídos por água. Mas, aproximadamente 97,5% desse total é constituído de água salgada, dos mares e oceanos. Dos 2,5% restantes,  $\frac{3}{4}$  são de águas congeladas, grande parte localizada nas regiões Polares. Os rios, lagos e as águas subterrâneas representam, aproximadamente, 0,60% do total de água existente na superfície do Planeta. Há muita água, mas a água doce, que pode ser mais facilmente utilizada como potável, é distribuída pela superfície da Terra sem uma sintonia direta com as concentrações populacionais. Essas limitações impõem que a humanidade deve conviver com abundância de águas em algumas partes do planeta e escassez em outras. São muitos os países, cerca de oitenta (80), com problemas críticos que tendem a se transformar em conflitos pela baixa disponibilidade hídrica. Enquanto isso, dez (10) países, entre os quais o Brasil, possuem em seus territórios 60% do total da água doce. Mesmo nos países que possuem muita disponibilidade hídrica, existe consumo desigual (p. 82-83).

Tucci (2002) comenta que no início dos anos 2000 a Crise da Água já apontava como uma das grandes questões do milênio. O Autor (TUCCI, 2002) reconhece o papel de iniciativas descentralizadas e setoriais como os comitês de Bacias Hidrográficas e aposta em soluções interdisciplinares na medida em que se trata em um problema complexo e multidimensional destacando que:

A sustentabilidade dos recursos hídricos no Brasil passa necessariamente pelo controle do ciclo de contaminação urbano; preservação e aumento da disponibilidade de água nas áreas críticas; gerenciamento das enchentes; conservação do solo rural e a mitigação dos impactos das obras hidráulicas. (p.281)

Mas é preciso reconhecer também a existência de uma estreita conexão entre clima e disponibilidade (incluindo o excesso ou ausência) de água. Deste modo, enquanto os climas úmidos são aqueles com grande disponibilidade deste recurso, por outro lado, os climas áridos são aqueles cuja ausência ou baixa quantidade da mesma é tida como uma característica predominante.

E também precisamos reconhecer aqui o que nos dizem os cientistas acerca da diferenciação entre Clima e Tempo – dois conceitos que muitas vezes são tratados como sinônimos, mas que representam situações distintas. Enquanto o tempo é tido como momentâneo e passageiro sendo referido em função de horas ou no máximo dias (a exemplo de quando nos referimos ao tempo do dia, se está seco ou chuvoso, quente ou frio), o clima, por

outro lado, representa a “soma dos tempos”, assumidos ao longo de maiores períodos temporais, de modo a formar padrões e permitir a identificação características gerais, bem como ciclos e ou fases -como exemplo disso podemos citar o fato de que a região amazônica é úmida e chuvosa de maneira constante, assim como os desertos são secos e com grandes amplitudes térmicas, ou as áreas polares que concentram baixas temperaturas e luminosidade ao longo do ano etc (REBOITA et al, 2012). Mas para além disso, também podemos considerar que, enquanto o Tempo estaria relacionado a ciência da Meteorologia, o Clima, por outro lado, estaria conectado à Climatologia (SETTE; RIBEIRO, 2011; REBOITA et al, 2012). Nas palavras de Ayoade (1996):

Na ciência da atmosfera, usualmente é feita uma distinção entre tempo e clima, e entre meteorologia e climatologia. Por tempo (weather) nós entendemos o estado médio da atmosfera numa dada posição de tempo e em determinado lugar. Por outro lado, clima é a síntese do tempo num dado lugar durante um período de aproximadamente 30-35 anos. O clima, portanto, refere-se às características da atmosfera inferidas de observações contínuas durante um longo período. O clima abrange um maior número de dados do que as condições médias do tempo numa determinada área. Ele inclui considerações dos desvios em relação às médias (isto é, variabilidade), condições extremas, e as probabilidades de frequência de ocorrência de determinadas condições de tempo. Desta forma, o clima apresenta uma generalização, enquanto o tempo lida com eventos específicos (p. 2)

E do mesmo modo que tais disciplinas científicas se dedicam a estudar os eventos de clima e tempo, o avanço das etnociências também nos apresenta visões de como tais questões são encaradas por populações tradicionais e comunidades locais, revelando a “ciência popular” por trás do clima e do tempo: a etnoclimatologia e a etnometeorologia, que apresentam fortes afinidades com a proposta apresentada nesta tese. Nesta linha encontramos identificações com trabalhos como os de Taddei (2014, 2017) sobre a sabedoria dos meteorologias e profetas das chuvas; ou o trabalho de Alves (2007) sobre a etnoclimatologia e os saberes da tradição relacionados a percepção climática no planalto da conquista; o caso de Bastos e Fuentes (2015) que estudaram o uso da etnoclimatologia para a previsibilidade das chuvas em um município baiano; os trabalhos de Nasuti et al (2013), Silva, Andrade e Souza (2013) e de Silva (2011) sobre as “experiências de inverno”<sup>2</sup> no Seridó Potiguar; ou ainda no exemplo de Brinco e Werlang (2020) que estudaram ditados populares sobre o clima em um município do Rio Grande do Norte.

---

<sup>2</sup> Termo que se refere as práticas de predizer as chuvas com base na observação de elementos da paisagem (SILVA; ANDRADE; SOUZA, 2013).

Neste sentido, a proposta de uma Etnoclimatologia ou da Climatologia Popular (assim como no caso de uma Etnometeorologia ou Meteorologia Popular) se desenvolve tendo como base os saberes populares, Nasuti et al (2013) explicam que:

O enfoque da etnoclimatologia se fundamenta nos saberes tradicionais, transmitidos de geração em geração, por narrativas orais, para apresentar as perspectivas de mudanças e suas consequências comunidades. A bússola que retrata o clima, portanto, tem seu norte direcionado para a cultura. (p. 386)

Entre a comunidade científica internacional é praticamente consenso absoluto que as mudanças climáticas e o aquecimento global são fatos, e que representam um dos grandes desafios que a humanidade deverá enfrentar nos próximos anos, se quiser evitar uma série de consequências para a espécie humana e para o planeta.

Um pouco mais espinhoso é o tema da implicação das ações humanas sobre o clima global, uma vez que existem questionamentos em relação a até que ponto tais mudanças não seriam provocadas por causas naturais, como atividades vulcânicas, pelos ciclos do Sol, períodos geológicos etc. Porém, os dados são inequívocos em relação ao fato de que está havendo um aumento da temperatura global, sobretudo a partir do período da revolução industrial – quando coincidentemente as atividades humanas passaram a gerar maiores impactos sobre o ambiente natural, incluindo a criação do motor a vapor e o uso do carvão como fonte de energia – e se agravando a partir do momento em que os combustíveis fósseis passam a representar uma das principais bases energéticas da humanidade.

Nobre, Reid e Veiga (2012) lembram que ao longo da história do planeta Terra diferentes ciclos naturais afetaram as condições climáticas do planeta em escala global, incluindo as chamadas eras glaciais, que consistem em períodos de esfriamento natural do globo terrestre, além dos períodos interglaciais (como estamos vivenciando atualmente) – e que naturalmente apresentam temperaturas mais elevadas. Tais autores (NOBRE; REID; VEIGA, 2012) destacam ainda que nos últimos 400 mil anos o planeta passou por quatro ciclos diferentes, sendo que teríamos deixado a última era glacial há cerca de 20 mil anos atrás. Porém, a partir da revolução industrial (nos últimos 100/150 anos) os seres humanos estabeleceram uma nova relação com o meio ambiente, que passou a gerar alterações ambientais drásticas a ponto de preocupar os cientistas. Segundo os autores:

[...] [N]os últimos 100 a 150 anos, o ritmo em que a temperatura começou a subir está muito maior do que ocorria até então. Por exemplo, na última glaciação, há 20 mil anos [...] a superfície do planeta estava de 5°C a 6°C mais fria. A Terra levou 10 mil anos para aquecer e entrar na fase interglacial, que



chamamos Holoceno. Agora, nas últimas duas décadas, ela está aquecendo quase 0,2°C por década, que é um ritmo 50 vezes mais acelerado do que o ciclo natural glacial-interglacial. Alguma coisa diferente está acontecendo. Se fosse natural teria de ser explicado o que justifica o planeta se aquecer numa velocidade tão espantosa, completamente fora do que conhecemos por vários milhões de anos. (NOBRE; REID; VEIGA, 2012, p. 8)

Com relação às causas que estariam levando a esta elevação da temperatura terrestre, destaca-se o aumento da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera, com especial destaque ao aumento das emissões de CO<sup>2</sup> derivado sobretudo da queima de carvão, petróleo e gás natural realizado pelas atividades humanas (NOBRE; REID; VEIGA, 2012, p. 19). Deste modo, torna-se natural supor a existência de uma conexão direta entre a consolidação do modo capitalista de exploração insustentável da natureza e o aumento de uma série de problemas ambientais decorrentes deste modelo de dominação-destruição do ambiente, ou seja, a insustentabilidade do capitalismo repousa, justamente, no desejo desesperado de supor a possibilidade de desenvolvimento econômico infinito a partir da exploração de recursos naturais de um planeta finito (LATOUCHE, 2007).

Quanto a este caráter insustentável e predatório do modelo capitalista, Loureiro (2019) nos lembra que “[...] somos a primeira espécie que efetivamente conseguiu não só produzir extinções em massa na natureza, mas universalizar um modo de produção que coloca como possibilidade concreta o nosso fim no planeta [...]” (p. 37). Este período, caracterizado por um aumento da influência dos seres humanos sobre o planeta - ocasionando grandes transformações e desequilíbrios nos sistemas naturais -, passou a ser chamado Antropoceno pelos cientistas, termo que teria sido popularizado pelo vencedor do prêmio Nobel de Química de 1995, o cientista Paul Crutzen (CRUTZEN, EUGENE, 2000; ARTAXO, 2014).

Há ainda extrapolações neste debate que questionam o uso do termo Antropoceno com base no entendimento de que não são todas as sociedades humanas que representam impactos negativos sobre a natureza, sendo possível inclusive encontrar exemplos, como parte significativa dos povos originários, comunidades tradicionais e camponeses latino-americanos, que contribuem positivamente para o ambiente, selecionando espécies e atuando no sentido de aumentar a biodiversidade e qualidade de solos, por exemplo. Os cientistas que advogam por esta corrente assumem que tal problemática estaria na realidade assentada nos modos de vida

das sociedades que tomam por base o modelo capitalista, algo que levou a ideia de substituição do termo Antropoceno por Capitaloceno (MOORE, 2016; HARAWAY, 2016)<sup>3</sup>.

Artaxo (2014) ressalta que este debate em torno da capacidade do planeta de lidar com os efeitos das ações humanas serviu de fundamento para as reflexões em torno da noção de que é preciso estabelecer “limites planetários seguros”, levaram ao estabelecimento de 9 parâmetros considerados relevantes neste sentido, a saber:

1) *mudanças climáticas*; 2) perda de ozônio estratosférico; 3) acidificação dos oceanos; 4) ciclos biogeoquímicos de nitrogênio e fósforo; 5) mudanças na integridade da biosfera associadas à perda de biodiversidade; mudanças no uso do solo; uso de recursos hídricos; carga de partículas de aerossóis na atmosfera; introdução de entidades novas e poluição química (ARTAXO, 2014, p.17, grifos meus).

Partindo de uma revisão histórica sobre as grandes conferências promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre Meio Ambiente e Educação Ambiental, Enrique Leff (2000) pondera a respeito dos desafios para o estudo das problemáticas ambientais, destacando que:

Reconhece-se que os problemas ambientais são sistemas complexos, nos quais intervêm processos de diferentes racionalidades, ordens de materialidade e escalas espaço-temporais. A problemática ambiental é o campo privilegiado das inter-relações sociedade-natureza, razão pela qual seu conhecimento demanda uma abordagem holística e um método interdisciplinar que permitam a integração das ciências da natureza e da sociedade [...] (p. 20)

O painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas ou Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC)<sup>4</sup> consiste em uma organização político-científica que reúne cientistas de diferentes áreas e lideranças políticas de diversos países para discutir as questões relativas às mudanças climáticas globais. O painel foi criado em 1988 dentro de uma iniciativa conjunta das Nações Unidas<sup>5</sup> e a Organização Meteorológica Mundial (WMO) diante das crescentes preocupações sobre as questões ambientais e, em especial, o impacto do clima sobre os seres humanos e o impacto das ações humanas sobre o clima terrestre. Assim, um dos principais objetivos da organização consiste, justamente, em embasar a construção de tratados e acordos internacionais de cooperação para o combate do fenômeno das Mudanças Climáticas

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar ainda que Donna Haraway (2016), por sua vez, ainda avança mais nesta discussão propondo outros termos como Plantationceno e Chthuluceno, que não serão aprofundados neste trabalho.

<sup>4</sup> Site do IPCC. Ver em: < <https://www.ipcc.ch/about> >

<sup>55</sup> Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas ou United Nations Environment Programme (UNEP).

Santilli, Carvalho e Nepstad (2002) lembram que após a criação do IPCC foi lançado o primeiro relatório da organização em 1990, que já demonstrava um agravamento do ritmo de aquecimento do planeta, e que serviu de base para a convocação de conferências internacionais para debater a cooperação entre diferentes países na busca por soluções e formas de refrear o avanço das mudanças climáticas – e que resultou, a princípio, no texto da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática que foi adotado durante a Rio-92.

Atualmente o IPCC conta com 195 membros ativos, além de milhares de colaboradores ao redor do mundo que contribuem para a produção de uma série de relatórios e publicações destinadas a divulgar os resultados das principais pesquisas realizadas na área das ciências climáticas, bem como gerar recomendações para os tomadores de decisões de todo o mundo a respeito dos principais efeitos e consequências das mudanças climáticas, tanto em nível regional como global. Assim, de uma maneira resumida poderíamos dizer que o órgão é responsável pela produção de uma síntese de todo o conhecimento disponível sobre os fenômenos de Aquecimento Global e Mudanças Climáticas.

Dentro do IPCC os pesquisadores são divididos em três grupos ou forças tarefas, a saber: os responsáveis pelo estudo das Ciências Físicas associadas às Mudanças Climáticas; um grupo que estuda os impactos adaptações e vulnerabilidades das Mudanças Climáticas; uma equipe que trabalha em cima da questão da Mitigação; além de outro time que se dedica a realizar um inventário dos Gases de Efeito Estufa. Mas além destas divisões as equipes podem sofrer outras separações de acordo com as demandas anuais dos painéis.

Os relatórios do IPCC vêm demonstrando ao longo dos anos uma série de evidências que apontam para um agravamento das condições socioclimáticas globais, destacando, entre outras coisas: que existe uma tendência de aquecimento do planeta, que vem sendo comprovada ano após ano – e que produz efeitos sobre a temperatura do ar e dos oceanos, redução do volume de geleiras, *permafrost* e glaciares, além do aumento do nível do mar etc; que as ações humanas possuem influências sobre o clima – incluindo as atividades industriais, usos do solo, queima de combustíveis fósseis, desmatamento etc; que os modelos teóricos projetam um aumento da temperatura da Terra que tende a contribuir para a imprevisibilidade do clima e o aumento da incidência e intensidade de eventos climáticos extremos.

O IPCC define duas linhas de ação para o combate às mudanças climáticas: as chamadas estratégias de adaptação e as medidas de mitigação. De um lado a perspectiva de mitigação é basicamente centrada no financiamento e fortalecimento de iniciativas que

diminuam a emissão de gases de efeito estufa ou que contribuam para o aprisionamento de CO<sub>2</sub> atmosférico; por outro lado, a perspectiva de adaptação se refere às ações que podem fortalecer a resiliência socioecológica de cidades, países e comunidades locais – nesta linha encontramos práticas como a agroecologia, certas obras (como a contenção de encostas, construção de diques e barreiras, sistemas de irrigação, adoção de espécies agrícolas resistentes etc), investimentos em infraestrutura para o enfrentamento das mudanças climáticas, fortalecimento da economia local, e a avaliação destas ações. Assim, as comunidades locais podem se beneficiar especialmente a partir da implementação de ações de adaptação às mudanças climáticas, de modo a fortalecer a resiliência socioecológica destas populações e garantir sua sobrevivência, bem como a manutenção de seus modos de vida, e conseqüentemente permitir sua permanência em seus territórios a longo prazo.

Santilli (2010), refletindo sobre os possíveis impactos das Mudanças Climáticas sobre a Agrobiodiversidade<sup>6</sup> brasileira, ressalta: a perda de habitats e transformações ambientais radicais – com destaque às regiões costeiras que podem ser drasticamente afetadas, previsões de savanização para regiões Amazônicas, aridização da caatinga etc; aumento da incidência de doenças infecciosas como dengue, malária e chikungunya; os próprios eventos climáticos extremos apresentam efeitos diretos sobre a biodiversidade etc.

Em um dos relatórios mais recentes do IPCC, intitulado “Alerta dos Cientistas Mundiais sobre a Emergência Climática”, 11.258 cientistas concluem que a gravidade do ritmo de avanço das Mudanças Climáticas nos obriga, enquanto humanidade, a decretar um estado de Emergência Climática<sup>7</sup>. Trata-se de uma nova tentativa da comunidade científica de convencer líderes mundiais a se comprometerem com a causa do Aquecimento Global, investindo no planejamento, remediação e obras de infraestrutura para prevenção de desastres relacionados aos efeitos das Mudanças Climáticas.

E é justamente neste sentido que precisamos entender que apesar dos esforços dos cientistas em produzir uma compreensão do grande público acerca dos possíveis impactos das mudanças climáticas, e conseqüentemente das ações necessárias para amenizar tais efeitos, ou

---

<sup>6</sup> De acordo com a autora (SANTILLI, 2010) o termo “agrobiodiversidade, ou diversidade agrícola, constitui uma parte importante da biodiversidade, e engloba todos os elementos que interagem na produção agrícola” (p.165)

<sup>7</sup> Reportagem publicada no Jornal Folha de São Paulo comentando o relatório do IPCC e discutindo a situação de “emergência climática” decretada pelos cientistas. Ver em: <  
<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/11/mais-de-11-mil-cientistas-de-todo-o-mundo-decretam-emergencia-climatica.shtml>>

mesmo para preveni-los ou minimizá-los, ainda assim, as decisões sobre tais ações em geral cabem aos políticos – que por vezes estão vinculados a agendas ideológicas que assumem posturas contrárias as recomendações da comunidade científica, em certos casos inclusive adotando posições negacionistas e anti-científicas. Por isso, torna-se imprescindível que a opinião pública atue pressionando tais tomadores de decisões para que possam assumir as responsabilidades perante a esta crise planetária. Quanto a isto, Santilli, Carvalho e Nepstad (2002) recordam que as Mudanças Climáticas passaram a gerar maior preocupação sobre a população global, e em especial a brasileira, a partir de meados da década de 1990, quando:

A ocorrência em maior intensidade do fenômeno *El Niño*<sup>8</sup>, com perturbações crescentes no regime de secas e de enchentes em diversas regiões do país, fortaleceram a percepção, na opinião pública brasileira, da efetividade das mudanças climáticas globais, das suas causas antrópicas e dos seus impactos locais, apesar de não existir nenhum programa oficial de informação de massa sobre o tema. (p. 58)

Nesta mesma linha de pensamento, mas apontando para outras consequências das crises ambientais das últimas décadas do século XX, Ribeiro e Galizoni (2003) reafirmam que:

A percepção de que os recursos naturais eram finitos começou a manifestar-se no Brasil sob a forma de crises que atingiram atividades agrícolas: *falta de chuvas, perdas de safras, quedas de produtividade, migrações do meio rural para povoados, decadência de áreas produtivas*. Estas circunstâncias, que mostravam os limites das técnicas agrícolas para produzir com independência do ambiente, estimularam reflexões que cresceram no correr dos anos 1980 e 1990, e a água, mais que outros recursos, tornou-se objeto de atenção. (p. 133)

Dias (2014) destaca que os eventos climáticos extremos costumam estar conectados a eventos de instabilidade do clima global, de modo que normalmente tais eventos ocorrem de maneira aparentemente relacionada a efeitos verificados em outras partes do mundo; também explica que os principais fenômenos causadores de eventos climáticos extremos são o El Niño e La Niña; porém pontua que não são os únicos fenômenos que podem desencadear tais eventos, e cita também, como exemplos, variações nas temperaturas dos oceanos e variabilidade de correntes marítimas. Dias (2014) resume:

[...] Secas e enchentes, extremos de frio e de calor [costumam estar] associados a padrões conhecidos como El Niño e La Niña, mas também existem padrões ainda muito pouco conhecidos e que ocorrem em associação a situações esperadas num contexto de mudanças climáticas globais. A previsibilidade dos extremos climáticos e a comunicação dos fenômenos

---

<sup>8</sup> Fenômeno de aquecimento anormal da superfície das águas do Oceano Pacífico que influencia o clima regional e global, sobretudo interferindo nos regimes de chuvas.

associados para os diversos usuários são ainda uma prioridade que exige abordagem multidisciplinar. (p.34)

Sobre a aparente interconexão climática existente entre as diferentes regiões do planeta, Dias (2014) pondera:

[...][A] o mesmo tempo em que a Região Sudeste do Brasil passava por uma seca sem precedentes nos últimos 80 anos, as notícias no mundo eram de inundações na Inglaterra, nevascas na América do Norte e calor acima do normal para o sudeste da Rússia. Seriam eventos isolados? Ou um padrão global provocaria esses extremos de diversas formas pelo mundo? (p. 36)

Ainda quanto aos eventos climáticos extremos, Santilli (2010) destaca que estes também afetam diretamente a saúde humana, “provocando traumas físicos e psicológicos” (p 163), bem como:

[...] Geram ainda refugiados ambientais, que são populações obrigadas a deixar seus locais de origem em virtude de catástrofes ambientais, levando algumas organizações de defesa dos direitos humanos a defender que os “refugiados do clima” devem ter o mesmo tratamento dos que pedem asilo político ou se refugiam de guerra. (p. 163).

Reboita e colaboradores (2018) realizaram um estudo onde desenvolveram projeções de temperatura do ar e precipitação para o estado de Minas Gerais, até o final do presente século, obtidas com o modelo climático regional RegCM4, chegando a conclusão de que:

O presente estudo projeta para 2070-2095: (a) aumento da temperatura do ar em todo o Estado, que pode chegar a 5°C, (b) aumento do total sazonal da precipitação no verão e redução no inverno, (c) aumento do volume de chuva em eventos extremos de precipitação, exceto no inverno, (d) redução do número de dias úmidos entre o outono e a primavera e (e) aumento do número de dias consecutivos secos em todas as estações do ano. Esse estudo pode servir como guia para a tomada de decisões no Estado de MG frente às mudanças climáticas. (p. 123-124).

Com relação as projeções dos impactos das tendências globais de Mudanças Climáticas sobre o contexto climático específico do Vale do Jequitinhonha, Natividade, Garcia e Torres (2017) destacam que é esperado que a situação da seca na região se agrave nas próximas décadas, podendo piorar a situação de “falta de água, aumentando a duração ou a intensidade da estação da seca” (p.610)

Assim, em um contexto de Mudanças Climáticas o clima torna-se cada vez mais instável e eventos climáticos extremos (tais como secas e enchentes) tendem a ocorrer com maior frequência (MARENGO SHCAFFER, PINTO, ZEE, 2009; MARENGO, 2015). Tais alterações no clima acabam por ocasionar desastres que atingem com mais intensidade as comunidades que estabelecem relações de maior proximidade e dependência do meio natural, tais como povos tradicionais e comunidades rurais que, muitas vezes, se encontram em situações de vulnerabilidade diante destas situações de desastres (BARBIERI, 2011; MALUF, ROSA, 2011; BARBIER, HOCHARD, 2018). Por outro lado, é preciso destacar que, além de tais populações se encontrarem em posições de vulnerabilidade diante das Mudanças Climáticas, em muitos casos, não se veem representadas nos debates e estudos acerca das transformações ambientais vivenciadas em seus territórios (BARBIERI, 2011; MALUF, ROSA, 2011; ABREU, 2013; SCANDRETT, 2016). Assim, essa discussão acabou por dar argumentos para o surgimento de um Movimento Global por Justiça Ambiental (MOHAI, PELLOW, ROBERTS, 2009; ACSELRAD, 2010) e um movimento por Justiça Climática (MARTINEZ-ALIER, 2015; SCANDRETT, 2016).

Especificamente com relação ao modo como os desastres são entendidos e classificados no Brasil, o Ministério da Integração Nacional<sup>9</sup> em parceria com a Secretaria Nacional de Defesa Civil (2012) produziram um documento referente à Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE), que separa os desastres em Naturais e Tecnológicos, sendo que entre os desastres classificados como Naturais são assinalados: os de origem geológica, incluindo terremotos (tremores de terra ou tsunamis), erupções vulcânicas, movimentos de massa (quedas, tombamentos e rolamentos, deslizamentos, corridas de massa e subsidências e colapsos), erosões (erosão costeira/marinha, erosão de margem fluvial, erosão continental); os de origem hidrológica - que são especialmente importantes para o contexto do presente trabalho -, que englobam as inundações, enxurradas e alagamentos; os de origem meteorológica – também de grande relevância para o presente estudo – que incluem os sistemas de grande escala/escala regional (ciclones, frentes frias/de convergência), tempestades (que entre seus subtipos incluem os tornados, tempestades de raios, granizo, chuvas intensas e vendavais), eventos de temperaturas extremas (ondas de calor e ondas de frio); os de origem climatológica – que também apresenta uma importância central no presente trabalho – abrangem as secas

---

<sup>9</sup> Órgão ministerial criado em 1999 e extinto em 2019, quando foi fundido ao Ministério das Cidades e levou a criação do Ministério do Desenvolvimento Regional.

(estiagem, seca, incêndio florestal, baixa umidade do ar); ainda dentro dos desastres naturais temos os de origem Biológica, que incluem as epidemias (doenças infecciosas virais<sup>10</sup>, doenças infecciosas bacterianas, doenças infecciosas parasíticas, doenças infecciosas fúngicas) e as infestações/pragas (infestações de animais, infestações de algas e outras infestações).

Mas apesar desta classificação oficial apresentada pela Secretaria Nacional de Defesa Civil trazer uma separação dos desastres entre Naturais e Tecnológicos (ou antrópicos), devemos problematizar a concepção de “desastres naturais”, uma vez que tal noção deriva diretamente da ideia de *hazards*, que basicamente podem ser entendidos como eventos potencialmente perigosos (incluindo fenômenos naturais como enchentes, tufões, tornados, secas prolongadas etc) quando ocorrem em regiões habitadas e, conseqüentemente, de interesse humano (FAVERO; DIESEL, 2008). Isto quer dizer que tais eventos só se caracterizam como desastres de fato a partir do momento em que sua ocorrência se dá em regiões que podem afetar seres humanos, mas quando ocorrem em áreas inabitadas são apenas tratados como perigos, ou seja, dependendo de seu local de ocorrência podem passar despercebidos ou não apresentar riscos a populações humanas. Nesta linha, Favero e Diesel (2008) frizam que é preciso problematizar tais categorias no sentido de que:

[...] há que se desmistificar a concepção ainda em voga de que os desastres ditos “naturais” fogem totalmente ao controle humano. Ainda que estes sejam relativamente imprevisíveis e que humanamente não se consiga evitar sua ocorrência o que leva os afetados a sensação de perda de controle, sabe-se que a dimensão de suas conseqüências (catastróficas ou não) depende e muito das ações do homem sobre o ambiente, as quais podem e devem contribuir para reduzir sua vulnerabilidade social aos riscos ambientais. (p. 207)

Em outras palavras, Marangola Jr e Hoogan (2004) assinalam que:

Todos estes fenômenos são eventos, não raro, eventos extremos, que rompem um ciclo ou um ritmo de ocorrência dos fenômenos naturais, sejam estes geológicos, atmosféricos ou na interface destes. Contudo, não serão todos os terremotos ou furacões que serão considerados hazards, mas, como mostra White, apenas aqueles que estão em relação ou ocorrendo em áreas ocupadas pelo homem, gerando danos, perdas e colocando em perigo estas populações. É por isso que um hazard não é natural em si, mas trata-se de um evento que ocorre na interface sociedade-natureza. (p. 98)

Foco deste projeto, o município de Chapada do Norte (MG), localizado no Vale do Jequitinhonha, encontra-se em uma área do semiárido mineiro caracterizada por um clima de extremos, apresentando prolongados períodos de seca e, por outro lado, durante o período

---

<sup>10</sup> Como é o caso da Pandemia de Covid-19 vivenciada durante a realização do presente estudo.



úmido as comunidades tendem a ser afetadas pelas fortes chuvas. Diante deste contexto as populações locais desenvolveram conhecimentos e práticas no sentido de auxiliar na sobrevivência em meio a tais eventos climáticos, aprendendo a lidar com o clima e desenvolvendo estratégias para superar os traumas causados por desastres, que ficaram registradas na memória da população local e apresentam uma influência direta na conformação das identidades culturais destas comunidades. Portanto, tais memórias guardam detalhes sobre as relações estabelecidas entre as culturas locais e a natureza, representando as bases culturais e ecológicas que constituem parte da identidade cultural destes grupos e que, portanto, podem ser entendidas como Memórias Bioculturais (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2015) que, por sua vez, podem auxiliar na compreensão das condições de resiliência socioecológica destas populações (ANDRADE, 2011; BUSCHBACHER, 2014).

Sobre essa dimensão da resiliência de comunidades às transformações ambientais e, especificamente às mudanças climáticas, Edgar González Gaudiano (2017), ao ser questionado sobre as adaptações necessárias para a construção de alternativas de enfrentamento às mudanças climáticas junto à grupos minoritários e vulneráveis, sugere que:

Empecemos a trabajar en la forma de fortalecer la resiliência social, sobre todo de las comunidades más vulnerables, como las costeras, las que sufren de sequias extremas o las que se encuentran ubicadas em los márgenes de ríos de respuesta rápida, por ejemplo. Para que las comunidades adquieran capacidades para recuperarse más pronto y mejor de los impactos que reciben cada vez más frecuentemente, y, así, no tengan que atenerse a la ayuda gubernamental o de solidaridad social, que no suele llegar a tempo ni em la medida de las necesidades. (p. 95)

Portanto, o objeto de estudo deste trabalho são as memórias e percepções de comunidades do Vale do Jequitinhonha acerca das relações estabelecidas entre as comunidades locais e a natureza ao longo do tempo, bem como, especificamente, as narrativas de suas vivências com eventos climáticos extremos e, de maneira ainda mais geral, as crises psicossocioambientais vivenciadas ao longo do tempo. Deste modo, este trabalho pretende discutir a importância dos saberes locais e da memória biocultural acerca das percepções sobre as mudanças climáticas e crises psicossocioambientais vivenciadas localmente, em comunidades do Vale do Jequitinhonha marcadas pelo clima de extremos, bem como por uma série de experiências de dificuldades vivenciadas ao longo de suas histórias. Assim sendo, o projeto parte da hipótese de que as comunidades do Vale do Jequitinhonha possuem uma

memória, que é Biocultural, que armazena informações acerca das experiências climáticas e de crises psicossocioambientais vivenciadas por estas populações ao longo do tempo.

Entendendo as questões socioambientais enquanto um problema complexo, este estudo propõe uma articulação entre metodologias provenientes de diferentes áreas do conhecimento, num esforço interdisciplinar e interparadigmático para produzir um olhar integrador e abrangente das relações entre o Clima e a memória de comunidades. Portanto, a proposta metodológica apresenta uma série de influências, de diferentes campos disciplinares, incluindo: Antropologia, Psicologia, Sociologia, Educação, Estudos Culturais, Estudos de Memória, Ciências Ambientais, Geografia, História etc. Com relação a abordagem teórica, este trabalho se baseia em uma perspectiva da Teoria Social Crítica em diálogo com os campos da Ecologia Política, da Educação Ambiental Crítica, da Justiça Climática e dos Estudos Culturais Críticos Latinoamericanos.

Quanto aos métodos e técnicas escolhidos, o estudo buscou inspiração a partir da perspectiva da Pesquisa Participante Latinoamericana (BORDA, 1991, 1994; BRANDÃO, STRECK, 2009; BRANDÃO, BORGES, 2007), envolvendo as comunidades na construção do projeto de estudo, e estimulando a participação das mesmas em todas as etapas do mesmo. Trata-se, portanto, de uma tentativa de seguir por um paradigma científico alternativo (FALS BORDA, 2015), tecido a partir de uma conjunção entre saberes populares e conhecimentos científicos.

Os participantes foram eleitos por critério de identificação social, sendo indicados pelas próprias comunidades como sujeitos-chave, por terem vivenciado situações de eventos climáticos extremos, ou por terem testemunhado determinado acontecimento relevante para a trajetória destas populações. Uma vez identificados os participantes foram realizadas entrevistas narrativas (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; MUYLAERT et al, 2014) com tais sujeitos, a fim de identificar suas memórias bioculturais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015) e histórias de vida (HAGUETTE, 2007) em torno dos eventos climáticos, que foram combinadas para formar um mosaico (BECKER, 1999), numa tentativa de compreender a realidade local.

Os encontros e entrevistas com os moradores foram registrados em vídeo, áudio e anotações de caderno de campo. Além disso, como uma característica ética própria da pesquisa participante, o estudo assume um caráter de investigação-educativa, onde o pesquisador torna-se um educador comprometido com o retorno das descobertas para as comunidades. Neste

sentido, o material resultante desta tese servirá de base para a realização de encontros com as comunidades no formato de oficinas, seminários e palestras, voltados a estimular a formação de pesquisadores locais e devolver os resultados da investigação para a população local.

Portanto, este trabalho parte dos prognósticos dos estudos do clima, em especial das projeções do IPCC a respeito da tendência de aumento da imprevisibilidade climática - e consequentemente da incidência de eventos climáticos extremos e dos desastres -, levando em conta que tais cenários nos apontam para uma realidade que em muitos aspectos já foi vivenciada pelas populações do Vale do Jequitinhonha, que historicamente têm convivido com um clima de grandes variações. Deste modo, as narrativas de memórias destas comunidades podem nos revelar lições a respeito destes acontecimentos, sendo a opção por este caminho teórico-metodológico parte de uma busca por abordagens acadêmicas mais sensíveis aos viventes do lugar, com suas culturas e saberes próprios.

O estudo considera ainda que a memória biocultural das comunidades abriga um arcabouço de conhecimentos, representando o que Orlando Fals Borda (1994) chamaria de uma Ciência Popular, que poderia ser empregada para pensar o planejamento e a gestão do território e de seus recursos naturais, de uma forma contextualizada à cultura e aos saberes locais das comunidades, capaz de aliar saber popular e saber científico com vistas a produzir um encontro de saberes. Tal memória biocultural poderia ainda ser empregada para auxiliar na reconstrução da História Ambiental (LEFF, 2003; MOSLEY, 2006) da região, conectando a história da sociedade e a história da natureza. Além disso, este trabalho indica o movimento por Justiça Ambiental e Justiça Climática como um caminho possível para garantir a luta pela permanência das populações tradicionais e comunidades locais em seus territórios de direito.

Santos, Pereira e Andrade (2007) pontuam que:

Além de modificar o ambiente o ser humano, através das experiências acumuladas, possui a capacidade de aprimorar suas técnicas, utilizando-se em benefício próprio e do ecossistema. Se, com a eclosão da consciência ambiental, o homem era visto como um vilão, com o surgimento de uma etnociência reconheceu-se a contribuição que as populações locais podem oferecer à manutenção da biodiversidade biológica (p. 67)

Este trabalho considera ainda que o estudo sobre as percepções locais, a memória biocultural, e o debate em torno das populações em condições de vulnerabilidade e, ao mesmo tempo de potência diante de um histórico de sobrevivência em meio a múltiplas crises, pode ser útil para a elaboração de políticas públicas, práticas pedagógicas, além de ações de intervenção

de um modo geral, capazes de atender as demandas das comunidades e pensar ações contextualizadas às realidades locais. Assim sendo, destaca-se que estudos desta natureza se tornam cada vez mais relevantes diante da realidade de um agravamento das mudanças climáticas e, conseqüente prejuízo sobre as populações em condição de vulnerabilidade socioambiental. Para tanto, a presente tese se propõe a refletir sobre o papel das narrativas de memórias comunitárias para uma Psicossociologia Ambiental Comunitária, pensada a partir de uma perspectiva de Pesquisa Participante, e com forte influência da Educação Popular latino-americana.

Portanto, em termos de relevância social, o estudo prevê um aprofundamento da compreensão da história social e ambiental das comunidades participantes; além de se propor a mapear os saberes locais em torno das ciências populares no clima (etnoclimatologia) e do tempo (etnometeorologia); bem como destacando, em especial, o histórico de desastres vivenciados neste território; que podem servir, inclusive, para fundamentar uma perspectiva de educação comunitária atenta as especificidades e necessidades desta população e deste território.

Assim, uma Psicossociologia Ambiental Comunitária teria como mote compreender as complexidades psicossocioambientais envolvidas nas relações de comunidades com o meio ambiente, e, neste caso, ao considerarmos o contexto socioclimático do Vale do Jequitinhonha, destacamos o potencial de pensar uma abordagem psicossociológica para investigações sobre história ambiental, mudanças climáticas e impactos Socioambientais vivenciados pela relação com os eventos climáticos extremos que caracterizam este território – sendo assim, tal proposta aproximaria a Psicossociologia de Comunidades dos estudos em Etnoclimatologia e Etnometeorologia.

Nessa terra, a natureza tem memória, e, mesmo que durante boa parte do ano a paisagem revele um campo de desolação, cujos galhos secos e retorcidos do cerrado não permitem a presença de uma mísera folhagem, amarelada que seja, mas, ao chegar das primeiras gotas despejadas pelas nuvens (que a meteorologia já avisou ao sertanejo, por coincidência ou não, ser enviada pelos ventos do Espírito Santo), a paisagem se inunda de novas cores e esperança. O verde brota, de forma misteriosa, assim como cogumelos surgem no jardim após uma manhã de orvalho. Logo, surgem também pitadas de amarelo, cor predominante entre as flores da região e, na sequência, os céus são inundados de pássaros e suas cantorias de alívio em agradecimento às bênçãos da natureza. Mas é impressionante ao olhar de quem vê como

essa memória da natureza opera diante de nossos olhares atônitos. O recolorir da paisagem é fruto de uma memória que a biodiversidade estabeleceu em relação ao clima.

Assim como as árvores guardam memórias em seu interior na forma de anéis que revelam ao olhar treinado os períodos chuvosos ou secos ao longo da história da relação daquele indivíduo com a natureza, os sertanejos se lembram das chuvas e das secas, as plantas também se recordam, e registram tais recordações na forma de anéis de memória climática, que se expressam em seu próprio cerne. Enquanto a raiz estiver ancorada na terra as memórias são capazes de resistir e rebrotar diante de condições favoráveis. A serração invade os campos e esconde a vista do viajante. Neblina espessa que sai das árvores e que os antigos dizem estar cada vez mais rara. A visão fica turva, o branco ocupa, é sentir-se dentro de uma nuvem. As brumas do Jequitinhonha tornando-se raras? Seria efeito de mudanças planetárias ou das mudanças ambientais vivenciadas na região? Como as comunidades narram tais mudanças e o que tais narrativas podem nos revelar? Até que ponto as mudanças climáticas podem afetar a memória da paisagem?

Com relação a organização deste estudo, após a introdução e apresentação dos objetivos da pesquisa partimos para um capítulo de caracterização do campo, apresentando reflexões sobre a formação histórica, cultural e socioambiental do Vale do Jequitinhonha e do município de Chapada do Norte; na sequência, apresentamos um capítulo de revisão teórica – trazendo as reflexões necessárias para a construção de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária, introduzindo os principais conceitos e discussões a serem trabalhados pelo estudo; depois, apresentamos a proposta teórico-metodológica da investigação, incluindo as reflexões sobre a identificação dos participantes, os procedimentos éticos adotados, os debates em torno de entrevistas narrativas e histórias de vida, as intenções de retorno educativo da pesquisa, as propostas de registros e de análises; então partimos para um capítulo que reflete o processo de reencontro com as comunidades, apresentando uma espécie de diário de memórias da pesquisa; e seguimos para uma breve reflexão sobre o contexto global e possíveis implicações para a pesquisa.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo geral**

Investigar as narrativas de memórias de comunidades do município de Chapada do Norte, a fim de compreender como se constituem as relações das comunidades do Vale do Jequitinhonha com o ambiente da região e, em especial, refletir sobre o papel do clima e das crises vivenciadas localmente para a conformação dos sentidos de comunidade neste contexto.

### **2.2. Objetivos específicos**

Entre os objetivos específicos da pesquisa, destaco: 1) Identificar as transformações ambientais e o histórico climático desta região a partir das narrativas de memórias das comunidades; 2) Reconhecer os mestres da ciência popular do clima, representantes dos saberes locais e guardiões de memórias bioculturais destas comunidades; 3) Identificar as formas de organização das comunidades do Vale do Jequitinhonha diante de crises e desastres; 4) Refletir sobre as redes de solidariedade, os elos comunitários e os sentidos de comunidade estabelecidos a partir das experiências com eventos climáticos extremos vivenciadas localmente; 5) Compreender a complexidade psicossocioambiental da região em relação com a história ambiental deste território.

### 3. CONTEXTO DA PESQUISA: O VALE DO JEQUITINHONHA

*Você que anda com o pé rachado e com a palha atrás da orelha  
Com a aba do chapéu na testa e se vira da noite pro dia*

*Você que banha no Fanado e que tira ouro de bateia  
Que faz da vida uma festa e adora falar poesia*

*Desculpe seu doutor, mas receba os cumprimentos meus  
Eu fico com a filosofia do mestre João de Deus*

*A saudade me maltrata e me faz olhar no calendário  
Pra ver se faltam poucos dias pra ouvir o tambor do Rosário*

*Vale que vale cantar  
Vale que vale viver  
Vale do Jequitinhonha  
Vale eu amo você*

Canção “Jequitivale”, composição de Verono.

O Vale do rio Jequitinhonha compreende o território que se estende da Serra do Espinhaço, no coração de Minas Gerais, ao extremo sul da Bahia, onde o rio Jequitinhonha desagua, na cidade de Belmonte. Ao mesmo tempo, o Vale do Jequitinhonha representa uma das áreas de planejamento do território mineiro; é tido como uma das 12 Mesorregiões do Estado de Minas Gerais, com uma área aproximada de 85.000 km<sup>2</sup>, abarcando 55 municípios distribuídos por 7 Microrregiões; que por sua vez são divididas em 3 áreas (Baixo, Médio e Alto Jequitinhonha), sendo lar de cerca de 1 milhão de habitantes (IBGE, 2010). Portanto, é preciso reconhecer, logo de cara, que a compreensão do Vale depende do recorte em questão, algo que é reforçado por diferentes autores (PESSOA, 2012; SOUZA, 2010a) que apontam para esta diversidade de divisões, organizações e fronteiras definidas em relação a este território.

Com relação aos diferentes recortes de organização e divisão deste território, Souza (2010a) coloca que o Vale pode ser entendido: 1) enquanto região IX de planejamento do estado

de Minas Gerais (denominada região do Jequitinhonha e Mucuri) – a partir da divisão do território mineiro efetivada em 1993 a partir da lei 1.590 de 26/08/1993, que dividiu os municípios de Minas Gerais em 10 regiões de planejamento, sendo originalmente composta por 53 municípios e representando cerca de 10,5% do território do estado; 2) como o Vale do Jequitinhonha oficial – associado a área de atuação da CODEVALE, que equivale a um total de 80 municípios; 3) como Microrregiões geográficas – o que ocorreu a partir de 1990 a partir de alterações nas resoluções do IBGE, que dividiu o Vale em 9 microrregiões, incluindo Salinas, Grão Mogol, Araçuaí, Pedra Azul, Almenara, Diamantina, Teófilo Otoni, Nanuque e Capelinha (que recebe o código de Microrregião nº 11, a qual o município de Chapada do Norte faz parte); enquanto Associações de Municípios – onde são divididos por quatro associações, Associação do Alto Jequitinhonha (AMAJE), Associação do Médio Jequitinhonha (AMEJE) (que inclui o município de Chapada), Associação do Baixo Jequitinhonha (AMBAJE) e Associação do Vale do Mucuri (AMUC); e ainda enquanto Mesovales, englobando, para além do território mineiro, trechos pertencentes aos estados de Espírito Santo e Bahia – em Minas são consideradas 7 mesorregiões, que levam em conta Almenara, Araçuaí, Capelinha (onde se encontra Chapada do Norte), Diamantina, Nanuque, Pedra Azul e Teófilo Otoni, no Espírito Santo encontram-se as mesorregiões de Montanha e São Mateus e na Bahia a mesorregião de Porto Seguro.

Quanto à ocupação do alto Jequitinhonha pelo projeto colonizador, tal entrada ocorreu, de maneira mais efetiva a partir do século XVIII, por meio da descoberta de ouro e pedras preciosas na região, por bandeirantes paulistas, sertanistas e aventureiros que se embrenhavam nestas matas repletas de índios (RIBEIRO, 1996; PEREIRA, 1996), porém as expedições colonizadoras sobre este território datam de períodos anteriores (JARDIM, 1998; SOUZA, 2010a). Souza (2010a) destaca que tal ocupação teve sua origem a partir da atratividade das riquezas minerais, mas não se limitou a esta, tendo também uma forte influência do avanço da pecuária nesta região do território colonial.

Sobre os primeiros habitantes desta região, Jardim (1998) e Carvalho (2010) contam que entre os povos originários deste território encontravam-se os que ficaram conhecidos como Botocudos, que eram muito temidos pelos brancos por sua incansável resistência ao projeto colonizador, bem como por suas flechas e táticas de emboscadas. Sobre estes nativos, Carvalho (2010), remetendo-se aos registros de viagens do naturalista Saint-Hillaire (2000), destaca que tais povos se autodenominavam *Crecmuns*, tanto nas áreas da Bacia do Rio Jequitinhonha,



como na do Rio Doce – e que constituíam diferentes subgrupos pertencentes a uma única família: os Aimorés. Sobre os modos de vida destes grupos, Carvalho (2010) conta, a partir dos documentos deixados pelos naturalistas que passaram pela região, que tais povos possuíam vasto conhecimento sobre a biodiversidade local e relata algumas impressões deixadas pelos viajantes a partir de seus registros de viagens, que entre outras coisas frisavam as práticas educativas destes povos, que transmitiam desde cedo os saberes necessários para a sobrevivência das novas gerações e de suas culturas. O autor (CARVALHO, 2010) destaca ainda o fato de tais etnias serem consideradas altamente territorialistas, apontando que:

Cada líder Botocudo tinha um domínio determinado dentro da floresta e trazia consigo e para seu grupo o usufruto dos alimentos e caças que esta área permitisse, impedindo que qualquer outro grupo ultrapassasse seus domínios. Os Botocudos gostam do período da seca, pois é o período do amadurecimento das sapucaias e dos cocos. Nessa ocasião, se afastam das margens do rio Jequitinhonha para ir para as florestas em busca da sapucaia e para as montanhas em busca dos cocos. Usam cansanção como erva medicinal, esfregando pelo corpo. (p. 178)

Carvalho (2010) nos introduz a uma lenda do povo Puri que vivia nesta área, e que consideravam uma árvore mística como seu meio de proteção espiritual. A “*lenda da Acaiaca*”, como ficou conhecida, se referia a esta árvore mágica protetora que teria sido atacada e destruída pelos colonizadores como uma estratégia para derrotar tais indígenas e dominar seu território, e que, segundo a mitologia nativa, do carvão originado do tronco desta árvore ancestral teriam brotado diamantes, pedras preciosas, bem como uma terrível maldição que caiu sobre as cabeças dos invasores (CARVALHO, 2010). Sobre tal confronto, o mesmo autor (CARVALHO, 2010) ressalta que:

[...] Sedentos por ouro e pedras preciosas, os colonizadores levaram a diante a destruição do meio natural e dos povos que faziam deste habitat seu meio de vida. De certa maneira, *a lenda sintetiza o processo histórico de formação dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como o ataque violento aos povos indígenas e a devastação quase completa dos recursos naturais da localidade* (p. 165, grifos meus).

Porém, apesar do controle deste território ter sido efetivado somente a partir do século XVIII, Jardim (1998) e Souza (2010a) apontam que muito antes deste período o Vale já havia sido visitado por uma série de expedições, que desde o primeiro século da ocupação portuguesa nas terras de Santa Cruz já contava com a presença de aventureiros e exploradores que desciam pelo Vale do Rio São Francisco, partindo da Bahia. Entre tais expedições Jardim (1998) e Souza

(2010a) destacam a liderada por Francisco Bruza de Espinosa e pelo jesuíta João Aspiculeta Navarro, que teria saído de Porto Seguro na Bahia ainda no ano de 1553. E para além desta expedição, Souza (2010a) destaca ainda as de Martim Carvalho (1567-1568), a de Sebastião Fernandes Tourinho (1572-1573), Antônio Dias Adorno (1576) e Marcos de Azevedo (1596-1611). Mas foi somente a partir do século XVII que expedições vindas das terras mais ao Sul, incluindo as bandeiras paulistas, alcançaram esta região, entre estas se encontra a expedição de Fernão Dias Pais Leme, que chegou aos Rios Araçuaí e Itamarandiba (SOUZA, 2010a).

Santiago (2010), por sua vez, assinala que:

A colonização do vale do Jequitinhonha teve, portanto, dois grandes momentos bastante distintos: 1) a ocupação do Alto Jequitinhonha e de pequena parte do Médio Jequitinhonha [região onde se encontra o município de Chapada do Norte], no fim do século XVII e ao longo do século XVIII, e 2) a ocupação do Médio e Baixo Jequitinhonha ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX. Essa distância temporal pode ser observada, por exemplo, no estilo arquitetônico e na paisagem, com a preponderância do barroco nas moradias mais antigas do Vale do Jequitinhonha. Estabeleceu, também, a localização geográfica dos núcleos urbanos, que se deu em encostas e no alto de morros na primeira etapa e em baixadas ou à beira de caminhos na segunda. Além disso, traços específicos caracterizam a ocupação rural e a própria cultura popular [...] (p. 79)

Com relação as características ambientais desta região neste período original de ocupação, Ribeiro (1996) nos remete aos relatos dos primeiros viajantes<sup>11</sup> que passaram por aí, e nos legaram uma imagem de uma terra que, embora já fosse castigada pelas secas, era composta por uma densa mata que seguia do sertão mineiro até o litoral “abaixo da barra do Araçuaí, e além das chapadas que repartiam seu vale com o Mucuri, pelo Leste, Sul e Norte, tudo era uma imensa mata, que ia praticamente do Rio de Janeiro a Salvador” (p. 17).

Jardim (1998), assim como Ribeiro (1996), ressalta que esta região possuía uma terra muito fértil, tendo sido encarada como uma espécie de “éden tropical” pela fartura de caças, peixes e pela qualidade do solo. Sobre isto Jardim (1998) comenta que “A terra era boa, excelente mesmo, para a agricultura e os que aí visitavam plantavam algodão, fumo, cana-de-açúcar, milho, feijão, arroz, criavam gado nas imensas pastagens dos vales e se tornavam senhores das terras” (p. 68)

---

<sup>1111</sup> Entre tais viajantes que contribuíram com seus relatos para a compreensão deste contexto encontram-se algumas personalidades ilustres da época, incluindo cientistas naturalistas que passaram pela região e deixaram uma série de registros sobre a realidade histórico-cultural, tais como Pohl, Mawe, Spix, Von Martius e Saint-Hilaire (RIBEIRO, 1996).

Mas de fato, a historiografia da região nos aponta para uma centralidade da atividade mineradora como a principal força motriz da colonização deste território, confirmando o que viria a ser a principal vocação desta terra, inicialmente pertencente a Capitania das Minas dos Matos Gerais (SOUZA, 2010a). Quanto a esta aptidão, os registros históricos assumem que a colonização desta área está especialmente ligada à grande quantidade de ouro de aluvião e diamantes<sup>12</sup> encontrada em alguns rios e córregos da bacia do rio Jequitinhonha – verdadeiros tesouros que brotavam em meio às águas, que logo atraíram a ganancia dos colonizadores – com destaque para as cidades do Serro, Diamantina e Minas Novas (SOUZA, 2003).

De acordo com Ribeiro (1996) os colonos eram atraídos para esta região por conta dos rumores de riquezas, incluindo “[...] [T]erra nova, farta, fértil, sem dono, e as lavouras produziam muito alimento com um gasto mínimo de serviço” (p. 18), mas também tinham objetivos fantasiosos, incluindo verdadeiras promessas de “*Eldorados*”<sup>13</sup>, uma vez que:

[...] Os colonos também acreditavam que lá havia uma imensidão de riquezas ocultas: situavam na divisa de Minas Gerais e Bahia uma dita “Serra das Esmeraldas”, onde as pedrarias afloravam do chão com abundância; falavam de fabulosos tesouros nas “Americanas”, que os índios chamavam de Marambaia [...] (p.18).

Também quanto a tais tesouros lendários, Jardim (1998) nos fala sobre a presença de nativos vestindo amuletos de ouro, diamantes e pedras preciosas multicoloridas que logo atiçaram a cobiça dos colonos, a autora nos conta que:

Os indígenas desciam à costa e davam notícias de fabulosos tesouros, tecendo lendas em torno de uma Serra Resplandecente e da lagoa encantada de Vapabuçu. Isso incitava a cupidez dos litorâneos. Às vezes esses silvícolas traziam pepitas de ouro e pedras coloridas encontradas em seixos à beira dos rios ou rolados das montanhas. Com frequência, eram pendurados no pescoço (p. 75)

Embora nunca tenham encontrado as lendárias cidades de ouro e pedras preciosas dos relatos dos indígenas, sertanistas, bandeirantes e aventureiros localizaram uma enorme quantidade de ouro de aluvião na região do Vale do Jequitinhonha, incluindo a área que hoje corresponde ao município de Minas Novas, e lá fundaram uma série de povoados em torno da

---

<sup>12</sup> Até o início do séc. XVIII a região do Jequitinhonha pertencia à capitania da Bahia, com a descoberta de Diamantes na área que hoje corresponde à Diamantina, a posse de tal território foi transferida para Minas Gerais.

<sup>13</sup> Referência a famosa lenda das cidades de ouro que assombravam o imaginário dos colonizadores da América Espanhola.

mineração, que em pouco tempo atraíram um enorme contingente populacional, incluindo africanos escravizados que eram enviados para servir como a principal mão de obra das minas e garimpos. Quanto a descoberta de ouro nesta região do Vale, Gonçalves e colaboradores (1997) assinalam que “na área de Minas Novas o ouro foi encontrado a princípio nas encostas dos morros no vale do Capivari, nas proximidades de Chapada do Norte e na serra de Itacambira, em rochas do Grupo Macaúbas” (p. 46), explicando que “As jazidas primárias são localmente impregnadas de pirita e turmalina e esporadicamente cortadas por veios de quartzo” (p. 46). Especificamente sobre essas riquezas minerais encontradas nos Vales do Rio Jequitinhonha e do Rio Araçuaí, Gonçalves (1997) alega que “[o] ouro e o diamante ocorrem na forma de depósitos aluviais ao longo dos rios Jequitinhonha e Araçuaí” (p. 46).

Para se ter uma ideia, Jardim (1998) afirma que ainda na primeira metade dos anos de 1500 expedições como a de Filipe de Guillén (1549) teriam confirmado a existência de enormes jazidas de ouro e pedras preciosas no território que viria a ser conhecido como Minas Gerais. E assim, nas próximas décadas seguiu-se uma intensa exploração das lavras da região até que:

A decadência da extração do ouro e do diamante proporcionou à enorme população do Vale do Jequitinhonha um duplo movimento: a passagem para a economia de subsistência, ou a dispersão dessa população em direção às terras que margeiam os rios Jequitinhonha e Araçuaí, onde havia condições para o desenvolvimento da pecuária extensiva. No entanto, o abandono em que se encontravam as atividades agro-pastoris, os métodos rudimentares adotados e, mais do que isto, a contração da renda inviabilizaram ou retardaram atividades agrícolas mais arrojadas, fazendo prevalecer a antiga agricultura de subsistência (RIBEIRO, 1996, p. 16-17)

E foi deste modo que este vasto território, que originalmente pertencia a diferentes etnias indígenas, passou, pouco a pouco, a ser invadido por colonos atraídos pelas notícias dos tesouros desta terra, e logo trouxeram os negros escravizados para atuarem na extração destas riquezas. Souza (2010a) assume que este confronto entre os povos indígenas nativos, os brancos colonizadores e os negros escravizados acabaram conformando a cultura e identidade diversificada do povo mineiro, e destaca que:

Se essa diversidade tem sido exaltada como uma das riquezas do Estado, sua outra face – a desigualdade – tem trazido enormes desafios a todos aqueles que se têm ocupado tanto em “pensar Minas” quanto em elaborar políticas públicas equalizadoras. É diante deste desafio que o Vale do Jequitinhonha tem sistematicamente emergido como “região problema”, cujas imagens a seu respeito, mesmo considerando suas “riquezas culturais”, invariavelmente o apontam como “Vale da Miséria” (p. 12)

Nesta época o transporte do ouro, pedras preciosas e demais riquezas desta terra, incluindo os produtos típicos e víveres produzidos localmente eram feitos por tropeiros e mascates, que saíam da Bahia ou vindos mais do sul da região Sudeste, e que eram os principais responsáveis pelo comércio dos produtos do Vale. Sobre estes personagens, Jardim (1998) lembra que “os mascates portugueses e outros vindos do litoral da Bahia e Rio de Janeiro trazendo bebidas, armas, munições, fazendas sal, querosene, etc, e voltavam levando ouro, pedras e outros produtos nativos, geralmente contrabandeados” (p. 82). Com relação aos contrabandos, é interessante destacar o papel dos salteadores, foragidos, ladrões e contrabandistas destas bandas, inclusive para a conformação e adaptação deste território. Sobre estes podemos inclusive encontrar referências na clássica obra de Guimarães Rosa, que por diversas vezes repete que “o sertão é perigoso”, e o pinta como um terreno perfeito para a atuação de bandidos, bufões e assaltantes – um lugar onde as leis dos homens não era capaz de alcançar.

Sobre os considerados foras-da-lei e jagunços que aterrorizavam esta região, um bando, em especial, se destacava: o comandado pelo terrível Brás Esteves – ligado diretamente ao governador da Bahia -, que tinha como membros os irmãos Francisco e Domingos Dias do Prado, primos do famoso bandeirante Sebastião Leme do Prado, e que tiveram especial importância para a história desta região do Vale, sobretudo por conta das relações que estes estabeleceram com o parente ilustre – mas depois retornamos a estes personagens, pois primeiro precisamos refletir sobre a influência de Leme do Prado para a ocupação de certas áreas do Vale do Jequitinhonha.

Especificamente sobre a região do médio e alto Jequitinhonha – onde se passa esta pesquisa -, destaca-se o papel do bandeirante Sebastião Leme do Prado para o fortalecimento do poder colonial nestas terras, tendo sido responsável pelo estabelecimento de uma série de vilas e cidades neste território (RIBEIRO, 1996; SOUZA, 2010a, 2010b, 2011; JARDIM, 1998). Velloso e Matos (1998) ressaltam que a partir do século XVIII foi se formando uma verdadeira rede de cidades no Vale do Jequitinhonha, sobretudo em torno da necessidade de um maior controle da mineração. Entre as cidades e vilas fundadas por Leme do Prado neste período, enfatizo a que hoje veio a se tornar o Minas Novas, pela sua importância para a formação do município de Chapada do Norte – ao qual o presente trabalho se refere. Sobre isto, Souza (2010b) resalta que:

A efetiva ocupação da região onde se situa o atual município de Minas Novas está intimamente ligada ao nome do sertanista Sebastião Leme do Prado. Ele fazia parte da bandeira de Antônio Soares Ferreira que, partindo de Sabará, no início do século XVIII, desbravou a localidade que viria a ser, a partir de 1714, a Vila do Príncipe, atual cidade de Serro. Depois de desbravada a região vizinha que viria a ser o Tijuco, Leme do Prado se instalou por uns cinco anos no Rio Manso, local onde teria descoberto alguns diamantes e de onde partiu, por volta de 1726, rumo a novas descobertas. Atravessou os chapadões da margem direita do Jequitinhonha e atingiu seus afluentes Itamarandiba, Araçuaí e Fanado. Por ter encontrado num afluente deste último uma surpreendente quantidade de ouro, razão pela qual o local teria recebido o nome de Bom Sucesso, ali se estabeleceu com sua gente. As terras foram logo repartidas e para lá se dirigiu a invocação de São Pedro. O crescimento se deu com extrema rapidez, o que despertou a preocupação do vice-rei, Vasco Fernandes César de Menezes, por causa do esvaziamento dos sertões do Rio das Contas e Jacobina em decorrência dos deslocamentos populacionais em direção aos novos descobertos (p. 29)

Assim, a partir de meados dos anos de 1720 Sebastião Leme do Prado teria fundado o vilarejo de Bom Sucesso às margens do Rio Fanado, que logo cresceu diante da abundância de riquezas da terra (SOUZA, 2010a; RIBEIRO, 1996; JARDIM, 1998). Sobre isto, Souza (2010a) ainda nos lembra que para além da “[...] exploração na confluência do Bom Sucesso com o Fanado, outras minas foram descobertas nas redondezas. A três léguas ao norte, ricas minas foram descobertas no local onde se formaria o arraial de Santa Cruz da Chapada, atualmente Chapada do Norte” (p. 31). Mas retornando a história dos primos do sertanista, Jardim (1998) lembra que estes entre outras coisas atuavam fortemente na mineração clandestina de ouro, destacando que:

Em 1728, D. Sebastião do Prado, sabendo das minerações clandestinas, inclusive de seus primos Domingos Dias do Prado e seu irmão Francisco Dias do Prado, volta ao sertão ao encontro destes, que o recebem como hóspede de honra, mas não lhe reconhecem a autoridade, a jurisdição obtida com o Governador de Minas, alegando que essa região pertencia ao Governo da Bahia e que desde os “papudos”, em 1707, foram declaradas como terras deste governo (p. 70)

A partir daí seguiu-se um impasse que perdurou por cerca de três décadas. Neste contexto, o então governador da Capitania de Minas Gerais enviou correspondências ao Rei de Portugal solicitando que este intercedesse e admitisse que tais terras pertenciam ao mesmo, porém o Rei negou tais suplicas, mantendo este território anexado à Bahia, até que, mais tarde, em virtude das dificuldades de fiscalização, inclusive por conta das grandes distâncias da região à então capital baiana, por decreto real ficou decidido que estas terras voltariam a pertencer a

Minas Gerais, sendo formalmente vinculadas ao distrito Diamantino (JARDIM, 1998; SOUZA, 2010a).

Souza (2011) afirma que a ocupação definitiva deste território só se efetivou a partir do século XIX, com a implantação de uma série de destacamentos militares na região “com a finalidade de civilizar índios, garantir a colonização e garantir o rio contra contrabandos de diamantes” (p. 11). Porém, como Souza (2010a) destaca, já no século XIX relatos de viajantes apontavam que o ciclo do ouro e das pedras preciosas nesta região já estava em franca decadência, a ponto de que “[...] [q]uando Saint-Hilaire passou pela região, em 1817, a exploração do ouro já não era mais a principal ocupação dos habitantes de Minas Novas. O algodão, no entanto, devido à sua excelente qualidade, era bem conhecido pelos comerciantes da Europa” (p. 33).

Graziano e Graziano Neto (1983) alegam que, quanto as características geográficas, o Vale do Jequitinhonha pode ser dividido em duas regiões: a *região mineradora*, localizada nas terras mais altas, numa região especialmente rica em minérios e pedras preciosas em que atualmente predomina o Bioma Cerrado – incluindo a área que atualmente corresponde aos municípios de Diamantina, Minas Novas e Chapada do Norte; além da região dos *geraes*, localizada nas terras baixas e planas, onde a vegetação da caatinga domina as paisagens.

Quanto à realidade hídrica, Camargo (2017), Camargo e Sánchez (2021), Galizoni (2005), Galizoni et al (2010), Ribeiro e Galizoni (2003, 2010), Rodrigues, Miné e Tubaldini (2012), Silva et al (2020) e Graziano e Graziano Neto (1983) ressaltam que as comunidades do Jequitinhonha consideram as fontes de água da região, incluindo rios, córregos e nascentes, como referentes fundamentais para a organização social e estruturação dos sistemas produtivos locais. Sobre isto, Galizoni et al (2010) atentam que “apesar da distribuição irregular de chuvas durante o ano, o Jequitinhonha tem uma situação peculiar no semi-árido: existem nascentes que abastecem boa parte das famílias rurais e são fundamentais para a localização da moradia e da produção familiar” (p. 132). Porém, apesar de apresentarem grande preocupação com a proteção das nascentes, não costumam se engajar na preservação de matas ciliares ou na conservação de rios, barragens e lagos, justamente por acreditarem que a manutenção dos padrões de qualidade desta água escapa de sua alçada – entendendo que por já se encontrar poluído não tem o que fazer – considerando também que seria papel do Estado zelar pela conservação destes recursos (RIBEIRO; GALIZONI, 2003).

Silva et al (2020) assinalam que, no caso dos agricultores do Médio e do Baixo Jequitinhonha, observa-se um grande esforço por parte das comunidades e movimentos sociais atuantes na região no sentido de garantir o abastecimento das populações locais, porém, apesar destas iniciativas ainda assim não é possível garantir a produção agrícola nos períodos da seca, de modo que ainda hoje estas populações acabam vulneráveis ao clientelismo. Apesar disso, os mesmos (SILVA et al, 2020) destacam que as cisternas de captação de águas da chuva são especialmente importantes para as comunidades locais, inclusive no sentido de contribuírem para “minar o clientelismo” (p. 19).

Diante deste cenário, Galizoni et al (2020) assinalam que a escala municipal ainda consiste na melhor escala para se pensar o abastecimento, uma vez que é nesta que se realizam as principais ações e programas que visam garantir o acesso à água, porém, ao mesmo tempo, assumem que é também neste âmbito que “se revelam os aspectos mais dramáticos da escassez da água e da gestão da privação” (p. 72), pontuando que:

Nos períodos de estiagem do Jequitinhonha, longos ou aqueles corriqueiros de todo ano, é precária a gestão pública das águas. Apesar das secas recorrentes, para as famílias rurais dessa porção do Semiárido mineiro o acesso à água sempre é negociado com muita dificuldade. (p. 72)

Galizoni et al (2020) também fazem referência ao trabalho de Silva et al (2020) produzindo um quadro que sistematiza as principais fontes de abastecimento obtidas por meio da implementação de políticas públicas na região, a saber: P1MC, também conhecido como Programa Um Milhão de Cisternas, relacionado ao Programa de Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, sendo uma iniciativa desenvolvida pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) que constroem cisternas de 16 mil litros acopladas a calhas que são colocadas nos telhados das casas; P1+2, também chamado Programa Uma Terra e Duas Águas, também coordenado pela ASA, que promove a construção de cisternas de 52 mil litros voltadas a produção agrícola e dessedentação de animais; o Programa Água para Todos, sendo uma iniciativa do governo federal (Decreto nº 7 535, de 26 de julho de 2011) e compreende a distribuição de caixas de 16 mil litros; Caminhões pipa, que consistem as principais medidas emergenciais adotadas pelas prefeituras locais para enfrentar a escassez de água de forma paliativa; Poços Artesianos, que costumam ser furados pelas prefeituras, pelas companhias de abastecimento de água e esgoto da região (COPASA e COPANOR), bem como por particulares; e Barraginhas, que compreendem pequenas represas, que são relacionadas as prefeituras municipais, bem como contam com parcerias com a EMBRAPA e FIAT automóveis para sua



promoção. Atualmente algumas destas medidas foram descontinuadas na região, sendo em muitos casos promovidas pela atuação e consultorias do CAV.

O clima do Jequitinhonha apresenta períodos bem pontuados de secas e chuvas. Especificamente com relação às comunidades de Chapada do Norte, ao longo das gerações a convivência com o território permitiu que essas populações produzissem uma série de conhecimentos a respeito do clima da região, a ponto de possibilitar, por exemplo, a construção de calendários climáticos, capazes de auxiliar na organização de eventos comunitários e das atividades agrícolas - algo que foi documentado e debatido por Camargo (2017) e Camargo e Sánchez (2021). Parte destes conhecimentos dizem respeito a percepção de que o clima local é razoavelmente previsível, seja por meio da observação de padrões que se repetem, seja pelo reconhecimento de indicativos e sinais da própria natureza; a cultura sertaneja do Jequitinhonha demonstra conhecer o clima da região, e as memórias dos próprios moradores locais, testemunhas destes eventos do clima e guardiões destes saberes comunitários, atestam que o tempo e o clima estão mudando, que a realidade climática e hídrica da região está sendo transformada (CAMARGO, 2017).

Ainda sobre as memórias dos moradores deste território a respeito do clima local, Camargo (2017) revelou que os nativos de Chapada do Norte relatam um fator que segundo Souza (2010a) pode ser considerado como uma característica comum em toda a região do Vale do Jequitinhonha, conformando “[...] uma realidade de difícil enfrentamento, que marca profundamente a vida de quem experimentou e a memória dos seus descendentes” (SOUZA, 2010a, p. 38), ao que este autor prossegue afirmando que “[...] [q]ualquer pessoa dessa região é capaz de se referir aos anos terminados em 9 com grande preocupação” (p. 38), sendo datas associadas à grandes tragédias climáticas, tanto no sentido de secas como de enchentes (SOUZA, 2010a; CAMARGO, 2017; CAMARGO, SÁNCHEZ, 2021). Sobre isto Souza (2010a) ainda recorda que “[...] presente na memória de idosos que relembra os dramáticos acontecimentos de 1919, 1928-29, 1939 e, mais recentemente, 1978-79, 1998 e 2008” (p. 38), bem como pontua que:

Dentre os anos que marcaram o século XX com suas catástrofes podem-se destacar 1919, 1928 [-1929] e 1979, com suas chuvas torrenciais e enchentes desastrosas. Mais recentemente, 1978, 1998 e 2008 foram anos de secas prolongadas, o que provocou indescritível flagelo nos campos e nas cidades. Mas se há um ano fatídico na memória local este ano é, certamente, o ano de 1939. O flagelo da seca espalhou a fome por toda a região e retirantes vagavam de um lugar para outro à procura de trabalho e comida. O drama do pesadelo vivido tem contribuído para intensificar a sua lembrança na memória das

pessoas que o viveram. Foi notável a preocupação generalizada que essa memória suscitou recentemente, desencadeando pavor a expectativa do “ano terminado em três noves”, 1999, por muitos, esperado como possibilidade de confirmação de tragédia anunciada. Mesmo não tendo sido confirmada, não deixa de despertar interesse a forma como a lembrança de tragédias anteriores sempre aparece como um alerta aos que poderiam ser pegos de surpresa. (SOUZA, 2010a, p. 38)

Sobre tal condição climática do Vale do Jequitinhonha, Galizoni e colaboradores (2010) assumem que o tema da água se tornou uma questão central nos debates das comunidades rurais da região sobretudo a partir de um longo período de seca vivenciado no final da década de 1990. Porém, tais autores (GALIZONI et al, 2010) reforçam que:

A associação entre Jequitinhonha e seca data já do final do século XIX, na denominada seca dos noventinha, a primeira registrada pela literatura. Ela foi comentada em seus aspectos mais dramáticos pelos autores da região; três décadas depois, outra seca na região se associou a um ciclo de fome e à chegada dos flagelados do sudoeste baiano. No correr do tempo, e principalmente depois dos anos 1960, a intermitência das secas direcionou uma série de ações públicas emergenciais para facilitar o acesso à água. (p. 129).

Ainda com respeito às memórias climáticas dos habitantes deste território, Souza (2010a) apresenta uma interessante reflexão, que nos leva a compreender como o clima representou um papel fundamental na ocupação e em processos migratórios que ajudaram a povoar esta área, assinalando, com relação as secas:

[...] Que assolaram o norte de Minas Gerais e o sul da Bahia ajudaram a povoar o baixo Jequitinhonha [não apenas] e o vale do Mucuri. Elas alimentaram intensas correntes migratórias durante mais de cem anos, entre a primeira metade do século XIX e meados do século XX. Se o início do século XIX foi caracterizado pela ocupação das margens do Jequitinhonha, em decorrência do prolongamento da atividade mineradora, ao longo do século essa ocupação foi se ampliando rumo aos cursos dos seus afluentes, numa tentativa de domínio das áreas agricultáveis. Sob essa perspectiva, é inteiramente legítimo falar de uma ocupação regional de forte influência baiana, tendo como principal atividade econômica a criação de gado, o que garantiu a toda essa região uma forte identidade cultural com a Bahia. (SOUZA, 2010a, p. 40).

Com relação a questão da água no Jequitinhonha, também é interessante observar a realidade apontada por Ribeiro e Galizoni (2003), ao alegarem que:

[...] *[A] escassez nem sempre é generalizada e, tampouco, individualizada. Não é generalizada porque, dadas as diferenças de uso da terra — conservação de recursos, coberturas vegetais e disponibilidade de nascentes— algumas comunidades rurais são privilegiadas em relação a outras e, embora seus moradores manifestem preocupação com a crescente redução da água, sentem-*

se praticamente à margem de uma crise que percebem crescer. Mas, estando garantidos no curto prazo, nem por isso acreditam estar distantes do assunto: eles desenvolvem uma consciência aguda da finitude dos recursos hídricos, da necessidade da conservação e especulam sobre as origens do problema. De outro lado, *a escassez raramente é individualizada porque boa parte dos recursos naturais de muitas comunidades —terra, plantas, frutos, madeira, lenha, minérios e água— são domínios coletivos originados de uma herança comum* (GRAZIANO, 1986; GALIZONI, 2000), e esta *condição costuma implicar numa abundância ou escassez partilhada ou comunitarizada* (p. 136, grifos meus)

Também sobre a escassez de água no Vale do Jequitinhonha e seus impactos sob a população local, Ribeiro e Galizoni (2003) chamam a atenção para o fato de que:

A escassez de água, em princípio, está associada à noção de qualidade e esta à presença ou não de nascentes. Quando nascentes desaparecem, como tem sido frequente nos últimos anos, a falta de água afeta a vida nas comunidades em muitos aspectos. Geralmente as primeiras atividades prejudicadas são regadio e horta, abandonados porque tem que sobrar água para consumo humano. Sem regadio, oferta e consumo de alimentos se modificam. Às vezes não é só a dieta que é prejudicada: também a renda familiar é afetada, porque desaparecem excedentes de alimentos para comércio; no limite, os efeitos de redução de área de hortas vão comprometer até o abastecimento do centro urbano próximo, que não contará mais com aqueles produtos locais e deverá adquiri-los de fora, geralmente da Ceasa de Belo Horizonte. Dessa maneira, agricultores perdem uma fonte importante de renda e ocupação na estação sem chuvas. (p. 139)

Gonçalves (s.d)<sup>14</sup>, por sua vez, ressalta que essa condição hídrica e climática pode inclusive estar relacionada aos processos de êxodo da região:

Vários diagnósticos convergem ao apontar as restrições hídricas e as secas periódicas como agentes relevantes para o baixo desempenho da agropecuária na bacia, que ainda responde por 30% do PIB regional. Esses fatores, somados à carência de investimentos públicos e privados, corroboram a tese de que a região é expulsora de população. (s.n)

Também no site *As Minas Gerais* podemos encontrar uma outra reflexão tecida por Gonçalves (s.d) a respeito das especificidades climáticas desta localidade, quando este afirma que:

A bacia do rio Jequitinhonha encerra características climáticas que variam do clima semi-árido a úmido, com totais pluviométricos anuais compreendidos entre 600 e mais de 1.600 mm, irregularmente distribuídos ao longo do ano.

---

<sup>14</sup> Artigo publicado no site do projeto *As Minas Gerais*. Ver em: <<http://www.asminasgerais.com.br/?item=ALBUM&codAlbum=487>> acessado dia 17/08/2021 às 11:13h.

As chuvas concentram-se basicamente em seis meses do ano (outubro a março), sendo o trimestre dezembro/fevereiro responsável por mais de 50% da precipitação total. *O fenômeno conhecido como "veranico" traz conseqüências calamitosas para a agricultura e a vida das comunidades da área. O fato é mais grave por ocorrer em pleno período das chuvas, sendo de difícil previsão, geralmente coincidindo com um período de elevadas temperaturas e, conseqüentemente, condicionando altas taxas de evapotranspiração potencial [...]* A evapotranspiração potencial situa-se na faixa dos 800 a mais de 1.200 mm. A umidade relativa do ar varia entre 60 e 80% de média anual, sendo mais baixa nas áreas mais deprimidas e mais alta nos extremos oriental e ocidental da bacia. Em função do binômio evapotranspiração potencial alta e pluviometria baixa, a bacia apresenta, como um todo, níveis de deficiência hídrica elevados, situados na faixa de 0 a mais de 600 mm anuais, perdurando por períodos que vão de 1 a 12 meses. (s.n, grifos meus).<sup>15</sup>

O trabalho desenvolvido por Rodrigues, Miné e Tubaldini (2012) em comunidades rurais do município de Minas Novas apontou que a falta de água e a perda de solos, sobretudo por decorrência de processos erosivos e empobrecimento da terra, tem sido associados a problemas responsáveis pela limitação de atividades como a agricultura e a pecuária. Algo que as autoras (RODRIGUES; MINÉ; TUBALDINI, 2021) alegam ser possível minimizar por meio da construção de pequenas barragens, porém também destacam como “a concentração das chuvas em poucos meses ao longo do ano – dezembro a abril – resultam em problemas erosivos. Esse problema é agravado por diversas áreas com solo exposto devido ao desmatamento e manejo inadequado” (p. 8).

Em contrapartida, Silva (2012) assume uma postura mais pessimista, entendendo que medidas paliativas não seriam suficientes para reverter a dura realidade em que se encontra o Cerrado brasileiro, sobretudo nas regiões do Jequitinhonha e do Norte de Minas Gerais – afirmando que a recuperação deste bioma é urgente para garantir a amenização da crise hídrica destes territórios:

[...][O] futuro dos cerrados e de suas populações hoje está condicionado à recuperação de seus diversos ambientes. Os problemas ambientais e sociais não se resolverão apenas com medidas paliativas, a exemplo de barraginhas, caixas de captação de água de chuva e bacias de contenção de enxurradas. Sem querermos desconsiderar a importância dessas medidas já utilizadas em várias áreas, os cerrados e sua gente precisam de intervenções mais concretas, cujo foco seja a conservação da diversidade biológica já existente e a

---

<sup>15</sup> Ver em:

<<http://www.asminasgerais.com.br/?item=ARQUIVO&tipo=IMAGEM&codalbum=487&codArquivo=2081>> acessado dia 17/08/2021 às 11:34h.

recuperação das áreas degradadas, para que, com isso, as águas voltem a minar nas minas dos gerais (p. 104).

Zhourri e Zucarelli (2010) destacam, como os principais conflitos ambientais existentes nesta região: problemas relacionados ao saneamento; mineração; monocultura; metalurgia; energia e construção de hidrelétricas; problemas associados à indústria têxtil; construção de barragens e canais; questões vinculadas à produção ceramista; e agroindústria. Silva (2012), por sua vez, assinala que “[...] no Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha, a *monocultura de reflorestamento e o carvoejamento* vão consumindo os cerrados e suas águas. Assim, os cerrados desaparecem junto com seus sabores, seus saberes, seus animais e suas gentes” (p. 103, grifos meus). Neste sentido, no caso das comunidades do município de Chapada do Norte investigadas por esta pesquisa, podemos destacar os problemas relacionados à privatização da água e construção de represas e barragens; os impactos da eucaliptocultura; atividades carvoeiras; problemas associados à mineração; falta de saneamento; e reflexos da agroindústria e pecuária (CAMARGO, 2017).

No estudo “Diagnóstico Socioeconômico do Vale do Jequitinhonha: Novo Paradigma”, promovido pela UFMG, Rodrigues e Soares (s.d.)<sup>16</sup> concluem que as comunidades locais, vistas individualmente apresentam uma ampla gama de dificuldades que variam de acordo com as especificidades e singularidades que vivenciam, porém, entre as problemáticas que abrangem o Vale como um todo é destacado:

[...] [O] problema da desnutrição infantil, da incapacidade de utilização adequada da água (por sua ausência ou pela incapacidade técnica em sua utilização na agricultura) e, principalmente, a ausência de um mercado de trabalho e consumidor que se sustente internamente na região. (p. 58-59).

Com relação ao cenário, Ribeiro e Galizoni (2010) nos apontam algumas informações sobre a paisagem local e o processo de ocupação do território do Alto Jequitinhonha – destacando a predominância do Bioma cerrado -, e afirmando que:

O alto Jequitinhonha é coberto pela vegetação do cerrado, com gradações e denominações diferentes: campos, carrascos, catingas e capões são as mais frequentes. A paisagem é marcada por planaltos – as chapadas, cujas altitudes variam entre 900 e 1000 metros, entrecortadas por depressões profundas de vales, conhecidas na região como grotas. Chapadas e grotas são opostas em termos culturais e agrícolas: a primeira quase estéril e mais úmida, com

---

<sup>16</sup> Documento disponível em: < <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/material/diagnostico-socioeconomico-do-vale-do-jequitinhonha-novo-paradigma/>>

maiores precipitações anuais, e o fundo da gruta muito fértil, mas seco, com médias de 600/800 mm/ano de pluviosidade. Os lavradores vivem e plantam na gruta; na chapada criam animais soltos, e as grandes empresas plantam eucalipto. Chapadas originalmente eram cobertas pela vegetação rasteira do campo, ou quando havia arbustos campo-sujo, terrenos de escassa fertilidade. As grotas são vertentes das chapadas, em cujo fundo ocorrem águas e a fertilidade da terra tende a ser crescente quanto mais próxima ao fundo dos vales, os quais, quase sempre, também, são cobertos pela vegetação de porte elevado, que os moradores da região denominam matas ou capões e indicam terras boas para plantio [...] O povoamento do alto Jequitinhonha se concentrou nas grotas, onde lavradores fizeram lavouras de mantimentos usando s recursos naturais abundantes: florestas, água e fertilidade. Essas terras foram partilhadas entre famílias rurais desde começos do século XVIII; cada gruta com suas nascentes de água abrigou rede familiar de domínio da terra e história, comuns a determinado grupo de parentesco, denominado comunidade rural. Apenas parte dos recursos naturais e da terra das comunidades é propriedade privada: somente os capões e parte dos carrascos, terras mais férteis; campos e chapadas servem para criação de animais e coleta, por isso foram e são áreas de apropriação e uso comunitário, submetidas a um controle diferente do domínio pleno que é exercido sobre as terras privadas (p. 238-239).

O eucalipto é o nome popular de mais de setecentas espécies botânicas pertencentes ao gênero *Eucalyptus*. Trata-se de um grupo de plantas provenientes da Oceania, sendo, portanto, exóticas<sup>17</sup> no território brasileiro – e no continente americano como um todo -, mas que vem sendo extensivamente empregadas em solo nacional para a produção de celulose, madeira e carvão – representando, assim, uma planta de grande valor de mercado. Porém, apesar do fato de o eucalipto ser o gênero vegetal mais empregado em projetos de reflorestamento no Brasil, e isso encorrer no risco de acabar passando uma imagem positiva, em contrapartida, muitos estudos e comunidades locais tem apontado esta planta como uma das principais responsáveis por uma série de desequilíbrios socioambientais, incluindo o esgotamento de solos, redução da biodiversidade nativa - incluindo impactos sobre a microbiota do solo -, diminuição na qualidade e volume de corpos hídricos etc (SILVA, 2012; MOLEDO et al, 2016; RODRIGUES et al, 2019). Neste sentido, as monoculturas de eucalipto, ou seja, as plantações em larga escala que envolvem exclusivamente o cultivo de eucaliptos, produzem florestas de uma única espécie, que acabaram ficando conhecidas como desertos verdes, justamente por representarem uma redução drástica da biodiversidade da região, apesar de se manterem verdes

---

<sup>17</sup> Espécies Exóticas ou não-indígenas são aquelas que não ocorrem naturalmente em determinado ambiente, de modo que sua ocorrência nestes espaços pode indicar a expansão natural da distribuição da espécie com a colonização de novos nichos ecológicos; ou, o que é mais comum, a introdução por influência humana.

o tempo todo, independente do clima, afinal uma das características mais marcantes destas plantas é justamente sua resistência a climas quentes e secos, bem como a queimadas, algo que a torna especialmente adaptável ao contexto do cerrado brasileiro.

Especificamente quanto ao estigma de “Vale da Miséria” que se popularizou imaginário popular em relação a esta área do território nacional, Souza (2010a) destaca a urgência de se questionar tais estereótipos, considerando que:

A visão negativa da região foi construída no terceiro quartel do século XX, quando o propósito era denunciar os graves problemas gerados por um modelo de desenvolvimento centrador de riquezas em determinadas regiões do país em detrimento de outras. O Jequitinhonha era, para Minas Gerais, o que o nordeste era para o Brasil. Por algum tempo, essas denúncias, de fato, tiveram alguma relevância: elas evidenciaram o problema da desigualdade e legitimaram as ações voltadas para combater tais mazelas. Repetidas à exaustão, no entanto, essas denúncias cristalizaram representações que consistem em mostrar o povo do Jequitinhonha como uma horda que vive na pré-história, vítima inclemente de uma natureza hostil. Já não seria hora de rever esse “denuncismo” e considerar que essa imagem está se transformando em peso para a população local, afetando a sua auto-imagem e alimentando a indústria da miséria? Ou já não seria o caso de repensar a própria ideia de desenvolvimento que sustentou essas oposições? (p. 12-13)

Este mesmo autor (SOUZA, 2010a), ainda considera que:

Com raras exceções, são praticamente unânimes, na bibliografia sobre o Vale do Jequitinhonha, as referências ao abandono e à estagnação que teriam passado a caracterizar a região depois que a mineração e o algodão deixaram de contar como atividades dinamizadoras da sua economia. É preciso deixar claro, entretanto, que o Vale do Jequitinhonha é uma região extremamente diversificada tanto pela historicidade da sua ocupação quanto pela caracterização do quadro geográfico e das atividades que aí tiveram lugar. (p. 63).

Tal estigma é resultado de um processo de consolidação no imaginário popular brasileiro desta região enquanto área carente e subdesenvolvida. Tal visão foi fortemente retratada pela grande mídia, bem como reforçada por índices de desenvolvimento sociais e econômicos, e mesmo por considerações tecidas pela própria ONU e UNESCO, que chegaram a identificar tal região como um bolsão de pobreza, algo que sob muitos aspectos pode (e deve) ser problematizado (AMARAL, 1988; RIBEIRO, GALIZONI, 2010; CAMARGO, 2017). Neste sentido, Gonçalves (s.d) assinala que:

O índice de pobreza ostentado pela região é elevado, ocasionando êxodo rural para os grandes centros urbanos e um esvaziamento demográfico persistente. Com mais de dois terços da população vivendo na zona rural, ela tem sido

caracterizada em vários estudos como "região deprimida", onde os índices de pobreza, miséria, desnutrição, mortalidade, analfabetismo, desemprego e infra-estrutura sócio-econômica imperam desfavoravelmente em grande parte dos municípios. (s. n)

Em outra ocasião, o mesmo autor mencionado acima (GONÇALVES, 1997), atuou na supervisão do projeto de Diagnóstico Ambiental da Bacia do Vale do Jequitinhonha onde chegam a conclusão de que:

*A bacia do rio Jequitinhonha tem sido considerada uma das áreas que registram índices de pobreza mais elevados do País. No entanto, sob uma ótica mais justa, a área não apresenta o grau de extrema pobreza que em geral se divulga. A impressão que se tem é de que conjunturas políticas têm maior peso nas avaliações do que considerações técnicas, baseadas em um tratamento criterioso de informações científicas. [...] Do ponto de vista natural, trata-se de uma área potencialmente rica. Extensos setores são recobertos de solos profundos e de boas texturas, com condições de mecanização. Os recursos hídricos são significativos apesar de subaproveitados. A infra-estrutura viária, mesmo registrando deficiências, não é menos satisfatória que em outras regiões do País. Há carência de investimentos nos setores de saúde e saneamento. No entanto, há pelo menos centros de saúde em todos os municípios e existem hospitais de grande porte nos grandes centros regionais próximos à bacia. Os índices observados de analfabetismo são inferiores à média nacional e tem havido crescimento do índice de população alfabetizada (p.59, grifos meus).*

Em contrapartida, Ribeiro e Galizoni (2010) levantam uma série de questionamentos importantes com respeito a visão que costuma ser disseminada sobre o Vale, destacando que:

*Um aspecto que chama a atenção de quem visita o alto Jequitinhonha é o contraste entre a imagem associada à região – a pobreza – e de outro lado o grande número de iniciativas autônomas – produtivas, políticas, culturais – encontradas por lá. É então que surgem indagações: que lugar pobre é este, onde a maioria das famílias rurais garante o sustento mesmo nos anos de maior adversidade? Que lugar pobre é esse, onde quase todas as sedes urbanas são abastecidas por alimentos produzidos por agricultores do próprio município, mesmo e principalmente nas estações sem chuvas? Que sociedade atrasada é esta, onde as famílias rurais criam normas estáveis e eficientes para gerir, coletivamente, recursos como a água, a terra e a vegetação? (p. 244-245).*

Assim, para entender a realidade atual da população do Jequitinhonha é interessante atentar para o que Rodrigues, Miné e Tubaldini (2012) tem a nos dizer, uma vez que estes autores consideram que:

*[A] diversidade sociocultural é o conceito mais adequado para compreender o espaço do Vale do Jequitinhonha [...] Devido a esta diversidade, que em parte*



é compreendida pelo seu processo de formação histórica que envolveu vários povos e culturas, podemos ainda observá-la nas manifestações culturais, nas práticas religiosas, no saber fazer e no amor à terra, que apesar de todas as dificuldades impostas pelas condições físico-geográficas, se mantem como uma característica forte dessas populações. Essa relação com o lugar é revelada pelo retorno das famílias que saem em busca de trabalho, com o objetivo, em muitos casos, de agregar uma renda para se manter no Vale. Desse modo, as estratégias de reprodução social desses grupos rurais estão intrinsecamente vinculadas às suas raízes camponesas, baseado na venda do excedente, na produção do artesanato, no uso sustentável das matérias primas, na religiosidade, nos seus conhecimentos sobre o tempo meteorológico, animais, técnicas de trabalho, etc. e que são passados de geração em geração, preservando, assim, um saber popular de significativa importância para a manutenção de sua sociedade. (p. 17).

### 3.1. O Município de Chapada do Norte

Este estudo envolve populações do município de Chapada do Norte, localizado no meio do Vale, na fronteira do Alto com o Médio Jequitinhonha. Trata-se de um município cuja ocupação do território está diretamente associada a fuga de negros escravizados que escaparam do Arraial de Bom Sucesso (atualmente Minas Novas), e que teriam seguido rumo ao norte pelas margens no Rio Capivari, até localizarem uma área de chapada com terras férteis e teriam descoberto um veio de ouro, que passaram a explorar. Neste sentido, a ocupação destas terras teria se dado a partir de de um processo migratório de parte da população escravizada do Arraial de Bom Sucesso para a localidade que hoje corresponde a sede municipal de Chapada, com isso:

O Arraial de Santa Cruz da Chapada, antiga denominação de Chapada do Norte/MG, teve suas primeiras edificações estabelecidas em 1728, quando muitos indivíduos se deslocaram para a região, seduzidos pelas descobertas de ouro. O povoado cresceu à semelhança de tantos outros do período, estabelecendo ermidas e capelas em homenagem aos santos de devoção. (IEPHA, 2014<sup>a</sup>, p. 161)

Ainda sobre a formação e o processo de ocupação dessas terras, Jardim (1998) complementa que:

Assim surgiram Paiol e Itaipaba, originando-se o povoado de uma nova jazida descoberta na chapada sobre o rio Capivari. Tomou o nome de Santa Cruz de Chapada que foi uma das mais antigas paróquias. Com abundância do ouro aí extraído, possuía precioso acervo artístico-histórico que, apesar do desgaste e extravio, ainda é valioso. [...] A freguesia de Santa Cruz da Chapada foi criada e extinta, e em seguida restaurada pela Lei 472, e 31/5/1850. Era subordinada à Capitania da Bahia, administrativa e militarmente, desde 1729. Em 1757 passava a pertencer ao território de Minas. E em 1759 foi desvinculada do Arcebispado da Bahia, passando ao Bispado de Diamantina. Em 1913, essa paróquia liga-se ao Bispado de Araçuaí. Era o arraial de Chapada muito movimentado por ser um local estratégico, entroncamento de estradas e ponto de descanso de viajantes e tropas, em demanda do algodão, muito comercializado por ser de ótima qualidade [...] Finda a era do ouro fácil, de aluvião, os habitantes emigraram e os que ficaram dedicaram-se à agricultura: arroz, milho, feijão e fumo, que exportavam para Teófilo Otoni, Diamantina e Serro. Mais tarde passaram a criar também uma pequena quantidade de bovinos e muares. Arriscaram ainda algumas lavagens de ouro (p. 137)

Quanto ao princípio da ocupação deste território que atualmente corresponde ao município de Chapada do Norte, Santiago (2010) assume que tal processo remonta ao século XVIII, segundo o autor:

[...] Os núcleos urbanos criados nos confins a nordeste de Minas Novas, sem incluir os que estavam a norte do rio Jequitinhonha, foram todos criados antes de 1730: Santa Cruz da Chapada (hoje Chapada do Norte), Água Suja (hoje Berilo), São Domingos (hoje Virgem da Lapa) e Sucuriú ou Sucruíú (hoje Francisco Badaró). São localidades situadas no Médio Jequitinhonha, sob um ponto de vista geográfico, mas pertencentes ao Alto Jequitinhonha histórico. Um dos diferenciais dessas localidades criadas no início do século XVIII com relação a suas vizinhas quase cem anos mais novas, além das construções barrocas, é a localização no topo ou nas encostas de morros. (p. 74)

Com relação às singularidades presentes na história de ocupação do território chapadense, Vieira (2014) reforça que:

Chapada é uma cidade que se distingue por ter sido formada por escravos africanos e seus descendentes. A vila começou a ser construída na terceira década do século XVIII, quando grupos de escravos fugidos da região mineradora da vizinha Minas Novas passaram a formar ali seus quilombos. Segundo o historiador Álvaro Pinheiro Freire, esses primeiros habitantes procuravam ouro durante o dia e, de noite, vendiam o que haviam encontrado a determinado compradores que conheciam. Ameaçados pelas constantes perseguições dos fazendeiros e agentes da coroa portuguesa, os escravos fugidos organizaram diversos quilombos e acabaram estabelecendo-se na região. (p. 12-13)

Também com respeito a influência africana no município de Chapada do Norte, Sônia Queiroz (2002), em artigo que reflete sobre remanescentes culturais africanos no Brasil relata que em abril de 1983 foi publicada uma matéria no jornal Estado de Minas em que o americano John David Wyatt reuniu materiais sobre um dialeto banto usado nesta localidade como “único meio de comunicação” (p.52) – algo que pode ter influenciado as especificidades da linguagem popular desta população.

Atualmente o município (Figura 1) conta com cerca de 15.189 habitantes (IBGE, 2010)<sup>18</sup> distribuídos por um território de cerca de 830km<sup>2</sup>, que se dividem em cinco distritos e três povoados – que por sua vez abrigam uma série de comunidades. Entre os distritos estão: Chapada do Norte (sede); Cachoeira do Norte; Santa Rita do Araçuaí; São Sebastião da Boa Vista; e Granjas do Norte. Enquanto os povoados são: Batieiro; Vargem do Setúbal; e São João Marques. É interessante destacar que o município de Chapada do Norte compreende um grande

---

<sup>18</sup> Cabe ressaltar que estudo realizado por Gomes et al (2010) a respeito das projeções populacionais das microrregiões do Vale do Jequitinhonha apontou que no período de 2000-2030 Chapada do Norte se encontra em uma tendência de decréscimo populacional de -0,0028%, com estimativa de chegar em 2030 com 14.005 habitantes.

número de comunidades quilombolas, muitas das quais já reconhecidas por meio da atuação do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES) e da Fundação Cultural Palmares.

**Figura 1 - Representação da localização do Município de Chapada do Norte em relação ao Estado de Minas Gerais**



Fonte: <[https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FChapada\\_do\\_Norte&psig=AOvVaw1AXlh3e4-nHDhQ5AeywC\\_&ust=1584986440589000&source=images&cd=vfe&ved=0CA0QjhqxqFwoTCOiNruLUrugCFQAAAAAdAAAAABAD](https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fpt.wikipedia.org%2Fwiki%2FChapada_do_Norte&psig=AOvVaw1AXlh3e4-nHDhQ5AeywC_&ust=1584986440589000&source=images&cd=vfe&ved=0CA0QjhqxqFwoTCOiNruLUrugCFQAAAAAdAAAAABAD)>

Neste trabalho optamos por manter a pesquisa centrada nas comunidades com as quais eu já possuía uma relação prévia, de modo a facilitar a entrada e o contato com os narradores, bem como por questões logísticas de transporte e acesso: sendo assim, o estudo acabou centrado na porção noroeste do município, abrangendo diferentes comunidades pertencentes aos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuaí e São Sebastião da Boa Vista – que tem em comum o fato de se localizarem do lado esquerdo do Rio Araçuaí e possuírem uma população mestiça, porém majoritariamente branca, e com características socioambientais semelhantes – incluindo terras mais férteis e úmidas que as “do lado de lá do rio”. Com o tempo a rede de indicações dos moradores acabou por nos conduzir a uma narradora da Comunidade

Quilombola do Córrego do Cuba - pertencente ao distrito de Santa Rita Rita do Araçuaí - que acabou sendo a única representante quilombola incluída na pesquisa. Apesar disso, outras comunidades quilombolas também foram mencionadas nas narrativas, incluindo Moça Santa, Ferreira, Porto Servano, Córrego do Amorim, Córrego das Gamelas etc.

Quanto as comunidades quilombolas pertencentes ao município de Chapada do Norte, a publicação mais recente da relação de comunidades quilombolas de Minas Gerais disponibilizada no site do CEDEFES<sup>19</sup> dá conta de um total de 26 comunidades identificadas como remanescentes de quilombos<sup>20</sup> no contexto territorial de Chapada do Norte, são elas: Água Suja; Córrego da Misericórdia; Córrego da Tolda; Córrego das Gamelas ou Comunidade das Gamelas; Córrego de Santa Rita; Córrego do Amorim; Córrego do Buracão; Córrego do Rocha; Córrego Santa Rita ou Barriguda; Cruz das Almas; Cruzinha; Cuba ou Córrego do Cuba; Faceira; Ferreira; Gravatá; Moça Santa; Paiol; Poções; Porto dos Alves; Porto Servano ou Porto Serrano; Ribeirão da Cachoeira; Rua de Cima; Samambaia; São João Piteiras; Tolda; Ribeirão da Folha.

Segundo dados do IBGE a população estimada de Chapada do Norte para o ano de 2019 era de 15.356 pessoas<sup>21</sup> das quais cerca de 46,5% sobrevive com menos de meio salário mínimo por mês, sendo que o município apresenta o pior PIB per capita da microrregião em que se encontra, o segundo pior de Minas (posição 852º de 853º) além de um dos mais baixos de todo o Brasil (5450ª colocação de um total de 5570 municípios), de apenas 6.093,09 R\$ por habitante<sup>22</sup>. Sendo a proporção de população ocupada em relação à população total era de apenas 4,7%, o que representa a sétima pior colocação (846ª de 853) dentro do estado.

De acordo com o Livro do Inventário de Bens Tombados do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) (2014a; 2014b) existem atualmente quatro construções tombadas como parte do patrimônio histórico e cultural de Chapada do Norte, incluindo: a Capela de Nossa Senhora da Saúde (IEPHA, 2014b); a Capela de Nossa Senhora do Rosário (IEPHA, 2014a); a Igreja de Bom Jesus da Lapa (IEPHA, 2014a); e a Igreja

---

<sup>19</sup> Disponível em: < <https://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Relacao-CNQ-em-Minas-Gerais-atualizadaem04062021.pdf> >

<sup>20</sup> Das quais três ainda se encontravam em processo de análise pela Fundação Cultural Palmares na ocasião da publicação do documento (atualizado pela última vez em 04/06/2021), a saber: Samambaia; Ferreira; Córrego do Buracão.

<sup>21</sup> Site do IBGE cidades. Ver em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-do-norte/panorama>>

<sup>22</sup> Ranking de produto interno bruto dos municípios, site do IBGE. Ver em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-do-norte/pesquisa/38/47001?tipo=ranking&indicador=47001>>

Matriz de Santa Cruz (IEPHA, 2014a). Neste caso observamos uma concentração de bens tombados na porção direita do Rio Araçuaí, sendo todos os casos mencionados situados no centro de Chapada do Norte; algo que reafirma a importância de trabalhos voltados a valorização da cultura e do patrimônio material e imaterial das comunidades dos distritos e das comunidades mais afastadas da sede municipal.

Por mencionar o livro do Inventário de Bens Tombados do IEPHA, cabe ressaltar uma informação interessante no que diz respeito aos registros documentais que permitiriam aferir a data de construção da Capela de Nossa Senhora da Saúde, é posto que “Os registros documentais sobre a Capela, provavelmente construída no final do século XVIII – livros de fábrica, batizados, casamentos e outros –, provavelmente, desapareceram durante uma enchente ocorrida em Araçuaí, sede do arcebispado” (IEPHA, 2014a, p.122), algo que nos reafirma tanto o papel do clima local nas produções de memórias, como, também, na destruição de registros de memórias.

A presente pesquisa selecionou participantes de diferentes comunidades pertencentes aos distritos de Cachoeira do Norte, São Sebastião da Boa Vista e Santa Rita do Araçuaí que contribuíram com narrativas em torno das relações cultura-natureza e, em especial, sobre as experiências locais a respeito da crise hídrica e climática existentes neste território. Os distritos citados se situam na porção noroeste do território de Chapada do Norte, de um mesmo lado do Rio Araçuaí (com exceção de algumas comunidades rurais do distrito de Santa Rita), e apresentam características socioambientais semelhantes, mas com diferentes vivências acerca dos eventos climáticos extremos e das condições hidrológicas vivenciados localmente, bem como guardam diferentes pontos de vista sobre a história ambiental da região.

O distrito de Cachoeira do Norte atualmente engloba as seguintes comunidades (ou bairros): Cachoeira (sede distrital); Tabatinga; Córrego Seco; Córrego Grande; Tamboril; Brejinho; Vargem do Barro. Sendo que, algumas destas comunidades se tornaram comunidades fantasmas ou estão em processo de desocupação, sobretudo em decorrência do agravamento das condições ambientais (CAMARGO, 2017).

Com relação à Santa Rita do Araçuaí, existem as seguintes comunidades: Santa Rita (sede distrital); Beira do Rio; Vila Rodrigues; Vila São José; Córrego do Cuba; Pai Inácio; Estiva; Córrego das Almas/Morro Branco; e Amorim. Santa Rita, ao contrário de Cachoeira

divide-se entre comunidades com predominância de população branca e comunidades quilombolas, como é o caso do quilombo do Córrego do Cuba.

E São Sebastião da Boa Vista, por sua vez, envolve: Boa Vista (sede distrital); Moça Santa; Galdino; Tenente; Ferreiras; Canoa; Três Barras; Buracão; Paiol; Córrego São José; Caietés; Teotônio; e Gamelas. Dos distritos investigados nesta pesquisa Boa Vista é sem dúvidas o maior e mais populoso dos três, também apresentando grande diversidade entre as comunidades locais, incluindo uma série de comunidades quilombolas.

Uma característica comum dos aglomerados urbanos, povoados e comunidades desta região é que:

Todos se formaram ao redor de uma igreja, cujos terrenos e construção geralmente eram doação do devoto de um santo a quem se instituiu como orago. Não possuíam configuração propriamente urbana, mas funcionavam como centro comercial, em decorrência das feiras e da vida social, fundada invariavelmente no elemento religioso. (SOUZA, 2011, p. 12).

No livro “Imagens e Memórias: Chapada do Norte – MG” organizado por Elisa Amorim Vieira, Heyder Alcântara Magalhães e Luciana Dias (2014) e publicado pela editora da UFMG, encontramos uma narrativa do pesquisador e professor de história chapadense Magno Wagner Ribeiro de Oliveira, mais conhecido como Chiquito, que tece algumas ponderações que resumem o mote da presente tese, assinalando questões a respeito da questão climática e da crise hídrica no município, destacando que, a partir da década de 1990, houve um enfraquecimento da agricultura local sobretudo em função de mudanças no clima da região, ressaltando que:

Há estudos que mostram, dentro da região, a modificação climática. A gente observa que, até o final da década de 80, meados da década de 90, dentro da região, nós tínhamos um período de chuva. O índice pluviométrico da região era praticamente regular. Chovia entre 800 e 1000 mm de chuva por ano. Para a região nossa aqui, que é o cerrado, essa é uma quantidade de chuva extremamente normal. Mas a gente observa que nos últimos anos a quantidade de chuva é menor, chove menos, a temperatura local vem se alterando, cada dia o clima é mais quente, a temperatura é mais quente, e isso influencia muito na produção agrícola. A produção agrícola do município também declinou com isso. Houve um declínio, já não se produz mais. [...] a pessoa planta, mas ela não consegue colher, devido à questão climática. Outro problema sério que nós temos na região, relacionado à questão do clima, é a questão dos rios e dos córregos. Os rios da região, as três bacias hidrográficas principais aqui no município, são os rios Araçuaí, Capivari e Setúbal. Esses três rios já estão com o volume baixíssimo, é visível. O rio Capivari já secou quatro ou cinco vezes. Já faltou água para o abastecimento da sede do Município. O município tem 76 córregos dentro da bacia hidrográfica, hoje só tem dois córregos correndo

dentro do município. Quer dizer: 74 córregos já morreram. A questão climática aqui, ambiental, é muito séria. Então a gente tem até uma preocupação de qual será o futuro do município, devido a essa situação climática que está nos atingindo. (p. 178-190)

Quanto ao perfil hidrológico e climático desta localidade, destaca-se o fato de o município de Chapada do Norte fazer parte do território englobado na nova delimitação do semiárido brasileiro (BRASIL, 2005), algo que explica, em parte, o que é introduzido pelo professor Magno (Chiquitito) na narrativa apresentada anteriormente que foi documentada por Vieira, Magalhães e Dias (2014), mas, para além deste relato Camargo (2017) também concluiu que as populações chapadenses enfrentam uma crise hídrica e climática que parece estar se agravando ao longo do tempo, assinalando que a temática da água e do clima constitui uma preocupação central para as comunidades locais.

Camargo (2017), Renaud Camargo e Sánchez (2021) e Camargo e Sánchez (2021) apontaram que tais comunidades já vivenciaram uma série de eventos climáticos extremos, incluindo secas e grandes chuvas que provocaram inundações, deslizamentos de terras e outros problemas para as populações locais, em especial os moradores de Santa Rita do Araçuaí, que sofreram em diferentes ocasiões com cheias do rio. Além disso, destaca-se o fato de o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) ter constatado a existência de situações de riscos de desastres no município de Chapada do Norte, com destaque para a planície de inundação do Rio Araçuaí, que abrange a comunidade do distrito de Santa Rita, que foi classificada como de risco alto, podendo afetar 18 imóveis e cerca de 78 moradores diante da possibilidade de ocorrência de inundações de alta energia e solapamento de margem (BRASIL, 2012). Além disso, é interessante pontuar que tanto Camargo (2017), Renaud Camargo e Sánchez (2021), Camargo e Sánchez (2021) como o estudo desenvolvido pelo CPRM (BRASIL, 2012) deram especial destaque para o impacto da grande enchente de 1979 para a memória da comunidade de Santa Rita do Araçuaí.

Quanto a famosa realidade da migração sazonal no Vale do Jequitinhonha, Leila Amaral (1988), uma das principais referências sobre o assunto, que produziu uma dissertação que se tornou um clássico para os estudos da migração no Jequitinhonha e, por coincidência, estudou justamente a comunidade de Cachoeira do Norte, no Município de Chapada do Norte, uma das comunidades participantes da presente pesquisa. Deste modo, Leila nos fornece um olhar a



respeito da realidade local de três décadas atrás, desenvolvendo um profundo estudo da realidade dos migrantes, algo comum no Vale ainda hoje, a autora (AMARAL, 1988) explica:

A migração temporária de lavradores do Vale do Jequitinhonha para a lavoura canavieira [...] como cortadores de cana, vem ocorrendo desde a década de 60 e acentuando-se nos últimos anos. A produção agrícola no Alto Jequitinhonha, praticamente voltada para subsistência, cuja terra é preparada nos meses de setembro e outubro – final da safra de cana na região paulista – permite a liberação da mão-de-obra tanto de jovens como de chefes de família. Durante a ausência, de 5 a 6 meses aproximadamente, as mulheres e crianças, na região de origem, encarregam-se dos cuidados menores com a roça da complementação de seu sustento. (p.228)

A realidade descrita por Leila do final da década de 1980 nos revelava uma tendência em ascensão da migração, sobretudo para usinas açucareiras do interior de São Paulo; atualmente observamos que muitos dos migrantes acabaram ficando nas cidades que os receberam, e hoje acabam retornando apenas nas festas e ocasiões especiais para visitar suas comunidades; nos dias atuais há um número considerável de jovens que saem das comunidades não apenas em busca de empregos, mas, também, em busca de avançar com os estudos, sobretudo no nível superior; além disso, atualmente o corte de cana entrou em decadência e vem sendo substituído por alternativas como a colheita de laranja e café, “bateção de pasto”, comércio e construção civil.

Outra importante referência para compreender a realidade local, a professora Liliana Porto, por sua vez, realizou uma série de estudos sobre a cultura chapadense, com destaque para suas pesquisas a respeito da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (1997) e para as manifestações de feitiçaria em Chapada do Norte (2003).

## 4. REVISÃO TEÓRICA: REFLEXÕES PARA UMA PSICOSSOCIOLOGIA AMBIENTAL COMUNITÁRIA

### 4.1. Memória

*Não há nada que com a vida  
Não se aprenda.  
A teia de aranha  
Que a memória tece  
É feita com o fio dos nervos  
Do que o corpo tocou antes*

- Carlos Rodrigues Brandão (1982, p. 78)

A memória pode ser compreendida como um constructo que nos remete ao passado, mas que produz sua mirada com os pés calçados no presente e um olhar voltado para o futuro. Assim, mais do que apenas uma reconstrução do que se passou, a memória nos conduziria a uma produção de sentidos a partir de uma conexão com o momento atual - bem como projeções sobre o futuro -, incluindo suas inúmeras questões, influências, contextos e interpretações momentâneas (GONDAR, 2005, 2016; SÁ, 2007). Essa concepção, por sua vez, reflete uma história, ou genealogia, dentro das ciências sociais – mas é preciso ressaltar que o estudo da memória, desde sua origem, se constitui a partir de esforços de integrar diferentes disciplinas do conhecimento (VALENCIA, 2005; GONDAR, 2005; SÁ, 2007).

Quanto a característica inter-transdisciplinar dos estudos sobre memória, Valencia (2005) aponta que “o estudo da memória ultrapassa a psicologia, encontrando a antropologia, a sociologia, a história, a literatura, a comunicação, entre outras, de modo que seu estudo rompeu as barreiras interdisciplinares, por outra parte origem das modernas ciências sociais” (p. 101), mas destaca que “os estudos sobre memória em geral têm se baseado no modelo proposto pela psicologia” (p.101), o que significa que os mesmos tendem a tratar a memória enquanto “processo psicológico ou artifício cognitivo a retomar a informação do passado como foi” (p. 101), nesta concepção a memória apresenta-se centrada no indivíduo e em sua capacidade de recuperar fatos do passado a partir de suas lembranças. O mesmo autor (VALENCIA, 2005) afirma que esta perspectiva já foi substituída por uma postura que reconhece a implicação dos contextos socioculturais na construção da memória – ressaltando que se estabeleceu um “acordo consensual cada vez maior para entender a memória enquanto uma atividade social realizada não privadamente, mas por meio da consciência compartilhada com os outros” (p.101).

De uma forma resumida, a antropóloga Elsa Peralta (2007) considera que a memória deve ser entendida como:

[...] O resultado da intersecção de histórias pessoais e sociais, concebendo o *indivíduo enquanto agente interpretativo autônomo*, embora sempre sublinhando que o *acto de interpretação individual está sempre relacionado com o universo cultural no qual o indivíduo está inserido* [...] *A construção do passado, [...] não deixa de também de estar moldada pelas experiências emocionais e pelas expectativas pessoais de cada indivíduo* (p. 19).

Tal construção conceitual teria influências em autores como Maurice Halbwachs (1877-1945) que, ao questionar a existência de uma memória estritamente individual, diante das inúmeras influências produzidas pelo meio social, tornou-se o principal responsável pelo estabelecimento da noção de memória coletiva, que teria legado aos estudos culturais uma visão sobre o papel da memória para a coesão social, enunciando as negociações e conflitos existentes entre as diferentes versões ou pontos de vistas dos eventos vividos pela coletividade, mas, sobretudo, destacando que a memória deve ser compreendida como um fenômeno social, coletivo e, conseqüentemente, dinâmico (HALBWACHS, 2003). Nesta linha, Halbwachs afirma que:

[...] *a memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas* – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal [...] *a memória individual [...] não está inteiramente isolada ou fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente* (2003, p. 72, grifos meus)

Sobre a concepção de memória presente nos trabalhos de Halbwachs, Valencia (2005) resume que a memória “nos dá o modo de construir o passado no presente: não será já uma recuperação passiva, mas uma reconfiguração ativa que coloniza o passado obrigando-o a cotejar-se em configurações presentes” (p. 102), o que reforça, mais uma vez, o caráter atual dos trabalhos deste autor, que já assumia o movimento dialógico entre o presente e o passado na construção da memória. Tal perspectiva, assim, compreende o a memória enquanto fluida, moldável, transformável, mutável, adaptável. Assim, nesta linha a memória muda de acordo

com o momento; a memória se transfigura conforme os interesses envolvidos; a memória re-existe de acordo com os contextos em que é evocada.

Ainda com relação a importância, ainda atual, dos trabalhos de Halbwachs para o estudo da memória social, Celso Sá (2005) destaca que, no âmbito da psicologia social, autores como Stoetzel (1976), e Ecléa Bosi (1979) acentuavam, desde a década de 1960, a importância desse autor. Valencia (2005), por sua vez, chama a atenção para o fato de os trabalhos de Halbwachs terem sido retomados a partir da década de 1980, o que segundo o autor suscitou “a criação dos estudos sobre memória social e coletiva” (p. 100). Também sobre a atualidade do trabalho deste autor, Scaffo (2011) concorda com Peralta (2007) no sentido de que o estudo das obras de Maurice Halbwachs permanece relevante para “investigações dos mais diferentes contextos e períodos históricos” (SCAFFO, 2011, p. 124) e destacam a relação estabelecida por Halbwachs entre memória coletiva e a manutenção do sentimento de identidade.

Por sua vez, Halbwachs (2003) teria sido influenciado por Émile Durkheim que ao refletir sobre a noção de representação coletiva já teria traçado paralelos com a memória. Porém, enquanto a representação coletiva teria um aspecto estático, a memória, por representar uma espécie de “ponte movediça”, seria capaz de se deslocar entre o passado e o presente, ancorando-se num movimento dialógico que se produz a partir de múltiplas penetrações. Nesta linha, partindo desta reflexão de Halbwachs em torno das relações entre a memória e as representações sociais, Jô Gondar destaca que “a memória, contudo, é bem mais que um conjunto de representações; ela se exerce também em uma esfera irrepresentável: modos de sentir, modos de querer, pequenos gestos, práticas de si, ações políticas inovadoras” (2005, p. 24). Assim, reforça-se o caráter fluido das memórias que, por estarem centradas em sujeitos vivos e, conseqüentemente, dinâmicos, encontram-se em constante mutação, e que muitas vezes se expressam de formas subjetivas e não-verbais.

Fiorotti (2016), por sua vez, também reforça a ligação de Halbwachs com o pensamento durkheimiano, assumindo que a obra do primeiro se desdobra com base nas concepções sociológicas do segundo, com especial destaque a implicação do conceito de fato social, entendendo que os fatos sociais compreenderiam as formas como sujeitos interagem com seus contextos sociais, assumindo maneiras de pensar, de agir e de sentir de acordo com padrões e regras do grupo ou sociedade a qual se insere (DURKHEIM, 1975). É interessante destacar, a partir disto, a implicação psicossociológica revelada pela imbricação de elementos

sociais e psicológicos presentes nos processos interativos dos fatos sociais – assim, assume-se uma perspectiva que conecta dimensão individual à coletiva.

Scaffo (2011) chama a atenção para uma outra importante dimensão do estudo da memória, que se refere às relações/jogos/papéis de *poder* dentro dos grupos investigados. Quanto a isto, a autora assume que:

A memória é um instrumento fundamental que sofre permanentemente influências do presente, é explícita a relação entre memória e poder. Cabe ressaltar que ao reconhecer a existência de relações entre o poder e a memória estamos também reconhecendo a possibilidade de politização das lembranças e esquecimentos. Como sabemos, a memória [...] é sempre seletiva. Essa seletividade, por si só já seria suficiente para indicar as suas articulações com os dispositivos de poder. Partindo do princípio que a manutenção das formas de relação com o passado são sempre significativas, podendo ter função coercitiva ou emancipadora [...] (SCAFFO, 2011, p.124-125)

Chauí (2000), por sua vez, compreende que a memória pode ser de 6 tipos diferentes:

1) a memória perceptiva ou de reconhecimento, que corresponderia a capacidade humana de reconhecer pessoas, objetos, lugares etc, considerando que uma relação prévia com esses elementos ficaria registrada nos sujeitos, tratando-se de uma memória essencial para as atividades cotidianas em sociedade; 2) a memória-hábito, que seria aquela adquirida a partir de um esforço intencional, é a memória popularmente chamada “decoreba”, visto que requer uma repetição de gestos, palavras, números etc a fim de gravá-los de maneira premeditada; 3) a memória-fluxo-de-duração-pessoal é uma memória diretamente conectada à história de vida da pessoa representando a capacidade de recordar algo significativo para aquele sujeito, segundo a autora (CHAUÍ, 2000) essa memória “[...] nos faz guardar a lembrança de coisas, fatos, pessoas, lugares cujo significado é importante para nós, seja do ponto de vista afetivo, seja do ponto de vista de nossos conhecimentos” (p. 163); 4) a memória social ou histórica seria aquela com um papel fundamental para a vida coletiva, podendo estar associada à “[...] mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares” (p.163) ao que a autora complementa afirmando que “[e]xcetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em objetos (textos, monumentos, instrumentos, ornamentos etc) e fora de nós; 5) a memória biológica ou da espécie, que seria aquela “[...] gravada no código genético das diferentes espécies de vida e que permitem a repetição da espécie” (p. 163); 6) e, por fim, a memória artificial das máquinas, que seria aquela memória associado a capacidade de computadores e artefatos tecnológicos a guardarem

informações, dados e arquivos. Levando em conta essa concepção de Chauí (2000) podemos assumir que no presente estudo daremos especial atenção para o que a autora considera como memória-fluxo-de-duração-pessoal e a memória social ou histórica.

Com relação a dimensão de uma memória individual - que deve ser entendida em função de sua realidade contextual – considera-se que a mesma mantém um papel fundante para a constituição das identidades dos sujeitos (POLLAK, 1992), e que as memórias individuais servem de base para a construção das narrativas sobre as experiências vivenciadas pelos indivíduos, somadas às diferentes influências presentes nos distintos contextos de vida destes sujeitos. Sobre tais imbricações entre memória e identidade, Pollak (1992) reafirma que a memória deve ser entendida como “um fenômeno construído social e individualmente” (p. 204), destaca que “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (p. 204) resultando em “[...] uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (p. 204) e ainda quanto a isto o autor complementa que:

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (p. 204)

Na esteira dos encontros entre identidade e memória, Pollak (1992) nos chama a atenção para o fato de que a memória enquanto fenômeno social abrange as memórias que estão para além das vivências pessoais dos sujeitos, incorporando, também, uma memória da memória, ou seja, aquelas memórias herdadas, que lhes foram transmitidas por outros, tal como é o caso das memórias familiares ou as próprias memórias comunitárias, que se referem a acontecimentos não presenciados pelo sujeito, mas que detém uma importância para o grupo no qual tal sujeito faz parte ou está em interação. Pollak (1992) ainda ressaltava outras duas dimensões da memória para além desta noção de uma memória herdada, que seriam os acontecimentos vividos diretamente e os fatos experimentados por tabela, quanto a estes primeiros seriam mais óbvios, resultando de uma vivência pessoal do sujeito sobre determinado acontecimento; enquanto o outro, por sua vez compreenderia uma fusão da memória individual com a memória coletiva, resultando em uma certa imbricação mental desta percepção de participação no acontecimento que na realidade ele não estaria presente, ou, nas palavras do próprio autor, são “acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer [...]” (POLLAK, 1992, p. 201), ou seja “São acontecimentos dos quais a pessoa nem

sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.” (POLLAK, 1992, p. 201)

Assim, embora tenha um aspecto íntimo e particular, por outro lado, a memória pessoal também se configura como um tipo de memória social, pois representa uma versão de acontecimentos vivenciados socialmente – sendo um dos pontos de vista envolvidos na construção da realidade percebida pela comunidade a qual o sujeito faz parte – apesar disso, Halbwachs (2003) considera a vantagem de se separar a memória em duas: uma interior ou interna, que o autor chamou de “memória pessoal”; e outra exterior, formada a partir das influências sociais e, portanto, chamada pelo autor de “memória social” (p. 73). Quanto a isto, Sá (2005) alega que "em termos de pesquisas empíricas, as memórias pessoais tendem a ser estudadas sob o rótulo de memórias autobiográficas. Incluem-se neste domínio as histórias de vida" (p. 74). Apesar disso a memória individual, ou pessoal, também pode ser entendida como uma das faces da memória social (PERALTA, 2007). Segundo Elsa Peralta (2007):

Essa perspectiva permite enfatizar a dimensão social da memória sem, contudo, esquecer a sua dimensão individual. A memória é social porque nela influem os constrangimentos sociais próprios de determinado grupo. A memória é social porque pressupõe sempre uma relação de partilha cultural no seio do grupo social. Mas a memória é social principalmente porque é um sistema de organização e mediação cultural do acto mental de recordar (p. 18)

Também nesta linha de pensamento, Delgado (2003) lembra que:

Os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças e reminiscências, que constituem o estofo do tempo da memória: individual, local, comunitária, regional, nacional ou mesmo internacional. (p.19)

Há ainda outro fator preponderante para os estudos de memória que se refere ao papel dos objetos em sua capacidade de ativação de lembranças a partir de suas relações simbólicas e afetivas com os sujeitos, quer dizer, os objetos em si são impregnados de histórias e, conseqüentemente, podem ser usados como pontos de apoio para contar e recordar histórias. Halbwachs (2003), por exemplo, nos aponta como o esforço de guardar objetos associados a memórias coletivas de famílias representam uma tarefa criativa que pode aportar na construção de “museus familiares”, capazes de ativar lembranças, muitas vezes passadas de geração em geração, que visam garantir a manutenção da história e trajetória do grupo familiar. Nora

(1993), por sua vez, reforça que “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (p. 9). E numa linha semelhante, Nery e colaboradores (2015) frisam que:

O hábito de colecionar objetos é uma prática de pessoas que enxergam valor atribuído nas peças e não apenas monetário. Não é um apego material, mas simbólico, de objetos com fortes cargas memoriais que serviriam, e ainda servem, de lugares de memória dentro das famílias às quais pertencem, fazendo parte da identidade de seus membros que têm a prática de salvaguardar tais peças (p. 44)

Assim, Halbwachs (2003), um dos precursores do campo da memória social, já nos apresentava uma pista sobre os desdobramentos futuros desta temática quando o mesmo mencionou a ideia de construção de “museus familiares”, visto que tal debate em torno do potencial dos objetos para acionar memórias foi especialmente desenvolvido pelo campo da museologia e dos estudos de patrimônio. Por outro lado, trabalhos como os de Iglesia (2011), Tude de Sá (2018), Ribeiro et al (2019), Nery (2017), Nery et al (2015), Lambrecht, Souza e Ribeiro (2017), Caixeta (2006), entre tantos outros, nos revelam as implicações de objetos para as memórias não apenas de coletivos, mas também de indivíduos, destacando como cada sujeito produz, em suas relações com tais elementos materiais, histórias relacionadas ao objeto em questão, bem como tal artefato pode nos revelar histórias dos sujeitos e grupos que se relacionaram com o mesmo.

Nesta linha, Iglesia (2011) leva em conta a importância dos objetos de um ambiente privado para a compreensão dos sujeitos que os adquiriram e os dispuseram de determinada maneira, reforçando não apenas o valor funcional, mas também o valor afetivo que tais objetos desempenham dentro de um ambiente doméstico; também sobre o papel da casa como um espaço privado que guarda memórias, Nery (2017) lembra que “a casa e todas as suas composições, significados e memórias mostram um universo particular onde poucos, e somente aqueles que os donos desejam, têm acesso” (p. 147) o que se revela na medida em que a residência pode ser entendida como um espaço de intimidade, e que ser convidado para entrar neste universo privado representa um convite para se conectar com um ambiente recheado de memórias dos proprietários e/ou habitantes daquele espaço. Numa concepção semelhante, Alzira Tude de Sá (2018) assume a casa como “[...] refúgio do homem, como um lugar ‘sagrado’” (p. 219) e lembra que “[a] concepção de privacidade doméstica nem sempre foi



como é, sendo uma experiência do nosso tempo, cujo modo de ser obtida e praticada, varia entre as culturas” (p. 219).

Ainda sobre este tema, Nery e colaboradores (2015) trazem, de forma específica, reflexões a respeito das interfaces entre objetos, memória e identidades – bem como chamam a atenção para a importância das fotografias como objetos de evocação de memória -, considerando que o ato de guardar objetos de memória pode representar “[...] uma forma de se preservar para um futuro ou para alguém que ainda nem está presente” (p. 44) e também pontuam que:

[...] [N]em todos os objetos possuem o mesmo caráter funcional, memorial e identitário; alguns deles são utilizados de acordo com suas funções originais e, depois que perdem o seu valor de uso, são descartados. Porém, outros possuem grande valor sentimental e memorial, podem contar muito sobre os indivíduos, suas características, grupos social e econômico e podem servir como fonte de análise para compreender a maneira como eles veem o mundo. (p. 43)

Trazendo foco especial na questão das fotografias como objetos evocadores de memórias, Juliana Caixeta (2006) destaca o papel dos detentores de tais objetos como “guardiões de memórias” e atribui um papel central destes objetos e imagens na construção de narrativas de história de vida. Neste sentido, a autora (CAIXETA, 2006) considera que “[a]s imagens e os objetos têm a função de concretizar a memória e os pontos de mudança de posicionamento [dos sujeitos]” (p. 197), destacando que os sujeitos muitas vezes compreendem tais objetos como formas de concretização de suas narrativas de memórias, o que denota que “[...] a construção de significado não acontece apenas pelo pensamento abstrato, mas também, pelo pensar no e através do concreto” (p. 197).

Retomando a noção de que a memória é expressada a partir de narrativas que organizam, através de um discurso mediado por uma linguagem, as experiências que os sujeitos estabeleceram com a realidade vivida, podemos pensar, especificamente, no papel da experiência dos sujeitos para a constituição de suas compreensões sobre a realidade. Neste sentido, recorro ao geógrafo Yi Fu Tuan (1998) para invocar a ideia de *experiência* defendida pelo autor, que entende que é através da mesma que os sujeitos constroem suas interpretações da realidade, ou, como nos diria Freire, “as leituras de mundo de seus universos vividos”. Ou seja, nesta concepção de Tuan (1998) os seres humanos ao interagirem com o mundo através de seus sentidos (tato, olfato, audição, paladar e visão) podem apreender informações sobre o

meio e, a partir daí, desenvolver suas interpretações pessoais (ou leituras) sobre o mesmo - sendo que o autor destaca ainda o papel das emoções - ou dos sentimentos e pensamentos - dentro deste processo. Em outras palavras, "[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele" (p. 10). Assim, destaca-se a importância de reconhecer o valor das narrativas dos que vivenciaram as experiências em questão - aqueles que, através de seus sentidos, aprenderam com tais vivências e, portanto, tem propriedade para discorrer sobre os assuntos, enquanto testemunhas vivas. É nesta mesma linha que Delgado (2003) pontua que:

As narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam. Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam." (DELGADO, 2003, p. 23)

O historiador francês Jacques Le Goff (1924-2014), por sua vez, aportou grandes contribuições aos estudos da memória, sobretudo ao pensar a relação entre tal conceito e a História. Neste sentido, Lautier (2005) destaca que “certos historiadores consideram que a memória é precisamente a matéria-prima para se fazer história” (p. 183) e prossegue afirmando que “[...] memórias orais ou memórias escritas constituem os materiais que o historiador deve dessacralizar, problematizar, a fim de transformá-la num texto histórico” (p. 183). Delgado (2003) defende, com base nas reflexões de Le Goff, que embora a memória e a história não sejam a mesma coisa, ainda assim ambas “possuem um substrato comum: são antídotos do esquecimento” (p. 20) – e neste sentido, ambas permitiriam auxiliar na diminuição dos vazios, silêncios e apagamentos – e prossegue afirmando que “não há oposição, mas sim alteridade entre memória e História, sendo que a construção das identidades e a representação do passado as aproximam.” (DELGADO, 2003, p. 21). Sobre tais associações estabelecidas por Le Goff, Andrade e Vaz (2011) consideram que:

A memória, assim como o esquecimento, é viva e plural; a história alimenta-se de sua narrativa, que deriva da repetição de narrativas anteriores. Estas conferem à história o seu sentido, por intermédio da linguagem e dos sistemas que a representam. *O estabelecimento de uma história que seja coerente influencia tanto os atos quanto as concepções que o indivíduo tem acerca dele mesmo e do contexto em que está inserido* (p.32, grifos meus)

Delgado (2003) ressalta que "Tempo, memória, espaço e história caminham juntos" (p. 9). Neste sentido, entendemos que tais elementos encontram-se imersos num movimento dialético de construção e reconstrução contínua. O tempo deixa marcas na memória, a partir das memórias sobre o tempo podemos reconstruir a história, assim como o espaço, que também é afetado pelo tempo, também pode servir de substrato para a produção de memórias, ou mesmo representar um local de interesse histórico.

É interessante comentar também que a obra de Halbwachs (2003) ainda nos permite enxergar a complexidade das relações existentes entre os indivíduos e a sociedade, destacando, por exemplo, que "Cada um de nós pertence ao mesmo tempo a muitos grupos, mais ou menos amplos" (p. 98). Assim, uma pessoa que vive em uma comunidade rural no interior de Minas Gerais não deve ser entendida como um ser isolado pertencente a um único grupo local, pois, ao mesmo tempo em que mantém as características e especificidades da cultura de sua comunidade, também é igualmente influenciado por outras esferas, incluindo a regional, estadual, nacional, continental etc. Portanto, a identidade cultural, a história e as memórias de comunidades do Vale do Jequitinhonha também se inserem nos contextos do Jequitinhonha, de Minas Gerais, do Sudeste Brasileiro, do Brasil, da América Latina, do Continente Americano como um todo, do planeta Terra etc, e por isso deve ser considerada de modo contextualizado e dinâmico – visto que os sujeitos e as culturas não são estáticos e encontram-se em constante evolução-adaptação-transformação.

Entre as reflexões produzidas por Michael Pollak (1992), é interessante destacar os elementos identificados pelo autor como constitutivos da memória, sendo eles: os acontecimentos, os lugares e as pessoas. Tais elementos, articulados entre si na mente dos sujeitos ajudariam na reconstituição dos sentidos do passado, mas o autor destaca ainda que tais elementos podem ou não ter sido vivenciados pessoalmente pelos indivíduos para que estes possam recuperar tais lembranças, reforçando assim a visão de memórias enquanto construções compartilhadas (POLLAK, 1992). Sobre isto Pollak (1992) afirma que:

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos [...] O que ocorre nesses casos são, portanto, transferências, projeções (p. 3)

O mesmo autor (POLLAK, 1992) também ressalta a relação entre Memória, História e Oralidade, reforçando a perspectiva de uma História Oral, que, de acordo com Celso Sá (2007)

representaria uma forma de “memória da história” produzida diante da ausência de documentos ou da recusa de consultá-los, centrando-se nos “recursos ‘internos’ – no sentido de uma memória não exteriorizada em suportes materiais –, como a rememoração e a transmissão orais” (p. 294). Nesta visão, a memória oral se expressaria através da produção de narrativas que expressariam as implicações dos sujeitos-narradores nas informações recuperadas pelos processos mnemônicos. Pollak (1992) também assume uma conexão direta entre os objetos e a capacidade de ativação de memórias,

Ainda sobre a relação entre memória e história, Nora (1993) defende que:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. *A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.* A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas censuradas ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. *A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.* A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (p. 9, grifos meus)

Numa linha semelhante, Nildo Viana (2006) chama a atenção para o fato de que:

Os sentimentos também são fundamentais para a ativação da memória. O amor, o ódio, o ciúme, a inveja, a solidão, entre outros sentimentos, são elementos que constroem os indivíduos a realizarem recordações. Os sentimentos são potencialidades que também possuem uma formação social. Eles não podem ser confundidos com emoções, pois os sentimentos não são reações momentâneas, mas sim formações mentais duradouras que caracterizam a relação afetiva do indivíduo com outros indivíduos ou coisas. Sendo uma relação, a sua fonte só pode ser social, pois só se pode amar ou odiar, para citar dois exemplos, através da relação com aqueles que não relacionamos, ou simplesmente desconhecemos e ignoramos ou então desprezamos. (p.9)

Outro conceito de grande importância para o estudo da memória é a ideia de *Lugares de Memória* estabelecida por Pierre Nora (1993), que nos conduz a perceber que determinados lugares (materiais ou imateriais) ancoram memórias e ajudam os grupos envolvidos com determinado espaço a evocar sentimentos e lembranças. Pereira (1996) pontua que “segundo Pierre Nora, são os lugares de memória que acompanham o indivíduo pela existência, estruturando a memória individual e, de acordo com a carga afetiva neles depositada, se inserem na memória coletiva” (p. 68) Por outro lado, Halbwachs (2003) assume que “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial” (p. 170) e continua alegando que “não há grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha alguma relação com o lugar” (p. 170). Alencar (2007), ponderando sobre a obra de Halbwachs destaca que:

Como enfatizou Halbwachs, a memória social é um processo coletivo onde a participação do grupo social é fundamental para reforçar as lembranças e estimular sua emergência, pois nem tudo que é vivido é lembrado. *Através do convívio, e por meio da narrativa dos eventos passados, pessoas que pertencem a diferentes gerações podem partilhar um mesmo conjunto de lembranças, e de memórias, sobre a história do lugar.* (p.102, grifos meus)

Ainda quanto ao conceito defendido por Pierre Nora, Jesuíno (2005) lembra que Nora propõe um critério triplo para a caracterização destes lugares: o funcional, o material e o simbólico e destaca que “os três aspectos coexistem sempre e aquilo que os constitui é um jogo da memória e da história, conducente à sua superdeterminação recíproca” (p. 172). Sobre as interações entre tais aspectos Nora (1993) entende que:

*São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre.* (p. 27, grifos meus)

O autor (NORA, 1993) ainda assume que para ser um lugar de memória deve-se existir uma “vontade de memória”, uma intenção de preservar lembranças, de um esforço de deixar elementos do passado marcados, registrados e atualizados. E além disso, Nora (1993) também leva em conta que tais lugares de memória poderiam ser tanto os locais materiais como os

imateriais relacionados à produção de memórias. Neste sentido, Nora apresenta alguns exemplos sobre o que seriam os Lugares de Memória aos quais se referia, incluindo:

O patrimônio arquitetônico e seu estilo, *as paisagens*, as datas e personagens históricos de cuja importância somos incessantemente lembrados, as tradições e costumes, certas regras de interação, o folclore, a música, e, por que não as tradições culinárias (NORA, 1977, p. 255 apud PEREIRA, 1992, p. 68, grifo meu).

Pollak (1992), por sua vez, afirma:

Existem *lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico*. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (p. 3, grifos meus)

Para além desta categoria, Farias (2011) destaca alguns conceitos que foram transportados para o campo da memória e que podem servir como balizadores para seu estudo, a saber:

a) *a localização social de determinados fenômenos sociais*; b) *os processos de conservação* e o seu corolário, a recordação; c) a reciprocidade no âmbito das interações sociais em termos de movimentos que alijam da memória determinados fatos e realçam outros; d) *a experiência como um vetor considerado na produção da memória, ou seja, a memória na experiência* (p. 9, grifos meus)

Ampliando o noção de memória para a concepção de uma memória social, Gondar nos apresenta algumas proposições acerca da definição de memória, incluindo: que a memória se insere em um campo transdisciplinar (GONDAR, 2005, 2016), ressaltando que “nenhuma disciplina isolada é capaz de responder essa complexidade” (GONDAR, 2005, p. ); que o conceito de memória social é ético e político (GONDAR, 2005, 2016); que a memória implica o esquecimento (GONDAR, 2016); que a memória consiste em uma construção processual (GONDAR, 2005), reforçando-se a ideia de se incluir a “invenção e a produção do novo” (GONDAR, 2016, p. 40); que a memória não se reduz à representação (2016); que a memória

não se reduz à identidade (GONDAR, 2016). Peralta (2007), por sua vez, ressalta que a memória social é:

[...] [C] onstituída pela integração de diferentes passados num passado comum aos membros de uma coletividade, referindo-se àqueles elementos da recordação individual que são comumente partilhados pelo grupo, fornecendo as bases para a construção de uma significação coletiva (p. 19)

Ainda sobre o campo da memória social, Celso Sá (2007) nos apresenta uma série de requisitos unificadores destes estudos, que inclusive os remetem à análise psicossocial, a saber:

Seu caráter construtivo ou reconstrutivo, sua constituição simultaneamente social e individual, sua dependência da comunicação e da interação social, sua imbricação com o pensamento social, sua dinâmica afetiva. Cabe reconhecer que a presença de um ou de outro desses requisitos pode não se mostrar, de início, muito evidente em uma ou outra das instâncias conceituais ou temáticas identificadas. Evidenciá-las é uma das tarefas de uma análise psicossocial (p. 83)

Pereira (1996), influenciada pelas reflexões de Walter Benjamin sobre o narrador também nos apresenta uma leitura psicossocial da memória ao afirmar que a mesma:

[...][P]reserva os contos orais e, no mesmo cadinho, mistura informações lidas, vistas ou ouvidas, noções acumuladas por várias gerações se juntam aos experimentos atuais, concretos para o narrador, no momento de contar. Dessa substância origina-se uma alquimia feita de conselhos, sugestões práticas, ensinamentos e normas de vida que, além de matéria das narrativas, se transforma no suporte da consciência de si da coletividade. Fundem-se aí, também os elos dessa cadeia de narradores que, através dos contos, revela sua própria óptica do processo histórico em que figuram como coadjuvantes esquecidos. (p. 31)

Por fim, considerando a necessidade de uma aproximação dos debates de memória com a discussão em torno do conceito de Memória Biocultural abordado pelo campo das Ciências Ambientais, trago os aportes de Narciso-Toledo e Barrera-Bassols (2015) para pensar, de maneira mais específica, o papel da memória para a compreensão das relações estabelecidas entre humanos e a natureza. Esse conceito se debruça sobre as formas como as diferentes culturas interagem com a Biodiversidade<sup>23</sup> e os meios em que vivem, e assume que tal relação

---

<sup>23</sup> É interessante reforçar que o conceito de Biodiversidade (ou diversidade biológica) engloba diferentes níveis, incluindo: a diversidade genética, de espécies; de ecossistemas, paisagens e de relações ecológicas.

Ver em: <[www.wwf.org.br/natureza\\_ambientais/biodiversidade/](http://www.wwf.org.br/natureza_ambientais/biodiversidade/)>

deve ser estudada a partir das influências das comunidades sobre o ambiente e vice-versa. Além disso, tal aproximação dos estudos culturais com as ciências ambientais poderia contribuir para a construção de uma abordagem psicossocioambiental para o estudo da história ambiental, tendo por base as narrativas das memórias das comunidades.

Ao investigar as percepções de comunidades do sertão mineiro acerca de suas experiências em torno de eventos climáticos da região e com as paisagens da região pretende-se identificar elementos que podem ser entendidos como parte da Memória Biocultural (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015; PERTERSEN, 2015) do Vale do Jequitinhonha para entender como se organizam os sistemas socioecológicos locais em torno de uma perspectiva de resiliência diante das situações socioambientais vivenciadas no território em questão. Paulo Petersen (2015), Victor Toledo e Narciso Barrera-Bassols (2015) descrevem a memória biocultural como uma memória desenvolvida por grupos sociais em relação aos territórios em que habitam, memória esta que registra as conexões estabelecidas entre as culturas e a natureza. Os autores (PETERSEN, 2015; TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015) ressaltam a importância da preservação desta memória para a compreensão das dinâmicas dos territórios e para promover novas relações com o meio ambiente tendo por base os saberes locais das comunidades que são mantidos através de suas memórias bioculturais. Segundo Toledo e Barrera-Barrols (2015):

A memória permite que os indivíduos se lembrem de eventos do passado. [...] [A] capacidade de se lembrar é fundamental porque ajuda a compreender o presente e, portanto fornece elementos para o planejamento do futuro, bem como serve para reconstituir eventos semelhantes que ocorreram anteriormente e até mesmo eventos inesperados. Da mesma forma que os indivíduos e os povos, a espécie humana tem uma memória, que nesse caso permite revelar as relações que a humanidade tem estabelecido com a natureza, sua base de sustentação e referencial de sua existência ao longo da história. (p. 23)

Numa linha semelhante à empreendida por Toledo e Barrera-Bassols (2015), Edna Alencar (2007), refletindo sobre as relações entre memória e paisagem, considera que:

O conhecimento sobre o ambiente ocorre tanto pela observação das mudanças que se processam no presente, experiência direta, como pelas experiências acumuladas das gerações passadas e transmitido na forma de um saber, dá condições às pessoas de fazer previsões para o futuro, de calcular os riscos do investimento em uma determinada terra, seja com o cultivo de banana, seja fazendo um roçado, seja construindo uma casa. Assim, a partir de uma experiência do passado que constrói os modelos culturais de apreensão da realidade e são frutos da inserção de uma sociedade num ambiente dinâmico, e através da observação das transformações na paisagem, as pessoas



conseguem visualizar na paisagem do presente as modificações que poderão ocorrer no futuro, como a formação de uma nova ilha, de um lago, de uma ressaca ou uma enseada (p. 107).

Por fim, também em torno das conexões entre memórias e paisagem, as reflexões de Pellini (2014) nos lembram que:

*É pela memória que misturamos sonhos e realidades e nos tornamos um pouco poetas no dia a dia, também é por ela que evocamos lembranças, imagens e emoções que afetam nossa relação com o entorno experimentado. Nossa memória das paisagens, não são nunca memórias virgens, que guardam descrições estéreis e objetivas do ambiente, mas fazem parte de uma história maior com a qual interagimos e que nos define.* (p. 135, grifos meus)

Deste modo, partindo de uma perspectiva que centra a memória nas relações que os sujeitos-testemunhas-narradores estabelecem com seus territórios, e com as características destes, assumimos aqui a noção de uma memória que, além de ser comunitária, focaliza-se na dimensão socioambiental – e especificamente, climática – sendo entendida, portanto, enquanto Memórias Socioambientais ou Memórias Climáticas. É nesta linha que assumimos que tal abordagem de memória poderia representar uma nova perspectiva dentro da História Ambiental, levando em conta diferentes concepções de memória, incluindo a Memória Oral, a Memória Biocultural, a Memória das Paisagens e a Memória Social (e Coletiva).

Retomando a ideia de uma Memória Comunitária, veremos no capítulo a seguir que a partir dos Estudos de Comunidades devemos considerar que este tipo de memória não é restrita a sua geolocalização, pois estaria relacionada à uma perspectiva complexa que prevê um leque de interações e as redes formadas a partir destas, sendo, portanto, uma memória que embora pertença a grupos sociais definidos, não se encontra limitada a estes, sofrendo influências de diferentes dimensões (local, regional, nacional, global etc), e das diferentes comunidades as quais os sujeitos-narradores integram. Assim, a memória de uma comunidade de um distrito ou bairro localizado no Vale do Jequitinhonha não estaria inerte e isolada, mas sim, conectada a diferentes escalas mnemônicas.

## 4.2. Estudos de Comunidades

Os debates em torno do conceito de comunidade são produzidos em diferentes contextos, com base em diversas abordagens e sob distintos enfoques. Buscando uma definição prática para o termo Comunidade dentro das Ciências Sociais, Giddens e Sutton (2017) afirmam se tratar de um conceito tão simples quanto controverso, que tentam resumir como “um grupo de pessoas que vivem em uma determinada localidade, ou que possuem algum interesse em comum, e que se engajam em interações sistemáticas entre si” (p. 185) Essa definição estritamente sociológica apresenta algumas limitações, mas é interessante analisar os pontos destacados pelos autores. Em primeiro lugar, tal concepção remete a uma população humana situada no tempo e espaço, ou, grupos em que os membros são agregados ou identificados entre si por redes de interesses em comum.

Os autores (GUIDDENS; SUTTON, 2017) também destacam que no século XIV o termo comunidade passou a ser associado às classes populares em oposição à alta sociedade. E que posteriormente, “[...] a partir do século XVIII, a palavra passou a ser usada para descrever pessoas de um determinado bairro ou com interesses comuns” (p. 185), momento em que tal concepção passa a remeter tanto a localidades geográficas (bairros), como a noção de comunidades de interesses.

No final do século XIX, os estudos de comunidades sofreram grande influência da teoria do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (1855-1936), que apresenta uma perspectiva de oposição entre o que o autor se referia como *Gemeinschaft* (que poderia ser traduzida como Comunidade) e a *Gesellschaft* (entendida como Sociedade). Na perspectiva de Tönnies (1957) a comunidade seria associada a um padrão de vida mais simples, muitas vezes remetendo ao ambiente rural/camponês e se expressando/reproduzindo através de relações de tradição, solidariedade e afeto entre os membros do grupo, enquanto que, em contrapartida, tais valores, relações e características seriam perdidos com a transição para um modelo industrial-urbano, que o autor relacionaria a sociedade.

Atualmente, diante do desenvolvimento tecnológico somado à consolidação e democratização da internet, presenciamos uma verdadeira revolução nas formas de comunicação e no acesso à informação. Tais mudanças produziram um novo entendimento sobre as comunidades. As interações se multiplicaram, as distâncias se reduziram, fronteiras evanesceram e o conhecimento se disseminou de maneira inédita. Assim, o período que alguns se referem como pós-modernidade teria inaugurado uma nova dimensão das comunidades, de

entrelaçamentos e imbricações, que nos remete a imagem de redes, ou teias de conexões entre indivíduos e comunidades, por onde fluem informações, conhecimentos, memórias etc. Enfim, uma dimensão que nos obriga, de uma vez por todas, a superar a antiga visão de comunidades isoladas em seus limites geográficos, e assumir a noção de comunidades dinâmicas e interconectadas entre si e, cada vez mais, com a sociedade globalizada como um todo. Assim, nessa nova era da internet, marcada pela integração/globalização, as próprias culturas e identidades tornaram-se também híbridas, móveis, mutáveis e, mais do que nunca, a visão dualista e ingênua que separava comunidades da sociedade acaba se esvaziando de sentidos.

Sawaia (2010) por sua vez, assume que a "dialética da individualidade e da coletividade" (p.50) é que produz a vida e os movimentos da comunidade, reforçando assim o caráter psicossocial das relações comunitárias. E completa afirmando que “comunidade, mais do que uma categoria científico-analítica, é categoria orientadora da ação e da reflexão e seu conteúdo é extremamente sensível ao contexto social em que se insere, pois está associada ao debate milenar sobre exclusão social e ética do bem viver ” (p. 50). Assim, soma-se uma segunda dimensão ao adjetivo comunitário, que é a sensibilidade e o compromisso com as classes populares, sobre este aspecto, Sawaia (2010) ressalta que o conceito de comunidade evoca também uma conotação política de cidadania.

Com relação as origens das comunidades, é interessante reparar na escolha de palavras utilizadas por Pierson (1974), que empregou termos apropriados da ecologia para elaborar tal reflexão:

As comunidades surgem do simples fato de vivermos em simbiose, isto é, de viverem juntos num mesmo habitat indivíduos tanto semelhantes quanto diferentes e da 'competição cooperativa' em que de empenham" (s.n, apud GUARESCHI, 2010, p.115)

Porém, para refletir de maneira mais específica sobre a relação entre a comunidades e natureza precisamos, em um primeiro lugar, questionar a concepção tradicional de dualidade homem-natureza que enxerga uma oposição, ou afastamento, entre seres humanos e o ambiente. Na visão clássica, o ser humano é pensado de forma apartada, como se não fizesse parte da natureza, como se fossem faces opostas. Esta percepção dualista propõe uma cisão tão radical na conexão dos humanos com o ambiente, que acaba por fundamentar uma visão de dominação/controlado dos seres humanos sobre a natureza. Neste sentido, afim de garantir a conciliação entre humanos e o meio natural D'Ávila e Maciel ressaltam que “O meio ambiente

não pode ser encarado como um dado isolado da cultura numa comunidade, isto é, como um processo de interação entre o sócio-cultural, gerado pelo homem e a natureza. ” (s.n, 1992, APUD, MACIEL, 1996, p. 84)

Assim, refletindo sobre a ideia de “Ecologizar as comunidades”, Mauricio Ribeiro (2017) inicia seu artigo lembrando que no escopo das Ciências Biológicas, o conceito de comunidades [ecológicas] se refere ao conjunto de “populações de indivíduos de várias espécies que habitam num mesmo território” (p.37). Aproximando-nos dessa concepção da Ecologia, passamos a enxergar a comunidade para além da dimensão humana (psicológica e social), abarcando também as dimensões não humanas das comunidades, que incluem, também, as relações estabelecidas com a biodiversidade e o território (ambiental e geográfica). Ainda refletindo sobre uma concepção expandida de ecologização das comunidades, Ribeiro ressalta que “indivíduos, populações e comunidades se adaptam aos ambientes e também os transformam” (p.39) e que diante da complexidade da vida contemporânea devemos entender que “algumas comunidades são densas e locais, outras dispersas e globais” (p.39-40).

Ao ecologizar as comunidades nos aproximamos de uma visão holística e mais complexa sobre as relações produzidas no interior das comunidades. Mas destacamos que uma das principais vantagens dessa dilatação do conceito se refere a possibilidade de, ao incluir os seres não humanos e o próprio território na definição passamos a enxergar como cada ponto, cada indivíduo dentro de uma comunidade apresenta implicações psicossocioambientais sobre seu contexto - desse modo, ao pensarmos essa teia de conexões (ou de implicações psicossocioambientais), enxergamos a complexidade das relações.

Desta forma, ao ecologizar a comunidade passamos a encarar a categoria comunidade a partir da noção importada da biologia/ecologia que prevê, como um de seus elementos constitutivos, a diversidade. Ao falarmos em comunidade na biologia estamos nos referindo, portanto, a um conjunto de indivíduos que partilham determinado território (tal definição abrange diferentes espécies, as relações entre tais espécies e as relações desempenhadas com o próprio meio) - essa concepção nos traz uma visão mais integrada inclusive das relações de afetamentos e influências entre os membros, onde a ação de um pode influenciar o outro, e um desequilíbrio no meio pode atingir a todos. Debatendo sobre as redes de afetos produzidas por comunidades, Costa e Silva (2015) defendem que "a noção de comunidade é um aspecto da relação que permeia as narrativas e as manifestações de afetos, na tentativa de dar ao movimento coletivo um caráter de união." (p.292).

Portanto, de forma resumida poderíamos afirmar que, ao ecologizar o conceito de Comunidade passamos a encarar a mesma como um sistema de relações psicossocioambientais que se expressaria na forma de uma teia ou rede capaz de conectar diferentes esferas: do indivíduo (psicológica); da comunidade (cultural); da coletividade (social); da natureza (ambiental). Deste modo, entendo que compreensão desse sistema poderia em muito se beneficiar pela contribuição da noção de redes, que pode ser entendida como “um sistema aberto, dinâmico, capaz de se expandir de forma ilimitada e cujas transformações globais são descritas por transformações locais. Os nós que compõe uma rede podem ser lugares, memórias, pessoas, grupos, máquinas etc.” (BRUNO, 1993, p. 9).

### 4.3. Psicossociologia

A Psicossociologia se configura como um campo científico pluridisciplinar estabelecido, originalmente, a partir das interseções entre a Psicologia e a Sociologia. Sobre tal origem, Maisonneuve (1977) afirma que “sua emergência e seu crescente desenvolvimento provêm da incapacidade de a sociologia, ou a psicologia, sozinhas, explicarem a integralidade das condutas humanas concretas” (p. 2). Sobre esta característica interdisciplinar da Psicossociologia, Casadore (2013) ainda acrescenta que tal ciência desenvolve-se a partir de uma aproximação não apenas entre estes dois grandes campos do saber (a Sociologia e a Psicologia), mas também de outras disciplinas dedicadas ao estudo do ser humano – incluindo a Antropologia ou Etnologia, a Historiografia, determinadas abordagens dentro da própria Psicologia, como a Fenomenologia e a Psicanálise etc. E destaque ainda as inúmeras possibilidades que outros diálogos disciplinares (considerando por exemplo os aportes das Ciências Ambientais, a Ecologia, a Geografia etc) ou não disciplinares – seguindo uma lógica de inclusão das epistemologias populares e saberes locais – podem produzir gerando desdobramentos e adaptações à ciência que Maisonneuve (1977) entende como a das “interfaces” ou “dobradiças”<sup>24</sup>, ou dos encontros funcionais.

Enquanto campo inerentemente inter/transdisciplinar, a psicossociologia se caracteriza por apresentar um esforço integrador na busca pela produção de uma compreensão global dos problemas e questões relativos às interfaces indivíduo-sociedade. Nesta linha, Denise Jodelet (2018) destaca que a psicossociologia “se interessa pelos fenômenos globais, holísticos. Ela leva em consideração [...] fenômenos complexos, pluridimensionais, polimorfos” (p.49). Maisonneuve (1977), por sua vez, assume que o domínio da Psicossociologia é o das interações, incluindo a “Interação dos processos sociais e psíquicos ao nível das condutas concretas; interação das pessoas e dos grupos no quadro da vida cotidiana; junção, também, entre o *aproache* objetivo e o sentido vivido, no nível do, ou dos agentes em situação.” (p. 5)

Jacyara Nasciutti (2010), referindo-se ao pensamento do psicossociólogo francês Eugène Enriquez destaca que “O campo da psicossociologia é o dos grupos, das instituições, dos ‘conjuntos concretos’ [...] nos quais o indivíduo se encontra e que mediatiza sua vida pessoal e a coletividade” (p. 106). Jodelet (2018), analisando o campo de atuação da

---

<sup>24</sup> Maisonneuve (1977) refere-se à Psicossociologia como “*Ciência Charneira*”, ou seja, uma ciência das dobradiças, ou dos encontros com desdobramentos funcionais.

psicossociologia afirma que “a psicossociologia aborda, à luz de processos psicológicos, fenômenos cujo estudo recai, geralmente, nas ciências sociais, em virtude de sua escala e da maneira pela qual afetam a vida coletiva” (p.49). Na mesma linha, Costa (2008) ressalta que “a psicossociologia envolve levantamento, descrição e interpretação de produções coletivas, buscando registrar fenômenos da vida cotidiana” (p.77), mais uma vez fortalecendo a percepção de integração entre as influências da coletividade e as singularidades dos cotidianos dos sujeitos. Além disso, Nasciutti também produz uma reflexão acerca da perspectiva integradora da dimensão individual à coletiva, típica da psicossociologia, afirmando que nesta:

Os processos individuais (conscientes e inconscientes) são considerados como tendo o mesmo grau de importância que os processos sociais. Assim, nesse espaço de articulação teórica que a psicossociologia se insere, não há uma redução dos processos sociais às projeções imaginárias individuais nem se considera que o psiquismo individual seja totalmente sujeito aos determinantes objetivos da realidade social. É verdade que o social atua de forma determinante sobre o comportamento individual e mais ainda se inscreve no corpo e no psiquismo do indivíduo, na representação que ele faz de si mesmo e dos outros, e nas relações que ele mantém com o outro. Porém esse mesmo social obedece, em sua organização, aos ditames das vicissitudes humanas, das exigências psíquicas individuais. (NASCIUTTI, 2010, p. 104)

Neste sentido, essa integração horizontalizada entre processos individuais e sociais pode nos apontar para uma dimensão específica da memória, produzida justamente nessa interface do sujeito com a sociedade: a memória social. Sobre este aspecto Costa (2008) reafirma que as pesquisas sobre memória social, ao envolverem tanto os aspectos psicológicos como os sociais, em conjunto, assumem a característica psicossociológica (p. 77). Ainda sobre as confluências entre uma perspectiva psicossocial e o campo da memória social, Celso Sá aponta que:

[...][S]eu caráter construtivo, sua natureza simultaneamente social e psicológica, sua dependência estreita da comunicação e da interação social, sua imbricação com o pensamento social, sua dinâmica afetiva. Cabe, entretanto, admitir que a presença de um ou outro desses requisitos possa não se mostrar, de início, muito evidente em uma ou outra das instâncias conceituais identificadas. Evidenciá-los, articulá-los e explorar suas implicações na pesquisa da memória social são algumas das tarefas da análise psicossocial. (SÁ, 2007, p. 295)

Machado e Roedel (1994), atentam que a abordagem da Psicossociologia permite um aprofundamento do olhar sobre as relações dentro dos grupos a partir da redescoberta de:

Sujeitos pulsionais, fortemente movidos por sentimentos ambivalentes de amor e ódio, mobilizados por ilusões e crenças, disputando tanto mais com seu semelhante quanto mais iguais fugirem ser, idealizando e buscando

destruir seus chefes, irmãos apenas no complô contra os que são representados como diferentes (p. 8)

Pedro e Moreira (2021) destacam como a Psicossociologia trouxe uma grande contribuição para o campo da Psicologia Social – que, como lembram as autoras, passava por uma crise – na medida em que possibilitou uma aproximação entre os referenciais franceses e perspectivas latino-americanas, gerando, com isso, tensionamentos que estabeleceram caminhos para desenvolver abordagens comprometidas, no sentido de serem mais “[...] engajadas no campo social” (p.5). Ainda sobre estas contribuições da Psicossociologia para a Psicologia Social, Pedro e Moreira (2021) pontuam que a psicossociologia francesa, quando chegou em terras americanas “[...] foi aqui “traduzida”, tensionando o modo tradicional de se produzir conhecimento no campo social, sobretudo ao reafirmar a realidade em sua complexidade, suplantando a dicotomia indivíduo/sociedade e descortinando novas abordagens metodológicas, interdisciplinares, participativas e contra-hegemônicas” (p. 7).

Leandro Neves (2016), no livro “*Psicossociologia Urbana: Catástrofe Socioambiental de Enchente um Estudo de Caso*” - obra em que o autor reflete sobre os efeitos psicossocioambientais de enchentes sobre a realidade de uma comunidade no interior de São Paulo -, leva em conta que:

A dimensão humana carrega intrinsecamente o singular (indivíduo), o particular (contexto societário) e o universal (relativo ao gênero-humano). Nessa tríade dialética, o elemento de mediação entre os polos é a particularidade; esta que compreende o contexto social em que o homem está inserido e que engloba várias esferas - política, moral, econômica, cultural, religiosa. A compreensão processual dessas esferas em tal contexto possibilita apreender as determinações históricas no homem singular" (p.46)

Sônia Lages (2013), posicionada a partir de um olhar sobre os estudos pós-coloniais na Psicossociologia, afirma que:

A psicossociologia, caracterizada pela complexidade de sua interdisciplinaridade e por uma trajetória um tanto conturbada, tanto pela construção de uma episteme que atenda suas necessidades como de metodologias que orientem sua prática, encontra-se mergulhada hoje num contexto de mudanças paradigmáticas que exigem dela novos reposicionamentos. [...] Isto quer dizer, que ela deve dar sua contribuição no sentido de construir novos conceitos e estratégias epistemológicas de complexidade e de interdisciplinaridade, que atenda à nova conjuntura sociocultural, se posicionando de forma crítica na agenda das lutas emancipatórias, anti-opressivas, descolonizando suas teorias e práticas, como coloca Spivak. (p.87)



Assim, para além das idealizações e utopias, as comunidades/grupos/indivíduos passam a ser encarados como sujeitos psicossociais complexos, que refletem trajetórias, contextos e memórias, que, por sua vez, podem ser comunicados através de narrativas. Sobre tal aspecto Nasciutti (1996) discute o papel da psicossociologia para pensar os sujeitos de modo não fragmentado:

Indivíduo visto não apenas como resultado de determinantes de diferentes ordens mas como ator social, relativamente autônomo, dotado de liberdade de ação face a um contexto social que o precede e que lhe designa um lugar, indivíduo membro de uma cultura, mas também sujeito psíquico, dotado de pulsões, de afetos, defesas, projeções, identificações e desejos, constituinte do social que o constitui. (p. 54)

Casadore (2013) considera que a psicossociologia é uma ciência associada à ideia de transformações, que muitas vezes se apresenta como uma ferramenta para auxiliar os grupos envolvidos em seus processos de transformações necessários para a melhoria do contexto da coletividade em questão. Mas considera que “mais do que propor as mudanças, a Psicossociologia tem como objetivo possibilitar que os próprios sujeitos atuem e busquem, assim, as transformações sociais” (CASADORE, 2013, p. 179), tal perspectiva apresentada pelo autor aproxima a psicossociologia da proposta Freireana de uma Pedagogia da Transformação calcada no empoderamento dos sujeitos populares.

No presente trabalho, quando fazemos referência a uma Psicossociologia Ambiental Comunitária estamos, antes de mais nada, nos remetendo ao encontro de minha trajetória pessoal enquanto pesquisador com minha vivência dentro do programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bem como com a linha de pesquisa em que estou inserido dentro deste programa “Comunidades, Ecologia Social e Sustentabilidade”.

Porém, apesar de minha pesquisa estar inserida na linha 1 “Comunidades, Ecologia Social e Sustentabilidade”, na ocasião de minha entrada no programa estive vinculado a linha 2 “Psicossociologia Crítica, Comunidades, Redes e Políticas do Cotidiano”, e, tal alteração se deu na medida em que o programa passou por uma reformulação interna e, neste processo, minha orientadora, Samira Lima da Costa, foi transferida para esta linha, carregando consigo os trabalhos de seus orientandos. Ainda assim, o presente trabalho, desde sua origem, sempre apresentou grandes afinidades com ambas as linhas, de modo que a passagem de uma linha para a outra não representou grandes desafios ou exigências para esta adaptação.

Ainda assim, muito da visão de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária proposta neste trabalho é fruto de inúmeras influências provenientes de minhas experiências com o programa EICOS. Cabe ressaltar, por exemplo, a grande influência que este programa de Pós-Graduação representa para o campo do Meio Ambiente e, em especial, da Educação Ambiental. Tendo inúmeros professores e estudantes que se destacaram nesta área e que apresentaram grandes contribuições para o desenvolvimento da mesma. Neste sentido, é interessante destacar o papel de professores como: Carlos Frederico Bernardo Loureiro, um importante nome para o campo da Educação Ambiental Crítica brasileira; Frederico Tavares, que traz debates em torno do Marketing Ambiental; Samira Lima da Costa, que aporta as Narrativas e os Estudos de Memórias para a Educação Ambiental; Tânia Maciel, com inúmeros trabalhos sobre Ecologia Social; Maria Inácia D'Ávila, com olhares a respeito dos estudos de comunidades pantaneiras no Mato Grosso, também a partir das conexões entre Psicossociologia e Ecologia Social; Marta Irving, que reflete a respeito das interfaces entre a Psicossociologia, o debate ambiental e os Estudos de Turismo; Marta Pinheiro, que se dedica de maneira mais precisa a refletir sobre o papel da psicossociologia na questão dos desastres; entre outros.

Dentre os trabalhos de discentes do EICOS que tem muito a contribuir para a conformação de meu olhar a respeito do que entendo como uma Psicossociologia Ambiental Comunitária é possível mencionar alguns, incluindo: a tese de doutorado de minha orientadora, Samira Lima da Costa (2018), “Os Sentidos da Comunidade: Construções Intergeracionais de Memória Coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES”, que traz uma abordagem a partir dos estudos de memória e estudos de comunidades, buscando os sentidos de comunidades estabelecidos por moradores da Ilha de Caieiras, e trazendo inúmeras reflexões, por meio das narrativas de memórias, a respeito das conexões entre as comunidades locais e o meio ambiente; a dissertação de mestrado de Alex de Castro Fiuza (2017), intitulada “Modos de Produção enquanto ferramenta para a Conservação: uma análise na reserva extrativista Terra Grande-Pracuúba” que, entre outras questões, nos aponta, de maneira explícita, reflexões a respeito do que o autor chama de aspectos psico-socioambientais, destacando, por exemplo, que “a integração entre os campos socioambiental e psicossocial pode ampliar a compreensão sobre fenômenos que envolvam práticas sociais em suas diferentes relações com a questão ambiental” (p. 34-35); a tese de doutorado de Patrícia Carla de Almeida Souza (2015), “Vulnerabilidades Socioambientais e Estratégias Psicossociais com sujeitos em Situação de Desastres Ambientais”, em que a autora, assim como Fiuza (2017), assume que “a palavra psicossocial

(psico + social) caracteriza uma possibilidade de integração da dimensão social ao campo da psicologia e da biologia” (p.87) e prossegue afirmando que “a integração entre as esferas socioambiental e psicossocial pode significar a ampliação da compreensão tanto do pesquisador, quanto do profissional envolvido em relação às estratégias metodológicas para o trabalho em área de risco e desastre ambiental [...]” (p. 88); a dissertação de mestrado de Samira Younes Ibrahim (2018), que realiza uma “Análise da Memória Social dos Afetados no desastre Socioambiental de Janeiro de 2011 no Vale do Cuiabá – Petrópolis, RJ”, e que, como afirma no próprio título, promove um olhar a partir da psicossociologia de comunidades para o desastre socioambiental do Vale do Cuiabá através de uma abordagem calcada na Memória Social, destacando que “a necessidade de um olhar ampliado, com flexibilidade para incluir visões diferentes de conhecimento é uma das exigências para tratar o tema desastres. Essa aproximação aproxima da psicossociologia” (p. 5); a dissertação de mestrado de Aurea Rachel de França Pereira (2020), “Sentidos de Comunidade, Saberes da Natureza e Resistências Socioculturais no Morro da Formiga, Rio de Janeiro”, que nos brinda com uma proposta que aproxima a Psicossociologia do campo ambiental através da noção de Saberes da Natureza que, conforme a autora, entende-se tais saberes como “[...] uma parte das existências e resistências socioculturais por entender que as manifestações dessas re-existências incluem o âmbito ambiental” (p. 33) ao que a mesma prossegue assumindo que estes saberes seriam “o que a rotina de manutenção da vida ensinou e ensina sobre como se relacionar com o meio e com as pessoas.” (p. 33), visão que, sob certos aspectos, se aproxima da ideia do intelectual mexicano Enrique Leff (2009, 2011) a respeito do Saber Ambiental; o trabalho de doutoramento de Gabriel de Sena Jardim (2014), “A Fonte que Nunca Seca: uma análise sobre o trabalho cotidiano de mulheres em contato com a água”, reflete, com base em narrativas de mulheres do município de Soledade (PB), as relações estabelecidas por comunidades do semi-árido nordestino com a água, levando em conta os múltiplos aprendizados que esse contexto de escassez produz na relação humanos-natureza; a dissertação de Pedro Salim Miranda (2015), cujo título é “A Natureza nas narrativas dos moradores de Morro da Garça em Minas Gerais: Encantamento, desencantamento e os casos da ‘Luz’”, considerou que “a busca por outros paradigmas de pensamento é necessário para que haja uma compreensão mais profunda de nosso envolvimento na natureza global. Nos interiores de ‘nuestra america’ ainda pode-se encontrar outras concepções e relações com a natureza [...]” (p. 85); Heliana Castro Alves (2016), por sua vez, nos brinda com a tese “Eu não sou Milho que me Soca no Pilão: Jongo e

Memória Pós-Colonial na comunidade quilombola Machadinha - Quissamã”, em que se debruça, a partir dos estudos pós-coloniais, em aproximações da psicossociologia com os estudos de Memória Social, destacando que “a construção da memória social e o processo de negociação identitária na contemporaneidade, devem ser problematizados à luz de campos de conhecimento como a psicossociologia.” (p. 16); Érika Fernandes-Pinto (2017), realizou um trabalho muito importante a respeito dos “Sítios Naturais Sagrados do Brasil: Inspirações para o Reencantamento das Áreas Protegidas”, em que destaca como “[...] a perspectiva interdisciplinar delineada pelo Programa EICOS e a inserção teórica na Psicossociologia e na Ecologia Social foram fundamentais para um entendimento mais amplo da problemática da relação sociedade e natureza.” (p. 34-35); Cristiane Passos de Mattos (2018), em sua tese intitulada “Psicossociologia do Turismo: uma via para interpretar o turismo na Área de Proteção Ambiental de Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ, Brasil” tece reflexões a respeito das interfaces entre a Psicossociologia e o Turismo, entre suas ponderações assume que “[...] para se fazer pesquisa em Psicossociologia é essencial que o conhecimento seja produzido, a partir da interpretação de um determinado contexto ou cotidiano vivido, concretamente, por indivíduos e grupos sociais.” (p. 53); Rosa Valim (2019), traz em sua tese “Mulheres que caminham sobre as águas: Histórias de Vida das Mulheres de Vila Canoas” um olhar sob a perspectiva da Memória e da História Oral a respeito de memórias femininas de moradoras de Vila Canoas, uma comunidade localizada em São Conrado, na Zona Sul do Município do Rio de Janeiro, Valim (2019) destaca que pelo fato de a memória ser um constructo coletivo por essência, deve ser entendido enquanto uma construção social, e, justamente em função disso “[...] memória torna-se objeto de estudo para a Psicossociologia” (p. 45); Silvia Barbosa de Carvalho (2019), com a Tese “O Mundo e Seus Mundos: Poder feminino, memória e tradição entre mulheres da Sociedade Òṣòròngá no Rio de Janeiro”, também assentada nos estudos de memórias e narrativas destaca que “A psicossociologia, [...] é mais um disposto que me auxilia a pensar a reverberação dessas vozes do que ferramenta que vai definir o caminho de olhar” (p. 53) e prossegue assumindo que “[...] se há uma coisa em que a Psicossociologia pode contribuir é na reflexão sobre estes encontros, cuidando de não definir uma cisão entre ‘nós’ e ‘elas’, mas a proposição de diálogos comunitários em que se ensina e se aprende” (p. 192) ao que a autora resume como “verdadeiro sentido de um saber compartilhado” (p. 192).

Partindo de uma crítica a concepção de Psicossociologia de Comunidades, Camargo et al (2021) advogam pela incorporação do chamado Legado das Lutas Sociais da América

Latina<sup>25</sup> à Psicossociologia, propondo com isso uma alteração da terminologia para Psicossociologia com comunidades, entendendo que esta mutação conceitual representa uma trilha para a descolonização da Psicossociologia, bem como o reconhecimento da necessidade de protagonismo das comunidades nos Estudos de Comunidades – decorrente da incorporação de perspectivas de investigação Participativas, Participantes e Colaborativas -, pontuando que “uma ‘Psicossociologia *com* comunidades’ deve empenhar-se para fortalecer os encontros e promover confluências, engendrando processos de produção coletiva de conhecimentos contextualizados e críticos sobre as realidades comunitárias.” (p. 15).

Por fim, destaco que a necessidade de investigar as relações estabelecidas entre comunidades e o meio ambiente poderia conduzir a construção de uma Psicossociologia Ambiental, atenta as redes psicossocioambientais formadas no contexto dessa comunidade (considerando, por sua vez, a noção ampliada de comunidade obtida pela aproximação com a definição ecológica de comunidade, *Biota* ou *Ecocenose*). Neste sentido, aproximando a Psicossociologia da Ecologia devemos incorporar ao debate os elementos não humanos que compõe o território, incluindo aí os fatores bióticos e abióticos, ou seja, os seres vivos e o próprio ambiente; com isso passamos a considerar as relações que os seres vivos, incluindo os seres humanos, estabelecem entre si<sup>26</sup> e as relações que os seres vivos estabelecem com o meio<sup>27</sup>. Sobre esta integração entre os campos socioambiental e psicossocial, Fiuza, Costa e Loureiro (2018) destacam que essa aproximação poderia auxiliar numa ampliação da “compreensão de fenômenos socioambientais complexos que envolvem dimensões materiais e psicológicas” (p.49) e, assim, “a psicossociologia apresenta-se como um campo de conhecimento que tende a favorecer a compreensão dos fenômenos psicossocioambientais” (FIUZA; DA COSTA; LOUREIRO, 2018, p. 52).

Posto isto, entendo que uma proposta de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária englobaria, portanto, para além de um olhar que parte das questões psicossocioambientais que afetam as comunidades em questão; uma forte marca da Pesquisa Participante e da Educação

---

<sup>25</sup> Por este Legado reconhecem um conjunto de metodologias, práticas e teorias desenvolvidas por intelectuais comprometidos em conjunto com movimentos sociais e populações locais numa busca pelo reconhecimento da diversidade epistemológica e epistêmica do Sul Geopolítico Global, que incluem, entre tantos exemplos: a Educação Popular e a Pedagogia Freireana; a Pesquisa Participante, com destaque para a IAP de Orlando Fals Borda; o Teatro do Oprimido de Boal; a Psicologia da Libertação de Martin-Baró e Maritza Montero; as correntes feministas latino-americanas; entre tantos outros movimentos decorrente das lutas populares deste continente.

<sup>26</sup> Noção que na Ecologia pode ser chamada de Alelobiose, ou seja, o conjunto de relações que os seres vivos estabelecem entre si.

<sup>27</sup> Ideia que na Ecologia pode ser chamada de Ecobiose, que é quando os seres vivos interagem com o ambiente.

Popular (ou de Base Comunitária). Neste sentido, considero que tal proposta se aproximaria, em certa medida, da corrente conhecida como Psicologia Social Comunitária que, segundo alguns autores (JODELET, 2017; LANE, 2010; CAMPOS, 2010), volta seus esforços e reflexões para a dimensão comunitária, bem como se encontra intrinsecamente ligada a uma postura de ciência comprometida com as classes populares e, sobretudo, apresenta uma forte conexão com a Educação Popular e as perspectivas de investigação colaborativa ou participante.

Além disso, a proposta desta pesquisa considera que uma psicossociologia ambiental comunitária poderia contribuir investigando, especificamente, as narrativas por trás das paisagens, debruçando-se sobre as múltiplas histórias envolvidas na conformação dos cenários paisagísticos relacionados às memórias das comunidades, e buscando entender, a partir da análise de tais narrativas, as consequências e implicações geradas pelos processos de transformações ambientais - e com isso se aproximar de uma compreensão sobre as histórias ambientais da região. Quanto a esta possibilidade, é interessante destacar o caminho de pesquisa realizado por Edna Alencar (2007), ao pensar a transformação das paisagens a partir de narrativas de moradores de comunidades locais:

Para entender as estratégias utilizadas pelos moradores para conservar a lembrança do passado e construir a memória da história do grupo e do lugar, recorreremos à memória de algumas pessoas que conservam fragmentos da história de formação do lugar e do grupo social. Mas no trabalho de lembrar eles buscam na paisagem do passado os vestígios do existiu antes. [...] Nas narrativas observamos que no processo de lembrar os narradores selecionam os eventos mais significativos para reforçar o vínculo com o lugar e a identidade do presente. Eles se esforçam para recompor a paisagem do passado como uma forma de dar credibilidade ao que está sendo narrado, uma vez que na paisagem do presente não se encontram as evidências por eles apontadas. Nesse sentido, o esforço dos narradores é conduzir suas lembranças a um passado para encontrar um lugar que se transformou, e fazer com que os moradores de hoje vislumbrem na paisagem do presente a paisagem que existiu no passado. (p. 102)

#### 4.4. Educação e Epistemologia Popular

A corrente de Educação Popular latino-americana representa uma concepção educativa alternativa - desenvolvida por intelectuais comprometidos com os setores populares e, principalmente, pelos próprios movimentos sociais, comunidades eclesiais de base, povos tradicionais e comunidades locais, movimentos da cultura popular etc -, que foi pensada e tecida com base nos contextos específicos em que se desenrolava. Refletindo sobre a Educação de maneira mais ampla, Carlos Rodrigues Brandão (2013) pondera que “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante” (p. 9), o mesmo autor, no clássico Livro “*O que é Educação Popular?*” da Coleção Primeiros Passos, se refere à Juan Garcia Huidobro e Sergio Martinic para apontar os pontos de partida daquilo que entendemos atualmente como Educação Popular:

1) *A criação de uma nova hegemonia, o que significa um saber popular*, no sentido de saber das classes populares que se constitua como base de um trabalho de acumulação de poder popular [noção semelhante à defendida por Fals Borda ao falar sobre Ciência Popular]; 2) *a cultura popular como ponto de partida*, com um trabalho de revisão de seus componentes tradicionalmente “dominados” e em direção à produção de uma cultura orgânica de classe; 3) *a progressiva participação do trabalho do educador no trânsito de sujeitos populares, de agentes econômicos para agentes políticos*; 4) *a descoberta e o aprimoramento de tipos de relações de prática pedagógica* entre educadores e educandos, entre profissionais comprometidos com a “causa popular” e agentes educandos individuais (sujeitos populares) ou coletivos (movimentos populares). (1983, p. 24 apud BRANDÃO, 1986, p. 48, grifos meus)

Conceição Paludo (2005), por sua vez, declara que a Educação Popular deve ser entendida:

[...] [A] o mesmo tempo como prática e como uma teoria, isto é, como uma concepção educativa. Como prática, a Educação Popular é vinculada ao ato de educar, a uma multiplicidade de ações ou *práticas educativas plurais*, com diferentes características e bastante diversas, *orientadas*, entretanto, *por uma intencionalidade transformadora*. Como teoria, a Educação Popular é resgatada como *uma pedagogia*, como uma Teoria da Educação, que está sempre em processo de revisão e (re) elaboração e que se alimenta da reflexão sobre o ato de educar visando (re) orientá-lo (p. 58)

Silvia Lane (2010) ressalta o papel central da Educação Popular nos trabalhos com comunidades e traz as palavras de Pontual (1981, p.30 apud LANE, 2010, p. 21) que assume que "nesse sentido, o que identifica qualquer profissional ligado realmente aos movimentos

populares é o seu papel de educador popular, embora ele possa dar uma contribuição maior na área de conhecimento em que ele se formou". Neste caso, trazendo essa fala para a realidade das comunidades do Vale do Jequitinhonha e refletindo diante de minha trajetória pessoal enquanto pesquisador percebo ser mais do que compreensível que eu acabe trazendo o debate para a Educação Ambiental - uma vez que minhas preocupações centrais enquanto investigador são justamente às relacionadas às questões socioambientais, o que por sua vez reflete minha formação no Bacharelado em Ciências Ambientais. Brandão e Borges (2007) reforçam que "em boa parte das experiências, as alternativas participativas se reconhecem vinculadas de algum modo com a Educação popular. Através dela, elas se identificam como um serviço ao empoderamento dos movimentos populares e seus integrantes" (p.57), enquanto Jodelet (2017) destaca que as diferentes formas de ação comunitária e a educação popular possuem como objetivos em comum o:

[...] [E] mpoderamento, permitindo aos indivíduos controlar seu ambiente e suas vidas cotidianas, desenvolver sua auto-confiança e sua capacidade de iniciativa. Elas se encontram também na noção de comprometimento ou engajamento sócio-político, permitindo a aquisição de conhecimentos, a partilha de conhecimentos e expressão de solidariedade na educação popular e no campo comunitário; rompem com práticas tradicionais de intervenção, reconhecem as competências dos usuários e transformam as relações de poder estabelecidas pelos detentores do saber. Finalmente, elas se encontram nas formas de intervenção, envolvendo a parceria entre as partes interessadas, pesquisadores, líderes e membros da comunidade. Isto nos leva a questionar o lugar da educação na pesquisa qualitativa, independentemente da forma que assumam (p. 27-28)

Além disso, Lane (2010) ainda explica que o sentido embutido na adjetivação "comunitária" apropriada pela psicologia social comunitária brasileira se relaciona, especificamente, à dimensão de Educação Popular e a participação/envolvimento das comunidades. O que me leva a pensar não em termos de uma Psicossociologia Clássica, mas sim, numa Psicossociologia Ambiental Comunitária, que dirige seu olhar para questões psicossocioambientais assumindo uma postura de valorização do saber local e de democratização do conhecimento; além de pensar a educação como um caminho (e consequência ética) e não como um objetivo.

Paludo (2016), no Verbetes sobre Educação Popular do Dicionário Paulo Freire sintetiza tal concepção Freireana afirmando que "a expressão educação popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada



concepção de educação: a educação libertadora. (p. 141) e complementa pontuando que tal Educação parte do contexto concreto/vivido em direção ao contexto teórico. Concordando com essa perspectiva, Denise Guerra (2012), refletindo sobre a ideia de uma educação popular comunitária afirma que:

*A experiência da educação comunitária acaba sendo um contrapondo ao modelo de educação nacional que, através da tese da democratização e da igualdade, exclui, marginaliza e individualiza o ser humano. A iniciativa comunitária de ensinar-aprender tem uma fisiologia mais colaborativa e agregadora de construir conhecimento. Os saberes se intrecruzam aos desafios e resoluções de problemas, próprios da comunidade, com objetivo claro de melhoria da qualidade de vida. O conhecimento científico é tensionado. Em algumas situações, valem a sabedoria e a intuição popular* (p. 13, grifos meus)

Muito próxima da visão de Guerra (2012), acerca de uma Educação Popular Comunitária, é a posição de Orlando Fals Borda (2014) ao refletir sobre as interseções entre a metodologia de Investigação Ação Participativa (IAP) e a Educação Popular:

*La educación debe hacerse no pensando en la academia sino en el mundo, en la vida, en el contexto. Es educar en los problemas reales. Obliga a transformar las facultades y los departamentos y a hacer estructuras con base en problemas sociales y contextos culturales y no con base en problemas formales de la institución.* (p. 43)

Retomando o debate em torno de Freire, Maria Ozaniza Silva (1991) lembra que:

*Paulo Freire preconiza para sua proposta de educação libertadora, onde se insere a pesquisa Participante, uma metodologia dialógica e conscientizadora que implica uma postura ativa dos homens, na investigação de sua temática, devendo verificar-se uma relação de simpatia e confiança mútua entre educador e população* (p. 141)

Freire (1982b), refletindo sobre a perspectiva de uma Educação elaborada em torno da relação que os sujeitos estabelecem com suas realidades cotidianas, afirma que o homem deve ser entendido como "um ser de relações", uma vez que:

*Assim, como não há homem sem mundo, nem mundo sem homem, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Esta relação homem-realidade, homem-mundo, ao contrário do contato animal com o mundo [...] Implica a transformação do mundo, cujo produto, por sua vez, condiciona ambas, ação e reflexão. É, portanto, através de sua experiência nestas relações que o homem desenvolve sua ação-reflexão, como também pode tê-las atrofiadas. Conforme se estabelecem estas relações, o homem pode ou não ter condições objetivas para o pleno exercício da maneira humana de existir* (p. 18-19)

Ainda sobre estas relações humanos-mundo, Freire (1982b) afirma que "posto diante do mundo, o homem estabelece uma relação sujeito-objeto da qual nasce o conhecimento, que ele expressa por uma linguagem" (p. 67). Esta importância da linguagem para o sucesso dos processos comunicativos, e conseqüentemente das práticas educativas, justificando inclusive a necessidade de adaptar o linguajar ao universo vocabular dos educandos, tem um papel central nos trabalhos de educação popular, e tem uma grande fonte de inspiração na obra de Paulo Freire, em especial em "Pedagogia do Oprimido" (FREIRE, 2014) e toda a busca pelas Palavras e pelos Temas Geradores, baseada na proposta dos círculos de cultura.

Sobre a noção de círculos de cultura presente na Educação Popular Freireana, Fiori (2014) afirma que:

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se e 'reciprocidade de consciências'; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo (p. 15).

Mota-Neto (2015), refletindo sobre a obra de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, defende, em sua tese de doutorado, que tais autores podem ser entendidos como pioneiros para a construção da Educação Popular e do Pensamento Decolonial Latino-Americano. Neste sentido, o autor (MOTA-NETO, 2015) aponta que nas concepções pedagógicas de Freire e Fals Borda a construção de uma pedagogia decolonial "a) requer educadores subversivos; b) parte de uma hipótese de contexto; c) valoriza as memórias coletivas dos movimentos de resistência; d) está em busca de outras coordenadas epistemológicas; e afirma-se como uma utopia política" (p. 345).

Mas para nos dirigirmos ao universo dos saberes populares devemos ter em mente que será necessária uma abertura epistemológica<sup>28</sup> no sentido de encarar esses conhecimentos do povo a partir de uma ótica não excludente e atenta a suas singularidades. Neste sentido, destacamos o esforço necessário na busca por ferramentas teórico-conceituais adequadas para estes encontros. É justamente neste sentido que Virginio (2005) nos lembra que:

A visualização dos problemas que envolvem a temática das classes populares demanda reconhecer a necessidade de uma construção epistemológica coerente às suas peculiaridades. Ou seja, abordar ações, pensamentos, sentimentos e percepções das classes subalternas pressupõe a utilização de

---

<sup>28</sup> A epistemologia se configura como um ramo da filosofia dedicado ao estudo da natureza do conhecimento.

ferramentas teóricas adequadas, não somente para melhor duplicar o que seja a realidade, como também para justificar e legitimar o inevitável, o devir, enfim, o novo. (p. 60)

Ainda sobre a urgência de uma postura epistemológica aberta aos saberes das classes populares, Paludo (2016), no verbete sobre Educação Popular do Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN, ZITKOSKI, 2016), assume que:

Esta educação [popular], orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos. (PALUDO, 2016, p. 141)

Na esteira das epistemologias populares que emergem do Sul geopolítico global - incluindo aí os chamados “países em desenvolvimento” e sobretudo populações que passaram por estágios coloniais -, se inserem aquelas identificadas por Santos e Menezes (2010) como epistemologias do Sul. Sobre estas, Santos (2010) pontua a necessidade de superação daquilo que chamou de pensamento abissal, que seria um modo de pensar estabelecido a partir da imposição de uma epistemologia universalizante, definida pelas sociedades ocidentais modernas, e manifestada sobretudo pelo estabelecimento de um pensamento científico que exclui e deslegitima todas as demais formas de pensar, decretando assim uma única forma de se interpretar e conhecer a realidade.

A ideia de um pensamento abissal apresentada por Santos (2010), por sua vez, aproxima-se da perspectiva de uma Monocultura da Mente conforme as acepções de Vandana Shiva (2003) – que promove uma crítica ao modo de pensar ocidental a partir de uma reflexão sobre os discursos que vendem a lógica do agronegócio convencional como a única forma de se produzir alimentos em larga escala, concepção esta da agricultura “moderna” que é baseada em grandes plantações de monocultivos geridos com base no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes químicos, bem como no emprego de sementes geneticamente modificadas e maquinários agrícolas que acabam levando ao desemprego no campo, e conseqüente êxodo rural. Desta forma, a crítica de Shiva (2003) extrapola o sentido original da palavra monocultura, tirando-a do campo da agricultura e trazendo-a para as discussões epistemológicas. Mas retornando a ideia de pensamento abissal, que nega a existência de outras formas de pensar, segundo Boaventura (2010):

No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso [...]. O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não-científicas de verdade (p. 33).

Santos (2010) com isso assume a necessidade de uma Ecologia de Saberes como um caminho para a reintegração de diferentes conhecimentos, avocando uma concepção de pluralismo epistemológico. Porém, a visão defendida por tal sociólogo português não consiste em algo novo e/ou único, sendo encontrado debate semelhante nas obras de autores latino-americanos como Freire e Fals Borda, que já advogavam a necessidade de uma ciência comprometida com as realidades populares, que estivesse aberta à incorporação de outras formas de interpretar e refletir sobre a realidade, sobretudo aquelas provenientes dos oprimidos e das classes populares; Enrique Leff (2000, 2004, 2011), ao propor a busca por um Saber e uma Epistemologia Ambiental, considera a necessidade de um Diálogo de Saberes que possibilitem congregiar visões provenientes de diferentes culturas em torno de concepções a respeito do meio ambiente; e tal proposição de reconhecimento de epistemologias *outras* também constitui a base das chamadas Etnociências, que buscam, justamente, as interfaces entre saberes científicos e saberes populares/tradicionais; outra linha que se aproxima desta concepção, porém de forma ainda mais radical, é observada em projetos como o Encontro de Saberes, idealizado pelo professor José Jorge, da Universidade de Brasília (UNB), que conclama mestres dos saberes populares a ministrarem aulas para estudantes de graduação e pós-graduação, buscando uma integração entre a perspectiva acadêmica e a dos saberes de provenientes de diferentes culturas presentes no território nacional. Assim, tomamos essas inspirações como pontos de partida para pensarmos como os processos de investigação junto a comunidades locais, povos tradicionais e grupos populares devem ter como base uma abertura epistemológica a diversidade de pensamento, bem como reconhecendo a importância destas epistemologias endêmicas para a construção de propostas pedagógicas atentas as realidades psicossocioambientais de cada comunidade.

Refletindo a respeito dos caminhos para a construção de saberes ambientais, Enrique Leff reforça o papel e o caráter da interdisciplinaridade, assinalando que:

A interdisciplinaridade implica assim um processo de inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transborda e transcende o campo da pesquisa e do ensino no que se refere estritamente às disciplinas científicas e a suas possíveis articulações. Dessa maneira, o termo interdisciplinaridade

vem sendo usado como sinônimo e metáfora de toda interconexão e "colaboração" entre diversos campos do conhecimento e do saber dentro de projetos que envolvem tanto as diferentes disciplinas acadêmicas, como as práticas não científicas que incluem as instituições e atores sociais diversos. (p. 22)

Neste sentido, Leff (2000) compreende que um Saber e uma Epistemologia Ambiental aproxima-se de uma concepção de Epistemologia Popular, uma vez que, ao percorrer os caminhos da interdisciplinaridade busca uma conexão “entre diferentes campos do conhecimento e do saber” (p.22) envolvendo não apenas disciplinas acadêmicas como “instituições e atores sociais diversos” (p.22). Trata-se, portanto, do mesmo modo, de uma concepção epistemológica que preza pela democratização da produção de conhecimentos, assumindo uma postura de diálogo de saberes, considerando que a interdisciplinaridade deve ir além do encontro de disciplinas científicas, mas também na inclusão dos saberes populares e tradicionais.

## 5. PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

O processo de construção de uma proposta teórico-metodológica para uma pesquisa social (ou socioambiental) reflete aspectos de ordem prática, como as reflexões em torno, por exemplo, do objeto do estudo, do contexto investigado ou dos objetivos e recorte da pesquisa; mas também aspectos de ordem subjetiva, incluindo a relação do pesquisador com os grupos que participarão da pesquisa, a afinidade do pesquisador com determinadas técnicas ou métodos, bem como a própria trajetória do investigador. Assim, dou início a este capítulo comentando alguns destes aspectos que me influenciaram na construção desta proposta.

Em primeiro lugar, destaco em minha trajetória o envolvimento com o debate ambiental, situado no contexto latino-americano e pensado numa lógica *Desde El Sur* (KASSIADOU et al, 2018). Quanto a isto, resalto uma série de influências que compõe meu modo de olhar e de pensar a prática de pesquisa: 1) a característica interdisciplinar da minha formação, que parte de um Bacharelado em Ciências Ambientais, segue para um Mestrado em Educação e agora se encontra em um doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social; 2) as teorias de descolonização do pensamento, incluindo a perspectiva de uma pedagogia decolonial (WALSH, 2009) e o reconhecimento das diferentes formas Colonialidade enquanto aspecto central para a compreensão das realidades das sociedades latino-americanas (QUIJANO, 2010); 3) uma preocupação com a valorização dos saberes locais e da cultura popular enquanto elementos relevantes para a compreensão das realidades comunitárias (FREIRE, 2014); 4) a noção de uma ciência comprometida com os anseios populares (FALS BORDA, 1982, 1991); 5) bem como o entendimento de que a Educação representa uma ferramenta de transformação social (FREIRE, 2014). Tais influencias me levaram, por exemplo, a dar preferência para a abordagem de Pesquisa Participante, como forma de reconhecer a necessidade de pensar a construção de conhecimentos de maneira coletiva e democrática, envolvendo as comunidades no processo de investigação; bem como me levaram a priorizar uma perspectiva de pesquisa centrada em narrativas, por entender a necessidade de reconhecer a multiplicidade de pontos de vista das próprias comunidades sobre as realidades locais. Com isso não quero afirmar que esta é a única forma de se pensar pesquisas de Psicossociologia com comunidades do Vale do Jequitinhonha, mas sim, que está é uma perspectiva adequada à minha trajetória de encontro com as comunidades de Chapada do Norte, e que isto configura o meu olhar sobre este processo investigativo – e que reflete não somente minhas implicações, mas as das comunidades e seus contextos.

Entendendo as questões socioambientais enquanto um problema complexo, dinâmico e pluridimensional, este estudo propõe uma articulação entre metodologias provenientes de diferentes áreas do conhecimento, num esforço interdisciplinar e interparadigmático (VASCONCELOS, 2013) para produzir um olhar integrador sobre as relações estabelecidas entre o meio ambiente, e em especial o Clima, e a memória de moradores de comunidades do município de Chapada do Norte (MG), localizado no Vale do Jequitinhonha.

A proposta metodológica apresenta uma série de influências, provenientes de diferentes campos disciplinares, incluindo: Antropologia, Psicologia, Sociologia, Educação (com destaque para a Educação Popular e Educação Ambiental), Estudos Culturais, Estudos de Memória, Ciências Ambientais, Geografia, História, Etnoclimatologia e Etnometeorologia etc. Com relação a abordagem teórica, este trabalho se baseia em uma perspectiva da Teoria Social Crítica em diálogo com os campos da Ecologia Política, da Educação Ambiental Crítica, da Justiça Climática e dos Estudos Culturais Críticos Latino-americanos. Especificamente sobre o papel que a pesquisa em psicossociologia assume e diante das questões e desafios contemporâneos, concordo com Lage (2013) que defende que:

A pesquisa em psicossociologia, disciplina que incorpora as concepções teórico-metodológicas das ciências sociais críticas, tem como desafio contemporâneo a *integração nos debates sobre as mudanças paradigmáticas que reposicionam o pesquisador tanto no contexto da pesquisa como diante do objeto*. Essas transformações indagam a implicação do pesquisador que desenvolve o seu trabalho de acordo com os pressupostos próprios dos condicionamentos históricos, culturais, políticos e econômicos, do qual faz parte, desconsiderando, na maioria das vezes, os contextos culturais diferentes, particulares, uma vez que pressupõe tendências e processos de índole universal. (p.94, grifos meus)

É preciso ressaltar ainda que o arranjo teórico-metodológico que pretendo apresentar neste capítulo trata-se de uma proposta inicial que, diante da realidade do campo, está aberta para remodelações, adaptações e revisões. Portanto, mais do que uma versão definitiva, tal proposta representa uma diretriz inicial para *sulear* as primeiras ações com as comunidades.

## 5.1. Pesquisa Participante

Considerando a necessidade de se produzir pesquisas atentas às realidades psicossocioambientais locais, que reflitam a multiplicidade de olhares acerca dos contextos específicos e, conseqüentemente, convidem as vozes dos territórios a se somarem na construção de conhecimentos sobre tais experiências vivenciadas pelas comunidades localmente. Assim, adota-se a escolha por um caminho de investigação colaborativa ou participante. Neste sentido, pretende-se partir de uma abordagem de Pesquisa Participante, conforme os moldes latinoamericanos (FALS BORDA, 1982, 1991, 1994; BRANDÃO, 1982, 2006; BRANDÃO; STRECK, 2006; BRANDÃO; BORGES, 2007; GABARRÓN; LANDA, 2006; SILVA, 1986; GAJARDO, 1986), desenvolvendo o estudo com base em um processo de imersão na realidade local para, então, pensar sobre a mesma de modo a envolver as comunidades nas diferentes fases de um projeto que é elaborado em conformidade com as demandas, anseios e necessidades dos participantes. Portanto, assume-se uma postura de democratização do acesso e produção de conhecimentos seguindo uma concepção de confluência entre saberes populares e conhecimentos científicos no sentido da construção de uma ciência híbrida, que surge nas conexões entre a ciência acadêmica e a ciência do senso comum (FALS BORDA, 1982). Tal Ciência da Confluência teria sido vista por Danilo Streck e Carlos Rodrigues Brandão (2006) como “uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares” (p. 36).

Sobre a ideia de uma Ciência Popular (também chamada de “Ciência do Senso Comum”, “Ciência Proletária”, “Ciência Camponesa”, “Ciência do Homem [e da Mulher] Comum” ou ainda “Folclore”, “Conhecimento Popular” ou “Sabedoria Popular”), Orlando Fals Borda (1982) define como:

[...] [O] conhecimento empírico, ou fundado no senso comum, que tem sido uma característica ancestral, cultural e ideológica dos que se acham na base da sociedade. Este conhecimento lhes tem possibilitado criar, trabalhar e interpretar, predominantemente com os recursos naturais diretos oferecidos ao homem. [...]. Este conhecimento, folclore ou sabedoria popular, não é codificado segundo os padrões da forma dominante e, por esta razão, é menosprezado como se não tivesse o direito de articular-se e expressar-se em seus próprios termos. Mas este conhecimento popular também possui sua racionalidade e sua própria estrutura de causalidade, isto é, pode-se demonstrar que tem mérito e validade científica *per se*. (p. 45)



Ainda sobre o diálogo necessário entre a ciência dos cientistas e a ciência da sabedoria popular, Freire (1982a) pontua:

[...] Se me preocupa, por exemplo, numa zona rural, o problema da erosão, não o compreenderei, profundamente, se não percebo, criticamente, a percepção que dele estejam tendo os camponeses da zona afetada. A minha ação técnica sobre a erosão demanda de mim a compreensão que dela estejam tendo os camponeses da área. A minha compreensão e o meu respeito. Fora desta compreensão e deste respeito à sabedoria popular, à maneira como os grupos populares se compreendem em suas relações com o seu mundo [...] (p. 35)

Seguindo esta linha de pensamento, a crítica de Fals Borda (1982) à arrogância da Ciência Tradicional parte do reconhecimento de que a ciência seria “[...] apenas um produto cultural do intelecto humano que responde a necessidades coletivas concretas [...] e também aos objetivos específicos determinados pelas classes sociais dominantes em períodos históricos precisos” (p. 44-45), reforçando que em seu afastamento com o povo os cientistas estabeleceram uma diferenciação de linguagem, que se percebe na codificação criada em torno da construção de termos, conceitos e jargões específicos que restringem a compreensão do conhecimento científico a uma “elite intelectual”, que monopoliza os códigos de entendimento de seu campo disciplinar específico. Esta posição de Fals Borda concorda com a visão de Freire (2014) quanto ao mito da neutralidade da Ciência (e da Educação), assim como fortalecem a postura defendida por Rosiska e Miguel Darcy de Oliveira (1982) de que “uma perspectiva crítica e problematizadora das ciências sociais, implica, portanto, na recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade e obriga o pesquisador a assumir plenamente uma vontade e uma intencionalidade políticas” (p. 25). Sobre isto o autor (FALS BORDA, 1982) recorda que:

[...][A] ciência é construída pela aplicação de regras, métodos e técnicas sujeitas a certo tipo de racionalidade convencionalmente aceita por uma pequena comunidade constituída de indivíduos chamados cientistas que, por serem humanos, estão, por isso mesmo, sujeitos a motivações, interesses, crenças e superstições, emoções e interpretações de seu desenvolvimento social, cultural e individual” (p. 44)

Quanto à postura necessária para a produção de uma Ciência Comprometida ou Engajada, entendo que não se trata de uma atuação política no sentido partidário, mas sim, uma ação política em torno da transformação da realidade psicossocioambiental das comunidades, auxiliando tais populações a buscarem soluções para as problemáticas complexas envolvidas na relação destes grupos sociais com o meio ambiente, e com as variações climáticas típicas

desta região do sertão mineiro. Assim, me alinho a reflexão de Freire (2014) que entende a importância de os pesquisadores-educadores assumirem o papel de agentes de transformação da realidade sociocultural das comunidades, com isso confirmo, mais uma vez, a aposta na educação como ferramenta de transformação e emancipação, bem como de reconhecimento da sabedoria popular e das narrativas comunitárias.

Em entrevista publicada no livro "Pesquisa Participante: O Saber da Partilha", de Carlos Rodrigues Brandão e Danilo Streck (2006), Orlando Fals Borda reafirma essa noção de que a pesquisa Participante (IAP) deve englobar uma concepção de ensino comprometido com a realidade, que leve em conta um esforço para reduzir o abismo comunicacional existente entre a linguagem popular e a linguagem científica - e exemplifica com o caso dos etnomatemáticos, que buscaram meios de tornar sua disciplina mais palpável para diferentes públicos por meio de aproximações com saberes populares e tradicionais (CENDALES; TORRES; TORRES, 2006). Posição esta que se aproxima da intenção de Freire ao pensar sobre o esforço de imersão no universo vocabular das classes populares em busca da construção de uma comunicação popular eficiente (FREIRE, 2014).

Moretti e Adams (2011) tecem comentários sobre as afinidades entre as modalidades de pesquisas participativas, a educação popular e uma lógica epistemológica do sul - entendida como contraponto a uma epistemologia norteeurocentrada (que segue os ditames da colonialidade do saber e do poder). Sobre isto os autores (MORETTI; ADAMS, 2011) assumem que tal articulação entre pesquisa Participante e Educação popular poderia contribuir para a construção de abordagens de pesquisa intepistemáticas, interculturais e decoloniais, e ainda ressaltam o papel das *leituras de mundo* dos sujeitos para a compreensão das problemáticas locais, defendendo que:

A postura participante parte do princípio de que, como pesquisadores e pesquisadoras, detemos uma parte do conhecimento; o que implica uma opção de vida e atitude consciente de que nossa percepção é distinta da visão dos sujeitos-pesquisandos. Ambas são parciais e complementares. Porém, nesta relação de complementaridade fica claro que cabe ao (à) pesquisador (a) uma tarefa especial na leitura crítica do contexto. Ao assumir assumir uma atitude ativa no campo educativos constata, intervém, educa e se educa. (MORETTI; ADAMS, 2011, p. 458)

Brandão e Borges (2007) elaboram uma extensa lista com os principais fundamentos e princípios da pesquisa Participante, e reafirmam o caráter de comprometimento com os setores populares inerente desta modalidade investigativa:

O ponto de origem da pesquisa Participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica [...]; Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações - a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos [...]; Os processos, as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica, pois são momentos da vida, vividos no fluxo de uma história, e é a integração orgânica dos acontecimentos de tal dimensão que, em boa medida, explica as dimensões e interações do que chamamos uma realidade social [...]; A relação tradicional sujeito-objeto, entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber [...]; Deve-se partir sempre da busca de unidade entre teoria e prática [...] A pesquisa Participante deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social comunitária [...]; As questões e os desafios surgidos ao longo de ações sociais definem a necessidade e o estilo de procedimentos de pesquisa Participante [...]; a participação popular comunitária deve se dar, preferencialmente, através de todo o processo de investigação-educação-ação [...] As equipes responsáveis pela realização de pesquisas participativas devem incorporar e integrar agentes assessores e agentes populares [...]; [...] Participação culturalmente diferenciada, mas social e politicamente equivalente e igualada [...]; O compromisso social, político e ideológico do investigador é com a comunidade, é com pessoas e grupos humanos populares, com suas causas sociais [...]; Deve-se reconhecer e deve-se aprender a lidar com o caráter político e ideológico de toda e qualquer atividade científica e pedagógica [...]; Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social [...]; Na maior parte dos casos, a pesquisa Participante é um momento de trabalhos de educação popular realizados junto com e a serviço de comunidades, grupos e movimentos sociais, em geral populares [...]; A Investigação, a Educação e a ação social convertem-se em momentos metodológicos de um único processo dirigido à transformação social [...]; E é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e regida por princípios e valores do mercado de bens e capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa Participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma emancipatória de saber popular (p.54-55)

Gil (2008), por sua vez, ressalta que "Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa. Neste sentido distanciam-se dos princípios da pesquisa científica acadêmica" (p.31). Além disso, especificamente sobre a pesquisa participante, é interessante apontar para o fato que Carlos Rodrigues Brandão, em uma das obras clássicas para a Pesquisa Participante (BRANDÃO, 1982b), introduz o livro afirmando que apesar da multiplicidade e

diversidade de experiências relacionadas ao que conhecemos hoje como Pesquisa Participante o que unificava essas iniciativas era justamente esses sujeitos e grupos envolvidos fazerem “de algum tipo de prática política de compromisso popular, o seu modo e o sentido de habitar nele” (p. 9). O mesmo autor (BRANDÃO, 2006), refletindo sobre as implicações da educação popular e da atuação dos movimentos sociais no desenvolvimento deste modelo de pesquisa enumerou quatro 4 propósitos da Pesquisa Participante:

a) ela responde de maneira direta à finalidade prática a que se destina, como um meio de conhecimento de questões sociais a serem participativamente trabalhadas; b) ela é um instrumento dialógico de aprendizado partilhado e, portanto, como vimos já, possui organicamente uma vocação educativa e, como tal, politicamente formadora; c) ela participa de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber popular e, no limite, poderia ser um meio a mais na criação de uma ciência popular; d) ela partilha, com a educação popular, de toda uma ampla e complexa trajetória de empoderamento dos movimentos populares e seus integrantes (p. 46)

Silva (1986) lembra que desenvolvimento do que se entende por Pesquisa Participante no Brasil está diretamente relacionado aos esforços de diferentes grupos em torno de práticas de Educação Popular, com destaque aos trabalhos de Paulo Freire e das Comunidades Eclesiais de Base (representantes da Teologia da Libertação), além dos esforços de construção de perspectivas de pesquisas participativas e os avanços de setores progressistas da sociedade, incluindo a organização de sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos de oposição aos ideais retrógrados representados pela ditadura. Para além da relação direta do movimento da teologia da libertação capitaneado pelas CEBs e do florescimento da educação popular a partir da atuação de Freire, Brandão (2006) considera que no caso brasileiro o processo de politização da Pesquisa Participante encontrou sua base nas ações políticas e pedagógicas que culminaram na criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MTST).

Para além do Brasil, na América Latina a Pesquisa Participante foi especialmente influenciada pelos esforços da Fundación Rosca de Investigación y Acción Social, que atuou estabelecendo parcerias entre movimentos populares e intelectuais comprometidos, sobretudo da Colômbia, com destaque ao sociólogo Orlando Fals Borda (SILVA, 1986).

Com relação a compreensão em si daquilo a que estou me referindo como Pesquisa Participante, Brandão e Streck (2006) afirmam que:

*A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos*

*destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geral saberes e na sequência das ações que aspirar gerar transformações a partir também desses conhecimentos. Experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo: pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado, pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber. Uma múltipla teia de e entre pessoas que, ao invés de estabelecer hierarquias de acordo com padrões consagrados de idéias preconcebidas sobre o conhecimento e seu valor, envolva em um mesmo amplo exercício de construir saberes a partir da ideia tão simples e tão esquecida que qualquer ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber. (p. 13, grifos meus)*

Refletindo sobre o caráter de trabalhos com comunidades, Denise Jodelet (2017) reforça o papel de metodologias participativas para a construção de propostas atentas às especificidades dos territórios e capazes de estimular a mobilização comunitária e a prevenção de riscos, incluindo aqueles associados aos efeitos das mudanças climáticas. Jodelet defende que a pesquisa participativa deve ser entendida como "um vetor de formação e comprometimento social" (2017, p.19) e, destaca que:

*Esse tema está diretamente ligado à educação na medida em que ele corresponde: por um lado, a um processo de democratização dos conhecimentos, tanto pela maneira como eles são produzidos que pelo uso que deles é feito; por outro lado, a uma concepção maior do papel do educador (p. 19, grifos nossos)*

A ideia de compromisso aqui evocada pode ser resumida a partir de um questionamento levantado por Paulo Freire (1982a), segundo o patrono da educação brasileira todos os pesquisadores e cientistas deveriam repetidamente se indagar “A quem sirvo com minha ciência?” (p.36). Tal concepção de Freire é reforçada por Brandão (1982b) quando o mesmo sugere as perguntas “Para o que serve o conhecimento social que a minha ciência acumula? Para quem, afinal? Para que usos e em nome de quem, de que poderes sobre mim e sobre aqueles a respeito de quem, o que eu conheço, diz alguma coisa?” (p. 10). Enquanto Orlando Fals Borda sintetiza este debate alegando que essa concepção de pesquisa comprometida tem a ver com "a ideia de compromisso com os problemas da sociedade para resolvê-los - primeiro entendê-los e logo resolvê-los - é uma das raízes da investigação participativa" (CENDALES; TORRES; TORRES, 2006, p. 74)

A dimensão pedagógica de pesquisas comprometidas com as comunidades que pensam a produção coletiva de conhecimento se aproxima do que alguns autores vão chamar de pesquisa popular. Sobre esta categoria Gabarrón e Landa (2006) ressaltam que:

O conceito de pesquisa popular – enquanto processo de produção de conhecimentos – articula-se com a integração crítica do saber popular e o científico-acadêmico, em um novo tipo de conhecimento transformador, para uma síntese cognoscitivo-cultural, ou de conhecimento articulado. Fortalece a constituição de um paradigma mais próximo e mais peculiar às ciências sociais. É inclusive mais próximo aos sinais da pós-modernidade. (p. 114)

Marcela Gajardo (1986) indica a existência de duas vertentes principais de pesquisa participante na América Latina: 1) uma *Vertente Educacional* – que se desenvolveu a partir de uma crítica aos modelos descontextualizados de educação, sendo fortemente influenciada pela concepção de Paulo Freire (2014) de uma “educação bancária”, centrada na reprodução de conhecimentos e sem uma reflexão crítica sobre as conexões do mesmo com a realidade, ou ainda, como diria o grande nome da educação nacional, atento às “leituras de mundos dos sujeitos”, e que se reproduz, com maior intensidade, em sistemas de ensino para jovens e adultos que não tiveram uma oportunidade adequada de aprendizagem durante o período convencional; 2) e uma *Vertente Sociológica* – que “reage aos paradigmas dominantes de interpretação da realidade social” (GAJARDO, 1986 p. 12), surgindo como uma crítica ao positivismo, a suposta neutralidade da Ciência e se desenvolvendo a partir de uma preocupação com o retorno e a relevância social das pesquisas. A mesma autora (GAJARDO, 1986) reforça as conexões evidentes entre as perspectivas educativas de Paulo Freire, com destaque à abordagem temática freireana e, para o caso da Vertente Educacional, a noção de Pesquisa Ativa empreendida por Orlando Fals Borda.

No caso da presente pesquisa, entendemos a importância de se somar as duas vertentes para a construção de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária - que leva em conta tanto a dimensão sociológica, de preocupação com o retorno e relevância social do estudo, bem como à crítica ao positivismo e ao norte-centrismo dominante -, além dos aportes de contextualização das práticas educativas aos “universos vividos” das comunidades e a construção coletiva dos conhecimentos a partir do envolvimento dos sujeitos comunitários em diferentes etapas do projeto – até mesmo por considerar a dimensão educativa como parte integral de uma pesquisa com comunidades que se propõe a atuar no sentido da transformação psicossocioambiental da

realidade local. Quanto a este caráter de ação transformadora da pesquisa participante, Carlos Brandão e Danilo Streck sustentam que:

Assim, a pesquisa é “participante” não apenas porque uma proporção crescente de sujeitos populares participa de seu processo. A pesquisa é “participante” porque, como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 32)

Gabarrón e Landa (2006) destacam a existência de 3 temas essenciais em relação à identidade epistemológica da pesquisa Participante (referindo-se sobretudo à vertente colombiana defendida por Fals Borda que ficou reconhecida pela sigla IAP), a saber: 1) *ação transformadora* – pensada de forma contextualizada a partir das demandas, problemáticas e necessidades das comunidades envolvidas; 2) *produção de conhecimentos* – na confluência entre a ciência acadêmica e a sabedoria popular; 3) *participação* – que considera a necessidade de estimular o engajamento das comunidades na construção de caminhos para a transformação psicossocioambiental local.

Quanto aos princípios metodológicos da Pesquisa Participante, Orlando Fals Borda (1982) estabelece seis: 1) *Autenticidade e Compromisso* – “referindo-se ao papel do pesquisador na contribuição de sua disciplina para os fins perseguidos pelos movimentos populares” (GAJARDO, 1986, p. 40); 2) *Antidogmatismo* – entendida como uma “abertura científica e política” (FALS BORDA, 1982, p. 50); 3) *Restituição Sistemática* – que compreende o aspecto da “[...] organização e sistematização do pensamento, da história e da cultura popular para, partindo de níveis de consciência e de conhecimentos existentes, alcançar novos conhecimentos a nível popular.” (GAJARDO, 1986, p. 40); 4) *Feedback para os Intelectuais Orgânicos* – “entendido como um princípio metodológico que assegure a utilização e difusão dos resultados dessas práticas a um nível científico mais geral” (GAJARDO, 1986, p. 41); 5) *Ritmo e equilíbrio de Ação-Reflexão* – compreende basicamente uma recomendação para manter um equilíbrio entre momentos de ação e de reflexão, de atividade prática x atividade intelectual (FALS BORDA, 1982); 6) *Ciência Modesta e técnicas dialogais* – “[...] ‘ciência modesta’ e as técnicas dialogais [...] constituem referências quase compulsórias para todo esforço que procure estimular a ciência popular, ou para se aprender com a sabedoria e a cultura popular, ampliando este conhecimento até um nível mais geral” (FALS BORDA, 1982, p. 56).

Gajardo (1986) reforça que a pesquisa participante abrange uma série de técnicas de pesquisas, além de momentos de ensino-aprendizagem e projetos de ação que são pensados de acordo com os contextos específicos aos quais se destinam. Neste sentido, Gajardo (1986) resume a compreensão de que esta perspectiva de investigação aponta para:

a) Promoção da produção coletiva de conhecimentos, rompendo o monopólio do saber e da informação, permitindo que ambos se transformem em patrimônio dos grupos marginalizados; b) promoção da análise coletiva na ordenação da informação e no uso que dela se possa fazer; c) promoção da análise crítica, utilizando a informação ordenada e classificada, a fim de determinar as raízes e causas dos problemas e as vias de solução para os mesmos; d) estabelecimento de relações entre problemas individuais e coletivos, funcionais e estruturais, como parte da busca de soluções conjuntas para os problemas enfrentados (p. 46-47)

Com relação aos principais instrumentos, técnicas e procedimentos empregados pelas pesquisas que se dizem participantes para empreender os momentos de coleta de dados sobre o campo, Gajardo (1986) destaca que:

[...] podem ser encontrados desde questionários até processos de observação participante, aplicação de pautas de entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas, guias e diários de campo, sendo que *as técnicas mais difundidas são as que permitem registrar as dimensões qualitativas dos processos sociais e educacionais, que nem sempre podem ser medidas quantitativamente. A organização dos dados, para a devolução sistemática da informação produzida na primeira aproximação do problema, realiza-se através do uso de técnicas simples de comunicação (slides, vídeos, gráficos, quadros, esboços, cadernetas), de fácil manipulação, a fim de facilitar a fase pedagógica, na qual se colocam em questão e são debatidos coletivamente os temas contidos na primeira organização da informação.* (p. 74-75, grifos meus)



## 5.2. Identificação dos Participantes

No caso deste estudo, os sujeitos participantes centrais foram eleitos por critério de identificação social, sendo indicados pelas próprias comunidades como sujeitos-chave, por terem vivenciado situações de eventos climáticos extremos ou por manterem memórias significativas acerca das relações produzidas entre as comunidades e o meio ambiente – sendo, portanto, apontados como conhecedores da história ambiental da região. Neste sentido, tais sujeitos centrais são identificados pela própria comunidade a qual pertencem, e a partir destes buscam-se novas indicações de outros possíveis participantes, seguindo a perspectiva da “Bola de Neve” – onde um participante vai indicando outros, formando uma rede de indicações, podendo ser compreendida como uma “forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência” (VINUTO, 2014, p. 203) de modo que a seleção parte de indivíduos chaves que vão indicando outros sujeitos de interesse para a pesquisa.

Foram selecionados participantes de diferentes faixas etárias, admitindo somente sujeitos maiores de idade, e dando preferência aos mais velhos, atentando para as reflexões de Ecléa Bosi (1994) que assume que a memória dos idosos é especialmente representativa para a compreensão da realidade sociocultural das comunidades as quais pertencem.

Também foram considerados sujeitos não-nativos das comunidades, levando em conta o debate estabelecido por Norbert Elias e John L. Scotson (2000), em “*Os Estabelecidos e os Outsiders*”, onde refletem sobre as diferentes perspectivas e olhares que coexistem dentro de uma pequena comunidade - destacando que é interessante reconhecer as singularidades que um *outsider*<sup>29</sup> poderia perceber ao se inserir nestas comunidades, revelando narrativas alternativas dentro de um mesmo grupo. O outsider, como forasteiro, traz consigo uma bagagem de referenciais e valores diferentes daqueles partilhados pelas tradições locais e, justamente por isso, consegue enxergar coisas que as vezes passam despercebidas pelos estabelecidos (nativos).

Os sujeitos foram convidados a conceder entrevistas onde relataram as conexões entre suas histórias de vida e a história ambiental da região, com destaque às narrativas sobre os eventos climáticos extremos vivenciados pelas comunidades locais e as formas de convivência com o território.

---

<sup>29</sup> Termo que segundo os autores (ELIAS, SCOTSON, 2000) se refere ao conjunto de membros do grupo que chegaram depois, que não estão completamente integrados, os “de fora”, que não fazem parte da sociedade local e costumam ser excluídos das dinâmicas internas do poder local.

Com relação aos critérios que pretendo utilizar para a seleção dos entrevistados, destaco o envolvimento ou domínio sobre os seguintes assuntos: a) histórias relacionadas aos desastres decorrentes dos eventos climáticos extremos - incluindo tanto episódios de secas como de enchentes; b) histórias sobre a mobilização comunitária diante de desastres – incluindo as estratégias de participação, remediação, prevenção, conscientização etc; c) história ambiental dos distritos, comunidades e bairros – incluindo a memória biocultural sobre as transformações das paisagens; d) narrativas de histórias de vida significativas para a compreensão do contexto psicossocioambiental local.

### 5.3. Procedimentos Éticos da Pesquisa

Ao longo do contato com o Vale do Jequitinhonha, inicialmente enquanto pesquisador do Bacharelado em Ciências Ambientais (UNIRIO), depois como mestrando de um programa de pós-graduação em Educação (PPGEDU-UNIRIO) e agora no doutorado no programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS-UFRJ) vivenciei o processo de me tornar um pesquisador-aprendiz: de perceber que o povo desta terra é guardião de saberes e de memórias que nos permitem compreender esse contexto e essa realidade a partir de suas próprias palavras e olhares. Tal aprendizado me levou a me tornar um educador e construir uma percepção acerca das riquezas dessas comunidades e o valor de suas memórias para a compreensão do contexto psicossocioambiental dessa região: saberes de pessoas que participaram da história deste território; saberes de pessoas que aprenderam ao longo do tempo a lidar com as inúmeras crises que a natureza impôs; saberes que os levaram a possuir uma força diante das adversidades do sertão.

Nesta trilha vivenciei o encontro com as comunidades e o reconhecimento de mestres e testemunhas de tempos difíceis. Reconhecimento da força e potência de um povo que por muito tempo foi autossuficiente em meio ao isolamento do sertão mineiro, e que criou estratégias e caminhos de sobrevivência diante de secas e enchentes, que aprendeu a reconhecer as ervas e raízes que curam, que conviveu com as "pragas do passado", que enfrentou a solidão da migração para o corte de cana e que, sobretudo, resistiu em meio a este contexto tal como as fortes aroeiras, que mesmo após longas secas, ao menor sinal de chuva, já rebrotam e verdejam as chapadas e colinas dessa região.

Nesta linha de sentipensar com as gentes do povo que habita este ambiente, compreendi a importância de ter essas pessoas como aliados de pesquisa, como co-autores deste processo, como participantes ativos que pudessem me guiar e me conduzir em meio a seus universos vividos. Por isso, o ponto de partida desta empreitada deve ser, obrigatoriamente, a identificação destes participantes-aliados-testemunhas-mestres e então seguir rumo aos próximos passos desta investigação-aventura.

Assim, uma vez identificados os participantes serão realizadas conversas informais onde será feito o convite formal de participação na pesquisa, que inclui a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) (ANEXOS) e explicação detalhada dos procedimentos, objetivos e consequências da pesquisa.

Os encontros individuais com os moradores serão planejados e realizados conforme a disponibilidade dos sujeitos, em momentos oportunos e que não venham a constituir qualquer tipo de prejuízo ou inconveniente para os participantes. Quanto aos encontros coletivos: serão marcados conforme a disponibilidade dos grupos, tendo as datas agendadas após consulta prévia da comunidade.

Além disso, como princípio ético da pesquisa participante, o estudo terá uma característica de investigação-educativa, onde o pesquisador torna-se um aprendiz comprometido com o retorno das informações para as comunidades. Neste sentido, serão realizados encontros periódicos com as comunidades, no formato de oficinas, seminários e palestras, voltados a estimular a formação de pesquisadores locais e devolver os resultados da investigação para a população local.

Com relação a preservação e proteção dos dados da pesquisa, destaco que será realizado conforme as recomendações legais sobre o assunto, ressaltando que os conteúdos serão gravados em mais de uma fonte (back ups de segurança) e que os dados ficarão sob minha responsabilidade mesmo após o prazo de realização da pesquisa, e consequente entrega da versão final tese de doutorado.

#### 5.4. Entrevistas Narrativas e Histórias de Vida

Após as devidas autorizações são promovidas entrevistas do tipo história de vida (HAGUETTE, 2007; MINAYO, 2015) ou entrevistas narrativas (SCHÜTZE, 1977; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002; MUYLAERT et al, 2014; BASTOS, BIAR, 2015), a fim de identificar as memórias bioculturais (TOLEDO, BARRERA-BASSOLS, 2015) associadas as relações estabelecidas entre as comunidades locais e o meio ambiente, com destaque para as conexões entre as trajetórias de vida dos sujeitos e a história das comunidades, incluindo a história ambiental da região e, especificamente, as memórias sobre os eventos climáticos extremos. Sobre isto, Gaskell (2015) assume que as entrevistas nas pesquisas sociais têm o papel de fornecer “os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação” (p. 65)

Andrade e Vaz (2011) lembram que:

A tradição humana de contar e escrever histórias, de colecionar a história cultural dia antepassados, acompanha a humanidade desde sempre, sendo possível encontrar registros do costume já no século VII a. c. Assim, o homem vem-se constituindo como um narrador da própria história por meio de diversas modalidades narrativas, quer pela escrita, quer por outras formas de expressão, como o teatro, cinema, dança, cores e formas (p. 29)

Delgado (2003), por sua vez, assume que:

Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram da História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integram a cultura de diferentes comunidades. (p. 21-22)

Bastos e Biar (2015) pontuam que “Pode-se definir narrativa, pré-teoricamente, como o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social” (p.99). Numa linha semelhante, Silva, Amaral-Rosa e Ramos (2019), partindo de uma concepção benjaminiana, sustentam que “a narrativa é uma forma de linguagem, e isto é relevante na pesquisa qualitativa, pois, por meio da linguagem verbal ou escrita, o entrevistado reconstrói suas experiências” (p. 278). Alencar (2007), por sua vez, salienta que “As narrativas se inserem

numa categoria de discurso por meio do qual as pessoas *expressam sua concepção de universo e o modo como se relacionam com o ambiente* (p. 101, grifos meus), revelando uma conexão entre memória, meio ambiente e comunicação-linguagem. Minayo (2015), por outro lado, ressalta que “É por meio de entrevistas também que realizamos pesquisas baseadas em narrativas de vida, igualmente denominadas ‘histórias de vida’, ‘histórias biografias’, ‘etnobiografias’ ou ‘etno-histórias’” (p.65). Assim, após a devida aprovação do projeto no comitê de ética passamos para esta segunda fase, de entrevistas, onde foram focalizadas as narrativas e histórias de vida dos sujeitos, bem como a história ambiental da região.

Refletindo especialmente sobre os narradores do Vale do Jequitinhonha, Vera Lúcia Felício Pereira (1996), no livro “*O Artesão de Memórias do Vale do Jequitinhonha*”, enfatiza que:

O narrador do Vale [...] alimenta a palavra com a essência do vivido, moldando-a aos conteúdos que obteve no fato e na prática do viver. Seus casos imprimem, nos ouvintes, marcas indelévels que fazem ressurgir, das lacunas da memória, contos, lendas, provérbios, mitos, ali guardados desde a infância, período da vida em que a fantasia e a afetividade investem em figuras que, contando, criam sonhos e ensinam a respeito do viver e sobreviver (p. 40).

Com relação especificamente a esta técnica de pesquisa, de acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002) a entrevista narrativa teria sido desenvolvida pelo sociólogo alemão Fritz Schütze tendo “[...] em vista uma situação que encoraje um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [e ambiental]” (p. 93); em contrapartida, Bastos e Biar (2015) apontam Labov e Waletzky como os fundadores desta modalidade de pesquisa, assumindo tal perspectiva como “[...] um método de se recapitular experiências passadas que combina, a partir de propriedades identificáveis, bem delimitadas, sequências verbais e sequências de eventos” (p.105); enquanto Muylaert, Sarubbi Jr, Gallo, Neto e Reis (2014) assumem que “as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional” (p.2).

Sobre as principais indicações das entrevistas narrativas enquanto ferramentas de investigação, Jovchelovitch e Bauer (2002) apontam que estas são particularmente úteis: 1) em casos que envolvam o estudo de acontecimentos específicos, ou assuntos “quentes” – que no caso deste estudo se reflete na investigação dos acontecimentos específicos em torno da realidade ambiental e climática vivenciada pelas comunidades do município de Chapada do

Norte; 2) em estudos em que diferentes “versões” estão em jogo, “grupos sociais diferentes constroem histórias diferentes, e as maneiras como elas diferem são cruciais para se apreender a dinâmica plena dos acontecimentos”(JOVCHELOVICTCH; BAUER, 2002, p. 103) – no caso deste estudo isto se verifica tanto na diversidade de vivências sobre um mesmo fato (ex: diferentes experiências com um mesmo evento climático extremo), ou mesmo na diversidade de narrativas existente, por exemplo, entre os estabelecidos e os outsiders (ELIAS, SCOTSON, 2000); 3) “Projetos que combinem histórias de vida e contextos sócio-históricos” (JOVCHELOVICTCH; BAUER, 2002, p. 104), que neste caso se reflete pela própria intenção do presente estudo de articular as trajetórias de vidas dos sujeitos e a história ambiental da região.

Liliana Cabral e Liana Biar (2015), por outro lado, chamam a atenção para o potencial da metodologia de análise de narrativas para projetos investigativos na medida em que tal abordagem:

(i) promove diálogo entre múltiplas áreas do saber; (ii) se debruça sobre a fala dos mais diversos atores sociais, nos mais diversos contextos; (iii) reverbera entendimento do discurso narrativo como prática social constitutiva da realidade; (iv) nega a possibilidade de se delinear as identidades estereotipadamente, como instituições pré-formadas [...] (v) avança no entendimento sobre os modos como as práticas narrativas orientam, nos níveis situados de interação, os processos de resistência e reformulação identitária (p.102-103)

No caso deste estudo os encontros foram realizados preferencialmente na casa dos participantes, podendo também ocorrer em outros locais indicados pelos próprios sujeitos. As entrevistas foram desenvolvidas em torno das histórias de vida dos sujeitos, e embora existisse a intenção de manter alguns tópicos centrais - como "história da comunidade", "história de vida", "história ambiental", "eventos climáticos extremos" etc -, ainda assim houve um esforço de partir das trajetórias dos sujeitos e a partir daí seguir para as demais temáticas.

Tais entrevistas foram realizadas sem a utilização de roteiros, seguindo as circunstâncias do momento e adaptando os rumos das conversas de acordo com o fluir da história e com o contexto. Neste sentido, conforme a ocasião determinados tópicos acabaram não sendo abordados, ou, em outros casos, certas temáticas e questionamentos surgiram de forma espontânea e inesperada, de acordo com o desenvolvimento das narrativas.

Sobre esta liberdade envolvida nas pesquisas com narrativas, Andrade e Vaz (2011) admitem que:

As narrativas não seguem regras rígidas. São realizadas segundo preceitos do momento em que acontecem; da mesma forma, recebem um registro e uma interpretação em consonância com o que é valorizado em cada período específico. O movimento de valorização do indivíduo enquanto sujeito e protagonista da história permitiu à história oral ampliar suas fontes de pesquisa para o estudo da vida social [...] (p. 30)

Com relação a postura sugerida ao pesquisador no momento de entrevistar os sujeitos da pesquisa, Boni e Quaresma (2005) recomendam que:

Durante a entrevista o pesquisador precisa estar sempre pronto a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e também sinais verbais como de agradecimento, de incentivo. Isto irá facilitar muito essa troca, essa relação. O pesquisado deve notar que o pesquisador está atento escutando a sua narrativa e ele deve procurar intervir o mínimo possível para não quebrar a seqüência de pensamento do entrevistado. (p.76)

Os mesmos autores (BONI; QUARESMA, 2005) também admitem que “para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida.” (p.72), portanto, destaco a intenção de priorizar o uso de perguntas abertas, ou, simplesmente, a apresentação de tópicos de interesse, ou ainda partir de imagens, objetos ou acontecimentos marcantes, capazes de estimular os entrevistados a construir suas narrativas com a menor interferência possível do entrevistador. Neste sentido, mais uma vez uma abordagem que parte da história de vida do entrevistado pode auxiliar na construção do clima para o entrevistado acessar as lembranças necessárias para elaborar uma narrativa espontânea e natural sobre o tema em questão. Relacionado a este aspecto, Nasciutti (2010) afirma que “a metodologia das ‘histórias de vida’ oriunda das ciências sociais, tem se mostrado um referencial metodológico de grande importância no estudo dos grupos, instituições e comunidades” (p. 114), inclusive dentro do campo da psicossociologia.

Por outro lado, ainda sobre a polêmica em torno da interferência dos pesquisadores nos processos de construção das narrativas, Santos (2013) nos apresenta algumas reflexões importantes:

Uma abordagem utilizada pelos pesquisadores que lidam com entrevistas não estruturadas é a de, no momento da entrevista, evitar ao máximo o que consideram uma interrupção desnecessária. Essa atitude, no entanto, esconde uma armadilha: como definir o que é ou não é necessário nesse contexto? [...]. Não se pode dizer o que é certo ou errado na entrevista; o mais importante de tudo é a interação. Uma interrupção no momento adequado pode ser boa, pode mostrar o interesse do entrevistador ou solucionar dúvidas. [...]. Desse modo, formular questões e comentários relacionados ao que os narradores falam a



respeito de suas experiências é importante. Esse posicionamento proporciona espaço para o entrevistado desenvolver sua narrativa mais livremente (ao contrário do que poderia acontecer em uma entrevista estruturada ou semiestruturada, por exemplo), ao mesmo tempo que possibilita ao pesquisador ter uma visão mais precisa do processo de construção narrativo. Entre outros elementos, por exemplo, é possível observar melhor as estruturas que o narrador, em colaboração com o ouvinte, escolhe para representar sua experiência no mundo social. (p.26)

Com isso entendemos que em certos casos interrupções podem ser necessárias e até mesmo desejáveis, visto que, em determinadas situações, os próprios narradores podem acabar perdidos em suas falas, podem se desviar muito do foco, ou simplesmente ficarem sem assunto; nestes casos o pesquisador pode (e deve) tecer comentários ou realizar perguntas a fim de estimular ou redirecionar o fluxo da narrativa – algo que reforça o que veremos a seguir, quando assumimos as entrevistas narrativas como um processo interativo e colaborativo.

Portanto, quanto ao tipo de interação estabelecida entre o entrevistador e os sujeitos entrevistados, Muylaert e colaboradores (2014) assumem que "há nas entrevistas narrativas uma importante característica colaborativa, uma vez que a história emerge a partir da interação, da troca, do diálogo entre entrevistador e participantes" (p. 194). Numa concepção semelhante, Silva, Amaral-Rosa e Ramos (2019) destacam que a pesquisa narrativa "é uma modalidade de pesquisa qualitativa [...] que nos permite sair do consenso e irmos para o dissenso" (p. 283), e prosseguem afirmando que "[n]as pesquisas narrativas, não apenas o pesquisador se deixa à mostra, mas também os sujeitos da pesquisa, pois, ao narrar sobre uma experiência, o indivíduo revela sua trajetória vivencial por meio de acontecimentos, histórias e emoções" (p. 283); ainda sob tal ótica, Bastos e Santos (2013) frisam que ao longo do tempo, no meio acadêmico, as pesquisas narrativas foram empregadas de diferentes formas, mas que, tradicionalmente, tal abordagem costumou ser empregada "como um instrumento para coletar dados e informações, os quais seriam extraídos de recipientes, os entrevistados" (p.10), porém, tal visão vem sendo criticada e, conseqüentemente, substituída pela noção de que o entrevistado deve ser assumido como "[...] alguém que coconstrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista; situação essa que, como mencionado, se faz cada vez mais presente na vida social contemporânea" (p.10); portanto, tais autores concordam no sentido de que esta abordagem investigativa promove um encontro colaborativo entre narrador e ouvinte/pesquisador, em que ambos influenciam de certa forma o processo de construção das narrativas, determinando o que é contado, como é contado e porquê é contado – desta forma, assumimos aqui que a entrevista

narrativa se constitui como um processo dialógico e colaborativo estabelecido a partir das interações entre narradores e ouvintes.

Jovchelovitch e Bauer (2002), por sua vez, apontam para algumas proposições que devem ser assumidas sobre as entrevistas narrativas:

A narrativa privilegia a realidade do que é experienciado pelos contadores de história: a realidade de uma narrativa refere-se ao que é real para o contador de história. As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõe representações/interpretações particulares do mundo. As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas; elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço. As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico. Uma voz específica em uma narrativa somente pode ser compreendida em relação a um contexto mais ampla: nenhuma narrativa pode ser formulada sem tal sistema de referentes. (p. 110).

William Santos (2013) nos leva a refletir a respeito do fato de que ao solicitarmos a alguém que narre determinado evento devemos ter em mente as consequências emocionais que tal lembrança pode proporcionar ao narrador – neste sentido, no presente estudo optamos por evitar a seleção de narradores muito afetados por determinados acontecimentos traumáticos, justamente para evitar a lembrança de episódios capazes de desequilibrar o emocional destes sujeitos, isso não significa, de forma alguma, ignorar tais acontecimentos, mas, sim, optar por obter as narrativas sobre estes acontecimentos por meio de sujeitos cuja implicação emocional nestes casos não seja tão dramática. Quanto a isto, Santos (2013) reforça que:

O pesquisador deve sempre pensar, entre outros aspectos, nas consequências para o entrevistado de ser levado a reviver, ainda que através da narrativa, determinadas experiências. Não se deve descartar a possibilidade de que, por exemplo, a retomada de eventos passados possa reabrir antigas feridas e levar as pessoas a uma crise emocional (p. 34)

Com relação as fases da pesquisa narrativa, Jovchelovitch e Bauer (2002) destacam cinco, além de um momento preliminar preparatório que envolve o movimento de entrada no campo e formulação de questões: 1) iniciação - que seria o momento de estabelecer os tópicos para a investigação das narrativas, além de envolver o auxílio de ferramentas visuais; 2) narração central - recomenda-se não interromper a fala do narrador, apenas encorajar e mediar a manutenção do fio da narrativa, além de esperar atentamente os sinais de finalização da narração (coda); 3) fase de perguntas - sugere-se estimular de forma mais aberta a explicação de determinados pontos que ficaram confusos, incompletos ou sem sentido, ressaltando que deve-se evitar ao máximo dar opiniões ou questionar atitudes, ou discutir contradições na fala

dos sujeitos; 4) fala conclusiva - a etapa final da entrevista é o momento de encerrar a gravação e fazer as últimas perguntas (agora com maior liberdade, podendo inclusive interrogar sobre questões específicas e pedir explicações sobre determinadas situações), e termina com um momento de anotação para registrar os resultados da experiência; 5) construção de um protocolo de memórias da fala conclusiva – compreende um momento posterior de organização.

Deste modo, a busca pela compreensão do universo psicossocioambiental das comunidades será determinada pelo estudo das narrativas, que serão articuladas para formar um mosaico (BECKER, 1999), numa tentativa de compreender a realidade local de maneira complexa, integradora e contextualizada. Sobre uma perspectiva de cruzamento de narrativas de histórias de vida de indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social, Jacyara Nasciutti (2010) indica que isto:

[...] [P] ermite ao pesquisador a apreensão da inter-relação entre dados fragmentários, do alcance à significação dos relatos recolocados em seus contextos sócio-econômicos-culturais e ainda uma síntese dos elementos constitutivos de um discurso do grupo a várias vozes. A nível individual, ambas as lógicas (social e psicológica) da apreensão da realidade (formalizada, representada e vivida) percebida pelo sujeito podem ser identificadas, explicitando a relação deste com as situações sociais, com as quais se defronta (p. 114).

Além disso, os autores (JOVCHELOVICTCH; BAUER, 2002) assumem como características centrais das entrevistas de grupo:

1. Uma sinergia que emerge da interação social. Em outras palavras, o grupo é mais do que a soma de suas partes.
2. É possível observar o processo do grupo, a dinâmica da atitude e da mudança de opinião e a liderança de opinião;
3. Em um grupo pode existir um nível de envolvimento emocional que raramente é visto em uma entrevista a dois. (p. 76).

Quanto aos grupos a serem selecionados para estas entrevistas, pretendo priorizar grupos pequenos, com até 8 participantes, sendo que destaco a intenção de trabalhar com coletivos já existentes dentro das comunidades (ex: grupos relacionados à cultura popular; grupos de igrejas; grupos de professores; grupos de idosos; etc) – justamente para facilitar tanto na divulgação como no engajamento e participação dos sujeitos durante as atividades -, mas também podendo formar pequenos agrupamentos com os sujeitos entrevistados individualmente. Especificamente em relação a análise das entrevistas, os registros (ver item 4.3.5 - Registros).

### **5.5. Retorno Educativo**

No caso deste estudo, assumo a intenção de que as investigações decorrentes desta pesquisa possam se desdobrar em propostas educativas atentas as realidades deste território. Tomando como base uma linha de Educação Popular com inspiração sobretudo nas obras de Paulo Freire e Orlando Fals Borda, destacando, como influencias centrais: 1) uma intenção transformadora da realidade; 2) uma atenção especial a adaptação da linguagem ao universo vocabular das comunidades; 3) a valorização dos saberes locais, da cultura popular e dos conhecimentos prévios das comunidades; 4) a problematização da realidade socioambiental local a partir de uma visão crítica sobre o contexto sócio-histórico-cultural da região.

### **5.6. Registros**

Pretendo empregar diferentes meios para o registro dos encontros e entrevistas com os moradores, incluindo: a) documentos audiovisuais (áudio e vídeos); b) bem como através de anotações em cadernos de campo, que podem ser realizadas tanto em cadernos físicos, como por meio de mensagens de whatsapp ou outros aplicativos que produzem registros virtuais pelo smarthphone – no momento ou posteriormente na forma de diário remissivo; c) fotografias; d) e desenhos/ilustrações (em nanquim, grafite e aquarela). A partir destes registros foram desenvolvidos os Cadernos de Memória, que integram estes diferentes elementos na composição de uma narrativa do pesquisador sobre suas memórias de encontro com o campo investigado - e que servem como uma ferramenta para organização das lembranças das experiências vivenciadas.

Com relação ao Caderno de Memórias ao qual me referi, se trata de uma forma de diário remissivo produzido a partir de minhas reflexões sobre as diferentes formas de registro realizados em campo. Entre tais registros incluem-se fotografias, vídeos, escritos em inúmeros caderninhos de campo (escritos físicos bem como escritos digitais/virtuais produzidos e guardados em mensagens e grupos de WhatsApp), além de desenhos e pinturas, que expressam narrativas dos momentos vivenciados ao longo de minhas andanças pelas estradas de barro desse pedacinho do sertão mineiro. Peter Loizos (2002), refletindo sobre o potencial de registros imagéticos considera que “[...] a imagem [...] oferece um registro restrito mas poderoso das

ações temporais e dos acontecimentos reais – concretos, materiais” (p. 137) e prossegue alegando que “[...] a pesquisa social [...] pode empregar, como dados primários, informação visual que não necessita ser nem e forma de palavras escritas, nem em forma de números” (p. 137), pois, de acordo com o autor, devemos lembrar que “o mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes, dependem de elementos visuais” (p.138). Aliás, outra interessante contribuição de Loizos (2002) é justamente no sentido de confirmar a vantagem do uso de imagens para acessar memórias (incluindo aí o universo audiovisual), neste sentido o autor afirma que:

[...] As imagens fazem ressoar memórias submersas e podem ajudar entrevistas focais, libertar suas memórias, criando um trabalho de ‘construção’ partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma maneira mais descontraída do que sem tal estímulo (p. 143).

Nestes Cadernos não pretendo descrever as minúcias da vivência cotidiana com as comunidades, mas sim, destacar os principais eventos e acontecimentos que marcaram minha memória enquanto pesquisador participante, que me produzem reflexões significativas para o estudo. Assim, em minha participação no dia a dia da comunidade produzo pequenos registros, em diferentes linguagens, que expressam algumas de minhas impressões sobre determinados momentos marcantes.

Refletindo sobre a entrada do pesquisador no campo para o momento de encontro com realidade psicossocial em questão, Minayo (2015) assume que este momento, para além da busca por respostas, compreende um processo de interação com os sujeitos em questão:

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os "atores" que conformam a realidade e, assim constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (p. 61)

A autora (MINAYO, 2015) afirma que os principais instrumentos empregados nesta fase do trabalho são a observação participante e as entrevistas. Sobre a observação participante, Gil (2008) lembra, fazendo referência à Brandão, o papel da mesma como técnica fundamental para as abordagens de pesquisa participante, e alega que:

A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação

participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo. (p.103)

Sobre este modelo de diário, que se delineia a partir de aproximações com linguagens artísticas e criativas, Brandão (1982a) assume que:

Pois aí vai o Diário de Campo [...] essa vontade de pensar a antropologia como alegoria, o que não é mais do que a vontade de escrever, com os símbolos do poema, "o pensado e o vivido" dos personagens da própria Antropologia: o homem, seus símbolos, seus mundos, sua vida. O diário são as folhas de trás dos cadernos de anotações de pesquisas, viagens, reuniões. São folhas de uma fala oculta. Escritos carregados de afeição [...] (p. 12)

O mesmo autor prossegue me inspirando a entender este capítulo, que seria uma espécie de diário de memórias, como um modo de sentipensar a realidade vivida em campo, ou, como nos diz Brandão (1982a) "Tudo isso pra dizer a você que os escritos do Diário descrevem maneiras de sentir pessoas, lugares, situações e objetos." (p.13) que segundo o autor se diferencia das formas tradicionais de se pensar a antropologia. Sobre este afastamento Brandão (1982a) assume que "a diferença, se existe alguma, além da forma da fala, é que aqui, livre do rigor da teoria, não preciso explicar o que compreendo, mas compreender o que sinto" (p. 13), algo que em muito se aproxima da concepção de um sentipensar defendido pelo sociólogo colombiano Orlando Fals Borda.

Por sinal, Fals Borda (2015) destaca que nos encontros, seminários e congressos realizados em torno da Investigação Participante, uma das questões suscitadas foi justamente a necessidade da construção de diálogos entre comunicação e arte enquanto caminho para uma Ciência sentipensante. Neste sentido, o autor coloca que em tais reuniões:

*Dijeron que ser sentipensante sintetiza la propuesta de la investigación participativa. Si el estilo es el hombre, aquí tenemos un amplio campo de reflexión para determinar la eficacia de los mensajes que se transmiten bajo el rubro de la i[a]p, y las formas como se va creando o recreando la cultura, envolviendo la ciencia con el arte. Porque parece más productivo casar a estas dos hermanas, como lo canta un poeta, que seguir amándolas por separado como si fuesen enemigas (FALS BORDA, 2015, p. 317-318)*

Ainda sobre essa linguagem mais artística e criativa escolhida para a escrita deste relato, reafirmo as palavras do antropólogo e educador popular Carlos Rodrigues Brandão (1982a), que defendeu que "[...] todas as linguagens são possíveis e a fronteira entre a ciência e a poesia [ou qualquer outra linguagem artística] pode ser grande ou pode ser nenhuma" (p. 13)

Portanto, com relação ao emprego do desenho e das ilustrações como ferramentas de pesquisa considero que tal exercício se reflete em uma forma de contar uma história a partir de outra linguagem, e ainda imprimir o olhar do pesquisador-artista sobre um momento ou acontecimento vivido na imersão. O processo de sentar e desenhar uma paisagem permite uma apreensão de detalhes que não seriam percebidos por um olhar rápido e desatento. As cores, as formas, as sombras, as luzes, a vida, e demais elementos que compõe a experiência vão sendo gravados e ressignificados na memória do pesquisador na medida em que os traços, pontos e linhas vão se materializando no papel. E este foco necessário para converter uma cena em uma representação gráfica conduz ao estabelecimento de uma nova relação com o lugar, inclusive passando a associar memórias a determinados ambientes. Assim, o pesquisador-artista-ilustrador, ao re-conhecer um local que já reproduziu anteriormente acaba por remeter a uma série de sentimentos e reflexões que fazem conexão com o momento do passado em que o pesquisador criou a obra, deste modo o passado se soma ao presente e contribui para a compreensão ou leitura de determinada realidade.

Com relação ao registro das entrevistas e atividades coletivas, o procedimento foi negociado com os participantes antes do início destas ações e de acordo com a autorização dos envolvidos será escolhida a forma de documentar tais encontros, seja por meio de gravações de áudio, registros audiovisuais, anotações em cadernos de campo, fotografias etc.

## 5.7. Proposta de Análise

Esta pesquisa se propõe a combinar diferentes momentos e objetos de análise. Em primeiro lugar é preciso pensar em termos da análise dos dados provenientes das imersões, que é realizada ao longo da construção dos cadernos de memórias, a partir das reflexões suscitadas ao longo da produção de auto narrativas do pesquisador sobre as vivências em campo durante a observação participante – documentadas em diferentes linguagens que auxiliam na recuperação de memórias.

Em segundo lugar, devemos pensar termos da análise das entrevistas narrativas em si. A princípio, consideramos a proposição de Santos (2013), que por sua vez se apoia em Bastos e Santos (2006), que destacam que a seleção dos trechos das narrativas a serem analisados devem levar em conta os temas de interesse da pesquisa, em função dos objetivos e propostas do estudo – portanto, aqui priorizamos os trechos que se referem às relações estabelecidas entre as comunidades e a natureza e, em especial, experiências com eventos climáticos vivenciados localmente, porém, também foram considerados trechos que nos auxiliam a compreender o contexto psicossocioambiental destas comunidades, com suas singularidades, complexidades e especificidades.

Neste caso lembro que Jovchelovitch e Bauer (2002) ressaltam que a entrevista narrativa é uma técnica aberta em relação a escolha dos procedimentos analíticos. Neste caso, proponho uma pensar a análise a partir das seguintes etapas: 1) transcrição dos materiais – tentando transcrever as entrevistas com o maior nível de fidelidade possível, incluindo as descrições das situações subjetivas envolvidas na experiência; 2) organização dos dados e identificação de temáticas presentes nas narrativas – é o momento em que o pesquisador tenta montar o quebra cabeça revelado a partir do contato com o campo, tentando colocar ordem em meio ao turbilhão caótico de informações reveladas pelas entrevistas; 3) reflexões e debates – a partir de reflexões individuais e coletivas são organizados debates para construir negociações em torno dos sentidos associados às narrativas dos entrevistados e participantes; 4) considerações – após as reflexões e debates coletivos são elencadas as considerações, questões e colocações apontadas ao longo das etapas anteriores.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Entre a proposta e a aplicação prática da metodologia ocorreram imprevistos e mudanças de rumo que serão descritos no capítulo 7.



## 6. O REENCONTRO COM O VALE

### 6.1. Diário de Memórias

Neste capítulo apresentarei uma espécie de diário remissivo, produzido a partir de minhas reflexões sobre diferentes formas de registro realizados em campo. Entre tais registros incluem-se fotografias, escritos em inúmeros caderninhos de campo (e escritos digitais produzidos e guardados em grupo de WhatsApp), além de desenhos e pinturas, que capturam momentos vivenciados ao longo de minhas andanças pelas estradas de barro desse pedacinho do sertão mineiro. Não pretendo descrever as minúcias do cotidiano com as comunidades, mas sim, os principais eventos e acontecimentos que marcaram minha memória sobre este primeiro reencontro com as comunidades - após algum tempo afastado das comunidades – deste modo, não tenho a intenção de apresentar todos os fatos ocorridos, mas sim, uma espécie de narrativa que construí a partir de minhas memórias mais significativas sobre esta aventura. Por não ter ainda aprovação da plataforma Brasil, neste momento o trabalho se voltou a um caráter etnográfico, a partir de uma imersão numa condição de um turista que retorna a um local bem conhecido. Assim, essa primeira inserção no campo acabou assumindo um caráter próximo ao da Observação Participante (GIL, 2008; MINAYO; 2015).

---

Entre 28 de dezembro de 2018 a 11 de março de 2019, estive no Vale do Jequitinhonha como um pré-campo após um período sem ir para a região. Essa foi a primeira vez que eu iria ao Vale após terminar o mestrado, então tudo tinha um caráter de reencontro com esse povo e com essa terra que tanto me encantam. Neste sentido, fui para Chapada pela primeira vez enquanto aluno de doutorado do programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da UFRJ.

Porém, como nessa ocasião ainda não havia submetido o projeto à Plataforma Brasil, segui mais como turista do que como pesquisador. Mas é evidente que minha intimidade com estas comunidades já me torna um *turista conhecido*, não sou mais o *forasteiro desconhecido*, agora sou uma espécie de intruso ocasional que de tempos em tempos vem desenvolver algumas atividades na região. Portanto, neste primeiro momento minha atuação teve o caráter de uma observação participante, a partir de uma imersão na realidade local e cujas percepções e

sentipensamentos eram registrados sob a forma de desenhos, escritos em cadernos de campo (ou no próprio celular), além de fotografias e pequenos vídeos que traduzem memórias de momentos vividos com essas pessoas, com essa realidade e com esse ambiente.

Por fim, considero importante ressaltar que, embora eu tenha um prolongado contato com essas comunidades, sempre permanece a certeza de que há muito para descobrir, aprender e experimentar quando se trata deste contexto tão rico e pulsante das comunidades do Jequitinhonha...

## **6.2. A Tese enquanto narradora de encontros entre pesquisadores e comunidades**

Dezembro de 2018. Fecho o zíper da mala, passo a alça da bolsa no ombro, visto a mochila por cima. Pego um casaco pra me preparar para uma longa viagem, escovo os dentes, apanho o travesseiro de pescoço, uma garrafinha de água, me despeço da família e sigo rumo a rodoviária Novo Rio.

Na rodoviária dou um jeito de subir para a área de embarque carregando aquele monte de bagagens. Boa parte do que carrego são presentes e doações – incluindo livros, roupas e brinquedos para crianças, além de lembrancinhas para os adultos – e também dedico um espaço especial na mala para cadernos e materiais de desenho, incluindo papéis, lápis, pincéis e tintas...

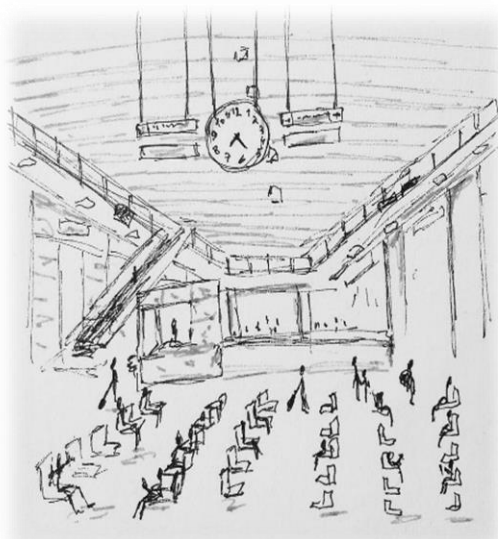
Enquanto penava para subir com todo aquele peso ia passando na minha cabeça uma série de itens, tralhas e coisas que eu levava, ia tentando scannear com a mente aquele peso todo que eu carregava.

Era por volta de meio dia e a rodoviária estava agitada, como sempre costuma estar, sobretudo nesse horário. Um dia quente do final de dezembro. Eu seguia para a folia de reis, e, portanto, passaria o réveillon em meio às comunidades, possivelmente em algum canto que me chamarem para ir – embora já exista praticamente uma tradição de passar em Cachoeira, muitas vezes com a família Machado.

Além disso, nessa ocasião tinha como principais metas, além dos reencontros propriamente ditos: a) estabelecer novas parcerias e reforçar as existentes; b) apresentar a proposta de projeto de pesquisa participante para as comunidades; c) identificar possíveis participantes e parceiros; d) circular pelo Vale do Jequitinhonha, conhecendo outras realidades, para além das comunidades de Chapada do Norte; e) produzir registros, incluindo escritos em cadernos de campo, fotografias, vídeos e desenhos/ilustrações das paisagens, da natureza e das manifestações da cultura local - que posteriormente poderiam ser empregados para reavivar memórias e me auxiliar na recuperação de informações e percepções sobre as experiências vivenciadas em campo.

Minha ida para o Vale do Jequitinhonha saindo do Rio de Janeiro envolve pegar dois ônibus, saindo da Rodoviária Novo Rio sigo até Belo Horizonte e então, de BH, pego um ônibus com direção a Araçuaí – passando pelo acostamento de Leme do Prado – e peço para saltar no Posto Maninho. Este percurso leva em média umas 18h, saindo do Rio depois do almoço chego em BH no final da tarde e de lá pego o ônibus das 21h para o Vale do Jequitinhonha, para chegar

na manhã do dia seguinte. Prefiro viajar de noite, pois com a ajuda de um Dramin aproveito pra dormir, até mesmo pro tempo passar mais rápido...



Sempre fico com medo de dormir além da conta, esquecerem de me avisar e o ônibus passar do meu ponto. Talvez por isso tenho o costume de sempre acordar antes do alarme - que coloco pra tocar num horário próximo ao previsto para a chegada no posto Maninho. Sempre que estou indo para o Vale costumo combinar com alguém de uma das comunidades para me buscar de carro no posto Maninho e me levar geralmente direto para a casa de Dona Nida, onde costumo manter uma espécie de base de operações quando venho ao Vale.

Desta vez Elvídeo (irmão de Dona Nida) foi me buscar no alto, já estava lá quando o ônibus me deixou. Uma manhã fria com bastante neblina, ou “serração” como dizem nessas terras. Elvídeo comentou que eu cheguei trazendo a chuva – coisa que já está se transformando em uma espécie de tradição – e logo emendou com um “tomara que fique assim por um tempo moço”.

Acomodamos minhas malas e seguimos pela estrada de asfalto até a placa que indica a entrada para as comunidades de Chapada do Norte, onde a estrada passa a ser de barro. A estrada estava molhada, e a mata já estava esverdeando, sinal de que as “águas já tinham pegado”.



Ao longo do percurso viemos botando o papo em dia, conversando sobre a expectativa para a Folia de Reis, sobre nossas famílias e sobre o cotidiano da comunidade. Não demorou muito para bater aquela emoção, logo que passamos pela torre do sinal de celular e começamos a descer o morro, avistei lá do alto, em meio a neblina, o distrito de Cachoeira. Deste ângulo vê-se o cemitério no centro e o bairro do Tamboril para a esquerda, não sendo possível avistar a parte central do distrito e o campinho. Descemos a ladeira, passamos pelo cemitério e descemos à direita, seguindo até a praça principal da comunidade, onde fica a Igreja católica local, e seguindo algumas casas para baixo encontra-se a casa de Dona Nida. Elvídeo parou o carro na frente da casa e fui despachando as malas.

Enquanto tirava as malas do carro Dona Nida já apareceu na porta com um sorriso largo e os braços abertos esperando um abraço apertado. Depois do abraço seguimos para dentro, assentei minhas malas no quarto e passamos o primeiro cafezinho para embalar a conversa. Com o tempo apareceu Danca (filha de dona Nida) na cozinha para participar da conversa e a prosa se estendeu ao longo do dia, na medida em que foram chegando mais e mais pessoas iam se integrando ao papo.

Mas nesse dia acabei indo dormir cedo, pois além de estar muito cansado por conta da viagem, caiu uma chuva forte, com muitos raios e trovões e acabou esfriando. Com isso aproveitei o friozinho para ajudar a embalar o sono e recuperar as energias para o dia seguinte...

Acordei por volta das 7 horas da manhã com o barulho de Dona Nida fazendo o café e organizando a cozinha. Fui dar bom dia e logo iniciamos nosso ritual da conversa matinal. Depois do café segui para reencontrar algumas pessoas e matar a saudade até o horário do

almoço. Visitei algumas pessoas e então retornei para almoçar na casa de Dona Nida, sendo que depois do almoço só deu tempo de uma conversa rápida antes de eu retornar para a rua e seguir para mais algumas visitinhas ao longo da tarde. Durante a tarde recebi o recado que Danny e Gilda (Danny é um inglês, marido de Gilda, que é filha de Dona Rosarinha) estavam na casa de Dona Rosarinha em Boa Vista e que Danny queria falar comigo. Como não iria conseguir carona a esta altura acabei mantendo minha programação de visitar algumas pessoas de Cachoeira mesmo e deixei para seguir para Boa Vista no dia seguinte.

Retornei apenas no final da tarde, já na hora do jantar, antes de seguir para a casa parei para comprar um queijo fresco no açougue. Quando pisei na casa Dona Nida já começou a dizer que estava preocupada querendo saber se eu já tinha comido, afirmando que eu fico muito tempo sem comer (desconsiderando o fato que em cada casa que eu visito as pessoas me entopem com biscoitos, pães, queijos, bolos, broas e outros quitutes). Mas não tem jeito, ela gosta de me mimar (e me engordar).

Nesse dia iria acontecer uma festa muito famosa entre os jovens da região, A Festa das Tribos, que consiste em uma espécie de pré-carnaval, onde as pessoas se fantasiam e curtem um evento no espaço conhecido como Recanto das Artes, que é um tipo de centro cultural, pousada e clube localizado entre os distritos de Cachoeira e Boa Vista. Por conta de minha alma idosa tenho muita dificuldade de me integrar a atividades de jovens, simplesmente não me sinto à vontade em meio a festas e ambientes agitados, logo recusei os convites para a festa e optei por ficar em casa com Dona Nida e aproveitar para dormir cedo, pois pretendia ir para o distrito vizinho no dia seguinte.

Depois do jantar tomei um banho para dormir, e o chuveiro estava com problema, mas como gosto de tomar banho frio nem me importei, curti a experiência e agradei a oportunidade de estar ali. Porém, assim que cheguei na sala e Dona Nida se lembrou do detalhe do chuveiro começou a inventar de atravessar a rua na chuva para tomar banho na casa dos pais dela do outro lado da rua. Minha intuição parecia estar querendo me dizer alguma coisa, pois eu insisti repetidas vezes para ela abandonar essa ideia e tomar banho ali mesmo na água fria – e garanti que meu banho tinha sido ótimo. Mas apesar de minha insistência, não teve jeito, a teimosa resolveu ignorar meu conselho, pôs a toalhinha embaixo do braço e saiu atravessando a rua em meio à chuva para tomar seu banho quentinho.

Alguns segundos após Dona Nida sair pela porta escutei um berro na praça...

Levantei de uma vez com o susto e corri para a praça. Chegando lá encontrei Dona Nida estirada no meio da grama com um semblante de dor. Com ajuda de um rapaz consegui erguer e carregar Dona Nida até a casa dos pais dela, para onde ela estava indo quando caiu. Assim que chegamos eu e Dona Geni (mãe de Dona Nida) ficamos tentando animá-la, fizemos massagens, conversamos com ela e tentamos mantê-la acordada após o susto. Em um primeiro momento ela ficou pálida e parecia que ia desmaiar, mas então foi recuperando a cor e quando vimos, mesmo com dor, ela ainda conseguiu se levantar e tomar o banho que tanto queria. Diante dessa reação achamos que não tinha sido nada grave, talvez uma luxação ou algo assim...

No dia seguinte acordei e comecei a organizar minhas coisas para partir rumo à Boa Vista na parte da tarde. Fui ver como estava Dona Nida, e percebi que a situação parecia mais grave do que imaginávamos. O pé dela estava muito inchado, arroxeadado e ela confirmou que ainda estava sentindo muitas dores, além de não conseguir mexer o pé direito. Diante disso, servi de apoio para ela e a conduzi até a cozinha, onde ela se sentou e ficou observando enquanto eu preparava o café. Fiz o café bem forte, sem açúcar, e seguindo as recomendações de Dona Nida (pois nessa casa cada um tem um jeito de fazer o café. Normalmente Dona Nida e Leila (filha mais velha de Dona Nida) eram as principais responsáveis pelo preparo do café, sendo que enquanto Dona Nida colocava o pó na água e já misturava com o açúcar, Leila preferia botar o pó no coador e então jogar a água sem mexer). Comemos o café com queijo e depois ficamos conversando (e lamentando) esse acidente do pé de Dona Nida.

Acabei indo almoçar na casa de Dona Geni e depois de encher o bucho Adalton (filho de Dona Nida) me levou até Boa Vista de moto, me deixando bem na frente da casa de Dona Rosarinha. Logo que cheguei à casa de Dona Rosarinha fui recebido por Bob, o cachorro de Dona Rosarinha que vi quando chegou aqui e cabia na palma da minha mão, e hoje se tornou um cão enorme. Logo apareceu Dona Rosarinha, nos abraçamos e ficamos conversando, então apareceu Cauê e os outros moradores da casa – com exceção de Seu Henrique, que estava no sítio da Vargem do Pombo.

Quando cheguei nos fundos da casa encontrei Gilda pintando um belo painel tropical na parede da cozinha, que por sinal estava bem diferente da última vez que eu tinha visto, após uma reforma em que ampliaram a casa fechando essa parte traseira. Além disso, encontrei Danny, as gêmeas, o pequeno Samuel e o novo cachorrinho de Dona Rosarinha, um filhotinho de Pinscher cor de caramelo.

Ficamos conversando, ao que Danny me apresentou a proposta de ajudar na organização de um projeto de Recuperação Ambiental na Região. Basicamente Danny estava interessado em ajudar a arrecadar investimentos fora do Brasil para o desenvolvimento de projetos de Reflorestamento a fim de disseminar as técnicas de Agricultura Sintrópica desenvolvidas pelo pesquisador suíço Ernst Gotsch (1996)<sup>31</sup>.

No final do dia demos um passeio pela roça e caminhamos pelo terreno de Dona Nazareth para mostrar algumas espécies da agrobiodiversidade local para as meninas. Danny, as gêmeas e eu encontramos Dona Nazareth terminando os preparativos para a Folia, em um dos dias o pouso seria na casinha da roça.

Logo cedo tratei de ir caminhando até a comunidade de Cachoeira, isso porque havia sido convidado para passar a virada do ano com a família Machado, e sem falar que como carioca supersticioso tenho sempre a tradição de passar o reveillon com uma roupa nova – e minhas roupas novas estavam em minha mala, na casa de Dona Nida, na comunidade de Cachoeira. Logo me despedi de Boa Vista e segui meu rumo para a comunidade vizinha, a pé mesmo, de vagar, aproveitando a vista e a jornada...

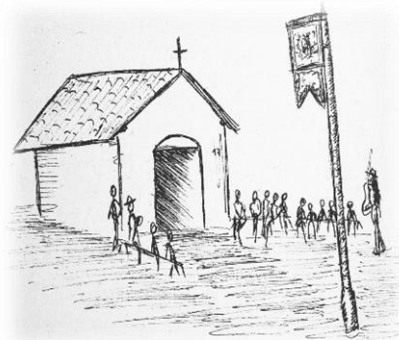
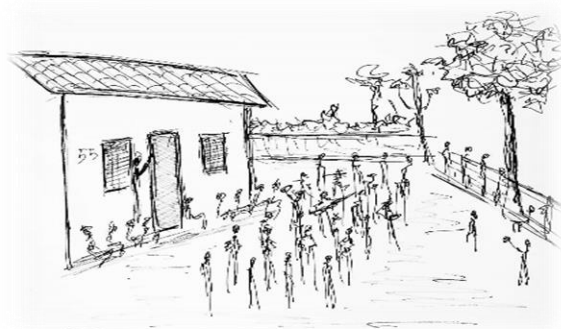


---

<sup>31</sup> Vídeo de divulgação do projeto “Life In Syntropy”, que demonstra alguns princípios da proposta de Agricultura regenerativa desenvolvida pelo pesquisador suíço Ernst Gotsch. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=gSPNRu4ZPvE>



Chega o ano novo e com ele chega a tão esperada festividade dos Santos Reis, algo bem característico desta região do lado de cá do rio Araçuai. A folia, como sempre, é um evento muito importante para as comunidades, trata-se de uma tradição de décadas que reúne grande público em torno de celebração em homenagem aos três reis magos. A folia é uma festa democrática que é frequentada por todos e que circula por diferentes espaços dentro das comunidades: os foliões adentram as casas dos moradores e convidam os presentes para cantar algumas músicas, tomar uns goles da cornicha/lambu, e se deliciar com os quitutes preparados pelos anfitriões. De casa em casa, costumam oferecer bolos, biscoitos, broas, café, chás, caldos, as vezes um almoço ou janta, e como reza a lenda contada pelos nativos a comida de Santos Reis sempre dá pra todo mundo e ainda sobra, dizem que multiplica até encher o bucho de todos. Para acompanhar um pouco das 3 folias dou um jeito de me despencar de uma comunidade para a outra, buscando caronas sempre que possível para conseguir equilibrar a participação nas três festas.



Nos despedimos de Danny, Gilda e as crianças e em seguida eu mesmo me despedi do povo de Boa Vista e retornei para Cachoeira, pois queria acompanhar um pouco da Folia de lá. As Folias são bem diferentes entre si e cada uma traz suas especificidades e características próprias. Das três folias a de Cachoeira é considerada a mais animada e mais movimentada, isso ocorre sobretudo em função da grande adesão de jovens nesta tradição. Ao contrário das outras comunidades, que se observa um desligamento das novas gerações em relação a estas práticas culturais, por outro lado, em Cachoeira a impressão é de que a cultura local, pelo menos no caso da Folia de Reis, se encontra salvaguardada em função do envolvimento massivo das novas gerações.



Neste meio tempo Dona Nida permaneceu internada, sem previsão de retorno para casa, pelo visto foi mais grave do que pensávamos.... Com isso, já dei início aos preparativos para viajar para Campos. Uma época de tempo de calor sem chuva. Enquanto isso aproveito para me energizar com as bênçãos da Folia de Reis de Santa Rita.



No último dia da Folia de 2019 ocorreu fato inesperado, o grupo de Folia do distrito de Boa Vista veio pessoalmente prestar uma homenagem ao Mestre Chato, realizando um encontro muito animado e emocionante. Aproveitei a presença do grupo e peguei carona, seguindo para Boa Vista, onde participei do Leilão e inclusive arrematei uma garrafa e uma bandeja cheia de pastéis por apenas 26 reais.

Depois da Folia permaneço em Cachoeira e aguardo o retorno de Dona Nida, que volta do hospital carente e merecendo ser paparicada. Com isso ajudei nessa adaptação até mesmo ajudando a distraí-la e a se animar. Mas logo o ânimo de Dona Nida melhora, pois com a chegada de Maria Eduarda uma nova energia tomou conta da família e as dores da avó se anestesiaram diante de tamanha alegria.



Nesse período, por volta do dia 20 de Janeiro de 2019, tive a oportunidade de assistir ao eclipse da lua de sangue sozinho no quintal de Dona Nida, quer dizer, acompanhado de muitos morcegos, que davam rasantes enquanto eu observava aquele espetáculo da natureza.

Logo chegou a data de minha viagem para Campos. Após a folia acabei retornando para o Rio de Janeiro, temporariamente, pois havia sido contratado para ministrar um curso de formação para a Petrobrás sobre Educação de Base Comunitária. Com isso, passei alguns dias em Campos dos Goytacazes desenvolvendo este trabalho e depois na sequência já retornei para o Vale.

Logo ao chegar já organizaram um pequeno churrasco para me recepcionar na casa de Elvídeo, um churrasco que incluiu além das carnes milho assado na brasa, uma delícia. Isso sim é uma recepção à altura!

Não permaneci muito tempo em Cachoeira e logo segui para Boa Vista, pois fiquei de acompanhar a visita dos técnicos contratados pela Rain para realizar uma avaliação de alguns terrenos da comunidade, a fim de buscar soluções para problemas enfrentados pelos agricultores locais a partir da ótica da permacultura e da agricultura sintrópica. O casal de técnicos passou alguns dias na propriedade de Rosarinha e realizaram uma série de medições, atividades e planos. Em um desses dias levamos os técnicos para conhecer a plantação de abacaxi da Vargem do Pombo, e eles aproveitaram para realizar uma coleta do solo para análise e teceram algumas considerações sobre o espaço do sítio.

No dia seguinte organizamos uma atividade de campo e levamos agricultores locais para conhecer a sede do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), em Turmalina. No CAV assistimos uma palestra introdutória que nos contou um pouco sobre a história do centro. Em seguida fomos conhecer os sistemas de plantios, o banco de sementes, as técnicas e as

tecnologias empregadas para pensar a adaptação das práticas agrícolas ao contexto ambiental, e em especial climático, da região. Depois de um rico contato com o CAV ainda tivemos a oportunidade de conhecer a Cooperativa de Apicultores de Turmalina e pudemos ver de perto o processo de processamento do mel para a comercialização. Por fim, nos despedimos do casal de técnicos e retornamos para Boa Vista.



Os dias que se seguiram foram dias nublados, aproveitei para adiantar algumas leituras e trabalhos de ilustrações. Mas também aproveitei para, junto de Dona Nida, socar amendoim no pilão para fazer paçoca, e também preparamos outras iguarias típicas da cultura local, tal como pão de queijo e bolo.

Outra oportunidade muito interessante desta viagem foi o convite para participar de algumas bancas de especialização no Instituto Federal de Educação do Norte de Minas, de Araçuaí. Este convite, realizado por um dos estudantes que estavam para defender seu trabalho de conclusão de curso, e que me localizou através do currículo lattes e da página que mantenho no instagram para divulgar meus trabalhos artísticos – muitos dos quais ilustrações sobre as paisagens, o povo, a natureza e a cultura do Vale do Jequitinhonha. Além disso, o tema de discussão deste jovem tinha grandes confluências em relação as minhas temáticas de interesse, uma vez que o mesmo refletiu sobre as políticas de enfrentamento à seca no semi-árido mineiro.

Assim, Danilo me convidou para passar esse período em sua casa e ainda serviu de guia turístico pela cidade me mostrando um pouco dos tesouros e maravilhas desse polo histórico-cultural do Jequitinhonha. Além disso, acabei sendo convidado para participar para uma série de defesas de tcc para além do Danilo.

Uma boa aventura requer uma certa dose de sorte. Eis que a sorte estava do meu lado, de modo que o destino facilitou de tal maneira que minha ida a Araçuaí coincidiu com a data do maior festival de arte popular do Vale do Jequitinhonha, que produziu a confluência de artistas de todos os cantos do Vale. Assim, acabamos indo conhecer um pouco sobre esse grande

festival, adquirir alguns tesouros da arte e cultura do Vale e prestigiar alguns dos grandes mestres da arte popular do Jequitinhonha.



A ida a Araçuaí foi um mergulho de cabeça na cultura e história do Vale permitindo-me conhecer outros ângulos, que até então eu não tinha entrado em contato. Ao contrário das comunidades de Chapada do Norte, Araçuaí é uma cidade grande, uma das maiores e mais ricas cidades do Vale do Jequitinhonha, é uma cidade que já apresenta muitos serviços, universidades, oportunidades, mas que em contrapartida também já experimenta alguns aspectos negativos das cidades grandes, como o aumento da criminalidade, desequilíbrios ambientais e o tráfico de drogas.

Com Danilo como meu guia turístico pude circular bastante pela cidade e com isso pude conhecer a feira de artesanato; o festival de cultura, com direito a show do Milton Edilberto; fomos ao mercadão, onde conversamos com erveiros, produtores de queijos e doces locais etc; visitamos Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), uma iniciativa de grande destaque na região liderada pelo antropólogo e educador popular Tião Rocha; fomos conhecer o Cinema dos Meninos de Araçuaí, uma iniciativa vinculada ao CPCD, que aposta no audiovisual como ferramenta para o reconhecimento da cultura regional; demos uma entrevista para a rádio local; conhecemos personalidades da região, incluindo a benzedeira Dona Generina e mesmo a artesã Lira Marques, que inclusive me recebeu pessoalmente em sua casa e me contou sobre suas obras, as belezas e cores do barro, a cultura popular do Jequitinhonha e suas andanças junto a Frei Chico. Enfim, foi uma viagem de grandes descobertas e alegrias...



Mas de fato foi uma honra e tanto passar um dia com a grande folclorista e artesã Lira Marques, que me contou muitas histórias sobre o tempo em que andava por esse Vale acompanhando Frei Chico em suas expedições em busca dos mistérios da cultura popular do sertão mineiro.

Mestra Lira é uma senhora negra que transmite a sabedoria no olhar e que guarda muitas histórias incríveis. É certamente uma grande narradora do Vale que gentilmente dividiu comigo algumas de suas histórias e me mostrou alguns de seus tesouros.



A casa de Lira Marques é um verdadeiro museu! No pátio da casa é possível observar inúmeras obras de lira espalhadas ao longo da varanda, dos corredores e das paredes do pátio interno. Máscaras africanas e toda sorte de objetos e criaturas produzidas de barro e pintada com tintas extraídas pela própria Lira desse solo mágico da região, que produz cores a partir da própria natureza.

Em Araçuaí participei de uma série de bancas de defesa de trabalhos de conclusão de curso da especialização em Gestão Pública do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Além disso tive a oportunidade de conhecer a parte histórica da comunidade, inclusive a região que foi atingida pela grande enchente de 1979, além de conhecer o cinema dos Meninos de Araçuaí.



No dia 17/02 fomos para a aldeia Pankararu-Pataxó e visitamos a antiga parte da cidade Cleonice e sua filha nos explicam a história da aldeia e de como os Pankararu e os Pataxós acabaram se unindo para formar uma aldeia em comum. Cleonice explica que a história dos indígenas de Araçuaí está diretamente ligada a desativação no antigo presídio Krenak, uma cadeia exclusiva para lideranças indígenas perseguidas durante o período da ditadura militar. Com o fim do presídio muitos indígenas resolveram retornar as suas regiões de origem, porém os Pankararus e os Pataxós optaram por permanecer na região, e assim iniciaram um processo de luta para adquirir terras.



“Oi lá na venda do Seu Lidirico” que tomei umas pingas batizadas e aproveitei a oportunidade para desenhar o ilustre Lidirico – dono da venda mais famosa do Vale do Jequitinhonha -, que depois de muita história contar me obrigou a sair sem pagar. Pois eis o

tamanho da honra e da sorte do viajante que vos fala - além de provar da famosa cachaça da mais famosa venda do Vale do Jequitinhonha, ainda ficou de cortesia.<sup>32</sup>



Essa ida a Araçuaí foi estratégica, e oportunizou um contato com diferentes personalidades históricas dessa região do Brasil profundo. Aqui, quando digo personagens históricos estou me referindo a uma história viva, materializada em personagens como Lira Marques, Dona Generina, Seu Lidirico e Dona Iaiá, a aldeia Pankararu-Pataxó, o projeto do Tião Rocha, incluindo o cinema dos meninos de Araçuaí, a lojinha e o espaço cultural mantido pelo projeto.

Porém mais do que pensar na ida a Araçuaí como um evento turístico, para mim, este passeio representou uma oportunidade única para me ajudar a entender como o clima e os eventos climáticos extremos marcaram não apenas as comunidades que investigo, mas também a região como um todo, com destaque a algumas cidades vizinhas que foram fortemente afetadas pelas grandes secas e enchentes.

Araçuaí em especial possui uma forte memória com relação ao dilúvio<sup>33</sup> de 79, quando parte da cidade chegou a ficar submersa diante do rápido avanço do rio Araçuaí. A força do Rio nessa ocasião gerou grandes prejuízos para a população local marcando as memórias de seus

<sup>32</sup> Vídeo da música “Tem lá na venda do Seu Lidirico” de Milton Edilberto. Ver em: < <https://youtu.be/IgQR-3IskVU> >

<sup>33</sup> Nesta tese o termo dilúvio será adotado para respeitar a nomenclatura empregada pelas próprias comunidades para se referir as grandes chuvas que causaram prejuízos as comunidades locais, sobretudo para a comunidade de Santa Rita do Araçuaí, que vive nas margens do rio e que se viu invadida pelas águas em algumas destas ocasiões. Cabe ressaltar que a adoção de um termo bíblico pelos narradores reflete traços das identidades culturais das comunidades, fortemente influenciadas pelo Catolicismo Popular.



moradores, assim como legando marcas em construções, que até hoje exibem as manchas de onde a água chegou durante a grande chuva.

Depois retornei para Chapada do Norte depois desta jornada inesquecível por Araçuaí...

O fato de eu ter ido como turista, mais do que como pesquisador, ou seja eu não tinha uma obrigação formal de estar pesquisando 24 por dia, neste caso eu acabei me permitindo participar de acontecimentos/eventos que até então eu não tinha dado atenção: como é o caso do futebol.



Para as comunidades de Chapada do Norte o futebol vai muito além de um esporte ou entretenimento, trata-se de uma tradição e de um acontecimento que produz uma série de socializações. A partir do futebol surgem as torcidas, os embates, os conflitos, as intrigas, as confraternizações, os momentos de paquera e de festa, mas também são momentos de tensão e apreensão. As comunidades ficam abarrotadas de gente, com carros estacionados por todos os lados e o povo aglomerado diante do campo, cujo entorno é tomado por vendedores que comercializam diferentes serviços e produtos, incluindo bebidas – com e sem álcool - , comidas (incluindo churrasquinho, feijão tropeiro, caldos, milho, pipoca, torresmo, hambúrguer etc) e brinquedos infantis como pula-pula e camas elásticas.

O campeonato de futebol é algo que teoricamente é construído pensando em estimular interações saudáveis e positivas entre as comunidades, porém, mesmo com essa suposta intenção o campeonato contou com conflitos e intrigas que desestabilizaram o acontecimento. Essa espécie de sabotagem, provocada a partir do acirramento dos ânimos durante os jogos e que teve seu ápice durante uma partida em que um dos jogadores se atrasou e por pouco o time não foi eliminado acabou acarretando uma revolta entre os jogadores do time visitante.

Também preciso comentar sobre minha surpresa ao descobrir como o futebol consistia em algo tão importante e complexo nestas bandas. O evento envolvia um grande número de grupos internos (ou comunidades dentro das comunidades) – a exemplo das Bels (um coletivo de mulheres que teria surgido a partir de um grupo de whatsapp sobre fofocas e piadas e que acabou se transformando em um coletivo organizado que ajudava a financiar eventos, e inclusive fazem vaquinhas entre elas para financiar bandas e ajudar nos custeios dos eventos da comunidade); os Loucos (grupos de homens que em geral eram jogadores do time local de cachoeira e que eram os principais rivais do time de Santa Rita); entre outros grupos.

Além disso, é interessante ressaltar que eu nunca fui fã de futebol, pelo contrário, nunca tive nenhum tipo de interesse, logo faz sentido eu nunca ter dedicado meu tempo a acompanhar os jogos locais. Porém dessa vez, ao acompanhar de perto, pude constatar que esse acontecimento diz muito mais a respeito das comunidades do que eu poderia imaginar.

Além das tradicionais festas de folia de reis - tradição partilhada pelas 3 comunidades -, ainda há muitas outras festas populares como o dia de são Sebastião (na comunidade de Santa Rita) e a grande festa de Santa Cruz de Cachoeira do Norte. Esse ano estava muito animado, pois pela primeira vez teria a oportunidade de participar desta festa que é tão importante para o povo desta comunidade.



Nos dias seguintes caiu uma tempestade com muitos raios e trovões, chegando a afetar a energia das comunidades...

Em sequencia, alguns dias depois as o tempo se tornou firme e com isso fui visitar uma das nascentes de Cachoeira do Norte na companhia de Ronaldinho, um vereador da comunidade, especificamente ele me levou para conhecer o Córrego da Grutinha, um córrego que chegou a secar, mas que hoje se encontra em processo de regeneração, incluindo sendo observadas muitas colônias, também chamadas de lírio-do-brejo, e que são associadas pelo saber popular a preservação de água de córregos e nascentes. Além disso, a área da nascente

hoje se encontra com mata recuperada, já com algumas árvores de médio porte e um sombreamento denso no interior das copas. Assim, conseguimos verificar a água corrente e o ponto exato em que tal precioso líquido aflora.



Poucos dias depois, logo após acordar, Dona Nida veio me perguntar se eu não gostaria de fazer um passeio com Adalton para ir conhecer o outro lado do rio. Como eu não tinha nada na programação disse que sim e corri para me organizar. Em pouco tempo Adalton parou o caminhão na frente da casa e gritou pelo meu nome.

Subi no caminhão e Adalton me explicou que estávamos indo até a casa de um agricultor que encomendou uma caçamba de esterco curtido, que Adalton estava transportando na carreta. Seguimos em direção à Santa Rita, passamos pelo centro do distrito e nos desviamos no sentido da praça dos Botelho, onde um caminho segue pelas margens do Rio.

Uma estrada de barro estreita espremida entre o morro e o barranco que dá nas margens do Rio Araçuaí. Continuamos nesse percurso por alguns km até finalmente chegar a uma pequena ponte de madeira, que parecia estreita demais para a passagem do caminhão, mas que apesar de meu medo suportou tranquilamente a passagem do veículo. Chegamos finalmente a propriedade deste agricultor e imediatamente pude perceber a diferença na paisagem provocada pela intervenção desta família. Boa parte do terreno é coberta por uma plantação de bananas, que conta com um sistema de irrigação por gotejamento. Além disso, no alto da propriedade, na parte mais alta do morro, encontra-se uma pequena represa, que segundo o dono do terreno utiliza uma bomba para puxar a água do Rio e abastecer as plantações.



No dia 27 uma forte chuva caiu interrompendo o abastecimento de água, bem como os serviços de luz elétrica e internet. Algo recorrente na região, pois como brincam os moradores, apesar da seca típica do sertão mineiro aqui as torneiras tendem a secar durante as chuvas. Isso porquê com as fortes chuvas o volume do rio sobe rapidamente e muitas vezes acaba carregando ou danificando a balsa de captação de água, e mesmo com os cuidados dos funcionários responsáveis pela balsa, que tentam prendê-la a todo custo, ainda assim a força das águas costuma superar qualquer corda ou corrente.

Aproveitei esse desligamento dos serviços para dar uma andada pela região rural da comunidade de Cachoeira do Norte, indo visitar algumas senhoras benzedeiros que vivem no Córrego Seco, aproveitando o passeio para dar uma olhada na bomba da COPANOR que recebe a água vindo da estação do Rio Araçuaí e a distribui para as comunidades de Cachoeira e Boa Vista.

No dia seguinte já segui para o município vizinho de Minas Novas, conforme os convites de Mestre Louro e Mestre Antônio. Minas Novas é uma cidade histórica da região, sendo considerada cidade mãe de Chapada do Norte, tendo sido uma das primeiras povoações das redondezas. O ônibus que passa pelas comunidades de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista vai até a sede de Chapada do Norte e prossegue até Minas Novas, de modo que meu transporte foi relativamente simples. Uma vez em Minas Novas fui em busca da casa de Louro e Mestre Antônio, também aproveitei para conhecer a feira local, bem como o museu de arte e cultura de Minas Novas.

Na feira de Artesanato em Arauaí conheci duas figuras notáveis da cidade de Minas Novas, mestre Antônio e Mestre Loro, e acabamos nos tornando amigos em pouco tempo devido a grande afinidade que se formou. Mestre Louro é um grande artesão do couro, produz todo tipo de objetos e vestimentas de deste material, incluindo sandálias, sapatos, bolsas, chapéus, objetos decorativos etc. A imaginação é o limite para a capacidade de louro, que com muito esmero produz peças com a alma do Vale, seguindo as tradições dos tropeiros e vaqueiros que desenvolveram e aprimoraram essa arte.



Já mestre Antônio de Bastião<sup>34</sup> é um sábio curador e renomado tamborzeiro. Descendente dos quilombolas da região, o mestre conhece os segredos das ervas, raízes e os mistérios envolvidos no preparo das mais poderosas garrafadas. Mestre Antônio também é um grande artesão e produz peças de grande beleza que refletem a cultura local a partir de seu trabalho sobre elementos extraídos diretamente da natureza. Mestre Antônio também trabalha com o couro, produzindo tambores, atabaques, máscaras e embornais, mas também vende em sua barraca algumas ervas, sementes, raízes e outros produtos do cerrado, como cera de abelhas e cascas de árvores com propriedades medicinais.

Desse encontro com esses mestres surgiu o convite para conhecer Minas Novas, sendo que Mestre Louro me comentou sobre algo que me aguçou o interesse por conhecer essa cidade: Louro me contou de um antigo jornal da região, dos tempos da ditadura, chamado *Jornal*

---

<sup>34</sup> Cabe ressaltar que Mestre Antônio de Bastião foi um importante participante do Projeto Encontro de Saberes realizado pela UFMG, tendo sido um representante do Município de Minas Novas no que diz respeito aos saberes e fazeres em torno das artes do couro, dos tambores, das benzeções e das plantas medicinais do cerrado. Ver em: <https://www.saberestradicionais.org/retrato-de-mestre-antonio-de-bastiao/>

*Geraes*, que era considerado um jornal subversivo e crítico não apenas do regime, mas também dos políticos locais.

Louro me explicou que quando jovem ele chegou a atuar como repórter desse célebre jornal e que recentemente dois jornalistas se juntaram para republicar um compilado com algumas das edições clássicas, que marcaram a memória do Vale.



No dia seguinte acordamos cedo na casa de Cida, tomamos um café e seguimos a pé até a oficina de seu marido, que nos levaria até a rodoviária. No caminho da casa de Cida até a oficina passamos por alguns blocos do Carnaval de Minas Novas, incluindo um bloco das crianças. É interessante notar como o carnaval de rua representa um acontecimento tão marcante na rotina destas comunidades. As crianças, envolvidas com o sentido da data, desfilavam sorridentes com suas fantasias pelas ruas, seguidas pelos responsáveis que cuidavam para que as mesmas se comportassem e não brincassem no meio dos carros.

Era um dia de muito calor, sem nenhuma nuvem no céu, e a cidade estava animada com os festejos carnavalescos, na praça do alto pude inclusive notar uma estrutura montada que provavelmente serviria de palco para alguma banda ao longo da programação de comemorações.

Zé de Nana nos levou de carro até o centro histórico. Cida e eu desembarcamos na rodoviária e fomos direto comprar nossas passagens. O ônibus partiria em cerca de duas horas, o que me dava tempo o suficiente para fazer uma breve visita ao Louro, além de me permitir conhecer o museu, a loja de artesanatos típicos e a feira local.

Nos dias seguintes estive visitando Dona Nazareth e também a comunidade dos Ferreira, onde fui até a casa de um dos mais antigos moradores da região, que reside nos entornos das pinturas rupestres dos Ferreira, numa localidade chamada Córrego do Jatobá.

A ida a São Sebastião da Boa Vista. Na casa de dona Rosarinha pezão me convida para ir para os lados de Ferreira e Tenente. Seguimos de moto pela estrada de barro, subimos o morro atravessamos a chapada, passamos pela vargem do pombo e por muitas fazendinhas e pequenos vilarejos ao longo do caminho. Até que chegamos na comunidade dos Ferreira.

A comunidade dos Ferreira faz parte do distrito de São Sebastião da Boa Vista e consiste em um vilarejo mais afastado do centro, onde é possível encontrar uma escola, uma igrejinha católica e uma evangélica, um bar-armazém, além de algumas casas.

É um lugar calmo, no meio do cerrado. Do centro da comunidade seguimos em direção à roça, atravessamos belas e pitorescas paisagens do sertão mineiro e acabamos parando na casa de um senhor, que segundo pezão era o morador que vivia mais perto das tais pinturas rupestres que eu estive visitando alguns anos atrás.

A paisagem nessa região é mais árida, com exceção dos pequenos trechos ao longo de córregos, represas ou cacimbas, onde a umidade permite à vida se exibir de forma mais pomposa. Nesses trechos surgem árvores e uma mata se fecha em torno desses filetes de água, como se abraçassem o precioso recurso, protegendo-o do calor do sol e dos ventos.

Assim, nos entornos desses corpos d'água é possível perceber uma clara diferenciação no microclima, onde a sombra, a umidade e a proteção das árvores transformam o ambiente na medida em que absorvem a luminosidade e o calor do sol, filtrando e refrescando o ar no interior dessas matas.

Após algumas subidas e descidas, curvas e porteiras, finalmente chegamos em uma parada. Pezão resolveu cumprimentar o homem mais velho da comunidade dos Ferreira, por isso paramos um pouco em sua casa antes de seguir para Tenente. Estacionamos na porteira ainda com o motor da moto roncando e logo vimos o ancião recostado na janela nos observando e acenando como quem dá as boas vindas aos visitantes. Vendo que o cachorro latia para nossa presença o velho acenou com a mão e gritou “pode entrar que a fera tá amarrada”.

Uma casinha rosada com a base da parede esverdeada e janelas azuladas no pé de um morro e escondida atrás de três grandes abacateiros. Do telhado da casa projeta-se um sistema de calhas que conduz a água das chuvas a uma caixa de captação localizada na lateral da habitação. Confesso que me chamou atenção o fato de a casa ser bem afastada de qualquer vizinho, num local isolado de tudo. Descemos da moto e fomos cumprimentar os moradores da casinha.

O dono da cara é um ancião, porém muito conservado, tem quase 90 anos, mas mantém grande vigor e lucidez. A prosa se inicia com a clássica apresentação, Pezão relembra o senhor de quem ele é filho e o homem logo se recorda e surpreso exclama que não tinha como reconhecer, pois, da última vez que o viu este era um jovenzinho e agora está grande e gordo - e logo puxou o riso da própria piada como um complemento do deboche.

Depois Pezão me apresentou, disse que eu era “Daniel, o menino do meio ambiente que está desenvolvendo uns projetos e que pesquisa a região”. Daí contou que estou hospedado na casa de sua sogra, Dona Rosarina, e que eu já tinha vindo aqui nos Ferreira antes, inclusive pra ver as tais pinturas na pedra.

Diante do comentário sobre minha apresentação o idoso riu, mas prosseguiu chamando sua esposa e pedindo que ela trouxesse um cafezinho para as visitas. Gritou de novo e disse que a mulher anda meio surda por conta da idade, então, vendo que a mesma continuou sem escutar ele pediu que esperássemos e seguiu para os fundos da casa. Depois voltou carregando um instrumento antigo nas mãos e se sentou. O objeto era uma velha viola, uma relíquia, daquelas antigas de cravelha de pau, coisa que só encontramos em museus! Estava faltando algumas cordas, mas o instrumento em si estava muito bem preservado diante da idade que deveria possuir.

O velho riu e tocou umas musiquinhas para a gente enquanto sua mulher apareceu ao fundo carregando uma bandeja com copos de café e uma lata de biscoitos de goma que ela mesma fizera. A mulher, muito tímida, após entregar a bandeja a Pezão e apanharmos os copos e a lata seguiu de volta para a cozinha sem falar uma palavra.

Enquanto isso seu marido tocava a viola e ria. Até que em determinado momento parou de dedilhar as cordas, pois um telefone tocou. Atendeu e começou uma conversa animada brincando com o sujeito do outro lado. Disse que ele estava muito chique porque tinha gente do Rio de Janeiro visitando a casa dele e gargalhou enquanto olhava para mim com um sorriso de orelha a orelha. Depois, possivelmente diante da desconfiança do sujeito do outro lado da linha, ele me passou o telefone para que eu provasse que ele não era um mentiroso. Eu atendi, me apresentei e o sujeito do outro lado, ao reconhecer meu sotaque típico, logo exclamou "e num é que o véio tava falando a verdade"...





Depois de me usar como álibi o senhor retomou a conversa - o homem estava ligando para perguntar se ele não tinha um remédio - e depois que respondeu desligou e retomamos nossa conversa...

Curioso com alguns relatos que havia escutado a respeito das lendas e contos a respeito da comunidade dos Ferreiras, perguntei a ele sobre as histórias de lobisomens na região, ele riu e disse que essas coisas não existem mais, que desapareceram com o tempo – e sobretudo com a morte dos mais velhos que viravam bicho – “isso sem falar que hoje em dia ninguém tem mais aquele tanto de filho pra ter um tanto de moça encarreirada como tinha antigamente, por isso cê nem vê mais Custódias e Augustas desfilando po aí, tá nascendo mais lobisomem hoje não” ao que riu sozinho me fitando como se esperando alguma reação de minha parte, mas apenas ri acompanhando suas gargalhadas.

Depois disso contei a ele sobre a ocasião em que eu vim até a comunidade dos Ferreiras e andei até as tais pinturas rupestres, comentei sobre como eu fiquei deslumbrado com as tais pedras e com a riqueza desse sitio arqueológico, comentei que fiquei sabendo do mesmo através de Dona Rosarinha, que quando ainda era professora na escola de Boa Vista levava os alunos para discutir questões da cultura e do meio ambiente a partir de um passeio neste sítio arqueológico.

Diante de meu relato apaixonado o velho riu, gargalhou, me olhou com ar de deboche e então disse:

- Te enganaram menino, te fizeram de trouxa, e essa Rosarinha fez as crianças de trouxa também - riu novamente e prosseguiu - vocês foram enganados, aquela pedra é falsa!

Em choque diante daquela avalanche de informações despejadas pelo senhor minha reação imediata foi exclamar incrédulo "falsas? Como assim falsas?!!!"

Ao que fui prontamente respondido "aquelas pedras não estavam pintadas quando eu era novo, uma pessoa que fez aquilo, não foi índio nem coisa antiga, foi gente querendo fazer os outros de trouxa. E Rosarinha é pior que ainda ensinou errado prum monte de criança..."

Eu não conseguia acreditar nas palavras daquele homem, pois simplesmente como alguém que viu as pedras eu me recusava a acreditar que eram falsas, e pior, eu me recusava a aceitar que aquele velho dissesse que Dona Rosarinha era uma farsante que ensinou errado essas crianças. Aquilo era demais para mim...

Eu fiquei incomodado, mas ele bateu o pé afirmando que a pedra é falsa, disse que até tinha uma desconfiança de quem poderia ter criado tais desenhos, mas se recusou a me revelar o nome do indivíduo, e logo depois mudou de assunto dizendo que seu abacateiro não estava dando abacates.

Assim, sem mais nem menos, a conversa fluiu e o assunto das pinturas foi ficando para trás, sendo esquecido (e talvez eu tivesse alguma intenção em esquecer disso). O homem continuou com a prosa, nos contou histórias do passado. Em determinado momento, diante do rumo do papo aproveitei para perguntar sobre uma nova lenda que tinha escutado a pouco tempo nas minhas andanças pela região, sobre casos de ataques de caiporas ou outras criaturas da mata à caçadores, o velho riu, disse que caipora não faz nada se você oferecer um fumo para ela quando for entrar na mata, mas disse que nunca viu nada disso não e novamente mudou o rumo da conversa, desviando o assunto...

Seguimos para o quintal onde ele nos mostrou uma caixa de abelha, o antigo engenho, um curral onde um cachorro bravo estava preso e latindo sem parar. Demos a volta na casa para ver os tais abacateiros. Estavam bonitos, mas segundo o senhor não estavam dando abacates e ele não sabia o motivo. Depois contou um pouco sobre o sistema de captação de água e então Pezão começou a se sentir meio mal e resolvemos adiantar nosso retorno para Boa Vista, deixando a ida para Tenente para uma outra ocasião.

Nos despedimos do casal e retornamos de moto fazendo o caminho de volta. No caminho, Pezão debochou da minha cara de desiludido com alguns trechos desta conversa e disse, "fica assim não moço, esse véio é um mentiroso, ocê perguntou pra ele se ele caçava e

ele mentiu dizendo que não, mas aquele lá é um dos maiores caçadores da região. E ele não falou por mal aquilo sobre Rosarinha, ele só falou daquele jeito pra me provocar porque ela é minha sogra"... E essa fala de Pezão colocou uma pulga atrás da minha orelha – quer dizer, se o homem mentiu sobre isso, será que teria mentido sobre outros pontos de sua narrativa?...

Alguns dias se passaram quando fui surpreendido com a notícia da morte do amigo e agricultor Gentil, um dos principais agricultores e apicultores da comunidade de Cachoeira do Norte, um dos poucos que mantinha seu ofício de camponês mesmo após muitos terem desistido de enfrentar as secas e a imprevisibilidade do clima que se anunciava sobre a região. Foi uma notícia que me abateu e me trouxe à tona sentimentos que eu não estava preparado para lidar. E assim eu fugir para a comunidade de Santa Rita, fugi, pois, como alguém que tem uma certa dificuldade em lidar com esse tipo de notícia, fugi, como um covarde, da dor de encarar a família do falecido e do medo de me envolver com isso a ponto de me desequilibrar. Mas o destino é implacável, e assim como o canto do Acauã nos troncos secos nos revelam maus presságios, a tristeza e a morte me perseguiram mesmo diante de minha fuga...



Nos dias que se seguiram tentei me distrair em Santa Rita, alternando visitas ao Mestre Chato, Dona Neném e outros grandes sábios desta comunidade. Em determinado momento decidi visitar Fátima, uma senhora do sul do país que veio morar na região e com quem estabeleci uma forte amizade, bem como seu vizinho, um famoso raizeiro da Vila São José - um vilarejo pertencente ao distrito de Santa Rita que se localiza logo do outro lado da ponte – estávamos na casa deste raizeiro conversando sobre plantas medicinais, garrafadas e medicina popular quando recebi uma triste notícia...

No meio da conversa chegou a notícia da morte de Tone da Cachoeira. Tone era como se fosse um tio para mim aqui na região, um homem alegre (apesar de enfrentar uma forte

depressão) com quem sempre me identifiquei muito e com quem passava horas conversando. Minha amizade com Tone acabou fazendo com que eu me tornasse uma espécie de “terapeuta”, pois ele se sentia muito à vontade para se abrir e me contar sobre seus problemas e preocupações, até porque eu era alguém de fora, capaz de ouvir sem julgar. Demorei alguns momentos para processar a notícia, e quando a ficha caiu, as lágrimas não puderam ser contidas. Do nada eu surtei, pedi desculpas ao raizeiro, me despedi de minha amiga Fátima e corri desembestado para atravessar a ponte (eu pretendia seguir a pé se fosse preciso para Cachoeira – pois além de tudo, só conseguia pensar na família, e em especial em Dona Nida, que era a sobrinha querida de Tone e que a essa altura deveria estar arrasada. E é aquilo, só de pensar no sofrimento de minha mãe adotiva já senti meu coração querendo pular pela boca. Por sorte um carro me parou no caminho e me deram carona até a comunidade. Ao chegar na casa de Dona Nida ela me viu e deu um grito desesperado, nos abraçamos e ficamos chorando por alguns minutos, tentando processar a dor.... Foi tudo muito difícil, Tone faleceu em um acidente de carro enquanto voltava de Minas Novas, o veículo caiu em uma ribanceira e ainda ficamos algum tempo na aflição esperando a chegada do corpo. Foi tudo muito dolorido, e com isso acabaram cancelando a festa de Santa Cruz – tirando as atividades religiosas, as bandas foram dispensadas, pois era muita dor em pouco tempo para a comunidade suportar...

Deste modo, na etapa final de minha permanência neste pré-campo, após o velório de Tone seguiu-se a festa de Santa Cruz de Cachoeira do Norte, com o mastro realizado no dia nove de março e o leilão no dia seguinte. Por fim, dia onze só tive tempo de dar um passeio na roça, acompanhar mais um pouco da festa de Santa Cruz, incluindo o Leilão de Gado e o Cortejo, e, ao cair da noite fui embora retornando para o Rio de Janeiro e me preparando para os próximos passos...

### 6.3. Memórias Posteriores – refletindo sobre o reencontro

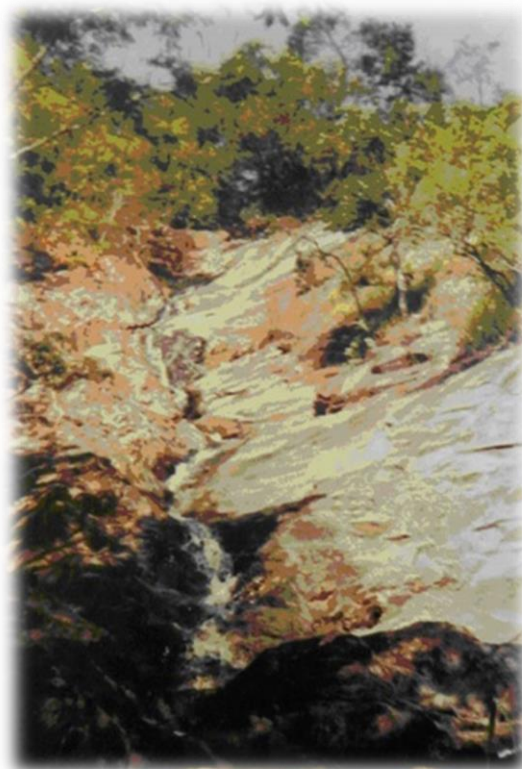
Após o contato com o campo, e a partir de reflexões que já trago de minha caminhada com as comunidades, chego a algumas pistas que se revelam como pontos interessantes de investigação, e que poderiam me aproximar de uma compreensão das relações comunidades-ambiente no contexto do Jequitinhonha. Neste capítulo falarei de algumas pistas apreendidas ao longo desta trajetória.

Primeiro, retomo aqui uma das principais conclusões de minha dissertação (CAMARGO, 2017) concordando com outros autores (GALIZONI, 2005, GALIZONI et al, 2010, RIBEIRO; GALIZONI, 2003, 2010), que entendem a centralidade da água e do clima para a construção das identidades e saberes, e consequentemente sendo relevantes para a compreensão dos modos de vida das comunidades locais – este fato é inclusive apontado por Seabra (2010), que discute as toponímias<sup>35</sup> do Vale do Jequitinhonha, e destaca que muitas vezes elementos da paisagem ou características ambientais da região servem de base para a nomeação dos sítios, assim como é o caso da comunidade de Cachoeira do Norte, que recebeu o nome de uma queda d'água que atualmente apenas é avistada durante os períodos de fortes chuvas, mas que antigamente costumava ficar ativa durante a boa parte do ano - ao lado imagem histórica da cachoeira da comunidade de Cachoeira do Norte (Figura 2), retirada de documento produzido por funcionários da Escola Estadual Olívia Lemos de Oliveira e publicado em Camargo (2017). Assim, recupero a linha do tempo dos eventos climáticos extremos do passado (construída a partir de uma abordagem participativa em minha pesquisa de mestrado) para refletir sobre a história ambiental da região, podendo, agora, investigar os detalhes sobre tais momentos mapeados na linha do tempo.

---

<sup>35</sup> Termo que se refere à ciência que estuda os nomes dos lugares.

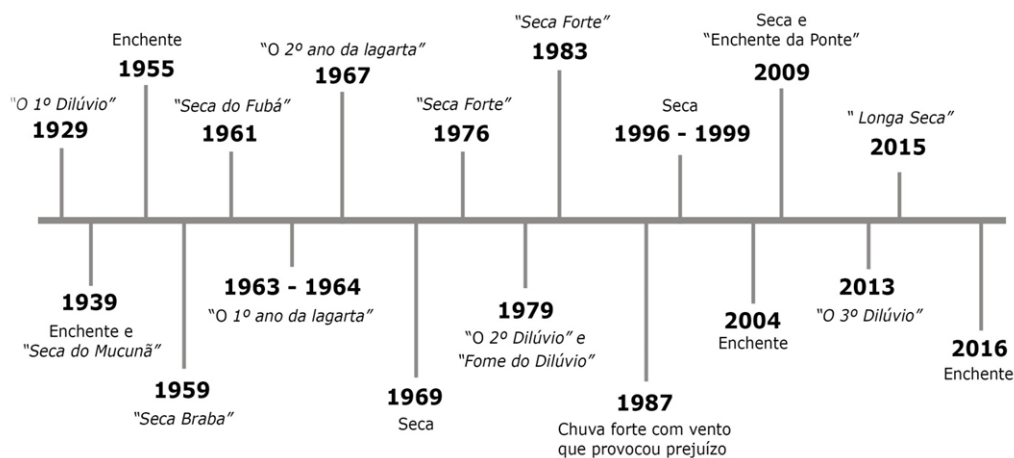
**Figura 2 - Imagem histórica da cachoeira da comunidade de Cachoeira do Norte**



Fonte: Autor desconhecido. Imagem retirada de apostila da pesquisa realizada pela comunidade escolar da Escola Estadual Olívia Lemos de Oliveira.

A linha do tempo (Figura 3) elaborada por Camargo (2017) expõe que no histórico climático dos últimos 100 anos, as comunidades de Chapada do Norte vivenciaram diferentes eventos climáticos extremos, incluindo secas e enchentes – com destaque para as grandes chuvas que as comunidades chamam de “Dilúvios” em referência a grande tempestade bíblica. De 1929 a 2016 ocorreram cerca de uma dúzia de eventos climáticos considerados extremos – que deixaram marcas nas memórias dos moradores locais, incluindo ao menos nove (9) episódios de secas fortes e seis (6) enchentes. Além disso, de 2013 para cá também foram registrados novos episódios de secas e inundações na região.

**Figura 3 - Linha do tempo das Memórias sobre a História Climática de Chapada do Norte**



Fonte: CAMARGO, 2017, p. 208.

Sobre tais eventos climáticos extremos que marcaram a memória das populações do Vale do Jequitinhonha, assim como verificado com as comunidades de Chapada do Norte (CAMARGO, 2017), Souza (2010a) recorda que a população local costuma atribuir aos anos terminados em 9 a sina do desastre, sendo encarado com apreensão pelas comunidades, que enxergam tais datas como “anos de catástrofes”, neste sentido, o autor lembra que isso está “presente na memória de idosos que relembram os dramáticos acontecimentos de 1919, 1928-1929, 1939 e 1979 e, mais recentemente, 1978-79, 1998 e 2008” (SOUZA, 2010a, p. 38). Para além disso, Souza (2010a) ainda ressalta que:

Dentre os anos que marcaram o século XX com suas catástrofes, podem-se destacar 1919, 1928 e 1979, com chuvas torrenciais e enchentes desastrosas. Mais recentemente, 1978, 1998 e 2008 foram anos de secas prolongadas, o que provocou indescritível flagelo nos campos e nas cidades. Mas se há um ano fatídico na memória local este é, certamente, o ano de 1939. O flagelo da seca espalhou a fome por toda a região e retirantes vagavam de um lugar para outro à procura de trabalho e comida. O drama do pesadelo vivido tem contribuído para intensificar sua lembrança na memória das pessoas que o viveram. Foi notável a preocupação generalizada que essa memória suscitou recentemente desencadeando pavor a expectativa do “ano terminado em três nozes”, 1999, por muitos, esperado como possibilidade de confirmação de uma tragédia anunciada. Mesmo não tendo sido confirmada, não deixa de despertar interesse a forma como a lembrança de tragédias anteriores sempre aparece como um alerta aos que poderiam ser pegos de surpresa. (p. 38)

Jardim (1998), por sua vez, nos remete de maneira mais específica aos eventos climáticos que atingiram a cidade de Araçuaí (uma das metrópoles do Jequitinhonha que se encontra mais próxima do município de Chapada), incluindo o “grande dilúvio de 1919, lembrando que:

Todos os anos, o córrego Calhauzinho, cheio e represado pelo Rio Araçuaí, entrava na parte baixa da cidade. Essas pequenas e periódicas inundações eram sempre calculadas. Mas no ano de 1919, a desastrosa inundação chegou impetuosa e a imprevisível altura, alagando toda a cidade. Foi uma catástrofe! As casas construídas de adobe se desmancharam. As de pau-a-pique, de algumas sobraram os esqueletos. A catedral ruiu, restando, apenas, o coro, a torrezinha e a nave do meio escorada por colunas. Paramentos e alfaias (o que não foi carregado) se estragaram [...] Felizmente não houve vítimas. Todos se salvaram, porém mais pobres, muitos sem nada a não ser a vida preservada. Nem mantimentos e qualquer espécie, e mesmo os abastados se serviam das folhas do mato. Não havia estradas, a via fluvial estava sem condições de tráfego. As pontes, precárias, ruíram, e nem a cavalo se podia transpor as vias de terra alagadas (p. 112-113)

Posteriormente consegui encomendar pela internet o livro citado por Mestre Louro, de Minas Novas. Trata-se de um compilado de algumas das principais reportagens do icônico Jornal Geraes - um jornal regional do Jequitinhonha da época da ditadura militar, que além de criticar o regime, retratava a complexa realidade local e tentava conscientizar a população quanto a atuação dos políticos locais (SILBY; ABNER; MARTINS, 2011).

Além disso, sobre tais tragédias ocorridas na região me recordei de um relato de Dona Alzira, moradora da comunidade de Santa Rita do Araçuaí, que em uma das enchentes teve a casa tragada por um deslizamento de terra, que acabou tirando a vida de parentes, incluindo filhos. Na imagem a seguir, de um dos desenhos dos meus cadernos de campo, produzi uma ilustração desta senhora, apoiada no peitoral de sua janela enquanto admirava o rio Araçuaí.

Também em Santa Rita, recordei relatos de moradores locais sobre o episódio fatídico em que a antiga igreja da comunidade teria sido levada por uma forte chuva, que ficou conhecida como o dilúvio de 29. A partir desta ocasião reforçou-se nos moradores locais a ideia de “anos de 9 como anos de mal agouro” e após tal situação construíram uma nova igreja em homenagem à Santa Rita no centro do distrito. A antiga igreja que teria sido levada ficava na altura da atual ponte que faz a travessia rumo à sede de Chapada do Norte.

Outra questão interessante de se reparar, foi a comparação entre imagens produzidas a partir de diferentes períodos do ano, revelando a diferença que a paisagem do cerrado apresenta



do período chuvoso para o período seco, de forma que com as primeiras águas já despontam flores e folhas que recolorem o cenário do sertão mineiro.

**Figura 4 - Imagens de uma mesma paisagem produzidas em diferentes momentos. A primeira representando uma fotografia do tempo da seca; a do meio uma fotografia do tempo chuvoso; e a terceira uma ilustração com destaque para o florescimento das aroeiras**



Fonte: O autor.

Recuperando minhas memórias sobre a visita ao ancião da comunidade dos Ferreiras resolvi buscar em meus arquivos os registros produzidos durante os anos anteriores<sup>36</sup>, incluindo os materiais que poderiam reviver minhas recordações sobre a experiência de ir visitar as pinturas rupestres localizadas na comunidade dos Ferreira - pertencente ao Distrito de São Sebastião da Boa Vista. A comunidade dos Ferreira fica a cerca de meia hora de carro do centro de Boa Vista e consiste em um pequeno vilarejo, com uma escola, igrejas, e uma pequena vendinha que também servia como bar. Na ocasião fui especificamente para visitar tais pinturas a partir das indicações de Dona Rosarinha.

Chegando na comunidade o vereador local já havia inclusive providenciado um guia para me conduzir até o sítio das pinturas. Um senhor com aparência de uns cinquenta e poucos anos, mas com ótimo preparo físico - de quem tá acostumado com a vida na roça. O senhor me levou por uma longa caminhada de umas 2 ou 3 horas no meio do mato, subindo e descendo morros, atravessando córregos, cruzando caminhos. Em determinado ponto da trilha uma grande erosão no solo formou um valão de grandes extensões com cerca de dois metros de profundidade, impedindo a passagem de veículos, e cujo traslado deveria ser realizado

<sup>36</sup> A partir da data de produção dos arquivos fotográficos e registros audiovisuais produzidos nesta ocasião pude recuperar o fato de que tal situação ocorreu no dia 15 de Janeiro de 2016.

equilibrando-se em uma pinguela improvisada feita com dois troncos. Uma aventura digna de quem quer se embrenhar no cerrado em busca de um sítio arqueológico.

A medida em que avançávamos íamos percebendo que as nuvens iam escurecendo, o que indicava que em breve a chuva chegaria, logo apressamos o passo para chegar ao objetivo antes da tempestade.

Quando nos aproximamos do local fui ficando emocionado ao constatar a grandiosidade do sítio arqueológico (Figura 5) ao qual Dona Rosarinha se referia. No meio solo do cerrado se erguia uma lapa formando que com a inclinação formou um abrigo perfeito para a chuva, e posso afirmar isso com certeza porque assim que chegamos no local a chuva caiu com tudo e com isso aproveitamos para admirar as imagens pintadas na rocha.

Barbosa (2011) relembra:

Sabe-se que o Homo Sapiens deixou gravado, nas cavernas, a sua memória, ao longo de milênios, através de suas criações. As gravuras e pinturas rupestres revelam formas antropomórficas e zoomórficas concebidas como representações simbólicas destinadas a marcar a passagem do humano na esfera da vida, deixando registrada as suas pegadas na memória coletiva (p. 41)

**Figura 5 - Fotografias das Pinturas Rupestres da comunidade dos Ferreiras, Distrito de São Sebastião da Boa Vista, Município de Chapada do Norte (MG)**



Fonte: acervo do autor.

Uma Psicossociologia ambiental comunitária pensada numa abordagem centrada nas narrativas nos permite refletir sobre a produção de narrativas de maneira um pouco diferente. Em primeiro lugar, consideramos as narrativas tradicionais ou testemunhos orais, que os

sujeitos produzem a partir de suas subjetividades, trajetórias e experiências pessoais e expressam a partir de suas falas, gestos e expressões – e incluem, neste caso, a versão de Dona Rosarinha, do velho da comunidade dos Ferreiras, e de outras personas que entraram em contato com tais elementos envolvidos na situação em questão (incluindo os antigos alunos de Dona Rosarinha); depois, vieram as minhas próprias narrativas enquanto pesquisador-participante que busca sentipensar esta realidade – de certa forma uma narrativa que parte de um olhar acadêmico, com seus vícios, influências teóricas, inquietações e formatações prévias – sendo um “olhar de fora”; há ainda as narrativas imagéticas registradas em documentos e elementos da realidade local, incluindo as imagens representadas nos petroglifos da comunidade dos Ferreira, que também contam uma história, e que expressam elementos específicos de uma memória arqueológica que foi gravada na rocha; e, por fim, há ainda uma narrativa do território que se expressa, em parte, através de uma análise das paisagens culturais e da história ambiental deste território - e assim percebemos que a natureza também fala, se expressando a partir de diferentes sinais e indícios, que podem ser lidos por um sentipensar atento aos contextos psicossocioambientais específicos.

Para compreender essa possibilidade de leitura da narrativa do território optei por empreender uma aproximação com a geografia, recorrendo a noção de paisagem delineada por Sauer (1998), que determina uma divisão inicial entre o que seria uma paisagem natural e o que o autor vai chamar de paisagem cultural. A primeira, seria aquela que não sofreu nenhum tipo de influência do ser humano, ou seja, são lugares isolados e inóspitos, e, principalmente, cada vez mais raros; por outro lado, a paisagem cultural, que representa qualquer paisagem que entramos em contato, considera que os seres humanos, em sua relação com a natureza, alteram as paisagens, convertendo natureza em cultura e, conseqüentemente, transformando paisagens naturais em paisagens culturais.

Além disso, pensando especificamente esta narrativa da paisagem, outra reflexão possível que emergiu deste contexto foi o fato de eu ter tido tanta dificuldade para alcançar o local das pinturas, contrastando com a fala de Dona Rosarinha, que afirmou que levava crianças para esta região para dar aulas sobre as relações entre tais pinturas e o ambiente de entorno. Daí eu percebi uma impossibilidade: não era possível que Rosarinha tivesse levado crianças passando por aquele mesmo percurso que eu fiz, até porque seria algo perigoso e arriscado que colocaria ela e essas crianças em risco. Foi aí que perguntei a ela sobre estas dificuldades que enfrentei neste trajeto e logo descobri que na época em que ela levava as crianças o cenário era

bem distinto do atual – tais erosões não existiam e com isso era possível chegar com o ônibus escolar bem próximo do local das pinturas, algo totalmente inviável nos dias de hoje. Assim, a partir do cruzamento de minha narrativa com a fala de Rosarinha e as imagens da paisagem, pudemos assumir que o ambiente se alterou de tal modo que acabou por isolar ainda mais as pinturas rupestres. E assim fui entendendo que nesse pedaço do Brasil profundo as narrativas nos conduzem a descobertas – e um olhar e um ouvido atentos podem nos ajudar a desvendar mistérios do passado e da memória deste território cheio de segredos.

Janaína Amado (1995), em um texto clássico chamado “O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral”, reflete sobre um depoimento aparentemente fantasioso, mas que após uma análise atenta acabou se revelando como extremamente rico e significativo. Neste texto, a autora (AMADO, 1995) chega à conclusão de as aparentes mentiras e fantasias contidas no depoimento de seu informante, no fim, tratavam-se de codificações de Don Quixote de Servantes misturada aos fatos históricos da “Revolta do Formoso”, com uma pitada de floreios do “mentiroso” em questão. Assim, a Amado (1995) teria descoberto, a partir de uma suposta “mentira” as pistas para entender a influência da obra de Servantes no interior de Goiás. Do mesmo modo que observado por Janaína, uma aparente mentira proferida pelo velho da comunidade dos Ferreiras surgiu como uma inquietação (e mesmo um incômodo) que me dificultou enxergar meu próprio objeto. As narrativas de memórias, que me conduzem a compreensão deste lugar misterioso que é o sertão de Minas Gerais me levaram a concordar com Amado (1995) quando esta resume que “toda narrativa apresenta uma versão, um ponto de vista, sobre algo” (p.1995, p. 133) e prossegue delimitando que:

Toda narrativa articula alguns elementos, como: quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra... As formas – quase infinitas – de articulação entre esses elementos resultam do uso de códigos culturais (linguagem, estilo, gênero literário etc) à disposição dos autores, em determinada época e, também, da contribuição individual oferecida por cada autor, ao escolher os códigos que utilizará em sua narrativa, e os modos como o fará. O uso desse espaço individual de criação varia, de autor para autor [...] Toda narrativa, no entanto, possui uma dose, maior ou menor, de criação, invenção, fabulação, isto é: uma dose de ficção. (p. 133-134)

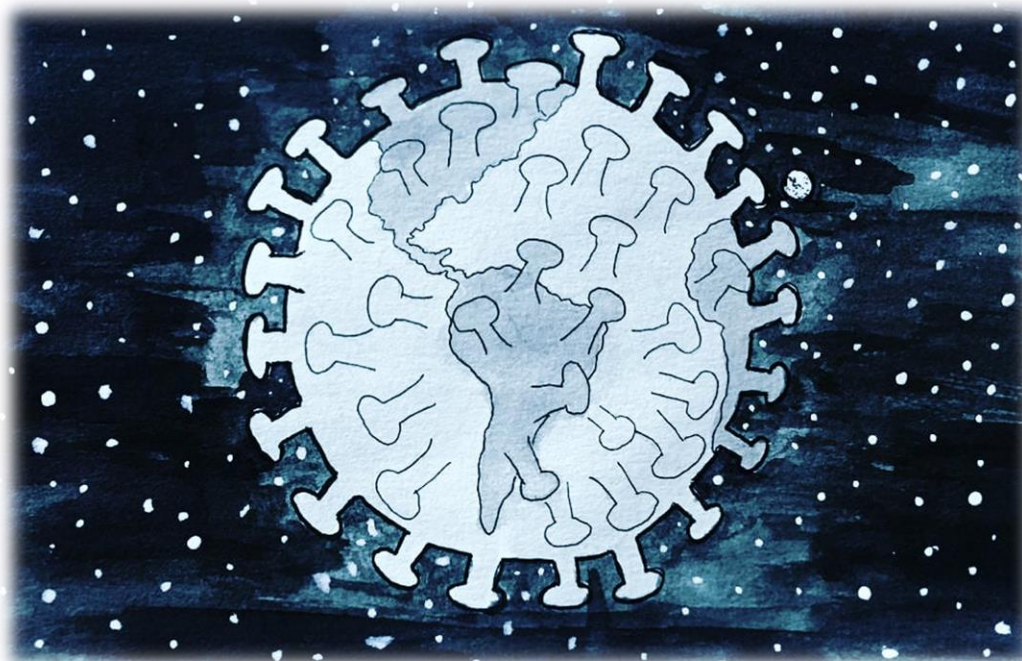
Assim, trazendo as reflexões de Amado (1995) para compreender a situação evidenciada com as Pinturas Rupestres da comunidade dos Ferreiras, passei a assumir algumas possibilidades que até então estavam passando despercebidas: 1) quem narra – os diferentes narradores apresentam diferentes pontos de vista sobre o mesmo elemento, mas pontuam fatores

e características bem diferentes; 2) o que narra – o mesmo fato é narrado de diferentes modos, enquanto um enquadra o fato como um objeto de ensino e aprendizado, outro apresenta-o como uma mentira, uma farsa, e outro como um patrimônio arqueológico a ser estudado e compreendido; 3) por que narra – o fato do velho ter “mentido” pode ter por trás uma série de elementos subjetivos e psicossociais que o levaram a escolher por este caminho, assim como a fala de dona Rosarinha, interessada em contribuir com minhas pesquisas se revelou por uma trilha completamente diferente; 4) como narra – o estilo, a forma, os mistérios, silêncios e os rodeios, ou um estilo mais direto e pessoal, mais prático – são todos elementos a serem considerados e refletidos; 5) para quem narra – o fato de eu ter sido apresentado ao velho como “Daniel o menino do meio ambiente” o levou a me enxergar como um possível fiscal ecológico, que poderia implicar com suas práticas (ex: caça), enquanto por outro lado, Rosarinha, por me enxergar como um pesquisador interessado em colaborar com sua comunidade já me apresentou uma narrativa bem distinta; etc.

Assim, construir processos coletivos de reflexão e produção de conhecimentos sobre o clima, a história ambiental e a realidade psicossocioambiental das comunidades investigadas a partir de suas narrativas trata-se de uma possibilidade de considerar diferentes perspectivas, histórias e pontos de vista sobre determinados fatos ou fenômenos da realidade local. Com isso, destaco que este pré campo me apresentou pistas que me revelaram questões de caráter psicossocioambiental, que eu acredito que podem me ajudar a compreender a realidade local e a história ambiental destas Comunidades. E é justamente com base nessas pistas que pretendemos desenvolver encontros individuais (entrevistas do tipo histórias de vida - conectando as experiências pessoais dos sujeitos à história ambiental das comunidades) e coletivos, com rodas de conversas destinadas a discutir coletivamente e observar as negociações produzidas em torno dos consensos e conflitos de narrativas sobre a dimensão psicossocioambiental da realidade local...

## 7. IMPREVISTOS E MUDANÇAS DE RUMO

**Figura 6 - Ilustração "Pandemundo"**



Fonte: O autor.

Com o projeto de pesquisa preparado (e aprovado pelo comitê de ética) desenhou-se uma proposta de produção coletiva de conhecimentos que prevê encontros (individuais e em grupos) com moradores das comunidades para a estimular reflexões e debates sobre a realidade local. E neste momento fomos surpreendidos com uma crise global, que inclusive apresenta implicações para os procedimentos éticos deste estudo.

A pandemia de corona vírus que se abateu sobre o planeta representou também um impedimento para a realização deste estudo como se pretendia originalmente, até porque, seguindo as recomendações da OMS devemos evitar promover reuniões e aglomerações. Com isto, restam algumas opções, que vão desde as mudanças dos rumos da pesquisa; a espera por uma resolução da crise e o fim da quarentena; ou a produção de alternativas (como tentativa de realizar reuniões virtuais, ou por cartas etc).

Entre os principais participantes da pesquisa estão idosos, que representam um dos grupos de risco do COVID-19, de modo que os encontros com essas pessoas precisam ser

repensados, sendo cancelados ou adiados diante da possibilidade de disseminação desta epidemia. Com isso surgem novas inquietações, que nos impõe o desafio de refletir sobre nossas práticas enquanto investigadores comprometidos com a realidade social, e preocupados com as comunidades com as quais trabalhamos. Assim, diante da epidemia do corona vírus, além de não poder realizar as entrevistas e organizar os encontros coletivos, tampouco poderei me deslocar livremente entre as comunidades devido as recomendações de quarentena.

Em virtude da Festa de Santa Cruz da comunidade de Cachoeira do Norte, vim para Chapada com o objetivo de passar cerca de 3 dias – aproveitando uma carona de membros da comunidade de Cachoeira que atualmente residem em Belo Horizonte – porém, diante da irrupção da epidemia e com o decreto de quarentena acabei preso na comunidade sem prazo de retorno para o Rio de Janeiro, e cheio de preocupações sobre como proceder diante desta situação dramática. Assim, embora autorizado pelo comitê de ética a iniciar a busca pelas memórias e narrativas comunitárias, a responsabilidade nos obrigou a pausar e refletir.

Enfim, fato é que em uma crise desta proporção as pesquisas acadêmicas também são diretamente afetadas – sobretudo aquelas que envolvem o contato com seres humanos -, precisando se adaptar e repensar seus caminhos e intenções. Com isto optamos por suspender o cronograma original, adotando algumas alterações de percurso de modo a adequar o projeto a realidade que nos foi imposta.

Neste sentido, cabe pontuar que assim como outras crises enfrentadas e narradas pelas comunidades, a pandemia de covid-19 também de acordo com a COBRADE pode ser considerada uma situação de desastre dentro do grupo dos desastres de origem biológica, do subgrupo das epidemias e do tipo das doenças infecciosas virais, correspondendo a um “Aumento brusco, significativo e transitório da ocorrência de doenças infecciosas geradas por vírus.” (DEFESA CIVIL, 2012, s.n), exigindo, assim como em outras situações de desastres uma resposta adequada.

Atualmente a pandemia já fez mais de 600.000 vítimas no Brasil e o vírus já chegou a contaminar moradores do município e inclusive fez vítimas na região de entorno, incluindo a cidade de Minas Novas – que faz fronteira com Chapada do Norte. Além disso, a subnotificação e o fato de muitos casos se apresentarem assintomáticos reforça as preocupações de cientistas quanto a disseminação do vírus, e com isso reafirmamos nossa cautela quanto a implementação do projeto conforme delineado anteriormente – optando por adaptações e pelo adiamento das ações conforme planejadas.

### 7.1. Entre o Idealizado e o Possível: Revendo a proposta Teórico-Metodológica diante de um contexto de incertezas

Figura 7- Fotografia de máscaras secando retirada em um sítio na zona rural de José Gonçalves de Minas, na região conhecida como Vargem do Pombo



Fonte: o autor.

Apesar de o vírus aparentemente não ter chegado na região, logo os cuidados básicos passaram a ser adotados pelos profissionais das secretarias de saúde dos diferentes municípios do Vale. O medo de todos no primeiro momento era o risco de o vírus chegar ao Vale justamente durante o período das festividades, quando um grande número de pessoas visita a região rumo a tais celebrações.

Além disso, permanecer em Chapada neste período me propiciou uma série de vantagens e alegrias: desde o fato de estar entre pessoas que tanto amo e admiro; a tranquilidade da vida pacata do interior; a possibilidade de estar próximo da natureza, vivenciando a realidade do cerrado e mergulhando na cultura do Brasil profundo; etc.

Porém, a medida em que os dias iam passando foi ficando cada vez mais evidente que minha permanência se estenderia por prazos indeterminados. E assim o tempo foi passando, os dias se tornaram semanas, as semanas se tornaram meses... E nesse contexto, respeitando a quarentena, fiquei hospedado na casa de Dona Nida, na comunidade de Cacheira do Norte, mantendo as recomendações dos profissionais do serviço de saúde a respeito das necessidades de isolamento social.



Foi um período de alegrias e frustrações simultâneas, alegria por estar nesse lugar que tanto amo, frustração por apesar de estar presente aqui não poder realizar a pesquisa conforme planejado, sobretudo levando-se em conta as características da proposta metodológica original deste estudo - baseada na perspectiva de Pesquisa Participante, ou seja, envolveria uma série de encontros com o povo, encontros esses que acabaram impedidos pelo vírus. Assim, diante da sensação de mãos atadas acabamos adaptando as condições e necessidades deste novo contexto.

É preciso ressaltar ainda que a relação que eu já possuía com as senhoras que participaram deste momento inicial da pesquisa era de grande intimidade, sendo grandes amigas e praticamente como se fossem minhas mães e avós adotivas. Portanto, essa intimidade construída ao longo de quase uma década de convivência acabou se manifestando ao longo das conversas, facilitando a expressão de determinados temas, bem como muitas vezes promovendo um clima de descontração e divertimento.

Sobre a chegada do vírus no Vale do Jequitinhonha, inicialmente a preocupação era que o mesmo se disseminasse durante as festas, visto que é o momento em que as comunidades ficam cheias de gente que vem de fora, muitos vindos de grandes cidades. Mas ainda assim, as preocupações iniciais eram como quem vê um acidente em uma terra muito distante, não conseguindo imaginar os impactos dessa tragédia se estendendo a ponto de alcançar uma região tão isolada.

Mas claro, que como uma pandemia, essa esperança não durou muito tempo. Logo começaram a surgir os primeiros casos na região, sempre bem dispersos, e resultando em uma situação relativamente controlada, até mesmo pela rápida ação dos profissionais de saúde – que logo isolavam os contaminados evitando assim a disseminação descontrolada do vírus. Além disso, destacam-se os esforços de jovens médicos e funcionários da saúde que realizaram *lives* na internet para informar a população acerca dos perigos da covid-19, bem como alertar a respeito das medidas necessárias para evitar a propagação do vírus.

Ainda assim, as comunidades continuaram suas rotinas como se nada de relevante tivesse acontecendo, e seguiram seus dias como de costume, aglomerando nas praças, dando pouca atenção a necessidade de usar máscaras e fazendo pouco caso da pandemia. Tudo começou a mudar quando os primeiros casos de suspeita surgiram nas comunidades. Posso falar especificamente em respeito ao Distrito de Cachoeira do Norte, que diante da notícia de um caso na comunidade logo o pânico se instaurou gerando grande comoção e preocupação por parte dos moradores.

Portanto, diante destes reveses, apesar da proposta teórico-metodológica prever a realização de encontros presenciais em uma abordagem delineada a partir de uma concepção de pesquisa participante, participativa e colaborativa, a irrupção da pandemia de covid-19 em escalas globais exigiu uma série de adaptações nas possibilidades do fazer pesquisa diante deste contexto. Em um primeiro momento, diante de tantas incertezas acabamos paralisados sem saber como proceder em meio a tal realidade. Após algum tempo recebemos as primeiras recomendações no que tange a questões relativas a ética em pesquisa com seres humanos em tempos de pandemia. E a partir daí passamos e repensar os rumos do trabalho, de modo a caber nas recomendações éticas necessárias, bem como nas opções que se apresentaram no contato com o campo de investigação.

Neste sentido, Mallapaty (2020 apud LACERDA; RAMALHO, 2020) pontua que muitas pesquisas precisaram ser completamente reformuladas no que diz respeito a seus objetos, objetivos e métodos, levando certas opções metodológicas a serem inviabilizadas, ou ao menos interrompidas, diante de tal contexto. Lacerda e Ramalho (2020), em um material elaborado justamente no sentido de prover recomendações para a realização de pesquisas em situação de pandemia destacam que:

É indispensável salientar que, por mais que esses métodos possam ser adaptados levando em conta diferentes condições, há práticas de pesquisa que são totalmente inviabilizadas. Como exemplo, destacamos pesquisas direcionadas a populações vulneráveis como refugiados, povos indígenas, populações camponesas e alguns outros grupos que se tornaram praticamente inacessíveis se levarmos em conta seu escasso ou inexistente acesso à internet. (p. 12)

Entre as recomendações mais óbvias direcionadas aos pesquisadores neste momento se encontra a necessidade de manter o isolamento social, até mesmo como uma medida para evitar a proliferação do vírus. Isso teve um impacto fulminante sobre a proposta metodológica idealizada inicialmente, visto que colocar idosos aglomerados em centros sociais para discutir questões relativas a memória das comunidades tornou-se algo impensável nesse contexto, apesar de possíveis equipamentos de segurança (como máscaras, viseiras plásticas, álcool gel e ventilação adequada), ainda assim o risco de expor idosos ao vírus era real e precisava ser evitado de todas as formas possíveis. Assim, em um primeiro momento fiquei restrito a contatar apenas aqueles sujeitos com quem eu já estava convivendo, por serem membros das famílias que me adotaram na região, ou vizinhos próximos com quem tais famílias já estavam

convivendo, e apesar disso tive de evitar o deslocamento entre as comunidades e distritos, bem como entre o Rio de Janeiro e Chapada do Norte.

Apesar de o processo de vacinação ter se desenrolado de maneira relativamente rápida no município – algo garantido não apenas pelos esforços da Secretaria Municipal de Saúde, mas também pelo fato de o município abrigar um grande número de populações quilombolas, fatos que colocaram Chapada na lista preferencial para o recebimento das vacinas. Com isso, em pouco tempo boa parte dos munícipes estavam vacinados (ao menos com a primeira dose), mas ainda assim, o risco de eventuais infecções existia e precisava ser considerado.

Após alguns meses em estado catatônico, sem saber como agir diante da ameaça da covid-19, somada a urgência de cumprir com os prazos para a conclusão do doutorado, tivemos que improvisar e adaptar o percurso de acordo com as necessidades que nos foram impostas. Assim, optamos por fazer algumas alterações na proposta de modo a não descaracterizar completamente o projeto inicial, mas também desenvolver alternativas e desvios possíveis que ainda refletissem parte das intenções originais.

## 8. CONHECENDO OS NARRADORES

Neste capítulo são tecidas reflexões a partir de trechos das narrativas colhidas ao longo dos encontros com os participantes, focando em falas que refletem as temáticas de interesse da pesquisa. Tais narrativas foram registradas com a gravação de áudio, bem como anotações em cadernos de campo e em aparelho celular. Em um primeiro momento, diante da situação da pandemia de covid 19 tentamos realizar tais entrevistas de forma virtual, através da gravação de ligações telefônicas utilizando o aplicativo para Android Cube ACR, bem como através de mensagens de WhatsApp, porém, tal dinâmica não funcionou como o esperado; seja em função da falta de intimidade dos participantes com os recursos tecnológicos, seja pela frieza, artificialidade e falta de proximidade provocadas por essa mediação da tecnologia; seja por conta das dificuldades de sinal e problemas com a internet da região; fato é que essa tentativa se frustrou e exigiu um novo esforço no sentido de colher tais depoimentos presencialmente – diante disso as entrevistas acabaram sendo adiadas de modo a aguardar o tempo necessário para o controle da pandemia no município e, conseqüentemente garantir a segurança dos participantes e do pesquisador, assim como.

Todas as narrativas apresentadas neste capítulo se sucederam da seguinte forma: em um primeiro momento expliquei aos participantes os objetivos, procedimentos, intenções, riscos e benefícios da pesquisa; uma vez que o participante estava ciente e concordou em integrar o estudo foi assinado o TCLE; após a assinatura do TCLE procedi com a construção de uma ficha de cadastro do participante, com algumas perguntas básicas tal como nome, idade, data de nascimento, local de residência, ocupação, escolaridade etc; em sequência apresentei alguns temas de interesse na forma de tópicos que o participante poderia usar como inspiração sua narrativa – esses temas variaram de acordo com os participantes e foram apresentados principalmente levando-se em conta as indicações prévias das próprias comunidades, que apontaram tais participantes como sujeitos estratégicos para o estudo mencionando o fato de tais sujeitos terem vivenciado determinadas situações ou por possuírem certos conhecimentos; depois posicionei a câmera de modo a captar a fala do participante – com isso foquei no chão, na mesa ou mãos do participante, de modo que o microfone da câmera ficasse voltado para a boca da pessoa, e, além disso, essa estratégia se mostrou como um importante recurso para evitar constrangimentos dos participantes com o aparelho -, enquanto isso me preparei para realizar anotações em um caderno de campo; por fim, iniciamos a gravação e deixei os sujeitos

livres para tecerem suas narrativas; ao final, foram tiradas dúvidas, retomamos alguns pontos que ficaram em aberto e aprofundamos em algumas questões.

É preciso mencionar ainda que em determinadas ocasiões as entrevistas contaram com intervalos, por vezes intencionais, para uma pausa para um cafezinho, para beber água, ir ao banheiro etc; mas noutros casos a pausa foi inesperada, principalmente por conta das limitações da bateria da câmera, pela necessidade de alternar a gravação da câmera para o celular ou em função da chegada de alguma pessoa na cena, ou ainda algum outro motivo.

Posteriormente os arquivos contendo tais narrativas foram transferidos para o computador, sendo salvos em um HD externo, onde foram devidamente organizados em pastas referentes a cada um dos participantes, que incluíram, para além dos arquivos de áudio, as imagens registradas no momento da narrativa ou decorrentes das falas; e, por fim, tais arquivos de áudio foram transcritos com ajuda da ferramenta de transcrição automática do Google Docs, sendo corrigidos, editados e ajustados manualmente. Finalmente, uma vez realizados tais procedimentos foram selecionados os trechos de interesse da pesquisa para as análises que serão apresentados a seguir.

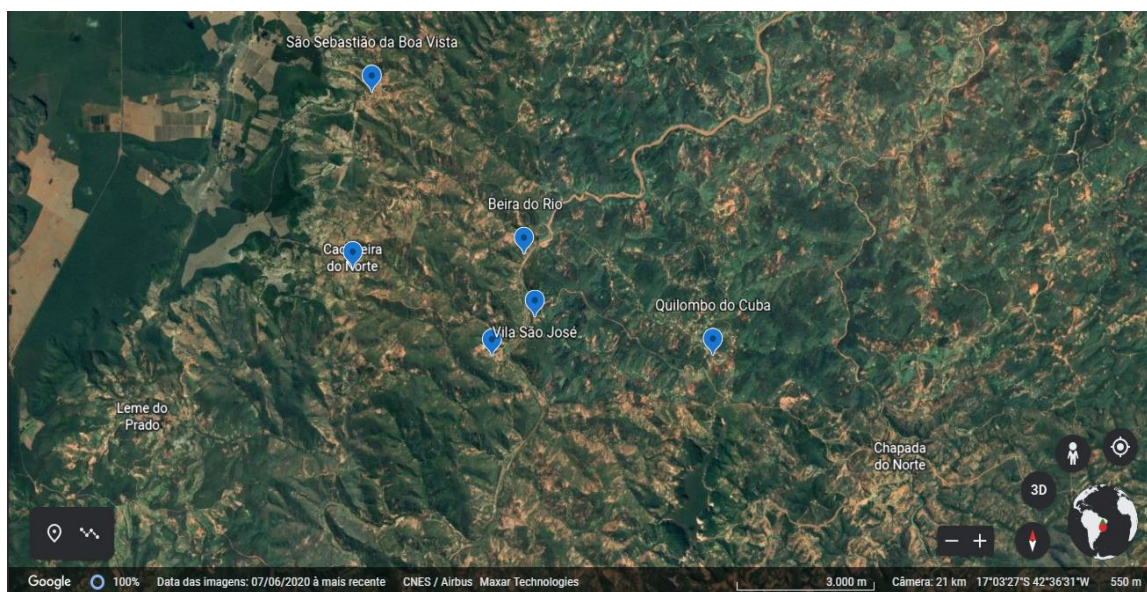
Quanto a tentativa de identificação dos mestres dos saberes locais em Chapada do Norte constatamos que tais saberes que constituem uma ciência popular chapadense se encontram difusos em meio a população, muitas vezes sendo especialmente associados indivíduos cujo interesse específico nestes elementos culturais se manifesta de forma mais explícita, como é o caso dos narradores engajados em grupos de cultura como a Folia de Reis ou a Irmandade do Rosário. Porém, apesar de muitas vezes as redes de indicações terem apontado determinados sujeitos como os mestres detentores dos saberes, na prática o que observou-se é que boa parte destes saberes estava presente no repertório comum destas comunidades, fazendo parte de uma identidade local, e traduzindo-se numa dimensão do sentido de comunidade que se expressa na relação destas pessoas com o território.

Neste sentido, entendemos que elementos da ciência popular local como as técnicas vernaculares de previsão do tempo (etnometeorologia); conhecimentos a respeito da fauna (etnobiologia), da flora (etnobotânica) e de relações ecológicas (etnoecologia) observadas nos ecossistemas locais; mas também uma compreensão a respeito dos desastres decorrentes deste contexto climático; entre outros pontos que nos levam a concluir que os saberes locais se

encontram disseminados em meio a população, sendo que os sujeitos detêm tais saberes em maior ou menor grau de acordo com uma série de fatores como interesse pessoal, herança familiar, contato e amizade com os mais velhos, participação em grupos de cultura etc.

No total foram selecionados 20 narradores, com idades variando de 38 a 85 anos (sendo 60,6 anos a média das idades dos entrevistados), destes 12 são mulheres e 8 homens, selecionados a partir das indicações das próprias comunidades e das redes de indicações que se formaram a partir daí, bem como pela conexão de determinados sujeitos a certos acontecimentos. Dos 20 narradores nove são moradores do Distrito de Santa Rita do Araçuai; sete de Cachoeira do Norte; e três de São Sebastião da Boa Vista. Quanto aos locais de realização das entrevistas (Figura 2), as mesmas foram realizadas nos centros das comunidades de São Sebastião da Boa Vista, Cachoeira do Norte e Santa Rita do Araçuai, além das comunidades de Beira do Rio, Vila São José e Quilombo do Córrego do Cuba (sendo estas três últimas pertencentes ao distrito de Santa Rita).

**Figura 8 – Imagem de satélite obtida através do GoogleEarth sinalizando (em azul) os locais onde foram realizadas as entrevistas.**



Fonte: GoogleEarth.

## Dona Neném



*Cuidadosamente desceu a rampa rumo a cozinha, apoiando-se de um lado na bengala e de outro no beiral...*

*A cozinha, coração da casa, é um amplo cômodo que conecta a entrada da residência, o quintal e a parte social. Com ajuda de uma barra adaptada na parede para facilitar sua locomoção segue até a porta onde se acomoda em sua poltrona de couro escuro, posicionada na frente da porta que dá para o terreiro, confrontando as flores do manacá....*

*Seus movimentos já não são os mesmos desde que teve um derrame que deixou um lado de seu corpo paralisado, mas não se deixa abater... Com um vestido larguinho para ficar em casa, a simpática senhora de cabelos prateados penteados em um rabinho de cavalo observava a paisagem quando me viu chegar e logo abriu um sorriso acolhedor...*

Maria Rosália de Miranda, mais conhecida como Dona Neném, tem 85 anos, tendo nascido no dia 06/07/1936, e é reconhecida na região como um arquivo vivo de Chapada do Norte. Uma guardiã da história, da memória e dos saberes da comunidade de Santa Rita do Araçuai, onde Neném nasceu e vive até hoje – e onde, segundo ela, pretende ser enterrada.

Dona Neném é uma pessoa muito conhecida em toda a redondeza, tendo sido professora de boa parte da população adulta. Por muitos anos atuou como professora e diretora escolar, mas também é lida como uma personalidade com grande influência na política local, por ser filha de Zé de Calu, bem como por seu carisma e oratória herdados de seu pai. Dona Neném possui Ensino Médio Completo/Magistério, o que de acordo com sua versão “naquela época valia mais que muito superior dos dias de hoje” – e de fato ela é uma figura muito respeitada e querida por todos aqueles que foram seus alunos no passado, apesar destes afirmarem que ela comandava a turma com punhos de ferro.

Quando vou para a comunidade de Santa Rita normalmente fico hospedado na casa de Mestre Chato ou de Dona Neném, nesta ocasião fiquei na casa de Neném, e por isso tive uma oportunidade ímpar de ouvir muitas histórias dessa senhora bem humorada e divertida que possui uma memória e lucidez invejáveis. Além disso, Dona Neném foi uma das minhas grandes referências na região, quer dizer, ao chegar na casa de um desconhecido basta dizer “sou amigo de Dona Neném” que isso serve como uma carta de boas-vindas, e diante destes dizeres portas e sorrisos se abrem e as conversas passam a fluir tanto quanto o cafezinho.



## Mestre Chato



*Chapéu na cabeça, cigarrinho de palha  
numa mão e a viola na outra...*

*Lá vai Mestre Chato, o bardo de Santa  
Rita....*

*Desce a ladeira e encontra uns  
companheiros. Joga uns versos ao vento,  
cria música do acaso, buscando honrar  
histórias do passado e reviver um  
sentimentos, lembranças, momentos...*

*A memória viva de um Mestre...*

*Viva a Folia de Santos Reis e a Cultura do  
Jequitinonha!*

Sebastião Joaquim de Jesus, popularmente conhecido como Mestre Chato, é o mestre de folia de reis da comunidade de Santa Rita do Araçuai, sendo uma figura respeitada e um grande guardião das memórias e saberes do “lado de cá” do rio. Com 78 anos de idade, tendo nascido em 23/11/1942 na comunidade de Santa Rita, onde vive até os dias atuais.

Seu apelido por sinal já é explicado em sua narrativa de história de vida, uma vida aliás, repleta de grandes dificuldades e superações, bem como de um desejo incansável de levar a alegria e fé aos membros de sua comunidade e das roças. Chato estudou até o 4º ano primário, mas é reconhecido por toda a região como um gênio da cultura popular, um músico autodidata, folclorista, violeiro, cantador e compositor, porém, embora atualmente seja aposentado, atuou como lavrador, pedreiro, TAC (trabalhador de ar comprimido) e cortador de cana. Recentemente publicou seu primeiro livro contendo histórias da região e, sobretudo, da Folia de Reis da comunidade de Santa Rita (JESUS, 2019)

As narrativas de mestre Chato ocorreram em diferentes momentos e em diferentes ambientes, incluindo a cozinha e varanda de sua casa, o interior da igreja de Santa Rita, na frente do mercado (quando o mesmo estava acompanhado de Gentilin) e caminhando pelas ruas de Santa Rita, quando o mesmo foi me apontando diferentes lugares que ativaram suas

lembranças, incluindo a beira do Araçuaí, onde Chato me mostrou o local exato da antiga igreja, narrou o episódio em que teria se salvado com sua família de uma grande enchente (1979) e relatou tal episódio de forma minuciosa.

Mestre Chato é um verdadeiro arquivo vivo, e de acordo com as indicações da própria comunidade ele obrigatoriamente teria que participar da pesquisa por sua experiência e vivências não apenas com relação a experiências com desastres, mas também por ser uma figura de vasto conhecimento a respeito da história e cultura da região.

## Natalina



*Mulher da beira do Araçuaí, que conhece esse rio com tanta intimidade, que histórias essas águas te contaram?*

Natalina Rodrigues Vaz, apelidada de Ná, Nath ou Tala, é residente da Vila São José, pertencente ao distrito de Santa Rita do Araçuaí, tendo nascido nesta mesma localidade em 17/07/1979 poucos meses antes do grande dilúvio que ocorreu no final deste ano. A participante está cursando o ensino fundamental, no EJA e atua profissionalmente como varredora de rua/gari e dona de casa.

Natalina foi selecionada para integrar a pesquisa por viver na beira do rio Araçuaí, sendo a moradora que reside mais próxima da pinguela, uma região do Araçuaí conhecida por uma passagem sobre um poço de grande profundidade, que supostamente seria o lar da lendária cobra gigante do Araçuaí – algo que segundo Natalina não deve passar de um mito, uma vez que ela sendo vizinha deste local nunca avistou tal cobra gigantesca nas proximidades do poço da pinguela -; além de sua intimidade com o rio por morar nas margens do mesmo, Natalina é irmã mais nova de Teotônio, o canoeiro que estava em atividade na ocasião do acidente da ponte; e, como moradora das margens do rio, já presenciou muitas coisas estranhas em meio a essas águas - inclusive tendo sido responsável por localizar corpos, como o de Gilson (da comunidade de Cachoeira), que havia se suicidado, atirando-se no rio poucos dias antes da entrevista.

A conversa com Natalina ocorreu na casa de sua vizinha, Fátima – que foi cuidadora de Dona Neném e que se tornou uma grande amiga minha, sendo também muito próxima de Natalina. Eu estava visitando Fátima e pretendia conversar com Teotônio a respeito do dia do

acidente, porém o mesmo não se encontrava na região naquela ocasião, de modo que Fátima sugeriu que eu batesse um papo com Natalina, inclusive por ela viver na beira do rio e ser de uma das famílias mais antigas da Vila São José.

## Gentilin

*A feição e a pele escura já denunciam: é descendente do velho Serapião! E como é típico dessa gente, certamente herdou um pouco da sabedoria tão comumente observada entre os filhos e netos deste personagem histórico de Santa Rita do Araçuaí.*

Que os descendentes de Etelvina e Serapião carregam parte de seus legados isso todos da região podem confirmar, como também confirmam que ainda que estes possam ter guardado saberes de seus antepassados, ainda assim, tais saberes se encontram diluídos pelo tempo e jamais poderiam ser comparados com a sabedoria dos antigos. É como se a cada geração um pouco fosse se perdendo junto do esquecimento das memórias. Como se parte dos saberes não encontrasse oportunidades para serem transmitidos e, com isso, acaba se extinguindo.

Gentil Gonçalves Pinheiro, mais conhecido como Til ou Gentilin, possui 69 anos de idade, tendo nascido em 01/08/1953, na Barra da Estiva, sendo atualmente residente do centro do Distrito de Santa Rita do Araçuaí, tendo se mudado para a comunidade em 1964.

Getil conta que estudou até o 2º ano do grupo escolar e trabalhou como lavrador e cortador de cana. A conversa com Gentilin se deu na beira do Rio Araçuaí, quando eu estava perguntando aos transeuntes qual seria o local exato da antiga igreja, curioso Gentilin se aproximou e começamos a bater um papo, ao que ele logo se identificou como uma testemunha ocular do acidente da ponte, bem como afirmou ter presenciado o dilúvio de 1979, fatos que justificaram o convite para participação na pesquisa. Em um segundo momento reencontrei Gentilin na frente do mercado na companhia de Mestre Chato e nesta ocasião Gentilin apresentou mais algumas histórias interessantes para a pesquisa.

## **Cezomar**

*A chuva ainda estava fraca quando o galo cantou. O sujeito já estava desperto e se preparava para partir para a roça. Tinha que aproveitar o tempo para plantar. Vestiu uma jaqueta, guardou umas sementes no bolso, subiu na moto e seguiu enfrentando a lama com a alegria de quem sabe que com ela vem a vida na lavoura...*

Cezomar Gomes Miranda, apelidos Cezar e Dom, nasceu em 05/01/1972, tendo, portanto, 49 anos de idade no momento da entrevista. Cezar nasceu e reside em Santa Rita do Araçuaí, tem formação em técnico em agropecuária e atua como auxiliar técnico administrativo de Educação Básica (ATB) na escola municipal de Batiêiro. Estando hospedado na casa de sua família no centro do distrito, o contato com Cezomar inicialmente serviu para complementar as narrativas de sua mãe, Dona Neném.

Na medida em que as conversas foram avançando Cezomar demonstrou conhecer bastante da história local, tendo uma visão única a respeito das transformações ambientais ocorridas na região, inclusive por ter formação técnica em agropecuária. As narrativas foram produzidas ao longo de diversos dias enquanto estive hospedado na casa de sua mãe, Dona Neném. Em todas as ocasiões as conversas com Cezar se desenrolaram na cozinha, em alguns casos com a presença de Dona Neném e Juarez.

## Juarez

*Agitado, passa para um lado, passa para o outro...*

*Canta uma música, pita um cigarro de palha...*

*Olha pela janela e vê a nuvem que vem se avolumando por detrás das montanhas...*

*Logo algo muda em seu interior...*

*Um mergulho na memória pode revelar muitas histórias submersas...*

*O que nos contam as histórias de um mergulhador do Rio Araçuaí?*

Juarez Gomes de Miranda, apelidado Leis/Lez, tem 64 anos de idade, nascido em 25/10/1957, é filho de Dona Neném e irmão mais velho de Cezomar. Possui ensino fundamental incompleto e ao longo de sua vida atuou em diferentes profissões, incluindo lavrador, garimpeiro, boia fria, mergulhador e atualmente empresário.

Nascido e criado em Santa Rita, onde vive até hoje, Juarez é conhecido na região como um dos melhores mergulhadores da história de Santa Rita, estando inclusive envolvido no fatídico acidente da ponte, tendo sido o mergulhador responsável por localizar a caminhonete no fundo do rio, e que num ato considerado heróico por muitos (e loucura por outros), foi ele quem amarrou a caminhonete no momento em que as autoridades vieram removê-la do fundo do rio. Essa participação de Juarez no momento do acidente foi justamente o que justificou a entrada de Juarez nesta pesquisa, uma vez que ele possui uma compreensão privilegiada deste episódio.

Assim como no caso de Cezomar, as narrativas de Juarez se desenrolaram na cozinha da casa de sua mãe, Dona Neném – Juarez sempre se posicionava num canto, ao lado da pia, sentava-se num banco rústico de madeira e pitava seus paieiros enquanto contava suas histórias em um tom bem humorado e performático.

## Preta

*Força e jeito, mexe mexe, esquentá....*

*Com firmeza e delicadeza em medidas iguais...*

*Mãos negras habilidosas trabalhando incansáveis...*

*O milho se transforma em farinha....*

*Como faziam os ancestrais....*

*Revivendo o modo de ser dos que vieram antes....*

*As histórias de uma mulher quilombola...*

Menino não repara na bagunça não que eu tava fazendo uma farinha ali [risos]... Meu nome é Maria Neusa Dias, mas o pessoal me conhece como Preta. Tenho 45 anos e moro na comunidade quilombola do Cuba, que faz parte de Santa Rita. Aqui no Cuba nós somos mais afetados pela seca do que por enchentes, pois o córrego da comunidade nunca deu enchente nem nada assim. Então o problema maior costuma ser a falta de água mesmo... (Preta, Quilombo do Cuba)

Assim que chego em sua casa encontro Maria Neusa, mais conhecida como Preta, ocupada fazendo farinha. Um pouco tímida interrompe o que está fazendo para me receber, e logo seus filhos aparecem curiosos com a visita. Com 45 anos de idade, Preta nasceu e cresceu na comunidade remanescente quilombola do Córrego do Cuba, pertencente a zona rural do Distrito de Santa Rita do Araçuaí.

É como diz a sabedoria popular “em terra de desconhecidos vamos onde nos indicam”, em função disso, por eu não ter tido um contato prévio com os moradores da comunidade do Cuba, considerei mais prudente levar em conta indicações de pessoas próximas da pesquisa que tinham uma relação mais próxima com a comunidade. Assim, Preta foi uma das participantes selecionadas do Quilombo do Cuba, justamente por estar integrada à rede de indicações, sendo apontada por Cezomar e Janete<sup>37</sup> (cuidadora de Dona Neném, que é da comunidade do Córrego do Cuba). Neste caso, apesar de Janete não ser uma participante da pesquisa sua opinião foi tomada como de grande importância, em decorrência do fato de Janete ser pertencente à comunidade em questão. Assim, apesar de certamente existirem outras personalidades e narradores em potencial na comunidade do Cuba, acabei por limitar o recorte ao entorno da casa da família de Janete, de modo a seguir suas indicações.

---

<sup>37</sup> Neste caso foi empregado um nome fictício, pois não autorizou o uso de seu nome para a pesquisa.



## Dona Alzira



*Nuvens escuras no céu geram um sentimento estranho no  
peito....*

*Ela olha pela janela e encara o rio...*

*O mesmo rio que viu correr diariamente ao longo dos últimos  
85 anos...*

*O mesmo rio que ela viu as águas subirem e descerem...*

*O mesmo rio que foi fonte de alegrias e tristezas...*

Dona Alzira Alves de Sousa, mais conhecida como Dona Alzira ou Alzira de Santos, nasceu em 15/07/1936, tendo, portanto, 85 anos de idade. Dona Alzira nasceu na comunidade de Cachoeira, porém atualmente vive na comunidade Beira do Rio, pertencente ao distrito de Santa Rita do Araçuaí. Estudou apenas até o 4º ano primário e atuou profissionalmente como lavradora, garimpeira e dona de casa. Ao todo teve 17 filhos (sendo 9 já falecidos), já possui mais de 40 netos, mais de 20 bisnetos e já tem 2 tataranetos. É vizinha de seu filho Pedrinho de Santos, que também participou da entrevista, auxiliando com detalhes de certas lembranças e estímulos para ativar sua memória.

A entrevista com Dona Alzira e seu filho Pedrinho ocorreu na sala de sua casa. Dona Alzira foi selecionada para participar da pesquisa por ter a vivência de morar por muitas décadas na margem do Rio Araçuaí, bem como por já ter passado por algumas tragédias pessoais, incluindo a perda de filhos em contextos relacionados ao clima e a um acidente no rio.

**Pedrinho de Santos**

*O Araçuaí domina a paisagem que se acostumou a admirar...*

*A vida na beira do rio tem seus aprendizados e suas dificuldades...*

*Muitos foram embora em busca de oportunidades. Ele tentou, mas retornou.*

*Pois o amor pela terra destas margens é maior do que o medo de encarar as forças da natureza...*

Pedro Milton Pinheiro de Sousa, mais conhecido como Pedrinho de Santos ou Pedro de Alzira, é filho de Dona Alzira, possui 54 anos de idade, tendo nascido no dia 05/04/1967 nas margens do Araçuaí, na comunidade da Beira do Rio, onde vive até os dias atuais. Estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental e trabalhou como lavrador, cozinheiro da usina, colhedor de café e foi vereador representante do Distrito de Santa Rita por dois mandatos.

Pedrinho participou da entrevista ao lado de sua mãe e foi selecionado para participar da pesquisa primeiro para auxiliar Dona Alzira a ativar suas memórias, mas também por ser outro representante da comunidade da Beira do Rio e, conseqüentemente, ter uma relação de intimidade com o Araçuaí. Além disso, por sua experiência como vereador Pedrinho conta com informações privilegiadas que também puderam enriquecer sua narrativa e trazer um ponto de vista de quem esteve atuando dentro da política local.

## Gilmar Sousa

*O Chapéu na cabeça, a viola na mão e o sorriso no rosto.  
O jovem mestre da Folia de Boa Vista é respeitado pelos mais velhos:  
Em termos de cultura o cabra é cobra criada!  
Sabedoria herdada corre pelas veias deste contador de causos e  
amante da cultura do Vale...*

Eu sou Gilmar Sousa, sou poeta, escritor, radialista, sou ator de teatro e contador de histórias e causos. Eu tenho dezoito personagens né que retratam a cultura popular, a religiosidade, as cantorias, as danças, alguns personagens infantis né, como brincante da cultura popular, sou mestre da Folia de Reis, sou congadeiro de Nossa Senhora do Rosário, faço parte da Marujada... Eu nasci numa comunidade aqui próxima, numa grota né, chamada Córrego de João Gomes, na beira do córrego, do ribeirão do João Gomes, e ainda bebê meu pai se mudou com minha mãe aqui pro povoado na época e hoje distrito de São Sebastião da Boa Vista. Aí a gente cresceu aqui nesse ambiente, em meio a religiosidade, presenciando a cultura popular voltada para o jeito de plantio, para o jeito de rezar.... (Gilmar Sousa, São Sebastião da Boa Vista)

José Gilmar de Sousa, também conhecido como Mestre Gilmar, Gilmar Souza (seu nome artístico traz o Souza com a letra z em razão de uma confusão no momento do registro) ou Zizi, é o mestre da Folia de Reis da comunidade de São Sebastião da Boa Vista, sendo um grande conhecedor da cultura popular e das histórias da região – algo que por si só já justificaria seu convite para participar do presente estudo.

Gilmar nasceu em 18/09/1974, portanto possui 46 anos atualmente, e é originalmente da comunidade Córrego João Gomes, tendo sua família posteriormente se mudado para a comunidade sede do Distrito de São Sebastião da Boa Vista. Porém, hoje em dia Gilmar vive no município de Turmalina onde atua como professor e radialista, mas também é interessante destacar que Gilmar é um grande escritor e poeta, tendo publicado inúmeros livros e coletâneas ao longo de sua carreira (SOUZA, 2015, 2018, 2021).

Apesar de não possuir ensino superior, tendo estudado até o ensino médio (magistério), Gilmar é reconhecido como um embaixador da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha.

## **Dona Rosarinha**

*Ainda não estava claro e ela já estava de pé. O tempo estava frio, e uma névoa rala tornava turva a visão para o lado da cacimba. Acendeu o fogão de lenha e começou a preparar o café. Café coado, saiu para cuidar das galinhas, aproveitou para dar uma olhada na horta e já tratou dos porcos. Quando voltou a serpentina do fogão de lenha já havia aquecido a água do chuveiro. Tomou seu banho e foi preparar o almoço....*

*Depois seguiu para a igreja para finalizar os preparativos de uma atividade que estava organizando para o grupo da terceira idade...*

Uma senhora de pele e olhos claros desce ligeira a caminho da horta. Mesmo aposentada não para um dia sequer, mas segundo a mesma trabalhar com a terra é mais terapia que serviço – e funciona como um exercício para o corpo, a mente e o coração.

Maria do Rosário, mais conhecida como Dona Rosarinha, tem 64 anos de idade e é neta de um dos fundadores do distrito. Atualmente aposentada, Rosarinha atuou por muitos anos como professora, o que a possibilitou conhecer muitas regiões do município. Desde jovem é muito ligada a igreja católica e ainda hoje é reconhecida como uma liderança comunitária, sendo inclusive presidente da Associação de Moradores de São Sebastião da Boa Vista, tendo um importante papel dentro da história e cultura da comunidade.

Quando vou para a comunidade de Boa Vista sempre fico hospedado na casa de Dona Rosarinha, um pequeno sítio localizado a poucos metros do centro do distrito, entre a quadra e o posto de saúde. Trata-se de uma propriedade um pouco recuada que abriga entre outras coisas o terreno que pertenceu aos antigos fundadores do distrito, bem como a Cacimba do Jambreiro, uma importante fonte de água que ajudou a comunidade a enfrentar as fortes secas do passado. Mas para além deste pequeno sítio Dona Rosarinha também é dona de uma propriedade na Vargem do Pombo, onde possui uma plantação de abacaxis.

## **Dona Nazareth**

*Ao acordar já vai direto para o quintal, seu local favorito, conquistado com muito esforço e construído com muito carinho. Plantas cuidadosamente assentadas em locais calculados pela dona da casa de acordo com a necessidade de luz e sombra de cada uma; uma horta muito bem estruturada e superprodutiva, com couves de folhas impecáveis, temperos e tomates à rodo; um galinheiro para ninguém por defeitos, repleto de galinhas índias gigantes; isso sem falar nas diversas árvores frutíferas espalhadas pelo terreno. A casinha verde fica próxima a entrada do distrito e possui um quintal tão grande quanto a própria construção, afinal, o que interessa para a dona da casa é justamente isso, a terra, as plantas, a vida.... Pega o violão e toca uma moda antiga, acompanhada pelo coral de passarinhos pendurados na palmeira, enquanto admira o resultado de seus esforços, a videira começava a dar as primeiras uvas...*

Nazareth Ferreira de Macedo, mais conhecida como Dona Nazareth ou Naza, é uma das lideranças da Folia de Reis de São Sebastião da Boa Vista, sendo cantora e tocadora da folia, além de vice-presidente do grupo. Nazareth é reconhecida pelas redondezas como uma autoridade no que diz respeito a história e cultura de Boa Vista. Neta de Teotônio Soares (um dos fundadores do Distrito de São Sebastião da Boa Vista), prima de Dona Rosarina, além de tia e grande parceira de Gilmar nos assuntos da folia.

Uma pessoa extremamente apaixonada por sua comunidade, Nazareth tem um forte desejo em manter viva a memória da região, tendo realizado um grande esforço em busca de preservar antigas relíquias que a lembram do passado da comunidade, de modo que sua casa representa uma espécie de museu particular. Estes foram os principais motivos para convocar Dona Nazareth a integrar a pesquisa, com destaque aos seus conhecimentos sobre o território chapadense, visto que, por ter atuado por um bom tempo como agente de saúde acabou circulando muito pela região e tendo a oportunidade de conhecer como ninguém o distrito de São Sebastião da Boa Vista.

## Lourdinha

*Do Jequitinhonha ao Araçuaí, sempre lhe correu pelas veias o costume de atravessar  
a vida à canoa...*

*Ainda pequena, a filha do Rio Jequitinhonha aprendeu a temer e respeitar a fúria das  
águas...*

*São águas passadas...*

*Que ainda respingam no presente..*

Maria de Lourdes Borges Santos, mais conhecida como Lourdinha ou tia Lourdinha, possui 56 anos de idade e nasceu 05/07/1975 nas margens do Rio Jequitinhonha, numa região que atualmente é pertencente ao município de José Gonçalves de Minas, mas que na época de seu nascimento era parte do município de Berilo. Atualmente reside na comunidade de Cachoeira do Norte, porém inicialmente, quando veio para Chapada, logo que se casou, morou na comunidade do Córrego Grande, depois morou em Santa Rita e hoje vive em Cachoeira. Representando, portanto, o olhar de uma *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Com relação a seu nível de escolaridade, Lourdinha possui Ensino Fundamental Completo e técnico de enfermagem, tendo atuado por um longo período de sua vida como técnica de saúde do posto de Santa Rita do Araçuaí – algo relatado em suas narrativas como um período de grandes alegrias e muito trabalho, com grandes deslocamentos nos períodos de vacinação; porém, anteriormente trabalhou como agricultora, canoeira, dona de casa e costureira.

Originalmente Lourdinha foi convidada para integrar o estudo em função de inúmeras indicações de moradores da comunidade de Cachoeira do Norte que a apontaram como uma das sobreviventes e testemunhas do acidente da ponte ocorrido em 2005, diante disso, inicialmente pensei que apenas essa temática seria trabalhada em sua narrativa, mas outros temas surgiram e a conversa foi muito mais produtiva do que o esperado.

Entre os temas abordados por Lourdinha é possível mencionar, por exemplo: as dificuldades vivenciadas em sua infância e juventude; seu processo de escolarização; a vivência de uma experiência traumática com uma grande enchente no Rio Jequitinhonha, que inclusive a levou a experienciar processos depressivos ainda muito nova; memórias, também traumáticas

a respeito das dificuldades vivenciadas por sua família durante secas severas; reflexões a respeito do comércio de antigamente, que funcionava sobretudo com base em barganhas; o episódio da morte de seu pai e todas as complicações que isso representou em sua vida; seu casamento, aos 20 anos de idade, que a levou a se mudar para Chapada do Norte, especificamente para a comunidade de Córrego Grande; o adoecimento de seu marido; o nascimento de seus filhos; sua mudança para o distrito de Santa Rita do Araçuaí; a retomada dos estudos e sua formação em técnica de enfermagem, que a levou a assumir o cargo de agente de saúde do posto de Santa Rita; seus esforços para garantir o estudo de seus filhos; suas memórias sobre o acidente da ponte que a levou a presenciar o momento da morte de muitos amigos e conhecidos; suas lembranças sobre o histórico “dilúvio de 1979”; falou sobre algumas simpatias e superstições associadas a proteção contra eventos climáticos e meteorológicos; lembrou do ano da lagarta que trouxe um grande impacto sobre as comunidades locais; e assumiu seu desejo de ver preservado um objeto de memória que salvou sua vida.

**Heliane**

*A simples recordação de certas datas é suficiente para ativar em seu peito um turbilhão de lembranças...*

*Os tempos de seca e das águas trazem para sua memória paisagens e momentos que ficaram no passado...*

*Um tempo em que seu pai – e herói – a levava junto de suas irmãs para conhecer a realidade, e as ensinava a dar valor a vida...*

*Um tempo que marcou seu modo de ver, pensar e agir...*

Heliane Olívia Figueiredo, também conhecida como Lili, tem 38 anos de idade, nascida em 01/06/1983 em Chapada do Norte, passou boa parte de sua vida vivendo na comunidade de Cachoeira – tendo, posteriormente (no ano de 2007), se mudado para a sede do município vizinho, Leme do Prado. Heliane é casada e tem um filho pequeno (estando grávida de sua segunda filha no momento da entrevista), sendo uma das fundadoras e coordenadoras do Grupo Reviver, um grupo voltado para desenvolver atividades com idosos em torno de questões relacionadas a cultura e memória.

Formada em fonoaudiologia com especialização em motricidade orofacial e autismo, atua como fonoaudióloga das redes municipais de Chapada do Norte e Leme do Prado, bem como em consultório particular.

A entrevista com Heliane se deu na casa de Dona Nida. Em sua narrativa Heliane teve a oportunidade de botar para fora muitas questões internas que a incomodavam, bem como refletiu sobre situações que a fortaleceram e a auxiliaram a superar muitos desafios que a vida lhe apresentou.

O convite para Heliane participar da pesquisa se deu sobretudo em função do fato de Heliane ser uma das filhas do líder comunitário Nelito - que faleceu no fatídico acidente da ponte velha do Rio Araçuáí -, com a morte do pai, Heliane e suas irmãs (que ficaram conhecidas como Nelíticas ou Nelitas) foram protagonistas do movimento de mobilização política que levou a construção da ponte nova. Apesar deste ter sido o interesse inicial em convidá-la para integrar o estudo, a narrativa de Heliane forneceu muitas outras pistas para a compreensão da realidade psicossocioambiental das comunidades de Chapada do Norte.



## Dona Nida



*O cantar dos galos lhe provoca  
calafrios...*

*Pois assim como as cigarras, a  
fazem recordar de momentos  
difíceis...*

*Lembranças de águas passadas...*

*Momentos de tristeza que antecedem  
as despedidas...*

*Tenta se distrair entre as tarefas da  
casa e as notícias que vê através da  
tela do celular...*

Vanilda dos Santos Sousa, mais conhecida como Dona Nida ou Nida de Menezes, sempre me recebeu em sua casa, desde a primeira vez que estive no Vale, e sempre foi uma das maiores incentivadoras das minhas pesquisas na região. Com o tempo acabou se tornando minha mãe adotiva no Vale do Jequitinhonha. Uma senhora de 63 anos (nascida no dia 28/10/1958) que está sempre atarefada, mãe de três filhos (quatro contando comigo), avó de dois netos. Nascida na comunidade de Córrego Grande, atualmente Vanilda vive bem no centro da comunidade de Cachoeira do Norte, de frente para a praça principal do distrito.

Ao longo de sua vida além de dona de casa, Nida trabalhou na roça, como cantineira da creche, cozinheira de pensão em Pontal – quando morou no interior de São Paulo -, além de servente de pedreiro. Hoje vive com a pensão de seu falecido marido Menezes e aguarda na justiça o direito de sua própria aposentadoria.

Filha de tropeiro aprendeu muitas histórias com o pai e ao longo de sua vida testemunhou muitos acontecimentos pela região. Na convivência com os mais velhos absorveu muitos dos saberes das ciências populares de sua comunidade e isso por si só já bastaria para que fosse convidada para integrar a pesquisa.

## **Dona Conceição**

*Pôs na cabeça que faria um banguê para mostrar para o garoto do Rio de Janeiro como é que faziam antigamente para tirar a diquada pra fazer sabão...*

*Primeiro arrumou os cipós.... Depois realizou uma expedição nas profundezas de sua memória para lembrar a técnica exata capaz de converter aquele monte de matéria lenhosa em um artefato que a transporta para o passado. Mãos que aprenderam com o tempo, tecem os cipós e dão forma a uma espécie de cone...*

*Ela admira orgulhosa sua obra por uns momentos e sorri...*

Maria da Conceição Oliveira, mais conhecida como Dona Conceição ou Conceição de Vicente Guedes, possui 82 anos de idade, tendo nascido em 20/05/1939 na comunidade do Brejinho, que pertence ao distrito de Cachoeira do Norte. Dona Conceição é a matriarca da família Oliveira tendo se mudado para a comunidade do Córrego Grande na ocasião de seu casamento e, posteriormente, mudou-se para a sede de Cachoeira na década de 1980.

Dona Conceição possui ensino fundamental incompleto, tendo atuado profissionalmente na moagem de cana, como agricultora, tecelã e dona de casa. A conversa com Dona Conceição ocorreu em sua casa, parte na cozinha e parte no quintal e o motivo para ter sido convidada a integrar o estudo foi justamente o fato de ter sido uma testemunha importante da história socioambiental da região de Chapada do Norte e, sobretudo, das comunidades do lado de cá do Araçuaí.

## **Dona Ritinha**

*A festa de Santa Cruz se aproxima e a alegria da avó é estar com a casa cheia. Filhos e netos que moram fora vieram para tal evento e vão acabar aproveitando para esticar mais uns dias. O clima de festa se instaura na casa. Desde cedo escutam-se vozes na cozinha. Conversas animadas e gargalhadas. Família reunida. Certamente uma mudança de rotina que acalenta o coração da dona da casa, e ainda por cima sob as bênçãos da Santa Cruz, é tudo o que ela queria.... Sente-se profundamente abençoada e agradece em uma oração silenciosa...*

Rita de Jesus Ferreira de Macedo, mais conhecida como Dona Ritinha ou Ritinha dos Jorge, possui 73 anos de idade na ocasião da entrevista, tendo nascido em 24/08/1949. Ritinha é uma das descendentes do fundador da comunidade de Cachoeira do Norte, local onde nasceu e vive até os dias atuais.

Dona Ritinha estudou até a 4ª série do ensino fundamental e ao longo de sua vida trabalhou como serviçal da escola, agricultora e dona de casa. Ritinha perdeu seus pais quando era muito jovem e com isso acabou sendo criada por Olídia Lemos, uma das primeiras professoras da comunidade de Cachoeira e uma liderança comunitária que teve grande influência na história local.

Com isso, Dona Ritinha representa uma testemunha estratégica da história da região, sobretudo da formação da comunidade de Cachoeira do Norte, mas também teve uma vida com grandes desafios, uma vez que seu marido também faleceu prematuramente, o que acabou levando-a a assumir a responsabilidade total sobre a casa e a criação de seus filhos – algo que justificou o convite para participar da pesquisa. A entrevista com Dona Ritinha ocorreu na cozinha de sua residência.

## Magno

*Depois de alguns dias chuvosos o Araçuaí estava cheio, não a ponto de passar por cima da ponte, longe disso, mas ainda assim estava cheio o suficiente para evocar lembranças....*

*Um baque momentâneo...*

*Imagens tomam a mente no momento em que se aproxima da ponte, a travessia até hoje dá um calafrio na espinha....*

*Acelera a moto e confia....*

*Atravessa e supera a peça que a mente queria lhe pregar...*

*Mas ainda assim, é sempre bom respeitar o passado, às vezes o susto é só um aviso...*

Magno João Filho Machado, também conhecido como Magão ou Canhoto, possui 38 anos de idade e nasceu no dia 25/08/1983 na comunidade de Tabatinga, pertencente ao Distrito de Cachoeira do Norte. Atualmente reside na sede do distrito de Cachoeira, tendo se mudado em 2008.

Ao longo de sua vida Magno trabalhou na colheita de café, como servente, pedreiro, atendente de bar, fiscal de usina, bem como por muito tempo ajudou seu pai com a lavoura e segundo sua narrativa sempre possuiu um “espírito empreendedor”.

Magno possui ensino superior completo, tendo cursado Licenciatura plena em Física, inclusive tendo lecionado por alguns anos; porém, atualmente atua como funcionário público (fiscal tributário) e empreendedor; e, por outro lado, ao longo de sua narrativa confessou que seu verdadeiro sonho era trabalhar com esporte (educador físico), mais especificamente futebol, mas que infelizmente na época de decidir seu futuro profissional não imaginava que esse tipo de escolha pudesse render frutos, sobretudo em uma região onde as oportunidades costumam ser escassas.

O convite para Magno integrar o estudo se deu a partir de indicações que o apontaram como um dos sobreviventes do acidente da ponte, mas também por ter vivenciado uma série de dificuldades em sua infância e juventude, uma vez que sempre ajudou sua família com tarefas da lavoura e com isso acabou presenciando uma série de momentos complicados com relação

a secas e enchentes; mas, para além disso, Magno pratica agricultura orgânica em seu quintal, levando a cabo conhecimentos e práticas agroecológicas que muitas vezes não são seguidas por moradores das comunidades locais. A entrevista com Magno ocorreu na sala de sua casa e Magno em alguns momentos aproveitou objetos de memória para contextualizar sua narrativa.

## Dona Dô



*Saiu no portão para conferir a posição do Sol...*

*“Ainda não entrou”, pensou consigo...*

*“Menino, vamos benzer logo antes do Sol entrar”...*

*3 ramos de alecrim. As mãos formando uma cruz*

*invisível no ar enquanto murmurava palavras*

*sagradas num pedido para os céus....*

*Os ramos murcham. Quebrante na certa. Joga os*

*ramos por de trás do muro sem olhar para trás.*

*Benza Deus...*

*O menino respira aliviado e agradece “Bença tia*

*Dô”, e em seguida vai embora...*

Maria das Dores Santos, mais conhecida como Dona Dô, ou Dô Botelho, é irmã mais nova de Mestre Chato. Apesar de atualmente viver na comunidade de Cachoeira do Norte (mudou-se em 2013), Dona Dô traz a visão de uma *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000), pois nasceu e viveu boa parte de sua vida em Santa Rita do Araçuaí, tendo testemunhado muitas histórias sobre o rio.

Dô possui 71 de idade, tendo nascido em 15/10/1945, e foi convidada para participar da pesquisa por ter testemunhado não apenas o desenrolar da história de Santa Rita e vivenciado diferentes episódios de secas e enchentes na região, mas também por seu amplo conhecimento do território de Chapada, uma vez que teve a oportunidade de atuar por algum tempo na realização do recenseamento (censo demográfico do IBGE).

Dona Dô estudou apenas até a 3ª série do ensino fundamental, pois as dificuldades da vida de antigamente a obrigaram a se dedicar a casa e ao trabalho, tendo atuado muito nas lavouras, bem como como dona de casa. A conversa com Dona Dô ocorreu em sua casa, na varanda, em um dia em que suas filhas Martha e Marli estavam presentes e, portanto, acompanharam parte da conversa, inclusive tendo solicitado o registro em vídeo da entrevista para que pudessem mostrar no grupo da família; além disso, em determinado momento da

entrevista chegou uma visita, uma moradora da Vila dos Rodrigues e neta de José Rodrigues que também auxiliou dona Dô com a ativação de algumas memórias, sobretudo relacionadas à história da Vila Rodrigues e as enchentes vivenciadas no distrito de Santa Rita do Araguaí.

## Marcelinho

*Depois do café liga a TV e senta-se no sofá da sala. O jornal da manhã já estava começando e logo o homem do tempo informaria as previsões meteorológicas para o dia...*

*Chega a hora! Frente fria... Zona de convergência...*

*O mapa em azul na área correspondente ao sertão mineiro....*

*Na certa vem chuva no Vale!*

*Pega o celular, entra no Facebook e cria um pequeno texto sobre as previsões para a região.*

*Postado. Missão cumprida: a comunidade está avisada.*

*Em poucos instantes começam as curtidas e interações cibernéticas...*

Marcelo Cordeiro de Macedo, mais conhecido como Marcelinho, é uma espécie de meteorologista popular ou homem do tempo de Chapada do Norte. Residente da comunidade do Distrito de Cachoeira do Norte, Marcelinho possui 45 anos e nasceu na pequena comunidade de Água Branca, localizada na extrema do distrito de Cachoeira, tendo se mudado para o centro do distrito comunidade durante sua adolescência.

O homem do tempo de Cachoeira do Norte é uma figura muito popular na comunidade de Cachoeira, sendo reconhecido não apenas por seu gosto pela previsão do tempo, como também por sua paixão pelo futebol e seu engajamento em debates políticos, sobretudo quando concernem a comunidade de Cachoeira.

As singularidades da história de vida de Marcelinho o tornaram um ser humano único com gostos peculiares. Assim, vamos descobrindo que a trajetória deste narrador nos dá pistas sobre seus pontos de vista e interesses. Tendo uma baixa estatura o mesmo nos explica que:

*Eu já nasci pequeno, é de nascença, é problema de deficiência, não sei o nome do que eu tenho, mas já nasci assim... Então acabava que eu não conseguia fazer tudo igual as outras crianças né... Tinha as limitações... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)*



## **9. TERRITÓRIO, OCUPAÇÃO E RASTROS SENSÍVEIS: NARRATIVAS SOBRE HISTÓRIAS COMUNITÁRIAS**

Neste item são apresentadas algumas reflexões em torno dos achados das narrativas no que tange às relações entre cultura e natureza existentes nas comunidades de Chapada do Norte, destacando as conexões entre as histórias comunitárias, a história ambiental oral e aspectos que comportam os sentidos de comunidades nestes contextos.

Assim, aqui são elencadas questões que nos levam a pensar a respeito destes rastros sensíveis observados nas transformações legadas pela convivência humana com este território, incluindo as modificações das paisagens, da natureza, da sociedade e da cultura ao longo do tempo - de modo que por meio da costura destas narrativas torna-se possível vislumbrar um panorama das dinâmicas que contribuem para alterar a realidade local.

Também será apresentada uma breve reflexão a respeito das toponímias chapadenses, tomando-se como base trechos das narrativas que nos contam o significado por trás dos nomes dos lugares, revelando as histórias das alcunhas de comunidades e localidades deste cenário.

Ao contrário do lado de lá do rio, e em especial na sede de Chapada, onde a cultura é majoritariamente negra, nas bandas de cá do Araçuaí essa influência é mais perceptível em zonas periféricas, sobretudo nos quilombos, que em geral se encontram relativamente apartados dos centros dos distritos. Deste modo, do lado de cá, nos distritos de Santa Rita, Boa Vista e Cachoeira observamos manifestações culturais intimamente associadas ao catolicismo popular, sendo fortemente influenciada pelas tradições advindas de Portugal, que se encontram expressas na musicalidade, na religiosidade, nas festividades, enfim, há até mesmo entre os locais aqueles que se identificam como descendentes diretos de portugueses, muitas vezes assumindo que seus antepassados chegaram na região junto das expedições dos bandeirantes, no período de interiorização e, conseqüentemente, no princípio da ocupação destas terras.

Além disso, cabe pontuar que o recorte adotado nesta tese segue não somente os desdobramentos das redes de indicações das próprias comunidades, mas também um recorte territorial que compreende, dentro do município de Chapada, a região banhada pela bacia hidrográfica do Rio Araçuaí, de modo que em termos geográficos o estudo se foca na porção noroeste do município, nas regiões pertencentes aos distritos de Santa Rita do Araçuaí, Cachoeira do Norte e São Sebastião da Boa Vista.

### 9.1. Município de Chapada do Norte

A história da ocupação das terras pertencentes ao município de Chapada do Norte é incerta e cheia de lacunas ou “vazios”. O que se tem de mais certo neste assunto é que Chapada teria sido inicialmente um povoado fundado pelos negros que fugiram das minas de ouro da Vila do Fanado (atual município de Minas Novas), que seguiram rumo ao norte pela margem do Rio Capivari, até chegarem em uma região de chapadas onde fundaram um pequeno arraial. Logo, a origem desta cidade está intimamente relacionada a formação de um núcleo quilombola.

No decorrer deste item ficará evidente que Dona Neném se constituiu na principal referência a respeito da história do município de Chapada do Norte como um todo, pois em sua narrativa Neném fez questão de descrever especificamente sobre algumas memórias que conectam sua história familiar com a história do município. O fato de Dona Neném ser considerada a principal referência sobre tal temática se deve sobretudo em função desta narradora muitas vezes ser lida como uma representante da educação formal, ou seja, Neném é associada ao saber oficial reproduzido pela instituição educacional da comunidade – sendo reconhecida socialmente como tal justamente por ter atuado durante muitos anos de sua vida como professora e diretora da escola de Santa Rita. Assim, Dona Neném nos explica que:

Chapada foi berço dos escravos né, até hoje lá tem muitos descendentes de escravos. Chapada o pessoal de lá é muito humilde, é um povo bom. Lá as casas são tudo apinhadinha porque é coisa da época dos escravos, eles faziam um buraquinho nas paredes, que era os fuxicos, por onde os escravos comunicavam e avisava o que estava acontecendo, se chegasse os capitão do mato né. (Dona Neném, Santa Rita do Araçuai)

Aqui Dona Neném introduz sua fala justamente assumindo Chapada como um “berço dos escravos” e assinalando que até hoje é uma região com grande número de negros; além de nos aportar uma curiosidade a respeito das características arquitetônicas das construções chapadenses. Segundo ela, o fato de as casas mais antigas de Chapada serem coladas umas as outras representa uma herança do período da escravidão, quando os negros fugitivos das minas tinham que estar sempre atentos à possibilidade de incursões de capitães do mato, algo que teve como resposta a construção desta rede de informações que eram partilhadas através de pequenos orifícios nas paredes: os fuxicos. Assim, tais adaptações representaram uma marca da população

original desta ocupação que, posteriormente, se desenvolveria na sede do município de Chapada do Norte.

Mas indo além deste comentário e aprofundando ainda mais na história de Chapada, Dona Neném revela que:

Aqui na região foi assim, Chapada a gente sabe que surgiu a partir dos negros né, dizem que antes aqui tinha a tribo dos índios Gurutubas, os índios Gurutubas foi uma tribo de índios que foram os primeiros habitantes da região, segundo que foram os negros vindo das minas de Minas Novas que fundou o Arraial da Chapada. Eu tinha até um documento que eu emprestei para uma professora que falava justamente nesses índios Gurutubas de Chapada, mas ela nunca mais me devolveu essa apostila, é por isso que eu falo que tem coisa que não se deve emprestar que senão a gente nunca mais vê de novo, mas dizem que esses índios misturaram com os negros que vieram fugindo das minas de ouro de Minas Novas e aí formou Chapada... Mas primeiro era o Arraial da Chapada, depois Chapada passou pro nome de Santa Cruz da Chapada, só depois que virou só Chapada do Norte... Então assim, ocê pode ver que na Chapada a maioria é negro, a maioria da população de lá deve que é descendente desses escravos que escaparam de Minas Novas, talvez com mistura desses índios Gurutubas também né, que aqui tem muita gente que fala que tem índio na família... Mas aí os brancos... Eu acho que os brancos da Chapada vieram pelo lado dos Granjas, mas também não sei, porque eu sei que meu bisavô era de Portugal, que ele veio com os bandeirantes, com Leme do Prado fundador de Minas Novas, ele veio com essa bandeira, mas eu não sei como que ele veio parar em Chapada não, só sei que ele veio parar em Chapada, José de Freitas Miranda, que era meu bisavô né, é isso que eu sei da origem da minha família pro lado dos Mirandas, que nossa família veio de Portugal, mas cê pode ver que praquela lado de lá [do Granjas] tem muito mais branco, mas então esses brancos devem ter chegado por último né, de certo eles chegaram depois e foram tomando controle né... Essa história foi contada por meu pai... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuai)

Ainda sobre o processo de ocupação da região, Dona Neném aponta como os primeiros habitantes deste território, antes mesmo da chegada dos negros fugidos da Vila do Fanado: os índios Gurutubas. Apesar do termo Gurutuba ser retratado em inúmeras narrativas como os primeiros habitantes nativos da região de Chapada, não existem registros de tal nome associado a qualquer povo indígena na literatura indigenista. Consultando o professor de história de Chapada do Norte Magno Wagner Ribeiro de Oliveira, que teria realizado uma investigação a respeito das origens do município, este afirmou que tal nome possivelmente representa um termo pejorativo usado pelas comunidades para se referir aos indígenas, a exemplo do vocábulo “*bugre*”, também muito empregado pelas comunidades para fazer referência aos povos

originários. Porém Dona Neném chega a mencionar um documento perdido que teria contido informações a respeito destes primeiros habitantes de Chapada.

Em seu relato Neném segue informando os diferentes nomes adotados por Chapada ao longo do tempo, aponta que estes primeiros habitantes da suposta tribo dos Gurutubas talvez tenham se misturado aos negros que aportaram na região vindos de Minas Novas – algo que Neném assume ter influenciado no aspecto racial da população chapadense; mas que, possivelmente os brancos que chegaram na região na visão desta narradora podem ter vindo pelos lados do Distrito de Granjas do Norte, atraídos por notícias de minas de ouro e terras férteis. Quanto a estes Dona Neném traça a origem se sua família a seu bisavô que teria chegado na região junto da bandeira liderada pelo sertanista Sebastião Leme do Prado<sup>38</sup>.

Mas para além disso, é de se surpreender que, apesar de a população da sede de Chapada do Norte ser majoritariamente negra, ainda assim, tradicionalmente a política local, e consequentemente a concentração de poder, acabou oscilando entre três famílias predominantemente brancas. Algo incoerente quando paramos para refletir a respeito da história de constituição do município, com todas as marcas desta origem negra. Ainda sobre a presença negra na região, Dona Neném tece um apontamento a respeito da presença de quilombos na região, destacando que:

Chapada foi quilombo, Cuba foi quilombo, Moça Santa foi quilombo, que eram reduto dos negros né.... Essa moça santa mesmo ela era lá de Chapada, ela criou foi em Chapada com Dona Joana Pimenta, era madre, madre Joana que fundou o convento de Chapada, ela, a moça santa criou foi no convento de Chapada com essa dona Pimenta, chamava Madre Joana, criou muita moça aqui de Minas e desse lado de Chapada esse convento, muitas moças de moça santa foram criadas foi lá. Era tipo um abrigo né... Essa Moça Santa mesmo é da descendência dos escravos, ela mesmo não sei se foi escrava não, mas ela eu sei que foi criada no convento de Chapada. Esse convento fechou, eles derrubaram até ele, esse convento eles derrubaram ele Daniel, não podia ter derrubado né, o lugar que era esse convento é nesse grupo que hoje tem a escola, onde era o convento hoje é a escola Monsenhor Mendes... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuai)

Neste trecho Dona Neném nos aponta, para além das origens quilombolas do município e de algumas de suas comunidades, personagens históricas femininas que marcaram a trajetória de Chapada, incluindo: Dona Joana Pimenta, também conhecida como madre Joana, ou Dona Pimenta, que teria sido fundadora do antigo convento de Chapada, convento este que,

---

<sup>38</sup> Cujá chegada na região remonta a segunda metade da década de 1720.

por sua vez, teria sido lar de outra importante personagem que aparece em inúmeros relatos, e que se revela como uma personalidade lendária deste canto do Brasil; a Moça Santa. Rita, como era chamada tal donzela misteriosa, foi uma mulher que morreu solteira e operava milagres com as águas de uma fonte, curando enfermos e produzindo curas verdadeiramente inexplicáveis, que logo expalharam pelos sete ventos a fama desta mulher simples que rezava e curava em nome de Bom Jesus da Lapa, sempre se utilizando da água de uma bica para produzir seus efeitos divinos. A história de Moça Santa marcou imaginário local de tal modo que esta figura acabou se tornando um personagem histórico de grande importância para a região a ponto de ter sido homenageada dando nome a comunidade em que vivia: o quilombo da Moça Santa. Neste mesmo trecho Dona Neném menciona o antigo convento de Chapada como um local histórico de grande importância para a memória local, lamentando o fato deste não ter sido preservado, dando origem a atual escola da sede municipal.

Mas retornando as narrativas de Dona Neném a respeito da história de Chapada do Norte, a narradora comenta que a famosa igreja matriz de Chapada teria sido construída sob autorização da rainha Dona Maria I de Portugal, que segundo Neném também teria autorizado além da construção da igreja, a instituição da festa de Nossa Senhora do Rosário nos moldes de Portugal, contando inclusive com o mastro a cavalo, além dos presentes concedidos pela rainha, a coroa e o rosário de ouro que são guardados pela irmandade.

A Igreja de Chapada do Norte foi construída por Dona Maria I de Portugal, aí ela mandou o rosário de ouro, por quê, porque Chapada que ajudou a pagar as dívidas que Brasil devia a Portugal, contribuiu com as pepitas e ajudou a pagar a dívida. Aí Maria I mandou fazer a igreja, o mastro a cavalo, e mandou o rosário e a coroa de ouro, depois essa rainha que morreu louca, Maria a Louca. (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

Apesar de Dona Neném fazer uma menção direta a “Dona Maria I de Portugal” como a monarca responsável por autorizar a construção da Igreja do Rosário, bem como o compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Negros de Chapada do Norte, o nome desta rainha não é citado no livro de tombos do IEPHA (2014a), ou no documento “Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte”, também produzido pelo IEPHA (2013), mas publicado nos Cadernos do Patrimônio Imaterial<sup>39</sup>,

---

<sup>39</sup> Disponível em:

[http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/10/Festa%20de%20N.%20Sra%20do%20Rosario%20dos%20Homens%20Pretos%20de%20Chapada%20do%20Norte.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/10/Festa%20de%20N.%20Sra%20do%20Rosario%20dos%20Homens%20Pretos%20de%20Chapada%20do%20Norte.pdf)

sendo mencionado, apenas, que o termo de compromisso da Irmandade, por remontar ao período colonial, deveria, por regra, ser autorizado pelo poder real.

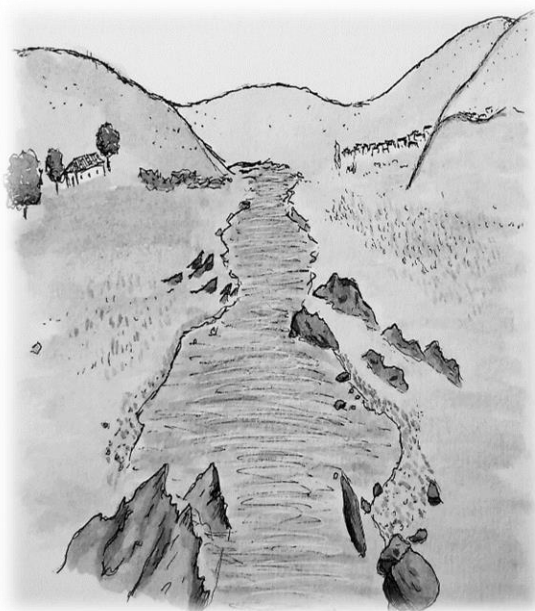
Na sequência, saindo das terras de Chapada e seguindo rumo ao norte seguiremos até as proximidades do Araçuaí, onde encontraremos os palcos para a realização desta pesquisa, os distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista que, conforme a imagem da placa apresentada a seguir (Figura X), distam, respectivamente, 12 km, 18 km e 23 km da sede municipal de Chapada do Norte...

**Figura 9- Placa com distância dos Distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista em relação a sede municipal de Chapada do Norte**



Fonte: O autor.

## 9.2. Distrito de Santa Rita do Araçuaí



*Eu inda era criança  
Lembrei tem recordação  
Cinco horas da manhã  
Escutav'um barulhão  
Duas mãos numa mão  
Que estremecia o chão  
Era mãe e Vó Calu  
Socanu milho no pilão*

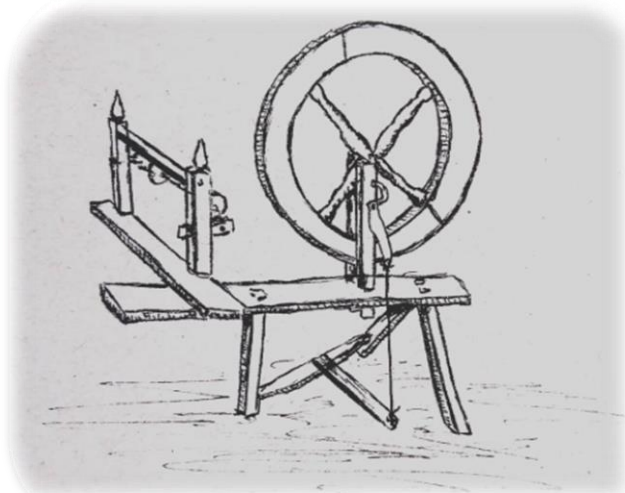
*O milho é um grande alimento  
Já salvou muitos cristão  
Dá canjica e canjiquinha  
Dá cuscuz, dá o pirão  
Dá o bolo e o mingau  
Engrossá de farinha  
Quem falava é Vó Calu  
Quem dizinheu foi Dindianinha*



*Vovó Calu tá chamando  
Todo mundo pra cozinha  
Para comer angu  
Molho de feijão com pinha  
Se algum pretendente  
Também viu uma pimentinha  
Quem fez o angu foi vovó  
E o molho foi Dindianinha*



*Sete horas da noite  
Hora da Ave Maria  
Teófilo batia no sino*



*As rezadeira reunia  
As filhas de Joaquim de Zezinho  
Começava a cantoria  
Zé Calu era pequeno  
Ainda tava aprendendo  
Quem ensinava é titia*

*Maria Casou com Nonô  
Cecília com Zé Botelho  
Rita com Marçonino  
Mamãe com Joaquim Botelho  
Dindianinha era lenta  
E Duda era a derradeira  
Não gostava de namoro  
Bem feito  
Por isso morreu solteira*



*Dê e finada Lu  
De Teófilo era irmão  
Todos relegioso  
Não saia da tradição  
Esse povo acabou tudo  
Me deixou na solidão  
Até hoje eu sinto dor  
Meu amigo  
No fundo do coração*

Canção de Mestre Chato de Santa Rita de Araçuaí<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Ver em < [https://youtu.be/ UaZ6NbbQ9o](https://youtu.be/UaZ6NbbQ9o) >



*O sol já estava baixo, mas o dia ainda estava claro. Depois de uma exaustiva jornada uma mulher e sua filha retornam da feira de Chapada após vender toda produção de sabões de mamona. Na descida do morro já é possível avistar o Araçuaí com todo seu esplendor; e ao fundo a comunidade de Santa Rita. Já estavam quase chegando em casa, agora faltava atravessar o rio de canoa...  
“Apega com Deus e Santa Rita que vai dar tudo certo”, pensou consigo, e seguiram confiando no divino e nas mãos do canoeiro...  
Em pouco tempo estavam do outro lado, pagaram o porto e agradeceram a travessia....*

**Figura 10 - Fotografia da comunidade sede do Distrito de Santa Rita do Araçuaí**



Fonte: Acervo do autor.

Oficialmente a formação da comunidade sede do Distrito de Santa Rita do Araçuaí (Figura 3) está diretamente relacionada a chegada do senhor Teófilo da Veiga (Figura 4), com sua família e agregados, às margens do Rio Araçuaí, onde encontraram um ponto estratégico para o estabelecimento de uma fazenda e um comércio, visto ser local de passagem constante de quem precisava atravessar o rio para ir até a sede de Chapada.

**Figura 11 - Ilustração produzida pelo autor representando Teófilo da Veiga, o fundador da comunidade de Santa Rita do Araçuaí.**



Fonte: Acervo do autor.

A data exata da chegada de Teófilo é incerta, mas é fato que assim que chegou Teófilo já deu início a uma série de obras, recrutando muitos trabalhadores das redondezas para a construção de sua casa de morada, uma casa paroquial, um cômodo para comércio e uma igreja. Esse movimento iniciado por Teófilo chamou a atenção de muitas pessoas da região que acabaram sendo atraídas para os entornos do terreno deste senhor.

Diz-se que na ocasião da chegada de Teófilo já existiam alguns moradores espalhados por essas terras, sendo a família Chagas e a família Botelho, consideradas as primeiras a habitarem essa região, porém estes viviam dispersos, sem conformar uma comunidade de fato e, portanto, teriam sido os esforços de Teófilo que condiziram ao processo de organização de um núcleo comunitário. Assim nos é contado por Dona Neném:

Aqui [em Santa Rita] já diferenciou muito, aqui era uma buracada, se chovia a enxurrada fazia erosão nessa rua toda, já tinha pracinha, mas não era arrumadinha com nada não, era muito desarranjado, mas já tinha a pracinha, já tinha umas casas né, mas aqui já diferenciou bastante de quando eu era nova, já acabou muitas casas mesmo, aqui ainda existe da fundação, a primeira casa, a igreja de Santa Rita, depois a casa de Teófilo, depois Janjão, depois a de meu pai, depois onde morou meu tio que era lá na ponta da rua e aí foi crescendo, tinha uma família que era a família Chagas, que foram os primeiros habitantes de Santa Rita, os primeiros habitantes de Santa Rita foram os Chagas e os Botelhos, que é a família do pai de Chato, que já tava aqui quando Teófilo chegou né... (Dona Neném, Santa Rita de Araçuaí)

Ainda sobre estas famílias que supostamente foram as primeiras a habitarem este território, Dona Neném nos explica que os Chagas eram uma família de negros que viviam da lavoura e faiscação de ouro nas margens do Araçuaí, enquanto os Botelhos eram brancos, porém de pele morena, talvez por alguma mestiçagem com indígenas ou com os negros, e estes últimos dominavam a travessia do Araçuaí com a canoa. Conforme nos revela Dona Neném há um fato obscuro na origem de Santa Rita que acabou sendo esquecido com o tempo, algo que assinala que Teófilo talvez não fosse tão bondoso assim, apontando que, no fundo, a origem da comunidade de Santa Rita se deu em cima da exploração de negros que ali viviam antes da chegada do fundador do distrito:

Teófilo assim que chegou comprou essas terras nas mãos deles [da família Chagas], mas ele comprou na verdade foi um pedacinho, o resto ele foi grilando e tomando posse aos poucos, aqui na região essas terras foram todas invadidas, e os Chagas eram pobrezinhos analfabetos, viviam do que plantavam e do ouro que tiravam do rio, era uma gente muito simples, então Teófilo se aproveitou né (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

Mas retornando ao trecho anterior, Dona Neném nos sinaliza logo de cara a transformação na infraestrutura da comunidade, denunciando que a praça era simples e que as ruas de antigamente eram esburacadas, sendo que nas chuvas os moradores sofriam com as erosões provocadas pelas enxurradas, algo que, apesar de ter melhorado muito, ainda é observado nos dias de hoje, pois mesmo com manilhas e com o calçamento o próprio relevo acidentado dos terrenos que fazem parte da comunidade acabam por colaborar naturalmente com a formação destes pontos de escoamento que provocam (ou agravam) erosões. A narradora nos revela ainda que no intervalo de sua vida viu Santa Rita crescer, e recorda de um tempo em que existiam poucas casas na comunidade, podendo contar nos dedos as construções do distrito, e enumera as casas que permaneceram de pé deste os tempos da fundação da comunidade. É interessante ainda pontuar que neste trecho Dona Neném já chama a atenção para a chegada de outro importante personagem para o desenvolvimento da comunidade de Santa Rita do Araçuaí, o fazendeiro Janjão, que também teria sido atraído para a região pelo movimento iniciado por Teófilo.

Quanto as origens de ambos personagens, de acordo com Mestre Chato e Dona Neném, Teófilo da Veiga seria originalmente de Itinga (MG), tendo posteriormente se estabelecido no centro de Chapada do Norte e, segundo a versão propagada por Mestre Chato, este teria deixado a sede municipal após desavenças políticas, ficando tão injuriado com tal

situação que acabou pegando sua família e migrando para outra região. Enquanto, por outro lado, Janjão seria originário do povoado de Batieiro, tendo se mudado para Santa Rita justamente após presenciar os investimentos promovidos por Teófilo.

Mas fato é que em pouco tempo, com os esforços de Teófilo e Janjão, Santa Rita prosperou e logo se tornou uma das principais paradas da região, sendo ponto obrigatório para tropeiros e viajantes que passavam por esses caminhos. Assim Dona Nazareth nos explica que muito antes de Boa Vista iniciar seu desenvolvimento Santa Rita já estava consolidada como um importante centro comercial da região:

Santa Rita naquela época [por volta de 1939] já era mais desenvolvido também, já tinha aquelas vendas né que podia fornecer as coisas pro povo, então o pessoal desse lado aqui ia muito pra lá... Eu sei que Santa Rita começou a vender essas coisas de venda mesmo bem primeiro que aqui. Santa Rita e Leme do Prado, aqui comércio daqui foi em 71 por aí, foi porque Canhoto quando fez a casa dele já pôs a vendinha dele, e Joaquim de Donana também, que mudou e já pôs uma vendinha dele pra ele vender... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)

Com relação as origens dos agregados que vieram na companhia de Teófilo, temos uma pista no relato de Dona Neném, que recupera um pouco da história de sua família em sua narrativa, recorrendo a objetos de memória, acontecimentos e personagens do passado que ajudam a entender a relação de colonização deste território. Especificamente quanto aos objetos de memória mencionados pela narradora, fica nítido, assim como pontuado por Nery et al (2015), a existência de interfaces entre objetos, memória e identidades. Neném nos explica que:

Meu bisavô tinha uma farda de capitão, de capitão da guarda, e tinha uma espada, era uma roupa assim meia... Era azul escura, um conjunto de calça e paletó, e tinha o chapéu, mas não é chapéu que fala o nome, como é que fala? Que põe na cabeça, não é chapéu, mas é um negócio assim, que eles punha na cabeça... Na festa do Rosário de Chapada eles ainda usa esse troço ainda [o chapéu], ainda usa... Porque o mastro do Rosário de Chapada foi fundado por eles... Pelo meu avô Miranda, Domingos... Foi meu bisavô, pai de Domingos que veio de Portugal, José de Freitas Miranda, ele trabalhava na guarda nacional, meu avô era Domingos, o filho dele... Tinha o Seu Vitu também, ele também era guarda de Dom Pedro aqui na região, Vitu Sabino, ele também era guarda, tinha meu bisavô e seu Vitu que eu lembro, não sei se tinha mais não, Seu Vitu deve que tinha essa farda também, eu não cheguei a ver não, esse Seu Vitu morava pra lá, pro lado de Antônio Jorge por ali, onde tem Antonio Jorge foi dele, a fazenda dele era lá onde hoje mora Antonio Jorge, morava ali, a fazenda era ali... Deve que tinha muita coisa e jogou tudo fora né, jogaram tudo fora, a Jovita Gomes, que era filha dele, tinha muita coisa, a herdeira legítima dele, eu acho que ela era a mais velha, era duas, Carolina e Jovita. Era duas filhas, agora não sei se ele tinha algum filho homem, se tinha eu não cheguei a conhecer não, mas no tempo mais antigo essa parte aqui pro lado de cá do Araçuaí quem dava as ordens era o tal do Seu Vitu, ele era um

dos mais poderosos naquele tempo, mas isso é do tempo do meu bisavô é coisa antigória... Essa história foi contada por meu pai, ele me contou... O Seu Vitu Sabino e meu bisavô eram da mesma época, ele era pai de Jovita Gomes e Carolina, eu conheci a Jovita ela já era bem velha e eu tava ainda menina, mas já tava entendendo as coisas, devia ter na base de uns 10 a quinze anos por aí, ela vinha muito no meu pai, ela já era uma mulher velha, eu me lembro que ela tinha um formal de partilha da herança dos Sabinos, esse formal de partilha ela deu meu pai pra ele guardar para ela, meu pai tinha ele, eu cheguei a ler, mas invés deu guardar eu não guardei não, e eu não sei o que eles fez com esses trem não, eu só sei que meu pai tinha esse formal de partilha. Meu pai era juiz de paz, ele mexia muito com essas coisas por aqui, então ela deu esse documento pra ele e eu cheguei ver, eu vi os escravos que ela herdou né, que ele [Vitor Sabino, pai de Jovita] era dono, senhor de escravos, então no inventário dele tinha acho que escravos herdados pela filha Jovita, ela herdou escravos, eu acho que em Minas Novas ainda deve achar isso, esse documento de Vitor Sabino, que ele deve que era um dos mais antigos moradores aqui da região, muito antigo, ele era dono desse mundo todo aí, essa terra toda daqui até lá era dele, foi bem depois que Teófilo da Veiga veio, fundou o povoado de Santa Rita, e ele tinha intimidade com o Seu Vitor... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

Com isso percebemos que Neném recupera em sua narrativa a origem de sua família, supostamente portuguesa, que teria vindo parar na região possivelmente nas antigas expedições dos bandeirantes na ocasião da interiorização do projeto colonial. Segundo Neném seu bisavô, José de Freitas Miranda teria sido o ancestral da família Miranda que veio de Portugal para o Brasil como membro da guarda real; e seu avô, Domingos, filho de José Miranda, já residente de Chapada do Norte teria ajudado na fundação do mastro a cavalo da festa de Nossa Senhora do Rosário. Sobre a memória de seu bisavô Neném recorda alguns objetos que por muito tempo foram símbolos dessa história de família, incluindo a farda da guarda real, com um chapéu e uma espada que acabaram se perdendo com o tempo, emprestados ou levados por membros da família que se mudaram para São Paulo. E com isso tais resquícios da herança familiar dos Mirandas acabaram dispersos e apartados daqueles que poderiam ter suas memórias ativadas por tais artefatos, como a própria Dona Neném, talvez uma das poucas a conhecer os detalhes da história por tras desses itens.

Mas não somente os objetos de seu bisavô foram recordados nesse processo narrativo, também outros personagens foram lembrados, incluindo um poderoso fazendeiro que teria dominado boa parte da região correspondente aos atuais distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista em tempos passados, o senhor Vitu Sabino. Tal personagem chegou a ser mencionado anteriormente por moradores locais como um importante fazendeiro, dono de muitos escravos, mas que também oferecia serviço a muitos dos antepassados das comunidades (CAMARGO,

2017). A memória de Seu Vitu Sabino foi observada em narrativas de moradores das três comunidades principais dos distritos envolvidos na pesquisa, sendo exclusividade de narradores mais velhos que se remetem a memórias herdadas de seus pais ou avós, ou seja, possivelmente tal personagem teria sido um dos primeiros homens brancos a exercerem domínio sobre a região. Conforme explica Dona Neném “[...] isso é do tempo do meu bisavô é coisa antigória... Essa história foi contada por meu pai, ele me contou... O Seu Vitu Sabino e meu bisavô eram da mesma época [...]”.

Mas apesar de Seu Vitu estar temporalmente muito distante de Neném esta reconhece sua história a partir de personagens mais recentes, suas filhas, Jovita e Carolina, que teriam recorrido ao pai da narradora - o senhor Zé de Calu que atuava como um juiz de paz da região – a fim de resolver uma disputa pela herança dos bens deixados por seu pai. Segundo Neném seu pai teria tido acesso aos documentos destas senhoras, que Neném teria visto pessoalmente quando tinha por volta de dez a quinze anos de idade (ou seja, aproximadamente setenta anos atrás), destacando ainda que nesta época a filha de Seu Vitu já era uma mulher de idade avançada – o que novamente nos aponta que a região talvez já fosse ocupada há mais tempo do que se imaginava.

Ainda sobre tal trecho da narrativa de Neném, cabe ressaltar uma polêmica contida na alegação da narradora sobre uma suposta origem branca do mastro da festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, assumindo que seu avô teria tido um papel de destaque na fundação da tradição do mastro a cavalo; assim como esta destaca que a farda de guarda de seu bisavô teria se perdido justamente em função de sua família ter emprestado tal vestimenta para a festa. Sobre tal alegação, apesar de não encontrar respaldo nos livros de tombos do IEPHA (2014a, 2014b), encontramos menção a tal fato na dissertação de mestrado da professora Liliana Porto (1997) que afirma, em uma nota de rodapé que “[v]ários habitantes de Chapada atribuem a origem do Mastro a Santa Rita, mas essa interpretação não se sustenta, e não consegui perceber se possui algum sentido especial” (p. 168), e ainda destaca que chegou a existir outra festa em Chapada do Norte com mastro a cavalo que era dedicada ao Divino Espírito Santo, e que era uma festividade dominada por brancos; enquanto, por outro lado, a autora ainda pontua que por dois anos chegou a existir uma festa em Santa Rita com mastro dedicado a padroeira da comunidade, porém que tal tradição teria se perdido com o tempo (PORTO, 1997).

Para além dos limites das memórias dos narradores, encontramos em Santa Rita resquícios arqueológicos que remontam a um período muito anterior a chegada de Teófilo e seus agregados, e talvez antes mesmo dos Chagas e dos Botelhos. A estrutura conhecida como calçada de pedras dos escravos, um enorme paredão de pedra que de acordo com os moradores teria sido construído no tempo da escravidão para desviar o curso do Araçuaí, formando uma praia artificial onde tais sujeitos seriam capazes de garimpar o ouro. Assim, Dona Neném conjectura se tal estrutura teria alguma relação com os escravos do senhor Vitor Sabino, que supostamente teria sido um dos grandes fazendeiros desta região nos períodos mais longinquos:

Esse tal Seu Vitu era o mais poderoso daquele tempo, eu não sei se essa calçada de pedra foi feita pelos escravos dele, mas deve ter sido, uma senhora mãe de João de [nome incompreensível] me contou que ele era o que tinha mais escravos naquela época, o que tinha mais escravos... Eu cheguei a conhecer uma pessoa que trabalhou pra ele que os pais foram escravos, mas que ela já nasceu no ventre livre, cê entende né? Aquela lei que os filhos que nascessem a partir daquela lei já não era mais escravo, então muita gente era descendente de escravos, mas já não era escravo porque nasceu no ventre livre. Eu conheci um tal de Jerônimo lá na Boa Vista, uma velha aí do Brejo também que os pais deles foram escravos, mas que eles não chegaram a ser escravos porque nasceram depois do ventre livre, depois teve a lei dos sexagenários né e aí foi libertando até que veio a abolição... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

Aqui Dona Neném relembra algumas passagens da história da escravidão em Chapada, destacando que o tal Seu Vitu teria sido um dos maiores senhores de escravos da região, e que Dona Neném teria conhecido uma pessoa que chegou a trabalhar para este senhor, e cujos pais haviam sido escravos do mesmo. Dona Neném comenta o período histórico da escravidão, relatando os diferentes dispositivos legais que resultaram na liberação dos escravos no Brasil, incluindo a lei dos sexagenários, a lei áurea e a lei do ventre livre.

Quanto aos resquícios arqueológicos mencionados pela Narradora, encontramos, justamente, antigas marcas das relações estabelecidas entre seres humanos e a natureza, no sentido de transformar radicalmente as paisagens em nome dos interesses destes sujeitos. Assim nos remetemos ao primeiro ciclo de desenvolvimento regional do Jequitinhonha: o período do ciclo do ouro e das pedras preciosas. Com isso a calçada de pedra de Santa Rita se revela como um vestígio das lutas travadas contra a força do Araçuaí, em busca do ouro do leito do rio. Sobre tal estrutura Dona Alzira (Figura 5), cuja casa se encontra próxima a um trecho da calçada que ainda se mantém de pé, afirma que, de acordo com as histórias que lhe foram contadas por

seu pai, se trata de uma construção dos escravos e destaca a conexão desta antiga obra com lendas do imaginário popular, mencionando a temida cobra gigante do Araçuaí<sup>41</sup> e caboclinhos d'água que estariam relacionados a história deste rio:

Essa calçada de pedra todavida teve aí, eu lembro de pequena eu já ver essa calçada, hoje desmanchou muito né... A calçada de pedra dos escravos eu não sei te explicar direito.... Eu não sei.... Eu só sei que meu pai falava com nós que era os escravos que faziam a calçada pra tirar ouro, mas eu mesma não sei contar essa história. Aqui eu já ouvi falar que tem uma cobra bem grande nesse rio, mas eu mesma nunca vi, mas uai eu já ouvi falar que eles [os escravos] fez um cercado, a calçada né, pra achar ouro e o rio tomou né, e o sucuruíú entrou dentro do tacho que eles tava pondo o ouro e afundou na pinguela junto do ouro, lá perto duma pinguela que tem aí, mas eu graças a Deus nunca vi sucuruíú nesse rio, mas assim os mais velhos contava né... Igual essas histórias que o povo falava de caboclinho d'água essas coisas, eu vejo falar... Eu vejo falar que eles, os caboclinhos, eles tem é um olho só no mei da testa, e mais disso aí eu não sei, até aí que eu sei, mas isso quem contava era as pessoas mais velhas, os antigos... De primeiro o povo falava essas coisas, punham medo nas crianças, mas eu mesma quando ia na beira do rio ficava assuntano pra ver se não topava com esses trem do outro mundo, Deus me livre [risos]... Eu nunca vi nada estranho nesse rio, graças a Deus. Mas eu não pesco não, eu já estou de idade, então não sou de ficar indo tanto em beira de rio não, não facilito... (Dona Alzira, Santa Rita do Araçuaí)

**Figura 12 - Fotografia de Dona Alzira apontando para trecho da estrutura da calçada de pedra dos escravos**



Fonte: Acervo pessoal do autor.

<sup>41</sup> Camargo (2017) destacou o potencial desta lenda para pensar discussões e ações contextualizadas para uma Educação Ambiental atenta a dimensão histórica, ambiental e cultural das comunidades.



A lenda citada por Dona Alzira dá conta justamente de que uma parte do tesouro tirado pelos escravos do leito do rio teria sido arrastado por uma enchente e levado até o ponto da pinguela, onde a tal cobra da lenda ficaria protegendo tal tacho de ouro. Trata-se de uma história muito comum entre as antigas gerações e que, como pontuou Dona Alzira, teria assombrado muitas crianças no seu tempo.

Já Dona Neném, fazendo referencia a calçada de pedra enfatiza a finalidade e o tamanho da estrutura, asseverando que:

A calçada de pedra ela começava aqui em cima no poção ali pra cima da ponte e ia parar lá embaixo, aí eles falava que aquela calçada foi feita pelos escravos virando o rio pra tirar o ouro, que pra faiscar o ouro eles virou o rio, que pra virar o rio pro lado de cá, ou pro lado de lá, sei lá, eles teve que fazer essa calçada de pedra até lá embaixo e virou o rio... Aí o povo mais velho contava que um abusou, que falou, o senhor abusou “ô Deus queira ou não queira aqui nós vamos tirar ouro!” aí veio uma enchente e derrubou tudo, e diz que tinha um tacho de ouro, contam dum tacho de ouro né que tá lá no fundo da pinguela e que ninguém achou, mas Juarez já mergulhou lá e não achou esse tacho de ouro, deve que o rio levou né, deve ter levado... Mas essa calçada de pedra foi feita pelos escravos, os mais velhos daqui tudo contava, essa calçada de pedra eu cheguei a conhecer, ela era mais ou menos dessa altura aqui dessa parede, mas era bem comprida, ela começava aqui pra cima da ponte aqui, não tem o córrego que desce? Ela começava dali e ia até lá embaixo.... Que que o povo fazia? Janjão mesmo pra fazer aquela casa dele tirou pedra de lá, pra fazer alicerce de casa, então o povo foi desmanchando a calçada de pedra e pegando as pedras pra fazer alicerce de casa, aqui tem muita casa que é feita com os restos de lá, povo desmanchou a calçada toda pra tirar as pedras pra fazer alicerce... De primeiro esse rio tinha muitas praias, tinha umas praias muito bonitas, ali em cima mesmo tinha uma praia da areia branquinha, era linda, hoje não sobrou nada, hoje eles plantou um capim que tomou conta, cê não vê mais as praias, eles plantou esses capim pra criar animal e tomou conta de tudo, mas antes era lindo demais, cê chegava assim e via aquele monte de areia bonita, nós ia pra lá nadar, nadava muito, rolava na areia, era gostoso demais, eu brincava muito nos areião, eu ia desde que fiquei grandinha e já tava aprendendo a nadar, era muito bonito... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

Assim Dona Neném já salienta o processo de destruição desta edificação, que segundo a mesma vem sendo desmontada pela própria comunidade que se aproveita das pedras que a compõe para a construção civil, empregando esses pedaços da calçada de pedra na construção de muros, paredes, alicerces etc. Neném denuncia que até mesmo Janjão, uma das antigas lideranças da comunidade, chegou a usar um grande número de pedras da calçada dos escravos para erguer o alicerce de sua casa – reforçando que a comunidade não tem compreensão do valor histórico-cultural deste patrimônio arqueológico, e que, portanto, seria importante algum

tipo de investigação atrelada a uma proposta de educação patrimonial atenta a essas especificidades, afim de auxiliar no processo de valorização deste sítio que pode vir a elucidar não apenas a história da mineração no Vale do Araçuaí, como também detalhes a respeito do período da escravidão, e dos processos de colonização deste território.

Sobre a mineração na região, Juarez explica que tal prática sempre foi realizada de maneira artesanal, com o uso de instrumentos como a bateia, a enxada e a lebanca, sendo uma atividade sem distinção de gênero, que era amplamente difundida em meio aos moradores das beiras de rios e córregos das redondezas.

Aqui o garimpo sempre foi mais de bateia mesmo, uns homem e umas mulher com uma bateia e umas gamela na cabeça, uma enxadinha e uma lebanca revirando a areia, cutucando nessas beira de rio, virando cristal e lavando né, pra poder achar ourinho pra estocar... Eu mesmo quando eu comecei foi na técnica de mergulhar com draga. Com a água limpa dava pra enxergar embaixo d'água, com a água suja não se enxerga nada, com a água limpa ocê vê lá no fundo da água, parece que a lente da máscara ela clareia até mais bonito, aí cê vê a luz do sol e o ouro lá no fundo brilhando... Os antigos já revirou muito essas beirada de rios, eles reviravam tudo, esses bandeirantes mesmo já reviravam tudo isso... Essa coisa de usar mercúrio também usava, era pessoal de fora, aí algumas pessoas daqui descobriu e foi lá e falou com eles que ia denunciar, daí eles diminuiu, mas eles tava jogando mercúrio nesse rio aí, mas era gente de fora, aqui ninguém mexe com isso não, um veneno perigoso daquele... (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)

Juarez ainda revela que teria sido o primeiro na região a inovar empregando uma nova técnica para o garimpo no Rio Araçuaí, adotando o mergulho com draga. Com isso Juarez acabou adquirindo a fama de ser um dos melhores nadadores e mergulhadores de toda a redondeza, sendo até hoje respeitado por seu fôlego e força sob as águas. Em sua fala o narrador assume que o garimpo na região vem desde a chegada dos bandeirantes, que segundo o mesmo já teriam revirado o rio em busca de riquezas; e destacou que o uso de mercúrio na região chegou a ocorrer por algum tempo, mas que era realizado por garimpeiros de fora, que foram denunciados e com isso tal prática acabou coibida.

Quanto ao nome da comunidade, Mestre Chato nos revela que o mesmo passou por uma série de modificações ao longo do tempo, partindo de um nome que originalmente exprimia características desta paisagem, quer dizer, esses terrenos compreendiam uma área de “vargem”, ou seja, vales localizados nas beiras de rios; passando posteriormente para um nome que simbolizava a fé e religiosidade destes primeiros ocupantes, com destaque a devoção à

Santa Rita e à proximidade do Araçuaí – algo que teria ocorrido na ocasião da construção da primeira igreja dedicada a tal santa:

Santa Rita já teve muitos nomes, de primeiro aqui chamava era Vargem, o nome Santa Rita veio foi depois que chegou a tal da Santa Rita que antes ficava na igreja velha e que hoje tá nessa igreja daí, foi depois que chegou essa santa que mudou o nome e passou pra Santa Rita dos Impossíveis, isso [de impossíveis] era porque na história o marido de Santa Rita não prestava né, mas como eu tava falando procê primeiro mesmo aqui chamava Vargem, depois Santa Rita dos Impossíveis e depois que emancipou aí virou Santa Rita do Araçuaí (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

### 9.3. Distrito de Cachoeira do Norte



*Bendito e louvado seja  
No céu a divina luz  
E nós também cai na terra  
Louvemos a Santa Cruz  
E nós também cai na terra  
Louvemos a Santa Cruz*

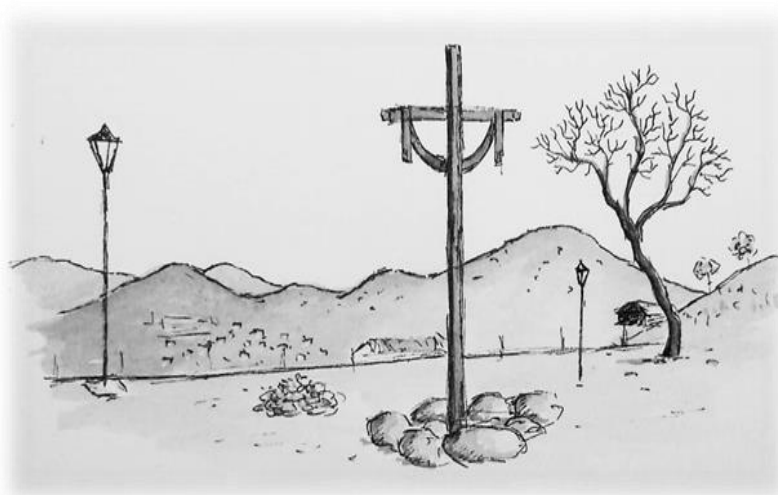
*Aqui bem estamos vendo  
Brilhar uma clara luz  
É que do céu estão caindo  
Reflexos da Santa Cruz  
É que do céu estão caindo  
Reflexos da Santa Cruz*



*Bendito e louvado seja  
No céu a divina luz  
E nós também cai na terra  
Louvemos a Santa Cruz  
E nós também cai na terra  
Louvemos a Santa Cruz*

*Os anjos no céu contente  
Louvando o Senhor Jesus  
E nós cantamos na terra  
Louvores a Santa Cruz  
E nós cantamos na terra  
Louvores a Santa Cruz*

*No mais alto do calvário  
Morreu nosso bom Jesus*



*Deixou escrito me mora  
 O santo e sinal da cruz  
 Deixou escrito me mora  
 O Santo Sinal da Cruz*

*Bendito e louvado seja  
 No céu a divina luz  
 E nós também cai na terra  
 Louvemos a Santa Cruz  
 E nós também cai na terra  
 Louvemos a Santa Cruz*

Cântico à Santa Cruz, canto tradicional da festa de Santa Cruz de Cachoeira do Norte - festa da padroeira da comunidade.

*De longe era possível avistar pequenas luzes bruxuleantes. Já era tarde quando um grupo de foliões retornava de um pouso no Córrego Seco. Aos poucos foram se aproximando da entrada da comunidade, seguindo numa procissão vagarosa, desviando de poças, caminhando cuidadosamente em meio a fina chuva que caía como uma lembrança de que a terra tem sede. Ainda encontraram algumas casas de portas abertas aguardando as bênçãos de Santos Reis. Percorridos alguns metros escutaram ao longe o barulho da cachoeira.*

*Estavam em casa...*

**Figura 13 - Fotografia da comunidade sede do Distrito de Santa Rita do Araçuai**



Fonte: Acervo do autor.

A ocupação do território que hoje corresponde ao centro do Distrito de Cachoeira (Figura 6) do Norte se deu em algum momento do início do século XX, com a chegada do senhor que ficou conhecido como “Felipe da Cachoeira”, com sua esposa Rosena e seus descendentes. Felipe e sua família viviam da lavoura em um pequeno sítio que ficava próximo a uma queda d’água que acabou dando nome ao lugar (Figura 7), assim como em função disso Felipe recebeu a alcunha de “Felipe da Cachoeira”. Assim, quanto ao nome da comunidade é Mestre Chato que nos explica que:

Cachoeira sempre chamou Cachoeira. Primeiro chamava Cachoeira só, depois virou Fazenda Cachoeira, depois passou pra Santa Cruz da Cachoeira, que até é padroeira de lá né, Santa Cruz, e depois que emancipou passou a chamar Cachoeira do Norte... Mas esse nome é por causa da Cachoeira que tem lá, que hoje cê só vê no tempo da chuva, mas antes era comum ela correr, daí virou nome do lugar e tudo né... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

**Figura 14 - Fotografia da cachoeira da comunidade de Cachoeira do Norte**



Fonte: autor desconhecido.

Assim, a própria fala de Chato já nos denuncia que a Cachoeira que deu nome a comunidade atualmente já não corre como corria antes, fato que marca a transformação ambiental da região e acompanha o agravamento da crise hídrica e as transformações da paisagem. O nome da comunidade, por sinal reflete aspectos da geografia e da paisagem, visto que não apenas faz referencia a queda d’água, mas também ao fato de se localizar ao norte do município (especificamente na porção noroeste). Como mencionado anteriormente a utilização de elementos naturais da paisagem como base para a escolha dos nomes dos lugares é uma característica comum nas toponímias do Jequitinhonha (SEABRA, 2010).

Apesar de ter sido o primeiro habitante da região, Felipe não é reconhecido como fundador da comunidade, pois, assim como ocorre com os casos de outras comunidades da região, tal sujeito apenas vivia isoladamente com sua família neste terreno, de modo que não participou dos esforços empreendidos para organizar e criar as condições para atrair mais pessoas para as proximidades de modo a consolidar um núcleo comunitário. Sobre este processo de origem da comunidade de Cachoeira, Mestre Chato nos conta que:

A história da Cachoeira, quem era dono da Cachoeira o homem chamava Felipe. Janjão comprou a Cachoeira na mão de Felipe, ele comprou ela dando uma metade de dinheiro e uma metade pagado com mantimento. Esse Felipe resolveu ir embora porque a idade foi chegando, e Janjão acabou comprando a fazenda na mão dele. Janjão era muito trabalhador, não tinha medo de serviço mesmo, então viu falar num homem que tinha aqui que começou a vida e morreu bem de vida foi Janjão, mas porque ele trabalhou, ele não tinha esse negócio de por camarada pra trabalhar só, ele pegava junto, e era imprudente também, era bruto e sistemado, quem não tivesse paciência não trabalhava pra ele não, que ele exigia que todo mundo fizesse o serviço igual ele fazia... Procê ter ideia, quando dava a seca braba ele molhava até, plantava as cana e ele molhava as cova de cana, ele e a mulher dele, molhava com cuia! Levando cuia na água, aquelas cuia cheia de água pra molhar as covas, ele era muito trabalhador... Ele comprou essa fazenda na mão de Felipe, eu vou falar procê quem foi que foi comprando, ele [Janjão] comprou na mão de Felipe e morou lá por muito tempo. Quando Teófilo da Veiga começou a fazer movimento [em Santa Rita], depois que o rio levou a igreja aqui, a primeira igreja pra lá do córrego, que ele construiu aquele cemitério, a o salão paroquial, a igreja a casa de morada, daí Janjão teve aqui e se interessou em mudar praqui, daí ele comprou essa Fazenda da Estiva aí, que dava pra ele criar o gado dele também, que ele tinha um gado bem aumentado, e tinha a tropa. Então ele comprou essa fazenda, aí mandou fazer essa casa aí e fez esse curral, que tá aí até hoje, e quem fez esse curral pra ele foi Luis Quiabo, um carpinteiro muito bom, tá aí até hoje, que na época ele achou que aqui não ia aumentar né, mas no fim hoje esse curral aí é só pros filhos dele criar galinha, porque hoje não tá podendo mais criar nada aqui dentro né... Mas sobre a Cachoeira aí depois de Janjão, essa Fazenda Cachoeira depois de Janjão foi de Zé de Miranda, Zé de Miranda morou lá muito tempo, aí ele cismou de mudar pra lá do rio, lá ó, eu era menino e lembro quando ele fez aquele casarão; depois que teve João Jorge, que ele comprou lá, e lá ficou Vicente Jorge, filho de João Jorge, mas o movimento de Cachoeira mais quem tocou foi Vicente Jorge, ele já era mais novo, João Jorge já era velho, ele era um carpinteiro do bom, ele fez a canoa igual eu contei procê, João Jorge empreitou a canoa... Mas então depois que Janjão mudou praqui João Jorge moeu cana lá muito tempo, mas quando eu vim de São Paulo, em 1975, Cachoeira mal tinha casa, em 1975, eu vim a pé a noite e tinha umas luzinhas longes, cê via umas luzinhas acesa, ali tinha Elvídeo cá no Correguinho cá embaixo, o Correguinho ali era de meu Padrinho Elvídeo, os Figueiredo, aí foi formando um grupo e aí foi movimentando, mas nessa época aqui já era Santa Rita, Santa Rita é a comunidade mais antiga dessas bandas, que formou comunidade mesmo... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

Deste modo o relato de Chato nos aponta que essas terras passaram por muitas mãos até que se tornassem propriedade de Vicente Jorge, que é considerado o fundador oficial da comunidade. Vicente Jorge, pai da narradora Dona Ritinha, era um pequeno proprietário de terra, que originalmente vivia na comunidade de Tabatinga e que acabou adquirindo o terreno que hoje corresponde ao centro do distrito comprando-o das mãos de Zé Miranda, que por sua vez havia comprado de Janjão, e que por sua vez teria comprado do que supostamente teria sido o primeiro morador desta região: o senhor conhecido como Felipe da Cachoeira, que depois de vender suas terras para Janjão Machado (sogro de Chato) mudou-se e jamais retornou<sup>42</sup>. Assim, Chato nos revela os detalhes do que supostamente teria sido a origem da ocupação deste território, revelando inclusive as conexões entre o desenvolvimento de Cachoeira e de Santa Rita, e como os núcleos distritais cresceram, atraindo as populações dos córregos.

Quanto ao fundador da comunidade, Vicente Jorge, Chato explica que:

Ele não era rico, Vicente Jorge nunca foi fazendeiro grande, ele tinha uma terrinha, tinha uma moagem de cana pra fazer pinga, mas fazendeiro mesmo é o que cê vê aí hoje, de ter cabeças de gado pra perder de vista, naquele tempo mesmo o mais remediado era pobre, ele tinha pra viver, às vezes dava um serviço prum camarada, mas não era fazendeiro grande não... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuai).

Vamos então para a narrativa de Dona Ritinha, que partilha suas lembranças a respeito da história da comunidade:

A história aqui de Cachoeira eu lembro bem.... Quando foi fundado aqui só tinha a casa do meu pai, aqui onde ocê enxergar era tudo do meu pai, era uma fazendona aqui... Aí depois meus irmãos foi casando e foi fazendo casa... Aí fez uma casa onde eu morei muito tempo, aquela outra ali onde João Gregório mora, então pai depois que fez a casa dele, primeiro ele morava lá na Tabatinga, daí ele mudou pra cá e os meninos cresceram e daí que pegou a fazer casa... Depois então ele assentou o cruzeiro né, e esse cruzeiro foi o que formou a comunidade. Aí depois eles morreram e nós continuamos fazendo as festas, todo dia três de maio aí fazia a festa... E era muito bonito, a gente achava bonito né, porque naquele tempo não tinha outra coisa pra gente achar engraçado, eles iam batendo facão, passava o facão por debaixo das pernas, por cima da cabeça e ia levando a bandeira né, e o povo da frente dançando e voltando atrás e cantando até chegar lá no cruzeiro... Aí tinha a mesa de leilão, o povo levava coisa pra vender, era queijo, requeijão, laranja e vendia tudo naquele tempo, hoje se ocê por uma barraquinha e pôr queijo e requeijão nela ninguém quer comprar lasca de requeijão mais... Naquele tempo o povo via ficava com vontade de comprar e nem podia comprar, só comprava quem tinha um pouco mais de dinheiro.. Nós mesmo foi criado sem pai nem mãe, nós ia

---

<sup>42</sup> Em algumas versões este teria migrado para a Zona da Mata Mineira e em outras para o Paraná.



em festa em Santa Rita, Leme do Prado, nós almoçava lá em casa e ia lá e voltava... A gente via as coisas vendendo, mas também não pedia, porque nós sabia que eles não tinha dinheiro para dar a gente, então não é igual hoje que um menino pede uma coisa e se a mãe falar que não tem dinheiro eles insiste “nossa, tem, compra, a senhora compra fiado, depois paga”, mas naquele tempo não, se falasse com nós “ó, cês chegar lá cês almoçam bem almoçado porque eu não vou ter dinheiro procês comprar nada lá”, então a gente nem pedia nada não, a gente já sabia né, aí a gente ia e voltava pra jantar em casa né... Mas a comida nunca faltou... Pra nós naquela época não faltou não, pra nós pelo menos não faltava o arroz, o feijão, um molhozinho essas coisas a gente sempre tinha... (Dona Ritinha, Cachoeira do Norte)

A narrativa de Dona Ritinha - filha de Vicente Jorge e Dejanira, oficialmente reconhecido como o fundador da comunidade de Cachoeira do Norte - comporta algo que se repete nos relatos de narradores cachoeirenses: não há menção ao local exato em que se situava a casa de Felipe da Cachoeira, muitas vezes sendo mencionado apenas onde se localizavam as casas construídas a partir de Vicente Jorge. Com isso supomos que houve certo apagamento da memória de Felipe e seus familiares, sendo ainda importante ressaltar que, segundo funcionários da Escola Estadual Olídia Lemos de Oliveira, o reconhecimento de Felipe da Cachoeira como primeiro habitante, bem como a descoberta de que uma senhora de nome Naná Guedes teria sido a primeira professora a atuar nesta região - muito antes da chegada de Olídia Lemos (Figura 8), que por muito tempo foi considerada a primeira professora da comunidade – teria sido possível graças a um esforço da equipe escolar que realizou uma pesquisa com os moradores mais antigos da comunidade, afim de produzir um levantamento da história local através de narrativas dos moradores. Tal projeto conduzido pela equipe da escola da comunidade futuramente acabou servindo de base para o material que está disponibilizado atualmente no site As Minas Gerais<sup>43</sup>.

**Figura 15 - Ilustração produzida pelo autor da professora e liderança comunitária Olídia Lemos**

---

<sup>43</sup> Site As Minas Gerais com página dedicada a comunidade de Cachoeira do Norte – produzido a partir do material de pesquisa dos funcionários da Escola Estadual Olídia Lemos de Oliveira: <http://www.asminasgerais.com.br/?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=981&codConteudoAtual=9443>



Fonte: O Autor.

Cabe pontuar que no próprio site do As Minas Gerais é possível encontrar a autoria do documento original<sup>44</sup>, destacando como responsáveis: 1) pelo projeto a responsabilidade concernia a escola como um todo, envolvendo estudantes, professores e demais funcionários; 2) a parte de pesquisa ficou a cargo dos alunos de 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental<sup>45</sup>, além de professores, direção, serviços, auxiliares de secretaria e secretário – ou seja, um projeto que envolveu o quadro como um todo; 3) a parte de redação e digitação ficou sob os cuidados de Maria Aparecida Barbosa Dias, Maria da Conceição Aparecida Sousa e Kátia do Rosário Ferreira.

Assim, esta ação da escola de Cachoeira representou um importante exemplo no sentido de um esforço coletivo e participante em torno da pesquisa e preservação da memória local. Este tipo de projeto precisa ser reconhecido e valorizado, inclusive de modo a estimular sua disseminação em meio a outras comunidades, que ainda não colocaram em prática seus “desejos de memória”. Ademais, tais resultados obtidos pelos esforços da comunidade cachoeirense devem ser valorizados pelo poder público e pela própria população local como

---

<sup>44</sup> Página com referências e autorias do documento de pesquisa realizado pela escola Olívia Lemos de Oliverira. Ver <http://www.asminasgerais.com.br/?item=ARQUIVO&tipo=IMAGEM&codalbum=336&codArquivo=1767> em:

<sup>45</sup> Atualmente correspondendo as turmas de 2º a 9º ano do Ensino Fundamental.

uma importante medida para salvaguardar o patrimônio imaterial e a história oral da comunidade.

Dona Ritinha ainda chama atenção para outro importante elemento que marca a origem da comunidade, assinalando uma obra de seu pai que ajudou a impulsionar o desenvolvimento do distrito, lembrando que “[d]epois então ele assentou o cruzeiro né, e esse cruzeiro foi o que formou a comunidade.”. O cruzeiro de Cachoeira do Norte ao qual Ritinha faz referência possui uma grande importância simbólica: sendo considerado um marco para o início da comunidade; uma representação de Santa Cruz, a padroeira da comunidade; sendo também um local de memória na medida em que se constitua no palco de realização de uma série de eventos, tais como passagens da festa de Santa Cruz e as próprias penitências que eram realizadas antigamente para clamar por chuvas.

Atualmente o cruzeiro se encontra próximo a saída do distrito que segue na direção de Boa Vista e Leme do Prado, ao lado do cemitério da comunidade. Mas Dona Neném recorda que assim como era comum na região o local de assentamento do cruzeiro escolhido por Vicente Jorge não teria sido aleatório, tendo sido eleito, assim como em Boa Vista, no abrigo da sombra de um juazeiro – que assim como no distrito vizinho também já foi derrubado. Dona Neném (Santa Rita do Araçuaí) explica que “lá em Cachoeira quando Vicente Jorge assentou o cruzeiro lá que deu início ao culto de Santa Cruz ali onde tem o cemitério hoje de primeiro tinha um juazeiro bem bonito, hoje a gente não vê mais quase juazeiro aqui pela região, mas antes era muito comum, pra todo lugar tinha juazeiro...”.

Dona Nida, por sua vez, reforça que não foram apenas os juazeiros que desapareceram da paisagem da região, mas que muitas plantas que antes formavam uma mata fechada hoje são só recordação e destacando que as mudanças foram muitas:

Antes aqui era bem diferente, aí nos alto tinha uma mata fechada, escura mesmo, e ocê passava e escutava os barulho do córrego, tinha água vixi... Mas naquele tempo já tinha a seca também, a maioria desses córregos secava na época da seca e depois voltava com as águas, mas era bonito, era cheio de colônia margeando eles... Antigamente aqui nós trabalhava desde pequeno em roça, plantava milho, feijão, amendoim, algodão, mandioca e cana que fazia rapadura e açúcar. Nesse córrego da Cachoeira mesmo eu alembro que tinha até um moinho d'água que nós usava pra moer o milho e fazer farinha, mas aqui dava muito milho, vixi, e nós guardava nos girauzinho, nos sóti e a pinga e as rapadura os tropeiro levava pra trocar pelos produtos que nós tinha falta, pai mesmo liderava tropa de burro e ia carregado de rapadura... Mas antes aqui nós produzia praticamente de tudo, a terra era boa e tinha muita água, hoje que o povo tem mais dificuldade de plantar, mas eu alembro que mesmo naquela época as vezes a seca castigava, e mãe conta do tempo dos mucunã e da seca do

fubá... E alembro muito dos bailes, de acordar de noite e levar a vitrolinha para roubar engenho na casa dos outros, e nós dançava noite inteirinha, era bão vixi... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Ainda sobre mudanças observadas na paisagem e as relações que as pessoas estabelecem com elementos da biodiversidade, no trecho a seguir Dona Nida nos conta sobre um acontecimento que envolveu uma revolta na comunidade na ocasião em que uma árvore foi derrubada. Ela recorda que:

Aqui em Cachoeira a gente tinha um grande enfeite da comunidade que era um imbiruçu gigante que tinha naquele morro baná do córrego ondê que tem meu terreno.... Essa árvore era antigória, quando Menezes comprou o terreno ela já tava lá. Nossa menino, mas aquela árvore era a coisa mais linda, todo mundo que passava gavava ela, todo mundo comentava que ela era um ponto turístico da comunidade, todo mundo amava aquela árvore... João Gregório dizia que lembrava dela de tempos, da infância dele, as professoras às vezes levava as crianças pra passear na cachoeira e eles faziam piquenique lá embaixo daquela árvore, e a gente ouvia eles cantando daqui de casa, era a coisa mais linda... Aí um dia eu tava aqui em casa e começou uma algazarra e uma gritaria aqui na porta que eu fiquei sem entender nada, e o povo me xingando “ô Nida olha lá o que ocê fez!” e eu ficava “mas o que eu fiz minha gente? O que que eu fiz?” e todo mundo apontava pro morro e aquele barulho de serra, aí eu só dizia “mas não fui eu, eu não mandei fazer isso, não fui eu!”... O povo ficou muito sentido que cortaram aquela árvore... Cortaram a árvore porque tavam fazendo uma cerca da extrema com o nosso terreno, e aí ao invés de passar a cerca ao redor resolveram derrubar a árvore pra ganhar um palmo de terreno, mas aquilo foi uma coisa que deixou todo mundo muito sentido, o povo lamentou muito que cortaram aquela árvore, o povo tinha um amor naquela árvore porque ela realmente era bonita, se destacava assim, de longe cê via ela, era a coisa mais linda... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

O imbiruçu de Cachoeira, neste caso, é descrito como um elemento da paisagem que fazia parte do patrimônio cultural da comunidade, neste sentido tal árvore constituía uma referência para a comunidade, funcionava como um ponto de encontro e mesmo um atrativo turístico, como diziam alguns dos moradores. Assim, a beleza que uma única árvore conferia a paisagem, e as histórias que os sujeitos comunitários vivenciaram no entorno da mesma transmitiram a esta planta um apreço, que se converteu em revolta no momento em que tal árvore foi derrubada. Além disso, a memória em torno do uso de elementos da flora como pontos de referência ou pontos de ancoragem da memória revela a importância destas espécies para a cultura local.

Imbiruçu (*Pseudobombax grandiflorum*), embiriçu, ou ainda paina-do-cerrado são alguns dos nomes desta árvore nativa do Brasil que ocorre em todos estados das regiões sudeste e do sul, além de ser encontrada na Bahia, com abrangência de latitudes de 13° 15' S, na Bahia a 29° 40' S, no Rio Grande do Sul (CARVALHO, 2008, p. 2); que pode chegar a 25 metros de altura e é considerada uma espécie de grande valor paisagístico, sendo uma árvore "extremamente ornamental pela forma pouco comum de seus ramos quando em floração, cujas pontas terminam abruptamente."(CARVALHO, 2008, p.6), sendo identificada como uma espécie que "apresenta ótimas qualidades para paisagismo em geral" (CARVALHO, 2008, p.6). Mas para além da beleza cênica desta árvore, cabe ressaltar que segundo os narradores esta espécie era especialmente utilizada pelas comunidades para a produção de fibras ("imbras") que eram empregadas na confecção das chamadas "cordas de imbira".

Heliane, por sua vez, imprime em sua narrativa todo seu amor pela comunidade de Cachoeira, destacando uma série de pontos que a fazem ter este espaço como um local de acolhimento, mas também de saudade. Heliane traz um relato de alguém que vive em outro município, mas cujo coração e as raízes não conseguiram abrir mão de Cachoeira:

Cachoeira para mim é uma pérola preciosa.... É o lugar que sempre que eu não estou bem eu gosto de estar, é como se eu encontrasse minha casa aqui.... É muito bom chegar aqui, encontrar uma pessoa que você possa dividir, talvez as suas lutas, suas questões.... Talvez essa seja a diferença que eu não vejo em outras comunidades, eu não consegui me apegar a Leme do Prado, porque aqui eu sinto que o outro já teve a mesma dor que eu tive, que o outro vive, ou viveu o que eu vivi. Então assim, foram muitas famílias que passaram pelas mesmas dificuldades que eu, pela dificuldade de estudar, pelas dificuldades inúmeras.... Então aqui é o meu Norte. Cachoeira é o meu Norte. Eu vejo a comunidade ainda, mesmo a política trazendo uma divisão, eu ainda vejo uma comunidade muito unida, quando é uma coisa em prol da comunidade, por exemplo, limpar o cemitério, todo mundo abraça a causa; ou ajudar uma pessoa que está precisando, todo mundo abraça a causa. Eu acho isso fundamental, a comunidade precisa estar ativa nos projetos da comunidade, sem esperar pelas instituições, pelas prefeituras, eu acho isso bem bacana, que aqui, por exemplo, o futebol é algo que todo mundo na comunidade veste a camisa, desde a criancinha até o idoso, todo mundo tá ali em busca para que aconteça o campeonato, então eu vejo que a comunidade é muito participativa e muito unida. Nós tivemos recentemente a questão da escola<sup>46</sup> e a gente viu que a comunidade toda abraçou, todo mundo se mobilizou para que não acontecesse, então eu acho que nós precisamos nos doar mais como cachoeirenses, é isso mesmo, eu acho que a gente está num caminho, mas a gente precisa sempre se doar mais para o outro, isso vem de geração em geração, se eu não ensinar para o meu filho que a Folia é importante eu vou

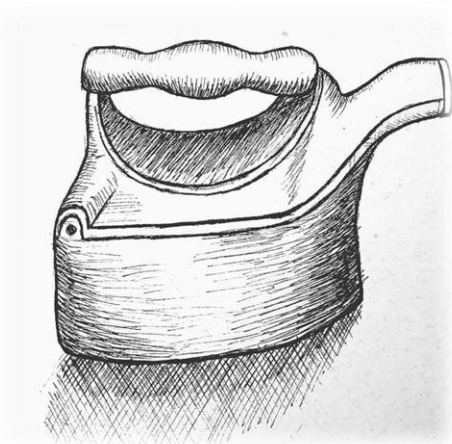
---

<sup>46</sup> Neste caso a narradora está se referindo a um movimento de mobilização da comunidade - ocorrida ao longo do processo de realização dessa pesquisa - diante de uma tentativa de fechamento da escola da comunidade.

estar rompendo um laço, então eu busco ensinar o Heitor muito isso, a ser participativo, porque sendo participativo a gente está ganhando. (Heliane, Cachoeira do Norte)

Heliane cita diferentes momentos em que a comunidade se uniu em torno de causas coletivas, exemplificando com a luta diante da ameaça de fechamento da escola, dos esforços para a realização das festividades ou da organização do campeonato de futebol, destacando como a união da comunidade de Cachoeira se revela como algo marcante para a narradora, e denotando que tais momentos de integração possuem implicações sobre sentimento de pertencimento ao grupo. Cabe ressaltar ainda a importância dada por esta narradora as tradições da cultura local, com destaque para o orgulho que esta expressa diante do envolvimento de seu filho com a Folia de Reis, algo que também revela a satisfação diante da integração do próprio filho à cultura da comunidade.

#### 9.4. Distrito de São Sebastião da Boa Vista



*Vou contar para vocês  
O que aconteceu  
Dia 20 de Janeiro de 1923  
Um homem muito católico  
Que se chamava Teotônio  
E o seu genro Zé Rodrigues  
Que é da mesma geração*

*Com muita dedicação  
Teotônio e seus companheiros  
Com as suas ferramentas  
E uma peça de madeira  
Fabricaram um cruzeiro  
E assentaram ele no chão  
Para mostrar a sua fé  
E também a devoção*

*Quando assentou o cruzeiro  
Um grande sinal foi visto  
Era um animal preto  
Com uma bolsa erguida  
Tinha um homem montado  
Nesse mesmo animal  
E foi só que Teotônio viu  
Atravessar a estrada*

*Começando uma festa  
No local desse cruzeiro  
Todas as famílias católicas  
Com muita delicadeza  
Reuniam e rezavam*

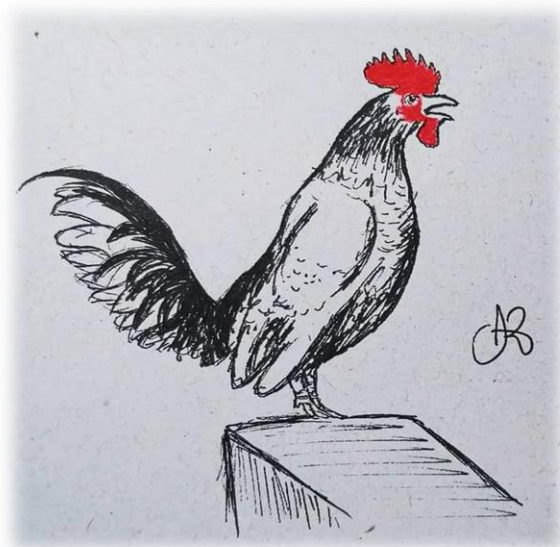


*A tradição era o terço  
Naquele bonito mastro  
Levantava a bandeira*

*Depois de levantar o mastro  
Tinha o tradicional café  
Acompanhado com biscoito  
E servido no coité  
Na sombra do Juazeiro  
Que era muito fresquinha  
Quem coava o café era tia Aninha*



*Na mesada do leilão  
Não faltava caipirinha  
Era feita e servida  
Pelo Seu Zé de Julinha  
Era um homem devoto  
Todos honravam seu nome  
Que além de outras tarefas  
Também gritava o leilão*



*Formando a comunidade  
Construiu uma igrejinha  
Feita de adobe e barro  
E era bem simplesinha  
Colocou uma imagem  
De São Sebastião  
Vindo lá de Aparecida  
Pedro trouxe em suas mãos  
  
Foi uma grande alegria  
Para a comunidade*





*Trazendo em procissão  
 Essa grande e bela imagem  
 Dia 13 de Dezembro de 1974  
 Que se tornou o padroeiro  
 Da nossa comunidade*

*Quem escutar essa música  
 Preste muita atenção  
 Saiba que é pura verdade  
 E guarde em seu coração  
 Relembrando o passado  
 Conservando a tradição  
 Viva o nosso padroeiro  
 Que é São Sebastião*

Canção São Sebastião da Boa Vista, de autoria de Dona Nazareth

*Um velho tropeiro já estava próximo de seu destino. Do alto de seu burro preto seguia  
 trôpego aproveitando a sombra que cobria a pequena estrada de terra. Uma brisa  
 agradável correu por entre as árvores, e ele sentiu que estava perto...*

*A tropa de animais atrás dele já acelerando o passo, reconhecendo a paisagem familiar.*

*Após uma descida e uma subida alcançou o topo do morro e suspirou, aliviado e  
 fascinado com o que viu. Ele nunca se cansava de admirar aquela bela vista, e sempre  
 que a encarava fazia questão de agradecer seu santo de devoção: São Sebastião...*

**Figura 16 - Fotografia da sede do Distrito de São Sebastião da Boa Vista**



Fonte: O autor

A história da ocupação das terras que hoje correspondem ao Distrito de São Sebastião da Boa Vista (Figura 9) está diretamente associada a família do senhor Teotônio Soares e sua esposa Dona Ana que, segundo os relatos dos moradores das comunidades, teriam sido os primeiros habitantes conhecidos desta região. Apesar disso, a fama de fundador do distrito não recaiu sobre Teotônio, mas sim, sobre seu genro José Rodrigues. Porém, apesar disso, fato é que juntos, Teotônio e Zé Rodrigues (Figura 10) fundaram um culto à São Sebastião que inicialmente era realizado embaixo de um enorme juazeiro – que nas narrativas descobrimos se tratar de duas ou três árvores entrelaçadas que formavam uma grande copa em comum -, e esse culto teria sido o ponto de partida para iniciar um movimento de atração das populações dos córregos para essas terras.

**Figura 17 - Ilustração de José Rodrigues, um dos fundadores do Distrito de São Sebastião da Boa Vista**



Fonte: O autor

Comentando a história da comunidade, Dona Nazareth nos explica que:

A história de Boa Vista praticamente começou em baixo de um juazeiro... O juazeiro que tinha lá era bem grandão, era uns dois ou três pés juntos na verdade, só que era muito antigo aí ele cresceu bastante e fez uma cobertura bem grande, de baixo lá era limpinho e era o lugar onde de primeiro punha a mesa de leilão, distribuía o café e o biscoito pro povo comer, o povo trazia abacaxi das roças pra vender, na época de laranja trazia laranja... Então o povo usava muito lá, que era uma sombra bem fresca... E pra adiante pro lado desse tinha a estrada que era onde era o valo velho. O valo velho que era a cerca né, que era as divisas dos terrenos pros animal não passar né, aí tinha o barranco do valo e aí pra adiante desses juazeiro tinha o cruzeiro e um pé de peroba. O pé de peroba era muito grande, enorme, aí as raízes dela cresceu bastante, de jeito que tinha a raiz dela que tinha assim a altura de um banco e aí o povo até sentava nas raízes dela de tão grande que era aquelas raízes dela, era aquelas raizonas assim ao redor do pé, e era bem grande aquela peroba, e se fosse hoje pela consciência do povo não derrubava aquela árvore não. Essa peroba ficava onde era a praça hoje, era onde era a praça.... Os juazeiro eles era bem ali onde tem aquele comércio né, ali onde tem o açougue de Nelio, cê sabe onde é o açougue ali na chegada? E tem um barzinho, assim onde o menino de Joaquim fica assim, em Tiago, ali pra diante ali, dali pra frente era o lugar onde tinha os juazeiro, até no rumo do cruzeiro ali, da onde tinha o cruzeiro, e a peroba era uma sombra que emendava com essa outra... Hoje aqui pertinho não sobrou um juazeiro, mas lá na roça tem, lá onde que eu mexo com as plantas tem, na cerca, beirando a cerca assim tem um, e toda vez que eu peço pros menino capinar eu falo “ô, mas o juazeiro cês não corta não”, ele tá grande, mas não tá muito grande não, nem se compara com os antigos, esses eram antigos mesmo, devia ser centenários... Esses juazeiros viram Boa Vista nascer, esses juazeiros que abrigavam o povo desde o começo do culto de São Sebastião, era o lugar marcado, que era aquela sombra mesmo gostosa... Tá com 98 anos, 98? É por aí, que foi em 1923 que começou a festa de São Sebastião, agora o culto foi na época que fez a igreja primeira... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista).

O relato de Nazareth explicita o papel da presença de algumas árvores como um fator que possibilitou a criação de um ambiente agradável para a realização dos encontros do culto de São Sebastião iniciado pelos primeiros moradores da comunidade. De fato, Nazareth nos explica que se tratavam de três grandes juazeiros que se uniram para formar uma grande copa, com uma sombra refrescante que servia como uma bênção contra o sol escaldante do sertão. E além do trio de juazeiros, a memória de Nazareth ainda nos aponta para a existência de outra árvore neste terreno, uma peroba rosa, que também servia para reconfortar aqueles que se cansavam da caminhada, com suas raízes que se estendiam formando bancos naturais onde os viajantes podiam repousar sob a sombra destas árvores.

O juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), também conhecido pelos nomes vulgares joazeiro ou joá, é uma árvore que pode chegar a dezesseis metros de altura e tem a característica de ser “perenefólia o ano todo, graças ao amplo e profundo sistema radicial, capaz de coletar a escassa umidade do subsolo” (CARVALHO, 2007, p.2), quer dizer, tal aspecto da biologia desta espécie já nos confirma o relato de Nazareth – ressaltando que num contexto em que muitas árvores sacrificam suas folhas na chegada do período seco, o juazeiro, em muitos casos consegue resistir e manter suas folhagens, com excessão de casos de secas extremas e duradouras. Neste prisma percebemos que não é à toa que muitas das comunidades do sertão mineiro acabam se originando a partir de um culto professado embaixo de uma árvore deste tipo, o que nos confirma que os juazeiros certamente presenciaram o nascimento de muitos destas comunidades. Além disso, é interessante mencionar que esta espécie é tipicamente conhecida como “[...][U]m dos elementos típicos da vegetação dos sertões nordestinos. É uma espécie de maior ocorrência nas caatingas, no Sertão e no Agreste. Não existem matas de juazeiros.” (CARVALHO, 2007, p. 3), ou seja, estamos falando de uma planta símbolo do sertão, além de ser uma espécie que tem a característica de ser pioneira em processos de colonização de ecossistemas, tendo uma grande importância ecológica.

Já a peroba rosa (possivelmente *Aspidosperma polyneuron*) é uma espécie de ampla distribuição geográfica, sendo encontrada em diversos estados brasileiros e inclusive em outros países da América do Sul, e que tem termos de aspectos ecológicos se caracteriza como uma espécie secundária tardia (DURIGAN et al, 1996) ou de fase clímax, sendo tolerante a sombra e inclusive recomendada “[...] para a recuperação de ecossistemas e restauração de matas ciliares em locais sem inundação” (CARVALHO, 2004, p.7). Essas características naturais da peroba rosa nos revelam que este espécime descrito por Nazareth possivelmente representa um sobrevivente do período anterior aos primeiros desmatamentos ocorridos nesta localidade, visto ser uma espécie que se desenvolve em ecossistemas já estabelecidos – ao contrário do juazeiro, considerado uma espécie pioneira, mas que, segundo o testemunho de Nazareth, nos casos dos encontrados na antiga praça possivelmente seriam “centenários” em função de seus tamanhos e estruturas.

Assim, Dona Nazareth descreve os detalhes de como o espaço formado sob o dossel das copas dos juazeiros trigêmeos, somado ao conforto dos abraços das raízes da peroba rosa propiciava a formação de um ambiente festivo, onde as pessoas se reúnem para partilhar

alimentos, conversas e momentos de fé. Porém tais árvores permanecem apenas na memória daqueles que testemunharam suas belezas, visto que com o crescimento da comunidade logo foram derrubadas para dar espaço a construções, a própria praça etc. Porém, não podemos nos furtar de mencionar como tais elementos vivos da paisagem tiveram um papel para a conformação da comunidade e, portanto, foram personagens não-humanos que fizeram parte de acontecimentos e histórias que marcaram a trajetória deste povo, visto que, como frisou Dona Nazareth “Esses juazeiros viram Boa Vista nascer, esses juazeiros que abrigavam o povo desde o começo do culto de São Sebastião, era o lugar marcado, que era aquela sombra mesmo gostosa...”

Outro detalhe destacado por essa narradora que era muito comum nas paisagens da região em tempos antigos são os chamados “valos”, ou “valos velhos”, que basicamente são valetas formadas artificialmente com o intuito de servirem como divisas para demarcar as fronteiras dos terrenos, em um tempo em que não se utilizava a construção de cercas. Assim, tais cicatrizes no solo eram escavadas para demarcar as propriedades, e também tinham a função prática de impedir que animais escapassem dos terrenos. Tais estruturas acabaram entrando em desuso e foram abandonadas ao tempo, algumas ainda visíveis nos dias atuais, sendo que em muitos casos acabaram favorecendo a formação de processos erosivos, visto que as valas tendem a concentrar a água escoada das chuvas formando canaletas; outras, apesar de ainda existirem acabaram sendo tomadas pela vegetação e se encontram mimetizadas na paisagem, sendo muitas vezes identificadas apenas por aqueles que as conheciam de tempos passados e, portanto, sabem exatamente onde se encontram.

Ainda sobre este espaço formado aos pés dos juazeiros, cabe notar que não somente foi o ponto onde se iniciou o culto, mas também o local escolhido para o assentamento do cruzeiro, algo que simboliza um acontecimento histórico no processo de formação do Distrito de Boa Vista. Dona Rosarina, por sua vez, nos revela outros detalhes sobre este cenário:

De primeiro ali onde tem a praça tinha um cruzeiro de frente onde tem a cruz da igreja e um aterro e uma lapa de uns dois metros que o povo usava como uma mesa, e tinha um monte de pedrinhas que era onde o povo deixava as pedrinhas da penitência e aquela peroba enorme na praça.... Esses dias mesmo eu tava pensando como que não ficou nada da história, não ficou nada, essa lapa mesmo não sei o que fizeram, o cruzeiro deram fim... (Dona Rosarina, São Sebastião da Boa Vista).

Na fala de Rosarinha percebemos o lamento pelo apagamento da história do distrito, pela descaracterização das origens do povoado que, assim como pontuou Nazareth, foi confirmado por Rosarinha, era um espaço formado sob a proteção da sombra dos juazeiros, mas continha outros elementos não mencionados por Nazareth e apontados por Rosarinha, incluindo uma espécie de mesa natural formada a partir de pedras e um aterro, bem como era um ponto de depósito para pedras de penitências, ou seja, representavam o ponto alto de um ritual típico dos povos dos sertões voltados a clamar aos céus por chuvas. E Rosarinha lastima o fato de esta memória estar se perdendo, e de não ter conseguido acompanhar o fim que alguns destes elementos acabaram tendo diante do acelerado processo de urbanização que a comunidade vivenciou.

Além disso, Dona Rosarinha, que assim como Dona Nazareth é descendente de Teotônio Soares, um dos fundadores da comunidade, naturalmente assume a postura de uma narradora que presenciou a gênese desta comunidade, sendo uma importante guardiã de suas memórias e histórias e que, assim como sua prima desempenha um papel relevante como uma liderança comunitária, Nazareth sendo a vice-presidente do grupo de Folia de Reis da Comunidade, e Rosarinha sendo uma figura de destaque na igreja local.

Aqui Boa Vista eu conheci Boa Vista desde o início né, quando eu era pequena ainda mãe levava a gente pra rezar o terço, depois quando foi no desenvolver a gente rezava... Antes era só a festa de São Sebastião, depois a gente passou a fazer o terço no sábado lá no pé do cruzeiro e aí depois com o passar do tempo a gente idealizou de fazer uma igreja, aí no ano de 1971 a gente fez a igreja, eu já trabalhava como ajudante de pedreiro com meu pai. Aí nesse ano a gente fez a casa de meu irmão Canhoto, a igreja e o prefeito Odilon fez uma sala onde começou a dar aula né, que antes a aula era num salão de pau-a-pique onde os pais tinha reunido, o velho Zé Rodrigues reuniu os pais e fez o salãozinho, e Rita Guedes dava aula de manhã e Rosa dava aula na parte da tarde... E aí quando eu fiz o terceiro ano né, que ela só dava aula até o terceiro ano, aí eu comecei a ajudar né os alunos, não tinha mais estudo pra mim, mas eu era nova e eu ia né... E aí Rita tinha uma mania de perder a voz, Rita perdia a voz e aí eu ficava falando por ela, ajudando ela a dar aula, falando com os alunos... Daí que veio o gosto de ser professora né... E daí Boa Vista foi crescendo, eu tive a ideia de a gente convidar alguém pra vir celebrar, pra fazer uma celebração, daí veio Zé de Calu que era lá de Santa Rita e celebrou, veio um pessoal de Leme do Prado, Dona Sazinha, celebrou também, e Seu Olímpio lá de Zé Gonçalves... E daí a gente continuou com as celebrações... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Mas voltando aos fundadores do distrito, apesar de Zé Rodrigues e Teotônio Soares terem sido reconhecidos como os primeiros moradores destas remediações, estes não são considerados como os primeiros a de fato construírem casas nas proximidades de onde se encontra a região central do distrito, ou seja, nos entornos da praça principal, isto porquê estes dois senhores viviam em pequenos sítios um pouco afastados deste ponto onde era celebrado o culto de São Sebastião. Deste modo, os primeiros moradores do centro do distrito, segundo o relato de Dona Nazareth, teriam sido:

A primeira casa [de Canhoto] que eu falei foi a primeira aqui dentro da rua né, mas as casas dos primeiros moradores que realmente ficaram conhecidos como fundadores da comunidade, o Zé Rodrigues e o Teotônio, a casa de Zé Rodrigues era ali onde tem a horta de Rosarinha hoje, perto de onde tem a Cacimba do Jambreiro; e a casa de meu avô Teotônio é ali perto também, do outro lado ali onde eu mexo com a roça, que eu cuido lá, ali tinha a casa de Antônio Pio, que hoje tem outra casa no lugar que é um filho dele, mas eles fala que era ali que era a casa do velho Teotônio, que eu não conheci né, que quando eu nasci já nem tinha essa casa. Os filhos dele nasceu tudo foi ali [de Teotônio], ele era daqui da região mesmo, pra mim ele era daqui de Boa Vista mesmo, pelo que eu lembro dos mais velhos comentando era, mas os pais dele onde moravam eu não sei, mas quem eram eu tenho tudo anotado, eu tenho anotado quem era os pais deles e quem era o avô de Teotônio, eu tenho anotado até o avô de Teotônio que era o... Tem que ver direitinho, que a gente anota, mas tem vez que a gente passa tanto tempo sem olhar a anotação e esquece, mas eu sei que eu perguntei pros mais antigos e eles me deu essa informação... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)

Neste trecho da narrativa de Nazareth percebemos alguns detalhes sobre o movimento de ocupação que acarretou na origem de fato da comunidade de Boa Vista. Sobre as primeiras casas mencionadas pela narradora, referentes aos senhores Canhoto e Donana, cabe ressaltar que estes estabeleceram para além de suas residências pequenos comércios, incluindo botecos que já influenciaram no processo de movimentação da comunidade, pontuando que:

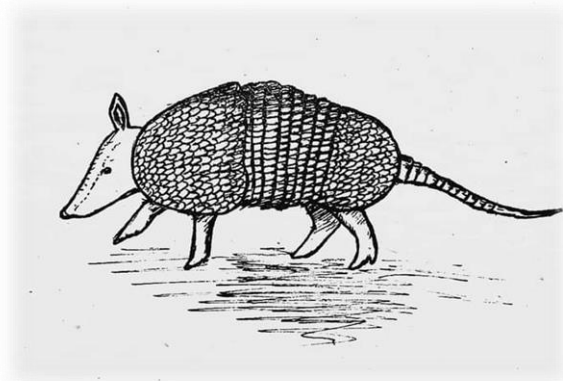
Aqui que começou mesmo a formar a comunidade.... Eles começou a construir umas casas né, inclusive a primeira casa foi do finado Canhoto que foi construída ali de frente a igreja, ainda tá lá a casa, foi a primeira, depois veio Joaquim de Donana, que morava lá no Cantagalo né, ele casou e veio morar aqui, na verdade quando ele veio fazer a casa ele já tinha dois filhos, aí ele colocou um botequinho também. Canhoto já tinha um botequinho aqui e ele também colocou um, aí começou aquele interesse, movimentou mais né, daí um vinha e fazia uma casa, aí um casava um filho e fazia uma casa ali também e aí foi fazendo aquele interesse de povoar né, aí os morador mais antigo foi fazendo casas cá também no meio da rua né, que nem tinha Antônio Pio, tio Pedro, que tinham as casas na roça, mas ficou tendo as casas cá na rua também, os filhos foi crescendo e construindo, outros parentes também, aí assim foi

vindo mais pessoas da região e fazendo as casas, aí construiu a igreja de adobe né... Eu tenho uma foto antiga Daniel, eu tenho uma foto antiga dessa época que tinha poucas casas, inclusive eu tenho uma foto da igreja antiga, não da primeira, da de adobe não tenho foto não, ela era ali no mesmo lugar, não era muito grande. Aí veio o pai de Dona Lia né, Zé Miúdo, ele veio pra cá e começou a fazer a celebração do culto, reunir gente dia de domingo pra celebrar o culto e foi criado um movimentozinho... Mas só que antes desse movimento da igreja já tinha a festa, que foi quando assentou o cruzeiro, que aí já foi pra começar as festas de São Sebastião que foi em 1923, que tem até aquele vídeo que você gravou que tem a música que conta tudo a respeito. 1923 foi a primeira festa de São Sebastião celebrada, no cruzeiro, no assentamento do cruzeiro que começou a fazer a festa de São Sebastião, isso muito antes, muito antes da construção da igreja... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista).



## 10. RELAÇÕES CULTURAS-NATUREZAS EM COMUNIDADES DE CHAPADA DO NORTE: NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA AMBIENTAL E TRANSFORMAÇÕES DAS PAISAGENS

*No lugar das matas virgens  
E das belezas naturais  
Puseram coisas estranhas  
A mudança foi tamanha  
Que transformou a vida humana  
E também dos animais*



Trecho do poema “Sertão Moderno” de autoria do Mestre Gilmar Souza.



*Sumiram as matas virgens  
E as belezas naturais  
Chegou a destruição  
Lá se foram os animais  
Não vi os frutos do cerrado  
Que eu via a tempos atrás  
Os rios estão com cede  
Os ribeirões não correm mais.*

Trecho do poema “De volta para o Sertão” de autoria do Mestre Gilmar Souza.

A cultura é como a água, ela flui e se molda aos mais diferentes meios. A cultura, como a água, é, acima de tudo, adaptável, por isso mesmo devemos entender que pequenas ou mínimas variações já são capazes para produzir diferenças entre culturas, ainda que levemos em conta comunidades muito próximas geograficamente. A natureza, por sua vez, é algo por definição adaptável, passível de evolução, de transformações. Assim, na medida em que uma

cultura interage com a natureza, a natureza, por sua vez, também grava em si as marcas desta relação com uma cultura.

Os seres humanos em suas relações com as paisagens não somente as modificam e são modificados pelas mesmas, como também produzem histórias a partir de suas conexões com o ambiente, fomentando narrativas e afetividades para com a terra. Os seres humanos, nestas relações com as paisagens estão se relacionando com elementos vivos e não vivos que compõe o território e, portanto, esses elementos vivos e não vivos constituem as memórias destes humanos quando nos referimos as relações que os mesmos estabeleceram com as paisagens. Nestas memórias encontramos os resquícios da história ambiental que nos aproximam dos detalhes atrelados aos processos de ocupação e transformação do território em questão. Estas memórias, por emergirem justamente das confluências entre culturas e naturezas revelam-se como memórias bioculturais (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015), e, conseqüentemente, fazem parte do patrimônio biocultural destas comunidades.

Um indivíduo pode plantar árvores para as futuras gerações ou cortá-las em nome de projetos imediatistas; pode gostar de animais, amando o canto dos pássaros, ou pode preferir vê-los presos em gaiolas; pode contemplar a liberdade da fauna silvestre ou desejar caçar tais animais; pode garimpar para garantir um complemento na renda ou viver a base da lavagem da areia; enfim, seres humanos em suas individualidades possuem trajetórias únicas que, quando colocadas lado a lado, nos permitem entrever como as forças que conformam e modificam as paisagens são mais complexas do que imaginamos a um primeiro momento. Assim, quando encaramos uma paisagem devemos ter em mente que a cena que está diante de nossos olhos é resultado de um longo processo de transformações, tanto diretas como indiretas.

Assim, quando nos dirigimos as narrativas das memórias dos sujeitos em torno das relações estabelecidas entre as comunidades e a natureza ao longo do tempo, estamos, no fundo, solicitando que estas pessoas nos abram as portas para um encontro com seu patrimônio biocultural, patrimônio este que se manifesta também nas paisagens e que reflete a história ambiental do território. Neste sentido, quando nos referimos a uma História Ambiental, estamos pensando sim a partir de uma tentativa de recuperação da trajetória histórica de determinado ambiente que, no caso das comunidades integrantes desta pesquisa carecem de fontes documentais, reforçando o papel da oralidade para suprir as lacunas em contextos de isolamento e abandono como por muito tempo foi o caso do Vale do Jequitinhonha.

O desafio de pensar a História Ambiental a partir de narrativas de memórias de moradores das comunidades representa uma aposta em uma articulação entre a História Ambiental e a História Oral, em busca de uma História Ambiental Oral (ou uma História Ambiental Comunitária) capaz de reconhecer as vozes que emergem deste território como as principais fontes de informações a respeito das relações estabelecidas entre as culturas locais e a natureza ao longo do tempo.

A ideia de trabalhar a História Ambiental de maneira alinhada a História Oral não é algo novo, e pode ser visto em trabalhos como Sedrez e Maia (2014) e Maia e Sedrez (2011), que empregam metodologias baseadas em narrativas de memórias para investigar a história ambiental de desastres “naturais” – em especial enchentes na cidade do Rio de Janeiro; o trabalho de Costa (2011) que investigou narrativas de memórias de agricultores envolvidos na luta contra uma empresa mineradora, e buscou “refletir sobre as construções culturais em relação a terra e de suas relações históricas com este espaço” (p. 1393), portanto unificando história ambiental e história oral para elucidar a respeito de uma situação de conflito socioambiental; entre outros – isso considerando que aqui mencionamos apenas estudos nacionais.

No caso desta tese devemos ter em mente que as narrativas as quais nos dirigimos, por vezes são convergentes, por vezes divergentes, por vezes complementares e nos sinalizam para as formas como estas pessoas leem seus contextos; como elas entendem a história de seu próprio território; que informações selecionam como as mais relevantes; que personagens destacam como os mais importantes ou representativos da história de sua comunidade; enfim, aquilo que nos é contado pelos narradores nos conduz ao encontro não somente do que pretendemos com os objetivos do estudo, mas também do inesperado, do que surge e nos surpreende, quer dizer, de informações e detalhes que muitas vezes passariam completamente despercebidos e acabariam silenciados ou suprimidos por outras metodologias menos atentas a essas minúcias.

Partindo das narrativas em torno da história do processo de ocupação destes territórios que hoje compreendem as comunidades dos Distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista, vemos, logo de cara, que as memórias que nos direcionam aos períodos mais longínquos da ocupação destes espaços nos reforçam que se tratavam de áreas de matas fechadas, virgens, repletas de grandes árvores de madeiras de lei, tais como sucupiras, copaíbas e imbiricuz, que acabaram sendo abatidas com o tempo para dar lugar a novas práticas socioeconômicas, tais como as pastagens para criação de gado e as monoculturas de eucalipto. Essa é, resumidamente,

o quadro geral retratado pelos moradores, mas para além deste breve resumo as narrativas nos revelam inúmeros pormenores, ressaltando as causas, consequências e os processos envolvidos nas transformações das paisagens locais.

Assim, nas conversas com estes narradores, quando se referem a este período inicial de formação das comunidades, as narrativas são unânimes em retratar uma imagem bem distinta da observada atualmente *in loquo*, pois falam de uma imagem de mata fechada e sombria, com árvores altas com um dossel que chegava a cobrir a estrada, e o córrego, que na época corria em boa parte do ano, podia ser ouvido por quem caminhasse por certos caminhos, algo que hoje já não é mais possível, a não ser em raras ocasiões durante os períodos chuvosos.

De primeiro a mata aqui era muito fechada, era um mataú só, tanto faz aqui como lá para onde nós entrava no Córrego Grande, nós buscava lenha na mata ali... Lá onde era padrinho Elvideo era tudo mata, era mata fechada de sombra, era escuro mesmo moço, lá em vovô Guedes, igual tá agora que choveu, lá em Vovô Guedes quando era assim minava água pra todo lado e eles fazia bica e punha talo de bananeira pra fazer as bica. Por exemplo, pra gente pegar água, lavar vasilha, eles fazia tipo um encanamento, mas como não tinha cano eles usava era as capa da bananeira ou folha de piteira. Vovô Guedes tinha um açude... Lá perto de casa né, e a água ia lá na casa pelo rego, ocê sabe o que é rego? Rego é tipo um buraco né, que forma uma valeta, e sabe o que nós fazia? Nós pulava dentro do rego e ia pulando “tchac tchac tchac”, brincando de pular na água, e vovô Guedes ficava bravo "a água tá chegando suja! Vai ver que é os meninos andando dentro do rego", e nós vinha lá de dindinha Aurora e ia pulando no rego até o poção, que era onde vovô Guedes pegava água, que era lá perto de casa [Córrego Grande]. (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Destaca-se ainda a menção a diferentes espécies da fauna e da flora ao longo das narrativas. Por exemplo, na narrativa de Dona Nida observamos menção direta à “talo de bananeira” e “folhas de piteiras” sendo empregados como recursos adaptados de uma engenharia popular de captação e distribuição da água dos córregos, usados como substitutos para canos e calhas; e ao “mataú” – ou seja, as matas densas que se estendiam entre as comunidades, que de início constituíam verdadeiras clareiras em meio a vegetação circundante. Esta mata fechada, por sinal, deve ser assumida como um ponto de partida para a compreensão do processo de ocupação deste território, pois as narrativas apontam no sentido de revelar o processo de transformação do mesmo, com um momento primordial desta ocupação sendo associado a uma mata de aspecto virgem e selvagem.

Também na fala de Dona Nida notamos a relação que as crianças tinham com a água, que inclusive colaboravam diretamente na manutenção e limpeza as caixas e valetas, participando assim dos processos de gestão comunitária da água desde cedo.

Mas voltando a imagem de matas fechadas e “escuras” se estendendo pelos caminhos que interligam as comunidades, algo recorrente nas narrativas, é frisado na fala de Dona Ritinha, que reflete a respeito dos diferentes usos e processos de ocupação deste território que levaram, inclusive, as alterações paisagísticas que diferenciam o cenário atual dos passados em diversos aspectos:

Os altos aí era umas matas muito fechada... A gente tirava lenha lá pra moer e plantava, fazia um roçado lá também pra plantar maniába. E tinha vez que tinha mandioca, tinha os tal catitu, mas que comia, eles rancava a mandioca e comia, aí eles furava um buraco, chamava era furna que eles falava, eles furava aquele buraco lá assim, punha uns pau e punha uns ramo em cima e fazia aquilo nos carreiro que os catitu passava, aí tinha vez que eles caía lá dentro, às vezes a gente achava dois, três, aí eles matava eles e comia... Só que agora nem isso mais a gente não tá vendo, tem muito menino aqui que nem conhece mais o que é um catitu... Então aqui tinha muito tatu, eles pegava muito tatu, caçava de noite e vinha com esses tatu, a gente limpava e comia... E os córregos também tinha ocasião que tinha muita água, mas foi enfraquecendo, aí depois pegou de vez em quando secava, mas de primero tinha muita água, era muito bonito os córregos, tinha bastante pedra, depois eles pegou a fazer casa aqui, foi tirando as pedras dos córregos, agora ficou parecendo que não é córrego... Tá tudo sujo, também não tem água, ficou tudo mais difícil... Mas aqui de primeiro era tudo mata isso aqui ó, depois eles roçaram, eu ainda lembro quando eles roçaram, eu tava crescendo, eles roçou essas vargem aqui onde cê vê essas casas tudo, pai roçava... Aí pro lado do campo mesmo enchia de arroz, batia bastante gente bem dias capinando arroz, tinha vez que tava chovendo e a gente ia capinando o arroz e emborcando no mato porque tava molhado e o mato pegava todo.... De primeiro era muita água.... Eu já cansei de capinar arroz dentro d'água, nós passava o dia intirinho capinando... (Dona Ritinha, Cachoeira do Norte)

Assim, Dona Ritinha nos revela que essas terras de matas fechadas localizadas nas porções altas que conectam as comunidades eram muito utilizadas pelos moradores para buscar lenha, para plantar mandioca, bem como serviam como áreas de caça de catitus e tatus – que segundo o relato eram caçados como uma forma de “controle de pragas”, uma vez que tais animais constantemente atacavam as lavouras de maniába – sendo os catitus inclusive caçados com o uso de armadilhas.

Ao mesmo tempo a narrativa de Dona Ritinha pondera que esse fato tão comum em sua época, de bandos de catitus aterrorizarem os agricultores locais pelo seu poder de destruição de lavouras, hoje só permanece na memória dos que viveram nesse tempo, pois atualmente raramente são avistados catitus nesta região, algo que Ritinha chama a atenção em sua fala “tem muito menino aqui que nem conhece mais o que é um catitu...”, algo que soa como um lamento diante das mudanças que conduziram a um empobrecimento da biodiversidade nativa.

Por fim, Dona Ritinha narra a realidade dos córregos de antigamente, destacando que com o tempo estes foram “enfraquecendo” e passaram a secar; algo que segundo a narradora não era comum nos seus tempos de infância, quando ainda “tinha muita água”. Em sua fala Ritinha associa o próprio desenvolvimento da comunidade com essas modificações observadas no ambiente. E ainda lembra do tempo em que roçaram a vargem que compõe a área onde atualmente se localiza o campo de futebol do distrito, terreno que na juventude de Ritinha era alagado e costumava ser usado para o plantio de arroz.

Também se referindo aos antigos cultivos de arroz nas comunidades, Dona Rosarinha (São Sebastião da Boa Vista) explana que “O arroz era plantado nos terrenos mais baixos, nas várzeas, mas antigamente até nos morros, nas escostas se plantasse dava... O arroz era plantado mais era nas várzeas porque tinha mais umidade”.

A simples menção ao fato de que antigamente existiam plantações de arroz na região já nos leva a constatar que estamos tratando de uma transformação radical no que diz respeito a disponibilidade de água nestes terrenos, pois o arroz é uma planta cujo cultivo está associado a uma alta dependência de água. Ainda quanto ao plantio de arroz, é preciso frizar que conforme observado nas comunidades, que com o tempo acabaram deixando de plantar arroz em função de uma redução na quantidade de água disponível - algo que é relacionado não somente as modificações humanas na paisagem que impactaram no curso dos córregos, mas também de aspectos climáticos -, algo que é sublinhado por Silva (2015), quando esta destaca logo de cara que de acordo com a CONAB o declínio da orizocultura no estado de Minas Gerais encontra-se diretamente relacionado a:

[...] à *vulnerabilidade aos riscos climáticos*; à baixa competitividade em relação a outras culturas, como milho, soja e feijão; ao elevado custo de produção, onerado principalmente por causa da mão de obra; e ainda às restrições ao cultivo em áreas de várzea. (p. 39, grifos nossos)

No recorte da fala de Chato que será apresentada em sequencia percebemos que o fogo se revela como uma das maiores problemáticas associadas ao modelo tradicional de desmatamento dos roçeiros chapadenses – prática também conhecida popularmente como agricultura de coivara. Algo que ainda hoje é reiteradamente utilizado pelas comunidades para queimar ciscos e lixo, sendo especialmente comum nos finais de tarde sentir o cheiro de fumaça da queima de podas e roçados de quintais. Trata-se de uma prática que muitos afirmam ser “cultural” ou “teimosura” de quem aprendeu a fazer daquele jeito, sempre fez daquela forma e

não se sente disposto a mudar. Ainda assim, vemos que o fator etário não é o único ponto a influir nessa suposta tendência “cultural”, uma vez que o próprio Mestre Chato, do auge de seus setenta e oito anos, já assume em sua narrativa que tal prática pode ocasionar efeitos deletérios ao solo, chegando a afirmar que “[...] eles juntava aqueles cisco todo e queimava e aí que acabou a terra, cê vê hoje esses pelador, era onde que eles fazia as roça e hoje não sai nada...”. Ou seja, Chato já revela uma posição crítica quanto a esta prática, chegando a relacionar diretamente a formação de peladores com antigas áreas agrícolas que foram exploradas à exaustão e castigadas pelo fogo, e com isso percebemos que percepções individuais a respeito da natureza despertam diferentes formas de relação com o meio ambiente – e mesmo dentro de uma mesma cultura e recorte geracional podemos observar divergências nos pontos de vista e modos de agir.

Prosseguindo, Mestre Chato nos explica como se deu o processo de desmatamento da vegetação nativa da região, afirmando que:

Desmatamento antigamente ele não era muito desmatamento.... Porque o povo não guentava desmatar pra plantar em distância muito grande, que quem plantava uma roça maior aqui plantava era um alqueire de milho, um alqueire, quarenta medidas de milho, mas pouca gente plantava quarenta medida de milho, mas sempre tinha algum... Então desmatava uma quantidade de plantar um alqueire de milho, meio alqueire né, meia quarta, uma quarta, do tanto que eles guentava eles roçava, e com a mesma madeira do roçado eles já cercava as roça, que não tinha manga, o gado vivia na solta, nego soltava gado lá em João de Rosinha, lá no Córrego São José e eles ia lá nos Alvarenga. Dia de feira, no sábado era a feira de Chapada, na sexta cê já tinha que ir pegar os animais e amarrar procê poder viajar pra Chapada cedo. [...] Então as vezes cê tinha um terreno grande, mas ocê só desmatava aquela quantidade de ocê fazer a roça, que ocê nem aguentava, mas era desmatar de queimada, e esse é que foi o problema, desmatava e queimava... Quando colhia o milho, ao invés de deixar as canas de milho no meio da terra eles juntava aqueles cisco todo e queimava e aí que acabou a terra, cê vê hoje esses pelador, era onde que eles fazia as roça e hoje não sai nada... Mas a vantagem é que eles não desmatava demais, mas hoje tudo que ocê vê aí desmatado é que já foi roça, mas hoje o povo parou de fazer roça, quase ninguém aqui tá fazendo roça mais não, não do jeito que era, o povo tá plantando de cinco quilos pra baixo, dois quilo, três quilo, quatro quilo, o negócio deles agora é ir colher café nas fazenda fora, é trabalhar de empregado, é enfermeiro, que quando Lula foi presidente ele deu oportunidade de muita gente se formar, então formou muita, é dentista, é professor, algum médico né... Mas essa coisa de roça por aqui enfraqueceu muito, hoje ninguém mais liga nisso, cê não vê mais o desespero e a alegria que o povo tinha de primeiro de ver a chegada das chuvas, de correr pra aproveitar as águas né... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

Quando Mestre Chato menciona que o povo antigamente “não guentava desmatar pra plantar em distância muito grande”, no fundo ele também estava se referindo a própria evolução

das ferramentas e tecnologias. Assim vemos na postura de Chato uma percepção de que o processo de desmatamento que devastou as matas originárias da região se encontra diretamente relacionado as necessidades de expansão das fronteiras agrícolas locais. Neste cenário devemos ter em mente que as ferramentas de algumas décadas eram consideravelmente mais rústicas e menos eficazes que disponíveis atualmente.

Em termos de memórias sonoras foi mencionada a substituição do barulho típico dos antigos serrotes de duplas - em que dois homens serravam juntos os troncos de árvores nativas<sup>47</sup> como a sucupira-; pelo som do motor de serras elétricas – algo que também é retratado nos trechos do poema “Sertão Moderno” de Gilmar Souza (Ver em Epígrafes). E este avanço tecnológico também acompanhou o potencial de destruição ambiental, uma vez que hoje com equipamentos elétricos um sujeito é capaz de desmatar com menos esforço uma área muito maior e em um tempo muito menor do que seria possível caso utilizasse as ferramentas disponíveis nos tempos de antigamente.

Além disso, podemos apreender deste trecho da narrativa de Mestre Chato sua visão de que a gestão federal do PT, e em especial do ex presidente Luis Inácio Lula da Silva, destacando um aumento significativo das oportunidades de estudo e trabalho para as classes menos favorecidas, bem como fomentou uma série de ações voltadas a uma melhor distribuição de renda que tiveram impactos visíveis na região. Mas ao mesmo tempo Chato pondera que esta mudança no perfil profissional dos moradores das comunidades teve como uma de suas consequências um afastamento das pessoas com relação a terra; o que levou a um desinteresse pela agricultura e o surgimento de novas profissões.

Já Gilmar, refletindo a respeito das transformações observadas na paisagem e na natureza local recorda:

Eu me lembro quando criança dos mutirões, das marombas né, que o pessoal fazia pra limpar as roças, pra capinar, pra plantar né... É, eu lembro da geografia do lugar que o lugar era tomado de matas, matas fechadas até quase... Até quase dentro do povoado né, era mata fechada. Aqui tinha um ribeirão que chamava Bicame, ele ainda chama, porém hoje ele está tomado pelo esgoto, mas era um ribeirão grande que na época das enchentes a gente chegava próximo assim pra ver o reboiço das águas né, eu cansei de ver o pessoal lavando vasilha, lavando roupa, a meninada tomava banho nesse ribeirão, mas a forma do povo do lugar lidar com a terra acabou é mudando muito também na situação desses córregos que tinham, o Córrego da Madeira,

---

<sup>47</sup> Espécie nativa ou indígena é aquela que ocorre naturalmente em determinado ambiente.



o próprio Córrego João Gomes, o Bicame, tinha o córrego que chamava Córrego do Dendê, que era o Córrego São José, a maioria desses córregos eles secaram, e a principal causa foi a forma errada de o povo lidar com a terra, com o plantio né... A própria coivara que eles faziam né, primeiro eles roçavam sem critério nenhum, sem orientação nenhuma, roçavam até dentro do ribeirão, até na beirada das águas, e depois queimavam tudo né. Então a terra foi se empobrecendo, a beirada dos ribeirões foi assoreando e no lugar onde se destrói o verde, onde se coloca fogo na terra, acaba também diminuindo o curso das águas né, diminuindo as chuvas e tudo mais, acaba alterando as estações do ano né... As próprias monoculturas, aquilo que era só uma ação das grandes empresas de monocultura, passaram a ser também de pequenos produtores, o pessoal começou a assim, a se influenciar com o eucalipto né, com promessas de dinheiro mais rápido e tudo mais e acabou também isso prejudicando a temperatura e o clima do lugar, secaram os ribeirões, secaram as águas, as estações do ano foram também se alternando, no sentido de clima né, a temperatura subindo muito, diminuição das chuvas, e hoje a gente percebe, por exemplo, que é uma raridade o mês de novembro, o mês de dezembro com muita chuva, esse ano [2021] está tendo, mas isso é uma raridade. Acaba que as chuvas que antigamente eram nessa época, de novembro, de dezembro, que causavam as enchentes, que causavam né até os deslizamentos de terras e tudo mais, elas foram diminuindo, hoje em dia é mais frequente chover um pouco mais em fevereiro e em março do que no final e no início do ano como era antigamente. Então acontece em um ano ou outro de ter muita chuva em novembro né, em dezembro, mas não com tanta frequência como tinha nos tempos passados... (Gilmar Sousa, São Sebastião da Boa Vista)

Termo frequentemente empregado nas falas dos narradores das comunidades de Chapada, a *maromba* era como eram chamados os mutirões dos moradores que envolviam trocas de serviço para auxiliar nas tarefas da roça de vizinhos, parentes ou camaradas. Segundo as palavras de Diniz (2017), a *maromba* pode ser compreendida como:

Formas de trabalho vicinal coletivo, de natureza espontânea e solidária, mediadas por relações produtivas não-mercantis intra e interfamiliares, constituem elementos tradicionais das relações de solidariedade e reciprocidade camponesa que criam e fortalecem laços comunitários e socioafetivos fundamentais à organização e (re) produção socioespacial das famílias rurais. (p. 37)

Aqui notamos a existência de uma relação entre *maromba* e os sentidos de comunidades produzidos neste contexto, uma vez que as *marombas* correspondem a relações que reforçam os laços de solidariedade, a camaradagem e o sentimento de pertencimento a determinado grupo. A doação da força de trabalho, nestes casos, representa uma forma de integração social e, ao mesmo tempo, um meio de entretenimento e festividade (DINIZ, 2017). Com isso percebemos que a *maromba* conferia um sentido de comunidade nos envolvidos

naquela ação de camaradagem, que além do cuidado coletivo com a terra servia para reforçar os laços de amizade e as redes de solidariedade entre os partícipes, mas, por outro lado, nas palavras de Gilmar parece denotado também uma culpa coletiva no sentido de que em certas ocasiões tais mutirões serviram para avançar com o desmatamento no sentido de abrir novas frentes para a agricultura local – reforçando o argumento apresentado na narrativa de Mestre Chato; isto fica cristalino quando Gilmar aponta que “... A própria coivara que eles faziam né, primeiro eles roçavam sem critério nenhum, sem orientação nenhuma, roçavam até dentro do ribeirão, até na beirada das águas, e depois queimavam tudo né.”.

Sobre a coivara mencionada por Gilmar, trata-se de uma técnica tradicional adotada pelas comunidades que envolve o desmate e a queima das podas, sobretudo afim de gerar novas terras para plantio ou pastagens, algo que, segundo o próprio Gilmar, por ter sido feito de maneira desordenada e incorreta teve como consequências “[...] a terra foi se empobrecendo, a beirada dos ribeirões foi assoreando e no lugar onde se destrói o verde, onde se coloca fogo na terra, acaba também diminuindo o curso das águas né, diminuindo as chuvas e tudo mais, acaba alterando as estações do ano né”.

Dona Neném, por sua vez, nos revela uma questão que nos conduz a um interessante debate a respeito da biodiversidade local: a identificação de uma planta, a colônia, como um elemento comum nos tempos de sua infância e juventude, e que segundo a narradora seria um elemento típico destas paisagens. Assim, no relato de Dona Neném descobrimos que:

Aqui de primeiro tinha muita colônia, uma planta que beira a água, uma planta que cheira né, aqui em cima aqui atrás mesmo tinha ela... O pessoal foi acabando com elas, acabou com tudo... Aqui perto tinha muita água pra todo lado, tinha o Córrego da Cachoeira, tinha o Córrego Seco, o Córrego do Tamboril, o Córrego da Estiva, o Córrego do Amorim, secou tudo... Aqui dentro de Santa Rita tinha uma nascentezinha, tinha uma cacimba prali pro alto da igrejinha, a pequeninha lá, lá atrás tinha uma cacimba que eles pegava água nela, secou. Lá tinha uma nascente que dava água que quando o rio [Araçuaí] sujava a gente ia pegar água lá naquela cacimba, lá atrás da igrejinha lá, quando cê desce aquela rua não tem um negócio assim que parece que passou um córrego por ali? Lá era a cacimba, subindo lá tinha a cacimba... Era onde buscava água quando o rio sujava, subindo cá saia lá, agora eu me lembro... Era uma cacimba que dava muita água, era uma água boa, dava até pra lavar roupa com o poço que formava, hoje não existe mais... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

A colônia, ou lírio do brejo (*Hedychium coronarium*), é uma planta mencionada em mais de uma narrativa como algo representativo da mudança observada nas paisagens locais.

Esta espécie, que possui flores brancas de grande beleza e extremamente perfumadas, chamava a atenção de quem passasse por perto dos corpos hídricos da região, sendo que muitos se remetem diretamente ao cheiro da colônia, um perfume que era muitas vezes considerado como distintivo das nascentes e beiras dos rios e córregos da região, mas que hoje se encontra cada vez mais difícil de se encontrar nos entornos das comunidades. Cabe ressaltar um fato interessante: tal espécie, apesar de ser assinalada nas narrativas como uma planta característica das nascentes e beiras de rios e córregos da região, trata-se de uma planta exótica e invasora - proveniente do continente Asiático, mais especificamente do Himalaia (SANTOS; PEDRALI; MAIA, 2005), e cujas “[...] conseqüências negativas sobre as espécies nativas tornam estas plantas daninhas nos locais onde proliferam.” (SANTOS; PEDRALI; MAIA, 2005, p. 176) - , que se adaptou bem as condições encontradas em ecossistemas brasileiros e que inclusive vem gerando polêmica na medida em que alguns especialistas defendem a necessidade de encontrar espécies nativas capazes de substituir as touceiras desta planta que vem dominando certos ambientes (FIORAVANTI, 2012). Assim, o simples fato de as colônias/lírios do brejo estarem presentes nas memórias mais longínguas dos moradores destas comunidades já nos revela que a intromissão humana nestas paisagens é algo que remonta a períodos imemoriais, talvez coincidindo com os princípios da ocupação destas terras pelo empreendimento colonial, que trouxe não somente pessoas para viverem e trabalharem nestas bandas, mas também acabaram trazendo consigo plantas e animais exóticos, alguns dos quais hoje se encontram como dominantes em determinados ecossistemas, como é o caso das colônias que se adaptaram as margens de corpos hídricos; ou das tilápias do Nilo que se proliferaram de maneira descontrolada nos rios da região; entre outros exemplos de introduções que hoje se revelam como possíveis ameaças aos ecossistemas nativos, uma vez que acabam por competir (e em muitos casos levando vantagem) com as espécies endêmicas.

Assim, esta reflexão acaba nos remetendo da História Ambiental diretamente a um debate próprio da Biogeografia – em especial da Biogeografia Cultural -, interface esta que vem sendo identificada como um caminho profícuo para a compreensão da realidade complexa do Antropoceno (FIGUEIRÓ, 2021), uma vez que com isso estamos observando como as sociedades humanas acabaram tendo um papel decisivo na proliferação de determinadas espécies, conjecturando assim sobre como certas plantas e animais foram parar em determinados ambientes.

Ainda sobre tal planta, é interessante comentar que segundo os saberes etnobotânicos destas comunidades a colônia/lírio do brejo teria diferentes utilidades para os seres humanos, indo desde propriedades medicinais até a capacidade de manutenção da qualidade da água – capacidade esta que, aliás, é comum ser mencionada nas conversas com os sertanejos chapadenses – sendo inclusive documentada anteriormente (CAMARGO, 2017) -, de modo que podemos discernir que na percepção destes narradores a colônia teria um papel relevante na preservação da água; ou que nascentes e córregos tomados por touceiras de colônias seriam ambientes saudáveis. Neste sentido, a visão do saber local acaba por se chocar com a visão de alguns especialistas, sobretudo os que assumem posturas conservacionistas mais ortodoxas, que consideram a ideia de manutenção de uma certa pureza dos ecossistemas, quer dizer, há um esforço de manutenção de espécies nativas concomitante ao combate a espécies invasoras. Assim, apesar de a colônia poder representar alguma vantagem em termos de garantir uma cobertura do solo em áreas de nascentes e margens de rio, por outro lado, o fato de ser uma espécie invasora bem adaptada (e, portanto, representando um comportamento altamente competitivo na colonização destes ecossistemas) acabaria impactando diretamente na biodiversidade nativa, uma vez que sua proliferação descontrolada pode culminar na tomada de nichos anteriormente ocupados por espécies nativas (FIORAVANTI, 2012).

E não somente a flora é retratada nestes retalhos de memórias, a fauna também surge em diferentes momentos como exemplos que nos explicitam a trajetória histórica deste ambiente, demonstrando de forma inequívoca que esta paisagem já não contém os mesmos elementos e seres que continha há um tempo atrás. E por sinal, no relato que vemos a seguir Dona Rosarinha reflete justamente sobre estas mudanças de composição da biodiversidade local, com espécies desaparecendo e outras tomando seus lugares.

Pai contava que aqui tinha onça, paca, veado e hoje não tem nada disso mais... Hoje tem só os passarinhos né, sabiá, gavião aparece de vez em quando, verdadeira vem umas aqui que eu coloco milho pra elas comer, elas sentam ali e cantam, juruti também acho que tem umas seis jurutis que vem aqui em casa ainda, porque tem a mata ciliar do córrego né, e agora eu tô tentando reflorestar justamente por isso, para que possa voltar os passarinhos e até a água eu espero... Espero que volte a água... Mas também tem bicho que apareceu que não via antes, os pardais! Antigamente não tinha pardal, hoje os pardais tomam conta, comem dentro da panela se a gente deixar, se deixar destampada eles entram e comem dentro da panela... [risos]. (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Assim, a narradora nos conta sobre a existência de animais como “onça”, “paca” e “veado” que segundo o relato eram mais comuns no tempo de seu pai do que no período de sua própria geração – sendo, neste caso, uma memória herdada (POLLAK, 1992) de seu pai que teria testemunhado uma realidade mais abundante que a que ela testemunhou em sua infância e juventude, e que por sua vez era uma realidade mais abundante que a atual -, o que já revelaria uma alteração, no sentido de uma degradação das condições ecossistêmicas de uma geração para a outra; e Rosarinha segue mencionando que hoje se mantiveram os “passarinhos”, “sabiá”, “gavião” que “aparece de vez em quando” – dando a entender uma redução na ocorrência das observações – “verdadeira”, que ela chega a alimentar com milho, bem como “juritis” que se aproveitam dos resquícios da mata ciliar do entorno do córrego e da Cacimba do Jambreiro; além de destacar, por fim, a invasão dos pardais (*Passer domesticus*), algo observado em todo o mundo, visto que tal pássaro se adaptou muito bem aos ambientes antropizados, tornando-se uma espécie cosmopolita<sup>48</sup>.

Sobre as transformações observadas na fitodiversidade da região, Dona Rosarinha considera que algumas plantas apresentam maior ou menor resistência às perturbações ecossistêmicas provocadas pelos seres humanos, de modo que algumas acabam não resistindo e desaparecem, enquanto outras, como a aroeira, acabam por tomar conta das paisagens:

Das plantas nativas o que restou mesmo é a aroeira né, aroeira, ingazeiro, essas coisas ainda tem, mas as outras, como o murici, o camboim e as outras plantas, essas coisas que tinha, o marmelo, marmelinho, tudo não tem mais né, então... Não tem mais essas plantas... Hoje ainda o que prevalece né é a aroeira e as mangueiras, jatobá, ingazeiro, o pau pereira também tem muito pouco mais tem, só essas, os outros desapareceram, mas o que toma conta mesmo é a aroeira ocê pode ver... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Assim, neste recorte da fala de Dona Rosarinha ela destaca um elemento que domina a cena da região: “o que toma conta mesmo é a aroeira [...]”. Existem pelo menos quatro espécies conhecidas pelo nome popular de aroeira no Brasil, sendo a espécie em questão também denominada aroeira-verdadeira ou aroeira do sertão (*Myracrodruon urundeuva*), uma árvore característica do cerrado e da caatinga, mas de ampla distribuição, sendo observada nas cinco regiões do país, mas que apesar de nativa não é endêmica do Brasil, ocorrendo em diversos países da América do Sul (PAREYN et al, 2018).

---

<sup>48</sup> Espécie que pode ser encontrada em praticamente todo o mundo.

Dona Rosarinha prossegue refletindo sobre plantas que surgiram e desapareceram na região, chegando a um ponto nevrálgico representado pela chegada de uma planta que segundo os relatos vem ameaçando diretamente o equilíbrio dos ecossistemas nativos, o eucalipto:

E de planta que não existia aqui antigamente que hoje a gente vê tem muitas que eu não sei os nomes.... Algumas plantaram na rua, esses mesmo que dão uma fruta amarela eu não sei o nome, foi trazido né, pra plantar... E o eucalipto, esse aí agora aqui nas caatinga, nas cabeceiras ele tomou conta já, o eucalipto foi uma praga também né, considerado uma praga que eles plantaram. Já tá tudo em volta, não existia aqui não, isso chegou na região primeiro foi lá na reta, que a cerâmica plantou, a cerâmica lá de Minas Novas plantou eucalipto lá em cima, depois Manel Branco plantou aqui no chapadão, e também aí foi expandindo, igual lá na Vargem do Pombo mesmo onde eu trabalho, o mato que tem lá em volta é eucalipto né, o povo tirou tudo a mata nativa e plantou, agora onde me pertence eu falei “aqui eu não quero eucalipto nem para poste de cerca!” e a gente não tem não, porque ele espanta as aves né, as plantas não cresce embaixo e também fala que ele consome muita água, e deve consumir né, porque ocê planta o eucalipto e rapidinho ele tá grande e verdinho, pode estar seco o tempo, seco seco e ele tá verde, então é provável que ele utilize de muita água né... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

A narradora comenta a chegada de plantas exóticas, incluindo algumas que podem ser encontradas pelas ruas das comunidades e o caso do eucalipto, que dominou as paisagens das chapadas nos entornos das comunidades. Na visão de Rosarinha o eucalipto é visto como uma praga, que traz mais prejuízos que benefícios para a população e o ambiente. Dona Rosarinha assume que a eucaliptocultura aportou na região inicialmente através do intermédio de uma empresa de cerâmica de Minas Novas, e com o tempo acabou sendo adotado por políticos, fazendeiros e empresários da região.

A rejeição de dona Rosarinha ao Eucalipto é explicada em parte pelo fato de esta ter acompanhado os impactos ambientais da expansão da monocultura de eucalipto nos arredores de sua propriedade na Vargem do Pombo, onde a mesma acompanhou o secamento das fontes d'água desta localidade – que nos tempos de sua juventude compreendia inclusive áreas de brejos e alagadiços. Não somente, a narradora ainda destaca características do eucalipto, incluindo espantar aves, secar o solo e impedir o crescimento de plantas sob sua sombra.

Assim como Rosarinha, Juarez também associa o eucalipto a uma piora na qualidade ambiental da região, assumindo que este absorve a água do solo, considerando que:

Mas ele toma tudo e não devolve, então eu já acho que é disso que vem esse nosso fracasso danado com a natureza né.... Isso [esse agravamento da crise hídrica] ainda demorou bem uns anos, eu não calculo mais se foi uns dez anos

por aí, mas aposto que ele [o eucalipto] foi tomando conta e a água foi diminuindo aos poucos, devagarinho, devagarinho até sumir de uma vez por todas... (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)

Trazendo visão semelhante a de seu irmão quanto aos prejuízos da eucaliptocultura, Cezomar faz um relato a respeito da realidade dos produtores rurais que dependem dos rios da região, sublinhando que:

O que mais tem é produtor rural reclamando dos afluentes - que o maior afluente do Rio Araçuaí é o Itamarandiba! E os afluentes do Itamarandiba estão tudo secando porque tão plantando eucalipto nas cabeceiras das nascentes, nas bacias hidrográficas do Itamarandiba, que a maior potência do Araçuaí é o Itamarandiba, o dia que ele secar o Araçuaí vai junto... [...] E eles lá vai sentando eucalipto nas nascentes, acabando com tudo... Mas aqui [Em Santa Rita] não [ninguém planta em Santa Rita], planta aí nas cabeceiras aqui, indo pra Chapada um cara plantou... O problema do eucalipto na região aqui é justamente na cabeceira das nascentes que é onde não deveria, que é onde tá as nascentes dos afluentes tudo, ai secou tudo. Até o Araçuaí, o Araçuaí já não tem mais afluente nenhum, é só o Fanado e o Itamarandiba e tá perdendo os afluentes deles... Vai secar... Vai secar... E aí, é como diz Xangai “Das matas virgens destruídas vão lembrar/ Que quando chegar a hora/ É certo que não demora/Não chame Nossa Senhora” que nem ela vai poder nos salvar, vai ser um salve-se quem puder... (Cezomar, Santa Rita do Araçuaí)

Assim, Cesar aponta que a crise hídrica se trata de um problema que afeta não apenas o Araçuaí, mas também outros rios da região como o Itamarandiba e o Fanado, e destaca que o eucalipto vem causando prejuízos generalizados para os corpos hídricos da região, sobretudo porque muitas das plantações se situam em áreas de cabeceiras. Diante deste tema e da preocupação com o futuro dos rios do Vale do Jequitinhonha Cezomar se remete a letra da canção “Matança” interpretada por Xangai, que declara que não haverá salvação diante de tamanha destruição. Numa linha semelhante, a narrativa de Gilmar nos aponta para uma crise que pode ser sentida por toda a região, e não apenas na bacia do Araçuaí, e reforça como a ambição humana foi responsável por grande parte dos problemas relatados:

Mas de uns tempos pra cá os próprios rios grandes, o Rio Araçuaí, o Rio Fanado, o Rio Itamarandiba, o Capivari que praticamente hoje já só existe em enxurrada, que é só em época de chuva que ele corre, o Fanado que foi destruído pela monocultura do eucalipto e pelo envenenamento das Chapadas, até esses rios eles sofrem muito, não só pela estiagem e pela destruição da mata atlântica da região, como também pelo aumento da retirada de água por vaidade sabe? E por ambição. Por ambição por causa da grande quantidade de plantios que tem de café principalmente, e de eucalipto, é retirada uma grande quantidade de água para molher, usando bombas que são acima do permitido por lei e tudo mais, e por vaidade por causa das quantidades de sítios que o

peessoal andou construindo nessas margens, com piscinas e tudo mais, gente que vive na cidade e que começaram a adquirir sítios só para o lazer e que retiram grande quantidade de água, então essa água que sustentava nos tempos passados 10, 30 famílias hoje em dia muitas vezes essa água vai pra uma família só, para encher piscinas e para satisfazer o lazer dessas pessoas que estão construindo espaços de entretenimento e de lazer por essas margens... (Gilmar Sousa, São Sebastião da Boa Vista)

Nazareth nos descreve suas iniciativas de registrar passagens da história e cultura da região, A narradora conta que sua curiosidade e interesse a levaram a coletar muitas histórias dos antigos, que foram agrupadas como um quebra-cabeça para reconstruir as transformações nas paisagens de sua comunidade. Nazareth assume que sempre foi muito ligada as histórias do passado de sua comunidade, e que isso inclusive explica o fato de ter convertido sua casa em uma espécie de museu popular, onde guarda pequenas relíquias que a fazem recordar do passado, com suas paisagens, personagens, sons, cores, aromas e sabores. E então sua narrativa se desvia para explicar como a mesma produziu três mapas (Apêndices) da comunidade de Boa Vista:

Esse primeiro mapinha ele representa o período da minha infância, aquele mapinha lá tem, ele tá sinalizado onde eram as casas do povo mais velho e tem até os nomes deles né... Quando eu... Na verdade aquele mapa eu fiz ele em 2002, que com o passar do tempo a gente vai esquecendo né, a gente pode esquecer porque pelo fato de não existir mais essas casas, então a gente pega e tem alguma coisa rabiscado, eu fiz questão de anotar os pontos né, os pontos onde tinha as casas velha, que aí fica mais fácil que no papel a gente tendo alguma coisa rabiscado fica mais fácil da gente lembrar né... E aí assim sem ninguém pedir, sem ninguém mandar fazer eu peguei e fiz. Aí eu fiz das casas velhas, passou um tempo e eu fui fazendo os galinhos da estrada de onde ia prum lugar e pro outro... Aí depois de... Aí depois eu... Depois quando modificou eu pensei “ah já que tá tudo modificado né, onde era estrada já é rua, onde era as casas antigas já tem outras casas né” e aí eu peguei e fiz o outro mapa já marcando as ruas, e esse que eu fiz em 2002 eu fiz o antes que era das casas antigas, e depois eu fiz o outro já colocando os nomes das ruas. Mas eu fiz os dois no mesmo ano, só que assim, o que tinha na memória eu fiz, o antigo, e aí eu fiz o atual na época pra ver as diferenças, o córrego que tinha água no mapa antigo, que mostra que tinha água né [risos], e aí quando transformou de lugar antigo pra lugar de né com as ruas, a comunidade já com as ruas, aí já mostra que o córrego já não tinha água, que já tinha diminuído ou até secado e onde fazia estrada ficou sendo as ruas né... Descendo mesmo daqui pra lá era só estradinha, no outro mapa mais novo aí já constou que era uma rua... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)



Nazareth explica que produziu o primeiro mapa (Apêndices) pensando em representar seu período de infância, sendo desenhado em cores, com destaque para o verde indicando as matas (em especial na área correspondente a nascente do córrego Boa Vista) e o azul para representar os cursos d'água. Além de ter indicado a localização das propriedades dos antigos moradores. Quanto a isso, a narradora explicou posteriormente que fez questão de recuperar os nomes de antigos moradores como um tributo a memória dos que se foram e que um dia fizeram parte do passado desta localidade. Cabe destacar que entre as fontes de água representadas, para além dos Córregos Nazareth também ilustra a localização da Cacimba do Jambreiro, uma importante fonte de água que teria sido furada pelo próprio fundador da comunidade, e que como vai nos contar Dona Rosarinha (atual proprietária do terreno onde fica a cacimba) apenas recentemente a cacimba "deu de secar" - algo inédito até então, que na visão destas senhoras é fruto do desmatamento e da conseqüente destruição dos córregos e nascentes da comunidade.

Então Nazareth nos explica que esses mapas foram confeccionados em diferentes momentos, sendo o segundo e o terceiro posteriores ao primeiro, que surgiram justamente como um complemento ou atualização do cenário representado pela narradora. Nazareth revela que o segundo mapa a ser elaborado teria sido o que indica os caminhos que chegam e partem da comunidade de Boa Vista, indicando as estradas que conduzem as zonas rurais do distrito. Quanto a este mapa em especial é interessante mencionar que Nazareth é uma narradora que teve a oportunidade de circular consideravelmente no território de Chapada, principalmente por ter atuado como agente de saúde e colaborado com ações de recenseamento. Assim, suas atividades profissionais acabaram lhe oportunizando um amplo conhecimento do município, sobretudo as áreas localizadas a partir da margem esquerda do Araçuaí - que foram impressos na confecção dos mapas.

Ainda sobre esta segunda representação cartográfica, é possível observar que Nazareth fez o esforço para incluir informações como o número de habitantes de cada comunidade da zona rural de Boa Vista - algo que a mesma confessou ter sido feito para demarcar o crescimento ou decréscimo das comunidades a partir da produção dos mapas.

Por fim, Nazareth revela que a constatação das mudanças a levou a produzir uma atualização do mapa original, inserindo as ruas, já com seus nomes atuais, e produzindo um retrato recente do cenário local. Neste caso, Naza representou sua comunidade já sem as cores que estavam presentes no mesmo mapa; no lugar da grossa linha em azul que cortava o primeiro

mapa e indicava o percurso do córrego, o mapa mais recente mostra uma fina linha cinzenta, representando as mudanças observadas no córrego. O mapa recente já traz os atuais nomes das ruas e vielas, o que mostra que no intervalo expresso de um mapa para o outro a comunidade passou por um processo de autonomizações, em que definiu toponímias para suas ruas e prédios públicos. Algo que Nazareth chegou a questionar, assumindo que certas toponímias não foram bem escolhidas, pois segundo a mesma não são representativos para a comunidade.

Assim, os mapas de Dona Nazareth, sobretudo quando emparelhados, ilustram alguns capítulos da história ambiental da região, forjados a partir de retalhos de memórias preservados cuidadosamente por esta narradora. De maneira resumida, podemos encarar tais mapas como uma narrativa visual da história socioambiental da comunidade de São Sebastião da Boa Vista.

Cabe pontuar a ironia de como Nazareth representa o passado mais colorido que o presente, a ironia no caso simbolizando a tristeza de ter testemunhado a paisagem se descolorir diante do crescimento desordenado na comunidade. Ao que novamente Nazareth ressalta o papel dos registros para evitar o esquecimento, destacando que a memória não é sempre confiável e que as vezes pode ocultar muitas camadas do passado.

Os mapas de Nazareth, com suas narrativas, nos ensinam que a percepção das mudanças não se deu apenas nas interferências mais escancaradas dos seres humanos na paisagem, indo além dos cenários edificados pelas mãos humanas, tais como as construções que compõe as comunidades; mas também nos ditos elementos naturais das paisagens, incluindo aí, entre outras coisas, os córregos e rios da região. De um modo geral, as narrativas foram unânimes ao afirmarem que os corpos hídricos da região estão fortemente afetados pelas ações humanas, ressaltando, sobretudo, a diminuição do volume e o secamento dos mesmos, algo que pode ser especialmente observado no trecho que será apresentado a seguir, contendo um relato de Dona Neném a respeito de seu testemunho a respeito do Araçuaí. Assim, os relatos nesta linha tangenciaram pela situação da crise hídrica, assinalando causas e efeitos possivelmente associados a estas transformações.

Esse rio aí mudou muito, era muita água, o rio tinha muita água viu, era muita água, não secava do jeito que tá agora não, era água demais, muita água, porque chovia né, então era água demais, muita água, nessa cachoeira lá [aponta para a direção onde fica cachoeira na beira do rio próximo a Santa Rita] era duas cachoeira, uma dum lado outra do outro, hoje secou, só tem uma, mas eram duas cachoeiras bonitas, era muito bonito esse rio, nossa, era

lindo demais, tinha as duas quedas d'água, as duas cachoeiras, uma de lá e uma de cá, nossa, era bonito demais... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuai)

Além disso, no trecho acima Dona Neném descreve como a redução do volume do rio afetou a paisagem observada pelos moradores de Santa Rita, incluindo o desaparecimento de quedas d'água, que deixaram de existir em função da diminuição da vazão do rio; ou as praias que eram comuns pelas beiras do Araçuai nos tempos de antigamente, mas que hoje em dia praticamente deixaram de existir. Ainda assim, neste trecho Dona Neném aponta redução das chuvas como a principal causa para essa modificação do perfil dos rios e córregos da região, ou seja, ao menos nesta passagem não fica clara a compreensão de uma implicação antrópica nesta situação. Com isso, nestas narrativas nos deparamos com um cenário que nos aponta para um passado com rios e córregos bem mais cheios, e cuja força das águas era capaz de mover moinhos, gangorras e que inclusive representava um risco nos tempos chuvosos para aqueles que viviam próximos de suas margens. Mas ao contrário da visão de Dona Neném, seus filhos já exprimem narrativas que pontuam claramente os agentes de causa e efeito envolvidos no deterioramento das condições hídricas locais.

Já Juarez, por outro lado, esmiuçou os possíveis motivos que conduziram a atual situação, ressaltando uma série de pontos que, segundo ele, foram fundamentais para que boa parte dos problemas ambientais observados acabassem se agravando. Neste sentido, Juarez reafirma seu ponto de vista de que a chegada do eucalipto na região representou um marco no processo de acirramento da seca. Assim, Juarez, como outros narradores deste estudo, testemunhou os impactos ambientais que se aprofundaram no tempo de sua geração a partir da expansão das florestas de eucalipto da região.

Desta maneira, nas falas de Cezomar e Juarez constatamos que tais corpos hídricos estão sendo sufocados pelas ações humanas, enunciando que certas relações humanos-natureza estabelecidas neste território foram construídas sob pactos agressivos - que não permitem que a natureza se recupere adequadamente das alterações promovidas. Este fato, segundo as afirmações de alguns dos narradores, tem causalidades bem definidas, tendo sido observadas e constatadas ao longo de suas vidas. É neste sentido que Juarez nos brinda com uma visão precisa a respeito de uma explicação sobre os processos, personagens e acontecimentos envolvidos na trajetória deste território.

Depois desses eucalipto pra cá eu não tô lembrado... Mas eu vou te contar a história do início...Aqui lá pros anos 60 chegou um alemão aqui por nome de Pierre, Pierre eu acho que ele trabalhava é na [palavra incompreensível] do

campo... Aí ele passou anunciando aqui para que o povo cuidasse de seus terrenos e legalizasse suas terras que o governo vinha tomando as terras todas aí que fosse devoluta para plantar eucalipto, é celulose né que chama... Veio ele e um padre da Itália, e uma advogada por nome de Ruth, a advogada chamava Ruth e o padre era Silvano e eles fez uma reunião aqui na igreja e na escola Zé de Calu. Aí nessa época teve até inclusive muitos grileiros, com documentos falsos aí de terras dos outros vendendo pras empresas de celulose, e meu irmão Zé da Toca que fez uma campanha aqui pra avisar o povo para que corresse e tomasse conta dessa questão, e inclusive ele na época acionou o prefeito pra não deixar não que isso aí não era boa coisa aqui pro Vale do Jequitinhonha, que isso podia estragar as nossas águas e tal, mas o povo não deu muito ligância nisso aí não... E até mesmo ele explicava sobre a maneira de poluição da água, mas até que eles enviou isso lá pra Bahia, sobre a água não tá poluindo não, mas tá poluindo o tempo né, o meio ambiente, porque devastou as nossas águas, as terras tão tudo morrendo, os animais silvestres que não tem mais pra onde sobreviver, que eles não sobrevive no meio de eucalipto, então tá essa questão aí dessa seca, depois que tiraram as matas atlânticas que veio o eucalipto pra cá eu vi as águas morrendo, foi morrendo aos poucos, a água morrendo de baixo pra cima, primeiro os lençóis de água, gritando, cantando o seu cantar natural e o regime agora ocê só vê a sequeidão pra todo lado e o povo reclamando da seca, inclusive os rios aí tão perdendo muito dos seus volumes de água [trecho incompreensível]. [...] Esse Pierre era marido de uma Vera, era, tinha essa Vera e uma companheira que sempre andava com ela, que essa eu esqueci o nome [...] Eles fazia umas pesquisa, eles eram ligados a igreja, e da igreja era o tal padre Silvano da Itália, mas esse Pierre era alemão, ele falava com a língua meio arrastada, a Vera também era falava assim, eram loiros, todos dois era brancos esse Pierre e essa Vera... Eles fizeram reunião aí, que acho, que eu me lembro teve muitas coisas boas pro povo aí, acho que deve ter sido mais por causa deles mesmo e o sindicato que teve muita tenda da EMATER aí pro povo da roça aí, teve muitas coisas boas [...] na época eles conseguiram muita coisa pra Chapada do Norte [trecho incompreensível] (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)

No trecho acima Juarez nos aponta personagens chaves para entendermos algumas das forças de resistência que se tentaram conscientizar as comunidades a respeito das possíveis consequências associadas as monoculturas de eucalipto. O relato de Juarez ressalta com isso o papel de Pierre e Vera, um casal de estrangeiros que atuou como agentes pastorais na região e que teriam tido uma importância fundamental na constituição de comunidades eclesiais de base (CEBs), bem como auxiliaram na organização das comunidades dando conselhos para as lideranças locais, contribuindo com recursos financeiros e promovendo cursos de formação para os moradores; assim como destaca o envolvimento de uma advogada Ruth e do padre Silvano na organização destas ações propostas pelo casal de estrangeiros. Mas estes não foram os únicos mencionados na narrativa de Juarez, é importante ressaltar ainda a menção ao seu irmão mais velho Zé da Toca, que chegou a realizar uma campanha para conscientizar a

população a respeito dos riscos do eucalipto e do confisco de terras devolutas que estava se desenrolando em outras regiões do Vale.

Ainda com relação aos personagens Pierre e Vera, outro narrador de Santa Rita, Pedrinho de Santos, nos desvela a seguinte informação:

Esses dois, Pierre e Vera eu lembro que eles trabalhava era em Araçuaí, eles eram de Araçuaí, moravam lá... Não sei se eles ainda é vivo hoje, eles era de Araçuaí, mas eles vinham muito aqui na região... Eles trabalhava no DER, DER é o Departamento de Estradas né, então eles ajudava muito aqui pra região nossa aqui. É que na parte de estradas, essas coisas, eles que determinaram essas coisas, vinham aí colher depoimentos do pessoal e depois acabava mandando maquinários para ajudar a região, e não era só Santa Rita, era Chapada toda... (Pedrinho de Santos, Santa Rita do Araçuaí)

Com isso entendemos que Pierre e Vera teriam sido dois agentes pastorais, mas agora, segundo a versão de Pedrinho de Santos, também descobrimos que estes poderiam estar ligados ao departamento de Estradas e Rodagens (DER) mas que, certamente, vinham de Araçuaí – algo também mencionado por outros narradores que fizeram referências a estes sujeitos – e tiveram uma influência significativa para as comunidades.

Destacando outro ponto que contribuiu para a crise ambiental, Juarez destaca para além da eucaliptocultura as práticas de carvoaria, que inicialmente eram praticadas com base na queima da vegetação nativa e, com o tempo, foi alternada pelo eucalipto:

Aqui de primeiro o povo não era tanto de mexer com carvão, chegou um certo tempo que veio o carvão também, povo roçando mato pra fazer carvão, mas era mais pros lados do Brejo ali, onde eles tirou aquela mata de eucalipto... Aqui de primeiro os mais velho até usava os pau nativo pra fazer carvão, mas era pouco, até isso foi agravado pelo eucalipto, que agora muita gente passa a plantar eucalipto não só pra celulose, mas também pra carvão né (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)

No trecho a seguir, Magno nos conta sobre as nascentes que abasteciam a comunidade de Tabatinga:

As nascentes lá na região minha né, tinha essa água lá que vinha por gravidade da nascente, o pessoal já era comunitário, então ia lá o povo limpar a barragem, e não secava, era uma coisa incrível. Limpava a caixa e abastecia a comunidade toda, tanto é que ela abastece até hoje, só que hoje ela já está bem mais fraca né, que o pessoal já vai na Chapada plantando eucalipto e desmatando, então a tendência é ir acabando. Antigamente aqui o carvão era feito mais era desse desmatamento da mata nativa, não existia eucalipto aqui, eu presenciei a região toda aqui sem um pé de eucalipto, tudo era mata nativa, o pessoal fazia o carvão natural era tudo de mata nativa. Tanto é que essas Chapadas, esses planos que o povo planta eucalipto pra fazer carvão hoje ninguém queria antigamente, o povo achava que não prestava, o cultivo das

lavouras antes era mais na beira dos córregos né, nas grotas. (Magno, Cachoeira do Norte)

Nesta fala, o narrador nos revela o esforço comunitário envolvido em torno da gestão popular dos recursos hídricos, de modo que as pessoas se uniam para manter a barragem limpa, as mangueiras desentupidadas e controlavam a distribuição. Magno ressalta que a mesma nascente que abastecia a comunidade no seu tempo ainda se mantém viva, porém muito enfraquecida, mas ainda assim continua atendendo a comunidade. Por sinal, Magno nos reforça que a causa por trás deste impacto sobre as nascentes é justamente associada ao plantio de eucalipto; mas também ao desmatamento; e as práticas de carvoaria.

Não obstante, Magno nos apresenta uma informação importante a respeito dos usos das terras das chapadas, destacando que estas áreas planas que hoje são o ponto de concentração das florestas de eucalipto, por muito tempo foram vistas como menos produtivas ou impróprias para a lavoura, com isso, na visão tradicional dos sertanejos da região estas terras eram designadas para criação de animais à solta, como reserva para obtenção de madeiras (para lenha, construção ou carvoaria) e outros recursos extrativistas (tais como plantas medicinais, fibras, corantes etc). Por fim, Magno ainda pontua que, no tempo de sua geração o eucalipto ainda não havia invadido e se espalhado pela região sendo, portanto, algo relativamente recente e com impactos perceptíveis pelos os moradores.

Dona Rosarinha pontua que:

A época assim a data eu não tenho, porque igual eu falei com ocê, eu esqueci muita coisa... Mas que é um prejuízo pro meio ambiente e pra comunidade é esse esgoto. É um prejuízo muito grande, porque aí nesse córrego a gente tomava banho, a gente lavava roupa, panhava até água pra beber quando não tinha água encanada, e hoje cê não pode passar, cê não pode pisar que está contaminado né. Sem contar que eles fizeram uma estação de tratamento e não cuidou né, que igual aqui em cima ele desce um pedaço de terra lá até no córrego, enche o córrego de esgoto. Aqui embaixo no meu terreno também tá lá a céu aberto né... Por tanto a gente cobrar, cobra cobra, mas ele começou a mexer e largou lá no meio da estrada... E a COPANOR já teve aí, a empresa que pegou pra fazer o esgoto, mas eu não sei o que que deu né... Hoje mesmo perguntando cumpadre Zé Donério, que é vereador eu perguntei “o que que eles fala desse esgoto, cumpadre Zé?” e ele falou assim “ô moça, esse esgoto aí foi no governo de Anastasia que saiu, que começou, mas depois eles não falaram mais nada quando entrou esse novo mandato”, aí eu falei “mas tem que cobrar, porque se não cobrar vai ficar como está”. Então na época era pra fazer Chapada, Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista aí eles fizeram a estação lá em Santa Rita, Chapada eu não sei como ficou, em Santa Rita fizeram a estação, deram conta de fazer essa estação, e aqui em Boa Vista só começou e deixou aí a Deus dará com esse esgoto aí prejudicando a gente... E agora que

a COPASA tá trabalhando nessa água pra Moça Santa eles terminaram lá em Santa Rita, conseguiram conectar na rede... E Boa Vista tá aí a Deus dará... Ninguém tá cuidando... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Neste trecho apresentado acima, Dona Rosarinha demonstra uma compreensão das diferentes esferas de responsabilidade englobadas na questão do saneamento básico, entendendo que tal papel não se configura como uma obrigação exclusiva da esfera municipal, constatando o papel do governo estadual e das empresas responsáveis (COPASA e COPANOR).

No relato de Dona Dô apresentado a seguir enxergamos o atual drama do córrego que dá nome a comunidade de Cachoeira do Norte. Hoje tomado pelo esgoto a partir de determinada altura, o córrego enfrenta ainda outros problemas, como a interrupção de seu fluxo por uma série de alterações tal como: o enfraquecimento da nascente principal pelo desmatamento da zona de abastecimento; a construção de represas que interrompem o curso do córrego; e mesmo a canalização e construção de um trecho de rua diretamente sobre o córrego, gerando uma interrupção abrupta que nos tempos das chuvas provocam alagamentos nestes pontos. E com isso, a mudança de Dona Dô para esta nova residência, na beira do Córrego da Cachoeira, passou a representar um constante desconforto, com o frequente odor desagradável, bem como pela proliferação de insetos, sobretudo pernilongos. Pernilongos que, aliás, muitas vezes foram mencionados pelos narradores mais velhos como uma novidade na região. Segundo estes já existiam mosquitos e pernilongos nestes ambientes, porém não eram os mesmos que se observam atualmente, como o *Aedes aegypti*, animal vetor dos vírus causadores da dengue, Chikungunya e zika.

Eu mudei praqui em 2013... Eu e Antônio, nós mudamos praqui em 2013, dia 3 de dezembro. E muitos já falava que nós não ia dar certo nessa casa por causa do mau cheiro do córrego, que não tem rede de esgoto. É muita sujeira e um mau cheiro que a gente fica com vergonha quando chega um na casa da gente. Vai fazer oito anos agora dia 3 de dezembro que nós moramos aqui e o único recurso que surgiu pra nós foi encanamento não sei bem se está com seis anos por aí ou sete, que Marcelo trabalhou de vice-secretário de obra e depois secretário de obras, o meu filho mais velho... o único do município de parte de prefeitura que descobriu que isso aqui precisava de um recurso foi ele. Ele trouxe um [trecho incompreensível] que não sei como é que mexe lá, depois o Carlos que era secretário de saúde deu um jeito lá, acho que ajudou até do bolso dele, compraram uns canos de 100 e aí que fizeram o encanamento. Mas ainda arrebenta, tem horas que o mau cheiro ainda vem, vou falar procê, Daniel do Rio de Janeiro já tirou foto, como é que chama do bichinho que ocê mostrou nós aqui? Os pernilongo dentro d'água, os cabeças de prego, com aquela água azul, até Daniel do Rio de Janeiro já tirou foto e

passou aqui e mostrou e meu marido, que hoje já faleceu. Mas o único recurso que veio pra nós é esses canos e tá a prova aí pra qualquer um que quiser ver, mas eu acho que o município tinha que ver isso que o mau cheiro ofende a qualquer pessoa e nós temos que pensar principalmente é nas crianças da região, que só vê o córrego nesse porqueira, não sabe o que é esse córrego limpo, como que era esse córrego quando corria água, que tinha a tal da cachoeira aí do fundo correndo... Tudo foi perdendo né... (Dona Dô, Cachoeira do Norte)

A fala de Dona Dô também nos conta sobre os esforços de seu filho Marcelo, mais conhecido como Marcelão da Cachoeira<sup>49</sup>, no sentido de tentar solucionar o problema do descarte irregular de esgoto no córrego, porém apesar dessas tentativas terem surtido algum efeito a curto prazo, mas com o tempo o problema acabava retornando e ainda hoje permanece perturbando os moradores desta parte da comunidade que se encontra mais próximo deste trecho contaminado do córrego. Mas talvez pelo fato de ser um problema que afeta poucos moradores, em especial Dona Dô cuja casa encontra-se justamente no rumo do ponto de despejo de esgoto, a situação ainda não tenha sido encarada pelo poder público como algo realmente urgente. Cabe frizar que Dô destaca que apesar de ter se mudado para a comunidade em 2013 quando chegou o problema do esgoto e dos mosquitos já existia, assinalando que tal problemática já se arrasta por pelo menos nove anos.

---

<sup>49</sup> Atualmente Marcelo exerce o cargo de vereador representante do Distrito de Cachoeira do Norte, mas anteriormente exerceu o cargo de secretário municipal de obras em gestão anterior a atual.



## 11. MEMÓRIAS SOBRE TEMPOS DIFÍCEIS: NARRATIVAS SOBRE DESASTRES E VIVÊNCIAS PESSOAIS

Neste item recuperamos nas narrativas menções a momentos de crises vivenciadas pelos participantes, com destaque para crises associadas a desastres, eventos climáticos, crises hídricas e vivências pessoais dos sujeitos. Assim, foi possível notar uma unanimidade nas falas dos participantes: todos mencionavam, com maior ou menor intensidade e detalhamento, eventos traumáticos que vivenciaram e, que em grande parte, são associados a questões socioambientais e, em especial, climático.

Deste modo, os recortes das narrativas agrupados neste capítulo exemplificam como estes sujeitos vivenciaram essas situações complicadoras e como tais acontecimentos marcaram suas memórias pessoais e as memórias de suas comunidades. Com isso podemos notar como cada sujeito se posiciona diante desses eventos associados a tempos difíceis.

### 11.1. A Salvação do Fubá e do Mucunã: Narrativas sobre as “Grandes Secas”, “Fomes” e “Anos de Lagartas”

*No ano de 39  
Passando em Sucuiú  
Eu vi uma família inteira  
Correndo atrás de um tiú  
Vamos rezar minha gente  
Que fome não é brincadeira  
Eu vi uma família inteira  
Correndo atrás de um tiú  
E o que mais fazia graça  
É que as moças ficava de calça  
E o véio mais a véia ficava nu*

Canção cantada por Juarez durante a entrevista

No semi-árido a seca costuma impor aos viventes certos desafios e dificuldades. Com o prolongamento desta estação a paisagem se modifica, adequando-se à secura. A vegetação - quando não acaba esturricada pelo Sol castigante - adormece, despindo-se de suas folhas e aguardando o retorno das chuvas; quanto aos animais, muitos se escondem, ou se aquietam, enquanto outros aparecem para celebrar esta fase; de um modo geral, o cenário pode parecer desolado, com árvores peladas e retorcidas, enquanto se destaca o predomínio de tons alaranjados e avermelhados, tão característicos do solo desta região, que na menor presença de ventos já lança aos céus nuvens e turbilhões de poeira, que às vezes as crianças da roça chegam a confundir com sacis. O calor intenso projeta miragens no olhar de quem caminha por essas estradas tortuosas e cheias de declives. Boa parte dos córregos desaparece ou minguia, formando poças esparças; assim como represas, que acabam tendo seus volumes reduzidos com a evaporação. O sertanejo observa tudo isso com muita atenção, aguardando ansiosamente os sinais da natureza para uma mudança de planos. Assim é a seca do sertão mineiro, ou pelo menos esses são alguns dos vislumbres que pudemos extrair das conversas e vivências em meio a este território e junto de seus habitantes.

Quando pensamos nesta realidade climática devemos entender que muitas vezes esta se encontra associada a diferentes crises socioambientais sendo, inclusive, entendidas como formas de desastres. Neste sentido, de acordo com a COBRADE (DEFESA CIVIL, 2012, s.n.) as secas são consideradas um subgrupo dentro do grupo de Desastres Naturais de caráter Climatológico, que por sua vez é subdividido em outros quatro tipos, que abrangem estiagens, secas, incêndios florestais e baixa umidade do ar. Assim, dentro destas categorias observamos que em especial as estiagens e secas são tipos recorrentes de desastres observados neste contexto e reproduzidos nas narrativas dos participantes da pesquisa. Quanto a estes tipos de desastres, a COBRADE assume que a estiagem compreende um “Período prolongado de baixa ou nenhuma pluviosidade, em que a perda de umidade do solo é superior à sua reposição” (DEFESA CIVIL, 2012, s.n.); enquanto que a seca representa um agravamento desta situação correspondendo a “[...] uma estiagem prolongada, durante o período de tempo suficiente para que a falta de precipitação provoque grave desequilíbrio hidrológico” (DEFESA CIVIL, 2012, s.n.). Neste sentido, podemos assumir que boa parte das preocupações das comunidades correspondem a situações de secas, uma vez que vivendo no semiárido já estavam acostumados a realidade de estiagens, porém a extensão destas acabava gerando uma comoção coletiva nas comunidades diante da ameaça da fome.

Assim, percebemos que a seca produz memórias traumáticas. A escassez, a fome, as perdas, as dificuldades e o sofrimento são elementos constantes nas narrativas, sobretudo dos mais velhos, e daqueles que vivenciaram, de forma mais íntima, a relação com a terra, com a lavoura. E, apesar de as chuvas provocarem acidentes, prejuízos e grandes dificuldades, que de fato marcaram as memórias destas comunidades, por outro lado, é interessante notar que ao entrar em contato com as narrativas percebemos que em muitos casos os narradores imprimem um peso maior para a seca. Isso possivelmente se relaciona ao fato de que quem já convive com a seca tem a tendência natural de temê-la, e, ao mesmo tempo, de torcer pela chegada das chuvas. Assim, apesar das chuvas também trazerem prejuízos, os discursos produzidos pelos sertanejos do Jequitinhonha parecem assumir a seca como a principal antagonista.

Mas, de forma ainda mais específica, algumas datas determinadas ficaram registradas nas memórias destas comunidades como marcos a serem lembrados, acontecimentos que deixaram cicatrizes nas memórias e nas paisagens desta região. Neste sentido, percebemos que determinadas secas foram especialmente marcantes, sendo alguns relatos repassados de geração em geração como um símbolo da resistência do povo ao clima local. Deste modo, iniciando pelos relatos que nos transportam aos tempos mais antigos, tais memórias herdadas que se mantiveram vivas no repertório de narrativas das comunidades nos conduzem ao final do século XIX:

Aqui teve a fome dos 90, dos noventinha né, teve a fome do fubá, a fome do fubá eu lembro um pouco.... Eu lembro do povo passando muita fome... Nessa época o povo vivia muito da faiscação do ouro, faiscava o ouro e ia pra feira de Chapada pra trocar, e trocava e comprava as moquequinha de coisa pra trazer pra comer, com o dinheiro do ouro, então o pessoal sobreviveu com a faiscação do ouro... O ano do mucunã eu não lembro, não é do meu tempo, mas eu vejo contar história da fome do mucunã, que o povo pegava o mucunã que é uma raíz, ralava, fazia aquele mingau e comia, vivia do mucunã, comendo mucunã pra não morrer de fome né... Teve a fome do mucunã... Muita gente aqui comeu mucunã... Foi a seca né, porque não choveu, o povo não plantou nada porque não choveu, foi a crise da seca, falta de chuva né que causou a crise e aí veio a fome, e o povo se valeu do mucunã, que é uma raíz que tinha muito, aqui atrás dessa escola aqui tinha ela, eles rancava, o mucunã... Ele dá uma espécie duma goma, um polvilho, ralava ele, punha pra secar e ele virava um polvilho sabe? É tipo um polvilho, ocê conhece polvilho? Era aquilo, e ali fazia o angu pra comer... Aí teve a fome do mucunã, a fome do fubá, do mucunã, tudo teve aqui... E dos noventinha, agora não sei porquê que pois o nome de noventinha não, será por causa da moeda ou será por causa do ano? No ano noventa né, acho que foi mil novecentos não sei o que noventa, alguma coisa assim, aí chamou noventinha, deve ser por isso, mas até hoje o povo ainda tem medo do ano dos nove. Teve a fome dos nove também, em falando de ano dos nove, essa história de ano dos nove já é mais antiga, esse

tal ano dos nove que eu vejo contar história eu não lembro dele não, mas não foi do meu tempo não, do meu tempo foi só a do fubá e do mucunã, desses eu lembro, do povo comendo fubá e mucunã, mas graças a Deus nós nunca passou por isso não, que graças a Deus meu pai era mantido... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuai)

A chamada “Fome dos Noventinha” mencionada por Dona Neném, além de registrada no contexto do Jequitinhonha, foi especialmente sentida no Nordeste, em especial na Bahia (RIBEIRO, 1992). De acordo com Vasconcelos (2017) “[...] o sertão baiano sofria com outro grave problema – a seca. O final do século XIX foi marcado pela seca de 1888-1890, a chamada ‘seca de noventinha’ que destruiu a economia e fez ampliar a fome, a desigualdade e a migração” (s.n), algo que é reforçado por Ribeiro (1992), que destaca, justamente, as ondas de retirantes nordestinos que foram parar no Vale do Jequitinhonha fugindo das secas do Nordeste, em especial desta grande seca que marcou o final do século XIX.

Mas no caso dos narradores desta pesquisa percebemos que os mesmos se encontram muito distantes temporalmente deste evento climático que marcou o imaginário sernanejo, de modo que constatamos que essas memórias da seca de noventinha foram herdadas de antigas gerações - que ao contrário do grande evento climático de 1929 que será discutido no próximo item (11.2) e que é descrito com grande teor de detalhes - já não trouxeram os relatos em conexão com o território, quer dizer, não assumem que tal seca afetou diretamente suas comunidades de origem, apesar de mencioná-las. De acordo com as narrativas percebemos que neste período (1888-1890) as comunidades sedes dos distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista ainda não tinham se formado, o que nos leva a crer que o simples fato desta grande seca ser mencionada nas narrativas nos aponta que isso já corresponde a um reflexo da memória coletiva (HALBWACHS, 2003) do Vale do Jequitinhonha, e também do semi-árido como um todo.

Já no século XX o Vale do Jequitinhonha vivenciou uma série de grandes secas, mas algumas em especial marcaram a memória das comunidades, tal como a ocasião que ficou conhecida na região como “Fome do Mucunã”. Quanto a esta data, Dona Neném assume que “... O ano do mucunã eu não lembro, não é do meu tempo, mas eu vejo contar história da fome do mucunã, que o povo pegava o mucunã que é uma raiz, ralava, fazia aquele mingau e comia, vivia do mucunã, comendo mucunã pra não morrer de fome né... Teve a fome do mucunã...

Muita gente aqui comeu mucunã...”. Assim, logo de cara percebemos se tratar de uma memória herdada (POLLAK, 1992), que remonta ao período da primeira metade do século XX.

Mucunã, macunã, mucunã-de-carço, olho-de-boi, bago-de-boi, queima-queima ou unha-de-boi são alguns dos muitos nomes populares associados a plantas do gênero *Dioclea Kunth*, pertencente à família *Fabaceae-Faboideae*, que possuem ampla distribuição no território nacional, sendo especialmente comuns no cerrado e caatinga (MAXWELL, 1969). Estas plantas marcaram o imaginário popular das secas e da fome no Vale do Jequitinhonha e no Nordeste brasileiro.

No relato de Dona Neném, esta destaca que a grande crise que levou a fome do mucunã teria sido um resultado da “[...] seca né, porque não choveu, o povo não plantou nada porque não choveu, foi a crise da seca, falta de chuva né, que causou a crise e aí veio a fome, e o povo se valeu do mucunã, que é uma raiz que tinha muito, aqui atrás dessa escola aqui tinha ela, eles rancava, o mucunã...”, retratando o desespero do povo diante da falta de chuvas, que, diante desta penúria acabou recorrendo ao garimpo como uma alternativa de sobrevivência, uma vez que “Nessa época o povo vivia muito da faiscação do ouro, faiscava o ouro e ia pra feira de Chapada pra trocar, e trocava e comprava as moquequinha de coisa pra trazer pra comer, com o dinheiro do ouro, então o pessoal sobreviveu com a faiscação do ouro...”, e assim Neném atesta que o ouro ajudou a matar a fome de muitos neste período. Apesar da situação, a narradora afirma que sua família não chegou a passar fome nesta ocasião, pois seu pai tinha algum recurso para mantê-los.

Em artigo publicado no “Blog do Professor Jasson”<sup>50</sup>, Ferreira (2012) realizou um levantamento histórico da seca de 1932 que afetou o nordeste brasileiro e entrevistou o senhor Cantídio, morador da comunidade de Possos, no município de Campo Formoso (BA), que concebeu o seguinte relato a respeito de sua experiência:

Uma comida muito braba e saborosa era produzida com a mucunã. A semente era assada no fogo feito com palhas, era quebrada, tirava um bago bem branco, como castanha de caju. O bago era levado ao pilão, fazia uma massa, peneirava, depois era lavada em nove águas para tirar o veneno, era como tapioca. Depois se fazia o beiju. (s.n)

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://professorjassonoliveira.blogspot.com/2012/12/a-seca-de-1932.html>

Neste sentido, o testemunho de Seu Cantídio coletado na Bahia revela muitas similaridades com os discursos sobre a seca produzidos com base nas experiências dos sertanejos chapadenses, assinalando como a memória das secas do Nordeste apresenta muitas coincidências com a memória das secas no Vale do Jequitinhonha, revelando, inclusive elementos da biodiversidade que foram fundamentais para a sobrevivência destas populações diante da seca. Porém, ao contrário do que é posto por Seu Cantídio, as narrativas chapadenses sobre a chamada “seca do mucunã” explicitaram um uso diferente para este vegetal, de modo que em Chapada do Norte a goma de mucunã era extraída da raiz e não dos caroços, conforme afirmado por Cantídio. Algo que pode ser observado na fala de Dona Alzira quando a mesma explica os procedimentos que eram empregados para se extrair tal goma do mucunã:

O macunã que eu sei, que eu alembro é duma roxa né, se tem outra eu não alembro.... Dá pra comer né, mas a água dele, pamode poder comer a goma dela tinha que enxugar a água sete vezes, jogar fora, tinha que por água e na hora que tivesse assim fervendo jogar fora de novo, sete vez. Ele dá uma nódea né, uma nódea preta igual da mandioca assim sabe, aquela coisa preta, e é brabo, se ocê não lavar pode fazer mal. (Dona Alzira, Santa Rita do Araçuaí).

Deste modo, Alzira nos confirma a difícil tarefa de se extrair a goma do mucunã, um alimento por muitos considerado “bravo”, e que necessitava de uma técnica específica de cozimento para se eliminar a nódea preta que podia causar problemas de indigestão, destacando que era preciso “enxugar a água sete vezes” para poder consumi-lo. Além disso, Alzira nos sinaliza que com base em seus conhecimentos sobre a flora local só saberia informar a existência da espécie de mucunã de flores roxas.

Com base nos relatos Seu Cantídeo e Dona Alzira poderíamos concluir que o mucunã pode ser considerado uma espécie de Planta Alimentícia Não Convencional (PANC)<sup>51</sup> característica das regiões do semiárido brasileiro; representando uma alternativa alimentar diante de situações de secas extremas. Porém, Dona Rosarinha nos traz um relato que aponta que talvez o mucunã não fosse tão palatável, reforçando ser um alimento para condições extremas, uma espécie de recurso de sobrevivência apenas para emergências, visto que:

Pai contava que na época da fome de 1939, que o povo rancava macunã, batia, lavava e fazia um mingau da goma... Da goma do mucunã, e aí fazia farinha também... Um dia até eu tentei [risos]... Um dia eu até tentei fazer a farinha de mucunã, mas não deu certo não viu, eu acredito que aquilo ali não é pra comer não, pelo amor de Deus, tem que ser muita fome mesmo, fica aquele

---

<sup>51</sup> Conceito cunhado pelo professor Valdely Ferreira Kinupp para se referir a plantas (ou partes de plantas) com potencial alimentício que são negligenciadas, subutilizadas ou desconhecidas por boa parte da população.

trem mole, aquele trem desgastante, não dá não, pelo amor de Deus, é muita necessidade mesmo né... Mas aí o povo tinha também os matos né que eles comiam, o ora-pro-nobis, essas coisas, que o ora-pro-nobis mesmo pode vir a seca que ele é uma planta resistente, ele é uma planta resistente e aí ele consegue brotar, quanto mais cê corta ele mais ele brota né, e daí dá pra ir panhando os brotos e fazendo a farofa que é muito gostoso, muito gostoso mesmo, e ele é nutritivo... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Neste sentido, a fala de Rosarinha define o mucunã como algo que “não é pra comer não”, que “fica aquele trem mole, aquele trem desgastante”, reforçando que se tratava de uma medida desesperada.

As Plantas Alimentícias Não Convencionais, também conhecidas pela sigla PANC, foram popularizadas a partir dos trabalhos do professor Valdely Ferreira Kinupp, em especial sua tese de doutorado (KINUPP, 2007) e, mais recentemente, pelo livro publicado em parceria com Harri Lorenzi (KINUPP; LORENZI, 2014). Na apresentação do livro “*Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: Guia de Identificação, Aspectos Nutricionais e Receitas Ilustradas*”, publicado pela Editora Plantarum, os autores Valdely Ferreira Kinupp e Harri Lorenzi (2014) explicam que consideram o conceito PANC adequado por ser abrangente o suficiente para:

[...] contemplar todas as plantas que têm uma ou mais partes ou porções que pode (m) ser consumida (s) na alimentação humana, sendo elas exóticas, nativas, silvestres, espontâneas ou cultivadas.” (p. 15). Neste sentido, a diferenciação destas daquelas que não recebem a adjetivação de “não convencionais” reside justamente no fato de serem “[...] espécies com grande importância alimentícia. Contudo, desconhecidas ou negligenciadas por grande parte da população e, inclusive, pelos órgãos de Fomento, de Ensino, de Pesquisa e Extensão e pelos Ministérios oficiais (e.g., MAPA, MMA, MS, MDA), enfim do poder público. (p. 13).

Sobre as PANC nas comunidades Chapadenses percebemos na fala de Dona Rosarinha a menção a tais plantas como um recurso fundamental para a sobrevivência diante de condições extremas de seca, algo que fica especialmente claro quando ela afirma que “mas aí o povo tinha também os matos né que eles comiam”, algo interessante, pois como explica Kinupp (2007) e Kinupp e Lorenzi (2014) é comum as PANC serem referidas como “matos”, “inços” ou “ervas daninhas”, sobretudo por seu caráter espontâneo, e pelo fato de muitas vezes as pessoas negligenciarem o potencial alimentício destas plantas. Cabe destacar ainda que: “[...] aquilo que é não convencional no Sul do Brasil pode ser corriqueiro no Norte e vice-versa. O que é

convencional no Brasil pode ser e, geralmente, é bizarro em outros países longuínquos [...]” (p. 16).

Rosarinha menciona de maneira direta, para além do mucunã propriamente, o ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*), um importante alimento do sertão mineiro que também é conhecido como “carne-de-pobre” ou “carne-vegetal” por sua alta concentração de proteínas e aminoácidos essenciais (KINUPP; LORENZI, 2014). Trata-se de uma planta que “[...] cresce espontaneamente em áreas antropizadas de pastagens em toda a região de sua ocorrência natural. Suas folhas, flores e frutos são usados na culinária mineira, preparadas de várias formas, tanto cruas quanto cozidas” (KINUPP; LORENZI, 2014, p. 272), mas que em Chapada é presença comum nos quintais, hortas e roças, bem como nos pratos e panelas.

Quanto ao ora-pro-nobis ainda cabe pontuar a importância desta planta para a culinária regional mineira, com destaque ao festival do ora-pro-nobis que ocorre anualmente na cidade de Sabará (MG)<sup>52</sup> e atrai expectadores ávidos por experimentar iguarias das mais diversas que são produzidas tendo tal planta como ingrediente principal. Nas comunidades envolvidas na pesquisa tal planta é consumida crua ou refogada, em saladas, farofas ou misturada a outros preparos como ensopados.

Ainda sobre o mucunã, Silva e Oliveira (2019), refletindo sobre a fome nas narrativas do semiárido das secas e o direito de desenvolvimento, recuperaram um trecho de “Quinze” de Raquel de Queiroz, onde a autora faz menção a tal espécie característica do imaginário das secas, escrevendo que:

[...] se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo (QUEIROZ, 2012, s.n, Apud SILVA; OLIVEIRA, 2019, p. 145)

Quanto a tal achado nos escritos de Raquel de Queiroz, Silva e Oliveira (2019) confirmam um ponto da narrativa de Dona Alzira, quando esta assume que o mucunã “[...] é brabo, se ocê não lavar pode fazer mal. ”, uma vez que salientam que:

Nas secas mais violentas, o sertanejo partia para a busca de alimentos vegetais pouco nutritivos, como a macambira, muitas vezes até nocivos ao nosso corpo humano. Vê-se um exemplo dessa nocividade nos escritos de Raquel de

<sup>52</sup> Reportagem explica que o festival teve que ocorrer virtualmente em sua 23ª edição em função da pandemia de covid-19. Ver em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/06/19/interna\\_gerais.1278459/festival-do-ora-pro-nobis-retorna-online-em-sabara.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2021/06/19/interna_gerais.1278459/festival-do-ora-pro-nobis-retorna-online-em-sabara.shtml)>



Queiroz, quando um dos filhos do personagem principal, retirante, sucumbe em função da ingestão de um desses vegetais (p. 153).

Já Rocha (2021) discorre a respeito da seca e da alimentação do sertanejo segundo os escritos do literato e naturalista cearense Rodolfo Teófilo (1853-1932), pontuando que a segunda obra lançada por este autor foi, precisamente, “Extractos da ‘Monographia do Mucunã’” (1889), onde o mesmo “[...] fundamentou cientificamente os benefícios e os efeitos da mucunã no organismo humano. Do empírico ao experimento científico, Rodolfo Teófilo desenvolveu seus estudos sobre a mucunã e encaminhou ao Ministério da Agricultura um ofício e 200 gramas da fécula para exame.” (ROCHA, 2021, p.279). Posteriormente a monografia de Teófilo teria sido enviada aos cuidados do professor Wilhem Michler, que analisou as amostras nos laboratórios da Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e publicou os resultados na Revista Agrícola do Império, em 1889 (ROCHA, 2021, p.279).

Sobre os resultados publicados por Michler a partir da análise da monografia de Rodolfo Teófilo, Santos, Pinto e Alencastro (2000) pontuam que:

A fécula era obtida da raiz e das sementes da Mucunã, planta oriunda do Ceará, uma Leguminosa dos gêneros *Mucuna* e *Dioclea* [...] a qual é usada nos tempos de seca como alimento. Segundo Rodolpho Theophilo, em sua monografia da Mucunã, além da irritação da pele causada pelo manuseio das vagens, o uso da fécula como alimento produz diversos incômodos tais como desarranjos, sensação de peso no estômago e digestão difícil. Ao verificar a presença ou não de alcalóide tóxico, Michler identificou um ácido tânico em grande quantidade. Apesar de não tê-lo isolado, Michler afirma tratar-se de um novo tipo de ácido tânico, ao qual denominou “ácido tânico da Mucunã”. Michler isolou também o corante vermelho “phlopapheno da Mucunã” [...] Os resultados da análise levam Michler a concluir que a fécula, enquanto alimento exclusivo, tem pouco valor nutritivo, só devendo ser usada em combinação com outros alimentos que contenham albumina e gorduras. Considera o ácido tânico nocivo ao organismo e recomenda que ele deve ser eliminado ou reduzido ao mínimo, pois ataca a mucosa. (p. 422-423).

Assim observamos que a os resultados apontados por Michler (apud SANTOS; PINTO; ALENCASTRO, 2000) apontam para as dificuldades de digestão da fécula do mucunã, destacando ser um alimento de baixo valor nutritivo, sobretudo pela presença do ácido tânico do mucunã que deve ser eliminado – algo que deve ocorrer ao longo das lavagens de águas mencionadas pelos narradores – pois conforme citado acima faria mal a mucosa.

Ainda ponderando sobre o mucunã na obra de Rodolfo Teófilo, Rocha (2021) elucubra que o mucunã era considerado um “‘pão dos famintos’, a mucunã é a planta tradicional e figura

obrigatória de todas as secas. ” (p. 282) e prossegue explicando que “Fome e mucunã eram o que restava para os retirantes da seca com duas funções básicas: 1) bebida – na falta de água, utilizavam-na para matar a sede; 2) comida – da fécula extraíam a goma para fazer farinha e mingau (papa).” (p.282) e, indo além, recupera a descrição feita por Teófilo a respeito dos procedimentos que eram necessários para o consumo desta planta:

Eis o procedimento: 1) as raízes seriam reduzidas a massa; 2) as raízes, em um cocho, seriam lavadas nove vezes para a extração do corante (cor de rosa), hoje conhecido como tanino; 3) A fécula descansaria para que as matérias sólidas assentassem; 4) o líquido deveria ser decantado para a retirada de sedimento; 5) a substância alimentícia seria a massa encontrada no fundo do cocho; 6) a goma deveria secar ao sol; e 7) a goma, após a secagem, seria usada como farinha no preparo de mingau. (ROCHA, 2021, p. 282).

Dona Conceição também recorda de histórias herdadas de sua mãe a respeito de um tempo de grandes dificuldades em que o povo foi obrigado a recorrer ao mucunã como forma de sobrevivência. Em seu relato Conceição aponta que sua mãe costumava sinalizar a ela que planta era o tal mucunã, e contava para a filha que na época desta fome o povo usava a raiz desta planta para produzir uma goma e um mingau. Além disso, Dona Conceição dá pistas a respeito da morfologia desta planta, destacando que se trata de um tipo de cipó:

Do tal “ano do mucunã” minha mãe contava né que tinha as raízes... Lá no Carambola mesmo onde nós plantava roça ela mostrava aqueles coisinhas que tinha né, e mostrava [o mucunã] para a gente saber do que que eles tirava pra fazer o mingau, hoje eles fala curau, mas naquele tempo a gente falava era mingau né. Pegava o mucunã né e aí fazia ele virar uma goma assim né, e essa goma que fazia o mingau. E o povo nessa época diz que alimentou foi disso, que a seca foi tão braba que não tinha o que comer, era só esse mucunã mesmo... O mucunã eu conheço, mas hoje eu quase não vejo mais, ele é um tal dum cipó, dava aquela raiz grossa assim tipo batata, ele dava na roça, ele dava sempre onde a gente plantava a roça, mas hoje a gente não vê, não acha mais... (Dona Conceição, Cachoeira do Norte)

Pedrinho de Santos comenta algumas características do mucunã e afirma saber onde encontrar um exemplar desta planta tão importante para a história da região:

O macunã ali assim tem um pé ali, tem um pé aqui perto de casa, é aquelas unhas de boi né? Do mucunã a gente tira as raiz dele... Chama unha de boi, o nome, mas o nome dela certo é macunã... Depois a gente vai ali no quintal que eu tenho quase certeza que eu vi um ali atrás no barranco, eu vou te mostrar ele... (Pedrinho de Santos, Santa Rita do Araçuai)

E conforme prometido, após este relato Pedrinho de Santos caminhou até o quintal e localizou o tal pé de mucunã que havia mencionado. Subimos um barranco escorregadio em função das fortes chuvas que tinham caído nos dias anteriores e encontramos a planta, um tanto

maltratada, praticamente soterrada pela lama que escorreu do morro. Com ajuda de um facão Pedrinho escavou uma cova em torno da raiz e conseguiu extrair um pedaço da mesma (Figura 11) para me mostrar a matéria prima que era utilizada para produzir o famoso mingau que salvou muita gente no passado.

**Figura 18 - Fotografia da raiz do mucunã sendo exibida por Pedrinho de Santos**



Fonte: Acervo do autor.

Conforme evidenciado pelas narrativas, os sertanejos chapadenses tinham a prática de utilizar as raízes dos mucunãs, empregando-as para extrair uma goma, num processo semelhante ao que realizavam com a mandioca. Neste sentido, vemos que no relato de Gentilin este compara o mucunã a uma mandioca, ressaltando o aspecto de seu sistema radicular e observando que tal planta se tornou escassa na região; tenta recordar a data, mas se confunde com um “ano de lagarta”, e com uma ocasião que veio a ser conhecida como “ano do fubá”, afirmando que:

O macunã é uma raiz, é tipo uma mandioca, se eu achasse eu saberia mostrar pro senhor como é, eu conheço, mas ele também exalou daqui, cê num acha mais disso... Esse tal ano de mucunã que eles fala eu acho que foi na década de 60, em 63, foi o ano da lagarta, em 63 ou 64, deu o tal ano da lagarta... A gente saía daqui... A única coisa que matou a fome aqui foi o fubá, que o governo mandou um fubá, a farinha baiana, tinha a farinha baiana, e a gente punha dez medidas de milho na carcunda, no ombro aqui e ia lá em Leme do Prado, ia daqui andando lá em Leme do Prado com esse milho na carcunda, ia uma ou duas pessoas, principalmente rapazinho né que ia, pra trocar, dez medidas de milho por dez medidas de fubá. E aquele fubá servia para tudo, o engrossado, o bolo, a farinha, a broa, então o fubá é que segurou a turma aqui. Uma medida dá dois quilos mais ou menos, então era uns 20 quilos de milhos

que o povo carregava, era uma quarta de milho, outros levava meia quarta, cinco medidas... Era quanto tinha, quanto dava, o que tinha para levar levava... (Gentilin, Distrito de Santa Rita do Araçuaí).

Ao contrário da "fome dos noventinha" e da "fome do mucunã", a memória da "fome do fubá" é mais recente, e por isso surge com mais detalhes nas narrativas dos sujeitos, alguns tendo inclusive vivenciado pessoalmente tais acontecimentos. Além disso, Dona Neném indica outro ponto do imaginário local expresso quando esta afirma que "até hoje o povo ainda tem medo do ano dos nove". A menção a "anos dos nove" é algo muito comum não somente entre as comunidades de Chapada (CAMARGO, 2017; CAMARGO; SÁNCHEZ, 2021), mas no Vale do Jequitinhonha como um todo (SOUZA, 2010a), sendo associado a anos com tendências de desastres, sobretudo decorrentes de crises hídrico-climáticas - ideia que possivelmente se consolidou na região a partir da recorrência de eventos em anos terminados em nove, com destaque para os dilúvios de 1929 e 1979, e a grande seca de 1939.

Nas recordações de Dona Alzira o ano de fubá ressurge como uma grande seca em que a dieta foi restrita a fubá e macarrão, mas admite que não sabe precisar a data de tal evento.

Eu sei que teve uma seca aí, mas eu não tenho a lembrança do ano que foi... Ano de fubá eu lembro que eu já morava aqui, foi difícil... A gente não tinha as coisas né. Tinha mais assim, macarrão, fubá, era assim... Tinha outras coisas, mas a gente tinha mais era essas coisas aí né... (Dona Alzira, Santa Rita do Araçuaí)

Já Dona Conceição apresenta um relato mais elaborado, comentando que "chegou a passar dificuldade naquele tempo", destacando que era preciso levar o milho que tinham armazenado para trocar por fubá em Leme do Prado. Então sua memória a conduz a outra situação de grande dificuldade: os anos de lagartas:

De ano do fubá eu lembro... A gente chegou a passar dificuldade naquele tempo, naquele tempo a gente passou, naquele tempo tinha que ir em Leme do Prado pra trocar, que a gente tinha o milho né, aí ia em Leme do Prado pra trocar pra trazer fubá pra gente fazer alguma coisa pra comer né. E teve uma ocasião que as lagartas comeu muito o milho e aí deu pouca coisa né, deu pouco mantimento naquele tempo. Mas a gente comia muita coisa, essas coisas que saia assim tipo a beldroega, tinha o cariru de porco, hoje ninguém como isso, mas tinha o cariru que a gente comia, tinha uns que comia até a tal língua de vaca que era um coisinha assim, esse aí eu não cheguei a comer não, mas a beldroega até hoje se eu achar ela verdinha eu como, a salada dela é uma delícia, mas naquele tempo a gente comia sempre. Mas foi difícil, aquele ano foi difícil.... Aquele ano marcou... Mas se for preu pensar quando que foi isso eu não lembro aí já me apertou não vou saber te falar não, só sei que teve esse tal ano do fubá e da lagarta que eles fala né... (Dona Conceição, Cachoeira do Norte)

Ao contrário de Dona Alzira que nos traz em seu relato uma dieta restritiva em que o macarrão e o fubá foram os principais alimentos mencionados, por outro lado, Dona Conceição novamente cita as PANC como uma alternativa que salvou muita gente da fome durante as grandes secas e momentos de crises na produção de alimentos. Neste caso, Dona Conceição recordou de três plantas que costumavam ser coletadas para consumo durante as grandes secas e crises de produção de alimentos na região: o caruru-de-porco; a beldroega; e a língua de vaca.

O caruru-de-porco (*Amaranthus spinosus L.*), também chamado de caruru ou caruru-de-porco, é uma planta facilmente encontrada nas comunidades, sendo espontânea e de ampla distribuição na América Tropical (KINUPP; LORENZI, 2014). Como explicam Kinupp e Lorenzi (2014) "é considerada planta 'daninha' de lavouras e quintais, sendo particularmente infestante em solos com alto teor de matéria orgânica" (p.52), que ainda avançam pontuando que "[...] suas folhas são comestíveis e utilizadas na culinária regional" (p. 52), sendo tida como "[...] uma boa fonte de proteína vegetal, de ferro (Fe), cálcio (Ca) e magnésio (Mg) (p. 52).

A Beldroega (*Portulaca oleracea L.*) é uma espécie "[...] nativa provavelmente do norte da África, mas hoje considerada subcosmopolita<sup>53</sup> e nativa no Brasil" (KINUPP; LORENZI, 2014, p. 620), sendo uma planta de crescimento espontâneo "[...] em solos agrícolas de todo o mundo, o mesmo ocorrendo aqui no Brasil, onde é considerada séria planta 'daninha' principalmente de pomares, hortas e jardins" (p. 620), e quanto a seu consumo Kinupp e Lorenzi (2014) destacam que os ramos e folhas desta planta podem ser consumidos crus ou em preparos, além de as sementes também serem utilizadas e consideradas como uma forma de "sal vegetal". É considerada "uma verdura rica em ômega-3 (hepta-linoleico), excelente fonte de vitamina B e C e nicotinamida (KINUPP; LORENZI, 2014, p. 620)

Para além das ponderações sobre as crises decorrentes de desastres de origem hídrica e climática enfrentados pelas comunidades, Nazareth, tal como Conceição, também relembra a drama decorrente do ataque das lagartas, identificando que o inseto em questão se tratava da lagarta do cartucho:

Igual eu tava te falando. Sobre o ano de 39 o que aconteceu mesmo foi que as bichas, as lagartas de cartucho, comeu toda a roça, e aí o povo passou muita dificuldade, faltou alimento, esse tal ano lá não deu nada na roça, diz que as bichas comeu até o capim. Que começou nos milho e espalhou pra tudo...

---

<sup>53</sup> Termo empregado para designar organismos que ocorrem em diferentes partes do mundo.

Quem lembra conta né.... Essa minha irmã mesmo que eu fui visitar ontem nós estava conversando e ela nasceu no ano de 1940 então nasceu justamente no ano depois desse ano que o povo chama de "ano de farta né", mas diz que foi feio, porque de primeiro veio as bichas e comeu a roça, depois veio a seca e não choveu pra recuperar as plantas, e depois veio o solão e terminou de matar as coisas, então foi um ano muito difícil. Aqui mesmo o povo pegava milho daqui e levava em Leme do Prado pra trocar pelo Fubá, que lá tinha o moinho, aí levava o milho e trocava lá que lá eles já tinha o fubá separado né. Aqui também tinha moinho, moinho de pedra, moía aqui também, mas o povo tinha o hábito de levar lá pra moer porque já tinha que ir lá trocar por outras coisas então já ia, e deu um tempo que o moinho daqui parou de funcionar também, o moinho de pedra, eu lembro desse moinho, ficava moendo uma pedra mexendo na outra assim, ele ficava ali indo atravessando o córrego ali pra ir pros Ferreiras, indo daqui pra lá do lado esquerdo, era na beira do córrego ali o moinho... Tinha uma casinha assim, um quartinho de taba, e o moinho era lá dentro, e ele era tocado a água, tinha as bicas de água que fazia ele girar. Esse córrego aí não faltava água não, nem na seca secava esse córrego, tinha água direto, tinha a gangorra d'água também que também funcionava pela força da água, e tinha as gangorras também que nós que socava nelas, as gangorras de pé que chamava, que pisava um pé nelas e segurava duas alavancas assim e puxava aí elas batia dentro do pilão com o milho... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)

No trecho acima Dona Nazareth comenta que na ocasião da fome de 1939 uma infestação de lagartas de cartucho teria sido o grande motivador do desastre. A Narradora recorreu as lembranças de sua irmã mais velha que teria nascido pouco após essa grande crise, que também ficou conhecida como um "ano de farta", e confirmou a gravidade da situação que teria de fato resultado de um somatório de condições, incluindo uma seca e foi sucedida pela praga das lagartas, algo que arrasou as labours.

Nazareth comenta que naquele tempo da crise de 39 o povo ia até Leme do Prado para trocar o milho que tinham por fubá, pois apesar de a comunidade possuir moinho próprio, segundo Nazareth os moradores de Boa Vista muitas vezes preferiam ir até a cidade vizinha, pois podiam adquirir outros produtos no comércio local.

Sobre o moinho antigo da comunidade, objeto perdido com o tempo, Nazareth conta que tal mecanismo do moinho era movido pela força das águas do córrego Boa Vista, localizando-se exatamente na saída da comunidade que segue em direção ao extremo norte do município. A existência de um moinho d'água no ponto descrito por Nazareth atualmente seria impraticável, com o crescimento da comunidade o córrego acabou se enfraquecendo e hoje a água escorre sem força ladeira abaixo e, em certas ocasiões, chega a ter seu volume reduzido

até quase secar - restando apenas as duas represas que se localizam numa propriedade particular que abriga a nascente do córrego)

Já Dona Dô afirma que ao longo de sua vida enfrentou muitas dificuldades, mas que sua fé sempre a fortaleceu para encarar tais desafios da vida. Dô não soube precisar a data exata, apontando com incertezas o ano de 1959, mas destacou se tratar de uma seca marcante, que foi seguida da fatídica infestação das lagartas de cartucho, mais uma demonstrando que o desastre das lagartas foi tão traumático para as comunidades como as próprias secas, sendo uma marca presente nas memórias das diferentes comunidades englobadas pela pesquisa.

Já tive muita dificuldade, se eu for contar eu nem alembro de tudo... Muita coisa... Só que tudo quanto é dificuldade eu coloco Deus na frente. Até preu ir num lugar eu penso “meu Deus, se Ocê ver que é bom ajuda que eu vou, se Ocê ver que não é eu não vou”... Mas naquela época da largarta, eu esqueci a data do ano, aquela época não alembro, não sei se foi 59, esqueci.... Acho que foi 59, acho que foi, mas eu não tenho certeza se foi esse ano... Tinha a seca, igual dessa vez que a largarta acabou com tudo Daniel, ficou todo mundo sem recurso, porque a lagarta comeu tudo, que quando lagarta dá na roça não fica nada... A seca quando é muito longa a gente luta, sofre... Mas com fé em Deus a gente superou... (Dona Dô, Cachoeira do Norte)

Quanto a lagarta mencionada por Dona Conceição, Dona Nazareth, Dona Dô e outros narradores, trata-se de larvas de lepidópteras<sup>54</sup> vulgarmente conhecidas na região como “lagarta do cartucho” (possivelmente *Spodoptera frugiperda*), sendo considerada pelos narradores como uma espécie com grande potencial de destruição das lavouras - sendo especialmente danosa para as plantações de milho, uma das principais culturas da região - de modo que nas narrativas tais insetos aparecem associados a situações de fome e a escassez. Sobre tal espécie, Valicente (2008) destaca que se trata de uma das principais pragas do milho no Brasil, que pode reduzir a produção de grãos em até 52% e que atualmente vem sendo aplicado o controle biológico desta praga agrícola através da utilização de um biopesticida a base de *Bacillus thuringiensis* (p. 1) – processo relativamente recente e com relativa demanda de conhecimento técnico destacando as dificuldades para o controle desta praga em tempos antigos, onde não havia conhecimento o suficiente por parte da população local a respeito da ecologia desta espécie.

Nestes relatos de infestações de lagartas temos realidades de crises socioambientais que também podem ser consideradas como situações de desastres. Seguindo a Classificação e

---

<sup>54</sup> Lepidoptera é a ordem de insetos que inclui as borboletas e mariposas.

Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE)<sup>55</sup> da Defesa Civil (2012), tal evento narrado como “fome da lagarta”, que basicamente corresponde a uma proliferação descontrolada de lagartas de cartucho, poderia ser classificado como: um Desastre de Origem Biológica (grupo 5); do Subgrupo 2, que se refere a Infestações e Pragas.

Porém, cabe ressaltar que a COBRADE induz a uma confusão uma vez que, para Desastres do subgrupo 2, referente a Infestações e Pragas, temos três tipos: 1) Infestações por Animais; 2) infestações por Algas; 3) outras Infestações. Neste caso, se considerarmos o critério biológico deveríamos assumir que a praga da lagarta descrita nas narrativas das comunidades investigadas poderia ser classificada como uma Infestação por Animais (tipo 1), visto que a lagarta do cartucho, por ser um inseto, é um animal. Porém, ao analisarmos a tabela a partir de seus recursos imagéticos constatamos que o símbolo empregado para infestações com animais corresponde a um desenho que aparentemente retrata três roedores deslocando-se da esquerda para a direita; por outro lado, observando a simbologia adotada para Outras Infestações (tipo 3) percebemos a representação de insetos, incluindo ilustrações que se assemelham a um gafanhoto, uma mosca e uma barata. Cabe ressaltar que tais insetos representados na ilustração também são animais e, portanto, essa classificação é inadequada e deveria ser revista ou melhor detalhada de modo a facilitar a comunicação com o público nos processos de identificação dos desastres. Quanto as definições apresentadas no COBRADE, temos que Infestações de Animais seriam aquelas “[...] infestações por animais que alterem o equilíbrio ecológico de uma região, bacia hidrográfica ou bioma afetado por suas ações predatórias.” (DEFESA CIVIL, 2012, s.n.); enquanto Outras Infestações são definidas como “Infestações que alterem o equilíbrio ecológico de uma região, bacia hidrográfica ou bioma afetado por suas ações predatórias.” (DEFESA CIVIL, 2012, s.n.). Ou seja, como é possível verificar as definições apresentadas pelo COBRADE (tanto textual como imagética/simbologia) são insuficientes para permitir a diferenciação entre tais tipos de desastres de origem biológica, sendo interessante uma reformulação para adequar imagem e/ou texto as necessidades de compreensão deste sistema de classificação adotado pela defesa civil.

---

<sup>55</sup> O processo de identificação e caracterização de um desastre é um dos primeiros passos a serem tomados da gestão dos riscos em uma situação deste tipo, uma vez que a depender do caso diferentes respostas e protocolos são indicados. Neste sentido, a COBRADE se configura como uma importante ferramenta disponibilizada pela defesa civil para auxiliar na identificação e caracterização dos desastres.



Ainda sobre o período que ficou conhecido como “seca do fubá” ou “ano do fubá”, Dona Ritinha nos aporta uma narrativa repleta de detalhes que nos revelam vislumbres de como tal crise socioambiental e alimentar foi enfrentada pelas comunidades, destacando, inclusive, o papel das redes de solidariedade que se formaram diante destas crises, sobretudo no sentido de auxiliar os mais necessitados repartindo alimentos e suprindo as necessidades básicas daqueles que buscavam ajuda. Assim Ritinha nos conta que:

De seca aqui tenho memória do tal ano do fubá uai. Que eles falava ano do fubá. Tenho, lá em casa nós colhia bastante milho, que graças a Deus a gente trabalhava muito, que esse terreno aqui era tudo do meu pai. Aí a gente plantava bastante milho, colhia bastante milho, tinha bastante cana, fazia rapadura, fazia pinga, aí ia levando lá em Leme do Prado e trocando né, levava milho e trocava a troco de fubá, levava rapadura que os meninos trabalhava também, aí levava a carga de rapadura, levava e trocava a troco de feijão, arroz, esses trem assim. Nós não passou necessidade não, mas muita gente passou... Passava gente lá em casa passando fome, com fome, ainda lembro de um dia que passou uma mulher com duas criancinhas, aí meus irmãos e a mulher que me criou tava pra roça, aí essa mulher chegou pedindo comida, aí nós já tinha almoçado e não tinha comida [pronta], mas tinha uma farinha eu fiz um escaldado de farinha de mandioca com torresmo e uma cebolinha, que escaldado de mandioca é mesmo gostoso, não sei se ocê já comeu... Aí quando eu dei ela, acho que de tanta fome, ela tava comendo e esquecendo dos meninos, aí nisso Olídia [a mulher que criou dona Ritinha] chegou e falou assim “ai Dona, dá aos meninos também que eles também tão com fome”... Foi aí que ela pegou e deu, mas precisou chamar a atenção que ela tava naquela ganância de tanta fome, e isso me marcou muito né, que a mãe muitas vezes se deixar nem come pra dar de comer aos filhos, tem horas que a mãe prefere ficar com fome e dar comida pros meninos, e dessa vez foi diferente né, ela preferiu comer e deixar os meninos... Mas aí depois ela deu pros meninos, que Olídia chegou e pediu pra ela dar de comer aos meninos... Mas foi muito difícil moço, nessa época o povo passou muito apuro, o povo passava lá pedindo rapadura, aí a gente dava e não tinha rapadura que chega. Olídia mesmo pegava as rapadura que tinha, quebrava as rapadura nuns pedaço grande e repartia pro povo que passava pedindo, pra ter o que comer né. Foi um ano muito difícil, mas nós mesmo não passou necessidade não, assim porque na época nós tinha as coisas, nessa época nós tinha, que quem moía tinha muita cana, plantava e dava muito milho, então nós tinha alguma coisa... Foi no ano do fubá mesmo que o povo comeu esse macunã... Foi nesse tal ano mesmo... Mas acho que teve um outro ano aí pra tras, que eu não era nem nascida, que teve o ano do tal do macunã que eles fala que ele arrancava pra fazer mingau, mas nós lá em casa nunca passou por isso não, porque de comer a gente tinha, que a gente mexia com moagem de cana como eu falei procê, fazia muita pinga, então a gente levava e trocava nos mantimentos, mas muita gente comeu o mingau de macunã... E por falar nisso eu acho que eu nem conheço o mucunã, diz que tem ele roxo e tem ele branco, agora eu não sei qual é que é o bão... Diz que tem um que é melhor... Mas de primeiro moço, o povo comia, tinha vez que tinha muitos pobres que comia, e era folha de taioba, folha de um tanto de mato que usa assim, um tal de cariru que eles fala caruru de porco, não sei se o cê conhece, aqui mesmo tem... Eles fazia farofa dele

[cariru], fazia farofa de beldroega, e tudo o povo comia moço, tinha gente que não tinha nada para comer, já passou gente com fome demais, hoje não, hoje o povo tá rico... (Dona Ritinha Cachoeira do Norte)

Como filha de um dos fundadores da comunidade de Cachoeira do Norte Ritinha tinha uma condição privilegiada quando comparada a outras pessoas da região. Como explicou Mestre Chato, o fundador de Cachoeira e pai de Dona Ritinha, Vicente Jorge, não era rico, mas sim um sujeito muito trabalhador que conseguiu conquistar como propriedade a Fazenda Cachoeira, deixando estas terras para seus descendentes.

Dona Ritinha explica que em função do falecimento precoce de seus pais, ela e seus irmãos acabaram sendo auxiliados pela líder comunitária Olídia Lemos, que também foi uma das primeiras professoras da comunidade. Assim Olídia ajudou a terminar de criar os filhos do casal fundador da comunidade e, com o tempo, os auxiliou no processo de partilha das terras, que acabaram sendo transformadas em lotes e vendidos, o que acabou atraindo um grande número de moradores dos córregos para a região que atualmente corresponde ao centro do distrito de Cachoeira.

Ritinha conta que na ocasião da fome do fubá ela e sua família não chegaram a passar dificuldades, pois tinham uma reserva de milho, pinga e rapadura que eram suficientes para que pudessem trocar por produtos em Leme do Prado e assim conseguiram se manter durante a crise, inclusive ajudando aqueles que apareciam pedindo auxílio diante do agravamento da seca, e conseqüentemente da fome. Neste sentido, Ritinha revela que neste período o escambo ainda era algo comum e corriqueiro entre as comunidades, de modo que o dinheiro raramente estava envolvido nas relações comerciais.

Ritinha recorda desse momento de dificuldade e dos esforços que foram empreendidos para auxiliar aqueles que buscavam comida durante as grandes crises agrícolas vivenciadas pelas comunidades. Ela narra um fato que lhe impressionou durante tal ocasião, quando uma senhora com seus filhos foi procurar comida na casa da família de Ritinha e ao que entregaram uma refeição para a mulher a mesma devorou o alimento com tanta voracidade que se não tivesse sido alertada acabaria consumindo toda a comida sem deixar nada para os próprios filhos. Algo que foi especialmente marcante para Ritinha na medida em que o instinto de sobrevivência diante da fome gerou um desespero tão grande na mulher que a mesma acabou deixando de lado o próprio instinto materno de preocupação com os filhos.

Assim como em outras narrativas, Dona Ritinha faz menção as PANC como importantes fontes alimentares diante das grandes secas e crises agrícolas enfrentadas na região, reforçando mais uma vez a importância histórica para essas comunidades dessas plantas que muitas vezes são confundidas com matos, mas que auxiliaram a saciar a fome do povo do semiárido durante essas situações de desastres. Neste caso, Ritinha destaca, para além das já mencionadas Beldroega, Mucunã e Caruru-de-porco, a taioba (*Xanthosoma sagittifolium*), outra planta alimentícia que assim como o ora-pro-nobis tem uma grande importância para a culinária regional mineira.

Ritinha também ressalta o papel de Olídia Lemos durante essas crises, oferecendo e repartindo os alimentos com aqueles que precisavam. Essa importante liderança comunitária que serviu como uma segunda mãe aos filhos de Vicente Jorge após o falecimento do casal de fundadores da comunidade teve um importante papel para a formação da comunidade e atualmente é a patrona da escola da comunidade. Quanto a estas redes de apoio e solidariedade que se forjavam diante das dificuldades enfrentadas pelas comunidades, Ritinha ainda assinala que:

A comunidade de primeiro era mais unida... De primeiro era assim, quem tinha uma vaca de leite, ninguém vendia um litro de leite, dava pros outros, se tivesse abóbora e os outros não tivesse dava pros outros, se tivesse verdura... Era assim, quem tinha dava para quem não tinha, agora hoje não, hoje é tudo comprado, se ocê quiser um leite tem que comprar, se quiser uma abóbora tem que comprar, tudo tem que comprar... Mas de primeiro essas coisas ficava era perdendo na roça, então se chegasse um querendo a gente pegava e dava, maxixe, abóbora, arroz, até feijão mesmo, qualquer coisa que a pessoa chegasse pedindo a gente dava... Isso mudou depois que pegou por luz aqui, que a comunidade pegou a crescer, mas isso mudou não foi só aqui, foi geral... Mas assim mesmo, diz que ainda tem muito lugar por aqui que tem gente passando necessidade e passa fome, aqui em Cachoeira não, mas tem muitos lugar que tem muita gente que passa fome, mas aqui nós agradece a Deus que hoje todo mundo pode dizer que está rico e tem o que comer e o que beber, que não falta que Deus abençoou que essa riqueza aí pelo menos deu pra todo mundo da comunidade. (Dona Ritinha, Cachoeira do Norte)

Cabe destacar que a fala de Ritinha implica que as mudanças das relações sociais, que deixaram de ser baseadas em laços de camaradagem, parentesco e pelo próprio sentido de pertencimento ao grupo acabaram sendo alteradas em função, segundo tal narradora, com o crescimento da comunidade e a chegada da modernidade, sobretudo com a luz elétrica e do estabelecimento de comércios.

Já Dona Rosarinha resume o agravante das crises socioambientais de antigamente, o fato de as comunidades não possuírem mercados, feiras e outros comércios que vendessem produtos alimentícios, de modo que a união das comunidades em certas ocasiões era o que garantia a sobrevivência e a superação destes desafios:

A questão da fome era um problema aqui até porque não tinha nem onde comprar, quem não conseguia produzir não tinha onde comprar, mas era mais a ameaça da fome, porque as pessoas eram unidas né, então sempre teve pessoas que ajudava o outro, mas sempre teve pessoas que necessitavam de ajuda, sempre teve... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Concordando com Dona Rosarinha, Dona Nida dá mais detalhes a respeito deste agravante das crises de antigamente, o isolamento e a ausência de mercados e comércio na região, elucidando que:

O problema é que de primeiro mesmo muitas vezes não existia um lugar pra ir buscar as coisas né, muitas vezes quando faltava era geral... Não tinha comércio direito aqui perto, muitas vezes o povo não tinha uma escolha, ficava rendido né... Daí era um tal de catar caruru de porco, beldroega, quebra tijela, essas coisas assim, fruta do mato, coquinho, essas coisa... Os menino fazia umas arapuca pra pegar passarinho, uns pegava no bodoque também, pegava as lambuzinha, as juriti, as rolinha pedrês... Quando tinha bicho às vez os homem dava de caçar um veado, um tatu e é o que tinha pro povo sobreviver de primeiro... Mas uma almôndega de carne de veado é gostoso, nossa... Mas nós de primeiro andava longe caçando fruta, ia pisando nos espinho, fugindo de calambião [risos], mas era gostoso... Tinha as suas dificuldades né, mas era gostoso, a gente era sadio... Mas aqui até que o povo não passou tão apurado porque sempre tinha aqueles que ajudava, sempre tinha um que tinha guardado um pouco mais do ano anterior daí repartia e assim ia indo né... Vamos supor, no ano do fubá que eles fala mesmo, era que no outro ano deu muito milho, então o povo levava pra Leme do Prado e lá trocava o milho em fubá... O fubá salvou muita gente nesse Vale... Mas cê vê igual pai e esses tropeiro mais velho, eles tinha que andar muito, mas era muito mesmo, levava aquelas troponas de burro carregado pra poder chegar num local pra fazer as trocas né, geralmente levava era rapadura e pinga e na volta trazia o sal, querosene, fósforo, às vezes um pedia uma pilha prum radinho, pruma sonata... Mas esses homem ia longe menino... Agora igual quando eles falava que ia pra mata mesmo, eu não sei te dizer onde que é isso, pra qual lado é, mas eu sei que era longe, bem longe... Eles levava não sei quantos dia pra ir e não sei o tanto de dias pra voltar... Vixi, mas era muito chão que eles tinha que andar..." (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Assim, a narradora introduz algumas ações que eram empreendidas pelas comunidades durante momentos de comprometimento da produção agrícola local, incluindo o consumo de PANC (exemplificando com frutas do mato; caruru-de-porco; beldroega; quebra-tijela; e

coquinho), mas também destacou a caça de animais silvestres, incluindo pássaros, veados e tatus como fontes alternativas de proteínas durante tais situações críticas.

Além disso, Nida destaca que o que salvou a população da região foram justamente os elos comunitários e as redes de solidariedade que permitiam que os moradores se apoiassem durante as dificuldades, repartindo os recursos existentes de modo a garantir a sobrevivência e superação coletiva da crise.

A narradora ainda pontua que em situações normais poucos produtos eram buscados fora da comunidade, com destaque para querosene, fósforos e pilhas para alimentar os radinhos e sonatas. Tais produtos costumavam ser obtidos a partir da troca da produção local – principalmente pinga e rapadura – uma vez que o dinheiro raramente circulava nas mãos do povo. Essas trocas dependiam de verdadeiras jornadas, sendo realizadas por um importante personagem que atualmente resiste apenas na memória dos antigos moradores: os tropeiros. Tais homens seguiam com tropas de burros carregados de produtos e percorriam grandes distâncias até alcançar certos pontos de troca. Dona Nida é filha de tropeiro e por isso mantém muitas histórias sobre as aventuras de seu pai, o saudoso Zé Caetano. Do mesmo modo, Pedrão, pai de Dona Rosarinha, também trabalhou nesta profissão típica do sertão mineiro, esta por sua vez nos relata que:

Pai trabalhava com tropas, ele contava que no tempo de meu avô que quando não tinha comércio aqui que eles iam e levava coisa pra Teófilo Otoni na tropa, aí que ia e gastava não sei quantos dias pra chegar lá, que tinha o ponto de dormir, de fazer comida, de descansar, e no outro dia continuava. Aí ele participou desse movimento dos tropeiros, mas isso já não é do meu tempo não... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

Com esse breve trecho de sua narrativa Rosarinha nos revela as dificuldades da rotina dos tropeiros, assinalando que havia toda uma logística envolvida nestas empreitadas, que deviam dar conta das paradas, do trato dos animais, da alimentação, momentos de descanso etc. Sobre esta realidade enfrentada por muitos homens da região, Rosarinha já assume que em seu tempo tão profissão já se encontrava em processo de extinção, aduzindo que “isso já não é do meu tempo não”.

Trazendo o ponto de vista de uma antiga moradora da margem do rio, Dona Dô nos aporta uma visão a respeito do Araçuaí, enfatizando que:

Aquele rio ali certamente é do início do mundo, eu nunca vi aquele rio seco, já vi ele passando na val, mas eu mesmo nunca passei, passar a val, passar a pé, eles fala passar a pé passar a val... Eu já vi um homem passar montado no burro, umas duas vezes já vi homem passar montado, eu era moça nova mesmo, era moça nova tava na escola eu vi, a mulher dele até era tia de Antônio, eu vi ele umas duas vezes passar amontado, o rio tava bem seco, mas seco pra secar de ficar só poça eu nunca vi, e Deus não deixa, mas agora eles tá mandando água até a Moça Santa, mas Deus não deixa secar não... Cachoeira, Boa Vista, Santa Rita, Moça Santa, tudo pega água desse rio... (Dona Dô, Cachoeira do Norte)

Neste sentido, Dona Dô, refletindo a respeito de suas recordações sobre o Rio Araçuaí traz à tona uma preocupação comum entre as narrativas, mas que nas palavras desta narradora se traduziu a partir de uma expressão "nunca vi aquele rio seco, já vi ele passando na val", ao que a mesma explica que "eles fala passar a pé passar a val". Ou seja, este ponto tão baixo do volume do rio que permitiria um ser humano atravessar montado em um animal teria seria o mais crítico que esse corpo hídrico chegou no intervalo de suas memórias, sendo que tal fato teria se repetido ao menos duas vezes segundo os registros da memória desta narradora - incluindo neste caso também as memórias herdadas, pois nem mesmo os antepassados das comunidades teriam mencionado alguma ocasião em que o Araçuaí teria secado por completo. Para além disso a preocupação de Dona Dô se encontra com sua fé e confiança no divino, destacando que atualmente muitas comunidades da região dependem da água do Araçuaí, reafirmando a importância central deste recurso hídrico para estas populações.

Já Dona Nazareth nos traz o seguinte relato a respeito de suas lembranças sobre as grandes secas e crises vivenciadas por sua comunidade:

De seca eu me lembro bastante, na minha juventude, na minha infância.... Eu lembro que teve uma época que os córregos diminuiu bastante a água, que o povo admirou do tanto que diminuiu, e aquilo me impressionou do povo mais velho comentando daquilo preocupado né... Mas aí depois voltou a chover, mas também não me lembro o ano que foi não, eu era bem pequena... Agora mais recentemente tem tido umas secas também, de dar prejuízo na lavoura, ano passado mesmo começou um período de chuva muito bom no final de Outubro, quando foi ver passou o natal já entrou um Sol muito quente, temperatura muito alta e as roças acabou perdendo... Algumas pessoas conseguiu colher alguma coisa, mas perdeu muito, o milho não encheu né... Principalmente quem plantou por último as roças de milho perdeu tudo, que secou sem encher os grãos. Mas agora é diferente né, mesmo que a gente perca a lavoura hoje a perca não tem o mesmo peso que tinha antigamente, porque antigamente era aquilo se a pessoa não produzisse pra comer ia ficar sem comer, porque não tinha nem como, nem onde comprar, cada um, cada família né, tinha que produzir pro seu sustento né. Hoje já tem comércio, já tem bolsa família, então deu uma melhorada na vida do povo por aqui, de primeiro a

vida era mais sofrida, era mais difícil, bem mais... Mas eu mesma não tenho lembrança dessas coisas que o povo fala de Seca do Fubá, Seca do Mucunã, eu era muito pequena e não lembro muito não do que o povo contava disso, só sei contar que foi 1939 né, que diz que o pessoal passou necessidade mesmo, que faltou chuva e faltou muita coisa, e como eu te disse ainda não tinha os comércios né, não tinha lugar de buscar e comprar, o pessoal vivia era do que produzia. Então se tinha o Sol que matava as plantas, aí a necessidade chegava... Teve ano que as lagartas destruiu... Mas a de trinta e nove eles contam, eu não lembro, mas os mais velhos contavam que o ano de trinta e nove foi um ano de fome, que teve muita falta das coisas porque bicho comia tudo as plantas que tinha né, e a seca castigou demais... Mas eu mesma não tenho essa lembrança assim do povo passando fome e dificuldade, no meu tempo a vida era difícil, mas era assim: tinha época que tinha muita fartura e tinha época que algumas coisas até faltavam, mas passar fome mesmo não passamos... Vamos supor, se dava o feijão, o feijão nascia na roça às vezes por muita chuva, tava na época de colher aí dava muita chuva e aí o feijão nascia, aí colhia pouco ou às vezes perdia tudo né; mas também era assim ou não chovia o suficiente e perdia; ou dava bicho e perdia... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)

Dona Nazareth já inicia sua fala assumindo recordar de inúmeras secas ao longo de sua infância e juventude, mas destaca uma ocasião em que se lembra do volume dos córregos ter diminuído a ponto de preocupar os mais velhos, deixando todos impressionados diante de uma seca até então inédita para muitos dos moradores das comunidades. Porém, apesar do susto, a narradora assinala que não tardou para voltar a chover, o que teria aliviado a preocupação da população. Apesar de tal lembrança ter sido retida em sua memória a narradora não soube situar tal evento em uma linha do tempo, apenas conseguindo afirmar que era jovem quando a comunidade vivenciou tal situação.

Em seguida, Nazareth faz menção as secas mais recentes, destacando casos em que as lavouras acabaram prejudicadas pela falta de chuvas somada as altas temperaturas, e destaca um ponto de merecer ser evidenciado: a diferença entre o peso que era dado a crise agrícola antes e agora, destacando que hoje apesar das secas ainda provocarem grandes prejuízos a agricultura local as pessoas ao menos tem acesso ao comércio e podem adquirir os alimentos e produtos faltantes; enquanto antigamente quem não produzisse o próprio alimento muitas vezes corria o risco de passar fome. Pois como foi revelado em diferentes narrativas antigamente não havia onde comprar alimentos nas redondezas, então cada família era obrigada a trabalhar na terra para produzir seus próprios alimentos, ou senão eram obrigados a doar a força de trabalho para fazendeiros para terem o que comer.

Para além dessas temáticas, Nazareth também aborda os famosos eventos de secas, tal como os anos do fubá e do mucunã, porém assume que na ocasião era muito nova e não chegou a absorver grandes detalhes das histórias contadas por aqueles que vivenciaram essa situação traumática, destacando que a única coisa que sua memória absorveu a respeito desta ocasião é que tal evento teria ocorrido por volta do ano de 1939 e que a falta de chuvas teria sido o fator inicial da crise, que se agravou com a chegada do Sol com altas temperaturas e em sequência a proliferação descontrolada de lagartas que terminou de destruir o que não havia se perdido.

Já sobre a realidade que se delineou a partir de sua geração Nazareth destaca que em seu tempo a vida já não era tão difícil como no tempo de seus pais e avós, pois muito já havia melhorado, e salienta que em sua época era comum uma alternância entre os tempos de fartura e os tempos de escassez; algo que Nazareth explica que apesar de "...que algumas coisas até faltavam, mas passar fome não passamos", de modo que a produção interna sempre supria as necessidades de sua família, apesar das constantes crises hídricas e biológicas que afligiam as comunidades.

Dona Rosarinha narra como os moradores antigos lidavam com a seca, destacando sobretudo a construção de poços e cacimbas, incluindo a Cacimba do Jambreiro, furada pelo suposto fundador da comunidade de Boa Vista, José Rodrigues. Cabe ressaltar que tal cacimba inclusive chegou a ser representada por Dona Nazareth em seu etnomapa (Apêndices) que ilustra os tempos antigos da comunidade de Boa Vista, sinalizando que tal cacimba já constituía um importante ponto de referência desde os tempos de sua juventude. Mas quanto ao trecho da fala de Dona Rosarinha, é interessante pontuar que a mesma friza que a Cacimba do Jambreiro que por muito tempo representou a salvação da comunidade de Boa Vista em condições mais extremas de seca, por outro lado atualmente, "do ano 2000 pra cá" tal cacimba passou a secar, reforçando que as condições ambientais da região já foram muito degradadas:

Eu lembro que teve uma época que teve uma grande seca, parece que é no ano de 39, 39 teve uma grande seca e meu tio furou um poço, furou um buraco na beira do córrego e aí surgiu água né, aí eles tratava de cacimba onde o pessoal ia panhar água pra beber e pra tratar dos animais, tudo era lá naquela cacimba, a Cacimba do Jambreiro né, a cacimba do Zé Rodrigues. Hoje ela seca né, e depois quando é época de chuva ela volta a água, esse ano mesmo até mês de agosto tinha água lá, depois secou... Por causa do desmatamento né, porque desmatou tudo né, tirou as águas e aí não tem como a água penetrar na terra, ela sai... De primeiro essa cacimba não secava, de início ela não secava, ela começou a secar do ano 2000 pra cá, depois do desmatamento, às vezes ficava um longo tempo, tinha época que ficava o ano todo sem chuva e ia chover lá



pro mês de dezembro ou janeiro, aí ela secava frequentemente... Aqui eu acredito assim, que antes aqui era mato né, então depois começou a formar o povoado e aí as pessoas foram tirando as matas pra construção né, inclusive tinha o córrego que descia aqui né, que as ruas tem casas que está em cima da nascente né, que a nascente do córrego mesmo era lá em cima onde tem o povoado né, daí no desmatar pra construir as casas né foram roçando em volta pra fazer manga, roça né, plantações, e daí que a água foi desaparecendo né, porque se não tem as plantas, se não tem as folhas pra acumular água né a água que cai vai embora, e aí não tem como brotar na terra né... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

A fala de Rosarinha é muito lúcida ao pontuar as causas que conduziram ao secamento da cacimba do jambreiro, destacando uma série de transformações observadas na comunidade. Assim percebemos que os narradores têm profunda consciência das principais problemáticas envolvidas na piora das condições socioambientais da região.

## 11.2. O Dilúvio como categoria popular de Desastre: relatos sobre os casos de 1929, 1979 e 2013

A ideia do dilúvio como uma categoria popular de desastre<sup>56</sup> se revela nas narrativas na medida em que os narradores fazem sempre questão de frisar que o dilúvio é um caso diferenciado, um evento anômalo, que se caracteriza justamente por seus efeitos extremos, que em muitos casos podem colocar as comunidades em risco. Tais fenômenos são amplamente conhecidos na região e se repetem frequentemente nas conversas com os locais, sendo associados especialmente aos anos de 1929 e 1979, e em muitos casos também a enchente de 2013 – mas além destas datas, que reverberam memórias do Rio Araçuaí, é interessante mencionar também um exemplo trazido por uma das narradoras, Lourdinha, que se refere a outra data, pouco antes de 1979, que teria causado grandes danos aos moradores das margens do Rio Jequitinhonha e que também será trazida neste capítulo, pois tal memória compreende um trauma psicossocioambiental desta narradora.

Assim, partimos de 1929, o dilúvio mais distante na memória destas comunidades, sendo, em todos os casos, resquícios de uma memória herdada (POLLAK, 1992) – que em diversas situações é imediatamente assumida como uma herança pelos próprios narradores, que inclusive já discriminam em alguns de seus relatos quem lhes legaram tais memórias.

Sem sombra de dúvidas, neste caso a narrativa mais viva e significativa foi a apresentada por Mestre Chato, um antigo morador da beira do rio, filho de canoeiro, mas que herdou de sua mãe boa parte destas histórias sobre os tempos passados. Assim, o relato que nos é apresentado por Chato é um retrato legado por sua mãe dos tempos da origem da comunidade de Santa Rita, inclusive perpassando a ocasião em que a primeira igrejinha ainda podia ser vista na margem do rio. Conforme Dona Neném:

A mãe dele [de Chato] era uma mulher simples, mas uma mulher muito sistemada, ela tinha essa mania de estar anotando as coisas, ela gostava de escrever as coisas para ficar lendo pra lembrar depois, então ela acabava guardando bem as coisas na cabeça também né... Ela falava muito nesse dilúvio que levou a igrejinha velha, aquilo foi uma coisa que impressionou muito ela... Impressionou muito o povo naquela época né, que eles nunca tinha visto o rio subir naquele tanto, e teve tanto prejuízo né, aquilo deixou o povo impressionado demais... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

---

<sup>56</sup> Essa proposta de recorrer ao termo dilúvio para fazer menção a uma categoria popular de desastre natural também pode ser observada no trabalho de Maia e Sedrez (2009), em que tais autores empregam o termo para caracterizar as chuvas extremas ocorridas no ano de 1966 na cidade do Rio de Janeiro.

Assim, Dona Neném já nos aponta uma possível explicação para essa memória ter sido preservada e transmitida a Chato com tanta precisão de detalhes, visto que: primeiro que a mãe deste narrador tinha um hábito pessoal de registrar suas memórias, de documentar aquilo que julgava importante para poder reviver determinadas lembranças; e, por outro lado, o fato de o dilúvio ter provocado uma marca profunda na memória desta personagem, algo evidenciado quando Dona Neném afirma que “Ela falava muito nesse dilúvio que levou a igreja velha, aquilo foi uma coisa que impressionou muito ela...” assim como teria impressionado “muito o povo naquela época”, uma vez que se depararam com uma situação até então inédita, de um desastre natural de grandes proporções e grande poder de destruição. Neste sentido, observamos que a mãe de Chato possivelmente vivenciou um trauma psicossocioambiental a partir de suas experiências com tais desastres, um trauma que teria vivificado em seu ser a intenção de manter essa história viva, repassando-a com detalhes a seus filhos. Assim, se hoje temos a oportunidade de encontrar uma narrativa tão rica a partir de Mestre Chato - que não testemunhou pessoalmente tal acontecimento, e sequer havia nascido neste tempo – somente a temos em função do desejo de memória de Dona Sebastiana (mãe de Chato). Chato exterioriza:

Mãe... Mãe mais pai contava, que eu nasci em 42 né... Toda coisa que acontecia mãe pegava a pena, que naquele tempo não tinha caneta, era pena, ela pegava e anotava as coisas, ela gostava de deixar escrito nuns papelzinho pra não esquecer... A pena tinha o cabinho de madeira assim, cê conheceu isso não né? Tinha o cabinho de madeira, na ponta dela tinha um folhão, abertinho no meio, e uma ponta rombuda, ocê molhava no estojo de tinta e escrevia, no meu tempo não tinha caneta, era só a pena, tanto que eu escrevi aquela música “escrevi com a pena d’ aço/ lovis lena lovis laço/escrevi com a mesma pena/lovis laço lovis lena/na Bahia diz que tem/dinheiro em prata, papel e vintém/abelha que não dá mel/dinheiro em prata, vintém e em papel/coco desengana cantor de São Miguel”, então eu escrevi essa música em cima desse tempo que a gente escrevia com a pena né, é uma música muito grande, agora eu peguei do meio pro fim, então eu fazia as músicas tudo em cima das coisas, não pegava e fazia uma música assim sem sentido, eu fazia de uma história que foi acontecido, o que eu acho ruim de muitos cantor hoje é que eles faz uma música sem sentido, que não tem nem letra... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuá).

Em sua narrativa Chato nos relata tal acontecimento em duas ocasiões distintas, uma primeira, durante a entrevista, em sua residência no centro do distrito; e num segundo momento caminhamos juntos até diferentes pontos da comunidade (Figura 12) para que Chato pudesse, presencialmente, indicar os pontos retratados em sua narrativa e reavivar suas memórias a respeito dos acontecimentos, diante dos lugares em questão. Assim, a caminhada se revelou

como uma ação essencial para uma melhor contextualização espacial das narrativas, descrevendo os pontos exatos em que se passaram as cenas desveladas por suas lembranças e anunciando que o território da comunidade por si só já representa um lugar de memória (NORA, 1993), sobretudo aqueles pontos ativadores da memória que se anunciam a partir de recordações sobre eventos climáticos que afligiram a região.

**Figura 19 - Fotografia de Mestre Chato indicando o local afetado pelo dilúvio de 1929.**



Fonte: Acervo do autor.

No trecho a seguir fica ainda mais evidente que a história do próprio Mestre Chato, da comunidade de Santa Rita do Araçuaí, e dos dilúvios acabam se entremeando em meio a sua narrativa. Fica nítido que, pelas voltas que o narrador dá para chegar a determinados pontos, perpassando detalhes e datas distintas, fazendo idas e vindas no tempo para revisitar cenas que ocorreram em diferentes momentos de sua vida, mas que, agrupadas desta maneira pelo narrador, de algum modo, transmitem um sentido, uma linha de pensamento, que nos revela a conexão deste sujeito com sua comunidade - sendo, ao mesmo tempo, herdeiro, testemunha e guardião de suas memórias e tradições. Chato inicia falando da enchente de 1929, mas dá uma grande volta, passando por inúmeros acontecimentos, em datas bem distintas, seguindo sua narrativa a partir de um resgate da herança minemônica:

29... A enchente de 1929, minha mãe contava detalhe por detalhe, que minha mãe veio de Chapada com Teófilo da Veiga, o fundador aqui de Santa Rita, veio Teófilo da Veiga, Zé Joaquim, que ele chamava Dem, era irmão dele por parte de pai, e Artur Veiga, esses dois era irmão dele por parte de pai, e ele

veio trazendo esse povo... Ele veio lá de Chapada por causa de revanche política, foi a política que tirou ele lá de Chapada, que ele era um homem muito inteligente e ele tava conseguindo passar alguém lá pra tras né... Ele era professor, ele tinha um comércio muito grande, uma loja, ele tinha dois lotes de burro, 24 burros de fazer o tráfego, que era lombo de burro, que não tinha caminhão na época, e ele tinha dois lotes de burro... Aí entrou revanche política com os Soares, e aí ele não gostava de questã, até que eu fiz essa música que fala que ele não gostava é de demanda. Aí ele veio aqui, tinha uma fazenda para vender, a Fazenda dos Machados, que é minha hoje, pro lado de lá do córrego, eu vendi a metade, agora só tenho a metade, mas então ele viu essa fazenda, ele montou na besta dele e veio com o Juca Evangelista, que era muito amigo dele e veio com ele, aí chegou e acabou comprando aquela fazenda banando de lá do córrego... A sede já estava pronta, lá tinha a casa de morada, no meio tinha um cômodo de venda, e do outro lado tinha o lugar donde ele descarregar a tropa quando chegava de viagem, era um salão muito grande, tudo unido, ali pra lá daquela mulher branca lá ó. Aí quando chegou nas tantas ele cismou de fazer a igreja, ele veio praqui em 1926, aí ele chegando aí ele buscou Vó Calu, tia Roxa, tia Cecília, tia Rita, Dindinha Aninha e Sebastiana, que é minha mãe, e chegando aí meu pai já estava trabalhando pra Teófilo, eles era quatro irmão, João Botelho, Benedito Botelho, Luis Botelho e Joaquim Botelho, que era o meu pai, filhos de Servano Botelho, aí Teófilo da Veiga viu que eles era uns menino muito trabalhador, rapaz novo, aí juntou eles pra trabalhar pra ele, e ajustou eles pra trabalhar pra ele: meu pai e tio Luis foi trabalhar com tropa; tio Benedito foi fazer serviços gerais, mexer com lavoura, fazer valo, que na época eles usava de fazer valo que não tinha isso de fazer cerca; e tio João Botelho ficou olhando os burros dele e umas vacas que ele tinha, então tio João tomou conta das criação, dos gados dele e dos burro. Aí logo meu pai se interessou ni mãe, e Teófilo falou “real, Bastiana pode casar com o Joaquim”, que o Teófilo da Veiga ele tinha um hábito de falar “real, real ó”, “real, casar com Joaquim, que ele é muito trabalhador, muito direito” e acabou que mãe casou com pai. 1926 que minha mãe casou com Joaquim Botelho, que era o meu pai... E aí ele foi e continuou a trabalhar pra Teófilo, trabalhava pra Janjão, quando João de Rosinha precisava ele ia lá no Córrego São José, era fazendeiro muito forte também, ficava trabalhando pra um e pra outro, e minha mãe garimpando, lavando areia no rio, bateiando pra ajudar ele, ela lavava areia de segunda a sexta, no sábado ela punha a precata na estrada e ia em Chapada trocar ouro lá na Chapada na loja de Joãozinho Liliquin, Joãozinho Soares, eles chamava ele João Liliquin. Aí ela trocava o ouro e comprava as peças de pano pra fazer roupa pra nós e aquilo de precisão pra ajudar o velho também né, e procê ver ia pra Chapada a pé e voltava a pé, ia cedo e voltava de tarde, doze quilômetros... E a vida continuou... Quando foi 1949, Dô minha irmã nasceu, 1949, sete horas da noite Dô minha irmã nasceu... E ocê sabe o que que aconteceu nesse dia? No rio não tinha passagem, não tinha canoa, Zé Miranda montou numa besta dele e foi lá em Catutiba, no Córrego São José e mandou fazer uma canoa, pra pai, e quem fez essa canoa foi João Jorge lá da Cachoeira, que João Jorge era carpinteiro bom, pai do Vicente Jorge, tio desses Jorges tudo aí ó... E João Jorge levou uma barraca, armou lá no mato e eles cozinhava.... Lá eles fazia comida debaixo dessa barraca e eles gastou muito tempo fazendo essa canoa. Ele pegou os carpinteiros na região, todo carpinteiro que ele sabia que era bão, Artino de Nonda lá no Morro Branco, João de Joaquina, foi pegando os carpinteiros bom e foi levando pra lá... Aí quando eles terminou a canoa, que

não terminava do acabamento não que senão os boi quebrava na estrada, então ele deixou ela num tanto assim, que ainda tinha que por pra ver o fundo, fazer as medidas todas pra ela não entortar no rio, que tinha que ter as medida exata. Aí teve oito junta de boi pra buscar essa canoa no Córrego São José, pra lá de Catutiba, e veio puxando ela, aquele tanto de boi puxando ela e jogando as lenha no chão pra ela correr em cima, que se ela sentasse o fundo na terra os boi não aguentava, então ia uns quatro homem com as levas de madeira, aqueles pedaços de madeira assim e ia jogando na frente pra ela correr por riba... Aí saíu lá no Córrego do Palmital, Vargem do Pombo, Vereda do Brejo, ali pra lá de Cumadre Zezinha, onde entra no morro do cascalho eles virou, saiu ali na Cachoeira e saiu aqui em pai. Aí no dia quinze de novembro de 1949 essa canoa chegou para ele no terreiro ali em casa, já tava começando a anoitecer, aquela homaiada e aquele tanto de boi veio chegando com a canoa. Dô minha irmã tinha nascido naquela hora, pai só falou assim “ô gente, eu só não fui encontrar com ocês que nasceu uma menininha aqui tem poucas horas, essa menina é minha filha e Sazinha minha nora que vem batizar”, eu tinha sete anos, Zé meu irmão já estava na mata trabalhando com tropa pra padrinho Zé de Calu... Mas daí pra cá pai já não foi tropeiro mais, ele foi só canoeiro, foi só canoeiro, ele foi em Leme do Prado, conversou com Rosarina e Rosarão e foi eles que botou uma venda pra ele naquela venda lá, pôs a venda naquele quarto do meio, então ele ficava ali só sentado, vendendo alguma coisa pro povo, e era um movimento danado, principalmente dia de sábado e domingo... E ali ele também fazia a engorda de porco, ele fazia a roça com camarada, colhia muito milho que na época chovia muito, então ele levantou a perna foi ali, mexendo com a canoa, com essa venda e com a engorda [dos porco], tanto que quando ele morreu ele tava com a vida até bem boa, ele tinha umas égua parideira, tinha uma mula boa de sela, tinha uma égua alasão que era boa de sela, então meu pai todavida ganhou a vida foi na beira desse rio, nosso sustento da nossa família veio das beira desse rio aí... (Mestre Chato, Santa Rita de Araçuaí)

Assim, a narrativa de Mestre Chato nos leva a percorrer muitos temas, promovendo um amplo resgate de memórias para contextualizar seu relato sobre o dilúvio de 1929. Chato já principia seu relato assumindo mais uma vez estar retransmitindo informações obtidas através de sua mãe, que como ele lembra era muito detalhista, nos levando a crer que esta teria sido uma excelente narradora.

Em seu processo de contextualização histórico, Chato nos remete as origens do Distrito de Santa Rita, descrevendo os passos dados por Teófilo da Veiga que resultaram na fundação da comunidade. Chato aponta uma série de personagens que estiveram envolvidos com Teófilo nesta primeira fase da história de Santa Rita, incluindo seus irmãos e a família de Mestre Chato (tanto o lado paterno, como materno) – bem como reafirma que as desavenças políticas teriam sido as causas da migração de Teófilo para a região.

Chato comenta um pouco da condição financeira de Teófilo, apontando que o mesmo era professor, era proprietário de um comércio em Santa Rita e possuía uma frota de 24 burros que usava para fazer o transporte dos produtos - sendo considerado rico para a época. Assim, a chegada de Teófilo teria mobilizado a população das redondezas, que atuaram nas obras promovidas por este senhor, inclusive a construção da antiga igreja que se localizava nas margens do rio.

Neste sentido, vemos que as histórias que nos são apresentadas para contextualizar o desastre de 1929 entrelaçam: a dimensão ambiental, com destaque ao histórico de cheias do Rio Araçuaí; as trajetórias de vida de personagens como Sebastiana, Mestre Chato e Teófilo da Veiga; e a história de origem da comunidade de Santa Rita do Araçuaí.

A narrativa de Chato também nos revela como o traslado de uma canoa, de seu local de confecção até a casa do canoeiro, foi um verdadeiro ato hercúleo, envolvendo esforços exaustivos para arrastar tal veículo por meio de uma distância tão grande, e, para agravar, num terreno tão acidentado. De fato, a narrativa de Chato acaba por retratar os homens de antigamente como extremamente vigorosos, como se tivessem uma constituição sobrehumana, sendo capazes de - e estando inclusive acostumados a - suportar trabalhos muito pesados. Neste sentido a narrativa nos conecta a outras histórias e personagens, incluindo a construção e transporte da canoa (que por sinal teria sido construída pelo pai do fundador da comunidade de Cachoeira), o trabalho de seu pai (que com a chegada da canoa deixou de ser tropeiro e passou a atuar como canoeiro), o nascimento de sua irmã etc.

Uma vez descrita a conjuntura, o narrador passar a abordar diretamente a situação do dilúvio, revelando que:

A primeira igreja que Teófilo da Veiga fez aqui foi lá pro lado do córrego, pra cá da casinha donde ocê filmou hoje. Ali tem a casa velha, tem um terreno vazio no meio, um mangueiro de porco dele, e tem aquela casa boa agora que o rapaz até reformou ela, a igreja era ali, ali aquela casa é em cima da fundação da igreja, então quando foi mil e novecentos... 1926, ele mudou praqui, ele ficou 1927, 1928 mexendo com as tropas dele, tocando o movimento dele e a mulher dele falou que queria ele foi e cismou de fazer uma igreja, e fez a igreja e construiu com a ajuda do povo né, vinha gente de Boa Vista, esses pedreiros antigos, igual João Francisco, Antônio Pio, vinha Zé Marçal da Chapada, tudo trabalhou pra ele, tinha um tal Luiz Quiabo que era muito bom pedreiro e carpinteiro, trabalhavam pra ele aqui, então fez essa igreja com as doação de dia de serviço, depois da igreja pronta que foi em 1928, a igreja tava pronta... Titia, a mulher dele, Maria Sebastiana, uma morenona alta, falou “ô Teófilo, mas eu queria inaugurar essa igreja com a imagem de Santa Rita”, e ele falou

“real né, como é que eu arrumo essa imagem procê muié? Onde que eu arranjo essa imagem? Essa imagem é só no estrangeiro...”, mas ele era um homem muito inteligente, ele teve conversando com uns amigos dele em Minas Novas, os amigos dele entrou em contato com um pessoal do Rio de Janeiro e por aí eles conseguiu essa imagem de Santa Rita na Itália certo, na Italia... Como é que ela veio, eles encaixotou ela bem encaixotadinha, pôs no navio, o navio entregou no Galeão do Rio de Janeiro, do Galeão do Rio de Janeiro eles transportou ela até a Central do Brasil pra Diamantina, e em Diamantina as tropas dele tabalhava nessa região toda, então ele mandou dois camaradas da confiança dele ir em Diamantina e buscar essa Santa à cavalo, saiu daqui e foi até em Diamantina a cavalo e voltou, aí chegou em Chapada não tinha estrada de rodagem, era a cavaleira, aí entregou essa santa na Chapada e aí eles trouxe ela no burro, quem atravessava na canoa, era uma canoa pequenininha, era Sebastião Machado, morava lá e recebeu essa santa e entregou Teófilo ela, e aí Teófilo inaugurou a igreja. Fez a festinha de inauguração da igreja com a santa.... Aí quando foi 1929 essa santa ficou pouco tempo na igreja, aí o dilúvio veio ó... Quando o rio tava rodeando a casa eles correu por tras da casa e tirou a santa e já levou pra fazenda, ali onde que é pra lá daquela velha branca era uma fazenda, ali ele pôs a santa dentro de casa e o rio foi chegando e só deixou a base de lapa... Que na época eles fazia a base das casa era com lapa seca, fazia o barro puro e metia a lapa em cima, e o dilúvio só deixou esse alicerce, levou a igreja embora... 1929... Aí ele não abaixou o chapéu, o homem era inteligente, cê sabe, 1929, 1930, 1931, 1932, 1933 ele fez primeiro o cemitério, com doação de dia de serviço, veio e fez a casa paroquial, veio e construiu a igreja, doação de dia de serviço, e construiu aquele salãozinho que cê chegou a ver na rua de lá, aquele salão ele fez ele porque ele era professor, ali ele deu escola muito tempo, o professor que tinha aqui era ele, e ainda construiu aquela casa onde hoje João Batieiro mora, ali ele fez a casa de morada, no meio tem aquelas três janelas grandes, antes era três portas, ali tinha uma loja de tudo, ele vendia de tudo, peça de pano, cravo de ferrar burro, ferradura, café, era secos e molhados... E do lado de cá ali onde Jário mora já era onde ele descarregava as tropas, certo... Em 1933 ele já tava com cemitério, a igreja, a casa que ele mora e o salãozinho Rui Barbosa pronto... O homem era cobra criada... [...]. Então, quando o dilúvio levou a igreja lá embaixo naquela enchente muita gente chorou, que desceu pra ver o que que o rio tinha feito muita gente chorou, gente que ajudou a fazer a igreja, foi um regaço, porque não tinha barranco igual tem hoje, o terreno era mais manso, então o rio não teve trabalho, ele foi passando e levou tudo embora... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

Chato comenta a localização da antiga igreja que foi levada pelo rio. Assim, Chato nos ensina que certos elementos da paisagem nem sempre se encontram visíveis a olho nú, pois podem se tratar de elementos subterrâneos, que apenas podem ser acessados por aqueles que detêm as memórias sobre a história do território. Neste caso, Chato revela que uma das casas que se encontram atualmente na beira do rio, nas proximidades da entrada da sede do distrito, teria sido construída sobre o alicerce desta antiga construção destruída pelas águas – de modo



que muitos dos moradores da comunidade, sobretudo os das novas gerações, sequer conhecem



a antiga localização da igreja que foi levada pelo rio.

Sobre tal igreja Chato comenta o processo de sua construção, relatando que Teófilo contratou muitos moradores da região para erigir tal templo. Segundo o narrador tal igreja teria sido terminada em 1928, quando a esposa de Teófilo, Dona Maria Sebastiana – muito católica e devota de Santa Rita -, insistiu que seu marido adquirisse uma imagem desta santa (Figura 13), que na ocasião teria sido importada da Itália, passando por um longo traslado até finalmente chegar na comunidade e ocupar um espaço de destaque no altar da igrejinha.

**Figura 20 - Fotografia da imagem de Santa Rita de Cássia da comunidade de Santa Rita do Araçuaí**

Fonte: Acervo do Autor.

Porém, logo após a chegada da imagem da santa veio o dilúvio em 1929 e causou grande destruição na comunidade, tendo inclusive destruído e levado a igreja. Com isso o narrador comenta o resgate da imagem da santa durante a enchente, que teria sido salva por Zé de Calu pouco antes da estrutura da igreja ceder. E ressalta que na ocasião muitos teriam lamentado a perda desta obra.

Após a grande enchente de 1929 outros acontecimentos deste tipo também marcaram o imaginário das comunidades da região, porém não chegaram a causar destruição suficiente para serem associados a dilúvios. Mas em algum momento antes do desastre de 1979 ocorreu uma grande inundação no Vale do Jequitinhonha, que apesar de não ter sido mencionada pelos narradores que vivenciam a realidade do Rio Araçuaí, foi assinalada por uma das participantes

originária de uma pequena comunidade nas margens do Rio Jequitinhonha. Lourdinha nos conta que:

Não tenho certeza a idade que eu tinha, mas eu ainda era bem pequena, eu acredito que eu tinha menos de 10 anos e veio uma enchente, a qual levou as casas dos meus tios, dos meus amigos, levou a casa do meu querido tio Sebastião Borges, que levou também a casa de uma filha dele que era vizinha dele lá. Inclusive nessa noite de chuva, muita chuva, que eles perderam a casa, perderam tudo e ela deu à luz no meio do mato, numa escuridão, debaixo de muita chuva e foi assim, era o primeiro filho dela, foi muito sofrimento e quando eu fiquei sabendo né que eles haviam perdido tudo eu fiquei enlouquecida, hoje a gente dá um nome de “depressão”, naquele tempo a gente ainda não tinha esse conhecimento né... Eu fiquei por muito tempo revoltada e preocupada assim sem saber o que eles fariam da vida, porque a minha casa né, a casa do meu pai e da minha avó ficaram intactas, mas eu não concordava que eu estava debaixo de um teto sabendo que nos meus primos e amigos os quais eu convivía todos os dias e que eu usamos né, graças a Deus são todos vivos, e usamos demais até hoje estavam sem lugar para morar. Aí certo dia chegou lá nesse lugar um padre por nome de José... José Nunes, o saudoso padre Zé Nunes, ele era pároco em Berilo, então ele vendo ali o meu sofrimento ele me garantiu que eu ficasse calma que ele ia conseguir uma forma de construir né, as casas para aqueles desabrigados. E com isso eu fiquei mais calma e os meus tios fizeram ali naquele mato... O meu tio Vicente Borges doou uma parte do terreno dele, que hoje chama Santa Rita, recebeu o nome de Santa Rita. E ele doou uma parte desse terreno e eles construíram umas casinhas de pau a pique para se esconderem até que fosse construídas as casas deles. Então eles ficaram ali naquele mato, nessas casas de pau a pique, e Deus com sua infinita misericórdia ajudou que realmente o padre conseguiu verba e construiu 10 casas para esses desabrigados, cada casa com 4 cômodos, e foi onde acolheu essas famílias. E até hoje e existe ainda várias dessas casas ainda que é lá nesse lugar. Onde né demos graças ao nosso saudoso padre Zé Nunes, e com isso eu tomei muito amor pela igreja, que eu vi que nós precisamos amar os nossos irmãos como a nós mesmo, e isso só me fortaleceu com essa ideia que o padre teve essa boa vontade e ele correu atrás desse projeto e foi atendido e atendeu essas famílias. E até hoje eu tenho isso comigo que precisamos muito ajudar os nossos irmãos né, os menos favorecidos e menos esclarecidos. Depois, e com isso foi construindo mais casas, através dessas 10 casas construídas por esse projeto, aí mais pessoas interessaram a habitar ali naquele lugar né, que hoje é uma Vila, uma Vila e essa beira de Rio ficou lá. Nós continuamos com nossa casa, que não foi atingida pela enchente, nós continuamos morando naquele mesmo lugar. O meu pai gostava de mexer com cana, ele tinha fábrica de rapadura e de cachaça e criava vacas também... (Lourdinha, Cachoeira do Norte)

A fala de Lourdinha nos revela como a mesma superou uma tragédia ainda quando criança. A narrativa de Lourdinha se inicia descrevendo as inúmeras dificuldades enfrentadas por sua comunidade natal, um pequeno povoado nas margens do Rio Jequitinhonha. Lourdinha descreve como um grande dilúvio que teria atingido sua comunidade em período anterior ao

ano de 1979 acabou por destruir um grande número de casas, deixando muitos de seus familiares, vizinhos e amigos desabrigados, algo que segundo a mesma teve um grande impacto sobre seu psicológico, levando-a a conhecer os efeitos da depressão ainda cedo.

Lourdinha relata o drama de uma família que perdeu a casa diante deste desastre e no meio desta tragédia a mulher deu à luz a um bebê; e ainda ressalta outras situações que acabaram gerando nela uma culpa por sua casa ter ficado intacta enquanto outros tinham perdido tudo. Com isso a narradora resgata em sua memória um sentimento de injustiça diante do desastre.

Diante deste relato carregado pela dor, Lourdinha explica o movimento de virada que foi necessário para a superação desta tragédia, incluindo a assistência de um padre que se comprometeu a arrecadar fundos para a reconstrução da comunidade. Lourdinha comenta que este padre ficou especialmente comovido vendo a situação da menina de dez anos tão desesperada com a realidade de sua comunidade, e que aquele apoio do padre foi tão importante para sua vida e para a história de sua comunidade que a narradora se viu diante de um sentimento de gratidão tão grande que acabou a aproximando ainda mais do catolicismo e das práticas de caridade.

Apesar de não saber precisar a data, do mesmo modo que Lourdinha sinalizou a ocorrência de um grande desastre anterior ao dilúvio de 1979, Dona Alzira recordou de um acontecimento que segundo a mesma teria antecedido tal desastre, e que teria ocasionado a morte de sua filha e um cunhado:

Eu alembro que deu uma chuva foi quando.... Quando a terra matou uma filha minha e um cunhado.... No mesmo dia... Desmanchou a casa.... Eles fala que é no dilúvio que eles fala... Não foi de 79 não, foi mais ou menos anos 50, 60, mais ou menos uns sessenta anos atrás, teve um dilúvio forte, desmanchou a casa, nós ficou no tempo... Desmanchou tudo, escapou eu, meu marido e um menino de dois anos... E ele [esse menino] depois também morreu na água... Nós ficou lá na chuva, a casa desmanchou toda, só ficou uma parede em pé, uma casa de cinco quartos só ficou uma parede em pé. Desmanchou tudo... Barreira. A barreira veio assim do alto e veio em riba da casa, jogou nós pra fora da casa... Desmanchou tudo... As pessoas foi lá ajudar a tirar os meninos ficou besta de ver como é que nós escapou vivo... Esse meu menino que morreu na água ele tava com quinze anos, ele foi tomar banho e morreu, o rio tava vazio, ele caiu, foi pro fundo, ele não sabia nadar, mas ele não tinha costume de ir nadar, ele foi mais dois companheiros dele, aí ele entrou pra nadar, o lugar era mundo fundo... Mas já perdi muita gente pras águas... Uma menina mais velha minha né, tava com quatro anos; e um menino com nove anos, ele morava mais nós né, que a mãe dele morreu, então o pai dele deu ele pra ficar mais nós. (Dona Alzira, Santa Rita do Araçuaí)

Alzira descreve como a chuva provocou um desmoronamento que atingiu a casa de sua família, soterrando sua filha e o esposo da mesma. A narradora se questiona quanto a data, mas não conclui se teria sido na década de 1950 ou 1960, apenas considera que teria sido antes de 1979. Ela conta que a casa de cinco quartos acabou com apenas uma única parede intacta, o resto tudo foi destruído, soterrado pela lama. Em seguida do relato sobre o caso deste desabamento de terra, a narradora faz um desvio na narrativa e rememora outras tragédias familiares, incluindo uma série de filhos e parentes que faleceram nas águas do Araçuaí.

Mas retornando ao relato de Lourdinha, percebemos que a realidade de desastres com alto poder de destruição não se trata de uma exclusividade do Vale do Rio Araçuaí, mas sim, algo que também pode ser observado em outros corpos hídricos da região. Cabe pontuar que, segundo Lourdinha, este acontecimento narrado teria tido como uma de suas principais consequências uma conscientização da comunidade diante dos riscos evidenciados pelo desastre, o que por sua vez resultou em uma reconstrução planejada atenta aos pontos críticos expostos na ocasião da enchente. Com isso as novas casas construídas na comunidade foram edificadas em terrenos mais altos e distantes da área de vazão do rio, de modo a servir como uma medida de prevenção de novos desastres futuros, medida esta que inclusive se provou efetiva na ocasião do dilúvio de 1979. Sobre tal fato Lourdinha explica que:

Aquele dilúvio lá [de 1979] eu... [a entrevista tem um rápido intervalo para Lourdinha fechar as portas, pois estavam entrando muitos pernalongos devido a hora].... Foi muito difícil, a gente já não tinha mais... A gente já não tinha mais casas para perder na margem do Rio Jequitinhonha porque a enchente que deu anos antes já havia varrido tudo, e o pessoal não deu bobeira e não construíram de novo no mesmo lugar... Mas perdemos muita coisa, tipo, os meus pais tinha bezerros e os bezerros tomaram tanta chuva que perderam até a força para andar, nessa época a gente tinha saído de uma seca muito brava e depois já veio o dilúvio que nós perdemos o resto por causa da chuva. Aquele feijão que já tava no tempo de colher mesmo foi todo perdido, meu pai tinha que fazer uns estandes de madeira e colocar os bezerros em cima para eles conseguirem movimentar as pernas sem pisar no chão; a gente tinha que fazer um forro tipo de palha de milho ou alguma coisa para aquece-los para eles não morrerem de frio... Foi um tempo muito difícil, muita gente perdeu a lavoura, o feijão principalmente, o feijão foi o que mais perdemos naquele dilúvio de 79, e teve perdas de casas também que foram desmoronadas por causa da chuva, não foi enchente, mas sim derreteu, porque muita casa era de pau-a-pique ou de adobe, então elas derreteram com a chuva, e foram várias casas que caíram nessa época lá onde eu morava, e em Catotiba, e naquelas regiões ali de José Gonçalves... (Lourdinha, Cachoeira do Norte)

Assim, apesar de a reconstrução da comunidade ter sido feita de forma a evitar maiores prejuízos, ainda assim o dilúvio de 1979 também gerou grandes danos as comunidades do

Jequitinhonha. Cabe ressaltar, que conforme exposto no Jornal dos Geraes (SILBY; ABNER; MARTINS, 2011) este período da tragédia de 1979 configurou um trauma coletivo que unifica populações de diferentes regiões do Vale do Jequitinhonha, que nesta ocasião se viram diante de uma chuva de impacto sem precedentes.

Quanto ao dilúvio de 1979, este se apresenta nas narrativas como o mais marcante dos três vivenciados pelas comunidades ribeirinhas do Araçuaí, sobretudo pelo fato de ter sido testemunhado por muitos dos narradores, sendo também o mais impregnado na memória coletiva das comunidades - especialmente em meio aos moradores do Distrito de Santa Rita do Araçuaí, que vivenciaram a grande cheia do rio e o encontro deste com o córrego grande, deixando a comunidade completamente ilhada. Esse ano ficou gravado na memória dos moradores pela duração excepcional das chuvas - que segundo os relatos teriam sido mais de quarenta dias de chuva ininterrupta -, mas também por uma cheia inédita do Araçuaí, que para alguns teria superado suas expectativas do que teria sido o poder de destruição do dilúvio de 1929.

Traduzindo em dados, com base na série histórica obtida através da base Hidroweb do site da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA)<sup>57</sup>, concluímos que no período de janeiro de 1979 foi registrado o segundo maior volume total de precipitação da história conhecida de Chapada do Norte<sup>58</sup>, alcançando a marca de 541,6mm, maior valor documentado até então. Segundo o mesmo documento – de listagem da série histórica referente a estação meteorológica de Minas Novas -, nesta ocasião também foi documentada a ocorrência de uma sequência de chuvas, com 23 dias chuvosos somente no mês de janeiro de 1979, seguido de 14 dias de chuvas registradas nos meses de fevereiro, março e abril deste ano – algo que justifica a narrativa de aproximados quarenta dias de chuva que é reproduzida pelas testemunhas deste acontecimento.

Assim, os narradores apresentam uma proximidade e uma familiaridade muito maior com o dilúvio de 1979 do que com o anterior. Neste caso também podemos perceber que o

---

<sup>57</sup> Disponível em: < <http://www.snirh.gov.br/hidroweb/serieshistoricas> >

<sup>58</sup> Cabe ressaltar que esses dados podem apresentar algum nível de imprecisão uma vez que a estação meteorológica responsável pela medição destes resultados se localiza no município vizinho de Minas Novas. Ademais, é importante pontuar que os dados referentes ao município de Chapada do Norte, conforme sinalizado no Atlas Pluviométrico do Brasil (CPRM, 2017) são correspondentes aos códigos de estação meteorológica 01742000 (para o período que vai de 1952 a 1980) e 01742023 (para o intervalo de 1992 a 2021) – que foram utilizados no sistema Hidroweb para facilitar as buscas.

relato de Mestre Chato acabou se destacando entre os demais, algo que decorre do fato deste ter escapado de sua casa com sua família na ocasião em que o rio quase atingiu sua casa. Com isso partimos das falas de Chato e em sequencia seguiremos para outras, seguindo critérios de proximidade dos narradores com este acontecimento.

Em sua narrativa, Chato começa contextualizando e já segue para uma descrição do acontecido, ressaltando sua surpresa diante da cheia do rio e a saída apressada de casa com a família em busca de um abrigo mais seguro:

No dilúvio de 79 eu morava naquela casa verde lá, eu morava ali. Em 79 isso ficou tudo coberto de água, no terreiro dessa casa ali, eu morava aí ó, o rio bateu, cinco horas da manhã, que eu acordei, que ouvi o barulhão, Zé meu irmão me gritando pra lá do córrego, e meu padrinho Geraldo Machado que morava do outro lado naquela fazenda me gritando, que eu cheguei na janela e vi que o rio tava batendo a mureta na calçada... Aí veio dois colega meu lá de Santa Rita, Zé Moreno e João de Servano e nadou a represa, aí nós subiu aqui, a mulher com as três menina, subiu aqui, e eles com o facão fazendo a picada de facão e nós subiu e travessou lá no Zé Botiim e saiu do outro lado e saiu lá no comércio... E chuva caindo, o poste de luz lá deitou, passou aquela tocha de fogo nos fio, aí nós com medo do poste descer e atingir nós, e meu irmão morava nessa casa, o mais velho, que Deus levou... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

Assim, o relato de Chato expressa o desespero e os riscos de tal acidente, revelando os detalhes de como escapou com sua família, e contornaram os perigos seguindo pelo meio do mato até chegarem no centro da comunidade. Também sobre o dilúvio de 1979, Alzira relembra que tal desastre teria atingido a casa de seus filhos e também de um vizinho, destacando que:

Eu lembro de 79, desmanchou duas casas de dois filhos meus lá no comércio e uma casa de um vizinho de extrema com um terreno meu também, desmanchou... Tá dando sessenta e um anos que eu moro aqui na beira do rio, esse rio quando enche ele fica muito cheio, muito cheio mesmo, na ocasião desse ano, quando é que é, setenta e nove, ele passou por cima do barranco, dentro da rodagem... (Dona Alzira, Santa Rita do Araçuaí)

Após afirmar que na ocasião de 1979 o rio chegou a ultrapassar a altura do barranco, atingindo a estrada de terra da frente das casas de Pedrinho e Alzira, os dois me conduziram para o exterior da residência e indicaram o ponto exato que o Araçuaí teria alcançado nesta data. Em seguida, Pedrinho complementa o relato de sua mãe, conferindo mais detalhes a narrativa:

O dilúvio de 79 na época eu tinha doze anos.... Quando o rio encheu.... Tinha dois irmãos meus que estavam em Santa Rita dormindo nas casas que eles tinham lá, era casa de um deles. Aí quando foi três horas da madrugada Zé

Botelho, que era um dos homens mais velhos que tinha em Santa Rita, passou gritando pra todo mundo sair de casa que o rio estava invadindo o povoado. Aí que eles acordou e sentou na cama e já sentou dentro d'água, os pés deles estava dentro d'água já, aí eles saiu da casa, da casa que eles estavam dormindo dentro, aí dentro de uma hora assim a casa desabou, todas as duas casas. Essas casas eram ali ó, cê sabe a casa de Luciano, de Gonçal? Dentro da rua ali, dentro da rua mesmo, ali onde hoje é ali a casa de Gonçal pra cá tem a casa de Maria de Alcides e de Nena, ali que era a casa de meus irmãos, ele passou ali, o rio passou ali, ali onde é a farmácia mesmo o rio derrubou uma base que tinha mais ou menos ali... Não morreu ninguém, mas naquele tempo lá... Eu morava a vida inteira é aqui, aí eu lembro que a gente né, pra ir em Santa Rita comprar as coisas a gente passava dentro do mato, que o rio tapou as estradas tudo, tinha que passar dentro do mato que não tinha estrada não, nem o carreiro, a gente pssava dentro do mato para ir comprar as coisas pra poder comer. E aqui pra baixo de casa derrubou a casa de um vizinho nosso também aqui... Na época, foi muito perigosa essa enchente rapaz... Esse dilúvio de 79, quando o rio encheu, o terreno do meu pai lá embaixo ali né, tinha uma plantação de milho e arroz, o rio tirou tudo na época. E por baixo, onde era a lavoura né, ficou lá um cascalho assim, uma piçarra em cima da piçarra né e dali o povo tirou muito ouro, do terreno de papai mesmo, ali ajudou muita gente, podia contar mais de cem pessoas bateiando, era na bateia normal, não era draga não. Nós também tirou, todo final de semana assim a gente enchia um vidrinho daqueles que vem injeção sabe, que vem bezetacil? A gente enchia um vidrinho daquele de ouro por final de semana, então aquilo ajudou a gente demais, teve gente que achou muito ouro aí. Vinha gente lá de longe, cê num conhece aqui pra fora a região toda aqui, mas vinha gente de longe, andava cinco quilômetros, seis quilômetros de distância pra vir garimpar aqui no terreno de papai. Vinha gente de Boa Vista, das Gamelas, dos lados de Moça Santa, todo mundo vinha... Conversa vai né e espalhou a notícia, e meu pai não impedia ninguém de tirar o ouro, que era um modo de ajudar as pessoas, muitos aquilo era o modo de ganhar o pão né, de tirar o sustento naquela época. Então o dilúvio trouxe prejuízo, mas também trouxe muitas riquezas... Igual a lavoura nossa que o rio tirou, que eu ajudei a plantar, ajudei a preparar a roça, o rio levou tudo, era a parte melhor da nossa terra, bom pra plantar arroz, milho, essas coisas, o rio levou tudo, mas aí perdemos essa terra boa, mas ganhamos essa terra de piçarra com ouro. Então apesar do prejuízo que deu recuperou né, e além de ajudar a gente ajudou muita gente aqui na região. Era muito ouro.... Hoje já é muito difícil de achar assim, dentro do rio, se o rio tiver vazio tira, mas do outro jeito não, que o cascalho acabou né, o cascalho foi tudo acabando.... Hoje está mais difícil, quem ainda cata cata mais é nas beira de rio... (Pedrinho de Santos, Santa Rita do Araçuaí)

Apesar de destacar que tinha apenas doze anos na época, Pedrinho apresenta muitas informações além do que sua mãe introduziu, já demonstrando que a idade não foi impedimento para que tal evento fosse marcado de forma profunda em sua memória. Ele se lembra do acontecimento mencionado por sua mãe, que dois de seus irmãos tiveram que sair as pressas de

casa para não acabarem sob os escombros e comenta os alertas emitidos pelos moradores para avisar os desavisados. Tal alerta foi especialmente importante em função do horário da tragédia, pois os relatos levam a crer que já era tarde da noite no momento em que o rio teria invadido a comunidade. Aliás, cabe reforçar que em uma situação de desastres a capacidade de emitir comunicados para a população pode representar a diferença entre a vida e a morte.

Pedrinho comenta alguns dos impactos sofridos na comunidade neste período e também retrata em seu relato um pouco das dificuldades enfrentadas após o dilúvio diante do isolamento vivenciado pelas comunidades, destacando que a enchente acabou destruindo parte das estradas e que com isso eram obrigados a caminhar por dentro do mato para buscar comida no centro do distrito.

Enquanto Dona Nida expressa que a curiosidade foi o motivo que levou um grupo de pessoas a sair de Cachoeira e enfrentar a chuva e caminhos de difícil acesso para espiar a grande enchente que ameaçava engolir a comunidade de Santa Rita. Ela relata alguns pontos em que a água chegou a cobrir, afirmando que nunca presenciou chuva igual a de 1979. Concordando com muitos dos outros relatos, Dona Nida se lembra de 45 dias chuvosos nesta ocasião, destacando que além do Araçuaí o Córrego da Cachoeira também encheu bastante.

Eu lembro da enchente [1979] que teve lá, nós foi lá pra ver, nós passamos pelo cemitério, nós entramos pra cá de Nenzinha pra poder ir lá ver o rio, ali não tava atravessando não que o córrego cheio, nós passou lado de cá Daniel, nós subiu o morro meio de banda ali e saiu lá no cemitério e desceu lá perto da igreja. Ali onde cê tava falando outro dia que estão fazendo uma casona a água tomou ali tudo, onde é a casa de Maria de Bastião Matos, que é aquela primeira rua que vira assim (mostra com as mãos que se trata da rua em direção ao rio), ali a água tomou tudo. Não chegou assim a entrar dentro de muita casa, lá em Santa Rita não porque só tinha casa pro lado de cima, agora ali pra baixo do rio ele entrou em algum lugar sim, cê tá doido eu nunca tinha visto nada assim, aquela chegada ali de Santa Rita cê só via água, não via mais nada. Eu tava aqui na cachoeira, nós tava aqui, eu tinha até arrumado a casa de Dete aqui, se não me engano foi prum carnaval, eu acho que foi, aí foi aquele provaréu daqui pra lá pra ver, foi o pavão todo daqui da cachoeira lá pra ver, quem aguentava ir foi, até criança foi... Aí nós ficou lá vendo e depois veio embora. Choveu 45 dias dia e noite sem parar, os córrego aqui encheu, foi muita água, muita chuva, foi a maior chuva que eu alembro, não teve mais chuva igual essa não... O prejuízo maior que teve aqui pra nós foi que não passava carro pra trazer coisa pra nós comer, ali do outro lado ali onde que é manilha que eles puseram lá virou um atoleiro que ninguém passava, deve ter caído ponte também que eu sei que a gente preocupou de acabar os mantimento porque ficou sem vir um bom tempo as coisas pra cá. Nem burro atravessava aqui Daniel, o povo vinha de burro e aí tinha que descer dos animal e atravessar de pé e levar do outro lado, era muita lama que correu



vixi... Mas que eu saiba não chegou a passar fome aqui, que depois dos 45 dias voltou as coisas, mas foi por pouco que não chegou a acabar a comida pro povo passar fome, mas a gente ficava com medo. Mãe mesmo apavorava muito a gente contando cada caso dos antigos de terra que saía correndo, a gente preocupava né, mas graças a Deus deu certo de estiar a tempo. Povo perdeu foi muito feijão, os feijão melou tudo. Mas Daniel era assim uma chuvinha, mas uma chuvinha mais maneira, não era aquela chuvona grossa de enxurrada, era aquela chuvinha fina só que 45 dias sem parar, sem parar.... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Quanto aos prejuízos e preocupações, Dona Nida pontua que o grande medo das comunidades era a falta de abastecimento, pois com a chuva muitas estradas e pontes foram destruídas ou submersas e com isso o trânsito acabou interrompido. Ela descreve como as estradas ficaram em um estado de total precariedade, formando atoleiros que nem mesmo animais eram capazes de atravessar. Sobre os prejuízos a lavoura destaca que principalmente o feijão acabou se perdendo, melando diante do excesso de umidade.

Dona Nida reportou em sua narrativa que nesta época sua mãe teve certas memórias ativadas diante das chuvas, aterrorizando-os com lembranças de chuvas passadas que os antigos afirmavam que “fazia a terra correr”, expressão que, quando aportada para a COBRADE (DEFESA CIVIL, 2012), pode indicar uma possível situação de desastres do tipo 2. Deslizamento de Solo ou Rocha, ou 2. Corridas de Massa (que por sua vez podem ser classificadas como subtipo 1. Corridas de massa envolvendo Solo/Lama; ou subtipo 2. Corridas de massa envolvendo Rochas/Detritos).

Cabe pontuar que o Serviço Geológico do Brasil (CPRM) empreendeu estudo das áreas de risco na região do distrito de Santa Rita do Araçuaí. Tal estudo levou em conta as informações a respeito do “dilúvio de 1979” e considerou a área como de Alto Risco – R3, descrevendo da seguinte forma:

Setor de Risco localizado em distrito do município de Chapada do Norte, situado sobre a planície de inundação do Rio Araçuaí. Registro de pior inundação no distrito de Santa Rita do Araçuaí no ano de 1979, devido a pluviosidade anômala ocorrida mais a montante do local, a inundação foi de alta energia provocando a destruição de algumas moradias situadas mais próximas a margem do rio. Pelas próprias características naturais da calha do Rio Araçuaí, pode-se inferir que as inundações de alta energia são recorrentes e periódicas, o leito rochoso e o vale encaixado [...] Descrição dos Processos Observados e/ou Potenciais: INUNDAÇÃO DE ALTA ENERGIA: Parte das adjacências do Rio Araçuaí estão sujeitas a inundações de alta energia

associadas aos períodos de grande precipitação pluvial nas cabeceiras dado rio SOLAPAMENTO DAS MARGENS: Há a possibilidade de solapamento em alguns locais onde as margens são de maior declividade, podendo haver destruição de moradias e arruamentos próximos (2012, s. n)

O relatório produzido pelo CPRM constata que 18 imóveis no Distrito de Santa Rita se encontravam em áreas de risco na ocasião, sugerindo como intervenções:

Remoção definitiva dos moradores com demolição das moradias construídas em local inadequado sujeitas a solapamento das margens do Rio Araçuaí. Reflorestamento das cabeceiras e margens das drenagens para diminuir o processo de seu assoreamento.[...]Manter os moradores informados sobre os sistemas de alerta de cheias e emitir avisos ao atingir níveis considerados preocupantes, bem como promover sua retirada em situações mais críticas; Programas de conscientização dos moradores no sentido de evitar construções próximas às margens do Rio Araçuaí, evitar aterramento das áreas de várzea, e evitar assoreamento das drenagens com lançamento de resíduos domésticos; Estudo hidrológico para determinação das seções hidráulicas das obras de acessibilidade como pontes. Monitoramento de medidor de nível d'água ao longo do Rio Araçuaí e afluentes maiores. Criar políticas de preservação e proteção das áreas de várzea, margens e cabeceiras das drenagens. (2012, s.n)

No dia quinze de dezembro de 2013 o portal de notícias “Aconteceu no Vale”<sup>59</sup> publicou texto informando a situação enfrentada pelas comunidades locais diante das fortes chuvas que afetavam a região:

Enchente do rio Araçuaí assusta moradores de povoados e cidades de Berilo e Araçuaí [...] Povoados e comunidades como Santa Rita e Poções em Chapada do Norte, Beira-rio, Baú e Roça Grande em Berilo, ficaram alertas [...] Nesta manhã de domingo (15/12), o rio Araçuaí teve a sua maior enchente do ano. O volume de água é muito grande e continua aumentando. [...] A balsa, com a bomba de captação de água da COPANOR, foi arrastada rio abaixo, o que deverá deixar os distritos de Santa Rita, Cachoeira e Boa Vista por um longo período sem abastecimento de água [...] (ACONTECEU NO VALE, 2013, s. n)

Três dias após a publicação da reportagem anterior, no dia dezoito de dezembro de 2013, foi publicado no portal de notícias “Aconteceu no Vale”<sup>60</sup>:

ASSUSTADOR: Enchente do Rio Araçuaí arrasta ponte no distrito de Santa Rita em Chapada do Norte. [...] O distrito de Santa Rita do Araçuaí, em

<sup>59</sup> A reportagem foi publicada sem identificação de autoria, porém nas notas de encerramento aponta ter consultado o professor Adailton Rodrigues, residente do Distrito de Santa Rita, para obter informações a respeito da enchente.

<sup>60</sup> Link para Reportagem. Disponível em: <<https://aconteceunovale.com.br/portal/?p=15950%23%3a%7e%3atext%3dASSUSTADOR%3a+Enchente+do+Rio+Ara%c3%a7ua%c3%ad+arrasta+ponte+no%2cdias+causaram+uma+enchente+recorde+no+Rio+Ara%c3%a7ua%c3%ad.&mssclid=00cac13ac49f11eca8da557b91422390>>

Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha está ilhado. As fortes chuvas que caíram sobre o Vale nos últimos três dias causaram uma enchente recorde no Rio Araçuaí. [...] Na manhã desta quarta feira (18/12), a força das águas do rio Araçuaí arrastou o vão central da ponte conhecida pelos moradores da região como “Ponte Nova”<sup>61</sup>. A ponte foi construída em 2010 pelo Governo de Minas Gerais. Essa obra era um sonho antigo da população de Santa Rita do Araçuaí, Cachoeira e Boa Vista. (ACONTECEU NO VALE, 2013, s. n)

De maneira resumida a mídia local deu o tom do desastre que resultou na destruição de um antigo sonho da população local – a ponte (Figura 14) que conecta os distritos de Santa Rita, Boa Vista e Cachoeira e a sede do município. Com as fortes chuvas as comunidades ribeirinhas ficaram alertas diante da força das águas e das memórias de antigos desastres que ficaram gravados na história daqueles que convivem de de perto com o Araçuaí.

**Figura 21 - Fotografia da Ponte Nova de Santa Rita sendo atingida pelo “Dilúvio” de 2013.**



Fonte: Fotografia de Wesley Lemos, retirada de <http://blogdobanu.blogspot.com.br/2013/12/enchente-do-rio-aracuai-leva-ponte-em.html> e publicada em (CAMARGO, 2017, p. 55).

Recorrendo mais uma vez aos dados compilados no documento da série histórica disponibilizado no site da ANA, quando observamos os dados referentes ao período de dezembro de 2013 percebemos de fato um recorde histórico, o maior valor total de volume de precipitação já documentado para o município, alcançando a marca de 579mm, superando

---

<sup>61</sup> . A “Ponte Nova” mencionada pelo repórter será especialmente abordada no item 11.3, que se encerra relatando o momento de concretização do sonho que foi a construção desta ponte.

inclusive o valor registrado no ano de 1979. Mas ao contrário de 1979, quando nos deparamos com as narrativas dos espectadores de ambos eventos percebemos que a comparação de tais datas nos revela de grandes diferenças.

Cabe mencionar um fato curioso apontado pela primeira reportagem que foi citado por Dona Nida em sua narrativa:

Aqui na região a gente sempre teve problema de seca... De primeiro o povo buscava água era de pote, depois veio essa coisa de colocar mangueira nos córrego, aí depois que apareceu essa novidade de água encanada que veio a COPASA, COPANOR essas coisas... [...] Mas uma coisa que é engraçado é que aqui na seca não falta água na torneira, aqui falta água na torneira mais é quando chove, que leva a balsa de Santa Rita que pega a água do Rio e aí fica sem água, toda vez tem isso de a balsa ser carregada e a gente ficar sem água. Então aqui se chove muito molha a terra, mas seca a torneira. Eu lembro que em 2013 quando deu a enchente que derrubou a ponte a gente ficou um tempão sem água, demorou pra arrumar... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Assim, a reportagem nos revela uma curiosidade irônica a respeito da realidade local que é explicitada na fala de Dona Nida: o abastecimento de água nas comunidades de Santa Rita, Boa Vista e Cachoeira é mais afetado pelas chuvas do que pelas secas, uma vez que a água que chega nas torneiras dos distritos é captada diretamente do Araçuaí, tratada em Santa Rita e bombeada para as demais comunidades, e que a balsa que realiza a captação muitas vezes acaba sendo carregada com a força das águas. Assim a narrativa desvela uma pretensa incoerência expressa na narrativa de Nida "... aqui se chove muito molha a terra, mas seca a torneira", de modo que a presença ou ausência de água na paisagem (ambiente natural) muitas vezes não coincide com o fluxo das torneiras (ambiente antropizado).

Mas retornando ao evento que ficou conhecido como "dilúvio de 2013", muitos narradores teceram comparações entre tal acontecimento e outras enchentes ocorridas na região, em especial 1929 e 1979. Nesta linha, a narrativa de Cezomar contrapõe tais eventos comentando detalhes de suas diferenciações:

Depois de 2013 ainda deu outra enchente, mas não chegou a subir na ponte. Aqui quando dá enchente a gente fica ilhado. Em 79 aqui a gente ficou ilhado, a maré do rio fechava a passagem do córrego, de jeito que nada entrava e nada saída, em 79 chegou a faltar alimento, foi um mês que nada entrava e nada saía. Derrubou aquelas casas na ponta da rua ali. Em 79, eu era menino e lembro, mas tinha muita água o rio aquela época, ô diacho... 2013 foi muita água? Foi, mas foi diferente de setenta e nove, porque em 79 era quarenta dias de chuva, quarenta dias sem parar.... Não, não tem como comparar quarenta dias chovendo sem parar com poucas horas de chuva forte como foi em 2013, então no meu modo não sei nem se 2013 foi dilúvio não, porque igual 79 não foi, e igual os velhos falava que foi 29 que levou até a igreja não passa

perto, no meu modo de ver nem sei se dá pra falar que 2013 foi dilúvio mesmo... (Cezomar, Santa Rita do Araçuaí)

A ameaça da enchente de 2013 fez emergir preocupações com a experiência traumática de 1979, quando, como aponta Cezomar “chegou a faltar alimento, foi um mês que nada entrava e nada saía”. Neste caso, o isolamento provocado pela destruição da ponte, bem como a interdição de estradas de acesso reverberou o medo da escassez, bem como de possíveis desabamentos e acidentes.

Cabe ressaltar que Cezomar chega ao ponto de questionar se o termo “dilúvio” seria de fato adequado para retratar o evento registrado em 2013, uma vez que a memória dos antigos ilustra uma versão muito mais dramática no caso da enchente de 1929; e sob seu ponto de vista o caso de 1979 também teris sido mais catastrófico; pontos que segundo este narrador se diferenciam nos relatos pela longa duração das chuvas nos eventos mais antigos, algo que inclusive leva Cezomar a argumentar o caso de 2013 foi inusual, considerando que “não tem como comparar quarenta dias chovendo sem parar com poucas horas de chuva forte como foi em 2013”

De forma alinhada, Marcelinho considera que:

Mas igual aquela chuva que deu em 2013 que destruiu a ponte, aquela lá não foi de internada, foi de tempestade, caiu aquela chuvona de uma vez, não foi igual as chuvas de antigamente.... Agora está mais desse jeito, a chuva cai toda de uma vez, ao invés de vir de pouquinho em pouquinho, acho que foi o que mais diferenciou. (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Assim, Marcelinho segue numa linha semelhante a adotada por Cezomar, separando os casos: de um lado, os dilúvios de 1929 e 1979, na visão deste narrador, seriam consequência de uma chuva de “internada”; enquanto que, por outro lado, em 2013 “foi de tempestade, caiu aquela chuvona de uma vez, não foi igual as chuvas de antigamente”. Sobre as características da enchente mais recente Marcelinho ainda considera que se tornou uma tendência as chuvas serem mais fortes e concentradas, enquanto antigamente eram mais esparsas e duravam por longos períodos.

Pedrinho de Santos também alega que a enchente de 2013 foi atípica, afirmando que:

2013 foi diferente, deu inverno assim, mas mais ou menos assim de uma semana só de inverno, choveu demais, mas foi chuva grossa, desde Capelinha, que muitas vezes a enchente que dá aqui não começa aqui, as cidades de Itamarandiba pra cá tudo despeja nesse rio, então acaba que ele enche né... (Pedrinho de Santos, Santa Rita do Araçuaí)

Neste sentido, Pedrinho de Santos dá a entender que a chuva de 2013 teve um aspecto de "semi-inverno", uma vez que apesar de as temperaturas terem caído as chuvas foram mais concentradas, com grandes volumes de precipitação em pouco tempo. Assim, este narrador se recorda que neste período choveu por poucos dias, mas o volume das chuvas foi muito intenso e com grande poder de destruição. Algo mencionado por muitos narradores compreende o fato de que nesta ocasião a enchente não teria se originado no município, mas sim somatizado a precipitação de áreas mais próximas da cabeceira do Araçuaí, que recebem o aporte de uma série de afluentes.

Após os desastres as comunidades têm seus potenciais de resiliência postos a prova, e com isso se iniciam os esforços de restauração. Nesta perspectiva, Mestre Chato comenta os processos de reconstrução e as redes de solidariedade que são forjadas diante de situações de desastres:

Eu acho que a gente tem sempre que tentar ajudar as pessoas né... Igual ocê vê aí essas casinhas que a gente andou fazendo aí, que nem nesse dia do diúvio que levou a ponte, eu fui na casa duns meninos e lá encontrei as telhas caindo, as taquaras tudo podre, daí eu chamei o trator e acabei de desmanchar a casa e construí outra casa nova, eu fui passando na comunidade recolhendo as ajudas que o povo podia dar e daí a gente ajuntou e fez aquela casa, uns deu material, outros deu dia de serviço, cada um deu o que pode, e a casinha saiu... As vezes quando eu vou falar o povo fala “não, não foi o povo não, quem fez aquilo lá foi ocê que se ocê não tivesse ido lá ninguém fazia não”, é verdade que eu busquei, mas eu sozinho também não tinha feito tanta coisa né, mas eles não gosta que fala que foi o povo que fez, eles quer que eu fale que fui eu que fiz... Mas eu fiquei foi com um prazer de fazer aquela casinha pra eles, igual quando ocê veio aqui daquela primeira vez, que passou aquilo na internet, foi que depois que tava com a casinha prontinha, que eles já tinha mudado, aí mandaram [funcionários da prefeitura] uma placa do governo e pôs no terreiro, dizendo que o governo que tinha feito a casa. Aí aquilo gerou uma revolta no povo né, cê tá doido, que todo mundo sabia que era mentira, todo mundo viu como que a casa foi feita, muitos tinha ajudado, então foi aquela revolta. Aí eu fui pra lá eles gravaram eu falando e a gente pôs na internet, eu falei “ô cabra ladrão vem tirar essa placa daqui, quem fez isso aqui foi o povo, foi o povo que fez isso aqui!” e nós sentado naquela calçada, e aquele vídeo rodou a internet que o povo danou de ligar e falar “ô Chato, mas ocê é atrevido; ô Chato, mas ocê é corajoso”, mas tinha gente mesmo que vinha me falar que tinha visto o tal vídeo na internet, daí um dia eu acordei e danei de querer ver o tal do vídeo [risos], mas gente sem vergonha tem que fazer isso com eles, sendo que eles não tinha dado nada moço, mas a placa pra poder pegar o dinheiro e os voto eles soube fazer... Eu não gostei daquilo não! Eu gosto das coisas é certa.... Eu gosto das coisas é certa. O povo aqui todo ano me pede pra candidatar pra ajudar o povo, mas eu nunca quis, nem nunca vou querer. Não gosto de mentir pro povo, eu gosto é de levar alegria pro

povo, então camarada ia molhar minha mão e deixar os outros largado? Porque na câmara municipal ocê não pode ser honesto, tem horas que tem que ajudar o prefeito a mentir e enrolar o povo, e isso eu não aceito. Então meu salário é o amor que o povo tem na gente.... Eu gosto é de viola, de cantoria, de cultura, eu gosto é de levar coisa boa pro povo. Distrair quem tá passando um sofrimento, trazer coisa boa. (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuai)

A rede de solidariedade que se formou com o intuito de apoiar membros da comunidade de Santa Rita atingidos pelas chuvas de 2013 teve Mestre Chato como um ponto central, que coordenou e mobilizou os esforços necessários para auxiliar aqueles que se encontravam em situações de dificuldade. Neste caso, destaca-se o fato de a iniciativa descrita decorrer, especificamente, da ocasião da enchente de 2013, que além de danificar a ponte também impactou certas construções, assim, tal ação surgiu como uma resposta direta ao desastre, uma resposta autônoma e independente do poder público, que se apoiou nos próprios laços comunitários, com vistas a garantir a segurança de seus membros.

Neste trecho de sua narrativa Chato fez referência a data em que nos conhecemos. Na ocasião o mesmo havia arrecadado donativos para a reconstrução desta habitação, e com isso a união da comunidade ajudou a recuperar este prejuízo deixado pela enchente, porém assim que a comunidade entregou a casa pronta surgiu uma placa na frente da construção dando os méritos para a prefeitura. Este fato gerou grande revolta na comunidade de Santa Rita, e com isso Chato acabou protagonizando um vídeo no YouTube em que narra tal situação. Diante desta notícia, especificamente deste vídeo, acabei conhecendo a figura de Mestre Chato e logo nos tornamos amigos.

A narrativa de Chato nos revela ainda o reconhecimento que o mesmo goza dentro de sua comunidade, muitas vezes sendo apontado como uma liderança, sobretudo quando se envolvem questões sociais e culturais. Chato destaca inclusive que na ocasião da reconstrução desta casa parte da população atribuiu a ele a iniciativa de buscar apoio para a realização da obra, de modo que passaram a considerar que Chato de algum modo deveria receber o reconhecimento por tal feito. Algo que o mesmo discorda, uma vez que destaca o papel da coletividade e a força da comunidade como um todo.

### 11.3. O Acidente na ponte velha

As narrativas dos participantes revelaram inúmeros acidentes nas águas dos rios e córregos da região, e em especial no Rio Araçuaí foram relatados uma série de casos de acidentes fatais. Com isso percebemos que a memória de “gente que morreu nas águas” se trata de algo bem presente nas narrativas destas comunidades. Porém, apesar de se tratar um fato recorrente, um acidente em especial marcou de forma especialmente traumática a memória coletiva destas comunidades, um evento que ficou popularmente conhecido como “o acidente da ponte velha”, “acidente da caminhonete” ou “o acidente que matou Nelito”.

O acidente em questão ocorreu no final da tarde do dia 4 de fevereiro de 2005. Após muitos dias seguidos de chuva o volume do rio havia subido consideravelmente, deixando a antiga ponte de madeira completamente submersa. Uma caminhonete lotada, com quinze ocupantes vinha de Chapada do Norte quando, ao tentar atravessar a ponte, que sob as águas do Araçuaí, acabou tombando ocasionando a morte de muitos dos passageiros. Tal acontecimento teve uma grande repercussão na região, em especial para os moradores das comunidades de Cachoeira do Norte e Santa Rita do Araçuaí, que contaram com o maior número de vítimas.

Apesar de um grande número de veículos de imprensa terem reportado o caso, a notícia assinada pela redação do portal Estradas.com.br<sup>62</sup> - postada no dia seguinte do acidente (05/02/2005) -, certamente trouxe uma das visões mais completas sobre o caso, chegando a realizar entrevistas para elocubrar a situação. O portal Estradas repercutiu a notícia da seguinte forma:

**Caminhonete cai em rio e deixa sete desaparecidos no Vale do Jequitinhonha.** Uma pessoa morreu e outras sete desapareceram na queda de uma caminhonete no rio Araçuaí, no final da tarde de sexta-feira. O acidente aconteceu por volta das 16h, no distrito de Santa Rita, em Chapada do Norte, no Vale do Jequitinhonha (Nordeste do Estado), a 515 quilômetros da capital. O motorista de uma Chevrolet D-20 tentou atravessar a ponte de madeira que estava coberta pela água e saiu do traçado, caindo no rio, que tinha mais de 20 metros de profundidade no local. Três ocupantes do veículo, que transportava moradores da zona rural, conseguiram escapar nadando até as margens. Bombeiros de Diamantina, a 300 quilômetros, eram aguardados à noite para iniciarem as buscas. [...] De acordo com o contador José Maria Aparecido Alves Silva, que trabalha na Prefeitura de Chapada do Norte, desde a segunda-feira o rio estava cheio, com cerca de 40 centímetros de água acima da ponte. “O acidente aconteceu na estrada que liga Chapada aos distritos de Santa Rita do Araçuaí, Cachoeira do Norte e São Sebastião do Boa Vista. Pela ponte passam diariamente vários veículos, muitos deles caminhonetes de

---

<sup>62</sup> Reportagem disponível em: <https://estradas.com.br/caminhonete-cai-em-rio-e-deixa-sete-desaparecidos-no-vale-do-jequitinhonha/>



fazendeiros e sitiantes, que servem como meio de transporte da população rural para a área urbana. Quem não se arrisca a passar pela ponte tem que rodar por mais de 100 quilômetros em estrada de terra”, explicou. [...] Entre os desaparecidos, segundo o contador – que foi um dos responsáveis pelas providências para resgate das vítimas – está o secretário de Agricultura de Chapada, Nelito Francisco de Figueiredo, de 53. Momentos após a queda, foi resgatado o corpo de Rita Ferreira Conceição, de 54. Alguns moradores mergulharam no rio com ajuda de cordas, mas não conseguiram chegar até a caminhonete, que pode ter sido arrastada pela correnteza. [...] O lavrador João Ferreira Machado contou que 15 pessoas estavam na caminhonete, que vinha de Chapada. “Quatro pessoas desceram antes de o carro entrar na ponte. Dessas, três atravessaram a pé, enquanto outra foi numa canoa. O resto não teve medo e seguiu para fazer peso na caminhonete”, afirmou Conforme José Maria, a D-20 pertence a um fazendeiro identificado apenas como “Ié”, que conseguiu se salvar, e era dirigida por seu filho, Helton John, de 19, um dos desaparecidos. “Até o meio da ponte, com mais de 20 metros de extensão, foi o secretário Nelito que dirigiu o veículo. Ele então desceu para fazer peso na carroceria e o rapaz assumiu a direção. Foi quando os pneus saíram dos pranchões e o carro caiu no rio”, explicou o contador. Na lista de desaparecidos, até a noite de sexta-feira identificados apenas pelos prenomes, estão ainda uma funcionária da prefeitura, Leila, de 23, Cira, de 35, Antônio, de 30, Sebastião, de 56, e Carlos Geraldo, de 33. (ESTRADAS.COM.BR, 2005, s.n)

A notícia que foi ao ar no dia após o acidente ainda trazia a esperança de encontrarem os desaparecidos. No total foram confirmadas oito mortes. Sendo a espera pela identificação dos corpos um processo longo e doloroso que marcou a memória dos moradores e é expresso nas narrativas – algo especialmente forte no relato de Heliane, filha de uma das vítimas.

Mas podemos sublinhar alguns pontos da reportagem: 1) Segundo uma testemunha a caminhonete carregava quinze passageiros, sendo que alguns saltaram nas margens do rio, de modo que no momento da travessia haviam dez passageiros a bordo do veículo; 2) a reportagem menciona que este ponto do rio chega a cerca de vinte metros de profundidade e que a ponte – que possui quatro metros de altura e mais de vinte metros de extensão -, estava submersa em cerca de 40cm; 3) a principal força de auxílio enviada para socorrer as vítimas foram os Bombeiros de Diamantina, que tiveram que percorrer cerca de 300km para chegar ao local do acidente; 4) a reportagem sinaliza a partir do relato de um morador local que a região do acidente é uma área de grande trânsito, sendo o principal ponto de conexão entre os distritos e a sede municipal e pontuando que “Quem não se arrisca a passar pela ponte tem que rodar por mais de 100 quilômetros em estrada de terra”; 5) no momento de publicação da reportagem três pessoas haviam conseguido sair do carro e nadar até as margens, um corpo foi retirado sem vida (Rita Ferreira da Conceição), e outros 6 se encontravam desaparecidos, incluindo o do então

secretário de Agricultura Nelito Francisco de Figueiredo; 6) até o momento da reportagem a caminhonete ainda não havia sido localizada.

Munidos destas informações contidas na reportagem seguiremos para um mergulho nas memórias dos narradores. Partiremos, neste caso, por uma ordem de proximidade do narrador com o acidente: iniciando por um dos sobreviventes; passando para uma testemunha que vivenciou boa parte do percurso, mas que no momento optou por atravessar de canoa; uma testemunha ocular do acidente; o mergulhador que auxiliou na localização da caminhonete; e, por fim, outros narradores que tiveram uma influência menor em relação ao acontecimento.

Além disso, destaco que a seleção destes participantes seguiu indicações das próprias comunidades, levando-se em conta a estabilidade destes sujeitos para lidar com este tipo de recordação; assim, alguns sujeitos da comunidade, apesar de também diretamente relacionadas a tal acontecimento, não foram incluídas na pesquisa justamente por terem sido apontadas como muito sensíveis diante deste tema. Sendo assim, a seleção se delineou a partir deste esforço para respeitar as sensibilidades destes indivíduos diante destas memórias, resguardando-os afim de que a pesquisa não incorresse no risco de despertar emoções negativas. Com isso, pontuamos a necessidade de reconhecimento da responsabilidade ética do pesquisador diante do risco de provocar distúrbios emocionais nos participantes da pesquisa.

Partindo do relato de um dos sobreviventes deste acidente, veremos como a narrativa do sujeito sobre sua própria vida se confunde com a narrativa do dia do acidente, realizando uma contextualização dos reflexos deste dia fatídico em sua vida:

O prefeito que na época ganhou aqui foi Teco, e nesse tempo eu tinha muita intimidade com ele, então eu vim de São Paulo votar nele e ele acabou que arrumou um serviço pra mim no combate de zoonoses. Mas voltando aí, eu fui lá pra eles agilizar um serviço pra mim, mas aí antes de eu ir pra Chapada pra agilizar esse serviço aconteceu um acidente de moto comigo, aí eu tinha caído de moto e estava meio machucado. Eu tava indo pra Boa Vista de moto levar meu tio lá, deixei meu tio lá e aí na volta eu caí de moto e me machuquei. Aí no outro dia já estava agendado preu ir lá em Chapada para verificar essas pendências, aí eu já fui porque já tinha que ir mesmo né. Então, indo pra Chapada né, na época não tinha uma ponte adequada né, a ponte era baixinha, mas eu tinha que ir em Chapada, que eu tava todo machucado e tinha que ir me consultar no médico, só que do lado de cá do rio não tinha médico, e ainda tinha que resolver essa questão do emprego. Aí nós.... Como tinha dois carros, uma caminhonete do lado de cá do rio e uma do lado de lá, aí a gente ia do lado de cá do rio num carro, atravessava de canoa, e pegava o outro carro do outro lado e ia para Chapada. Indo pra Chapada, a gente ficou lá o dia todo, o banco lá abria das 9 até às 13h e tava aquele calorção né, mas o rio estava cheio, porque na época era chuva de verão né, então como a ponte era baixa o rio estava cheio. Aí nós ficamos até umas 15 horas da tarde esperando o

peçoal agilizar, tirar o dinheiro do banco e tudo mais.... Com isso, eu fui no hospital, consultei, eu tava todo relepado ainda, tanto que eu tava de calça, pochete e tanto que minha carteira de trabalho até hoje ela é manchada e toda suja porque caiu no rio e molhou. Mas voltando a gente ficou lá até umas três horas da tarde e nós viemos embora normal, como nós íamos chegar e atravessar a canoa a gente veio embora... Aí quando a gente já estava pra chegar em Santa Rita né, estava naquela alegria né, todo mundo colega meu, meu tio vizinho da zona rural, tio né casado com a irmã de meu pai, estava no carro, o meu primo Jhony tava no carro, Ié tava no carro, que é irmão do meu pai, tava Carlos que é amigo de infância da zona rural e mudou pra cá, e era efetivo lá, também tava, então era todo mundo vizinho e conhecido... É... Aí chegando em Santa Rita, nós chegamos em Santa Rita, deixou o carro lá na Vila São José e fomos de pé para atravessar na canoa, aí chegando lá no rio o pessoal percebeu que dava para atravessar de caminhonete porque tinha pouca água sobre a ponte, e o pessoal estava acostumado a fazer esse percurso, não era um bicho de sete cabeças não, tanto que a água estava baixa, mas estava com a ponte coberta. Mas aí com muita insistência, eles insistiram muito até que o motorista foi na Vila e buscou a caminhonete para atravessar. Aí naquele vai e vem... Tanto é que tem gente lá que faleceu, mas passou naquela ponte umas três vezes de pé, com mala e tudo, e passava e voltava, passava e voltava, aí entrou no carro... E nesse vai e vem, muitas pessoas optaram, principalmente os de Santa Rita que já tinham muito conhecimento do rio tudo, ninguém atravessou no carro, todos atravessou via canoa e Santa Rita deve que tinha umas cinco pessoas de lá dentro do carro e nenhum atravessou de carro, todos eles preferiram ir de canoa ou de pé. Aí nós com aquela inexperiência que era normal, a gente entrou no carro e fomos nisso deu alguma coisa lá, algum descuido no meio daquela água e aí acabou caindo lá e faleceu oito pessoas. Dessas oito pessoas faleceu um primo meu, primo primeiro meu, um tio que além de tio era vizinho meu, além de uma vizinha da zona rural, com isso faleceu toda essa gente.... Nisso eu já estava com o emprego certinho né, que foi aquela doideira lá tal e tal. Mas eu só sei que eu saí e aí perdi um tênis, eu tava de calça jeans ainda tampando os machucados, uma pochete na cintura, sobrevivi não sei como, eu saí não sei como, eu acho que foi Deus e mais a sorte. Tinha duas correntezas, eu acho que quem pegou a correnteza da direita desceu prum lado e quem pegou a correnteza da esquerda desceu reto. Aí teve até noticiário de jornal nacional aquela época, de caminhonete, bombeiro, aquela procura dos corpos, aquele vai e vem, e todo mundo muito curioso me perguntando querendo saber como é que foi, como é que aconteceu, e ficou mais de uma semana naquele rebuliço... E sem falar que morreu também o secretário de agricultura aqui da região, que era um cara que era muito famoso aqui, que era o Nelito né, então foi um baque... Ele era muito famoso aqui né, que naquela época não tinha advogado, ele que aposentava o pessoal, ele era o secretário de agricultura, ele era um cara muito querido aqui na comunidade. Mas por ser um distrito pequeno só de ocê falar que morreu oito pessoas aqui da região isso já dá um baque bem terrível. Aí vim embora, mas o trem parece que estava tão ruim pra mim, o trem tava tão fechado para mim que eu caí de moto um dia, no outro dia fui consultar caí dentro do rio, aí naquele desespero né, eu vendo todo aquele povo todo eufórico lá na beira do rio... Tia Lourdinha mesmo eu vi que tava caída lá... [trecho incompreensível] aí eu peguei eu cheguei, eu vi aquele povo correndo na beira do rio e eu já saí de pé desesperado, aí eu vinha vindo, a última coisa que eu vi na água foi João do lado de fora e eu vi Nelito boiando lá, mas na

hora pra mim tava tudo normal, pra mim todo mundo ia sair dali normal, eu não tinha nenhuma noção realmente do que estava para acontecer... Aí eu peguei carona com um rapaz que estava passando, que até tinha fama de corredor de moto, aí na hora que eu cheguei ali naquele calçamento da vilinha ali eu falei “ô moço, leva eu embora por favor que eu não tô bem”, aí subi na moto e vim com ele correndo, correndo e eu sentindo que a moto estava estranha, bambeando bambeando, quando foi ver a moto estava com o pneu furado. Então eu tava numa fase pesada que o trem tudo tava me acontecendo, primeiro eu caí de moto, depois fui consultar caí dentro do rio, depois o cara que veio me trazer de moto ainda tava com o pneu furado... Naquela época anda não tinha que nem tem hoje essas redes sociais, então quando chegou aqui a notícia já tinha chegado, mas não tinha espalhado tanto, mas dentro de uma hora todo mundo já ficou sabendo que tinha acontecido o tal do acidente... Essa questão do Rio Araçuaí que eu tive o acidente mesmo, mesmo depois do acidente, é depois que vai passando o tempo que a gente vê o perigo né, e eu ainda atravessei depois nesse rio duas vezes de moto com água do mesmo tanto que tava no rio quando o pessoal morreu... Minha esposa estudava... Num dia minha esposa tinha que ir estudar em Minas Novas, eu ia buscar ela, nisso eu atravessei o rio e vi que a água estava passando um pouquinho sobre a ponte, daí eu perguntei um rapaz lá e ele disse “não, o rio está esvaziando”, na volta eu vi que tava cheio, mas fazer o que né, naquela doideira eu acabei atravessando, mas aí pega que o coração da gente dispara e depois que a gente atravessa o rio que a gente vê a cagada que fez. E um outro ano o meu pai tinha acabado o medicamento dele, aqui ainda não tinha farmácia, então eu tinha que ir lá em Chapada. Aí na ida eu pedi um rapaz para atravessar a moto pra mim, aí ele atravessou a moto pra mim aí eu fui, nós passamos de pé. Mas aí na volta a água já estava menos mal e eu e Gil passamos de moto com a ponte coberta de água também. Mas depois disso nunca mais! Eu não entro em água, eu não vou em rio, pode falar pra mim que pode estar calor que rio eu evito, que rio eu não sou muito fã mais não... (Magno, Cachoeira do Norte)

Assim o relato de Magno nos apresenta uma série de nuances que compõe a cena que se passa em sua cabeça quando lembra do momento do acidente. A narrativa de Magno sobre a tragédia se inicia explicando os motivos que o levaram a estar na caminhonete naquele dia fatídico. Diante de uma promessa de emprego e a necessidade de se consultar no médico por conta de um acidente de moto que havia sofrido, Magno entendeu não tinha como prorrogar esta visita a sede. Com isso, apesar do rio estar cheio e cobrindo a ponte após alguns dias de chuvas sequenciais, não poderia adiar sua ida a Chapada.

Em seguida, Magno ressalta que a estrutura da antiga ponte era inadequada, sendo muito baixa e, conseqüentemente, ficando facilmente abaixo do nível da água. Na Figura 15 podemos constatar a diferença de altura entre a estrutura da antiga ponte e a ponte atual. Além disso, o fato de na época não haverem médicos atendendo nas de Santa Rita, Boa Vista ou Cachoeira obrigava-o a buscar atendimento em Chapada.

**Figura 22 - Fotografia mostrando a Ponte Nova que liga o Distrito de Santa Rita do Araçuaí e a Sede de Chapada do Norte, demonstrando, ao lado, a estrutura da base da antiga ponte.**



Fonte: Acervo do autor.

Ele explica que o traslado era realizado com ajuda de dois carros, e que quando chegavam na ponte, atravessavam e então seguiam no outro veículo. Ao final de sua narrativa Magno buscou sua carteira de trabalho e mostrou as manchas impressas pela água no dia do acidente. Um objeto de memória que o faz recordar esse evento que o marcou.

Refletindo sobre o acidente Magno assume ter vivenciado uma situação traumática, destacando que, apesar de ter atravessado a ponte mesmo pouco tempo após o acidente, ainda hoje teme o rio e já não consegue enxergar a água como um meio de lazer.

Na sequência, veremos como a narrativa de uma testemunha que acompanhou boa parte do traslado da caminhonete, mas que teria deixado o carro na chegada da Vila São José, optando por atravessar na canoa. Lourdinha nos conta detalhes sobre esse dia traumático pontuando os motivos que a fizeram parte desta tragédia:

Na época minha filha fez vestibular, não é que nem hoje que tem PROUNI, ENEM, essas coisas, mas Deus ajudou que ela passou no vestibular e foi estudar e eu fiquei. Aí certo dia no início de mês assim, eu todo dia levantava e olhava no rio pra ver se tava a passagem pela ponte preu ir em Chapada quitar a mensalidade da faculdade da minha menina. E ela tava de férias em casa, já prestes a ir embora, já prestes a voltar para estudar... Aí quando foi quatro de fevereiro, era uma sexta feira, não tinha mais como esperar para a segunda feira, que senão eu teria que pagar uma multa, então eu pensei é hoje, a ponte não apareceu, mas eu tenho que enfrentar a canoa e ir pagar a mensalidade lá no banco em Chapada do Norte. Aí foi o que aconteceu, eu descii para a beira do rio e chegando lá eis que chegou o pessoal aqui de

Cachoeira né, o carro com o pessoal daqui, e tinha mais pessoas também de Santa Rita, e eles tinha duas caminhonetes né, uma ficava do lado de cá do rio, e a gente passava pela canoa e pegava outra caminhonete que ficava na vila do outro lado do rio. Aí atravessamos de canos e fomos para Chapada na caminhonete, pegamos a caminhonete na vila e fomos.... Aí depois que nós resolvemos o que fomos resolver em Chapada viemos embora, e a gente tinha comprado muita coisa, eu particularmente comprei bastante coisa, porque minha menina ia embora, então comprei roupa de cama pra ela levar lá na cidade que ela morava, que era Governador Valadares, e todos nós fizemos muitas compras e viemos trazendo. Aí tipo três horas da tarde, quinze horas assim, saímos de Chapada pra vir embora e viemos nesse carro numa alegria tamanha, numa alegria, viemos cantando dentro do carro e chegando na vila todos nós descemos do carro e o dono da caminhonete ficou assim guardando, tinha ferramentas assim, essas coisas, porque como chovia muito naquele tempo, e às vezes o carro dava algum problema, daí tinha que cavar a estrada, então tinha enxada, tinham várias ferramentas dentro do carro e ele ficou guardando aquelas ferramentas lá na vila e fechando o carro, enquanto isso viemos a pé tranquilamente para a margem do rio para atravessarmos de canos e seguirmos para casa. Quando nós chegamos no rio, alguém deu de entrar na ponte, aí como a água já havia baixado bastante a gente via que passava assim uma camada por cima da ponte, mas não dava pra ver nem uma tábua, nem uma madeira da ponte a gente não enxergava, só que alguém deu de passar, teve a ideia de começar a passar ali, até que chegou do lado de cá do rio, a pessoa a pé conseguiu chegar do lado de cá do rio e aí todo mundo que estava naquela viagem começou a falar “ah, pode ir na vila chamar o dono do carro pra vir pra trazer o carro que vai dar pra passar, que se está passando gente a pé na ponte, o carro que é pesado passa também”, aí eu comecei a enlouquecer e falei assim “gente, faz tantos dias que essa ponte está coberta pela água, pode ser que esteja faltando uma tábua, pode ser que apodreceu, pode estar escorregadia, eu não acho que é de acordo alguém passar aí de carro antes que essa ponte apareça toda para a gente ver como está a situação dela”, mas eles teimaram tanto, e nisso tinha um cara lá de moto e eles pediram para esse motoqueiro ir até a vila chamar o dono do carro para trazer o carro que dava para passar. Aí nesse momento eu comecei a entrar em desespero e falei “gente, não faça isso porque é muito arriscado” e nisso a pessoa, inclusive o Nelito falou “eu acho que eu consigo passar”, aí ele segurou a mão da minha amiga Fátima, e ela começou a desesperar dizendo “gente, eu entro no serviço quatro e meia e já são mais de quatro horas, então eu preciso passar logo preu chegar em casa que já vou entrar em serviço” que ela trabalhava na escola, ela ainda trabalha na escola Zé de Calu... Aí ele atravessou também ela pela ponte, andando, e eu só falei assim “eu não passo nessa ponte nem andando e nem no carro, porque a gente não pode dar bobeira por aí, a gente não sabe se tá faltando alguma tábua, vai que a gente pisa em falso e escorrega, eu não sei nadar e eu não vou me arriscar” e daí comecei a convidar as pessoas daquele grupo para irem de canoa comigo, porque eu fiquei até com vergonha de incomodar sozinha o canoieiro, e eles ficaram falando “ocê tá doida? Cê vai pagar o canoieiro e a gente vai passar no carro e não vai pagar nada, espera moça para passar no carro...” e eu falei “não vou nem esperar esse carro chegar aqui, porque senão eu vou entrar em contradição com o motorista, porque eu não vou aceitar que ele passe e vocês tão querendo que ele passe, então eu vou logo de canoa antes que o carro chegue aqui” aí eu comecei a andar um pouco e convidei a Leila né, era a primeira semana que ela estava trabalhando em

Chapada, tinha entrado naquela semana para trabalhar na prefeitura e ela não tinha o costume de passar pela canoa, então eu fiz esse convite para ela “Leila, vamos comigo na canoa porque quem trabalha em Chapada precisa se acostumar a atravessar na canoa e hoje vai ser a sua oportunidade de passar pela primeira vez”, e aí ela falou “não, eu vou esperar no carro e passar no carro que eu acho mais seguro, eu não vou ter coragem de passar na canoa”. Aí eu ainda conferi, quando eles falaram que tinha que pagar o porto eu conferi né, peguei minha bolsa e tirei ali os trocados que tinha pra pagar a canoa, coloquei no bolso preu não precisar abrir minha bolsa e não correr o risco de abrir a bolsa e cair meus documentos dentro da água né... Nisso minha amiga que já tinha atravessado andando pela ponte estava em frente a mim, ela do lado de lá do rio e eu do lado de cá. Aí veio uma... Veio uma força do além, veio uma coisa muito estranha em mim e me contou “algo muito ruim vai acontecer” e isso eu tive certeza, que algo muito ruim ia acontecer naquele momento. Então eu naquele desespero eu falei, meu Deus eu preciso gritar preu conseguir aliviar sabe aquilo que tava acontecendo comigo, eu precisava gritar muito alto para aliviar que senão eu ia até passar mal, porque Deus me contou que algo muito ruim iria acontecer. Aí eu olhei para minha amiga e gritei “ô amiga, graças a Deus ocê já está livre”, porque ela já estava lá livre, que ela estava lá em terra firme, mas o que ia acontecer comigo na canoa, ou com aquele povo que ia passar na caminhonete eu não sabia com qual de nós ia acontecer... Aí ela levantou os braços lá do outro lado e gritou de volta pra mim “ô amiga, tenha fé que daqui a pouco você vai estar livre também!”, e aí eu adquiri aquela força e fui pela canoa... Aí chegando na canoa eu conversei com o canoeiro, falei “ô Teotônio, ocê me desculpa eu sozinha te incomodar, mas é que o pessoal tá esperando a caminhonete para passar, mas eu não tive coragem, então por favor cê me põe lá do outro lado”, ele só falou “imagine, é agora!” e ele me botou do lado de cá do rio, eu paguei ele direitinho, ainda agradei demais pela boa vontade, agradei muito a Deus, porque eu já estava ali né, do meu lado certo... E então eu saí, e enquanto eu viajei da praia até o caminho, porque eu deixei muita coisa minha pra trás com aquele povo, que eu não dava conta de carregar sozinha, então muita gente ficou com alguns embrulhos meus para passar no carro e eu fiquei aguardando ali na rodagem... Então eu vi que o carro zuou e sumiu, porque da onde eu estava não dava para enxergar a ponte, porque tinham umas árvores que tampavam, um mato na margem do rio que tampava e não dava preu ver. Nisso eu tava esperando o carro aparecer ali e nada e nada... Nisso só veio um moço, ele estava a cavalo e veio galopando, de longe assim ele me viu, me reconheceu e falou “nossa Lourdinha, a caminhonete tombou dentro do rio!” e eu falei “puxavida e o povo?” ele só fez assim com os braços “o povo...”... Nessa hora parece que ligou um motor na minha cabeça, eu não acreditava naquilo. Entrei em desespero, passei mal, fiquei jogada ali né... Nisso a notícia correu rapidinho, meus filhos entraram em desespero cá na rua achando que eu estava junto daqueles que tinham caído na ponte, aí eles chegaram, vieram rapidinho, chegaram e se depararam comigo, eu estava desmaiada, mas estava com vida né, cá dentro da estrada, e foi assim... Muito sofrimento... Eu nunca esqueço disso, o sofrimento não passa... Foi um tempo né, teve que chamar médico para cuidar de mim e eu até hoje né, já faz mais de 16 anos e eu não consigo esquecer daquele momento... Foi um momento muito difícil, foram grandes perdas, das pessoas, dos amigos, de parentes, de pessoas queridas, colegas que a gente estava viajando junto, foi uma grande perda para mim e para nossa região, inclusive aqui em Cachoeira foram grandes perdas... Então, essa... Esse

fato me marcou para o resto da vida. São fatos que me marcaram eternamente, eu não consigo esquecer esses fatos que me ocorreram. E enfim... É pedir Deus para dar a gente o entendimento, a compreensão e é vida que segue né... (Lourdinha, Cachoeira do Norte)

Assim, percebemos logo de cara entre os pontos mencionados na narrativa de Lourdinha a explícita preocupação desta narradora com a educação de seus filhos, sendo, inclusive este o fato motivador que a obrigou a encarar o rio cheio para quitar a mensalidade da faculdade da filha mais velha. Neste sentido, Lourdinha sinaliza sua visão da importância do estudo de seus filhos, dedicando-se a ponto de se arriscar em nome da educação da filha.

Neste contexto das chuvas a narradora descreve um hábito comum entre os moradores de Santa Rita: o encarar o rio. E por isso mesmo tais habitantes da beira do Araçuaí acabam tendo uma intimidade e um maior conhecimento destas águas, por vivenciarem em suas rotinas diárias a tensão de viver em uma área que já quase foi engolida pela fúria das águas de dilúvios que marcaram a memória da comunidade. Interessante pontuar que este hábito de estar sempre em contato com o Araçuaí, que faz parte inclusive deste sentimento de pertencimento a comunidade de Santa Rita, é algo que inclusive se manifesta em Lourdinha que não é originalmente da comunidade, sendo uma espécie de “forasteira de dentro” (ELIAS; SCOTSON, 2000), ou seja, alguém que apesar de ser fora com o tempo acabou sendo abraçada e se tornando parte da comunidade.

Como alguém totalmente integrada às comunidades Lourdinha narra a alegria do trajeto, com o carro lotado e o povo em festa ao longo do traslado até Chapada. Chegando em Chapada cada um resolveu as pendências que tinham para resolver e então se iniciou o drama do retorno. Assim que chegaram na margem do rio, na Vila de São José, surgiu a discussão se seria seguro atravessar a ponte na caminhonete. Lourdinha prontamente se opôs a tal proposta, buscando convencer a todos os presentes de que seria imprudente enfrentar o rio, e tentou conchamar os presentes a atravessarem de canoa.

Neste meio tempo teria ocorrido um desentendimento entre Nelito e o caminhoneiro que estava atuando no dia, pois o mesmo queria cobrar pela travessia, enquanto Nelito, como representante do poder público, argumentou que aquilo era injusto, pois o canoeiro era contratado pela prefeitura para atravessar as pessoas e não deveria cobrar um valor extra por isso. Porém a disputa não se resolveu, e contrariado Nelito acabou sendo um dos que insistiram que a travessia deveria ser feita de carro.



Em meio a este embroglio na beira da ponte, a amiga de Lourdinha, Fátima – que estava atrasada para o serviço -, teria aproveitado para atravessar a ponte a pé. Assim, Lourdinha encarou sua amiga que estava a salvo na outra margem e deu um grito. De acordo com a narradora neste momento algo teria lhe avisado da tragédia, de algum modo ela pressentiu que algo terrível estava prestes a acontecer. Num primeiro momento o medo a teria paralisado, mas então o berro que escapou de seu peito lhe deu a força que necessitava para encarar tal desafio. Assim, Lourdinha solicitou ao canoeiro que a atravessasse e assim foi feito, e logo a mesma estava do outro lado. Porém, esta deixou parte de suas bagagens com o pessoal da caminhonete, e assim que chegou em terra firme ficou aguardando a travessia do pessoal na caminhonete.

Foi então que ouviu um barulho e logo soube da tragédia. O baque foi tão grande que Lourdinha desfaleceu e acabou desmaiando, ficando estirada num canto da estrada até o momento em que seus filhos chegaram para ver o que havia acontecido. Neste instante as memórias de Lourdinha se embaralham, visto que o choque a fez perder a consciência. Segundo Lourdinha esse acontecimento a teria marcado profundamente, chegando a levar a problemas psíquicos, que tiveram que ser tratados para que a mesma pudesse retomar sua vida, destacando que “Foi um tempo né, teve que chamar médico para cuidar de mim e eu até hoje né, já faz mais de 16 anos e eu não consigo esquecer daquele momento”.

Assim, essas cicatrizes da memória conduziram a narrativa de Lourdinha a outro ponto: o reconhecimento da canoa como um importante objeto de memória para as comunidades. A narradora lamenta que atualmente tal barco - que por muito tempo foi o principal meio de travessia para as comunidades da região – hoje se encontra abandonado, jogado num canto da estrada confrontando a ponte (Figura 16), sendo consumido pelo tempo. Quanto a isso Lourdinha declara seu desejo de ver preservada a memória deste objeto e assume que se fosse possível gostaria que tal canoa pudesse ser exposta em um museu, para retratar não somente a história deste desastre, mas da região como um todo.

**Figura 23 - Fotografia da antiga canoa, atualmente localizada na frente da ponte de Santa Rita do Araçuaí**



Fonte: O Autor.

Testemunha ocular do acidente, Gentilin estava presente no momento e chegou a tentar impedir a tragédia. Ele conta que acabou se atrasando e por isso não foi com o restante do grupo na parte da manhã, encontrando-os direto em Chapada e pegando carona na caminhonete no retorno. Ao chegarem na Vila São José teria se afastado por alguns instantes para resolver uma pendência no mercadinho e logo avistou Nelito indicando ao dono da caminhonete que era possível atravessar a ponte. Íntimo do rio, esforçou-se para tentar convencê-los a desistirem de atravessar no carro, sugerindo que fossem de canoa ou caminhando. Ele lembra:

Sobre o dia do acidente da ponte eu tava... Morreu parece que 7 pessoas, eu tava nesse dia. A caminhonete de Cachoeira ficava lá na Vila, do outro lado, na Vila São José, e o pessoal atravessava aqui na canoa... O pessoal atravessava aqui na canoa porque era a pontezinha baixa lá que cê viu lá os pilar lá né, ela tava coberta... inclusive eu tinha que ir naquela época trabalhar na prefeitura receber pagamento eu... Eu peguei meu capacete aí tinha um menino que me atravessou a moto na canoa e eu fui junto com o menino. Aí o pessoal já tinha ido na parte da manhã na caminhonete, mas só tinha essa caminhonete esse dia pra lá. Aí nós vindo de lá pra cá nós entrou era umas quatro hora da tarde, ela veio com mais de vinte pessoas essa caminhonete. Aí tinha um moço lá na Vila que tinha um mercado eu tinha que acertar um negócio eu fiquei pra trás, e naquilo eu vi o proprietário guardando a caminhonete lá na Vila, aí naquilo eu vim andando aí um senhor que chamava Nelito já gritou “ô fala com o Ié aí pra trazer a caminhonete que dá para atravessar”, aí uma irmã minha que também tava na caminhonete passou e atravessou na ponte, a Fátima, aí teve mais um pessoal que veio e atravessou de canoa, que não quis atravessar caminhando na ponte... Aí eu cheguei lá na ponte e falei “Ô Nelito, cê eu fosse vocês eu esperava mais uns dez, quinze minutos que eu conheço esse rio”, que eu trabalhei na COPASA então eu sei mais ou menos medir a altura do rio e tal e sabia como que subia e descia rapidinho, mas ele falou “não, não. Dá para atravessar”. Aí eu vim assim do lado do rio que eu tinha colocado umas coisas que eu tava trazendo, pus do lado de cá e voltei “ô gente, já que eles vão atravessar na caminhonete, vamos

atravessar caminhando”, aí ele falou “não a gente precisa ir na caminhonete para fazer peso”. Eu falei com ele “eu que não tô doido não, se ocê quer subir cê sobe” e vim andando na frente. Aí quando tocou que eu olhei pra trás, no meio do rio, a caminhonete não arriou de uma vez não, ela flutuando assim, aí com um pouco ela desceu. Aí só de sacolinha subindo, aquela algazarra e vai, aquilo ali foi difícil.... Aí primeiro veio um primo meu saiu, salvou dois, três, saiu o dono da caminhonete mais dois. Magno meu primo, mais o dono da caminhonete e mais outro. Aí ele pegou e... Nelito descendo nadando em pé e o banco da caminhonete passando aí eu falei “ô Nelito olha o banco aí moço, pega o banco, agarra o banco”, aí não sei se ele tinha levado uma bancada assim, não sei se tinha quebrado alguma coisa, aí só viu o reboxo fez assim e ele afundou... Mas foi uma tragédia feia... (Gentilin, Distrito de Santa Rita do Araçuaí)

Ele conta que na hora entendeu os riscos, e por sua experiência profissional já tinha presenciado o rio subir e descer de forma muito abrupta, de modo que tentou argumentar que esperassem um pouco. Mas infelizmente não conseguiu convencê-los, mas considera que foi uma grande imprudência, e que no momento da tragédia havia seguido na frente caminhando e chegou a ver o instante em que a caminhonete tombou.

A narrativa de Juarez nos apresenta o ponto de vista do mergulhador que atuou na localização da caminhonete, revelando alguns detalhes da ação de resgate que se desencadeou diante do desastre:

O acidente eu lembro, eu tava aqui na rua... Quando deu a notícia lá que o povo lá gritou que a água na ponte represou a caminhonete, eu só ouvi o povo falando “ah, mas vai todo mundo”, eu só ouvi aqueles gritos “aaaah” tudo de uma vez... Como eu sou mergulhador vieram aqui me buscar, um policial por nome Sargento Bigode, ele morava em Chapada, a polícia veio no instante, foi juntando gente né... Quando eu cheguei na cabeceira da ponte já tava lá o corpo de bombeiros e o pessoal lutando lá, aí um policial ainda empurrou eu, falou “ocê não pode entrar aqui não”, aí o Sargento Bigode falou “esse aí que é o mergulhador que o vereador e o ex prefeito Manel Branco falou que era o único que conseguia mergulhar lá”, aí entrei lá mais eles lá, fui segurando uma corda, aí o médico ainda gritou “não chegue não!”, eu só dei um pulo dentro d’água, entrei de ponta lá, e o povo achando que eu tava era suicidando né [risos] aí um bocado de gente assustou de lá, de cá [risos], mas aí eu voltei, porque aí eu precisava de um aparelho, um motor e uma bomba pra mergulhar, porque o equipamento lá deles eu nunca tinha entrado com aquele tipo de balão de oxigênio, aí eu levei minha mangueira de ar e minha máscara e um cara de Leme do Prado que trabalhava numa firma lá no alto entre Chapada e Acauã me levou pra olhar que ele disse que tinha um motorzinho com um compressor, mas o dono não tava lá aí ele disse que tinha um garimpeiro lá no lado que disse que tinha e falou que podia fornecer preu mergulhar lá. Aí quando eu voltei lá eu vi que os bombeiros não descia, eles só afundava a cara, mas não tava aguentando descer porque o jorro da água tava pesada demais,

daí eu cheguei eu tomei 8 pingas lá [quando estava indo buscar a bomba e o compressor]... Daí eu cheguei lá na beira do rio e botei a roupa, e já ia descer, aí tinha uma fisga lá que eles tinham jogado que estava agarrada em algo, mas eles não sabia se era uma rocha, se era um pau ou se era uma caminhonete, mas a fisga estava agarrada era na caminhonete, mas na hora não sabia. Eu só falei “se esse trem escapolir esse trem soltar pode entrar em mim, que é uma fisga tipo um anzol” aí eles falaram “não, tem três policial aqui, garanto procê que tá firme aqui e não solta não”, aí eu desci, a primeira vez a chupeta fechou curto eu voltei, aí eu falei “eu consumo muito ar, pode aumentar o ar compressor aí”, daí voltei e passei a mão nela, aí quando subi falei “ela tá aqui”, e eles bateram palma, daí eu voltei a segunda vez e amarrei na maçaneta aí eu subi e falei eles ainda disseram “Não, caminhonete não tem maçaneta não”, acho que duvidaram de mim né, aí eu falei “como é que chama o lugar que leva a mão pra abrir a caminhonete, não chama maçaneta não? Ela tá amarrada lá”... Eu amarrei aquilo lá com a água batendo e eu pesando a falta de ar “aaaah, aaaah” aí eu segurava e botava a cabeça nela assim pra descansar um pouco, no sombreiro da caminhonete, a água jogando de um lado e jogando de outro, a água estrondando eu quase estourei de tanto fazer força, aí eu lacei a corda, passei a corda e marrei, amarrei, dei outro nó, passei de um lado e do outro, aí eu saí e avisei que tinha marrado eles ainda não tava acreditando, depois que viram que tinha amarrado mesmo ficou tudo com aqueles olho arregalado... Aí nisso eu fui saindo dali, me sentindo mal, não sei se é pressão alta ou se é baixa, aí eu deitei na grama do alteiro, dando uma de que tava passando bem com medo do povo vir pra cima de mim e eu acabar afogado, eu fiquei ruim de tanto o cansaço né? Aí ainda veio um reportes me perguntar como eu tava, eu só falei eu tô bem com medo deles fechar em cima de mim e tampar o ar. Mas dessa vez que eu quase senti cangoarí de tanto fazer força [pergunto o que é cangoarí ao que ele responde]. Cangoarí é quando a gente esforça demais, que dá primeiro uns tremeliques e depois vem o cangoarí [risos] é quando dá um cansaço de esforço em ocê, uma fadiga, mas o cangoarí mesmo ele dá nó nas tripas e tal, aí a pessoa fica ruim... Mas então nessa ocasião do acidente eu fiquei lá mexendo na caminhonete, ajudando na caminhonete lá pra localizar lá e fiquei lá mesmo pra ver como é que era que tava lá no fundo d’água, eles queriam arrastar pro lado de lá, mas não tinha como, e do lado de cá do rio, subindo rastado, porque nas roças que tinha lá poderia a caminhonete passar nela lá e enganxar, e como de fato encaixou e arrebentou ela toda, mas o guincho conseguiu puxar ela mesmo enganxada. Naquela vez não foi uma chuva muito braba não, é que o rio encheu muito, mas antes nem tinha chovido naquele dia, choveu foi pra cima, é tromba d’água né, às vezes vem água nesse rio aqui que vem do Rio Fanado, Itamarandiba e Diamantina, nas cabeceiras, vem despejando aqui então vem aquela tromba d’água e o rio chega de repente, e assim como naquela ocasião foi assim também de repente que ele baixou, deu uma meia hora da tragédia ele tinha baixado... Não, deu mais de uma hora... Mas é uma chuva que chova nas cabeceiras, então o rio chega de repente... (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)

Juarez descreve o momento do acidente e como foi procurado para auxiliar no processo de localização da caminhonete, uma vez que este era conhecido em toda a região como um dos melhores mergulhadores das redondezas. Com isso Juarez relata que foi procurado pelo

sargento em atividade que o convocou diante da dificuldade da equipe de resgate de alcanças o veículo devido a forte pressão das águas.

O narrador descreve seu ato em tom heroico, contando vantagem de seu feito que segundo o mesmo teria surpreendido a todos os presentes. Ele narra com detalhes como mergulhou, alcançou o carro e conseguiu amarrar uma corda a maçaneta da porta, para logo então sair cambaleante e se jogar num canto, exausto após tamanho esforço.

Por fim, tal interlocutor fecha seu relato explicando que na ocasião a chuva que atingiu a região não foi tão intensa, porém devido aos acúmulos do grande fluxo vindo desde a cabeceira uma tromba d'água teria elevado abruptamente o volume do Araçuaí, algo que segundo Juarez não teria durado muito, visto que assim como comentado por outros narradores, pouco após o acidente o rio já havia baixado.

Já Heliane nos traz o relato mais emocionado a respeito desta data, dando especial destaque em sua narrativa para seu pai, Nelito. Ela conta pormenores de sua relação com seu pai e explica que se não fosse por ele ela estaria junto no momento do acidente.

O acidente... Ele.... Papai ele sabia... Ele sabia que algo iria acontecer com ele... Na mesma semana vieram uns amigos meus de Santa Ernestina, de São Paulo, e eles nos convidaram para ir no rio fazer um piquenique, o pai deles morava na roça lá perto na beira do rio, e eu pedi para papai se eu poderia ir, eu disse que eles viriam buscar a gente de carro e tudo, mas papai falou que não, ele falou que não poderíamos ir, que ele estava muito preocupado porque ele tinha sonhado comigo no rio... E com isso nós não fomos, porque nós éramos obedientes, um dos nossos maiores medos era magoar papai, a gente tinha esse medo de magoar ele... Ele falou “não filha”, e ele sempre foi um pai que tirava, mas que por outro lado dava outra coisa em troca, daí ele falou “filha, o carnaval tá chegando, a sua irmã vai chegar de São Paulo, nós vamos para Minas Novas na matinê, vamos aproveitar, lá tem a barragem onde nós vamos aproveitar bastante, então não tem necessidade de vocês irem para o rio, e meu coração não está pedindo para isso”, e aí nós desistimos de ir... No dia eu tinha que ir para Chapada com ele, porque eu tava para ir no dentista. Ele não me chamou, quando eu acordei ele já tinha ido, porque estava chovendo e ele falou com mamãe que não ia me chamar porque senão eu teria que andar a pé, e ele ficou com dó de mim porque eu tinha vindo de São Paulo, eu e minhas irmãs, então ele preferiu deixar a gente descansando para irmos em Minas Novas no dia seguinte, que era sábado. O acidente aconteceu no dia 4... Ele amava um forro roubado, o forro roubado era um pão caramelado, e ele falou comigo que queria, ele ligou pra mim lá de Chapada e falou que queria [o forro roubado] e eu só falei “ô papai, na hora que o senhor estiver saindo de Chapada o senhor liga pra gente preparar o café...”, a gente gostava muito de agradar ele... E aí eu fui a última a falar com ele... Quando nós recebemos a notícia eu achei que não era ele, que ele não tava com ele porque eu tinha acabado de falar no telefone com ele, foi muito rápido [emocionada]...

Sofremos muito... O meu maior medo era não encontrar o corpo dele... Eu tinha medo e ainda eu ouvia... As pessoas muitas vezes não sabiam que nós éramos as filhas dele, nós ficamos no rio muitos dias, a gente descia para ficar a espera de encontrar o corpo dele... E meu medo no primeiro momento... O meu medo era nunca encontrarem... [emocionada] Mas eu também, quando eu ficava ali na beira do rio eu tinha esperança de que como ele sabia nadar muito bem ele poderia de alguma forma ter saído, e talvez perdido a memória, ficado confuso no meio das matas, vagando por aí, eu primeiro acreditava nisso... Até que foram encontrando os corpos das pessoas e... Eu tinha que ser forte. Naquele momento eu precisava ser forte para ajudar minha mãe e minhas irmãs, então eu tava passando por um problema renal, eu já fazia tratamento, desde São Paulo e para mim o que eu tinha que ser era ser forte para ajudar minha família, Titoni, tio Zézé que era velho, as minhas tias, a minha mãe, minhas irmãs... Eu precisava ser forte... E... [Muito emocionada] E eu ficava me perguntando “Por que? Por que estava acontecendo isso com ele tão cedo?” e eu naquele momento o que eu mais queria era homenagear papai... Papai sempre gostou muito de cantar e de dançar, às vezes ele ligava o som, punha o CD do Roberto Carlos e ele adorava cantar “Eu te amo, eu te amo, quanto tempo longe de você...” essa música era a música dele... Mas aquela música “Eu não existo longe de você”, eu não sei falar a música agora, cantar, mas essa música marcou muito esse nosso momento, a gente queria homenagear ele escrevendo a letra dessa música “eu não existo longe de você, e o relógio é o meu pior castigo”, porque o tempo passava e a gente não tinha notícia... Foi muito doloroso... Foram dias de muito sofrimento... Parece que eu me fechei diante de um sofrimento muito grande... No rio a gente só escutava todo mundo falando “nossa, ele era bom, ele sabia nadar tão bem, ele nadou até aqui, o que aconteceu com ele?” Mas eu sabia também que no fundo papai não aguentaria a pressão por ser Nelito, de sair com vida do rio enquanto outros não e carregar essa culpa... Eu acho que ali ele deu seu suspiro e...[emocionada] (Heliane, Cachoeira do Norte)

Heliane deixa explícita que inicialmente o acidente foi envolto em incerteza e esperança, como o pai sabia nadar muito bem elas tinham muita fé de que ele poderia acabar sendo encontrado com vida em alguma margem, ou perdido; com o passar dos dias a esperança foi sendo substituída pela dor da perda; a demora para encontrar o corpo apenas postergou o sofrimento. Em um primeiro momento a narradora descreve o pesar que se instaurou após o desastre, todo impacto psíquico que vivenciaram, e como acabou sentindo-se na obrigação de ser forte emocionalmente para amparar sua mãe e irmãs.

Mas ao mesmo tempo, Heliane não deixa de fazer inúmeras referências aos aprendizados que obteve de seu pai, destacando como o mesmo implantou uma semente nela que a fez querer emular o comportamento deste em certos aspectos. Nelito era muitas vezes considerado como um advogado do povo, uma vez que não media esforços para auxiliar aqueles que necessitavam. Segundo Heliane a memória de seu pai inclusive a inspirou a seguir uma profissão que atua dentro da perspectiva do cuidado.

Quanto ao sofrimento psicossocioambiental vivenciado por sua família após este desastre, Heliane também trouxe em sua narrativa que para superar esta dor surgiu o desejo de fazer algo para auxiliar os idosos a lidarem com as agruras da terceira idade. Com isso Heliane acabou fundando em parceria com outras moradoras da comunidade o Grupo Reviver, um coletivo que reúne idosos para discutir questões relacionados a cultura, a memória e a saúde mental da terceira idade.

Em um momento aleatório de uma conversa com Dona Nida escutamos ao fundo dois sons que a fizeram sentir um calafrio. Um galo cantou enquanto de longe era possível escutar a serenata das cigarras. Tais sons remexeram as memórias de Dona Nida sobre o dia do acidente, que afirmou:

Me dá uma tristeza ver galo e cigarra cantar, eu já fico lembrando de quando a gente arrumava pra esperar o povo chegar de São Paulo, na época a gente ouvia cigarra e já ficava tão alegre 'nossa já tá chegando o povo de São Paulo', então isso me lembra da minha turma inteira, Menezes, meus tios, pai... A gente ficava numa felicidade tão grande, arrumava a casa inteira pra receber o povo... E quando a gente via esses bichinhos cantar a gente ficava feliz mesmo, hoje esse povo já se foi, ficou só a saudade. Agora galo é porque não traz boas lembranças também. Eu fico lembrando do dia do acidente do rio, você não tem noção de como os galos cantou essa noite, deve que eles sentiu perturbado também, deve que pelo movimento do povo que eles tava vendo, deve que foi pelo movimento, só pode... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Assim, os cantos da cigarra e do galo surgem como ativadores de memórias. Neste sentido, os sons da natureza se revelam como um interruptor que ativa memórias. Os sons compõem os cenários da vida, logo também fazem parte dos percursos das memórias dos sujeitos. Os sons, assim como aromas, e sabores são elementos da paisagem, e podem nos remeter imediatamente a determinadas lembranças. A audição, assim como os demais sentidos é apenas uma das formas como captamos o mundo e essa essência capturada também pode ser convertida em retalhos de memórias.

A cigarra e o galo, assim como outros seres vivos, surgem como personagens não humanos das histórias presentes nas narrativas contadas pelos moradores das comunidades chapadenses. Neste caso, Dona Nida assume que a cigarra e o galo a trazem más recordações, justamente porque a mesma associa tais barulhos ao dia do acidente, e a momentos de despedidas. A narradora explica que, no caso dos galos, acredita que a intensa movimentação na comunidade após o acidente pode ter agitado esses animais, que com isso acabaram ficando mais barulhentos que o normal.

Heliane, como filha de uma das vítimas - e conseqüentemente extremamente implicada nessa causa -, relatou como ela e suas irmãs conseguiram dar corpo e voz a luta das comunidades em torno da construção de uma ponte. As filhas de Nelito, que também ficaram conhecidas como Nelitas ou Nelíticas, foram responsáveis pela criação de um abaixo assinado e um movimento popular em torno da sensibilização de políticos para a necessidade de construção da ponte. Heliane narra os caminhos, os parceiros e as dores que as possibilitaram tirar do papel um antigo sonho das comunidades.

Quando surgiu o desejo da gente mudar... Toda vez que a gente vinha, o desejo da gente era mudar a realidade de Chapada e a ponte nos trazia muito sofrimento... E aí foi quando nós idealizamos fazer um abaixo assinado para através do deputado Rodrigo de Castro, a gente conseguir o apoio para construir essa ponte que era um sonho tão distante. E papai sempre brincava que ele iria morrer sem ver essa ponte... E a gente ficou com isso, a gente ficou com essa vontade, então foi quando nós mobilizamos as pessoas da zona rural, todo mundo, para nos ajudar na construção desse projeto, então esse foi um projeto que apesar de ter sido idealizado por nós filhas de Nelito, lá em São Paulo, foi um projeto que foi totalmente abraçado pelas comunidades e por toda a região, porque nós conseguimos um abaixo assinado muito grande, fizemos vídeos, porque mesmo um ano depois nós voltamos no mesmo lugar e nós víamos as pessoas passando na mesma situação que o papai tinha passado no carro... Então nosso maior medo era que outras pessoas passassem situações semelhantes as que nós passamos... Então fizemos vídeos para mobilizar a população e para esclarecer dos riscos, tivemos que fazer um trabalho também de conscientização com faixar... Aí fizemos o projeto e encaminhamos... O Paulinho também nos ajudou muito na época para que nós pudéssemos conseguir o recurso para a construção da ponte... E conseguimos. Demorou um ano... Mais de um ano para conseguir, mas eu acho que pelo tempo que foi foi rápido. Eu lembro que nós fizemos os vídeos durante as chuvas né, as enchentes que tinha, e passou um ano, quando foi em março do outro ano foi anunciado o recurso para fazer a ponte. Então foi bem rápido. Era um desejo muito grande do município, mas era uma obra muito grande, e também tinha um sofrimento muito grande, por exemplo, a minha mãe não passava na ponte, outras pessoas davam a volta por Turmalina para não passar pela ponte, porque tinha né.... Não tinham condições psicológicas para lidar com a situação.... Foram tempos difíceis, mas superados.... Eu diria que nós conseguimos superar mesmo com o sofrimento. (Heliane, Cachoeira do Norte)

Heliane a todo instante busca resgatar a memória de seu pai, de modo que sua narrativa é delineada a partir de sua relação com Nelito e com a comunidade de Cachoeira do Norte. Como narradora Heliane apresenta um discurso carregado de sentimentos, em alguns momentos chegando a se emocionar durante sua fala, sempre recordando do pai com muito carinho e saudosismo.



Ela narra a luta política enfrentada para a construção da ponte, abarcando o amplo processo de conscientização da população local afim de esclarecer sobre os riscos de novos desastres e a urgência desta obra. Ela conta que demorou pouco mais de um ano até que conseguissem o recurso, mas assume que se surpreendeu com a velocidade que um projeto tão grandioso saiu do papel. Heliane resume, "era uma obra muito grande, e também tinha um sofrimento muito grande", assumindo a ponte como uma forma de reparação simbólica a todo o sofrimento vivenciado pela população local, e sobretudo pelas famílias das vítimas.

Por fim, Heliane nos dá pistas da dimensão deste dos efeitos deste Trauma Psicossocioambiental com base nos reflexos observados em sua mãe. A narradora recorda que não apenas sua mãe, mas também outras pessoas acabaram traumatizadas e se recusavam a atravessar a ponte após o acidente. Com isso a mãe de Heliane preferia percorrer uma longa distância para dar a volta em Turmilina e evitar passar pela ponte que vitimou seu marido, sintetizando que muitos "não tinham condições psicológicas para lidar com a situação", mas apesar disso considera que "foram tempos difíceis, mas superados".

A narrativa de Chato percorre grandes intervalos de tempo, indo da construção da ponte velha à construção da ponte nova, passando pelos acidentes, dilúvios, secas e acompanhando as inúmeras transformações observadas nas paisagens. Sobre a primeira ponte, Chato se lembra que esta foi construída no período em que ele esteve trabalhando na capital de São Paulo, relatando que a ponte não existia em 1969 quando ele foi embora, mas já estava pronta em 1975 quando ele retornou. Com isso descobrimos que pelo menos até o final da década de 1960 a única conexão entre as comunidades situadas na margem esquerda do Araçuaí e a sede municipal era feita através de canoa.

Quando o Seu Dilon tava construindo a ponte, que o chefe aí era Seu Odilon, aí eles tava começando a construir a ponte, eu cheguei lá e ele veio perguntando do rio, como é que era o rio, falando mais ou menos como ia ser a ponte pelo que o engenheiro determinou né... Aí a gente falou "ô Seu Dilon, ocê pode subir essa ponte aí um metro a mais aí e ainda é perigoso o rio levar ela", ele só falou assim "esse correquinho não tem jeito não, de levar ponte não", que era seca né, o rio tava vazio igual tá aí hoje, então ele falou "esse correquinho não tem jeito de levar ponte não", daí quando foi em 2013 ele chegou e levou o meio da ponte embora, moeu as vigas, três vigas assim, torceu ela, foi no ano que eu fiz a casinha que eu falei procê, que eu fui lá eles tava tudo molhado, a casa deles tudo derrubada, tudo molhado, aí o povo ajuntou e nós fez a casinha para eles... Dilon era o mestre de obra, o engenheiro era outro, o Seu Odilon era o mestre de obra, era um homem inteligente, falar com ocê, ele tocou aquilo ali com camarada, mas a administração da obra toda

foi dele, um morenã... Ele não atendeu, o trem foi embora... Aí no tempo de Ronaldo prefeito de Chapada ele reformou, veio três vigas novas praí e ele reformou, mas foi um gasto que não precisaria ter feito, que se tivesse subido ela dois metros não tinha dado o perigo... Que nós já penou nesse rio moço, no tempo que não tinha ponte... Aí Durval Queiroga veio e fez aquela de cerne né, que ocê viu lá que tá debaixo dessa nova, Durval Queiroga era prefeito de Chapada e fez essa ponte, e fez o que não pode, porque ocê vê, essa ponte mais alta que tá aí hoje foi mais fácil de fazer que aquela antiga de cerne, toda feita de aroeira tirada no machado, puxada por junta de boi... Hoje ocê não vê mais essas coisas, cê não vê mais junta de boi puxando madeira, cê não vê mais engenho de pau rodando né... Ele [Durval] fez essa ponte de madeira naquela época, naquele tempo às vezes ocê ia para Chapada, quando cê chegava no rio se dava uma chuva quando cê chegava na ponte, no tempo dessa de madeira, ocê tinha que ficar na banda de lá, que qualquer chuvinha cobria ela, a gente penou muito... No caso da morte do pessoal mesmo da caminhonete por cinquenta centímetros d'água por cima da ponte morreu oito pessoas... Mas mesmo assim tem que agradecer que ela ajudou a gente muito, a ponte que o Durval fez, tem até naquela música que eu fiz, na música a letra fala nessa ponte né, durante eu indo pra capital de São Paulo, eu fui pra lá em 69, em 75 eu voltei, quando eu fui pra lá não tinha essa ponte, quando eu cheguei essa ponte estava feita... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuai)

Em diversos momentos ao longo de sua fala Chato deixa escapar uma mesma afirmação, "mas nós penou nesse rio...", enfatizando as dificuldades enfrentadas pelas comunidades, e reafirmando o sonho representado pela ponte alta. Já quanto a ponte nova, Chato recupera alguns acontecimentos que se desenrolaram ao longo da construção da mesma. Ele aponta que a comunidade insistiu para os encarregados pela obra que a estrutura deveria ser elevada, pois o rio certamente alcançaria o ponto que estava sendo idealizado. O construtor, ignorando o clamor popular e subestimando o Araçuai teria afirmado que "esse correquinho não tem jeito não, de levar ponte não". Ao que o dilúvio de 2013 atingiu a ponte e danificou sua estrutura fazendo ceder o vão central, comprovando que escutar o que dizem as comunidades é importante quando se está produzindo algo voltado para as mesmas.

Logo no início do trecho a seguir, a narrativa de Cezomar já nos assinala que a ponte velha estava quase sempre coberta pelas águas, que não era preciso uma chuva muito forte para que o volume do rio a deixasse completamente submersa. Ele descreve o acidente e, em seguida, comenta o processo de construção da ponte nova recordando que em muitos momentos a população chegou a ser desacreditada pelo engenheiro, que julgava matematicamente impossível o rio subir o tanto que a comunidade estava afirmando que subia durante as chuvas. Neste rumo lembrou-se de uma ocasião durante a construção da ponte em que uma enchente teria alcançado a pilastra, provando ao engenheiro o ponto da comunidade - mas ainda assim,

apesar de a altura da ponte ter sido revista, não foi suficiente e de acordo com as reivindicações da comunidade. Para além de comentar o processo de construção da ponte, Cezomar também reconhece a grande habilidade dos antigos canoeiros que faziam a travessia na região – recordando-se de alguns de seus nomes. Nas palavras dele:

No acidente que matou... Matou 8 pessoas é... na ponte velha e atravessava é na canoa, que toda a enchente que dava o rio enchia e já cobria a ponte velha, que a ponte era muito baixa... E foi quando matou 8 pessoas que a caminhonete cheia de gente foi atravessar com a água sobre a ponte, o cara saiu da guia e caiu dentro do rio, matou... Matou 8 pessoas... Aí depois disso que construiu a ponte nova, depois construindo a ponte nova fazendo a pilastra, e o engenheiro fazendo a pilastra e todo mundo falando [para o engenheiro] “ô moço essa ponte está baixa demais, ocê não conhece esse rio, essa ponte está baixa demais você não conhece o Rio aqui não, esse rio é brabo de mais a enchente reta é bruta”. Aí veio uma tromba d'água do Rio Fanado banhou as pilastras aí aumentou mais um metro de altura não é e naquele 1 m de altura veio a enchente de 2013 que afastou a ponte. Aí depois do mandato Ronaldo que mandou arrumar a ponte aí até a ponta aí até hoje e nunca mais teve enchente assim para derrubar mais não.... Porque essa ponte velha era qualquer enchente que dava tinha muita água, o rio tinha muita água, em qualquer enchentinha que dava a travessia era na canoa até moto atravessava era em canoa e tinha uns canoeiro bão! Um tal de Dilão, Joaquim [Dona Neném completa ao fundo “Botelho”]... Joaquim Botelho, que era pai do Chato era canoeiro, podia o rio tá nos olho de pau, punha as canoa nas água e atravessava o povo era na canoa... Era a passagem do povo pra ir pra cidade de Chapada do Norte e pra todo lugar... (Cezomar, Santa Rita do Araçuaí)

## **12. SABERES DO TEMPO E DO CLIMA: ETNOCIÊNCIAS, CIÊNCIA POPULAR E MEMÓRIA BIOCULTURAL**

Pensar uma pesquisa na perspectiva do Encontro de Saberes, ou seja, de aproximação de conhecimentos acadêmicos e saberes comunitários, buscando a construção de saberes intersticiais, produzidos da interface entre o que pensam as comunidades e o que pensam as universidades, é um desafio necessário para garantir uma aproximação entre a realidade acadêmica e a realidade presente nos diferentes territórios e comunidades brasileiras.

A ideia do Encontro de Saberes já inclusive aportou em territórios chapadenses, primeiro pelo fato de um representante do município ter integrado o projeto Encontro de Saberes da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), tendo contado com a participação da Mestre Maria da Conceição Carvalho, uma parteira e benzedeira da região que integrou o projeto na condição de representante dos Saberes Tradicionais de Cura de Chapada do Norte<sup>63</sup>; mas, para além deste fato, cabe ainda mencionar a intenção declarada das secretarias municipais de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer e de Educação, de organizar um evento de encontro de mestres populares no município.

Enfrentamos um desafio no que diz respeito a identificação dos mestres dos saberes locais em Chapada do Norte, na medida em que constatamos que tais saberes que constituem uma ciência popular chapadense se encontram difusos em meio a população, muitas vezes sendo especialmente associados indivíduos cujo interesse específico nestes elementos culturais se manifesta de forma mais explícita, tal como é o caso de sujeitos que se engajam nos grupos de cultura como a Folia de Reis ou a Irmandade do Rosário. Porém, apesar de muitas vezes as redes de indicações terem apontado determinados sujeitos como os mestres detentores dos saberes, na prática o que se observou é que boa parte destes saberes estava presente no repertório comum destas comunidades, fazendo parte de uma identidade local, e traduzindo-se numa dimensão do sentido de comunidade que se expressa na relação destas pessoas com o território. Neste sentido, entendemos que elementos das ciências populares locais (etnociências) como as técnicas vernaculares de previsão do tempo (etnometeorologia); conhecimentos a respeito da fauna (etnozootologia), da flora (etnobotânica) e de relações ecológicas (etnoecologia) observadas nos ecossistemas locais; mas também uma compreensão a respeito dos desastres decorrentes deste contexto climático; entre outros pontos que nos levam a concluir que os

---

<sup>63</sup> Ver em: <https://portal.ufvjm.edu.br/agendas/eventos/2019/encontro-de-saberes>

saberes locais se encontram disseminados em meio a população, sendo que os sujeitos detêm tais saberes em maior ou menor grau de acordo com uma série de fatores como interesse pessoal, herança familiar, contato e amizade com os mais velhos, participação em grupos de cultura etc.

Aqui entendemos as Etnociências como uma derivação multidisciplinar que emerge de um encontro da Antropologia Cultural com as diferentes formas como as populações tradicionais e comunidades locais encaram os diferentes aspectos de suas realidades, culturas e do mundo natural, incluindo: a etnolinguística, que se refere as formas de utilização da linguagem por essas populações; a etnoecologia, que compreende os saberes em torno das relações ecológicas observadas e compreendidas por determinadas populações; a etnobotânica, que compreende especificamente a relação que tais comunidades estabelecem com as plantas; ou a etnoclimatologia e a etnometeorologia que serão especialmente trabalhadas deste item, e que se referem aos a como as comunidades interpretam questões climáticas e temporais, respectivamente.

### 12.1. A previsão do tempo segundo a Etnometeorologia Chapadense: “*Os Sinais da Natureza*”

A vida no sertão mineiro ensinou aos seus viventes alguns segredos a respeito do funcionamento do tempo neste território. Neste cenário o céu dá certos indícios que podem ser lidos por olhos atentos e treinados nos caminhos da sabedoria popular como sinais capazes de indicar alterações atmosféricas. Assim, ao observar determinada formação de nuvens no céu o sertanejo é capaz de aferir se o tempo permanecerá firme ou se vem chuva nos próximos dias, um saber repassado de geração em geração que configura o arcabouço da Ciência Popular do Clima e do Tempo das comunidades de Chapada do Norte.

No contexto do sertão nordestino tais práticas de predição do tempo com base na observação de elementos da natureza são convencionalmente chamados de “experiências de inverno” (SILVA, 2011; SILVA; ANDRADE; SOUZA, 2013; NASUTI et al 2013), mas nas narrativas de Chapada tais práticas são referidas ao longo das falas como “sinais da natureza”.

Assim, ao longo das narrativas notamos diversos apontamentos a respeito dos sinais observados na natureza que eram apontados pelos ancestrais destas comunidades como elementos estruturantes para a compreensão das dinâmicas climáticas deste território. Entre tais “sinais da natureza” citados nas narrativas como bases da previsão popular do clima e do tempo é possível mencionar: fenômenos atmosféricos (halo solar ou lunar, arco-íris etc) e formações de nuvens; direção dos ventos; experiências (ex: sal, açúcar etc); partes do corpo; suor na geladeira; evapotranspiração de córregos e represas; dias específicos; ditados populares; além de Indicadores Bioculturais do tempo observados a partir do comportamento de plantas e animais.

As formas de predizer o tempo apresentadas neste item se coadunam ao que Taddei (2017) observou ao longo de suas experiências estudando práticas de agricultura não irrigada no sertão nordestino, indo de encontro a:

[...][A]gricultores que produzem previsões climáticas baseados em seus conhecimentos dos ecossistemas locais, a partir de observação do comportamento dos animais, do desenvolvimento da vegetação e da aparência da atmosfera e também das chamadas “experiências”, práticas que mesclam elementos do catolicismo popular com formas locais de percepção do meio ambiente. A habilidade de produzir previsões de chuva é compartilhada por uma grande quantidade de pessoas, predominantemente nas áreas rurais (p. 38)

Esse tipo de abordagem de pesquisa centrada na investigação de formas populares de prever o tempo e o clima são descritos em diferentes trabalhos que partem de abordagens etnometeorológicas e etnoclimatológicas, incluindo: Brinco e Werlang (2020) que investigaram os ditados populares sobre o clima mantidos por comunidades do município de Restinga Seca (RS); Bastos e Fuentes (2015) que estudaram o uso da etnoclimatologia para a previsibilidade das chuvas no município de Retirolândia (BA); Silva (2011), Silva, Andrade e Souza (2013) e Nasuti e colaboradores (2013) que estudaram as relações entre conhecimento tradicional e previsões meteorológicas considerando as narrativas sobre “experiências de inverno” relatadas por agricultores do semiárido potiguar; a obra de Taddei (2017) que reflete as relações entre meteorologistas e profetas do tempo, apontando diferentes relações entre saberes populares e científicos dentro deste encontro de saberes; apenas para citar alguns exemplos que se aproximam da abordagem adotada neste capítulo da presente tese.

Assim, os céus revelam aos olhos sertanejos segredos desconhecidos aos olhos não treinados pela cultura local, apontando para o formato de nuvens, a direção dos ventos ou outros fenômenos como pistas para a interpretação do clima e do tempo. Neste sentido, encontramos nas narrativas dos sujeitos comunitários inúmeros exemplos dos tais sinais que vem dos céus que nos falam estas pessoas, Dona Nida pontua que:

Nuvem tem a ver uai, a nuvem dá pra ver, como diz mãe "as nuvem tá chorosa, as nuvem tá dentro da água, só falta derramar" é quando a gente vê que a nuvem tá escura cheia de água assim, cê pode ver quando tá armando assim. Já essa que eles fala né “rabo de galo”, rabo de galo eu ouvia muito o povo mais velho falar também, tem vezes que faz mesmo as nuvens parecendo assim um rabo de galo mesmo, aquelas penachos sabe? Igual tem também aquele círculo que dá na lua e também dá no Sol, sabe? Eles falava "olha como a lua está dentro d'água, não vai demorar chover", ou falava “olha como o anel tá distante, vai demorar pra chegar essa chuva”, os mais velhos falava muito essas coisas assim... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)

Neste pequeno trecho da narrativa de Dona Nida esta nos revela distintas categorias de classificação popular das nuvens, incluindo menções a “nuvem chorosa” e “rabo de galo”. Sobre tais formações de nuvens, a narradora associa ambas a chegada de chuvas, sendo a “nuvem chorosa” um sinal de tempestades, também sendo relacionada pelos narradores com o nome de “mãe d’água”, “mãe da chuva” ou “mãe das tempestades”. Camargo e Sanchez (2021) refletindo a respeito das possíveis conexões entre tal ciência popular do clima e do tempo e a meteorologia científica destacaram que tal formação possivelmente corresponde a nuvens do tipo *Cumulonimbus* ou Cúmulo-nimbo; enquanto, por outro lado, os chamados “rabos de galo”

(Figura 17) seriam possivelmente os cirros – ambas formações associadas pela cultura local a chegada de chuvas. Cabe ressaltar que o termo “rabos de galo” não se trata de uma exclusividade da cultura local, sendo também documentado por Brinco e Werlang (2020) em estudo realizado no Rio Grande do Sul, e que coincide a associação de tais nuvens com a iminência de chuvas.

**Figura 24 - Fotografia de nuvens conhecidas na região como “rabos de galos” (destaque em amarelo)**



Fonte: Acervo do autor.

Sobre a classificação das nuvens de acordo com o olhar da ciência acadêmica, Ayoade (1996) explica que:

As nuvens são agregados de gotículas d’água muitíssimo pequenas, de cristais de gelo, ou uma mistura de ambos, com suas bases bem acima da superfície terrestre. As nuvens são formadas principalmente por causa do movimento vertical de ar úmido, como na convecção, ou em ascensão forçada sobre áreas elevadas, ou no movimento vertical em larga escala, associado a frentes e depressões. [...] As nuvens são normalmente classificadas em tipos com base em dois critérios. São estes: 1. Aspecto, estrutura e forma ou aparência da nuvem; 2. A altura na qual a nuvem ocorre na atmosfera. (p. 149)

Com base na colocação de Ayoade (1996) podemos aferir não somente os fenômenos envolvidos na formação das nuvens, como também sua forma de classificação, que inclui dois critérios, o aspecto e a altura. Sobre a interpretação local da etnometeorologia chapadente podemos perceber que o critério do aspecto se revela como o principal objeto da observação pela ótica do saber local.

Ainda sobre este recorte do relato de Dona Nida, esta ainda destaca o halo solar e o halo lunar como exemplos de sinais de chuvas, destacando que quando o “anel” da lua está distante “vai demorar a chegar chuva”, enquanto se estiver perto é porque a chuva chega logo.



Também apontando sobre as diferentes nuvens, Dona Rosarinha reafirma o que foi posto por Dona Nida, mencionando o “rabo de galo” e a “mãe da chuva” como indicativos de chuvas, sendo o segundo relacionado a chegada de tempestades; mas também destaca outro tipo de formação, o chamado “céu sarjado” (Figura 18), um tipo de nuvem de aspecto estriado, que também é tratado na região por “pedrejados”, “rajado”, “tigrado”, “pedrados”, “pedregalho” ou “pedradinho”, para citar alguns dos nomes deste tipo de nuvem que entramos em contato ao longo deste longo período de convivência com as comunidades – e que possivelmente compreendem os cirrocumulus ou altocumulus segundo a classificação científica das nuvens. De acordo com a narrativa de Dona Rosarinha:

Quando o céu faz um monte de nuvenzinha parecendo uns risco, pai falava que o céu tava sarjado, hoje mesmo teve um horário que o céu tava desse jeito, eu até falei com Carlos, "ô carlos ó que céu bonito", tava muito bonito o céu, isso indica chuva, esses sarjado ou o rabo de galo eles falava que indica chuva. O rabo de galo é aquelas nuvens que começa fina e espalha que fica parecendo um leque, também é chuva. E agora quando faz aquela nuvem escura e em cima faz parecendo uma torre mais branca e amarelada por cima parecendo uma coroa é tempestade, mãe mesmo quando tinha uma dessas já falava "ó a tempestade", fica muito bonito, mas tem que tomar cuidado, ela parece tipo uma torre, vai até assim mais ou menos escura, por cima uma coroa branca e às vezes rosa por cima, parece uma torre... Essas três são sinal de chuva, e essa última já é sinal de tempestade, chuva forte... (Dona Rosarinha, São Sebastião da Boa Vista)

**Figura 25 - Fotografia de nuvens classificadas localmente como “pedregalhos”, “pedrejados”, “tigrados”, “pedrados” ou “rajados”**



Fonte: Acervo do autor.

Juarez, por sua vez, observa que a direção dos ventos que trazem as nuvens pode indicar se trarão chuvas finas ou mais grossas. Segundo Juarez as chuvas de enchentes costumam vir dos lados de Minas Novas (geograficamente vindas do Sul rumo ao Norte), pois

de acordo com Juarez neste caso a chuva cai desde os lados do Rio Fanado e quando este encontra com o Araçuaí o volume do rio sobe rapidamente; por outro lado, Juarez afirma que quando chove na comunidade normalmente as nuvens vem dos lados de Boa Vista (de Norte para Sul) e Leme do Prado (do Oeste para o Leste).

Pra nós geralmente chuva vem mais é de cá pra trás, pra lá pros lados de Minas Novas igual tá aí vem mais é enchente, olha lá aquelas nuvens grossas lá, aquilo lá é de encher o Fanado e trazer enchente de aí de cima... Mas do jeito que tá ali é melhor eu até amarrar a balsa... aqui quando arma chuva pra cá as nuvens vem pros lados de Boa Vista ou Leme do Prado, se elas armar e espalhar aqui por cima pode contar que ela vem aqui... (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)

Para além do ponto estabelecido por Juarez, Dona Nazareth faz uma observação a respeito de uma variação da direção dos ventos e das chuvas ao longo do ano (variações sazonais), destacando que, no final do ano as chuvas costumam vir dos lados da Barragem de Irapé, enquanto que noutras épocas as chuvas tendem a vir de outras direções. Além disso, a fala de Nazareth também pontua que a partir de suas percepções o clima está diferenciado:

Aqui nessa época do ano [final de ano] a chuva vem sempre dali do lado onde tem a Barragem de Irapé, as chuvas das águas né, e sempre foi desse lado mesmo. Mas aí ocê pode notar, quando as nuvens começa a ficar cinzentas praquela lado ali, que fica aquelas nuvens meio escuras, aí vem a chuva, pode até não chover aqui, mas sempre vem até bem próximo, igual agora a pouco mesmo, para ali choveu, não chegou aqui, mas ali deu até pra ver a chuva caindo da nuvem... Esse ano agora nessas águas já tem umas duas vezes que a chuva tá vindo de outros lados, mas pode ser que tenha influência também porque o curso dessa barragem ela abrange muitas regiões... Mas tem vindo chuva pro lado de Turmalina mesmo, sábado agora a chuva que choveu aqui de tarde ela formou praquelas lados ali de Turmalina e rodou assim, as nuvens rodou assim e choveu bastante, mas é mais comum vir dos lados dos lagos da barragem mesmo... (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)

A seguir será apresentada uma tabela (Tabela 1) compilando diferentes exemplos de etnoindicadores meteorológicos a partir de trechos de narrativas que fazem menção a tais elementos estruturantes da ciência popular da previsão do tempo das comunidades de Chapada do Norte.

**Tabela 1 - Trechos de narrativas que mencionam Etnoindicativos Meteorológicos**

<b>Etnoindicadores Meteorológicos</b>	<b>Trechos de Narrativas Associados</b>
Experiências com sal e açúcar	Uma coisa que eu já percebi, que eu já estudei e já vi que dá certo é o sal e açúcar, é que quando

	<p>está um ou dois dias pra chover aí o sal e o açúcar começa a melar, ficar grudento, sabe? Ocê pode chegar lá e pegar o sal e se tiver melado é que está chovendo ou que a chuva está vindo e não demora, que com 2 ou 3 dias já vai chover, mas se estiver seco e farelento aí já não é sinal de chuva, é sinal que vai estiar. Marcelinho, Cachoeira do Norte)</p> <p>E o sal, o sal se ele umedecer é que tá puxando chuva... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p>
Experiência com fumo	O fumo, se ocê vai pegar o fumo pra fazer um cigarro e ele tá melando muito os dedo da gente cê pode esperar que vai chover, no máximo três dias vai chover (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Evaporação da água dos córregos	Outro sinal também que eu sei é quando ocê passa num córrego que tem bastante água e a água está sumindo... Vamos supor assim, se você passa num córrego hoje e tem bastante água, quando cê passa amanhã ou depois já tem bem menos água, mas bem menos mesmo, que cê vê que a água tá evaporando bem né, aí é que a chuva está chegando... Mas é porque essa evaporação é diferente da da época da seca... Porque é quando a água começa a sumir de uma vez né, que aumenta a velocidade da evaporação e a água diminui do nada. (Marcelinho, Cachoeira do Norte)
“Rusgo clareou nos pé das montanha”	Um sinal de chuva que tem, se ocê vir um sinal de chuva, que às vezes trovejou, mas ocê vê o rusgo clareou nos pé das montanha, não chove, muito difícil chover, o ruivo é um clarão que dá no céu, mesmo um clarão assim... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Arco-íris	O arco-íris também, se tá armando chuva e o arco-íris atravessou, que eles falava que “olha o arco-íris indo beber água”, cê pode ver que não chove, que o arco-íris ele some com a chuva... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Ditado popular “neve na serra é chuva na terra”	Agora outro sinal da chuva é se ocê levanta seis horas da manhã se ocê ver a neve no alto da serra é chuva, “neve na serra é chuva na terra”, é um sinal que nunca mancou... Se ele manhecer dentro dos córrego, se a neve amanhecer, que ocê passa e não vê direito o rio é “neve na baixa é Sol

	<p>que racha”, é um ditado que não manca, se viu uma neve baixa nos córrego, nas beira de rio seis horas da manhã, é Sol; se viu as nevinhas lá no alto dos morro, é chuva. E no mais é o bafor da beca da noite, e pernilongo, quando eles tá perseguindo a gente daquela perseguição ocê pode ver, se pode esperar que vai chover... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>“Neve na serra chuva na terra, neve na base é sol que racha" isso é um ditado dos antigos, pode ver aí ó aquela nevinha lá subindo, hoje ainda chove. (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)</p>
Suor debaixo do braço	<p>Mas tem gente que sabe quando vai chover no próprio corpo também, o meu pai tinha disso, meu pai tinha um sinal que não mancava, se ele suasse debaixo do braço, pra sair aquele suorzinho pingando ele falava “hoje chove” e vinha mesmo... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p>
Aspecto do Sol	<p>O Sol de hoje é sol de chuva, que está abafado e o sol tá branco, a cor do sol tá branco, é sinal de chuva (Marcelinho, Cachoeira do Norte)</p> <p>[...] Já quando o Sol tá amarelo já não é sinal de chuva, não é sinal bom não (Marcelinho, Cachoeira do Norte)</p>
Dias que sempre chovem	<p>Dia 2 de Novembro, dia de Finados, dia dos Mortos é dia de muita chuva, sempre chove... E geralmente dia 1º de Novembro também dava uma chuvadinha, que é a Chuva de Todos os Santos... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>Dezembro aqui quase todo é chuva 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição é dia de Chuva... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>13 de dezembro, dia de Santa Luzia também é dia de chuva. (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>Tinha essa experiência na boca dos mais antigos, eles dizia que se não chovesse 8 e 13 de dezembro o ano não era bom, o ano seguinte. Por exemplo, agora dia 8 e dia 13 se não chovesse o ano seguinte não era bom. Tinha mesmo um senhor aqui, que chamava Zé Machado, ele chegava lá em casa e falava "Ô Zé Calu ano que</p>

	<p>vem não é bom não, não choveu dia 8 e dia 13”... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>São João também tem que chover, quando chove é bom, é bom sinal, a noite de São João se passar neblinada o ano vai ser bom de chuva... Quando é bom, quando não chove não tem nada bom. Aumenta as águas, produz muita coisa, é bom, única coisa que não é bom é a noite, que quando chove não tem lua, aí ficava aquela escuridão, e o povo de primeiro marcava muita coisa pela lua. Lua nova, lua cheia, lua minguante... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>De primeiro aqui tinha sempre a tal da Chuva do Meloso, que era em maio, e era quando dava aquela chuvada e o povo corria pras roças pra catar as sementes do capim meloso pra poder replantar (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p> <p>Dia 24 de Junho geralmente dava a Garoa de São João, era difícil de passar um São João sem garoar (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p> <p>Aqui as águas<sup>64</sup> mesmo começava era a partir do dia 12 de Dezembro que dava a Chuva de Nossa Senhora Aparecida e depois disso danava a chover, invernavam mesmo... Daí quando começava a dar essas chuvas tinha a tal da Chuva de Planta que o povo falava que era a época que o povo já encarava a roça pra plantar pra aproveitar a água das chuvas... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p>
--	--

Fonte: O autor.

Algo já apontado por Camargo (2017), a existência de elementos da fauna e da flora local que possuem comportamentos específicos que, segundo a cultura local, representam indicativos de mudanças atmosféricas, podendo sinalizar a chegada de chuvas ou de secas, e que também são considerados pelos narradores como “sinais da natureza”. Neste sentido, percebemos em certos trechos das narrativas a menção ao comportamento de plantas e animais como indicadores de mudanças no tempo, assim tais trechos de narrativas foram recortados e organizados em uma tabela que será apresentada a seguir. A tabela é dividida em duas colunas,

<sup>64</sup> O termo “as águas” é comumente empregado pelas comunidades chapadenses para indicar o período chuvoso.

sendo uma referente ao organismo ou indicador biocultural relacionado a etnometeorologia e etnoclimatologia chapadenses e outra às narrativas associadas a tal organismo:

**Tabela 2 - Trechos de narrativas que mencionam organismos indicadores bioculturais usados para a previsão do tempo e clima**

<b>Organismo – Indicador Biocultural</b>	<b>Trechos de Narrativas Associados</b>
Formigas – tanajuras, saúvas e “correição”	<p>Os mais velhos falava que tanajura igual tá aí hoje tem relação com a chuva, mas isso eu não sei não... Agora o cupim de asa é sinal de chuva moço, cupim de asa é o sinal mais certo. É o melhor sinal procê saber hora de plantar que eles quando cria asa já não come mais as plantas da terra, melhor época de plantar. Passarinho por que desgrama a cantar nas bocas das águas? Eles faz festa porque sabem que o prato deles aí vem, tudo quanto é inseto multiplica com as chuvas né (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>As formiga elas faz um carreiro, quer dizer, tem um nome que fala quando formiga faz isso... É a correição, correição de formiga, e elas alvoraça e carrega os filhotin, todas carrega os filhotin, chama correição, correição de formiga "ah vai chover, olha só como a correição de formiga tá"... Quando tem correição eles fala que vai ter chuva, cê vê formiga mudando de lugar a formiga preta é sinal de chuva, não é qualquer formiga, é a formiga preta que nós fala, formiga cabeçuda mesmo não tem disso, mas a formiga preta que é essa da correição o povo mais velho falava né, que é sinal de chuva. [Pergunto se "a formiga fala se vai chover?" ao que ela responde] "uai Daniel, formiga não fala, quem falava era os mais velhos" [risos] "nunca vi formiga falar não, se a formiga falar com ocê se pode correr que é trem de outro mundo" [risos]. (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p> <p>Vamos supor assim, quando vai e dá muita tanajura hoje, se hoje tá chuvoso e cai muita tanajura é sinal de estiagem. E quando está estiado e aí vai e cai muita tanajura já é sinal de chuva, que ela está voltando, porque aí que</p>

	<p>elas gosta de fazer os ninho. Mas também tem gente que fala diferente, tem gente que conhece assim, se tá chovendo aqui hoje aí esquento e a tanajura cai aí o povo fala "se não chover entre 2 a 3 dias em cima da tanajura vai voltar a ficar seco, vai parar de chover"... E aí quando chove em cima da tanajura cê pode esperar mais dias e dias de chuva... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)</p> <p>Se as formiga fizer mudança pros topo de morro é sinal de enchente... Quando elas sobe morro carregando ladeira acima os ovinho e as rainha é sinal de muita chuva, pode esperar... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p>
Sabiá	<p>Sabiá pede chuva... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p> <p>Tem bicho que canta, por exemplo a sabiá, quando vê ela cantando é sinal de chuva também, é certo, como é que a sabiá canta mesmo? Gente, como é que esquece assim? Ela canta de um jeito diferente e aí o povo velho falava que ela tava chamando chuva, que tá pedindo chuva... Ela canta de um jeito e aí a gente fala "não vai demorar chover olha aí a sabiá", ela chora mesmo... Mas a sabiá eu esqueci menino, depois eu lembro... agora lembrei, a sabiá canta assim "manda sete senhor, manda sete senhor, manda chuva" dá pra escutar ela falando assim se prestar atenção... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p>
Cupim	<p>Agora quando cai cupim também tem isso de indicar chuva né.... Mas os mais velho falava pra reparar nos cupim... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p>
Mariposas	<p>Quando mariposa faz o verão que ela dá sinal da enchente, elas fica voando de monte igual andorinha, e elas marca mesmo, elas advinha o lugar certinho que a chuva vai chegar, no ano que chegou na ponte mesmo elas fez o verão e marcou o lugar direitinho, eu observei isso, e a marca do rio bateu no lugar direitinho. Ela começa voando baixinho sobre as águas, aí ela sobe e faz o verão e depois elas vai embora, e onde elas parou e fez o verão é a marca da</p>

	<p>enchente, é o sinal da natureza, e pode escrever, pode marcar que o rio vai até ali na enchente. Esse ano eu não vi elas fazendo não, se elas fez eu não cheguei a ver não... Mas que essas mariposas advinha elas advinha... (Juarez, Santa Rita do Araçuaí)</p>
<p>Anfíbios (sapos, rãs e pererecas)</p>	<p>Aquele que chora igual nenémzinho no córrego "inhééé, inhééé" não sei é sapo ou perereca, não sei bem o que é, mas também é sinal de chuva, começa aquele enjoamento no córrego pode ver que chove... Noutro dia mesmo nós tava no campo e aqueles bicho tava chorando muito no córrego lá atrás, mas os bichinho tava chorando enjoado mesmo, um nojo, fica igual nenemzinho cê já viu né... Daí logo depois, deu uns dias e choveu. Pois parece que os bicho sente mesmo que tá pra mudar né... É coisa da natureza... Gia [rã] também é sinal de chuva, quando elas começa com aquele "arrum, arrum" pode saber... Que ela canta antes da chuva, pode saber que a chuva aí vem, mas depois que cai a primeira chuva ela dá de cantar mesmo... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p> <p>O sapo cantando, principalmente quando a gente vê o sapo subindo, que os sapos vai pulando ladeira acima. Quando a gente vai na rua e não vê um sapo descendo, só subindo [a ladeira] é sinal de chuva, que não demora a chover... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p> <p>Os sapos barulhando nos córrego, cê pode esperar, e os sapos novinho com aqueles rabinho dentro dos poço, cê pode esperar a chuva, e é no máximo três dias; se viu sapinho ainda com rabo subindo morro cê pode esperar a chuva... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)</p>
<p>Cigarra</p>	<p>A cigarra é sinal de chuva, quando a cigarra começa a chiar é que a chuva já tá pra chegar... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)</p> <p>Igual cigarra, é boca de s'água, na seca ocê não vê, se viu cigarra tá cantando desse jeito [faz gesto com a mão apontando para a janela, enquanto uma sinfonia de cigarras tomava conta da comunidade] é boca de s'água, que já</p>



	vai começar a chover... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Anú	Anú também pede [chuva], Anú é um pássaro preto que tem aí, se ocê viu que ela tá cantando muito é que ela tá pedindo chuva, difícil ela [a chuva] não vim depois do canto dela... (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Acauã	E igual aquela, tem gente que não gosta de ver ela, a Acauã, que tem gente que fala que quando ela canta é que vai morrer gente. Eles fala que tem a ver com chuva e que vai morrer gente, eu não gosto de ouvir ela cantar na boca da noite "Aaaaaa cauã Aaaaa cauã", parece até que é um menino chorando... (Dona Nida, Cachoeira do Norte)
João-de-barro	O João-de-barro ele sempre sabe a direção dos vento de chuva, ele tem o dom de saber d'onde que vem as chuva e é por isso que ele constrói a porta da casa dele pro lado que a chuva não bate, que é assim que ele constrói o ninho dele né, que a natureza tem a inteligência dela (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Mangueira	As mangueira quando carrega de manga de todos os lados, em cima, embaixo e pros lados é sinal que o ano vai ser bom de chuva (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Guaxu	O Guaxu é um pássaro preto, ele é pretinho pretinho, é um bicho bonito, mas faz um ninho todo escurunhado assim [faz um gesto com as mãos entrelaçando os dedos de forma desordenada]... Aqui o povo até fala quando uma coisa é malfeita que aquela coisa tá parecendo um ninho de guaxu, mas a verdade é que o guaxu prevê as enchentes, ocê pode ver e os mais velhos sempre já falava isso que o guaxu quando faz ninho baixo é sinal de água baixa, e se o guaxu faz ninho no alto do morro é sinal que vai chover muito e por isso a água vai ficar alta (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Vaca	A vaca ela sabe que vai chover a noite, que ela não gosta de dormir na lama, então ela deve que sente a umidade né, mas cê pode ver que

	se na boca da noite as vaca subir o morro é sinal que chove de madrugada (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí).
Peixe-frito (pássaro)	Aquele passarinho peixe-frito é outro que dana pra cantar quando tá nas boca das águas, ele começa a cantar “peixe frito!”, “peixe frito”, pode ver que a chuva chega logo, mas esse dana de cantar mesmo, fica dia inteirinho e canta de noite também quando tá pra chover (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Peixes	Peixe de rio, de represa... Ocê pode ver que os peixe fica sonso na seca e agita nas água. Quando tá sem chuva eles fica abobado, quieto, aí quando chove eles atiça (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Minhocas	As minhoca quando começa a sair da terra assim, ficar andando por cima da terra é sinal de que tá pra chover (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)
Saracura	As saracura quando dana de cantar é que a chuva já tá pra chegar (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Cabeça-de-Frade (planta)	Essa flor vermelha aí nós trata ela aqui de cabeça-de-frade, os mais velhos falava que se a cabeça-de-frade florisse é que as água assentou, que é quando as chuvas vem de vez, que a seca já passou né (Dona Nazareth, São Sebastião da Boa Vista)
Cobras	Se ocê passar numa estrada e ver um zigue-zague pode saber que é cobra. As cobra quando tá pra chover elas faz zigue-zague na estrada e deixa o rastro de aviso que a chuva tá vindo (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Cobra-cega	Quando aquela bicha aparece... A cobra cega né... Quando ela aparece é que tá pra chover (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)
Ipê	As folha do ipê só cai se for vento de chuva (Mestre Chato, Santa Rita do Araçuaí)

Fonte: O autor.

Considerando que as mudanças climáticas podem produzir efeitos sobre a biodiversidade (MARENGO, 2007), devemos entender que estes “sinais da natureza” observados pelas comunidades chapadenses ao longo de gerações e que serviram para fundamentar sua ciência popular do tempo e do clima, atualmente, em função tanto de alterações locais como globais, se encontram em xeque e ameaçam a capacidade de predizer o tempo do sertanejo mineiro.

## 12.2. O homem do tempo de Chapada do Norte

*O aparelho de televisão colado ao painel de madeira na parede da sala ligado no telejornal anuncia a chegada de uma frente fria na região.... Isso foi suficiente para o homem do tempo de Cachoeira do Norte concluir mentalmente o planejamento da postagem que faria nas redes sociais em alguns instantes. Seguiu para a porta de casa e avaliou a direção do vento derrubando pequenas folhas e carregando-as... “É, a vem chuva aí...”, pensou consigo e logo pegou o celular nas mãos e começou a digitar...*

Marcelinho, o homem do tempo de Chapada do Norte é um dos narradores participantes desta pesquisa, reside no Distrito de Cachoeira do Norte e é reconhecido na região como um especialista local: sendo considerado o meteorologista da comunidade. Marcelinho conta que essa história começou desde sua infância, quando, por conta de sua condição física, acabou sendo privado de muito do que uma infância na roça poderia proporcionar a um garoto de sua idade. Ele narra que apesar de tudo:

Minha infância foi normal, era lá na zona rural, eu saía pouco, ficava mais em casa... Antes eu vinha aqui bem pouquinho, muito pouco, era difícil... Eu lembro que eu brincava muito com um carrinho de madeira, meu irmão que fazia pra mim, às vezes comprava, era mais isso, não tinha muita coisa preu fazer lá... Quer dizer, eu até brincava de outras coisas, mas meu pai não gostava muito que tinha medo de eu me machucar com alguma coisa né, então ele não deixava eu brincar fora de casa... Mas eu era acostumado a ficar sem fazer nada, a gente acostuma né... Aí depois que vim pra cá, pra Cachoeira, mas aí eu já tinha 16 anos, ou 17... Mas lá antes eu não ficava fazendo nada, nada, não tinha nada... Era acostumado a não fazer nada, que não tinha o que fazer... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Assim, com o medo de seus pais que ele acabasse se machucando em algum acidente, o pequeno Marcelinho acabou se acostumando a “ficar sem fazer nada”, como ele mesmo frisa ao relembrar o passado, e com isso surgiu um de seus primeiros passatempos: o rádio. Marcelinho chega a dar pequenos pulos de alegria ao contar sobre sua paixão sobre o futebol surgiu a partir daquele radinho de pilhas; o futebol e a previsão do tempo. Então Marcelinho nos conta sobre a descoberta da previsão do tempo como uma forma de entretenimento, como o rádio deixou de ser apenas como um meio de comunicação, e se transformou em uma janela para o mundo exterior:

Eu sempre gostei de futebol, acompanhava pelo rádio, torcia pelo Corinthians, sempre torci pelo Corinthians.... Ah e tem isso, que de primeiro outra coisa que eu amava era ficar ouvindo rádio, desde pequeno, porque era na verdade o que tinha preu fazer, escutar o rádio, e o que eu mais gostava era o futebol e

a previsão do tempo, eu ficava torcendo pra chegar a hora da previsão do tempo... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Em diversos momentos das narrativas – não apenas no caso de Marcelinho - o futebol acabou se revelando como uma das principais formas de lazer comunitário, com campeonatos organizados pelos times locais, que se convertem em eventos de grandes proporções para a realidade local, atraindo grande parte da população da comunidade e das redondezas para a beira do campo, atraindo gente de todas as idades, animando e movimentando as comunidades. Assim, ao longo das conversas com os moradores ficou evidente que o futebol possui um papel muito importante na formação de laços internos, gerando uma coesão em torno do time da comunidade, e nestes momentos a rivalidade com as comunidades vizinhas se aguça, gerando grandes provocações e algazarras, enquanto o time da casa se torna motivo de orgulho.

Mas voltando a questão do interesse de Marcelinho pela previsão do tempo ele prossegue:

...Mas como eu tava dizendo isso aí de previsão do tempo eu sempre acompanhava, desde pequeno eu acompanhava no rádio e aí eu fui aprendendo né... esses fenômenos, a direção dos ventos, a quentura dependendo desses fenômenos a gente sabe né... Aí passados de uns anos pra cá fui aprendendo sobre o El Nino, La Nina, agora por exemplo, tá dando esse fenômeno do El Nino, pode ver nas notícias que ele está atingindo mais a região sul do Brasil, aí por causa disso tá tendo mais chuva aqui, na região de Minas, Bahia, e quando esse El Nino atua aqui já chove lá pro Sul... Agora aqui tá seco e lá tá chovendo... Aqui [no Brasil] a chuva vem da Amazônia né, tem muito influência da floresta, a floresta em primeiro lugar né, por isso que os governantes tinham que investir em proteger as florestas para proteger as chuvas... Aqui tem gente que fala que a barragem daqui interferiu na chuva, mas eu não acho que a barragem de Irapé deu diferença nas chuvas daqui não... O que muda mais é a destruição [do meio ambiente] mesmo, a desmatção né... Aí a chuva não ficou controlada como antes, ficou irregular... E você vê também que as geleiras estão tudo derretendo por conta da temperatura alta do planeta né, e com as geleiras derretendo vai mudando mais o clima do planeta, por isso que os governantes tinha que tomar atitude... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Neste trecho de sua narrativa, Marcelinho demonstra apropriação de conceitos da meteorologia e da climatologia científicas, mencionando efeitos do *El Niño* e da *La Niña* para as comunidades locais e fazendo alegações a respeito do clima brasileiro, assinalando ainda o papel da floresta para a manutenção das chuvas - fala que se associa diretamente aos efeitos do fenômeno que ficou conhecido como “rios atmosféricos”, “rios aéreos” ou “rios voadores”, que

tem um papel central na dinâmica climática da América do Sul. Segundo Antonio Nobre (2014) “O conceito de rios atmosféricos foi introduzido em 1992 por Reginald Newell e Nicholas Newell para descrever fluxos filamentosos na baixa atmosfera capazes de transportar grandes quantidades de água como vapor, tipicamente em volumes superiores ao transportado pelo Rio Amazonas” (p.18). Ainda sobre tal fenômeno responsável pela circulação da água na paisagem, Nobre (2014) nos explica a partir de uma metáfora com sistema circulatório humano que:

A água irriga e drena os solos na paisagem de forma análoga ao sangue, que irriga e drena os tecidos do corpo. Se os familiares rios são análogos às veias, que drenam a água usada e a retornam para a origem no oceano, onde ficam as artérias do sistema natural? São os rios aéreos, que trazem a água fresca, renovada na evaporação do oceano. Para completar o sistema circulatório faltava somente o coração, a bomba que impulsiona os fluxos nas artérias aéreas. A teoria da bomba biótica veio explicar que a força que propela os ventos canalizados nos rios aéreos deve ser atribuída à grande floresta que funciona então como coração do ciclo hidrológico (p. 15)

Marcelinho destaca ainda algo que chegou a ser mencionado por outros narradores a respeito da população local ter sido informada que a construção da Barragem de Irapé poderia gerar um impacto positivo no regime de chuvas da região - algo que segundo Marcelinho não é perceptível.

Além disso, o narrador considera que o desmatamento é uma das principais causas das alterações observadas no clima local, mas ao contrário dos demais narradores, Marcelinho frisa a dimensão global do problema, destacando o derretimento das calotas polares e assumindo a existência de mudanças em nível planetário, pontuando ainda que a inércia dos governantes diante desse problema representa um risco para toda a humanidade e a vida terráquia como conhecemos.

Em determinado momento da conversa a televisão da sala começa a reproduzir o noticiário e, mais especificamente, a previsão meteorológica, ao que Marcelinho logo aumenta o volume e se concentra nas informações destacadas pelo repórter. Analisando o mapa o narrador tece ponderações e traduz certos aspectos da previsão a uma linguagem popular, apresentando-se como um mediador entre a meteorologia dos cientistas e a ciência popular do tempo e do clima presente na cultura chapadense.

**Figura 26 - Marcelinho aponta para televisão no momento da previsão do tempo e realiza ponderações a respeito.**



Fonte: o autor.

Marcelinho traz no bojo de sua narrativa um debate caro aos cientistas do tempo: o fato de algumas previsões meteorológicas não se cumprirem. Marcelinho esclarece que previsões não são garantias infalíveis e destaca a complexidade por traz das dinâmicas atmosféricas como uma das principais causas para tais imprecisões. Destacando que:

Tem muitos tipos diferentes de eventos climáticos né, por exemplo, a tal zona de convergência, acho que é esse se não me engano que o povo aqui chama de escadinha... Aqui a população conhece ele, esse fenômeno de Zona de Convergência, como escadinha, a população daqui conhece como escadinha porque quando tá lá no mapa na televisão né, que os especialistas na tv mostram o fenômeno no desenho do mapa, fica tipo uma escadinha, mas os especialistas das ciências climáticas mesmo chamam isso de Zona de Convergência... É zona de convergência, que o pessoal daqui conhece como escadinha, porque no mapa a zona de convergência fica igual uma escadinha, aqui o povo vê no mapa e já fala "vai chover alá a escadinha em cima de Chapada, de Cachoeira", e quando cê olha o mapa ela parece uma escadinha mesmo... Essa zona de convergência ela traz chuva também, e ela anda né... Agora mesmo a população do norte de Minas e sul da Bahia tá em alerta por causa das chuvas né (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Neste trecho da fala de Marcelinho temos outro exemplo de como o mesmo atua num processo de mediação de conceitos científicos para a linguagem local, neste caso vemos que ele produziu uma leitura a partir de como as pessoas da comunidade interpretam os mapas de previsão do tempo dos programas televisivos, concluindo que o símbolo que é usado nas representações visuais dos mapas meteorológicos é visto pela comunidade como sendo

semelhante a uma escada, e com isso muitos passaram a chamar de “escadinha” o que viam na tv. Tal “escadinha” é identificada pelo mesmo como sendo uma zona de convergência, que é associada em sua narrativa a chegada de chuvas. Sobre tal fenômeno meteorológico, Bueno (2018) explica que:

Na meteorologia o termo “zona de convergência” se refere a região onde ocorre o “choque” de ventos vindos de direções opostas nos baixos níveis da atmosfera. Essa convergência de ventos normalmente está associada a uma convergência de umidade e movimentos ascendentes do ar, que formam as nuvens e as chuvas. Por isso, essas zonas de convergência são bem visíveis nas imagens de satélite, se configurando como grandes bandas de nebulosidade que se estendem por vários quilômetros (s.n).

Sobre os procedimentos que adota para realizar suas previsões diárias, Marcelinho esclarece que:

Aqui essas previsão que eu faço eu vejo a sensação do vento do dia, de manhã, aí eu vou nas redes sociais e pesquiso e aí também eu ligo pro instituto de meteorologia, o INMET, eu tenho o numero deles lá e ligo direto pra saber né. Aqui eu pesquiso [a previsão do tempo] direto pra Cachoeira do Norte, e às vezes para Leme do Prado, pra Chapada... Na verdade eu gosto de pesquisar pra região inteira, que aí você consegue identificar se tem chuva perto de você, e também porque acaba que um monte de gente pede e aí eu informo a pessoa né... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Enquanto estávamos conversando ele recebeu uma mensagem de um rapaz da cidade de Monte Alto, interior de São Paulo, querendo saber da previsão de chuva. Marcelinho diante disso realizou uma rápida pesquisa na internet, observou as previsões e encaminhou um áudio para o rapaz explicando a previsão para Monte Alto e interior de São Paulo. Marcelinho com isso se tornou conhecido em toda a região como o homem do tempo.

Para me mostrar os bastidores da construção de suas publicações com as previsões meteorológicas que disponibiliza quase que diariamente nas redes sociais, Marcelinho liga para o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) na minha frente, se identifica para a atendente e solicita os dados para Cachoeira do Norte diretamente no instituto. O meteorologista do outro lado da linha informa a previsão de chuvas no final de semana, e que a partir de domingo as mudanças começam a se deslocar para o sul da Bahia. Ele agradece as informações e em poucos



minutos ele já tinha publicado um pequeno texto informativo no Facebook e no status do Whatsapp. Sobre seu processo de descoberta deste canal com o INMET, Marcelinho conta que:

Eu fui pesquisando nas redes sociais, aí eles do INMET sempre manda pra mim, e no finalzinho do dia eles passam o site e o número do telefone, aí eu anotei o número e liguei, e eles sempre atende com muita educação o contato com os professores de meteorologia do INMET, consegui através da própria rede social aqui a previsão mais precisa vem da capital mineira pra cá por isso, como é muito longe, as vezes dá algum erro, mas só de olhar na imagem do satélite eu sei, mas eu só de olhar no tempo eu sei, o sol de hoje é sol de chuva, que está abafado e o sol tá branco, a cor do sol tá branco, é sinal de chuva. Já quando o sol tá amarelo já não é sinal de chuva, não é sinal bom não... De nuvem, o rabo de galo é quando fica aquela puás, aquela puazinhas no céu, aquelas listras, aquelas faixas né, o céu tá quase limpo, mas tem aquelas nuvens no céu tipo faixinhas... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Cabe ressaltar no trecho acima que Marcelinho revela em sua fala uma articulação entre os saberes que obtém do instituto de meteorologia e os saberes ancestrais de previsão popular do tempo que são conhecidos pelas comunidades.

Sobre os casos em que os prognósticos não se concretizam e as comunidades acabam desconfiando da validade do trabalho dos meteorologistas, Marcelinho tem suas próprias explicações, pontuando que:

Mas as vezes a previsão não dá certo, tem gente que fala "ah mas eu não acredito nas previsões que ocês fala não que tem hora que marca chuva e não chove, tem hora que não marca chuva e chove", mas é por isso que é uma previsão tá previndo o que vai acontecer, mas não é garantido que é certo, mas tem gente que reclama sim e que não acredita... Senão a gente falava que é certo, que vai chover meio dia e ponto, mas não, é uma previsão. Não é Deus falando né, que Deus já é outra história... Mas a previsão dá mais certo que errado, quem acompanha e confere sempre certinho pode ver que dá mais certo que errado. Por exemplo, quando não tá previsto de chover e cai aquele pancadão de chuva, cê sabe o que significa isso? É a massa de ar seco que choca com a massa de ar frio ocasionando esse pancadão, esse temporal e o povo já coloca "ô choveu que não tava previsto, cê disse que não ia chover e choveu". Mas é que tem alguns fenômenos que é mais difícil de prever mesmo... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Neste sentido, quando Marcelinho assume que “tem alguns fenômenos que é mais difícil de prever mesmo” ele aponta justamente um dos maiores desafios dos cientistas do clima. Concordando com a narrativa de Marcelinho, Taddei (2017) pontifica que:

[...] [A]lguns sistemas meteorológicos têm um nível de imprevisibilidade muito alto. Para muitos fenômenos meteorológicos de curta duração (ainda que com potencial catastrófico acentuado), como as frentes frias, não há

modelos matemáticos confiáveis disponíveis [...] Pelo menos não na escala temporal exigida por alguns grupos, como agricultores, que necessitam saber, com meses de antecedência, quando, em que intensidade e com que duração as frentes frias ocorrerão. (p. 67)

Com isso percebemos que a partir de seus conhecimentos (que articulam os saberes populares aos científicos) Marcelinho traduz conceitos da linguagem acadêmica para a comunitária, desempenhando um papel dentro de uma educação meteorológica comunitária espontânea, tanto no sentido de tornar saberes técnico-científicos palpáveis para os membros da comunidade, como sendo uma referência para a previsão do tempo na região.

Além disso, cabe sublinhar a relação deste narrador com diferentes tecnologias, e de como estas influenciaram seu gosto pela previsão do clima; iniciando a partir do rádio, depois com a televisão, e atualmente com o smartphone e o acesso facilitado a internet, que levou a relação de Marcelinho com a meteorologia a outro patamar.

**12.3. “O Caboclo e a Cabocla perderam a fé nos sinais...”: Percepções sobre Mudanças Tempo e no Clima**

*O caboclo e a cabocla  
Perderam fé nos sinais  
Lua cheia, sol ou chuva  
Tanto fez como tanto faz  
Invertem as estações do ano  
Seja inverno ou outono  
São todos tempos iguais*

Trecho do poema “Sertão Moderno” de autoria de Gilmar Sousa.

*Fui prosear com o caboclo  
E a cabocla do sertão  
Para ouvir uns bons exemplos  
E uma boa lição  
Não notei o entusiasmo  
Tão próprio da região  
Os sinais que vêm do céu  
Não trazem animação  
Já não são mais confiantes  
São previsões alarmantes  
Por isso são preocupantes  
Pra futura geração*

Trecho do poema “De volta para o Sertão” de autoria de Gilmar Sousa.

Os versos introduzidos acima - retirados de trechos de poemas do Mestre Gilmar, da comunidade de São Sebastião da Boa Vista -, expressam de maneira precisa um sentimento presente em diversos momentos das narrativas colhidas. Os narradores consultados, assim, declararam perceber que o clima está em mutação, que as chuvas e as secas já não são como eram antigamente, e que muitos dos “sinais que vem do céu” já não estão mais tão precisos

quanto atestam as memórias dos antepassados. Neste sentido, o próprio Mestre Gilmar nos explica que:

Aquilo que.... Aquilo que não pode ser mudado pelo homem continua né... As águas ainda correm para baixo, o ipê ainda floresce em agosto, o amarelo em agosto, em julho o roxo, em setembro o branco né, e por aí vai... Aquilo que o homem não pode mudar continua... Os pássaros ainda cantam nas estações né, na primavera por exemplo é mais forte, por causa das flores e tudo mais; as cigarras vem depois das primeiras chuvas, isso aí são sinais, que o homem não pode mudar... Como antigamente, o tempo, antes dessa grande destruição que a gente já falou, como estava tudo ainda mais ou menos em seu lugar as pessoas conseguiam perceber os sinais. Os sinais eram mais fortes, então dava para se orientar pelos sinais. Com a destruição do meio ambiente o próprio homem desregulou muita coisa né, sempre lembrando, aquilo que.... Aquilo que o homem conseguiu desregular com o desmatamento, com o fogo, com o envenenamento, né... Então a partir disso, quando o homem desacertou o relógio que Deus acertou tão bem né? Aí já perdeu a fé nos sinais, né... Aí o homem já se perdeu porque não dava mais para se orientar pelos sinais da natureza, inclusive como diz na bíblia né “quando ver as videiras cair as folhas é sinal de que o verão já chegou”. Então assim isso é bíblico, isso é bíblico. Deus criou tudo para que o homem pudesse se orientar através da natureza, mas com o tempo, quando o homem destruiu e desacertou aquilo que Deus criou tão certinho aí o homem se perdeu nos sinais, né... (Gilmar Sousa, São Sebastião da Boa Vista)

E assim, a fala de Gilmar nos brinda com uma série de revelações a respeito deste universo da sabedoria popular do sertão mineiro. Partindo da ideia de que existem certas coisas que o ser humano não é capaz de alterar na natureza, Gilmar nos dá exemplos do que o homem já alterou e daquilo que se manteve. Neste sentido, afirma que os pássaros ainda sentem as estações do mesmo modo, e com isso ainda cantam quando devem cantar, sobretudo aumentando a cantoria na primavera em função do desabrochar das flores; ou as cigarras que vem logo após as chuvas; porém certos aspectos, segundo Gilmar, teriam sido quebrados em função das ações humanas.

Mas Gilmar é bem incisivo ao afirmar que “Como antigamente, o tempo, antes dessa grande destruição que a gente já falou, como estava tudo ainda mais ou menos em seu lugar as pessoas conseguiam perceber os sinais. Os sinais eram mais fortes, então dava para se orientar pelos sinais. Com a destruição do meio ambiente o próprio homem desregulou muita coisa né, sempre lembrando, aquilo que.... Aquilo que o homem conseguiu desregular com o desmatamento, com o fogo, com o envenenamento, né...”, assim Gilmar nos resume que foram as transformações produzidas pelo homem sobre a natureza que ao quebrarem o equilíbrio

natural “enfraqueceram os sinais”. E vai além citando as causas de tal enfraquecimento, chamando atenção para o desmatamento, o fogo e o envenenamento.

Por fim, a fala de Gilmar invoca elementos da identidade católica, demonstrando que no imaginário sertanejo o sagrado se confunde com a própria natureza, sendo, os próprios sinais aos quais nos falam os narradores assumidos aqui enquanto parte da obra do criador.

Já Preta, representante do Quilombo do Cuba, traz em sua narrativa a percepção do acirramento da seca e da diminuição das chuvas, afirmando que atualmente não estão mais ocorrendo as chuvas de ventos que eram comuns no passado. Preta resume que “o tempo tá diferenciado”, ainda assumindo que sente que nos dias atuais tem feito mais calor e que antes fazia mais frio:

Eu acho que tá tudo secando é porque a chuva foi minguando, a chuva foi ficando mais pouca, que hoje não chove mais como chovia antigamente. Dava chuva de vento e hoje não tá mais como era antes... O tempo tá diferenciado... E hoje eu acho que tá mais quente, bem mais quente, que antes fazia bem frio aqui. Tinha o brusco de primeiro, antes junho/julho, nesses meses dava o brusco que tem aquele tanto de nuvem assim, tipo esse sombril que tá passando aqui agora, aí o tempo fechava, aí ficava mais frio, e hoje não tá tendo mais isso que nem tinha de primeiro. (Preta, Cuba)

Além disso a narrativa de Preta nos aponta para um fenômeno que não tem mais ocorrido: o “brusco”. O brusco seria semelhante ao que os outros narradores se referiram como “inverno” ou “invernadas”, ou seja, um período de temperaturas mais baixas e chuvas mais frequentes, algo que segundo a narradora já não é mais observado na região. Assim como Preta outros narradores pontuam que uma das grandes mudanças perceptíveis do clima local diz respeito ao “fim dos invernos”, que os tempos estão mais quentes e menos chuvosos.

Especificamente quanto as sensações térmicas, Dona Neném considera que as matas tinham uma influencia sobre o clima, em especial no sentido de amenizar as temperaturas, assumindo que no passado:

Aqui era mais frio. Eu acho que era muito frio, na época do frio era muito frio e na época do calor era do mesmo jeito de hoje, mas é que tinha muita mata, era muito verde os arredor, o meio ambiente era mais rico né, não era como é hoje não, então eu acho que por isso ficava mais frio, tinha muito de acordar com aquela nevezinha, com orvalho né, hoje cê num vê mais... (Dona Neném, Santa Rita do Araçuaí)

Dona Neném, para além de concordar com Preta quanto a uma percepção de que atualmente não faz tanto frio como antigamente, também assinala que o orvalho que

antigamente era recorrente atualmente deixou de existir, algo que coincide com essa percepção de um aumento das temperaturas locais.

Já Marcelinho chama a atenção para a alteração observada nos regimes de chuvas, destacando que em sua percepção antes chovia muito mais do que atualmente, sobretudo em termos de duração das chuvas, também pontuando o que é levantado na narrativa de Preta e Neném a respeito do aparente “fim do inverno” da região:

Que antes chovia mais, bem mais, mais de 90% a mais que hoje.... Tinha inverno naquela época, agora não tem, inverno que nós fala é aquele tempo chuvoso, que chovia uns 20, 30, 40 dias sem parar, internava que fala... E hoje acabou né, que hoje em comparação com antes chove muito pouco... Acho que isso mudou é porque mais é... É essa destruição do planeta né, não só no Brasil, mas no mundo né, aí tem muita poluição e é aquela coisa, a chuva muda no mundo todo, tem lugar que agora quando vem a chuva é a tempestade, tem lugar que chovia e que ficou seco, tem lugar que já era seco e ficou mais seco ainda. Tem vez que chove aí dois, três meses e depois fica um ano sem chuva né... O tempo mudou e muito... Está cada vez mais quente, a sensação térmica cada vez mais quente por conta dessas destruições e se os governantes não tomar uma atitude cada vez vai ficar pior, os governantes tinham que intervir pra recuperar as matas, proteger as cabeceiras dos córregos, as nascentes, as matas, e não é só no Brasil não, é no planeta todo... Agora mesmo tá com 17 anos que está tendo uma previsão de chuva que nem está agora, mas só que mesmo assim não inverna não, porque antes chovia 24 horas 30-40 dias sem parar, começava a chover e não parava, ficava aquele chuva fina por muitos e muitos dias, agora não tá mais tendo isso, é no máximo um dia ou dois... Outra coisa que a gente está vendo hoje é que antes quando internava chovia os 30-40 dias noite e dia sem parar, mas era uma chuvinha fina. Agora com essas destruições da natureza o planeta ficou totalmente desregulado, e aí o que acontece? A chuva que caía antes em uma semana tem vez que hoje cai em uma hora ou meia hora, num volume de 100 até 150 mm, e aí o que que acontece? Quando está no período chuvoso, no período das águas aí cai o mesmo volume de chuva que antes caía naquelas épocas de antigamente só que é em forma de tempestade, por devido a destruição da natureza. Aí a população acha que está chovendo menos que nos outros anos, mas na verdade é que está chovendo tudo de uma vez, igual lá na Bahia ocê vê que caiu em poucas horas o que costuma cair em um ou dois mês, e antes como as chuvas era fininha conservava mais a água no solo... (Marcelinho, Cachoeira do Norte)

Marcelinho novamente ressalta que as transformações do clima podem ter alguma influência de fenômenos de escala global. O meteorologista comunitário leva em conta a destruição do planeta como um todo, também do Brasil e reflete sobre como isso pode ter uma influência no clima de determinadas regiões.

Novamente Marcelinho assume que parte do problema reside na inércia dos governantes de diferentes esferas. Para ele o ano de 2021 apresentou características atípicas,

com chuvas acima da média, uma vez que segundo este narrador "tá com 17 anos que está tendo uma previsão de chuva que nem está agora". E assim como outros participantes destacou que atualmente não "inverno" como antigamente, visto que segundo o relato "antes chovia 24 horas 30-40 dias sem parar [...] ficava aquela chuva fina por muitos e muitos dias", e agora as chuvas aparecem mais concentradas.

Concordando com Marcelinho, Gentilin afirmou que:

De primeiro já ficava seco.... Ficava, tinha a seca sim... Secava de cair as folhas igual cê tá vendo aí ó, mas chovia mais... Chovia bem mais... Bem mais mesmo... 2001, há 20 anos atrás nós levamos... Isso talvez não seja interessante para o senhor, mas... Em 2001 nós levamos uma água daqui pra Cachoeira e pra Boa Vista, eu trabalhava na COPASA né, e nós estava pra levar essa água lá pra Boa Vista e eu lembro que nós fizemos essa trajetória toda aí e choveu o ano inteirinho, o ano inteiro, foi chuva demais, e dessa época pra cá nunca mais choveu daquele jeito... E eu acho que antes aqui era mais frio também, eu acho que era, do meu ponto de vista era, pode ser impressão minha porque, mas no meu modo de ver era mais frio sim... E no mais é aquilo, as chuvas de antes era fininha e durava mais tempo, hoje tá dando mais é chuvona grossa que dá de uma vez e pronto... O tempo tá diferenciando... (Gentilin, Distrito de Santa Rita do Araçuaí)

Assim, tal narrador reconhece que o clima da região sofreu uma forte alteração no intervalo de sua vida, afirmando que apesar de antigamente já existir a seca, ainda assim segundo a visão do mesmo chovia "bem mais... Bem mais mesmo". Para justificar seu argumento Gentilin recupera em sua memória uma experiência profissional. Ele relata que em 2001, ocasião em que trabalhou na construção da tubulação que leva a água de Santa Rita para as comunidades de Cachoeira e Boa Vista, Gentilin recorda que em praticamente todo o itinerário de serviço foi desempenhado embaixo de chuva, tendo sido um ano especialmente chuvoso segundo a memória deste senhor, que afirma que desde então não se lembra de um ano com tanta chuva.

Gentil também afirma que considera que antes fazia mais frio e destaca uma mudança na característica das chuvas, que segundo o mesmo era mais fina e de maior duração, enquanto atualmente são observados grandes volumes de precipitações em pequenos intervalos de tempo. Tal afirmativa se sustenta nas narrativas que apontam os antigos dilúvios de 1929 e 1979 como chuvas de longa duração - segundo alguns relatos chegando a quarenta dias consecutivos de chuvas - enquanto que as enchentes recentes, como a observada em 2013, demoram pouco tempo para que o rio se eleve a ponto de cobrir a ponte.

### 13. CONSIDERAÇÕES

As narrativas de memórias se revelaram como um importante recurso para a compreensão das relações culturas-naturezas, permitindo-nos entrar em contato com histórias, muitas vezes perdidas no turbilhão do tempo, ou ocultas em meio a lembranças há muito deixadas de lado, e conseqüentemente esvaziadas de suas implicações simbólicas, históricas, emocionais e afetivas. Assim, o reviver de uma cena, ativada por uma provocação externa - no caso manifestada pelo pesquisador e o processo da pesquisa - pode auxiliar na recuperação de imagens mentais de um passado que nos ajuda a compreender o presente e conjecturar a respeito do futuro. O narrador, como testemunha e guardião de memórias de sua comunidade pode, através de suas palavras, auferir detalhes e expor implicações

Esse tipo de trabalho, que envolve o levantamento de narrativas de memórias que abrangem as temáticas dos desastres, pode servir ainda como uma importante medida para traçar perfis históricos das comunidades, levantando os principais riscos e ameaças que podem afetar as comunidades e auxiliando essas populações a identificarem as características da situação de desastre, bem como compreender os caminhos possíveis para solucionar cada caso.

Uma das grandes vantagens da narrativa como recurso metodológico reside, justamente, na possibilidade de revelar detalhes que poderiam acabar escapando ao olhar de metodologias mais objetivas e menos atentas ao que dizem os sujeitos do território. Assim, as narrativas nos permitem quebrar estereótipos, rever histórias consolidadas, entrar em contato com informações inesperadas ou descobrir segredos perdidos no tempo que ficaram guardados no fundo do baú da memória. Neste sentido, as narrativas apresentadas no presente estudo nos possibilitam, entre tantas coisas: rever a imagem do Jequitinhonha como um Vale de pobreza e miséria, entendendo que tal estereótipo não está de acordo com a realidade das comunidades participantes da pesquisa; percebemos que os relatos nos apontam não apenas a história ambiental, descrevendo a trajetória da ocupação dos territórios que hoje correspondem as comunidades, incluindo menções aos acontecimentos e ações que mais impactaram e transformaram o ambiente; compreender que apesar de o município de Chapada do Norte está inserido no contexto do semiárido, ainda assim, as comunidades em questão costumam enfrentar a falta de água nas torneiras justamente no período chuvoso, e não na seca, pois a falta de abastecimento na região em geral decorre de problemas com a balsa de captação de água do rio, que muitas vezes acaba sendo carregada pela força das águas, em especial em ocasiões com



chuvas mais intensas. Automaticamente temos a tendência a imaginarmos que no semiárido a falta de água esteja exclusivamente associada a seca, porém, na prática observamos que no dia a dia das comunidades é muito mais comum faltar água nas torneiras nos períodos chuvosos, em função de problemas com o sistema de abastecimento.

Assim, as narrativas reveladas pelo encontro com as comunidades nos levam a crer que as relações culturas-naturezas neste contexto se constituem a partir de adaptações, encontros, aproximações, distanciamentos, confrontos, impactos, tensões, articulações etc. Enfim, tais relações se expressam a partir de ações que podem ser positivas ou negativas para o ambiente e seus viventes; mas também demonstram como o ambiente influencia as comunidades – seja através das práticas agrícolas, da circulação de bens e pessoas, da falta ou do excesso de água etc.

Assim, levando-se em conta a expansão do conceito de comunidades por meio de uma aproximação do conceito praticado pela ecologia – ecologizando com isso a concepção de comunidade (RIBEIRO, 2017) – passamos a considerar que as relações comunitárias envolvem seres humanos e seres não humanos, fatores bióticos e abióticos, que se articulam em uma dança de ritmos, ciclos e compassos próprios. Acoplando-se tal concepção à Psicossociologia chegamos a noção de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária, que leva em conta que “Os processos individuais (conscientes e inconscientes) são considerados como tendo o mesmo grau de importância que os processos sociais.” (NASCIUTTI, 2010, p. 104), aprofundando a característica interdisciplinar característica desde campo científico, propondo a consideração em mesmo grau de importância dos processos ambientais e culturais-comunitários.

A complexidade psicossocioambiental passa a ser expressa a partir das interfaces entre as histórias de vidas dos sujeitos, as histórias sociais de suas comunidades e as histórias ambientais de seus territórios, reconhecendo que cada dimensão possui uma imbricação sobre as demais. E com isso percebemos inclusive que o processo de desenvolvimento das comunidades, movido por motivações individuais e coletivas, acompanha o agravamento de desequilíbrios e problemas socioambientais, que por sua vez trazem implicações sobre as vidas dos sujeitos e dos coletivos.

Mas afinal, por quê nesta tese é defendido falar em termos de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária ao invés de uma Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social,

conforme assumido pelo programa EICOS? Neste caso, a própria nomenclatura proposta de uma Psicossociologia Ambiental Comunitária já traz em si o deslocamento da dimensão ambiental para uma posição de centralidade, destacando como neste caso as questões psicossociais e comunitária estão justamente no entorno das questões ambientais - com isso entendemos que a ideia de uma Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social acaba por tornar o aspecto ambiental como acessório e secundário. Devemos lembrar ainda que o EICOS enquanto programa de pós-graduação surgiu sob a égide de um programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e apenas posteriormente assumiu a terminologia de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Com isso entendemos que essa construção conceitual pode ainda permitir uma maior identificação de pesquisadores provenientes das Ciências Ambientais e áreas correlatas com o campo da Psicossociologia, percebendo justamente as interconexões entre as dimensões psíquicas, sociais, ambientais e comunitárias. Mas há ainda outro aspecto envolvido na sugestão de alteração desta terminologia, que é expresso no artigo “Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina” (CAMARGO et al, 2021), que propõe substituir a palavra “de” por “com” comunidades, assumindo com isso a ideia de uma maior participação e envolvimento destas nas pesquisas que se desenvolvem em seus territórios e são voltadas para pensar não apenas *para*, mas, sobretudo, *junto* das mesmas.

Assim, a articulação entre Histórias de Vida, História Social e História Ambiental nos possibilitam um vislumbre privilegiado a respeito das transformações psicossocioambientais e do histórico socioclimático experienciado por essas comunidades. Neste sentido, tal imbricação teórico-metodológica nos conduz a uma história psicossocioambiental do território, revelando uma complexa trama de relações que configura a realidade local. Assim, a aliança destas perspectivas da história ao arcabouço das memórias e narrativas nos levam a uma nova nuance dos estudos sobre a ocupação da terra e a história do domínio antrópico das paisagens e ecossistemas locais que, por sua vez, se revelaram como uma aposta sentipensante e, portanto, sensível às concepções de mundo e a ciência popular das comunidades (FALS BORDA, 1994; RENAUD CAMARGO; SÁNCHEZ, 2021).

Nesta pesquisa, as influências da Psicossociologia se expressam inclusive na sensibilidade do pesquisador no momento de se aproximar de um narrador ou de uma comunidade, tendo em mente que o estímulo a rememoração de determinado fato pode

desencadear uma reação emocional no sujeito. Neste sentido, a consideração aos aspectos psicológicos e individuais de cada sujeito torna-se imprescindível para uma abordagem mais ética das pesquisas com seres humanos e comunidades e, sobretudo, que envolvam memórias traumáticas.

Inicialmente a tese tinha como um de seus objetivos identificar os mestres dos saberes populares de Chapada do Norte, algo que se mostrou uma missão um tanto desafiadora. Isso porquê de maneira espontânea nas comunidades o título de mestre aparece apenas associado aos Mestres de Folias de Reis. Porém, se levarmos em conta o somatório do fator etário, com o domínio dos saberes e fazeres, e o reconhecimento social de todos os entrevistados talvez pudéssemos chegar a esta conclusão, que dentre os entrevistados somente Mestre Chato poderia assumir tal título.

Cabe ressaltar ainda que trabalhos anteriores (CAMARGO, 2015; 2017) já revelaram a existência de diferentes categorias de saberes populares em Chapada do Norte, dando destaque a algumas que foram mais facilmente identificadas em meio as comunidades de Cachoeira, Santa Rita e Boa Vista, incluindo os saberes etnobotânicos da medicina popular que envolve a produção de garrafadas e remédios naturais – categoria associada a(o)s erveir(a/o)s, raizeir(a/o)s e mezinheir(a/o)s; bem como as práticas associadas as benzedeadas e rezadores – categorias estas que costumam ser associadas localmente a alguns dos narradores participantes desta tese. Neste sentido, apesar de alguns sujeitos serem reconhecidos como benzedead (o/a) s ou raizeir (a/o) s os narradores não foram associados diretamente aos saberes envolvidos nas ciências populares do tempo e do clima de Chapada do Norte, de modo que percebemos que nestes casos tais saberes se encontram mais dispersos entre as comunidades e não centralizados em determinados indivíduos.

Assim, apesar de deter vasto conhecimento sobre a história e cultura da região e contar com a experiência da idade, sendo inclusive mais velha que Chato, Dona Neném é mais reconhecida como uma representante do saber oficial - tendo atuado por muitos anos como professora e diretora da escola de Santa Rita -, e sobretudo é considerada uma das melhores (senão a melhor) fonte oral da história local. Então, apesar de ser uma testemunha importante da história da região - incluindo a história ambiental - e guardar em suas memórias muitos saberes dos antigos, inclusive saberes em torno das Ciências Populares do Clima e do Tempo de Chapada do Norte. No caso da comunidade de Boa Vista, Nazareth e Gilmar, sobretudo por

estarem diretamente envolvidos com a cultura local e possuem vasto conhecimento a respeito dos saberes bioculturais sendo, portanto, fortes candidatos a receberem o título, porém não possuem idade para tanto. Já na comunidade de Cachoeira os saberes se encontram ainda mais dispersos em meio a população, de modo que não há tanto esse tipo de reconhecimento social de identificação de mestres em Cachoeira.

O estudo inicialmente pretendia focar nas narrativas de idosos, porém, com os primeiros passos da pesquisa percebemos que precisaríamos incluir outros narradores, não idosos, que tivessem experiências com determinados acontecimentos e com isso foi possível perceber que o fator etário não configura impedimento para o domínio de saberes locais, uma vez que tais saberes se mostraram muito disseminados entre a população. Apesar disso, determinados conhecimentos parecem estar exclusivamente centrados na memória dos idosos, como é o caso de determinados acontecimentos históricos, incluindo alguns dos desastres e crises socioambientais vivenciados localmente.

Com relação as formas de organização das comunidades diante de crises e desastres ambientais, as narrativas nos permitem concluir que: 1) em um primeiro momento as comunidades se estruturaram nas proximidades de fontes de água, com destaque aos córregos, rios e nascentes; 2) que a religiosidade representou um propulsor para a formação de núcleos comunitários, que muitas vezes se instituíram a partir do estabelecimento de cultos aos padroeiros das comunidades; 3) que o desmatamento, a expansão das fronteiras agropecuárias e as queimadas foram apontados como os principais fatores de desequilíbrio das condições ambientais, agravando crises hídricas e climáticas, que por sua vez impactam diretamente nas lavouras; 4) a chegada do eucalipto e a expansão das pastagens atualmente são apontados como os principais vilões sob a perspectiva ambiental, sendo associados pelos narradores a sérios desequilíbrios hídrico-climáticos; 5) diante das crises e desastres as redes de solidariedade, incluindo ajuda de amigos e vizinhos para mutirões, tais como movimentos de construção e reconstrução se mostraram essenciais, bem como o consumo de plantas alimentícias não convencionais em situações em que as lavouras foram arrasadas pela seca, por lagartas ou pela intensidade do sol ou das chuvas; 6) atualmente as novas tecnologias digitais assumem uma grande importância para as comunidades e podem servir para previsão do tempo e alertas de tempestades e representam uma nova forma destas populações lidarem com o clima, permitindo

inclusive uma articulação entre saberes populares e científicos – como pode ser exemplificado pelo caso de Marcelinho.

Apesar deste trabalho ter empreendido um esforço de trazer muitos interlocutores para participar do estudo, ainda assim, precisamos ter em mente que as narrativas apresentadas aqui não têm a pretensão de serem reconhecidas como verdades absolutas, o que chamamos atenção neste caso é que tais narrativas são versões, são pontos de vista, são como cada sujeito interpreta e traduz sua realidade. Desta forma as narrativas se entrelaçam, se encontram e se misturam de forma a construir uma meta-narrativa que costura os retalhos de memórias que se revelaram ao longo dos encontros com os participantes.

A imagem do Vale do Jequitinhonha - e conseqüentemente das comunidades de Chapada do Norte - como uma região de atraso e miséria precisa ser urgentemente (e definitivamente) superada, uma vez que estamos nos referindo a uma região que não ficou parada no tempo. Chapada é um município que apesar de uma história marcada pelas dificuldades enfrentadas por parcela significativa de sua população, é também o celeiro de mentes brilhantes, de profissionais das mais diversas áreas, de sábios e intelectuais; de cientistas e literatos; de programadores de sistemas e lavradores; de advogados e músicos; enfim, devemos entender Chapada como um município cheio de potencial, com inúmeras riquezas a serem valorizadas e com grandes sonhos, como bem nos apontou Mestre Gilmar, trata-se de uma urgência substituir a concepção ultrapassada de Vale da Miséria pela noção de um Vale de Esperança, pois quando falamos em esperança falamos, justamente, em projetar um futuro melhor. E justamente neste sentido esta tese convoca pesquisadores e estudiosos a futuramente investigarem essa situação a fim de desmistificar a concepção de um Vale de Miséria, de Atraso e de “viúvas de maridos vivos”, destacando a necessidade de uma revisão desta imagem que se atrelou ao imaginário deste território.

As comunidades hoje têm acesso a tecnologias e as redes sociais inauguraram uma nova era que encurtou distancias e conectou pessoas que por muito tempo ficaram isoladas e esquecidas. Assim, exemplos como o de Marcelinho, que com o advento das redes sociais acabou se convertendo em uma referência para a previsão do tempo para a comunidade do Distrito de Cachoeira, nos revelam como a internet o possibilitou ter contato direto com especialistas do Instituto Nacional de Meteorologia, obtendo relatórios diários das previsões para a região e convertendo-se em um mediador entre o saber popular e o científico. Mas para

além do exemplo de Marcelinho hoje as redes sociais possibilitam um acelerado fluxo de informações e notícias em meio as comunidades, sendo inclusive um fator que vem influenciando as relações sociais e o cenário político local.

Ações como as de Nazareth, com seus objetos de memória, escritos anti-esquecimento e mapas da história socioambiental comunitária; de Mestre Chato e Gilmar, com suas músicas, poesias e livros que retratam inúmeros elementos da vida comunitária e da cultura local (SOUZA, 2015, 2018, 2021; JESUS, 2019); ou mesmo os esforços da família de Nelito para preservar suas memórias convertendo uma antiga propriedade do ancestral da família - recentemente readquirida pelas herdeiras do casal - em um verdadeiro museu familiar; são alguns exemplos de como as narrativas revelaram esforços locais em torno da preservação das memórias comunitárias, verdadeiras empreitadas em nome da conservação de elementos considerados como de grande valor para os moradores locais; em resumo, demonstram que alguns sujeitos deliberadamente transmutaram seus desejos de memória em formas de resguardar tais tesouros, registrar certas histórias e preservar lembranças.

#### 14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACONTECEU NO VALE. Enchente do rio Araçuaí assusta moradores de povoados e cidades de Berilo e Araçuaí. Portal de Notícias. S.n. Reportagem publicada no dia 14 de dezembro de 2013 às 03:39h. Disponível em:

<<https://aconteceunovale.com.br/portal/?p=15484&msslkid=80d9f99bc4a311ecb56c104dbda39dd8>> acessado dia 20 de abril de 2022 às 12:00h

\_\_\_\_\_. Assustador: Enchente do Rio Araçuaí arrasta ponte no distrito de Santa Rita em Chapada do Norte. Portal de Notícias. Reportagem publicada no dia 18 de dezembro de 2013 às 03:05h. Disponível em:

<<https://aconteceunovale.com.br/portal/?p=15950%23%3a%7e%3atext%3dASSUSTADOR%3a+Enchente+do+Rio+Ara%3a%7ua%3ad+arrasta+ponte+no%2cdias+causaram+uma+enchente+recorde+no+Rio+Ara%3a%7ua%3ad.&msslkid=00cac13ac49f11eca8da557b91422390>> acessado dia 20 de abril de 2022 às 12:20h.

ALENCAR, Edna. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. Revista Teoria & Pesquisa, VOL. XVI - nº 02 - p 95-110, Jul/Dez de 2007.

ALVES, Carley Rodrigues. Etnoclimatologia e Saberes da Tradição: Percepção Climática no Planalto de Conquista. In: anais do XII simpósio brasileiro de Geografia Física Aplicada, Natal, UFRN p. 19-32, 2007.

ALVES, Heliana Castro. “Eu não sou milho que me soca no pilão”: Memória Pós-Colonial na comunidade quilombola Machadinha – Quissamã. (tese de doutorado) Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral. História, São Paulo, 14: 125-136, 1995.

AMARAL, Leila. Do Jequitinhonha aos Canaviais: Em busca do Paraíso Mineiro. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1988.

ANDRADE, Regina Gloria; VAZ, Cibele Mariano. A Transmissão e a transformação da história pela memória social. In: FARIAS, Francisco (org). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro, Contra Capa, 200p, 2011.

ARTAXO, Paulo. Uma Nova Era Geológica em nosso planeta: o Antropoceno?. Revista USP. São Paulo, n. 103, p. 13-24, 2014.

AYOADE, Johnson Olaniyi. Introdução à Climatologia para os Trópicos (tradução de Maria Juraci Zani dos Santos e Revisão de Suely Bastos). 4ª ed, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 332p, 1996.

BARBOSA, Cristina Monteiro. Corpo, Arte e Memória: desígnios do tempo. In: FARIAS, Francisco (org). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro, Contracapa, 200p, 2011.

BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. Revista D.E.L.T.A., 31-especial, p. 97-126, 2015.

BASTOS, Liliana; SANTOS, William. “‘Caramba, e eu era assim, pelo amor de Deus’ – a perspectiva do presente na reconstrução identitária em narrativas de conversão religiosa”. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINE, M. J. (orgs.). Práticas Identitárias. Língua e Discurso. São Carlos: Claraluz, p. 223-234, 2006.

BASTOS, Selma; FUENTES, Manuel Calabar. O Uso da Etnometeorologia para a Previsibilidade das Chuvas no Município de Retirolândia-BA. Revista Ceres, vol 1, n.2, p.173-183, 2015.

BECKER, Howard. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais [tradução de Marco Estevão, Renato Aguar; Revisão Técnica Márcia Arieira. 4ed. São Paulo. Hucitec, 1999.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de Campo: A Antropologia como Alegoria. Editora Brasiliense, São Paulo, 1982.a

\_\_\_\_\_. Pesquisar - participar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Pesquisa Participante. 2ª Edição, editora Brasiliense, 1982.b

\_\_\_\_\_. O que é Educação Popular?. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 1986. Disponível em: < <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/4211> >

\_\_\_\_\_. A Pesquisa Participante e a Participação da Pesquisa: Um Olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (org). Pesquisa Participante: O Saber da Partilha. Ideias & Letras, 2ª Ed. SP, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. A Pesquisa Participante e a partilha do Saber: Uma introdução. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (org). Pesquisa Participante: O Saber da Partilha. Ideias & Letras, 2ª Ed. SP, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Corrêa. Pesquisa Participante: um Momento da Educação Popular. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 6, p. 51-62, 2007.

BRASIL, Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional. Nova Delimitação do Semi-Árido Brasileiro. Brasília, 2005.

BRASIL, Serviço Geológico do Brasil. Ação emergencial para reconhecimento de áreas de alto e Muito Alto risco a movimentos de massas e inundações: Chapada do Norte, MG. 2012.

BRINCO, Lucian Armindo; WERLANG, Mauro. Os ditados populares sobre o clima rememorados pela população rural das localidades de pedregulho e aparecida, no município de Restinga Sêca, RS. REVISTA GEOGRAFIA ENSINO & PESQUISA, VOL. 24, 2020.

BRUNO, Fernanda. Apresentação. Série Documenta. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Programa Eicos, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, UFRJ, 1993.



- BUENO, Paola. Zonas de convergência e as chuvas no Brasil. Tempo.Com (site). METEORED, s.n, dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.tempo.com/noticias/ciencia/as-zonas-de-convergencia-que-trazem-chuva-para-o-brasil.html?msclkid=d4e8e232c41111ec809f25ea65893a98> acessado em 23 de abril de 2022. Às 18:07h.
- BUSCHBACHER, Robert. (2014) A Teoria da Resiliência e os Sistemas Socioecológicos: Como se preparar para um futuro imprevisível? Boletim Regional, urbano e ambiental. IPEA, 09.
- CABRAL, Liliana; SANTOS, William Soares. Introdução: Entrevista, Narrativa e Pesquisa. In: CABRAL, Liliana; SANTOS, William (orgs). A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro : Quartet : Faperj, 208p, 2013.
- CAIXETA, Juliana. Guardiãs da memória: tecendo significados de si, suas fotografias e seus objetos (tese de doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2006.
- CAMARGO, Daniel Renaud. Contos, Bênçãos e Mezinhas: Educação Ambiental Popular como Estratégia de Proteção dos Saberes Locais. (TCC de Bacharelado em Ciências Ambientais). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.
- \_\_\_\_\_. Lendas, Rezas e Garrafadas: Educação Ambiental de Base Comunitária e os Saberes Locais no Vale do Jequitinhonha (dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.
- CAMARGO, Daniel Renaud; SÁNCHEZ, Celso. A seca e a enchente: Educação Ambiental de Base Comunitária e Justiça Climática no Vale do Jequitinhonha. In: SATO, Michèle; DALLA NORA, Giseli. (orgs) Turbilhão de Ventanias e Farrapos, entre Brisas e Esperanças. Editora Sustentável, GFK Comunicações, pp. 361-396, Cuiabá, 2021.
- CAMARGO, Daniel Renaud; PELACANI, Bárbara; FARIA, Renata da Silva; MIRANDA, Claudia; COSTA, Samira Lima. Psicossociologia com comunidades: abordagens sentipensantes como emergência na América Latina. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 16(2), São João del-Rei, pp. 1-16, 2021.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Introdução: A Psicologia Social Comunitária. In: CAMPOS, Regina Helena (org). Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade à Autonomia. 16ed, editora vozes. Petrópolis, RJ, 2010.
- CARVALHO, Paulo Ernani. Peroba Rosa – *Aspidosperma polyneuron*. Circular Técnica 96 da Embrapa. Colombo, PR, 2004.
- \_\_\_\_\_. Juazeiro – *Ziziphus joazeiro*. Circular Técnica 139 da Embrapa. Colombo, PR, 2007.
- \_\_\_\_\_. Embiriçu (*Pseudobombax grandiflorum*). Circular Técnica 155 da Embrapa. Colombo, PR, 2008.
- CARVALHO, Sílvia Barbosa de. O Mundo e Seus Mundos: Poder feminino, memória e tradição entre mulheres da Sociedade Òṣòròngá no Rio de Janeiro. (tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CASADORE, Marcos Mariani. Psicossociologia e Intervenção Psicossociológica: alguns aspectos da pesquisa e da prática. In: EMIDIO, Thaissa de Souza; HASHIMOTO, Francisco (orgs). Psicologia e seu campo de atuação: Demandas Contemporâneas. 1ed, São Paulo, Cultura Acadêmica (UNESP), v.1, p. 163-182, 2013.

CENDALES, Lola; TORRES, Fernando & TORRES, Alfonso. A semente tem sua própria dinâmica: sobre as origens e os rumos da Investigação Ação Participante (IAP): Entrevista com Orlando Fals Borda (tradução de José Fernando Kieling). In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues & STRECK, Danilo Romeu (orgs). Pesquisa Participante: O Saber da Partilha. Idéias & Letras. 2006.

CHAUÍ, Marilena. Capítulo 3: A Memória, Unidade 4: O Conhecimento In: CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. Editora Ática, São Paulo, 2000.

CORTÉS, Maria Silvia Sánchez; CHAVERO, Elena Lazos. Percepciones del cambio en la variabilidad climática em dos comunidades Zoques de Chiapas, México. In: GARCÍA, Carlos Gay; ABAD, José Clemente; RAMIREZ, Laura; RODRIGUEZ, Rosalba; NOLASCO, Gabriel; BAEZA, Carlos; NOGUERA, Samuel; LUCATELLO, Simone; NOREÑA, Jesus; ESQUEDA, Gerardo; MARTINEZ, Victor Manuel (coord). Memorias del Segundo Congreso Nacional de Investigación em Cambio Climático, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, Coordinación de la investigación científica, Programa de Investigación em cambio climático. México, 1ed, 991p, 2013.

COSTA, Elton. História oral, memória e conflitos ambientais: as representações sociais em defesa pela terra no Sul de Santa Catarina. Anais do 1º Seminário Internacional do Tempo Presente, Florianópolis, UDESC/ANPUH/PPGH, pp. 1392-1406, 2011.

COSTA, Samira. Os Sentidos da Comunidade: Construções Intergeracionais de Memória Coletiva na Ilha das Caieiras, em Vitória – ES. (Tese de doutorado). Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Samira Lima da; SILVA, Carlos Roberto de Castro. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. Pesquisas e Práticas Psicossociais, 10(2), São João del-Rei, julho/dezembro 2015

CPRM. Atlas Pluviométrico do Brasil: Equações Intensidade-duração-frequencia (desagregação de precipitações diárias). Município de Chapada do Norte/MG. Estação Pluviométrica de Minas Novas, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2017.

\_\_\_\_. Ação Emergencial para Reconhecimento de Áreas de Alto e Muito Alto Risco a Movimentos de Massas e Inundações – Relatório Técnico. Santa Rita do Araçuai (Setor MG\_CN\_SR\_04\_CPRM). Chapada do Norte-MG, Setembro 2012.

CRUTZEN, Paul; EUGENE, Stoermer. “The Anthropocene”, Global Change Newsletter, No. 41, pp. 17-18, 2000.

DEFESA CIVIL. Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (Cobrade). Ministério Da Integração Nacional; Secretaria Nacional De Defesa Civil, 2012. Disponível em: <https://defesacivil.es.gov.br/Media/defesacivil/Publicacoes/Simbologia%20dos%20Desastres.pdf>

DELGADO, Lucilia. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. HISTÓRIA ORAL, 6, p. 9-25, 2003.

DINIZ, Raphael. Hoje tem festa na roça: o trabalhar-festar das marombas e a espaço-temporalidade da cultura afro-brasileira em territórios quilombolas do Vale do Jequitinhonha mineiro. Revista Ra'e Ga, Curitiba, v.42, p. 36 -53, Dez./2017

DUARTE, Adriana; CASSEMIRO, Maria de Fátima; CAMPOS, Regina Helena (orgs). Psicologia, Educação e o debate ambiental: questões históricas e contemporâneas. (Coleção encontros anuais Helena Antipoff). CDPHA, 462p, 1ed, v.1. Belo Horizonte, 2017.

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. 7a ed, São Paulo, SP, Companhia Editorial Nacional, 1975.

DURIGAN, G; FRANCO, G; SAITO, M; KAWABATA, M; BAITELLO, J. Classificação Sucessional de quatro espécies arbóreas com base na estrutura populacional em floresta primária (Gália, SP). In: Caderno de Resumos do Congresso Nacional de Botânica, 47, Nova Friburgo, p. 202, 1996.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações estabelecidas dentro de uma pequena comunidade (tradução de Vera Ribeiro), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

ENRIQUEZ, Eugène. As solidariedades estão voltando, diz Eugène Enriquez (entrevista concedida à Ana Massa). UFMG, 07 de Agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/012658.shtml>> acessado dia 10/02/2020 às 14:40.

ESTRADAS.COM.BR. Reportagem: Caminhonete Cai em Rio e Deixa Sete Desaparecidos no Vale do Jequitinhonha. Publicada no dia 05/02/2005. Disponível em: <https://estradas.com.br/caminhonete-cai-em-rio-e-deixa-sete-desaparecidos-no-vale-do-jequitinhonha/> acessado dia 01/03/2022 às 16:20h.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular (tradução de Heitor Ferreira da Costa). In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Pesquisa Participante. 2ª Edição, editora Brasiliense, 1982

\_\_\_\_\_. Acción y Conocimiento: Rompiendo el monopolio con la IAP. Bogotá. 1991.

\_\_\_\_\_. Uno siembra la semilla, pero ella tiene su propia dinámica. In: FARFÁN, Nicolás; GUZMÁN, Lorena. Ciencia, Compromiso Y Cambio Social. Textos de Orlando Fals Borda. Antología. 1a ed. - Buenos Aires: El Colectivo - Lanzas y Letras - Extensión Libros, 460p, 2012.

\_\_\_\_\_. Una Sociologia sentipensante para a América Latina. (antología e apresentação de Victor Manuel Moncayo). México. Sigilo XXI Editores; Buenos Aires, CLACSO, 2015.

FARIAS, Francisco. Apresentação. In: FARIAS, Francisco (org). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro, Contra Capa, 200p. 2011.

FAVERO, Eveline; DIESEL, Vivian. A seca enquanto um hazard e um desastre: uma revisão teórica. Aletheia, núm. 27 , pp. 198-209, 2008

FERNANDES-PINTO, Érika. Sítios Naturais Sagrados do Brasil: Inspirações para o reencantamento das Áreas Protegidas (tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FERREIRA, Jasson. A Seca de 1932. Publicado no Blog do Professor Jasson, Dezembro de 2012. Disponível em: <https://professorjassonoliveira.blogspot.com/2012/12/a-seca-de-1932.html> acessado em 07/04/2022 às 14:51.

FIGUEIRÓ, Adriano Severo. Biogeografia, Historicidade e Episteme: Notas para a compreensão de uma Natureza Híbrida no Antropoceno. Revista de Geografia Física e Meio Ambiente – Humbolt, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, 2021.

FIORAVANTI, Carlos. Indesejáveis, mas nem sempre: Debate sobre definição e controle de plantas e animais exóticos em São Paulo. Espécies Invasoras. Pesquisa FAPESP 192, pp. 32-35, fevereiro de 2012.

FIORI, Ernani. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 56ª ed, Rio de Janeiro, 2014.

FIOROTTI, Ivo. Memória Social das lutas pela moradia nas narrativas dos moradores da Vila União dos Operários, Canoas, Tecnicopias, 196p, 2016.

FIUZA, Alex. Modos de Produção enquanto ferramenta para a Conservação: uma Análise na Reserva Extrativista Terra Grande-Pracuúba. (dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FIUZA, Alex; COSTA, Samira; LOUREIRO, Carlos. Caminhos para uma Abordagem Psicossocioambiental: Contribuições da psicossociologia para as discussões ambientais. Psicologia Política, v. 18, n. 41, pp 42-54, 2018.

FREIRE, Paulo. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Pesquisa Participante. 2ª Edição, editora Brasiliense, 1982a

\_\_\_\_\_. Educação e Mudança (Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin). 5 Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982b.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 56ª ed, Rio de Janeiro, 2014.

GABARRÓN, Luis; LANDA, Libertad. O que é pesquisa participante? In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (org). Pesquisa Participante: O Saber da Partilha. Ideias & Letras, 2ª Ed. SP, 2006.

GAJARDO, Marcela. Pesquisa Participante na América Latina (tradução de Tânia Pellegrini). Editora Brasiliense, 94p, 1986.

GALIZONI, Flávia Maria. Águas da Vida: população rural, cultura e água em Minas Gerais (tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2005.

GALIZONI, Flávia Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; SOUZA, José Murilo Alves de; GONÇALVES, João Antônio. Comunidades Rurais, Cultura e Água no Alto Jequitinhonha. In: SOUZA, João Valdir; HENRIQUES, Márcio Simone (orgs). Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica, Populações e Movimentos. Belo Horizonte, MG, UFMG/PROEX, 268p, 1.ed, 2010.

GALIZONI, Flávia Maria; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; LIMA, Vico Mendes; GOMES, Natalino Martins; SILVA, Emília Pereira Fernandes. “Vozes da seca”: lavradores, mediadores e poder público frente à estiagem no Semiárido do Jequitinhonha mineiro. Edição especial - Sociedade e ambiente no Semiárido: controvérsias e abordagens. Vol. 55, p. 54-74, 2020.

GAUDIANO, Edgar González. Lá Educación sobre ele Cambio Climático em condiciones de extrema precriedad. In: BLANCO, Mónica; CARTEAN, Pablo (coord). RESCLIMA: Aproximación ás claves sociais e educativas do cambio climático. RESCLIMA: Respostas educativas e sociais ao cambio climático. Aldine Editorial. 130 p. 1a Ed, 2017.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. Conceitos essenciais da Sociologia (traduzido por Claudia Freire). 2ª ed. São Paulo, Editora UNESP, 2017.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 200p, 2008.

GOMES, Marília; GONZAGA, Marcos; UMBELINO, Glauco; FIGOLI, Moema; RODRIGUES, Roberto. O “Sertão nordestino” Mineiro: Caracterização e Projeção Populacional das Microrregiões do Vale do Jequitinhonha, 2000-2030. In: Seminário sobre a Economia Mineira, 2010, Diamantina/MG. Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira, 2010.

GONÇALVES, Ronaldo. Região do Vale do Jequitinhonha. Projeto As Minas Gerais (digital). Ministério da Cultura, s.n., s. d. Disponível em:  
<<http://www.asminasgerais.com.br/?item=ALBUM&codAlbum=487>>

\_\_\_\_\_. Clima. Projeto As Minas Gerais (digital). Ministério da Cultura, s. n, s.d. Disponível em:

<<http://www.asminasgerais.com.br/?item=ARQUIVO&tipo=IMAGEM&codalbum=487&codArquivo=2081>>

GONÇALVES, Ronaldo (supervisor). Diagnóstico Ambiental da Bacia do Jequitinhonha. Diretrizes Gerais para a Ordenação do Território. Ministério do Planejamento e Orçamento; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Salvador, 1997.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs). O que é memória social?. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1ª ed, v. 1, 2005, 162p.

\_\_\_\_\_. Cinco proposições sobre a memória social. In: DODEBEI, Vera; FARIAS, Francisco; GONDAR, Jô (orgs). Por que Memória Social? Híbrida. Revista Morpheus, Estudos Interdisciplinares em Memória Social. Edição Especial. 1ª ed, V. 9, n. 15, Rio de Janeiro, 2016, 379p.

GOTSCH, Ernst. O Renascer da Agricultura. Tradução: Patrícia Vaz, 2ª edição – Rio de Janeiro, 1996.

GRAZIANO, Eduardo; GRAZIANO NETO, Francisco. As condições da reprodução camponesa no Vale do Jequitinhonha. *Perspectivas*, São Paulo, 6:85-100, 1983.

GUARESCHI, Pedrinho. *Relações Comunitárias: Relações de Dominação*. In: CAMPOS, Regina Helena (org). *Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade à Autonomia*. 16ed, editora vozes. Petrópolis, RJ, 2010.

HAGUETTE, Teresa Maria. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Editora Vozes, 4ª ed. 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva* (tradução de Beatriz Sidou). 2ª ed, São Paulo, Centauro, 2003, 224p.

HARAWAY, Donna. *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes* (Tradução de Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy). *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*. Ano 3 – nº. 5, 2016.

HUIDOBRO, Juan Eduardo Garcia; MARTINIC, Sergio. *Educación Popular em Chile. Algunas Posiciones Basicas, ECO, Educación y Socilidariedad* 1983.

HUNT, James. *On Ethno-Climatology; or the Acclimatization of Man*. *Transactions of the Ethnological Society of London*, Vol. 2, pp. 50-83, 1863. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3014306>

IBRAHIM, Samira Younes. *Análise da Memória Social dos Afetados no Desastre Socioambiental de Janeiro de 2011 no Vale do Cuiabá – Petrópolis, RJ*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

IEPHA. *Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte*. *Cadernos do Patrimônio Imaterial*, Belo Horizonte, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1ª ed, p.33, 2013. Disponível em: [http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/10/Festa%20de%20N.%20Sra%20do%20Rosario%20dos%20Homens%20Pretos%20de%20Chapada%20do%20Norte.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/10/Festa%20de%20N.%20Sra%20do%20Rosario%20dos%20Homens%20Pretos%20de%20Chapada%20do%20Norte.pdf)

\_\_\_\_\_. *Guia de Bens Tombados IEPHA/MG*. 2ª ed. Vol 1, Belo Horizonte, 2014a. Disponível em: [http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/4/Guia\\_de\\_Bens\\_Tombados\\_Volume%201.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/4/Guia_de_Bens_Tombados_Volume%201.pdf)

\_\_\_\_\_. *Guia de Bens Tombados IEPHA/MG*. 2ª ed. Vol 2, Belo Horizonte, 2014b. Disponível em: [http://www.iepha.mg.gov.br/images/com\\_arismartbook/download/7/GBT-V2.pdf](http://www.iepha.mg.gov.br/images/com_arismartbook/download/7/GBT-V2.pdf)

IGLESIA, Rafael. *La vida doméstica de los objetos*. *Seminário de Crítica*. Instituto de Arte Americano e Investigações Estéticas, nº 165, 2011.

JARDIM, Gabriel de Sena. *A Fonte que Nunca Seca: Uma Análise sobre o trabalho cotidiano de Mulheres em Contato com a Água* (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

JARDIM, Maria Nelly Lages. O Vale e a Vida: História do Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte, MG, Armazém de Ideias, 172p, 1998.

JESUÍNO, Jorge Correia. Fox-Côa: construção social de um Lugar de Memória. In: FARIAS, Francisco (org). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro, Contra Capa, 200p, 2011.

JESUS, Sebastião Joaquim de (Mestre Chato). Deus no Vale: Folia de Reis e Santa Rita do Araçuaí. Editora Mazza Edições, 1ª ed, 2019.

JODELET, Denise. Mobilização Comunitária e Prevenção de Riscos. In: DUARTE, Adriana; CASSEMIRO, Maria de Fátima; CAMPOS, Regina Helena (orgs). Psicologia, Educação e o debate ambiental: questões históricas e contemporâneas. (Coleção encontros anuais Helena Antipoff). CDPHA, p. 19-36, 1ed, v.1. Belo Horizonte, 2017.

\_\_\_\_\_. Inácia D'Ávila Neto: Uma prática psicossocial inovadora. In: Mello e Souza, Cecília de; MACIEL, Tania (orgs). Inovação e trajetos: comunidade, desenvolvimento e sustentabilidade. Curitiba, 1ª ed, Appris, 189p, 2018.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs). Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. (Tradução de Pedrinho A. Guareschi). Editora Vozes, 4ª edição, Petrópolis, RJ, 2002.

KASSIADOU, Anne; SÁNCHEZ, Celso; CAMARGO, Daniel Renaud; Stortti, Marcelo; Costa, Rafael Nogueira (orgs). Educação ambiental desde El Sur. Nupem editora, Macaé, 2018.

KINUPP, Valdely. Plantas Alimentícias Não Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Fitotecnia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Agronomia, 2007.

KINUPP, Valdely; LORENZI, Harri. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Instituto Plantarum de Estudos Florestais, 768p, 2014

LACERDA, Ana; RAMALHO, Laís. "Guia de Pesquisa na quarentena: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social". Laboratório de Humanidades Digitais (dhlab) da PUC-Rio e Laboratório de Metodologia (LabMet) do Instituto de Relações Internacionais (IRI)/PUC-Rio, 28p, Rio de Janeiro, 2020.

LAGES, Sônia Regina. Metodologia de pesquisa em psicossociologia: Estudos sobre o campo religioso afro-brasileiro a partir dos estudos pós-coloniais. Psicologia para América Latina (2013), 24, 83-96

LAGES, Sônia Regina; D'ÁVILA, Maria Inácia. Desafios metodológicos da pesquisa em psicossociologia: Quando o ator é um espírito do outro mundo. Estação Científica Online Juiz de Fora, n. 05, Jan 2008.

LANE, Silvia. Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil. In: CAMPOS, Regina Helena (org). Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade à Autonomia. 16ed, editora vozes. Petrópolis, RJ, 2010.

- LAMBRECHT, Helen; SOUZA, Daniel; RIBEIRO, Diego. Objetos Evocadores de Memórias e de fortalecimento identitário em museus: o caso do museu Cláudio Oscar Becker. *Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis*, v. 5, n. 2, pp. 23-40, 2017.
- LAUTIER, Nicole. A memória social na apropriação dos saberes históricos. (tradução de Analucia Teixeira Ribeiro) In: FARIAS, Francisco (org). *Apontamentos em Memória Social*. Rio de Janeiro, Contra Capa, 200p, 2011.
- LATOUCHE, Serge. *Petit traité de la décroissance sereine*. Mille et une Nuits, 171p, Outubro de 2007.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 1924 (tradução de Bernardo Leitão et al). *Coleção Repertórios*. Campinas, SP, editora da UNICAMP, 1990.
- LEFF, Enrique. Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental. In: PHILIPPI JR, Arlindo; TUCCI, Carlos; HOGART, Daniel; NAVEGANTES, Raul (Ed). *Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais* (Edição do Kindle). São Paulo, Editora Signus, pp. 318, 2000.
- \_\_\_\_\_. Construindo a História Ambiental da América Latina. *Revista Esboços* nº 13. 51º Congresso Internacional de Americanistas, Simpósio de História Ambiental Americana, Santiago, Chile, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Aventuras da Epistemologia Ambiental: Da articulação das ciências ao diálogo de saberes*. *Idéias Ambientais*, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Editora Garamond, Ríó de Janeiro, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes*. *Educação e Realidade*, v. 11 n.3, p. 17-24, set./dez, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 8ª ed, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 494p, 2011.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. *Educação Ambiental: Questões de Vida*. Editora Cortez, São Paulo, SP, 1ª ed, 2019.
- MACHADO, Marília; ROEDEL, Sônia. Prefácio. In: LEVY et al; MACHADO et al (org). *Psicossociologia: Análise Social e Intervenção*. Vozes, Petrópolis, RJ, 1994.
- MACIEL, Tânia. *Concepções e Representações Sociais da ecologia e meio ambiente em diferentes áreas da comunidade científica*. in: VASCONCELOS, Naumi. *Comunidades, Meio Ambiente e Qualidade de Vida*. *Coletâneas da ANPEPP*. V. 1, n. 3, 1996, 92p.
- MAIA, Andréa; SEDREZ, Lise. *Narrativas de um Dilúvio Carioca: memória e natureza na Grande Enchente de 1966*. *Dossiê: História, Natureza, Cultura e Oralidade*. *História Oral*, v. 2, n. 14, p. 221-254, jul.-dez. 2011.
- MAISONNEUVE, Jean. *Introdução à Psicossociologia* (tradução de Luiz Damasco Penna e J. b. Damasco Penna). Ed Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 238p, 1977
- MALLAPATY, Smriti. *Scientists' worlds will shrink in the wake of the pandemic*. *Nature*. 04 de Junho de 2020. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-020-01523-1>>



- MALUF, Renato; ROSA, Teresa. Mudanças climáticas, desigualdades sociais e populações vulneráveis no Brasil: construindo capacidades. Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas. Relatório Final da Pesquisa Mudanças climáticas, desigualdades sociais e populações vulneráveis no Brasil: construindo capacidades - Subprojeto populações, Vol I, Rio de Janeiro, 2011.
- MARANGOLA JR, Eduardo; HOOGAN, Daniel. Natural Hazards: O estudo geográfico dos Riscos e Perigos. *Ambiente & Sociedade* – Vol. VII nº. 2 pp. 95-110, 2004.
- MARENCO, J.A.; SCHAEFFER, R.; PINTO, H.S.; ZEE, D.M.W. Mudanças climáticas e eventos extremos no Brasil. Rio de Janeiro: FBDS, 2009.
- MARENCO, J. A. Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI. 2. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Série Biodiversidade, n. 26, . v.1., 2007.
- MARTINEZ-ALIER, Joan. Environmental Justice. Review Essay. *Development and Change*. International Institute of Social Sciences, 2015.
- MATTOS, Cristiane Passos de. Psicossociologia do Turismo: uma via para interpretar o turismo na Área de Proteção Ambiental de Macaé de Cima, Nova Friburgo, RJ, Brasil. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- MAXWELL, R. The genus *Dioclea* (Fabaceae) in the New World. (Dissertação de Mestrado), Southern Illinois University, Carbondale, USA, p. 431, 1969.
- MINAYO, Maria Cecília. Trabalho de Campo: Contexto de Observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília (org). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Coleção Temas Sociais, Vozes, Petrópolis, RJ, 34ª edição, 2015.
- MIRANDA, Pedro Salim. A Natureza nas Narrativas dos Moradores de Morro das Garças em Minas Gerais: Encantamento, desencantamento e os causos da “Luz” (dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MOHAI, P.; PELLOW, D.; ROBERTS, J. T.. Environmental Justice. *Annual Review of Environment and Resources*, 34(1), 405–430p, 2009.
- MOLEDO, Julio Cesar; SAAD, Antônio; DALMAS, Fabrício; ARRUDA, Regina; CASADO, Fábio. Impactos ambientais relativos à silvicultura de eucalipto: Uma análise comparativa do desenvolvimento e aplicação no plano de manejo florestal. *Geociências*, 35 (4): 512-530, 2016.
- MOORE, Jason W., *Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism*, Oakland: PM Press, 2016.
- MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. Pesquisa participativa e Educação popular: epistemologias do sul. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, 2011.
- MOSLEY, Stephen. Common Ground: Integrating Social and Environmental History. *Journal of Social History*, v.39, nº3, 915–933, 2006.

MOTA-NETO, João Colares da. Educação Popular e Pensamento Decolonial Latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda (tese de doutorado). Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará, UFPA, Belém, 2015.

MUYLAERT, Camila Junqueira; SARUBBI JR, Vicente; GALLO, Paulo Rogério; ROLIM NETO, Modesto Leite; REIS, Alberto Olavo Advincula. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista Esc Enfermagem da USP* 2014; 48(Esp2):193-199

NASCIUTTI, Jacyara C. Reflexões sobre o espaço da Psicossociologia. In: *Documenta Eicos*, nº 7, 1996.

\_\_\_\_\_. A instituição como via de acesso à comunidade. In: CAMPOS, Regina Helena (org). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 16ª ed, Petrópolis, Editora Vozes, 2010.

NASUTI, Stéphanie; CURI, Melissa; SILVA, Neusiene da; ANDRADE, Anna Jéssica de; IBIAPINA, Izabel; SOUZA, Cimone de; SAITO, Carlos Hiroo. Conhecimento Tradicional e Previsões Meteorológicas: Agricultores Familiares e As “Experiências de Inverno” no Semiárido Potiguar. *Documentos Técnico-científicos. Rev. Econ. NE*, Fortaleza, v. 44, n. especial, p. 383-402, jun. 2013.

NATIVIDADE, Ulisses Antônio; GARCIA, Sâmia; TORRES, Roger. Tendência dos Índices de Extremos Climáticos Observados e Projetados no Estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Meteorologia*, v. 32, n. 4, 600-614, 2017.

NERY, Olívia. Objeto, Memória e Afeto: uma reflexão. *Revista Memória em Rede*, v. 10, n. 17, 2017.

NERY, Olívia; SCHNEID, Frantieska; FERREIRA, Maria Letícia; MICHELON, Francisca. Caixas de Memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas na ficção. *Revista de Ciências Sociais, UNISINOS*, v. 51, n. 1, pp. 42-51, 2015.

NEVES, Leandro Roberto. *Psicossociologia Urbana: Catástrofe Socioambiental de Enchente um Estudo de Caso*. Editora Juruá. Curitiba 182p, 2016.

NOBRE, Antonio. O futuro climático da Amazônia: relatório de avaliação científica. 1. ed. *Amazônia: Articulación Regional Amazónica (ARA)*. v. 1. 42p, 2014.

NOBRE, Carlos; REID, Julia; VEIGA, Ana Paula. *Fundamentos Científicos das Mudanças Climáticas*. Rede Clima/INPE, São José dos Campos, SP, 44p, 2012.

NORA, Pierre. Mémoire de l'historien, mémoire de l'estoire. *Mémoires: Nouvelle Revue de Psychanalyse*, Paris, n. 15, p. 221-232, Printemps, 1977.

\_\_\_\_\_. Entre Memória e História: A problemática dos Lugares (tradução de Yara Aun Khoury) in: *Les Lieux de mémoire. La republique*. Paris, Gallimard, 1984. Publicada em: *Projeto História (traduções)*, São Paulo, 10, dez 1993.

OLIVEIRA, Rosiska; OLIVEIRA, Miguel. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *Pesquisa Participante*. 2ª Edição, editora Brasiliense, 1982.

PALUDO, Conceição. Educação Popular – dialogando com redes latino-americanas (2000-2003). In: UNESCO. Educação Popular na América Latina: desafios e perspectivas – Brasília, UNESCO, MEC, CEAAL, 2005, 266p.

\_\_\_\_\_, Conceição. Educação Popular. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs). Dicionário Paulo Freire. Autêntica. 3ª Ed, 2016.

PAREYN, Frans; ARAÚJO, Elcida; DRUMMOND, Marcos; MIRANDA, Maria José; SOUZA, Caroline; SILVA, Ana Paula; BRAZOLIN, Sérgio; MARQUES, Keila. Myracrodruon urundeuva: aroeira. Espécies nativas da Flora Brasileira de Valor Econômico Atual ou Potencial Plantas para o Futuro: Região Nordeste. 1ed, Brasília, Ministério do Meio Ambiente, v. 1, p. 766-772, 2018.

PEDRO, Rosa Maria; MOREIRA, Mariana de Castro. Conhecer, intervir, partilhar: pistas para a pesquisa psicossocial na construção de outros mundos possíveis. Pesquisas e Práticas psicossociais, 16(2), São João del-Rei, abril-junho de 2021.

PELLINI, José Roberto. Paisagens: Práticas, Memórias e Narrativas. Habitus, Goiânia, v. 12, p. 125-142, 2014.

PERALTA, Elsa. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivos da Memória. Antropologia, Escala e Memória. N. 3, (nova série), Centro de estudos de Etnologia Portuguesa, 2007.

PEREIRA, Aurea Rachel de França. Sentidos de Comunidade, Saberes da Natureza e Resistências Socioculturais do Morro da Formiga. (dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

PEREIRA, Vera Lúcia. O Artesão Da Memória no Vale do Jequitinhonha. Belo Horizonte, Editora UFMG/Editora PUC-Minas, 1996, 208p.

PESSOA, Marcela de Oliveira. Caminhos do Jequitinhonha: Análise do Processo de combate à pobreza rural como política pública para o desenvolvimento socioeconômico do Vale do Jequitinhonha (dissertação de Mestrado). Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social (conferência traduzida por Monique Augras e editada por Dora Rocha). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento e Silêncio. (tradução de Dora Rocha Flaksman). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PONTUAL, P. “Experiência de Bairro Operário”. In: Anais do I Encontro Regional de Psicologia da Comunidade, São Paulo, 1981.

PORTO, Liliana. Feitiçaria, Negritude e a Relação com o "Outro" - Crenças Mágicas em uma Cidade do Vale do Jequitinhonha/MG (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. A Reapropriação da Tradição a partir do Presente. Um Estudo sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário de Chapada do Norte/MG (dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, 1997.

- QUEIROZ, Raquel de. O quinze. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.
- QUEIROZ, Sônia. Remanescentes Culturais Africanos no Brasil. *Aletria*, pp. 48-60, 2002.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura & MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Editora Cortez. 1ª edição. 2010.
- REBOITA, Michelle Simões; KRUSCHE, Nísia; AMBRIZZI, Tércio; ROCHA, Rosmeri Porfírio da. Entendendo o Tempo e o Clima na América do Sul. *Terra e Didática*, 8(1), o. 34-50, 2012.
- REBOITA, Michelle Simões; MARRAFON, Vitor Hugo de Almeida; LLOPART, Marta; DA ROCHA, Rosmeri Porfírio. Cenários de Mudanças Climáticas Projetados para o Estado de Minas Gerais. *Revista Brasileira de Climatologia*. Ano 14 – Edição Especial Dossiê Climatologia de Minas Gerais, pp. 110-128, 2018.
- RENAUD CAMARGO, Daniel; SÁNCHEZ, Celso. Ciência Popular do Sertão Mineiro e Educação Ambiental de Base Comunitária: Saberes Locais como pontos de partida para a contextualização de propostas educativas no Vale do Jequitinhonha. *Ambiente & Educação, Revista de Educação Ambiental*. Dossiê Educação Ambiental Pós-Colonial e Comunidades Tradicionais. V. 26, n.1, P. 217-250, 2021.
- RIBEIRO, Diego; ALESSANDRETTI, Mara; LEANDRO, Ramile; MARTINS, Larissa; MORAES, Fabiane. A Presença na Ausência: a performance e a biografia dos objetos como ativadores de memória. *Revista MIDAS Museus e Estudos Interdisciplinares*, Dossiê Temático “Objetos e Museus: Biografias, Narrativas e Vínculos Identitários, 2017.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães (org). *Lembranças da Terra: Histórias do Mucuri e Jequitinhonha*. CEDEFES, Contagem, MG, 1996.
- RIBEIRO, Eduardo Magalhães; GALIZONI, Flávia. Água, população rural e políticas de gestão: o caso do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. *Ambiente & Sociedade - Vol. VI - n 1 - jan./jul.* 2003.
- \_\_\_\_\_. *Cultura Material, Agricultura Familiar e Políticas Públicas para o Alto Jequitinhonha*. In: SOUZA, João Valdir; HENRIQUES, Márcio Simone (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica, Populações e Movimentos*. Belo Horizonte, MG, UFMG/PROEX, 268p, 1.ed, 2010.
- RIBEIRO, Maurício. *Ecologizar as Comunidades*. DUARTE, Adriana; CASSEMIRO, Maria de Fátima; CAMPOS, Regina Helena (orgs). *Psicologia, Educação e o debate ambiental: questões históricas e contemporâneas*. (Coleção encontros anuais Helena Antipoff). CDPHA, p. 37-56, 1ed, v.1. Belo Horizonte, 2017.
- ROCHA, Ariza. A “fome” nas obras de Rodolfo Teófilo e os recursos alimentares do sertanejo cearense na seca de 1877 a 1880. In: SOARES, Carmen; SILVEIRA, Anny; LAURIOUX, Bruno (orgs). *Mesa dos Sentidos & Sentidos da Mesa*. Vol 1, Editora da Universidade de Coimbra, p275-294, 2021.
- RODRIGUES, Gelze Serrat; ROSS, Jurandy; TEIXEIRA, Georgia; Oberdan, SANTIAGO, Oberdan; FRANCO, Camila. *Eucalipto no Brasil: Expansão geográfica e impactos ambientais*. FAPEMIG / UFU, Editora Uberlândia: Composer, 178p, 1 ed, 2021.

RODRIGUES, Ludimila; MINÉ, Gisele; TUBALDINI, Maria Aparecida. O Vale do Jequitinhonha em seus múltiplos aspectos: história, campesinato, artesanato e seca nas comunidades de Coqueiro Campo e Pinheiro/Minas Novas – MG. In: Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: Territórios em Disputa, desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. Uberlândia, Outubro de 2012.

RODRIGUES, Roberto; SOARES, Weber. Diagnóstico Socioeconômico do Vale do Jequitinhonha: Novo Paradigma. Publicação Polo UFMG/FACE/PROEXT, 75p. s.d. Disponível em: < <https://www.ufmg.br/polojequitinhonha/wp-content/uploads/2019/10/Diagn%C3%B3stico.pdf>>

SÁ, Celso. Sobre o Campo de Estudo da Memória Social: Uma Perspectiva Psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295, 2007.

\_\_\_\_\_. As Memórias da Memória Social. In: SÁ, Celso Pereira de (org). *Memória, Imaginário e Representações Sociais*. Coleção Memória Social. Editora Museu da República, Rio de Janeiro, 2005.

SANTIAGO, Luis Carlos. Processo Tardio de Colonização do Médio e Baixo Jequitinhonha. In: In: SOUZA, João Valdir; HENRIQUES, Márcio Simone (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica Populações e Movimentos*. Belo Horizonte, MG, UFMG/PROEX, 268p, 1.ed, 2010.

SANTILLI, Juliana. Mudanças Climáticas, Agrobiodiversidade e Direito. In: BENJAMIN, Antônio; IRIGARAY, Carlos Teodoro; LECEY, Eladio; CAPPELI, Sílvia (orgs). *Florestas, Mudanças Climáticas e Serviços Ecológicos*. Vol 1, São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

SANTILLI, Márcio; CARVALHO, Georgia; NEPSTAD, Daniel. O Brasil e as Mudanças Climáticas. In: CAMARGO, Aspásia; CAPOBIANCO, João Paulo; OLIVEIRA, José Antônio (orgs). *Meio Ambiente Brasil: avanços e obstáculos pós Rio-92*. São Paulo, Estação Liberdade, Instituto SocioAmbiental, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.

SANTOS, André Luiz; PEREIRA, Eugênia Cristina; ANDRADE, Laise. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: ALBUQUERQUE, Ulysses; ALVES, Ângelo; ARAÚJO, Thiago (org). *Povos e Paisagens: Etnobiologia, Etnoecologia e Biodiversidade no Brasil*. Nupeea/UFRPE, 148p, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Editora Cortez. 1ª Ed. 2010.

SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Editora Cortez. 1ª Ed. 2010.

SANTOS, Nadja; PINTO, Angelo; ALENCASTRO, Ricardo. Wilhelm Michler, Uma Aventura Científica Nos Trópicos. *Química Nova, Assuntos Gerais*, p. 418-426, 23(2), 2000.

SANTOS, Sayonara; PEDRALLI, Gilberto; MEYER, Sylvia. Aspectos da fenologia e ecologia de *Hedychium coronarium* (Zingiberaceae) na Estação Ecológica do Tripuí, Ouro Preto-MG. *Planta Daninha, Viçosa-MG*, v. 23, n. 2, p. 175-180, 2005

- SANTOS, William. Capítulo 1. Os níveis de interpretação na entrevista de pesquisa de natureza interpretativa com narrativas. In: CABRAL, Líliliana; SANTOS, William (orgs). A ENTREVISTA NA PESQUISA QUALITATIVA: perspectivas em análise da narrativa e da interação. Rio de Janeiro : Quartet : Faperj, 208p, 2013.
- SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R ; ROSENDAHL, Z. (Orgs) Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998.
- SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena (org). Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia. 16ª ed, Petrópolis, Editora Vozes, 2010.
- SCAFFO, Maria de Fátima. Violência de Gênero e Memória Social: Investigando a Complexidade destas relações. In: FARIAS, Francisco (org). Apontamentos em Memória Social. Rio de Janeiro, Contracapa, 2011. 200p.
- SCANDRETT, Eurig. Climate justice: contested discourse and social transformation. International Journal of Climate Change Strategies and Management, 15 August, Vol.8(4), p.477-487, 2016.
- SEDREZ, Lise; MAIA, Andréa. Enchentes que destroem, enchentes que constroem: natureza e memória da Cidade de Deus nas chuvas de 1966 e 1969. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, n. 8, p. 183-199, 2014.
- SETTE, Denise; RIBEIRO, Helena. Interações entre o Clima, o Tempo e a Saúde Humana. Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade, INTERFACEHS, vol6, n2, 2011.
- SHIVA, Vandana. Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia. (Tradução de Dinah de Abreu Azevedo) São Paulo, Editora Gaia, 2003.
- SILBY, Aurélio; ABNER, George; MARTINS, Tadeu (orgs). Geraes: a realidade do Jequitinhonha. Belo Horizonte, MG, NEOPLAN, 224p, 2011.
- SILVA, Angelo; OLIVEIRA, Janeson. A fome na narrativa do semiárido das secas e o direito ao desenvolvimento. Redes (Santa Cruz do Sul – Online)., v. 24, n. 2, p. 143-161, 2019.
- SILVA, Carla Melo da; AMARAL-ROSA, Marcelo Prado; RAMOS, Maurivan Güntzel. 10 Mônadas de Walter Benjamin: uma proposta para a análise de narrativas em Educação. In: LIMA, Valderez Marina do Rosário; RAMOS, Maurivan Güntzel; PAULA, Marlúbia Corrêa (orgs). Métodos de Análise em Pesquisa Qualitativa: Releituras Atuais. EdIPUC-RS, Porto Alegre, 418p, 2019.
- SILVA, Eliane. A Cultura do Arroz em Minas Gerais. In: OLIVEIRA NETO, Aroldo. (org). A Cultura do Arroz. Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), Brasília, p180, 2015.
- SILVA, Jeter; RIBEIRO, Eduardo; LIMA, Vico; HELLER, Leo. As secas no Jequitinhonha: demandas, técnicas e custos do abastecimento no semiárido de minas gerais. revista brasileira de estudos urbanos e regionais, v.22, 2020
- SILVA, Marcos Nicolau. Que as águas voltem a minar nas minas (dos) gerais: os cerrados pedem socorro!. Meio Ambiente, Paisagem e Qualidade Ambiental. Revista Geografia Ensino & Pesquisa, p.93-105, vol. 16, n. 3, set./ dez, 2012.

SILVA, Neusiene Medeiros. Experiências de Inverno no Seridó Potiguar (dissertação de mestrado). Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

SILVA, Nausiene; ANDRADE, Anna. SOUZA, Cimone. O sertanejo e as experiências de inverno no Seridó Potiguar. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 27, p. 87-107, Editora UFPR, 2013.

SOUZA, Gilmar. *Entre a Arte e a Peleja*. Editora FAE, 1ª ed, 2015.

\_\_\_\_\_. *Uma prosa sobre nós*. Editora Futurama, 1ª ed, 2018.

\_\_\_\_\_. *O Profeta da Beira do Rio: A história de Gabrielzinho da Lapa – O Profeta do Bom Jesus*. Editora Loope, 1ª ed, 2021.

SOUZA, João Valdir. Fontes para uma reflexão sobre a história do Vale do Jequitinhonha. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.5, n.2, jul. /dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: SOUZA, João Valdir; HENRIQUES, Márcio Simone (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica, Populações e Movimentos*. Belo Horizonte, MG, UFMG/PROEX, 268p, 1.ed, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Mineração e Pecuária na Definição do Quadro Sociocultural do Termo de Minas Novas*. In: SOUZA, João Valdir; HENRIQUES, Márcio Simone (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica, Populações e Movimentos*. Belo Horizonte, MG, UFMG/PROEX, 268p, 1.ed, 2010b.

\_\_\_\_\_. Apresentação In: SOUZA, João Valdir; NOGUEIRA, Maria das Dores (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Desenvolvimento e Sustentabilidade*. Belo Horizonte, UFMG, PROEX, 2011.

SOUZA, Patrícia Carla de Almeida. *Vulnerabilidades Socioambientais e Estratégias Psicossociais com sujeitos em situação de Desastres Ambientais*. (tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

STRECK, Danilo. *Metodologias participativas de pesquisa e educação popular: reflexões sobre critérios de qualidade*. Interface comunicação saúde educação, 2015.

\_\_\_\_\_. *Pesquisar é pronunciar o Mundo: Notas sobre o método*. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (orgs). *Pesquisa Participante: O Saber da Partilha*. Editora Idéias e Letras. Aparecida, SP, 2006.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime (orgs). *Dicionário Paulo Freire*. Autêntica. 3ª Ed, 2016.

TADDEI, Renzo. *Ser-estar no sertão: capítulos da vida como filosofia visceral*. Interface, Comunicação Saúde Educação, 18(50), pp. 597-607, 2014.

\_\_\_\_\_. *Meteorologistas e profetas da chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera*. São Paulo, SP, terceiro nome, 240p, 2017.

TEÓFILO, Rodolfo. *Monografia da Mucunã*. Fortaleza, CE: [s.n.], 1888.

THOMPSON, Paul. Histórias de Vida como Patrimônio da Humanidade. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus (coord). História Falada: Memória, Rede e Mudança Social. São Paulo: SESC SP : Museu da Pessoa : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 280p, 2006.

TOFFOLETTE, Paolo. Pesquisa sobre Elementos socioculturais da origem e evolução das comunidades do município de Chapada do Norte. Documento datilografado obtido com funcionários da escola estadual Olídia Lemos de Oliveira, 1994.

TONNIES, Ferdinand. Gemeinschaft und Gesellschaft (Tradução de Charles P. Loomis), pp. 223-231, Michigan State University Press, 1957.

TOLEDO, Victor & BARRERA-BASSOLS, Narciso. A Memória Biocultural: A Importancia Ecológica das Sabedorias Tradicionais (Tradução de Elsa Peralta). Expressão Popular, 2015.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: Perspectiva da Experiência (Tradução de Livia de Oliveira). São Paulo, DIFEL, 1983.

TUCCI, Carlos. Artigo-Base sobre Recursos Hídricos In: CAMARGO, Aspásia; CAPOBIANCO, João Paulo; OLIVEIRA, José Antônio (orgs). Meio Ambiente Brasil: avanços e obstáculos pós Rio-92. São Paulo, Estação Liberdade, Instituto SocioAmbiental, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.

TUDE DE SÁ, Alzira. Um “Lugar de Memória” e seus objetos: a construção de um museu imaginário. Revista Iberoamericana de Turismo, V. 8, Dossiê 4, pp. 218-232, 2018.

VALENCIA, José Francisco. Representações Sociais e Memória Social: Vicissitudes de um objeto em busca de uma teoria (tradução de Vanderley Jarbas Santos Clos). In: SÁ, Celso Pereira de (org). Memória, Imaginário e Representações Sociais. Coleção Memória Social. Editora Museu da República, Rio de Janeiro, 2005.

VALICENTE, Fernando. Controle biológico da lagarta do cartucho, *Spodoptera frugiperda*, com *Bacillus thuringiensis*. Circular Técnica 105, EMBRAPA. Sete Lagoas, MG, 2008.

VALIM, Rosa. Mulheres que caminham sobre as águas: Histórias de vida das mulheres de Vila Canoas. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: Epistemologia e Metodologia Operativa. Editora Vozes, 6ª ed, 2013.

VASCONCELOS, Fernando. A Seca de Noventinha. Altos Sertões, Histórias do Alto Sertão Baiano. 17 de Agosto de 2017. Disponível em: <https://sertoens.wordpress.com/2017/08/17/a-seca-e-o-poder/>, acessado em 12 de abril de 2022, às 15:40h.

VELLOSO, André; MATOS, Ralfo. A rede de cidades do Vale do Jequitinhonha nos séculos XVII e XIX. Geonomos, Belo Horizonte, v. 6, p. 49-60, 1998.

VIANA, Nildo Memória e Sociedade: uma breve discussão teórica sobre memória social. Espaço Plural, vol. VII, núm. 14, pp. 8-10, 2006.



VIEIRA, Elisa Amorim; MAGALHÃES, Heyder Alcântara; DIAS, Luciana (orgs). *Imagens e Memórias: Chapada do Norte – MG*. Editora UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 412p, 2014.

VIEIRA, Elisa Amorim. Apresentação. In: VIEIRA, Elisa Amorim; MAGALHÃES, Heyder Alcântara; DIAS, Luciana (orgs). *Imagens e Memórias: Chapada do Norte – MG*. Editora UFMG, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 412p, 2014.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. *Revista Temáticas, Campinas*, 22 (44), p. 203-220, 2014.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, re-surgir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. 2009.

ZHOURI, Andrea; ZUCARELLI, Marcos. *Visões da Resistência: Conflitos Ambientais no Vale do Jequitinhonha..* In: SOUZA, João Valdir; HENRIQUES, Márcio Simone (orgs). *Vale do Jequitinhonha: Formação Histórica, Populações e Movimentos*. Belo Horizonte, MG, UFMG/PROEX, 268p, 1.ed, 2010

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) (AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA)

O pesquisador Daniel Renaud Camargo do Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: Rastros Sensíveis (LABMEMS) gostaria de te convidar para participar da pesquisa de doutorado “*Chuva e Sol, Poeira e Carvão: Memórias, Educação e Psicossociologia Ambiental Comunitária no Vale do Jequitinhonha*”, que é vinculada ao programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A pesquisa tem por objetivo estudar os saberes e as memórias dos moradores de comunidades do Município de Chapada do Norte (MG) sobre a Água e o Clima, a fim de compreender como as populações locais lidam com um contexto de eventos climáticos extremos.

O estudo terá duração prevista de 4 anos (2018-2021) e ao longo deste período o pesquisador fará algumas visitas às comunidades para realizar entrevistas com a população local. Serão realizadas entrevistas com os moradores das comunidades dos distritos de Cachoeira do Norte, Santa Rita do Araçuai e São Sebastião da Boa Vista, que irão durar de acordo com suas disponibilidades, e respeitando seus horários de trabalho e outras atividades. Nestes encontros as suas falas e percepções serão registradas por meio de gravação de áudio e por escrito em cadernos de campo. As entrevistas serão desenvolvidas de modo a buscar conexões entre sua história de vida e a história ambiental de sua comunidade, também serão voltadas a investigar sua relação com eventos climáticos extremos (tais como secas e chuvas fortes), as redes de solidariedade formadas diante de desastres, bem como os saberes e fazeres do povo (ciência popular).

As informações obtidas serão transcritas e analisadas e as imagens obtidas poderão ser empregadas para ilustrar os trabalhos produzidos. Os dados pelo estudo são confidenciais e cabe ao pesquisador responsável garantir a integridade e o correto armazenamento destes, garantindo a segurança destas informações pelo uso de senhas de acesso e não divulgando os resultados sem antes consulta-lo e discutir com as comunidades. Seu nome não será identificado no estudo, empregando pseudônimos de modo a preservar sua identidade, a menos que seja do seu interesse ter seu nome divulgado no texto, de forma que os pesquisadores não poderão divulgar nenhum dado de pesquisa no qual o (a) senhor (a) seja identificado sem sua autorização.

Caso aceite participar deste estudo, não haverá nenhuma forma de remuneração e o (a) senhor (a) terá o direito de desistir de sua participação em qualquer momento, se assim decidir, sem que isso configure qualquer tipo de prejuízo na sua vida. Assim como poderá interromper o registro das entrevistas se assim desejar. Ao assinar este termo você receberá uma cópia deste documento e outra permanecerá com o pesquisador. Além disso, o (a) senhor (a) pode achar que determinadas perguntas lhe incomodam, porque as informações que serão coletadas se referem a suas experiências pessoais. Assim o (a) senhor (a) pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado. Assim, é preciso destacar que os

principais riscos que esta pesquisa lhe oferece seria algum incomodo ou desconforto diante de alguma pergunta.

Este estudo não acarretará nenhum benefício direto à sua vida, mas poderá servir para ajudar na compreensão da cultura, do meio ambiente e da história de sua comunidade, podendo auxiliar na construção de ações e políticas públicas voltadas a pensar uma alternativa para o desenvolvimento local que considere os saberes e as memórias da população local.

Os resultados deste estudo serão eventualmente apresentados em eventos acadêmicos, serão publicados na forma de uma tese e artigos. Com relação ao retorno das informações para as comunidades serão realizados uma série de encontros, tais como oficinas, palestras e minicursos que irão apresentar e discutir tais informações com os moradores das comunidades. O documento final da tese será depositado na biblioteca da UFRJ, e será disponibilizada uma versão digitalizada no site do programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), bem como serão entregues cópias para as escolas estaduais das três comunidades e uma cópia para a biblioteca municipal Corina Badaró, localizada na sede de Chapada do Norte.

**Contato do grupo de Pesquisa:**

Laboratório de Memórias  
Ocupações e Territórios:  
Rastros Sensíveis –  
Instituto de  
Psicologia/UFRJ,  
Pavilhão  
Nilton Campos. Av.  
Pasteur,  
250, Praia Vermelha –  
Urca –  
Rio de Janeiro/RJ – CEP  
22290-240.  
Telefones: (21) 3873-  
5348

**Contato do Comitê de Ética em Pesquisa:**

Prédio da Decania do  
CFCH, Av.  
Pasteur, 250, 3o. andar,  
sala 40, Urca,  
Rio de Janeiro/RJ –  
22290-240 Tel.: (21)  
39385167  
Email:  
cep.cfch@gmail.com  
**CONEP – Comissão  
Nacional de Ética em  
Pesquisa** – Brasília/DF  
Tel.: (61) 33155878 Email:  
[conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

**Contato do pesquisador:**

Praça Vicente Jorge, n.  
73, Distrito de Cachoeira  
do Norte, Chapada do  
Norte/MG.  
CEP: 39648000  
Tel: (21)99180-8697/ (33)  
99919-3375  
Email:  
[danielrenaud\\_22@hotmail.com](mailto:danielrenaud_22@hotmail.com)

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu, \_\_\_\_\_ entendi o que me foi explicado e estou de acordo em participar da pesquisa.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante)

\_\_\_\_\_  
(Nome do pesquisador)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura)

## APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1250752.pdf	05/02/2020 01:17:29		Aceito
Folha de Rosto	folhaderostodaniel.pdf	05/02/2020 01:13:41	DANIEL RENAUD CAMARGO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetotesedanielplataforma.docx	05/02/2020 01:06:32	DANIEL RENAUD CAMARGO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	25/11/2018 13:16:27	DANIEL RENAUD CAMARGO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIO DE JANEIRO, 12 de Março de 2020





Etnomapa produzido por Dona Nazareth

